

Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras  
Universidade Federal de Minas Gerais

Marina Pelluci Duarte Mortoza

As fontes antigas do vocábulo grego λάμια: catalogação,  
tradução e comentário dos fragmentos

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO  
Literaturas Clássicas e Medievais

LINHA DE PESQUISA  
Literatura, História e Memória Cultural

Belo Horizonte  
1º semestre de 2016

Marina Pelluci Duarte Mortoza

As fontes antigas do vocábulo grego λάμια: catalogação,  
tradução e comentário dos fragmentos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Doutora.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. – UFMG

Co-orientadora: Profa. Dra. Celina Figueiredo Lage. – UEMG

Belo Horizonte  
Abril de 2016

M891v

Mortoza, Marina Pelluci Duarte.

As fontes antigas do vocábulo λάμια [manuscrito] :  
catalogação, tradução e comentário dos fragmentos / Marina  
Pelluci Duarte Mortoza. – 2016.  
349 f., enc. : il., tabs., p&b.

Orientadora: Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa.

Coorientadora: Celina Lage.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 296-311.

Anexos: f. 312-349.

1. Literatura grega – Traduções para o português – Teses. 2.  
Literatura grega – História e crítica – Teses. 3. Filologia clássica –  
Teses. 4. Literatura latina – Traduções para o português – Teses.  
5. Literatura latina – História e crítica – Teses. 6. Língua grega –  
Etimologia – Fontes – Teses. 7. Mitologia grega na literatura –  
Teses. I. Barbosa, Tereza Virgínia Ribeiro. II. Lage, Celina. III.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV.  
As fontes antigas do vocábulo grego λάμια: catalogação, tradução  
e comentário dos fragmentos.

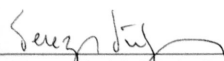
CDD : 880

Tese intitulada *As fontes antigas do vocábulo grego 'Lâmia': catalogação, tradução e comentário dos fragmentos*, de autoria da Doutoranda MARINA PELLUCI DUARTE MORTOZA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

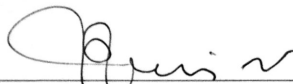
**Área de Concentração:** Literaturas Clássicas e Medievais/Doutorado

**Linha de Pesquisa:** Literatura, História e Memória Cultural

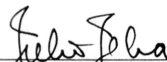
Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



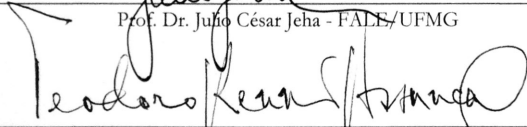
Prof.a. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - FALE/UFMG - Orientadora



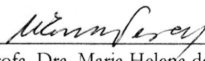
Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão - FALE/UFMG



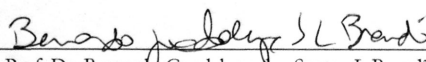
Prof. Dr. Julio César Jéha - FALE/UFMG



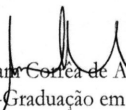
Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção - FALE/UFMG



Prof.a. Dra. Maria Helena de Moura Neves - UNESP



Prof. Dr. Bernardo Guadalupe dos Santos L Brandão - UFP



Prof.a. Dra. Myriam Corêa de Araújo Ávila  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG  
Belo Horizonte, 20 de abril de 2016.

**Resumo:**

O objetivo deste trabalho é fazer uma catalogação das fontes antigas do vocábulo grego Λάμια – *lâmia*, e apontar suas possibilidades semânticas. Esse vocábulo apresenta uma vida particularmente longa na cultura grega, que pode ser rastreada desde o século VII a.C., aproximadamente, até o folclore moderno da Grécia, cujo estudo formal se iniciou nos primórdios do século XX. Além disso, esse vocábulo ultrapassou as fronteiras gregas e pode ser encontrado nos registros escritos de outros povos ocidentais. Na Antiguidade, λάμια foi usado em três grandes áreas do conhecimento humano: na mitologia, como um monstro que amedrontava as crianças desobedientes, uma espécie de "bicho-papão" da Grécia antiga; na historiografia, de dois modos diferentes: primeiro como a cidade principal do povo dos málios, Lâmia, a capital da região da Ftiótida na Grécia central, e depois como o nome próprio de algumas mulheres reais, duas hetairas e uma nobre; e na história natural, ou biologia, como o nome de um peixe voraz do Mediterrâneo, um tubarão. Há, ainda, possíveis registros iconográficos.

**Palavras-chave:** lâmia, monstro, voracidade.

**Abstract:**

The main objective of this work is to make a catalogation of the ancient sources of the Greek word Λάμια – *lâmia*, and point at its semantic possibilities. This word has a particularly long life in the Greek Culture, extending its use from around the seventh century B.C.E., until the Modern Greek Folklore, which had its formal study started in the beginnings of the twentieth century B.C.E. Besides that, this word crossed the Greek borders and was adopted by other western peoples. In Antiquity, λάμια was used in three main fields of the human knowledge: Mythology, as a monster that frightened disobedient children, something like the "bugbear" of Ancient Greece; Historiography, in two different ways: first as the name of the main city of the Malians, Lamia, the capital of the region of Phtiotida in Central Greece, and second as the proper names of three real women, two hetaerae and a noble; Natural History or Biology, as the name of a voracious Mediterranean fish, a shark. There are, still, possible iconographical sources.

**Keywords:** lamia, monster, voracity.

Para o monstro injustiçado, banido e revoltado que existe dentro de cada um de nós, e que vez ou outra dá as caras por aí e "toca o terror" na galera.

Para a minha orientadora querida, que esteve ao meu lado sempre, mesmo nas horas em que fui inconveniente e teimosa, falei demais, e atrasei. Não sei o que seria de mim sem você. Brigadão, Virgínia, você é sensacional!

Aos meus pais, que sempre me ajudaram e me financiaram, meus profundos agradecimentos. Não teria conseguido sem vocês.

Meu agradecimento à Capes, que me financiou durante todo o período dessa pesquisa, e ao Colegiado de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, com seu corpo docente, discente e técnico.

Minha profunda gratidão à Fondation Hardt, que me deu uma bolsa de pesquisa, que me permitiu utilizar suas maravilhosas instalações durante três semanas de sonho em Vandoeuvres, na Suíça, em que consegui ter a paz e muitos dos recursos necessários para finalizar esta tese. A edição de Esopo de Ben Edwin Perry não teria sido acessada não fosse o auxílio da Fundação, e essa investigação teria prescindido de muitos dos autores nela utilizados. Muito, muito, muito obrigada.

Agradeço também, e talvez acima de tudo, aos editores, comentadores, professores e estudiosos que dedicaram muito de seu tempo e de sua pesquisa aos autores aqui apresentados, e ao ensino/pesquisa da área de Clássicas. É maravilhoso que, em um mundo governado pela tecnocracia, a falta de tempo e o amor ao dinheiro, pesquisadores maravilhosos tenham seguido seus corações e se dedicado ao estudo lento, minucioso e pouco rentável da Literatura e da Linguística Antigas, mesmo sabendo que enfrentariam preconceitos e discriminações. Obrigada a todos pela coragem e a dádiva sensacional que é seu trabalho.

Και για την Βραζιλία, χώρα μου,

"σὺ γὰρ ἐν σεαυτῇ τὰ φάρμακα ἔχεις"

Plutarchus, *Moralia*, *Conjugalia Praecepta* 141C2-3

“IBI CUBAVIT LAMIA”

Isaías, *Vulgata*, 34.14

---

# Sumário

---

I. Prolegômenos -----	1-6
II. Introdução -----	7-43
III. Traduções comentadas dos autores antigos	
1. Homero -----	44-54
2. Estesícoro -----	55-57
3. Esopo -----	58-60
4. Acusilau -----	61-63
5. Sílax de Carianda -----	64-65
6. Eurípides -----	66-69
7. Crates -----	70-76
8. Aristófanes -----	77-92
9. Xenócrates -----	93-96
10. Hipérides -----	97-102
11. Coerilo de Iaso -----	103-105
12. Aristóteles -----	106-114
13. Demócares -----	115-116
14. Dúris de Samos -----	117-119
15. Menandro -----	120-122
16. Idomeneu -----	123-126
17. Mácon -----	127-128
18. Filarco -----	129
19. Polemon -----	130-131
20. Semo -----	132
21. Políbio -----	133-137
22. Lucílio -----	138-139
23. Diodoro Sículo -----	140-151
24. Horácio -----	152-153
25. Estrabão -----	154-163
26. Dioniso de Halicarnasso -----	164

27. Fílon de Alexandria -----	165-166
28. Plínio, o velho -----	167-168
29. Clemente Romano -----	169
30. Díon Crisóstomo -----	170-172
31. Plutarco -----	173-194
32. Favorino de Arélate -----	195
33. Cláudio Ptolomeu -----	196
34. Públio Hélio Flégon -----	197
35. Pausânias -----	198-208
36. Frínico -----	209
37. Júlio Pollux -----	210-211
38. Luciano de Samósata -----	212-213
39. Polieno -----	214
40. Marco Aurélio -----	215-216
41. Apuleio -----	217-218
42. Ateneu de Náucratis -----	219-233
43. Antonino Liberal -----	234-238
44. Galeno -----	239-241
45. Clemente de Alexandria -----	242-244
46. Díon Cássio -----	245-247
47. Tertuliano -----	248
48. Alcífron -----	249-253
49. Flávio Filóstrato -----	254-261
50. Cláudio Eliano -----	262-263
51. Opiano da Cilícia -----	264-271
52. <i>Oracula Sibilina</i> -----	272-273
53. Diógenes Laércio -----	274-275
54. Eusébio de Cesareia -----	276-278
55. Heráclito Paradoxógrafo -----	279-280
56. São Jerônimo -----	281-285
57. Oribásio -----	286-287
IV. Conclusão -----	288-295

V. Bibliografia -----	296-311
VI. Anexos -----	311-349
1. Tabelas -----	311-329
2. Anedotas do folclore moderno da Grécia -----	329-341
3. Coco, coca, cuca - um pequeno ensaio -----	341-349

### **Abreviaturas**

*APA - American Philological Association*

*LIMC - Lexicon Iconographicum Mythologiae Graecae*

*LSJ - Liddell, Scott and Jones*

*PCG - Poetae Comici Graeci*

*PMGF - Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta*

*TGF - Tragicorum Graecorum Fragmenta*

*TLG - Thesaurus Linguae Graecae*

*TLL - Thesaurus Linguae Latinae*

---

# Prolegômenos

---

O caso central desta tese era estabelecer um catálogo de fontes antigas da palavra grega *λάμια*. Nosso objetivo era verificar como esse vocábulo foi usado pelos antigos em seus textos. Para isso coletamos, arrolamos, traduzimos e comentamos fragmentos de obras gregas antigas onde ocorreram usos desse termo. Com o andamento da pesquisa, resolvemos adicionar algumas fontes da transliteração latina do vocábulo, *lamia*, pois elas ofereciam informações que complementaríamos o estudo das fontes gregas.<sup>1</sup>

Esta pesquisa começou como uma investigação sobre a figura folclórica que representasse, na Grécia Antiga, um ancestral do vampiro moderno (tomamos aquele que é considerado a figura emblemática desse tipo de monstro, o Conde Drácula, do escritor irlandês Bram Stoker, como o vampiro por excelência).<sup>2</sup> Esse tema foi escolhido por causa da carência de estudos sobre monstros obscuros da Antiguidade grega, pela falta de pesquisas sobre monstros que fossem ancestrais dos monstros atuais, numa tentativa de explicar o desenvolvimento dessas figuras na mentalidade popular. Assim, nossa ideia era fazer uma genealogia do vampiro, desde os primórdios da civilização ocidental, com base na literatura deixada pelos antigos.

Após o primeiro contato com a palavra, na leitura do trecho de Filóstrato, mantivemos em mente que a *lâmnia* era, na Antiguidade, o equivalente do vampiro moderno. Todavia, após o levantamento e a coleta de certas fontes, nossa visão a respeito dessa palavra se ampliou, pois só os relatos de Filóstrato e Apuleio nos faziam pensar em entes vampíricos. Desse modo, chegamos a Horácio e outros, e passamos a pensar que a palavra *lâmnia* fora usada em larga escala na Antiguidade greco-romana para designar um "pavor infantil". Infelizmente, há pouquíssima informação disponível a respeito desses seres imaginários usados para assombrar as crianças da Antiguidade, de modo que os detalhes e a dimensão do uso dessas entidades estão irremediavelmente perdidos para nós.

---

<sup>1</sup> Nem todas as fontes latinas que mencionam o vocábulo *lamia* puderam ser adicionadas, por razões de tempo e espaço. Assim nós escolhemos deixar fora da tese as fontes latinas que mencionaram as guerras, e os feitos do cônsul romano Lúcio Lâmnia. Também não incluímos os gramáticos, e escolhemos nos restringir a uma ou outra fonte que falam do monstro *lâmnia*, ou das bruxas *lamiae*.

<sup>2</sup> Para uma pequena discussão sobre o vampiro, cf. comentário ao primeiro trecho de Filóstrato, pp. 258-260, especialmente nota 650.

Na medida em que a pesquisa prosseguiu, chegamos à conclusão de que os usos dessa palavra na Antiguidade não se restringiram ao campo da mitologia e do folclore: ela foi usada em larga escala para denominar não apenas monstros, mas também cidades, guerras, prostitutas, animais. Como as evidências literárias e iconográficas da Antiguidade que nos chegaram são esparsas, e algumas são até mesmo duvidosas, e não fornecem uma narrativa consistente do papel dessa palavra no imaginário dos povos que dela fizeram uso, achamos por bem estabelecer um limite de pesquisa, e proceder apenas à catalogação das fontes e ao estabelecimento de um comentário mínimo sobre cada uma delas, uma vez que há pouquíssimos trabalhos escritos que envolvam considerações a seu respeito. E nenhum trabalho escrito exclusivamente para trabalhar seus usos pelos autores antigos. Lacuna que esta tese tenciona suprir.

Os trechos que fazem parte do *corpus* dessa tese ou foram recortados de obras, ou são fragmentos remanescentes de autores antigos gregos e latinos citados por terceiros. A seleção teve um único critério: a condição de que o trecho contivesse a palavra *lâmia*. O corte temporal definido se inicia nos séculos VIII-VII a.C. e se interrompe nos séculos III-IV d.C.<sup>3</sup> A pesquisa das fontes também foi feita em partes, de modo que nossa metodologia teve dois momentos distintos.

Num primeiro momento, foi feita uma pesquisa manual, usando os livros disponíveis, sem que recursos eletrônicos ou virtuais fossem envolvidos. Utilizamos como base dessa primeira pesquisa os dicionários *LSJ*, *Bailly*, *Oxford Classical Dictionary*, o dicionário de mitologia de Pierre Grimal, de 2005, o *LIMC*, a *New Pauly*, e o livro de Robert Graves, *The Greek Myths*. Dessa feita, partimos para os dicionários de etimologia de Chantraine, Beekes e Frisk, e os latinos, Ernout & Meillet e o *Oxford Latin Dictionary*. A partir dessa pesquisa inicial, e tomando como base esses livros consultados, em especial o *LIMC*, a *New Pauly*, e o dicionário de Grimal, elencamos 14 autores, gregos e latinos, recortamos os trechos pertinentes a nossa pesquisa, fizemos a tradução e um comentário genérico sobre cada um desses

---

<sup>3</sup> A divisão temporal se baseou na divisão temporal usada na metodologia do estudo da história da literatura grega, como se pode verificar em Romilly, 1985: Jacqueline de Romilly divide a Literatura grega em 1.Homero, 2.Idade Arcaica (Hesíodo a Píndaro/Baquílides, mais os Pré-socráticos), 3.Idade Clássica (séculos V-IVa.C.), 4.Idade Helenística (a partir de Menandro até a ascensão de Augusto como imperador), 5.Idade Romana (a partir de Ovídio até Nono de Panópolis, no início do século V d.C.). Após essa data, Romilly considera Era Bizantina. Ela afirma, ainda, em seu último capítulo, que após a morte de Juliano o apóstata, o paganismo foi derrotado pelo cristianismo e permaneceu dormente até a época do Renascimento, quando ressurgiu bem próximo, e às vezes até mesmo pelas próprias mãos, da Igreja Cristã.

trechos. Esses primeiros comentários não foram restritos à palavra *lâmia*, nós nos permitimos comentar extensivamente sobre os trechos selecionados, que acabaram sendo defendidos em nossa dissertação.

Apenas num segundo momento partimos para os meios eletrônicos e virtuais. Nossa razão para ter feito esse procedimento foi a seguinte: tínhamos a hipótese de que havia muita literatura não registrada sobre a *lâmia* nos meios que consultamos antes, e por isso era de bom tom aprender mais sobre ela antes de fazer a pesquisa no *TLG*. Além disso, não tivemos como acessar o *TLG* durante uma boa parte do nosso percurso, o que também contribuiu para atrasar essa busca mais *hi-tech*. De todo modo, conseguimos finalmente acessar o *TLG* em março de 2013, e essa pesquisa nos deixou desorientadas, pois confirmou nossa hipótese: a palavra grega *λάμια* era muito mais do que apenas o nome de um monstro, e o *TLG* nos forneceu 312 registros apenas na literatura antiga da Grécia. Resolvemos então ir mais à fundo ainda e fizemos a pesquisa no *TLL*, que nos brindou com mais 87 registros. Como latim não é a ênfase de nossa formação, e como os registros tratavam, quase que em sua maioria, das guerras em torno da cidade de Lâmia e do cônsul romano da família Lâmia, resolvemos descartar os registros latinos, e manter em nosso trabalho apenas aqueles latinos que já tinham sido selecionados e traduzidos anteriormente, no primeiro momento em que fizemos a pesquisa manual. Quanto aos autores gregos, decidimos nos manter fieis à lista do *TLG*, e traduzir todos. Portanto, a lista e os registros do *TLG* são a coluna vertebral desta tese (a tabela 1 nos anexos dessa tese é uma adaptação dos resultados obtidos no *TLG*, e mostra todos os registros encontrados à época da realização da pesquisa).

A decisão de seguir como base a lista fornecida pela pesquisa feita no *TLG* nos fez optar por traduzir todo o conteúdo das fontes gregas antigas, fizessem elas sentido com a nossa tese ou não, o que nos levou a algumas opções metodológicas mais práticas, pois estaríamos lidando com um *corpus* enorme.

A princípio, decidimos tomar como base organizacional os livros do professor Daniel Ogden, *Drakon: Dragon Myth and Serpent Cult in the Greek and Roman Worlds*, e *Dragons, Serpents, & Slayers in the Classical and Early Christian Worlds - a Sourcebook*.<sup>4</sup> Todavia, como não optamos por uma abordagem estrita do tema pela mitologia, nossa ordem de apresentação do assunto investigado não se assemelharia

---

<sup>4</sup> Cf. Ogden, 2013, pp. 97-108 (para o grande tema *Lâmia*).

integralmente à do Prof. Ogden, e por essa razão, preferimos adotar a tese *Lições sobre alegoria de gramáticos e retores gregos e latinos* do Prof. Marcos Martinho como base organizacional deste trabalho.

O Prof. Ogden dividiu seu trabalho sobre dragões e seus matadores em dois livros: um só de fontes e traduções, e um só de comentários. Essa era a organização que queríamos adotar, mas seria praticamente impossível de se realizar em um trabalho que aborda tantas áreas diferentes. O prof. Ogden restringiu seus relatos à área da mitologia, enquanto nós estaríamos trabalhando não somente mitologia, mas também com historiografia, história natural, geografia, biografia, gramática e mitologia, o que complicou esse arranjo.

Já o Prof. Martinho delimitou seu trabalho com um tema geral, lições de alegoria, e fez também um catálogo de fontes com suas respectivas traduções, seguidas de uma classificação simples do tipo da alegoria a que pertencia a fonte em análise, sem comentários, que ele deixou para colocar em dois pequenos estudos que introduziram e fecharam a tese. Nossa diferença com relação a esse trabalho do Prof. Martinho foi a opção de manter os comentários abaixo de cada fonte analisada, por causa do grande número de fontes, o que poderia confundir o leitor se tivéssemos feito estudos como ele fez.

Optamos então por delimitar nosso tema aos usos antigos do vocábulo grego *λάμια*, abarcando todas as nossas fontes, e a realizar um estudo filológico introdutório, complementado com um pequeno comentário sobre o registro dessa palavra na literatura especializada, etimológicos, dicionários, manuais de gramática, entre outros. Seria deveras maçante apresentar essas fontes ao longo do trabalho, pois elas não apresentam anedotas, são apontamentos puramente gramaticais, como poderá ser notado na "Introdução" desta tese.

A partir desse momento, então, tomamos decisões metodológicas: adotamos, em primeiro lugar, uma divisão cronológica para organizar nossos cinquenta e sete autores. O motivo dessa resolução é muito simples: queríamos avaliar uma possível evolução temporal do uso do vocábulo *lâmia*, já que nossa hipótese inicial era que haveria uma variação na significação do vocábulo no seu percurso ao longo dos séculos. Pensávamos que a *lâmia* era citada nos primeiros registros como uma espécie de "papona" e depois era apresentada como uma espécie de vampira, sofrendo uma transformação semântica por alguma razão que queríamos descobrir. Queríamos analisar esse processo de mudança, descobrir como ele tinha ocorrido. Além disso,

julgávamos ser mais didático fazê-lo de tal modo, devido ao elevado número de autores em análise. Mantivemos, portanto, a ordem cronológica na organização, tanto na ordem em que os autores aparecem, quanto na ordem em que suas obras aparecem, e mesmo na ordem em que os trechos selecionados das obras foram arranjados.

Em segundo lugar, e como consequência da adoção desse modo cronológico de abordagem, as anedotas aqui mencionadas não estão divididas em grandes temas, elas aparecem organizadas por autor, na ordem dos registros possíveis da vida de cada um dos autores que integram nosso *corpus*.<sup>5</sup>

Em terceiro lugar, os trechos selecionados de cada autor aparecem abaixo do título da obra da qual foram extraídos, acompanhados da localização exata do trecho em tal obra. Quando há mais de um trecho em uma mesma obra, o nome da obra aparece apenas no primeiro trecho. O segundo, o terceiro, etc. são introduzidos apenas com a numeração de sua localização na obra.

Em quarto lugar, apresentamos o trecho em formato bilíngue, primeiro em seu idioma original, grego ou latim, e depois em tradução. Oferecemos nossa própria tradução e nossos próprios comentários (em sua maioria hermenêuticos, mas há também alguns de cunho filológico e histórico), pontuados por comentários de outros autores que pudemos levantar ao longo do processo.

Importante notar que Homero, Estesícoro e Opiano da Cilícia não aparecem na lista do *TLG*, mas figuram no *corpus* desta tese. Explicamos: Homero não usa a palavra lâmia, mas usa uma palavra próxima, Λάμος, que tem a mesma raiz, e está associada a gigantes devoradores de seres humanos. Assim, por ser a primeira vez que tal raiz aparece na literatura grega, e em tal circunstância tão cara ao nosso tema, adicionamos Homero. Opiano usa a palavra λάμνα, um sinônimo raro de λάμια (só ele usa essa variação em toda a literatura grega antiga), e trata em mais detalhes do tubarão, então resolvemos acrescentá-lo. Finalmente, Estesícoro, que está citado por três outros autores, mas que aparece nas edições canônicas de lírica grega como um autor importante do qual nada nos chegou a não ser em citações, e por isso resolvemos integrá-lo ao *corpus* também.

Ainda é necessário notar que alguns dos autores antigos que aparecem nesta tese já haviam sido trabalhados antes em nossa dissertação: Homero, Estesícoro,

---

<sup>5</sup> Não há como estabelecer uma data precisa para alguns dos autores do nosso *corpus*, pois os dados são insuficientes para fazê-lo. Por esse motivo adotamos a data aproximada dos séculos em que esses autores viveram ou tiveram seu *floruit*. Todas essas situações estão indicadas nas partes desta tese que tratam de tais autores. Seguimos a indicação do *TLG* para os autores.

Esopo, Crates, Aristófanes, Eurípides, Aristóteles, Plínio o velho, Horácio, Opiano, Heráclito, um trecho de Plutarco, um de Pausânias, um de Antonino Liberal, e um de Estrabão. Todos esses autores foram parte do nosso primeiro *corpus*. Os trechos referentes a eles foram, contudo, cortados ao mínimo necessário para o entendimento do contexto do uso da palavra *lâmia*, as traduções foram revistas e os comentários mantidos se restringiram à essa palavra. Em muitos deles os comentadores bizantinos foram acrescentados.

Todavia, a maioria dos autores e trechos selecionados, traduzidos e comentados nesta tese não figurou em nossa dissertação. Além disso, nos pareceu anacrônico e injusto retirar tais autores do *corpus* do trabalho, uma vez que nosso objetivo era a tese e foi necessário, por vontade de força maior, que defendêssemos uma parte de tal *corpus* na forma de dissertação para podermos continuar em nossa programação. Desse modo, pelos motivos acima citados, resolvemos manter tais autores na tese, são apenas quatorze num universo de oitenta e dois.<sup>6</sup> Dito isso, nos desculpamos pelas eventuais repetições que possam figurar no texto, e reafirmamos que os trechos de tais autores estão adaptados ao novo contexto.

Todos os comentários feitos em seguida à tradução dos trechos selecionados nesta tese se referem ao vocábulo grego *λάμια* ou latino *lamia*. Um ou outro comentário acerca de alguma curiosidade preciosa no esclarecimento do uso dos vocábulos em questão foi mantido, mas não constitui maioria. A esmagadora maioria dos comentários procurou aprofundar-se apenas na esfera semântica desses vocábulos, com algumas observações de cunho morfológico. Por esta razão, muitas vezes esses comentários são pequenos e restritos, afinal, os trechos e obras selecionados também não oferecem um contexto rico e plural a partir do qual pudéssemos fazer inferências mil, ou malabarismos interpretativos. Consideramos tais movimentos totalmente desnecessários para a investigação que queríamos fazer.

Difícil dizer que todas as traduções são nossas, pois não negamos as inúmeras influências que nos permitiram chegar a um consenso, contudo, guardadas as devidas proporções e tendo já agradecido ao auxílio inestimável dos nossos colaboradores, ousamos dizer que as traduções são nossas e inéditas, e que nos auxiliaram de maneira inquestionável durante a confecção desta tese.

---

<sup>6</sup> Apesar de nosso sumário apresentar 57 autores, estamos contabilizando nessa contagem também os autores bizantinos que fazem parte da *Introdução* desta tese, e os comentadores, em sua maioria bizantinos, que aparecem citados em nossos comentários a alguns dos autores do *corpus*.

---

# Introdução: algumas considerações filológicas acerca da palavra grega λάμια

---

## 1.1. Proêmio:

O vocábulo grego λάμια aparece pela primeira vez na literatura ocidental supérstite em Estesícoro.<sup>7</sup> Segundo os autores que comentam sua poesia, Estesícoro afirma que a mãe de Cila seria Lâmia, e não Crateis, como indicado na *Odisseia*.<sup>8</sup> Há, contudo, um vocábulo que tem a mesma raiz de λάμια, λάμος, e que aparece nessa mesma obra, no episódio em que Odisseu e seus companheiros deixam a ilha de Éolo pela segunda vez.<sup>9</sup> No contexto, os navegantes vão aportar na cidade de *Lâmos*, na Lestrigônia, cujos habitantes são gigantes devoradores de homens.<sup>10</sup> Apenas o navio de Odisseu escapa ileso de tal empreitada. Todos os outros navios e seus tripulantes perecem.<sup>11</sup>

Segundo o *LSJ*, a raiz das palavras λάμια e λάμος, λαμ-, indica voracidade (a palavra grega λάμος é usada para designar o papo das aves e de alguns insetos).<sup>12</sup> Desse modo, o nome *Lâmos* – ao ser apenas mencionado – já indicaria que a cidade dos lestrigões seria um local habitado por seres vorazes. Nesse caso específico, ela é

---

<sup>7</sup> Sabemos dessa informação por autores antigos que comentaram a poesia de Estesícoro, e cujas obras chegaram até nossos dias, já que a obra do próprio não nos foi legada de outra maneira.

<sup>8</sup> Os fragmentos que citam esse poema de Estesícoro são um comentário anônimo à *Argonáutica*, o comentário à *Odisseia* de Eusébio de Tessalônica, e um escólio anônimo à *Odisseia*. Para visualizar mais detalhadamente tais fragmentos, favor cf. Homero, pp. 44-54 desta tese.

<sup>9</sup> Homero, *Odisseia*, X, 70-134. O verso em questão é o 81: "ἐβδομάτη δ' ἰκόμεσθα Λάμου αἰπὸ πτολίεθρον", "e ao sétimo alcançamos a alta cidade de Lamo".

<sup>10</sup> Lamo seria o fundador do povo dos lestrigões, e seu primeiro rei. Porém, o rei que aparece no episódio é Antífates. Cf. Grimal, 2005, p. 266, LAMO; p. 274, LESTRÍGONES; *LSJ*, 1996, p. 1027, Λάμια, λάμια, λάμος; Cunliffe, 1963, p. 243, λαίμος; Heubeck & Hoekstra, 1990, p. 48, 81-2; *New Pauly*, 2005, pp. 181-182, LAMIA. Cf. também Page, 1973, pp. 23-39, que discorda de quase todas as interpretações dessa passagem, inclusive das oferecidas por Reinhardt. Page concorda que Lamo é realmente um rei-fundador antigo da cidade dos lestrigões, cujo nome é Lestrigônia. Ele defende que τηλέπυλον é um epíteto de Λαιστρυγονίην, e não parte do nome da cidade.

<sup>11</sup> Ainda hoje existe uma cidade de Lâmia na Grécia central, na região da Tessália, que já havia sido mencionada na Antiguidade por Estrabão, Demóstenes, Políbio, e Pausânias, entre outros, ao citarem o episódio da Guerra de Lâmia, em que uma coalizão dos gregos liderada pelos atenienses lutou contra os macedônios no inverno de 323-322 a.C., com vitória destes últimos. Cf. Estrabão, *Geografia*, 9.5.31 e 9.5.33; Demóstenes, *Cartas*, 3 e 6; Políbio, *Histórias*, 1.29, 19.1, 20.1 e 20.11; Pausânias, *Descrição da Grécia*, 1.1.3, 1.8.2, 6.4.7, 7.6.5, 7.10.4, 7.10.5, 7.15.2 e 10.3.4; *New Pauly*, 2005, v. 7, pp. 182-183, *Lamia*. Sobre a Guerra de Lâmia, cf. *New Pauly*, 2005, v. 7, p. 183.

<sup>12</sup> *LSJ*, 1996, p. 1027.

habitada por gigantes tão vorazes quanto a lâmia-monstro, a lâmia-tubarão, e a lâmia cortês (que é voraz no campo metafórico) às quais se referem este estudo.

A hipótese do parágrafo anterior, do dicionário de uso comum, pode ser confirmada quando analisamos alguns léxicos e dicionários etimológicos e de mitologia. Confirma-se também o que o *LSJ* afirma acerca dessa palavra grega λάμια: ela deriva de outro vocábulo, λαιμός, "garganta". Pierre Chantraine a localiza no campo semântico de λαμυρός, "voraz". Robert Graves, por sua vez, afirma que λάμια é um vocábulo análogo a λαμυρός, e que ambos derivam de λαιμός.<sup>13</sup>

Segundo Robert Beekes, λάμια é uma palavra derivada de λαμυρός, e tem um sinônimo raro, λάμνα (Beekes cita apenas o uso por Opiano da Cilícia, o único atestado na literatura supérstite).<sup>14</sup> A palavra λαμυρός seria uma palavra pré-grega, e teria conexão provável com o verbo λαφύσσω, "engolir", além de estar relacionado também a λαιμός. Beekes cita ainda a proposição de Furnée, de que λαμυρός estivesse conectado a λαβρός, "furioso, violento"; conexão que ele determina, entretanto, como incerta.<sup>15</sup>

A primeira acepção de λαμυρός no *LSJ*, porém, é "cheio de abismos", em referência ao mar, e daí viria o sentido de guloso atribuído à palavra.<sup>16</sup> Bailly segue pelo mesmo caminho, afirmando que essa palavra significa "oco, profundo".<sup>17</sup> Esse sentido também é atestado tanto por Beekes, que cita λάμια como exemplo: (τὰ) λάμια = τὰ χάσματα - "(as) lâmias = os abismos", e λαμυρὰ θάλασσα - "mar abismoso", quanto por Boisacq, que afirma que, nessas palavras, "a ideia dominante é aquela da 'goela aberta'".<sup>18</sup> O campo semântico é contíguo àquele referido por Estesícoro ao afirmar ser a Lâmia mãe da Cila odisseica, ao que Aristóteles toma como base ao denominar um peixe Mediterrâneo como λάμια, também ao que Horácio usa para nomear o monstro que come crianças, e ainda ao que Plutarco se refere ao mencionar que o nome da famosa amante de Demétrio Poliorcetes era

<sup>13</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1027; Chantraine, 2009, p. 593; Graves, 1992, pp. 205-206.

<sup>14</sup> Cf. nesta mesma tese, Opiano da Cilícia, pp. 264-271.

<sup>15</sup> Cf. Beekes, 2010, p. 830. Beekes se baseia no livro de Furnée, de 1972, que considera que as palavras gregas foram tomadas de uma língua mais antiga não indo-europeia, a qual ele denomina pré-grego. Cf. Beekes, p. viii e pp. xiii-xliii, onde ele explica as noções definidoras desse substrato que ele chama pré-grego; e cf. ainda FURNÉE, Edzard J. *Die wichtigsten konsonantischen Erscheinungen des Vorgriechischen. Mit einem Appendix über den Vokalismus*. Der Haag, 1972, que foi quem deu início à ideia dessa língua pré-grega não indo-europeia. Para λαβρός cf. *LSJ*, 1996, p. 1021.

<sup>16</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1024.

<sup>17</sup> Cf. Bailly, 2000, p. 1169.

<sup>18</sup> Cf. Beekes, 2010, p. 830, que cita o *Etimológico Magno* e Hesíquio como as fontes desses exemplos. Ambos podem ser conferidos mais adiante neste mesmo texto; e Boisacq, 1950, pp. 553-554: "l'idée dominante est celle de 'gueule ouverte'", p. 554.

*Lâmia*.<sup>19</sup> Afinal, todas essas *lâmias* podem ser caracterizadas como seres vorazes, devoradores, ou gulosos.

A palavra grega λαίμος é normalmente traduzida por "garganta, esôfago", na primeira acepção fornecida pelo *LSJ*. Na segunda entrada do mesmo dicionário os autores indicam que ela também poderia ser um sinônimo de λαμυρός II.<sup>20</sup> Λαμυρός II é um adjetivo triforme traduzido como "guloso, ávido, ganancioso" e Anatole Bailly ainda complementa dizendo que pode significar "voraz".<sup>21</sup> A terceira acepção de λαμυρός fornecida pelo *LSJ* levanta para esse adjetivo as possíveis traduções de "voluntarioso, lascivo, descarado, sem vergonha", e completa que para mulheres a palavra teria um significado de "coquete".<sup>22</sup> Λαμυρός é usado com esses dois últimos sentidos em relação a mulheres, a Eros e a Poto.<sup>23</sup> O substantivo abstrato derivado desse adjetivo, λαμυρία, pode ser traduzido por "luxúria, lascívia", e é, principalmente, aplicado na descrição de sentimentos femininos.<sup>24</sup> Assim, como afirmou John Boardman, λαίμος faria uma alusão ao enorme apetite da λάμια, tanto gastronômico (como as *lâmias* de Plutarco, Heráclito paradoxógrafo, Horácio, Aristóteles, Plínio o velho, Opiano da Cilícia, entre muitos outros) quanto sexual, dado pela conexão com λαμυρός e λαμυρία (o que parece bem aplicado em relação à *lâmia* de Filóstrato e à hetaira amante de Demétrio Poliorcetes, que foi biografado por

---

<sup>19</sup> Cf. nesta tese, Estesícoro, pp. 55-57, Aristóteles, pp. 106-114, Horácio, pp. 152-153, e Plutarco, pp. 173-194, para discussões mais aprofundadas sobre essas passagens.

<sup>20</sup> *LSJ*, 1996, p. 1024.

<sup>21</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1024; Bailly, 2000, p. 1169-1170.

<sup>22</sup> O *Houaiss* define coquete como a pessoa, especialmente do sexo feminino, que gosta de ser admirada, que gosta de seduzir o sexo oposto apenas por diversão e, a partir dessa última acepção, uma pessoa inconstante, cf. *Houaiss*, 2008, p. 833. A *lâmia* de Filóstrato poderia ser classificada como "coquete" apenas até certo ponto, pois a intenção dela é matar sua vítima para se alimentar dela. Assim também são as *lâmias* do folclore grego moderno, por exemplo, que se disfarçam de donzelas em apuros, de vítimas de algum malfeitor, de benfeitoras. Mas sempre acabam revelando sua natureza maligna e "dando o bote" nos rapazes por elas seduzidos. Cf. Garnett & Stuart-Glennie, 1896, pp. 101-102: *The Shepherd and the Lamia - Kallameriá, Salonica*; *idem, ibidem*, pp. 102-103: *The Stoicheion and the Widow's Son*; *idem, ibidem*, pp. 103-104: *The Disguised Lamia and the Widow's Son*; *idem, ibidem*, pp. 14-27: *Thrice-Noble, or The Three Citrons*. Athens; Megas, 1970, pp. 57-60.

<sup>23</sup> *LSJ*, 1996, p. 1028. Eros é descrito como tendo "λαμυροῖς ὄμμασι, πικρὰ γελῆ" - "olhos vorazes, sorriso picante" (fr. 179 da *Antologia Palatina*), enquanto Poto, uma das divindades que representa o desejo (Hímeros - Ἴμερος é outra, além de Eros - Ἐρως/Ἔρος) é descrito como "λαμυρὰς Πόθων ἀέλλας" - "ventania voraz de Póthos" (Cercidas de Megalópolis, fr. 5.9-10: "τοῖς δὲ τὰν ἀριστερὰν λύσας ἐπόρση / λαίλαπας ἢ λαμυρὰς Πόθων ἀέλλας" - "aos que o lado esquerdo dissolvendo excitou / a tempestuosa ou voraz ventania de Póthos. Texto grego retirado de Powell, 1970 = *TLG*).

<sup>24</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1024, em que eles citam que o uso dessa palavra com esse sentido está atestado em Plutarco, *Lucílo*, 6.2.4: "Πραϊκία τις ἦν ὄνομα τῶν ἐφ' ὧρα καὶ λαμυρία διαβοήτων ἐν τῇ πόλει [...]" - "Précia era um nome, pela beleza e voracidade, dos mais famosos na cidade [...]". Texto grego retirado de Ziegler, 1969 = *TLG*. Cf. ainda Plutarco, *Sulla*, 35.5.10-11: "[...] ἀλλ' οὐκ ἐκ σώφρονος καὶ καλῆς ἔγημεν ἀρχῆς, ὄψει καὶ λαμυρία μειρακίου δίκην παραβληθεῖς [...]" - "[...] mas fui arrastado no início não pelo comedimento nem pela bondade, mas, sim, pela visão e pela voracidade típica de um rapaz [...]". Texto grego retirado de Perrin, 1968 = *TLG*.

Plutarco).<sup>25</sup>

O referido Boardman atesta ainda que o nome *λάμια* deriva do nome do demônio mesopotâmio *Lamme (Lamashtu)*, que também era um devorador de crianças e que se parece com a descrição da monstruosidade grega.<sup>26</sup> Daniel Ogden concorda com essa etimologia ao afirmar que *λάμια* era um nome genérico para um determinado tipo de monstro, que provavelmente derivou de *Lamashtu*.<sup>27</sup> Desse modo, de acordo com a visão de Ogden, todos os monstros que representassem um perigo para as crianças e recém-nascidos greco-romanos seriam chamados de *lâmia*. Leyla Önal, por sua vez, afirma que o vocábulo *lamashtu* pode ser encontrado tanto nas tabuinhas assírias, quanto em relatos sumérios e babilônicos, e diz que *Lamashtu* teria provavelmente se originado do demônio sumério *Dimme* ou *Lamme*.<sup>28</sup> Essa autora estabelece, com essa afirmação, uma conexão entre *Lamme*, *Lamashtu* e *Lâmia*, unindo as opiniões de Boardman e Ogden, já que os três demônios vão apresentar nichos de atuação semelhantes.

A associação entre os seres malignos *Lamashtu* e *Lâmia* é um ponto comum entre os autores anteriormente citados e Martin West e Walter Burkert, que também atestam sobre a influência da primeira na segunda. West comenta que *lâmia* e *gelló* são dois terríveis "demônios"<sup>29</sup> gregos que sobreviveram desde a Antiguidade,

---

<sup>25</sup> Boardman, in Ackerman, Gisler & Kahil (*LIMC*), 1992, VI<sup>1</sup>, p. 189: "The name has been associated with *λαίμος*, throat, alluding to L.'s appetite" - "O nome tem sido associado a *λαίμος*, garganta, aludindo ao apetite de *Lâmia*". Para uma lista detalhada de quais autores usam qual área de significação / acepção do vocábulo *λάμια*, cf. Anexos, Tabelas, pp. 311-329.

<sup>26</sup> Boardman, in Ackerman, Gisler & Kahil (*LIMC*), 1992, VI<sup>1</sup>, p. 189: "It more probably derives from the name of the Mesopotamian devil *Lamme (Lamashtu)* who also was a child-eater and generally similar in character to the Greek view of L." - "Ele provavelmente deriva do nome do demônio mesopotâmio *Lamme (Lamashtu)* que também era um devorador de crianças e era geralmente similar no caráter à visão grega da L."

<sup>27</sup> Ogden, 2013, p. 154: "*Lamia*, as we have seen, was effectively a generic name for a monster type (probably derived from *Lamashtu*)" - "*Lamia*, como já vimos, era efetivamente um nome genérico para um tipo de monstro (provavelmente derivado de *Lamashtu*)".

<sup>28</sup> Cf. Önal, 2011, p. 89.

<sup>29</sup> West usa literalmente a palavra "demônios": "Finally, two horrible demons [...]". Tanto Chantraine (2009, pp. 236-237) quanto Beekes (2010, p. 297) afirmam que a palavra grega *δαίμων* designa um "poder divino", e daí "deus, destino". Segundo Chantraine, em Homero esse termo é usado para indicar uma presença divina que não se pode, ou não se quer nomear, e cuja ação pode tanto ser benéfica quanto maléfica (2009, p. 236; 1952, p. 52). O autor francês cita o caso da *Odisseia*, em que essa palavra é usada repetidas vezes para indicar uma potência divina qualquer, que intervém nos afazeres humanos, tanto para o bem quanto para o mal. Portanto, como completa Burkert, "*daimon* não designa uma classe específica de seres divinos, mas um modo peculiar de atividade" (1985, p. 180: "*Daimon* does not designate a specific class of divine beings, but a peculiar mode of activity"). Ainda segundo esse autor alemão, é somente a partir de Platão e seu pupilo Xenócrates que a noção de *δαίμων* como um ser maligno passa a ser preponderante (Burkert, 1985, p. 179). Com o advento do Cristianismo, Chantraine afirma que a palavra vai ser empregada pelos cristãos para designar toda uma categoria de entidades malignas. Sobre a etimologia da palavra, tanto Chantraine quanto Beekes dizem que *δαίμων* deriva do verbo *δαίωμι*, "ser/estar dividido", e que representaria "aquele que divide". O autor francês

passando pela Idade Média e chegando aos Tempos Modernos. O demônio grego mencionado por Safo como uma mulher que rapta crianças chamada *Gelló*<sup>30</sup> tem uma

---

afirma que essa não é uma etimologia completamente correta e bem definida, mas que é satisfatória, e a mais provável (1952, pp. 81-82, em que ele afirma que essa é uma etimologia popular, mas que, como Wilamowitz a adota, ela é satisfatória. Cf. Wilamowitz-Möllendorf, U. von. *Der Glaube der Hellenen*, I. Berlin, 1931; cf. ainda Burkert, 1985, pp. 180 e 420, n. 3, que afirma que a etimologia dessa palavra é desconhecida). Chantraine postula ainda que "o termo próprio para designar uma potência cuja personalidade é mal definida é δαίμων, que forneceu a palavra francesa 'demônio'" (1952, p. 51: "le terme propre pour désigner une puissance dont la personnalité est mal définie est δαίμων qui a fourni le mot français *démon*"), e que é "excepcionalmente que em Homero uma divindade bem definida seja chamada δαίμων" (1952, p. 51: "C'est exceptionnellement que chez Homère une divinité bien identifiée est appelée δαίμων"). Burkert concorda com Chantraine ao afirmar que "*daimon* é poder oculto, uma força que move o homem para frente onde nenhum agente pode ser nomeado" (1985, p. 180: "*Daimon* is occult power, a force that drives man forward where no agent can be named"), e que "*daimon* é o semblante velado da atividade divina" (1985, p. 180: "*Daimon* is the veiled countenance of divine activity"). A evolução da palavra pontuada por Chantraine já é notada pelos estudiosos há bastante tempo, como se pode comprovar pelo trabalho sobre demônios gregos de J.-A. Hild, de final do século XIX, *Estudo sobre os demônios gregos*: "a palavra δαίμων, para os gregos antigos, era o termo mais augusto da linguagem humana, a denominação própria do autor de todo o bem, de todo o poder, de toda a felicidade; a palavra *demônio* hoje é apenas o símbolo de todo o mal sobre suas diversas formas, do pecado, do sofrimento e do erro" (HILD, J.-A., 1881, p. xii: "le mot δαίμων, pour les anciens Grecs, était le terme le plus auguste du langage humain, l'appellation propre de l'auteur de tout bien, de toute puissance, de toute félicité; le mot *démon* ne reste plus aujourd'hui que le symbole du mal sous ses diverses formes, du péché, de la souffrance et de l'erreur"). Segundo Burkert, as ideias de Sócrates a respeito da palavra δαίμων lhe custaram a vida, pois ele afirmou que era um *daimon*, e não um *theós*, que o impelia a parar, dizer não e dar a volta em todas as situações. Foi acusado por isto de estar envolvido em um culto secreto que lidava com espíritos e condenado à morte. Cf. Burkert, 1985, p. 181 (para estudos sobre a palavra grega δαίμων, consultar Burkert, 1985, p. 420, n.1).

A palavra portuguesa "demônio" vai ser muito usada não apenas nesta "Introdução", mas também nesta tese e nas traduções que fizemos. Em todas as ocorrências dessa palavra neste estudo, é necessário que ela seja entendida com o sentido religioso-cristão de "entidade maléfica", como definido pelo Houaiss, 2008, p. 936: "<Demônio> 3. REL cada uma das entidades sobrenaturais de natureza maléfica presentes na tradição judeo-cristã; diabo, Lúcifer 3.1 REL na religião cristã, o anjo que se rebelou contra a autoridade divina, com uma legião de entidades malignas a seu comando; o príncipe dos demônios - inicial por vezes maiúscula 4. *fig* o sentimento ou prática da maldade (em forma personificada)".

<sup>30</sup> Tanto West, 1997, p. 58, quanto Burkert, 1992, pp. 82-83 citam o exemplo de *Gelló*, que aparece num fragmento de Safo, 168 A Voigt = 178 LP: Γέλλως παιδοφιλωτέρα - "*Gelló* a que mais ama crianças", que o *LSJ* atribui a mães extra zelosas (1996, p. 1288), mas que os comentadores antigos atribuíram ao monstro conhecido na ilha de Lesbos por roubar crianças, assim como *lámia*. Autor de um dos quatro comentários antigos, Zenóbio, diz: "<Γελλῶ παιδοφιλωτέρα:> ἐπὶ τῶν ἄωρος τελευτησάντων, ἧτοι ἐπὶ τῶν φιλοτέκνων μὲν, τρυφῇ δὲ διαφθειρόντων αὐτά. Γελλῶ γὰρ τις ἦν παρθένος, καὶ ἐπειδὴ ἄωρος ἐτελεύτησε, φασὶν οἱ Λέσβιοι αὐτῆς τὸ φάντασμα ἐπιφοιτᾶν ἐπὶ τὰ παιδιά, καὶ τοὺς τῶν ἄωρων θανάτους αὐτῇ ἀνατιθέασιν. Μέννηται ταύτης Σαπφῶ" - "<*Gelló* a que mais ama crianças:> sobre os que morreram antes da hora, ou ainda sobre os que por um lado amam os filhos, mas por outro os corrompem delicadamente. *Gelló* era pois uma virgem, e como morrera prematuramente, os lésbios dizem que o fantasma dela assombrava as crianças, e atribuem a ela as mortes dos prematuros. Tal foi lembrada por Safo" (texto grego retirado de Ed. von Leutsch, E.L., Schneidewin, F.G. (eds.) *Corpus paroemiographorum Graecorum*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1965 = *TLG*). Aparentemente Zenóbio participa da crítica ao uso dos mitos pelos pais, amas e poetas para assustar as crianças e obter delas um bom comportamento. O segundo, do *Etimológico genuíno*, faz apenas um comentário gramatical sobre a formação da palavra φιλωτέρα, dizendo que é o feminino do comparativo de φίλος, φιλότερος (*Etimológico magnum* 795.9-13); ou seja, *Gelló* é uma das maiores amantes de crianças. O terceiro comentário é de Hesíquio, duas entradas seguidas de seu léxico, 307 e 308: 307 "<Γελλῶ> εἶδωλον Ἐμπούσης τὸ τῶν ἄωρων, τῶν παρθένων" - "a visão da empusa dos prematuros, das virgens"; 308 "<Γελλῶ> δαίμων, ἦν γυναῖκες τὰ νεογνὰ παιδιά φασὶν ἀρπάζειν" - "demônio, o qual as mulheres diziam roubar as crianças recém-nascidas" (texto grego

contraparte mesopotâmica de nome *gallû*. Lâmia, assim como *Gelló*, também teria sua contraparte mesopotâmica, uma vez que é um monstro bem mais conhecido no Mundo Antigo do que sua "parente" da ilha de Lesbos:

Lâmia é mais frequentemente mencionada na literatura antiga. Ela também é uma ladra de crianças, uma coisa horrível com hábitos repulsivos, uma vampira que seduz homens jovens e então se banqueteia com sua carne e sangue. Novamente há um demônio mesopotâmio comparável com um nome similar: Lamaštu, uma criatura imunda e desganhada de forma monstruosa que mata bebês, traz a doença, rapta suas vítimas, e se alimenta de carne humana. Burkert apontou como a iconografia dela está relacionada com a da górgona grega. Nós não sabemos como os gregos retrataram a Lâmia, contudo na fantasia folclórica grega moderna como foi registrada no século passado ela ainda tem certas características em comum com Lamaštu: tamanho e força grandes, feiúra e desmazelo, seios longos e pendentes (que ela usa para limpar seu fogão, pois não possui um pano para tal propósito), e pernas e pés não-humanos. De acordo com o mito, Lâmia tentava pegar as crianças de outras pessoas porque, enlouquecida por Hera, ela tinha matado as suas próprias. Sobre Lamaštu também está escrito que ela 'é a única dentre os deuses, seus irmãos, que não tem criança própria'.<sup>31</sup>

West aponta, dessa maneira, e apesar de seus julgamentos de valor algo descabidos, as características similares entre os monstros *Lâmia* e *Lamashtu*, e diz que mesmo as

---

retirado de Latte, 1953<sup>1</sup> = TLG). O quarto e último comentário é uma entrada da *Suda*: "<Γελλοῦς παιδοφιλωτέρα> αὕτη ἄωρος ἐτελεύτησε, καὶ τὸ φάντασμα αὐτῆς ἐδόκουν ἐπὶ τὰ παιδιά καὶ τοὺς ἄωρους θανάτους ἰέναι" - "<*Gelló* a que mais ama crianças:> esta morreu antes da hora, e o fantasma dela vigiava sobre crianças e as mortas prematuras levava" (texto grego retirado de Adler, 1971<sup>1</sup> = TLG). Através dos comentários acima é possível perceber a clara semelhança de nicho entre a *lâmia*, a *empusa* e *Gelló*: todas raptam crianças, todas são seres malignos espectrais. Há algumas diferenças, claro, com relação a atuações específicas de cada um desses grupos de monstruosidade, como o fato de as aparições de *Gelló* só serem relatadas na ilha de Lesbos ou o fato de as *lâmias* e *empusas* terem um papel mais sexualizado em suas relações com suas vítimas potenciais (o que não acontece com *Gelló*, que é inclusive caracterizada como virgem). Mas, de um modo geral, as três podem ser consideradas parte do universo do "pavor infantil", no qual elas aparecem como ladras de crianças. Tanto West quanto Burkert referem-se a Chantraine (2009, p. 206) e outros etimologistas que associaram o nome ao verbo γελεῖν, "rir", mas esses dois estudiosos preferem a associação com o assírio *gallû*. Chantraine atesta a continuidade da palavra pelo Período Bizantino e até os tempos modernos como Γυλοῦ.

<sup>31</sup> West, 1997, p. 59: "Lamia is more often mentioned in ancient literature. She too is a stealer of children, a hideous thing with repulsive habits, a vampire who seduces young men and then feasts on their flesh and blood. Again there is a comparable Mesopotamian demon with a similar name: Lamaštu, a filthy, dishevelled creature of monstrous form who kills babies, brings disease, snatches her victims away, and feeds on human flesh. Burkert has pointed out how her iconography is related to that of the Greek Gorgon. We do not know how the Greeks pictured Lamia, yet in modern Greek folk fantasy as recorded in the last century she still has certain features in common with Lamaštu: great size and strength, ugliness and slovenliness, long pendulous breasts (which she uses to clean her oven, not having a cloth for the purpose), and non-human shanks and feet. According to myth, Lamia tried to take other people's children because, driven mad by Hera, she killed her own. Of Lamaštu too it is written that she 'is the one of the gods her brethren with no child of her own'. A respeito da iconografia relacionada a *lâmia*, ver Boardman in Ackerman, Gisler & Kahil (*LIMC*), 1992, VI<sup>1</sup>, p. 189, e VI<sup>2</sup>, pp. 90-91.

lâmias do folclore moderno da Grécia carregam essas semelhanças, de modo que a influência da mais antiga na mais recente é claramente perceptível.

Objetivando tratar das intrincadas redes de influência estabelecidas entre o Oriente e o Ocidente, Burkert, por sua vez, escreve uma narrativa especialmente focada nas trocas entre a região do Oriente Médio e as civilizações mediterrâneas.<sup>32</sup> Ele foca seu discurso na dinâmica das interações culturais, ao invés de tentar encontrar uma razão para tais interações. Dessa maneira, é opinião de Burkert que a Grécia

é insuficientemente definida pela geografia. Já na Idade do Bronze os gregos haviam se movido para além da Península Balcânica até as ilhas do Egeu, Creta e Chipre, ao longo da costa da Ásia Menor, e até mesmo o sul da Itália e a Sicília. Houve contatos e interações de todos os lados.<sup>33</sup>

Burkert afirma que "um alto estado de organização, incluindo o uso da escrita e um sistema de poder centrado em reis e templos" era típico dessas civilizações da Ásia Menor e que, apesar de terem se debatido entre altos e baixos, ainda eram as sociedades dominantes na Idade do Bronze.<sup>34</sup> O fato de trocas intensas terem acontecido entre esses povos e os gregos explica a razão pela qual as tabuinhas de argila com relevos representando *Lamashtu* podem ser encontradas desde a área onde ficava a Mesopotâmia antiga, passando pela ilha de Samos e Gortina, até a Itália: "é certo que os gregos do período arcaico ocasionalmente viram alguma dessas estatuetas; os demônios mesopotâmios deixaram, de fato, vários traços deles mesmos", completa Burkert.<sup>35</sup>

Assim, como aponta Burkert, é impossível não encontrar semelhanças óbvias entre *Lamashtu* e *Lâmia*, *Gelló* e *Górgona*: tanto a primeira quanto a segunda e a terceira raptam crianças, e a primeira e a segunda raptam bebês diretamente dos ventres de suas mães, antes mesmo do nascimento.<sup>36</sup> Por essa razão, os amuletos com

---

<sup>32</sup> Cf. Burkert, 2004, *Introdução*, pp. 1-15, especialmente pp. 5-11, em que ele trata das diversas interações culturais entre gregos e os povos do Oriente Médio, da Península Anatólia e do norte da África possíveis de serem rastreadas para este período, em uma sucessão de acontecimentos tão intrincados que ele praticamente construiu um relato histórico a partir das evidências arqueológicas, e depois pp. 12-15, em que Burkert pontua as consequências de tais interações e as influências que os gregos tiveram sobre seus vizinhos, notadamente os etruscos e romanos.

<sup>33</sup> Burkert, 2004, p. 5.

<sup>34</sup> Burkert, 2004, p. 5.

<sup>35</sup> Burkert, 1992, p. 82-83, e p. 197, n. 3.

<sup>36</sup> Burkert, 1992, p. 83; Comentário anônimo a Aristóteles, *Ética a Nicômaco* 1148b15-24, datado de

os relevos de *Lamashtu* são utilizados como protetores: eles trazem, na maioria das vezes, uma figura de um asno ou de um navio abaixo da deusa-demônio, cujo objetivo é levá-la para longe, afastá-la. Como antecipamos, representações pictóricas de *Lâmia* ou *Gelló* não chegaram aos nossos dias, infelizmente. O que existem são apenas especulações em torno de algumas prováveis pinturas de *Lâmia* em três vasos gregos apontados por Boardman, e uma quarta opção levantada por Ogden, que discorda de Boardman.<sup>37</sup> A *Górgona*, por sua vez, é infinitamente representada na iconografia supérstite greco-romana, com imagens muito similares às atribuídas a *Lamashtu*, de acordo com Burkert.<sup>38</sup>

Ainda sobre a questão da influência das narrativas mesopotâmicas nas narrativas dos povos que estabeleceram alguma espécie de troca com os povos dessa região, gostaríamos de citar Dalley e Önal mais uma vez, pois, assim como Burkert e West, elas realizaram estudos dedicados às narrativas desses povos. Ao tratar da difusão dos mitos mesopotâmicos e da universalidade de suas temáticas na introdução de sua tradução dos mesmos, Dalley afirma que:

Os mitos e épicos acádios eram universalmente conhecidos durante a Antiguidade, e eles não estavam restritos ao acádio. Alguns foram definitivamente contados em sumério, hitita, hurrita, e hebraico; a estória em si mesma floresce além das fronteiras de uma língua ou de uma etnia particulares. Isto aconteceu parcialmente porque o acádio era a língua da diplomacia no Oriente Médio antigo da metade do segundo milênio até a metade do primeiro milênio a.C., mesmo no Egito, na Anatólia e no Irã, e aspirantes a escriba nesses países extensos praticavam suas habilidades em textos literários acádios; também porque fortes elementos nomádicos e mercantis na população viajaram distâncias enormes, pois as fronteiras nacionais mudavam frequentemente, e porque as colônias comerciais no exterior eram onipresentes. Dessa maneira, as estórias acádias têm uma base comum com estórias do Antigo Testamento, da *Iliada*, da *Odisseia*, dos trabalhos de Hesíodo, e das *Noites Árabs*; elas eram populares

---

por volta do século XII, tanto o comentário quanto o trecho da obra de Aristóteles podem ser conferidos nesta tese, pp. 111-114, onde há uma discussão a respeito dos dois trechos.

<sup>37</sup> Cf. Boardman in Ackerman, Gisler & Kahil, 1992, VI<sup>1</sup>, p. 189 e VI<sup>2</sup>, pp. 90-91; Ogden, 2013<sup>1</sup>, pp. 86-92; e Aristófanes, pp. 78-79, onde há uma discussão sobre as prováveis representações pictóricas de *lâmia*, inclusive com a polêmica envolvendo os professores Boardman e Ogden, e Boardman e Halm-Tisserant.

<sup>38</sup> Burkert, 1992, pp. 82-87. A partir do final da p. 83 e até a p. 87, Burkert se concentra nessas representações pictóricas de *Lamashtu* e da *Górgona*, apontando elementos semelhantes, algumas pequenas diferenças, e ainda as histórias por trás de tais representações. Ele infoma ao leitor inclusive alguns desdobramentos sociais que as mitologias em torno dessas criaturas geraram nas sociedades em que foram criadas. Uma extensa análise da iconografia remanescente sobre a *Górgona* pode ser encontrada em Ackermann, Gisler & Kahil (*LIMC*), 1988, IV<sup>2</sup>, pp. 163-207, para as imagens; e IV<sup>1</sup>, pp. 285-362, para as legendas.

com uma audiência internacional no alvorecer da História.<sup>39</sup>

Deduzimos então, a partir das reflexões de Dalley, que há uma conexão possível entre a *Lamashtu* assíria, a *Lilith* hebraica e a *Lâmia* grega, entre outros desses monstros femininos que atacam crianças, mulheres grávidas e jovens rapazes. Se juntarmos às conclusões de West, Burkert e Dalley a de Önal, ao dizer que os

males femininos das narrativas da maternidade podem ser encontrados dentro de uma variação espacial e temporal. Os primeiros exemplos conhecidos [...] apareceram nas antigas Suméria, Assíria e Babilônia. Estes foram, por sua vez, articulados na literatura rabínica, e abriram caminho para vários outros cenários.<sup>40</sup>

podemos perceber — e nisso somos consoantes a Burkert — que todas essas narrativas estão conectadas pela temática. Entretanto, ao que nos damos o direito de postular nesta tese, esses seres monstruosos estão conectados não apenas pela temática, como provaram os pesquisadores mencionados, mas também pela morfologia de suas palavras, que estavam disseminadas pelo Mundo Mediterrâneo e Anatólio Antigo, e que foram adaptadas para as línguas de cada povo que fez uso delas. Afinal, West afirma categoricamente que a "similaridade de nomes não é suficiente em si mesma para estabelecer uma conexão entre uma divindade grega e uma oriental. Isso precisa ser sustentado por alguma correspondência na função".<sup>41</sup> Como pudemos perceber, *lamashtu*, *lilith* e *lâmia* são palavras tanto semântica quanto morfologicamente próximas, e por essa razão, essas três divindades, monstruosidades,

---

<sup>39</sup> Cf. Dalley, 2000, pp. xviii-xix: "Akkadian myths and epics were universally known during antiquity, and they were not restricted to the Akkadian language. Some were definitely told in Sumerian, Hittite, Hurrian, and Hebrew; the story itself flourishes beyond the boundaries of any particular language or ethnic group. This happened partly because Akkadian was the language of diplomacy throughout the ancient Near East from the mid-second to mid-first millennium BC, even in Egypt, Anatolia, and Iran, and trainee scribes in those far-flung countries practised their skills on Akkadian literary texts; also because strong nomadic and mercantile elements in the population travelled enormous distances, because national boundaries frequently changed, and because trading colonies abroad were ubiquitous. Therefore Akkadian stories share common ground with tales in the *Old Testament*, the *Iliad*, the *Odyssey*, the works of Hesiod, and the *Arabian Nights*; they were popular with an international audience at the dawn of history". As *Noites Árabes* (*Arabian Nights*) é o nome pelo qual os falantes de língua inglesa conhecem a obra que chamamos em português de *As mil e uma noites*.

<sup>40</sup> Cf. Önal, 2011, p. 88: "Female evils of the motherhood narratives can be found within a spatial and temporal variance. The first known examples which are going to be presented in the article appeared in ancient Sumer, Assyria and Babylonia. These in turn have been articulated into Rabbinic literature and found their way into various other settings".

<sup>41</sup> Cf. West, 1997, p. 58: "Similarity of names is not sufficient in itself to establish a connection between a Greek and an oriental deity. It needs to be supported by some correspondence in function".

ou ainda, demônios, estão conectadas entre si.<sup>42</sup>

Procurando aprofundar ainda mais a sua análise, Önal extrapola os limites do Mundo Mediterrâneo mais Oriente Médio antigos, comparando os monstros femininos mesopotâmios, hebraicos e greco-romanos com seres femininos similares de culturas tão longínquas quanto a Malásia, o Japão e a Rússia:

Entretanto, existe um número de exemplos adicionais que apareceram em culturas significativamente distantes. Devido à distância das culturas, a possibilidade de influência cultural através de migração foi afastada, observação que pode levar à conclusão de que o mal feminino é um motivo arquetípico que ocorre universalmente. Os exemplos desse motivo incluem a Baba Yaga dos povos russos e eslavos, a Hariti dos budistas da Índia, a Kishimogin do Japão, a Black Annis do folclore inglês e a Langsuir da Malásia, entre muitos outros. Todos estes exemplos, provenientes de geografias variadas, representam as transformações culturais do mesmo motivo arquetípico conhecido como Lamaštu na Mesopotâmia, Lamia, Empusa, Mormo and Gello na Grécia e em Roma, Strix, Striga ou *strigae* e as bruxas do início da Europa Moderna, e Albasti ou Al-karisti na Anatólia contemporânea.<sup>43</sup>

A partir dessa conclusão de Önal, podemos perceber que o imaginário construído em torno dessas entidades femininas que causam mal tanto a crianças quanto a suas mães é um tema que está presente nas mitologias de diferentes povos ao redor do globo. Assim, talvez nem o *Lamme/Dimme* sumério nem a *Lamashtu* assíria tenham sido os primeiros deuses-demônios a raptar e devorar crianças, talvez eles tenham um ancestral comum ainda não descoberto.<sup>44</sup>

*Lamashtu*, então, é descrita por Gilmore como um demônio feminino, "uma virgem estéril e frustrada" que "ataca mulheres grávidas, e em trabalho de parto, e mata seus bebês". A deusa-demônio é "comumente representada como uma mulher

---

<sup>42</sup> Cf. a comparação entre Lilith e Lâmia na parte de São Jerônimo, pp. 281-285 desta tese.

<sup>43</sup> Cf. Önal, 2011, pp. 88-89: "However, there are a number of additional examples that appear in significantly distant cultures. Due to the distance of the cultures, the possibility of cultural influence through migration is ruled out, an observation which can lead to the conclusion that the female evil is a universally occurring archetypal motif. The examples of this motif include Baba Yaga of the Russian and Savič peoples, Hariti of the Buddhists of India, Kishimogin of Japan, Black Annis of English folklore and Langsuir of Malaysia among many others. All these examples from varying geographies represent the cultural transformations of the same archetypal motif, which is known as Lamaštu in Mesopotamia, Lamia, Empusa, Mormo and Gello in Greece and Rome, Strix, Striga or *strigae* and the witches of early modern Europe, and Albasti or Al-karisti in contemporary Anatolia".

<sup>44</sup> Nós infelizmente não tivemos acesso ao livro de Walter Farber, o que teria sido muito profícuo neste caso. Assim, infelizmente, nossa análise está limitada pelo material que pudemos acessar. A referência do livro é FARBER, Walter. *Lamaštu - An Edition of the Canonical Series of Lamaštu Incantations and Rituals and Related Texts from the Second and First Millennia B.C.* Winona Lake, IN: Eisenbrauns and Associated Publishers, 2014.

nua com cabeça de leoa e pés como as garras de uma ave de rapina".<sup>45</sup> Dalley lembra que também nas civilizações da Mesopotâmia doenças e infortúnios eram personificados como demônios. Ela define *Lamashtu* como um demônio feminino, uma doença, "algo mau" (*mimma lemnu*, em acádio), e cita um de seus epítetos: "aquela que apaga" (*pašittu*).<sup>46</sup> Önal afirma que "as particularidades atribuídas a Lamaštu incluíam matar crianças e fetos, causando danos às mães em geral e às mães grávidas em particular, sugar o sangue de homens e comer a carne deles, e trazer doença e morte".<sup>47</sup> São essas também as atribuições associadas à lâmia monstruosa, como podemos perceber pelas definições dos dicionários de mitologia, etimologia e os fragmentos dos autores que fizeram algum comentário a seu respeito. Poderíamos excluir das atribuições da lâmia a característica de portadora de doenças, mas se alguém considerar o encantamento sofrido pelos rapazes atraídos por ela, um torpor mental e corporal (como o sofrido por Menipo no relato de Flávio Filóstrato<sup>48</sup>), tal característica poderia ser considerada um atributo das lâmias também.

Assim como Daley e Önal, Civil, Gelb, Oppenheim & Reiner, do *Dicionário Assírico*, definem *lamashtu* (*lamaštu*) primeiramente como um demônio feminino, e depois como uma doença. Contudo, eles dizem que essa palavra vem de *lamassu*, que era um espírito protetor, inclusive de mulheres em trabalho de parto: <sup>d</sup>*LAMMA u ūbnu amēlūti GAR* - "(e a criança) tem a forma de um *l.*-espírito protetor, mas uma face humana". Um comentador moderno desse fragmento adiciona que há uma explicação após a frase indicando que o espírito protetor seria hermafrodita, "teria órgãos sexuais femininos e masculinos".<sup>49</sup> Esse comentário nos permite uma conexão imediata com a

---

<sup>45</sup> Gilmore, 2003, p. 31: "Then there is a female demon named Lamashtu, a barren and frustrated virgin. She attacks pregnant women and women in labor and kills their babies. She is commonly represented as a naked woman with the head of a lioness and feet like the claws of a bird of prey" - "Então há um demônio feminino chamado Lamashtu, uma virgem estéril e frustrada. Ela ataca mulheres grávidas e em trabalho de parto e mata seus bebês. Ela é comumente representada como uma mulher nua com cabeça de leoa e pés como garras de ave de rapina". Cf. Burkert, 1992, p. 84, fig. 5, em que o autor reproduz um desses amuletos confeccionados para proteção das grávidas e crianças contra *Lamashtu*.

<sup>46</sup> Daley, 2000, *Glossary*, "Demons", p. 319.

<sup>47</sup> Cf. Önal, 2011, p. 90: "The traits ascribed to Lamaštu included slaying infants and unborn babies, causing harm to mothers in general and specially expectant mothers in particular, sucking men's blood and eating their flesh and bringing disease and death".

<sup>48</sup> Flávio Filóstrato, *Vida de Apolônio de Tiana*, 4.25. Para uma discussão a respeito desse trecho da obra de Filóstrato, cf. nesta mesma tese Flávio Filóstrato, pp. 254-261.

<sup>49</sup> O *Dicionário Assírio* foi valioso para a compreensão de pontos importantes em nossa hipótese, todavia, esclarecemos que nosso objetivo ao utilizá-lo em citação é apenas para argumentar a favor da análise da palavra grega λάμια. Ele nos foi útil para demonstrar as semelhanças entre alguns *lemmata* assírios e gregos, já apontadas pelos especialistas citados nesta introdução. Não é nossa intenção realizar qualquer espécie de análise mais aprofundada do assírio, nem de quaisquer das outras línguas

lâmia de Aristófanes, que ele diz ser uma mulher, mas que tem testículos. Um dos comentadores tardios do comediógrafo explica que as lâmias eram sempre mulheres, mas algumas tinham testículos.<sup>50</sup> É possível ainda associar o escólio a uma das imagens comentadas por Boardman no *LIMC* e por Halm-Tisserant em um artigo, a figura pintada em um lécito branco datado de por volta do final do século VI a.C., em que uma mulher, que parece ter seios e um pênis, é torturada por sátiros.<sup>51</sup>

A correspondência entre Lâmia e Lamashtu fica ainda mais clara quando se analisam alguns exemplos citados por Civil, Gelb, Oppenheim & Reiner, e por este motivo, citaremos alguns deles aqui. No verbete *lamaštu* 1a): *ša DÌM.ME* (var. *lamaš-tum*) *išbatušu* - "de quem a demônia *l.* se apoderou"; *iskip la-maš-tu šadâ uštē[li]* - "ele repeliu a demônia *l.*, mandando-a de volta para a montanha"; "que a deusa Annunītu esmague *mārtam pašittam DÌM.ME ekkēmtam* a ... filha, a arrebatadora-demônia *l.*"; e 1b): *DUMU.MEŠ la-maš-tum* (var. *DÌM.ME*) *išabbat* - "o demônio *l.* vai raptar crianças"; *išbat KI.SIKIL la-maš-tum iqabbūši išbat LÚ-TUR DÌM.ME iqabbūši* - "quando ela ataca a mulher jovem eles a chamam *l.*, quando ela ataca a criança pequena eles a chamam Dimme".<sup>52</sup>

Se compararmos os exemplos da literatura assíria citados acima com os exemplos da literatura greco-romana sobre a lâmia trabalhados nesta tese podemos notar semelhanças: alguns autores greco-romanos citam lâmias que viviam em cavernas em montanhas próximas de algum povoado, e muitos deles citam lâmias que

---

mesopotâmicas que porventura forem citadas nesta tese, já que tal atividade fugiria tanto do escopo deste projeto quanto de nossa competência. Portanto, reiteramos que os exemplos colocados no texto têm um fim ilustrativo e procuram somente mostrar a real semelhança entre palavras gregas e assírias de raiz *lam-*. Para as referências feitas neste parágrafo, cf. Civil, Gelb, Oppenheim & Reiner, 1973, *lamassatu* p. 60, e *lamassu*, pp. 60-66, esp. p. 64, 2a), sobre a representação do espírito protetor *lamassu*: "<sup>d</sup>LAMMA u ūbnu amēlūti GAR (and the child) has the form of a protective *l.*-spirit but a human face". Na página 66 os autores explicam que na maioria das representações o espírito protetor é feminino, mas que em um único augúrio tardio ele é referido como hermafrodita, e que nas representações mais tardias há uma diferenciação entre *lamassu*, que seria a estátua de um deus, e *lamassatu*, que seria a de uma deusa. O pequeno trecho citado pelo comentador moderno é "*ú-šá-rum UŠ u SAL.LA GAR* it has male and female sex organs".

<sup>50</sup> Cf. nesta tese Aristófanes, pp. 77-92, onde se encontra discutido o comentário indicado.

<sup>51</sup> Cf. Boardman in *LIMC* v. III<sup>2</sup>, p. 90, para a imagem, e v. III<sup>1</sup>, p. 189, para a legenda; cf. ainda Halm-Tisserant, 1989. Uma discussão sobre a referida figura será feita nesta tese na parte do comentário aos versos 1035 das *Vespas* e 758 da *Paz*, de Aristófanes, pp. 77-92.

<sup>52</sup> Civil, Gelb, Oppenheim & Reiner, 1973, "*lamaštu*", p. 66, 1a): "*ša DÌM.ME* (var. *lamaš-tum*) *išbatušu* whom de *l.* demon has seized; *iskip la-maš-tu šadâ uštē[li]* he repulsed the *l.*-demon, sending (her) back to the "Mountain"; may the goddess Annunītu crush *mārtam pašittam DÌM.ME ekkēmtam* the ... daughter, the snatcher-demon *l.*". A palavra inglesa *snatcher* pode ser traduzida também como "sequestradora", "aquela que pega e carrega", entre outras. E *idem, ibidem*, p.67, 1b): "*DUMU.MEŠ la-maš-tum* (var. *DÌM.ME*) *išabbat* the *l.*-demon will seize children; *išbat KI.SIKIL la-maš-tum iqabbūši išbat LÚ-TUR DÌM.ME iqabbūši* when she attacks the young woman they call her *l.*, when she attacks the small child they call her Dimme".

raptam crianças e/ou jovens rapazes.<sup>53</sup>

O *Dicionário Assírio* ainda tem quatro outros verbetes que decidimos comentar nessa introdução, pois sua conexão com a palavra grega λάμια pode ser vista tanto nas raízes (relação morfológica), quanto na significação (relação semântica): o advérbio *lemniš* (*lamniš*), o substantivo *lemnu* e o adjetivo *lemnu* (*lamnu*) todos derivados do verbo *lemēnu* (*lamānu*).

O verbo *lemēnu* (cuja variante é *lamānu*) tem várias formas com diferentes significados, todos na esfera do "cair em infortúnio", "passar por um mau tempo, uma época ruim", "tornar-se mau", "ficar bravo". Alguns exemplos: (o rei escreveu para mim, dizendo) *mannu la-ma-a-nu ma'du ukallamka* - "quem faz seu rumo ser tão ruim?"; *nišē i-lam-mi-na* - "as pessoas vão cair na miséria"; *aššēr li-bi lá-am-nu* - "porque eu estava com raiva".<sup>54</sup>

O advérbio *lemniš* (*lamniš*) significaria "malignamente", "de maneira má", "com intento maligno", "maliciosamente", "de maneira viciada", "com desprazer", "miseravelmente", "severamente": *gallû ša lemniš ire'û a gallû*- "demônio que guia (o homem) por um mau caminho"; *ana ēpiš damiqtišunu le-em-ni-iš ikapputui* - "eles tramaram maliciosamente contra o que lhes fez favores"; *annakam lam-ni-iš ilum bīt abikunu eppaš* - "aqui o deus vai tratar mal a casa de seu pai".<sup>55</sup>

O substantivo *lemnu* é traduzido por "malfeitor", "inimigo", "mal": *ana lam-ni-šu la tutarrini* - "não me faça inimigo dele"; *lēt lem-ni maḥaš šēp lem-ni kubus irat lem-ni sikip* - "estapeie o malfeitor, pise no malfeitor, jogue o malfeitor pra baixo"; *lem-nu ikammīšu* - "o mal vai dominá-lo".<sup>56</sup>

As traduções "mau", "perverso", "cruel", "imoral", "azarado" e também com sentido de "algo mágico e perigoso" são todas atribuídas ao adjetivo *lemnu* (*lamnu*). A última acepção citada acima está relacionada com um aspecto sobrenatural da palavra, e é usada especialmente para descrever e enumerar demônios, juntamente com a

<sup>53</sup> Cf. nesta tese, para o primeiro exemplo, lâmias que vivem em cavernas / montanhas, Plutarco, pp. 173-194, Heráclito paradoxógrafo, pp. 279-280; e para o segundo exemplo, lâmias que raptam crianças / jovens rapazes, Horácio, pp. 152-153, Flávio Filóstrato, pp. 254-261.

<sup>54</sup> Civil, Gelb, Oppenheim & Reiner, 1973, *lemenu* pp. 116-119, pp.116-117, 1a): "(the king wrote to me, saying) *mannu la-ma-a-nu ma'du ukallamka* who does you such a bad turn?; *nišē i-lam-mi-na* people will fall into misery; *aššēr li-bi lá-am-nu* because I was angry".

<sup>55</sup> Civil, Gelb, Oppenheim & Reiner, 1973, *lemniš*, pp.119-120: "*gallû ša lemniš ire'û a gallû*- demon who guides (man) in an evil way"; "*ana ēpiš damiqtišunu le-em-ni-iš ikapputui* they plot maliciously against the one who did them favors"; "*annakam lam-ni-iš ilum bīt abikunu eppaš* here the god will treat the house of your father badly".

<sup>56</sup> Civil, Gelb, Oppenheim & Reiner, 1973, *lemnu*, pp. 124-125: a) "1' *ana lam-ni-šu la tutarrini* do not make me his enemy"; "*lēt lem-ni maḥaš šēp lem-ni kubus irat lem-ni sikip* slap the evildoer, step on the evildoer, throw down the evildoer"; "b) *lem-nu ikammīšu* evil will overwhelm him".

expressão *mimma lemnu* - "tudo mau": *utukku šēdu rābišu eṭemmu lamaštu labāši aḥḥāzu lilû lilītu ardat lilī u mim-ma lem-nu muṣabbitu amēlūti*.<sup>57</sup> Outras expressões em contextos pouco definidos também são usadas: *umunnâ lem-nu ina zumrišu iškunu* - "eles colocaram sangue ruim no corpo dele"; *awīlam lam-nam* - erva para o mau-olhado.<sup>58</sup> O sentido de "perigoso, mau" pode também fazer parte do rol de traduções desse adjetivo: *utukkat lam-na-at* - "ela é um demônio, ela é má".

A associação entre essa palavra assíria e a palavra grega λάμνα, uma variante da palavra λάμια, desse modo, mais do que apenas possível, parece clara. Segundo Beekes, tanto a palavra λάμνα quanto o adjetivo λαμυρός seriam palavras de um substrato pré-grego não indo-europeu (fato comprovado pela presença dos sufixos pré-gregos -υρ e -μν).<sup>59</sup>

Beekes cita ainda a palavra latina *lamia*, derivada da palavra grega, e que ele define como "vampira".<sup>60</sup> Ernout & Meillet usam a mesma definição para a palavra: "vampira, ogra, bicho-papão", e citam um peixe, o "peixe desconhecido".<sup>61</sup> Os autores se referem ainda à urtiga, que em latim seria *lamium*. Acharmos problemático traduzir *lamia* por "vampira, bicho papão, ogra" e vocábulos semelhantes, pois esses são seres que fazem parte de um imaginário folclórico moderno, e não antigo. As várias *lâmias* antigas tinham características de todos esses seres (não necessariamente ao mesmo tempo), mas não podem ter sua definição restringida por nenhum desses conceitos.

Assim, procuramos conectar dessa maneira as palavras assírias acima citadas: *lamassu, lamassatu, lamashtu, lemniš (lamniš), lemnu, lemnu (lamnu), lemēnu*

---

<sup>57</sup> Civil, Gelb, Oppenheim & Reiner, 1973, *lemnu* pp.120-124, esp. pp.121-122, b) 1' a 5', em que os contextos sobrenaturais / mágicos são apresentados: 1' para descrição de demônios ("describing demons"), 2' para atividades mágicas ("referring to magic activities"), 3' para maldições ("referring to curses"); 4' para a expressão *mimma lemnu* - "tudo mal" ("in the expression *mimma lemnu* everything evil"), parte na qual eles citam a enumeração dos malvados citada, e finalmente 5' para outras ocorrências em contextos pouco definidos ("other occs").

<sup>58</sup> Cf. Civil, Gelb, Oppenheim & Reiner, 1973, p. 122: "*umunnâ lem-nu ina zumrišu iškunu* they have placed evil blood in his body". A expressão *awīlam lam-nam* ("in broken contexts") "[...] herb for the evil eye".

<sup>59</sup> Cf. Beekes, 2010, pp. xiii-xliii. Beekes afirma, na p. xxi, que, apesar da ocorrência do sufixo -μν ser possível em palavras pré-indo-europeias, é também frequente em palavras pré-gregas. Ele diz ainda, na p. xxiii, que reconhecer palavras pré-gregas é relativamente fácil: são normalmente palavras que não têm etimologia indo-europeia, ou cujas variações são impossíveis de se explicar dentro das concepções do indo-europeu. Há, ainda, inúmeros sufixos típicos do pré-grego que não são comuns no indo-europeu, e há ainda a questão da área de significação: as palavras pré-gregas geralmente denominam plantas, animais e partes da viticultura, e são normalmente termos sexuais. Na p. xxxiii Beekes explica a formação do sufixo -μν, e afirma que ele é especialmente comum no pré-grego e é um dos únicos pontos comuns entre essa língua e o etrusco. Seu uso foi tão disseminado que pode ser atestado até a região da Capadócia. Da p. xxiv à p. xl Beekes apresenta uma lista dos sufixos do pré-grego com alguns exemplos, na p. xxxiv está -μν, na xxxix, -υρ.

<sup>60</sup> Cf. Beekes, 2010, p. 830.

<sup>61</sup> Cf. Ernout & Meillet, 2001, p. 339.

(*lamānu*), com as palavras gregas também acima citadas: λάμια, λάμνα, λάμος, λαιμός, λαμυρός, λαμφύσσω, para deixar evidente as semelhanças entre elas, tanto morfológicas quanto semânticas. E também com o objetivo de pontuar as comunicações entre o Oriente e o Ocidente já estabelecidas desde a Antiguidade, numa tentativa de explicar a origem dos vocábulos que vão ser discutidos ao longo de toda esta tese: λάμια, sua variante λάμνα, e, em alguns casos selecionados, sua versão latina *lamia*.

Como foi possível perceber, o aspecto negativo da raiz *lam-* é traço semântico recorrente, aspecto notório nos vocábulos citados acima, que contêm essa raiz e pertencem a línguas diversas. Na grande maioria dos casos acima discutidos, as palavras são usadas para designar sentimentos ruins, ações más, entidades sobrenaturais que têm intenções malignas. Apenas a palavra assíria *lamassu* apresenta uma acepção boa. Contudo, nos indagamos se não ocorreu entre *lamassatu* e *lamashtu* (que deriva da primeira palavra) o mesmo fenômeno ocorrido com a palavra grega δαίμων, cuja área semântica denotava também um espírito protetor e acabou gerando a palavra demônio (presente em várias línguas mundo afora), que foi incorporando a conotação de entidade maléfica com o passar do tempo e a mudança da religião dominante.<sup>62</sup>

Dessa maneira, através da análise desses vocábulos cujas línguas e sociedades influenciaram a língua e a sociedade grega antiga, procuramos evidenciar a negatividade carregada pela palavra grega λάμια (que tem a mesma raiz) e, conseqüentemente, pelos seres e entidades aos quais dá nome. Todos, desse modo, vão ter essa malignidade subentendida em seus significados.

## 1.2 As primeiras aparições em léxicos, enciclopédias e obras do tipo:

Para nos mantermos fiéis à nossa proposta de análise cronológica no campo de estudo da palavra λάμια, vamos agora pontuar algumas das "dicionarizações" que ela sofreu, desde o Período Bizantino até a Época Contemporânea.<sup>63</sup> Desse modo podemos fazer um catálogo de seus registros lexicais, e podemos ainda perceber como os antigos deram início e continuidade ao estudo desse vocábulo.

---

<sup>62</sup> Como as línguas mesopotâmicas estão fora da nossa competência, reafirmamos que as respostas para essas questões deixamos para uma outra pesquisa, que não haverá de ser necessariamente nossa.

<sup>63</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 266, para ler sobre as fundações de Bizâncio e o início do período de dominância dessa cidade, e ver ainda como ela se tornou Constantinopla após ser destruída por Sétimo Severo e reconstruída por Constantino I; e pp. 380, para Constantinopla.

### 1.2.1. O Período Romano - o século II:

Há um fragmento de uma obra de Frínico Árábico preservado na obra de Fócio, que cita um verso de Crates.<sup>64</sup> O verso constitui uma das entradas de seu trabalho lexical denominado *Preparação sofisticada*: "<ter imitado a voz de um homem>". Após citar o verso, o autor explica o advérbio ἀνδριστι, "como macho, masculamente", e cita sua fonte: Crates, na *Lâmia*.<sup>65</sup> A citação preservada em Fócio é a única fonte desse fragmento de Crates.

Júlio Pólux citou, em seu *Onomasticon*, um dos versos que compõem o *corpus* dos versos sobreviventes da peça *Lâmia*, de Crates. Pólux trata de numismática em sua obra, que é também uma das únicas fontes desse fragmento.<sup>66</sup> Nele alguém explica o que é um hemiecton de ouro (ἡμίεκτόν χρυσοῦ), que seria o equivalente a oito óbolos (ὀκτὼ ὀβολοί).<sup>67</sup>

### 1.2.2. O final do Período Romano e início do Bizantino - os séculos V e VI:

O Período Bizantino registra a primeira "dicionarização" da palavra, entre o século V e o século VI, com Hesíquio de Alexandria.<sup>68</sup> Seu *Léxico* apresenta três

---

<sup>64</sup> Frínico Árábico foi um retórico e lexicógrafo grego da região da Bitínia, uma das províncias anatólicas de Roma, na época dos imperadores Marco Aurélio e Comodo. Esse fragmento da obra de Frínico está preservado na obra de Fócio (cf. nesta tese Frínico, p. 213). Os fragmentos que sobreviveram de sua obra pertencem a dois trabalhos nos quais ele prega o uso estrito e correto do Ático do século V a.C. A primeira e maior delas seria a *Preparação sofisticada*, que originalmente teria sido escrita em 37 livros, e que hoje só sobrevive em uma epítome e fragmentos. Suas entradas eram organizadas em ordem alfabética de acordo com a primeira letra da palavra apenas, e consistiam de palavras obscuras, retiradas de tragédias e comédias hoje perdidas. Fócio comenta extensivamente este trabalho de Frínico, e é, por esta razão, a fonte da maioria dos fragmentos estantes. A segunda obra era denominada *Écloga*, em dois livros. Era composta por pronunciamentos sobre o bom e o mau uso do grego ático, organizados na forma de um léxico. Cf. Dickey, 2007, pp. 96-97; Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1177-1178.

<sup>65</sup> "Ἐκ τῶν Φρυγίων τοῦ Ἀραβίου τῆς Σοφιστικῆς Προπαρασκευῆς, 213.1: <ἀνδριστι μιμεῖσθαι φωνήν>: ὡς ἀνήρ. Κράτης Λαμιά" - "*A preparação sofisticada*, por Frínico Árábico, 213.1: <ter imitado a voz de um homem>: como macho. Na *Lâmia* de Crates". Texto grego retirado de De Borries, 1911 = *TLG*.

<sup>66</sup> Júlio Pólux foi um retor da segunda metade do século II d.C., que escreveu o *Onomasticon*, uma obra lexical em dez livros. As entradas eram organizadas por tema, e não em ordem alfabética. Apenas uma epítome do trabalho original chegou até nós, mas é uma epítome consideravelmente robusta, apesar das muitas interpolações sofridas. Cf. Dickey, 2007, p. 96; Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1209.

<sup>67</sup> Para a tradução e comentário do fragmento, cf. nesta mesma tese Júlio Pólux, pp. 210-211, e Crates, pp. 70-76.

<sup>68</sup> Hesíquio de Alexandria, *Léxico*, Λ, entradas 248, 249 e 250. O léxico de Hesíquio mantém o único registro de palavras pouco usuais do grego, usa linguagem simples e fornece um ou dois sinônimos de cada palavra. Cf. Dickey, 2007, pp. 88-89. Segundo Eleanor Dickey, a obra de Hesíquio não é nem um dicionário nem uma enciclopédia no entendimento moderno desses dois tipos de compilação de palavras. Essa estudiosa da crítica antiga acha que o *Léxico* de Hesíquio é um pouco dos dois, e que esse era mesmo o papel dos *lexica* antigos (cf. Dickey, 2007, p. 88).

verbetes específicos para esse vocábulo, e ainda mais dois, um na letra alfa<sup>69</sup> e um na letra kappa<sup>70</sup>, que a citam como sinônimo dos vocábulos dos verbetes.

Sobre a palavra em si, Hesíquio cita Aristófanes, que fez uma observação sobre uma "mulher que passava o tempo escornada na ágora de Atenas", e que teria como características marcantes "dentes de lâmia" (λαμιώδους) e uma flatulência constante (περδομένην γυναίκα).<sup>71</sup> O λαμιώδους, ou "dentes de *lâmia*", é um adjetivo não registrado no *LSJ*. Não apresenta dificuldade de compreensão, pois é formado a partir de uma combinação dos substantivos λάμια e ὀδούς. É usado para indicar uma característica peculiar da mulher que ficava sem fazer nada, andando de pau/porrete na mão para cima e para baixo na Ágora de Atenas. Antes de Hesíquio, Aristófanes usa o adjetivo καρχαρόδοντι para caracterizar Cléon, um importante político ateniense, de modo que o primeiro poderia ter se baseado nessa combinação para criar seu λαμιώδους, se é que foi mesmo seu criador.<sup>72</sup>

A partir do adjetivo λαμιώδους é possível pensar na Lâmia como uma mulher "devoradora", por causa da alusão aos dentes de *lâmia*.<sup>73</sup> Não se pode esquecer o fato

---

<sup>69</sup> Hesíquio de Alexandria, *Léxico* A.7115: "†<ἀργυίτας>· τὴν λαμίαν. Φρύγες." - "<arguítas>: a *lâmia*. Frígios". Texto grego retirado de Latte, 1953 = *TLG*. Φρύγες: a palavra φρύξ era usada para denominar os escravos que provinham do povo dos frígios, habitantes da área centro-oriental da península anatólia (moderna Turquia); também era usada como sinônimo de covardia, para denominar alguém covarde, cf. *LSJ*, 1996, p. 1958. ἀργυίτας: a palavra *arguítas* não foi encontrada em nenhuma das obras de referência consultadas. Não há maiores inferências a serem feitas além do fato de Hesíquio estar apresentando sinônimos: a tal *arguíta* é a *lâmia*, e também é uma palavra usada para denominar o povo dos frígios.

<sup>70</sup> Hesíquio de Alexandria, *Léxico* K.834: "<Καρκώ>· Λαμία" - "<Carcó>: Lâmia". Texto grego retirado de Latte, 1953 = *TLG*. Καρκώ: situação lexical similar à da palavra *arguítas* acima citada: *carcó* não foi encontrada nas obras de referência examinadas. Sabemos, pelo fragmento, que é um sinônimo de *lâmia*. O dicionário grego *Dimitrákou*, que se propõe conter todas as palavras da língua grega, dos primórdios à época do término de sua compilação, apenas copia o verbete do léxico de Hesíquio, sem fornecer nenhuma informação a mais sobre a palavra Καρκώ, cf. *Dimitrákou*, v.7, p. 3636.

<sup>71</sup> Hesíquio de Alexandria, *Léxico*, Λ.248: "<Λάμια>· Ἀριστοφάνης φησὶν, [ὡς τηκούσης] ἐν τῇ ἀγορᾷ τινος λαμιώδους γυναικὸς ἐνδιατριβούσης <ὄνομα>. τινὲς δὲ ἐν τῇ ἀγορᾷ περδομένην γυναίκα <Λαμίαν εἶναι>" - "<Lâmia>: Aristófanes diz ser o <nome> de uma mulher de dentes de *lâmia* que passava o tempo [escornada] na praça pública. Alguns também dizem <ser a Lâmia> uma mulher peidorreira na praça pública". Texto grego retirado de Latte, 1953 = *TLG*.

<sup>72</sup> Cf. nesta tese Aristófanes, *Vespas* 1031, e *Paz* 754, pp. 77-92.

<sup>73</sup> Cf. nesta tese Aristófanes, pp. 77-92, Galeno, pp. 239-241, e Opiano, pp. 264-271. Essa imagem da mulher devoradora poderia remeter à ideia da "vagina dentada" (*vagina dentata*, em latim), de vários mitos de culturas diferentes, como a hindu, a de tribos sul-americanas, a brasileira. Esse mito é antigo e parece estar presente em muitas culturas cuja base é indo-europeia. Na mitologia hindu é representado pelo mito de Adí, filho do asura Andhaka, que tenta vingar a morte do pai pelas mãos de Shiva. Andhaka era filho de Shiva e Parvati, e tenta seduzir Parvati para tomá-la como esposa, mas acaba morto por Shiva. Adí, para vingar o pai, toma a forma de Parvati e tenta enganar Shiva, com o objetivo de matá-lo usando uma vagina dentada. Contudo, Shiva percebe o engano e Adí acaba morto pelas mãos do mesmo assassino de seu pai, seu próprio avô. Os asuras eram divindades ligadas à natureza, que se igualavam em poder aos suras ou devas (os grandes deuses do panteão hindu), e que viviam em guerra com estes últimos. Segundo Wendy O'Flaherty, existe "um grande número de mitos hindus do

de que dois dos tubarões mais violentos e vorazes do Mar Mediterrâneo eram, e ainda são, chamados pelos gregos de *lâmia*.<sup>74</sup> E ainda, que a hetaira amante de Demétrio Poliorcetes era tida como uma mulher "voraz".<sup>75</sup>

Na segunda entrada Hesíquio define *lâmia* como uma "fera ou besta, um animal selvagem, ou um monstro" (θηρίον); e informa que λάμια também pode ser uma mulher líbia (γυνή Λίβυσσα) que tinha esse nome.<sup>76</sup> O substantivo θηρίον é um diminutivo da palavra θήρ, que é usada pelos autores antigos, mas principalmente pelos bizantinos, para categorizar a *lâmia*.<sup>77</sup> Ela é quase sempre uma "fera, monstro, ser bestial".<sup>78</sup>

---

tipo da *vagina dentata*, mitos nos quais diz-se explicitamente que o *yoni*, ou órgão da geração feminino, castra ou mata" - "... a large number of Hindu myths of the *vagina dentata* type, myths in which the yoni, or female organ of generation, is explicitly said to castrate or to kill", cf. O'Flaherty, 1980, p. 355. Erich Neumann cita as tribos indígenas norte-americanas como detentoras de um folclore rico em citações do mito da *vagina dentata*: "esse motivo da *vagina dentata* é muito típico da mitologia dos índios norte-americanos. Na mitologia das tribos indígenas um peixe carnívoro habita a vagina da Mãe Terrível; o herói é o homem que supera a Mãe Terrível, quebra os dentes da sua vagina, e assim faz dela uma mulher ("This motif of the *vagina dentata* is most distinct in the mythology of the North American Indians. In the mythology of the Indian tribes a meat-eating fish inhabits the vagina of the Terrible Mother; the hero is the man who overcomes the Terrible Mother, breaks the teeth out of her vagina, and so makes her into a woman"); ele também diz que o lado destrutivo do Princípio Feminino, o lado terrível da Grande Deusa, é visto na forma arquetípica de uma boca cheia de dentes, e que achados arqueológicos encontrados da África (estatuetas mascaradas) até a América Central (representações de uma deusa asteca armada com facas e dentes afiados), cf. Neumann, 1991, p. 168.

<sup>74</sup> Cf. nesta tese Aristóteles, pp. 106-114; Galeno, pp. 239-241; e Opiano da Cilícia, pp. 264-271.

<sup>75</sup> Para as histórias sobre esse relacionamento cf. nesta tese Demócates, pp. 115-116; Mácon, pp. 127-128; Filarco, pp. 129; Polemon de Atenas, pp. 130-131; Plutarco, *Demétrio e Comparação entre Demétrio e Antônio*, pp. 173-194; Ateneu de Náucrates, pp. 219-233; Clemente de Alexandria, pp. 242-244; Alcífron, pp. 249-253; Cláudio Eliano, pp. 262-263; Diógenes Laércio, pp. 274-275.

<sup>76</sup> Hesíquio de Alexandria, *Léxico*, Λ.249: "<Λάμια> θηρίον. καὶ γυνή τις ἀρχαία οὕτως καλουμένη Λίβυσσα" - "<Lâmia>: fera. Também uma antiga mulher líbia assim chamada". Texto grego retirado de Latte, 1953 = *TLG*. O adjetivo λίβυσσα é o feminino de λιβύς - "habitante da Líbia", país localizado no norte da África, entre o Egito e a cidade de Cartago, e que sofreu colonização grega e romana, além da pesada influência cartaginesa, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 855-856. Interessante é a referência feita pelo *LSJ* do uso que faz dela Nicandro de Cólofon em sua obra de nome *Θηριακά*: para denominar uma serpente não-venenosa. Nicandro de Cólofon (ou Colofão), viveu no século II a.C., e escreveu um poema sobre animais venenosos a que chamou *Θηριακά*, em hexâmetros. O verso em questão é o 490: οὓς ἔλοπας λίβυάς τε πολυστεφείας τε μυάγρους / φράζονται - "os quais élopas, líbias de muitas coroas e miágros / mostram". Overduin discute os nomes dos animais citados nesse verso, e conclui ser difícil fazer qualquer aproximação com espécies conhecidas hoje. Ele apenas pontua que as cobras chamadas de líbias têm tal nome porque aparecem mais comumente na Líbia (cf. Overduin, 2014, pp. 366 e 367. O trecho grego foi retirado de Overduin, 2014, p. 156. Cf. ainda, sobre Nicandro de Colofão, Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1040 e 1041).

<sup>77</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 799: θήρ é um substantivo usado para indicar não somente um animal selvagem, mas também um ser fantástico, um algo oposto ao que se define por humano; cf. ainda nossa dissertação de mestrado, Mortoza, 2013, p. 80.

<sup>78</sup> *Thér* também é atribuída aos monstros marinhos pelos autores antigos que os descrevem, o que nos remete à *lâmia* do mar, o tubarão primeiramente descrito por Aristóteles, apesar da palavra mais comum atribuída a este tipo de monstruosidade ser κῆτος. Para κῆτος cf. *LSJ*, 1996, pp. 949-950: "qualquer monstro marinho ou grande peixe"; e cf. também Hopman, 2005, que afirma que o κῆτος é uma combinação das voracidades de animais terrestres e marinhos, na p. 9, cf. ainda no mesmo trabalho, as pp. 14, 34-36 (em que ela trabalha a inserção da figura da Cila na tradição do κῆτος grego); cf. ainda Mair, 2002, pp. lxxvii-lxxviii e 203: ele aponta que esse vocábulo era usado para indicar

A terceira entrada apresenta o plural, λάμιαι, que Hesíquio define como "espectros, aparições, fantasmas", ou ainda, "portentos, maravilhas da natureza" (φάσματα); mas que ele diz que também podem ser os homens que comem muito (πολύφαγοι); ou ainda, um peixe (ιχθύς).<sup>79</sup> Hesíquio inclui em sua gama de significações da palavra φάσματα essa de "espectro, aparição, visão", que também é como Filóstrato define a *lâmia* de sua história. Sófocles, nas *Traquíniás*, usa o singular *phásma* (φάσμα) para descrever um touro monstruoso, campo semântico que seria mais próprio das palavras θήρ e θαῦμα (apesar de *thér* ser mais comumente usada para categorizar animais selvagens, eles não deixam de ser *thaúmata*, prodígios da natureza, ou dos deuses). *Phásma* também é usada pelo mesmo autor, na mesma peça antes citada, para descrever a *hidra*, nos versos 837-838.<sup>80</sup>

---

"baleias, golfinhos, focas, tubarões, atuns, e as grandes criaturas do mar, em geral". Hoje, após uma especialização ao longo do tempo, o vocábulo é usado para designar os grandes mamíferos aquáticos: as baleias, os golfinhos e os botos, cf. Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 572-573. A associação entre a palavra θήρ e os "monstros marinhos" pode ser comprovada desde a Antiguidade, quando tanto Aristóteles quanto Heródoto a utilizaram para descrever tubarões. O *LSJ* afirma que θηρίον, apesar de ser, na morfologia, o diminutivo de θήρ, tem uso idêntico ao desta última palavra, cf. *LSJ*, 1996, p. 799. Cf. Aristóteles, *História dos animais*, 598b1: Εἰσπλέουσι δ' εἰς τὸν Πόντον διὰ τε τὴν τροφήν· ἡ γὰρ νομὴ καὶ πλείων καὶ βελτίων διὰ τὸ πότιμον, καὶ τὰ θηρία δὲ τὰ μεγάλα ἐλάττω - "Nadam para o Ponto por causa da comida, pois a comida é abundante e melhor por causa da água, e as grandes feras são poucas", trecho em que o autor macedônio está tratando das migrações dos peixes (trecho grego retirado de Aristotele, 1968). Cf. ainda Heródoto, *Histórias*, 6.44.14-16: [...] ὥστε γὰρ θηριωδεστάτης ἐούσης τῆς θαλάσσης ταύτης τῆς περὶ τὸν Ἄθων οἱ μὲν ὑπὸ τῶν θηρίων διεφθείροντο ἀρπαζόμενοι, [...] - "[...] como o tal mar ao redor de Monte Atos é infestado de feras, uns foram mortos arrebatados pelas feras, [...]", em que o autor está narrando como uma frota de navios do general persa Mardônio sofreu perdas pesadas por causa de uma tempestade que a alcançou em alto mar, próximo às encostas de Monte Atos em 492 a.C. Esse general persa acumulara muitas vitórias na Ásia e decidira cruzar o Helesponto para submeter ao domínio persa o maior número possível de cidades gregas (cf. Heródoto, *Histórias*, 6.44; cf. também Herodotus, 2009, pp. 444-446. Trecho grego retirado de Hérodote, 1963).

<sup>79</sup> Hesíquio de Alexandria, *Léxico*, Λ.250: "<λάμιαι>· τὰ φάσματα. ἢ οἱ πολύφαγοι τῶν ἀνθρώπων. καὶ ἰχθύς" - "<lâmias>: os espectros. Ou os glutões dentre os homens. Também um peixe". Texto grego retirado de Latte, 1953 = *TLG*. καὶ ἰχθύς: Hesíquio cita a acepção biológica do vocábulo, provando que consultou, se não uma compilação anterior à sua que não nos tenha sido legada, as obras dos autores que usaram *lâmia* para denominar um peixe solitário e voraz do Mediterrâneo (os autores anteriores a ele que fizeram isso foram Aristóteles, Plínio o velho, Ateneu de Náucrates, Galeno, Opiano da Cilícia e Oríbásio). Os trechos que mencionam as *lâmiai* ou *lamnai* nas obras de cada um desses autores podem ser conferidos neste mesmo trabalho, pp. 106-114, 167-168, 219-233, 239-241, 264-271 e 286-287, respectivamente, e em ordem cronológica.

<sup>80</sup> Sófocles, *As Traquíniás*, 507-512: Ὁ μὲν ἦν ποταμοῦ σθένος, ὑψίκερω τετραπόρου / φάσμα ταύρου, / Ἀχελῷος ἀπ' Οἰνιάδων, ὁ δὲ Βακχίας ἄπο / ἦλθε παλίντονα Θήβας / τόξα καὶ λόγχας ρόπαλόν τε τινάσσων, / παῖς Διός· - "Um era a força o rio, de alto chifre e 4 patas / um touro monstruoso / Aqueloo das Eníades, e da Tebas / de Baco veio o outro com recurvados / arcos e lanças, brandindo uma clava / o filho de Zeus" (trecho grego retirado de Sophocle, 1967). Nesta antístrofe da tragédia o coro está cantando sobre a disputa entre Hércules e Aqueloo pela mão de Dejanira. E, em seguida, Sófocles, *As Traquíniás*, 837-838: δεινοτάτῳ μὲν ὕδρας / προστετακῶς φάσματι - "com o pior dos monstros, / a hidra, já se digladiou", antístrofe na qual o coro reflete sobre a iminente morte de Hércules, que tanto já batalhou, inclusive com o que eles chamam o pior dos monstros, a *hidra* de Lerna (trecho grego retirado de Sophocle, 1967). O *LSJ* ainda faz referência a um epigrama funerário que usa a palavra φάσμα para caracterizar a esfinge, mas não nos foi possível encontrar tal epigrama pois não tivemos acesso à edição utilizada pelo dicionário. Cf. *LSJ*, 1996, p. 1919.

Logo após Hesíquio, Estêvão de Bizâncio, no século VI, escreveu uma obra de nome *Ἐθνικά*, um dicionário geográfico.<sup>81</sup> Há dois verbetes para a cidade grega de Lâmia (Λάμια), que fica na Tessália (πόλις Θεσσαλίας), próxima à região onde ficavam as Termópilas. No primeiro verbete Estêvão aponta as razões do nome da cidade, fornece sua localização geográfica e o dado histórico de ter sido o palco da Guerra de Lâmia (Λαμιακὸς πόλεμος).<sup>82</sup> No segundo o autor faz uma rápida descrição

---

<sup>81</sup> O *Ethniká* de Estêvão de Bizâncio foi um dicionário geográfico gigantesco (mais de 50 livros) que "originalmente continha informações linguísticas, geográficas, históricas e mitológicas detalhadas sobre centenas de nomes-lugares e dos adjetivos étnicos relativos à eles.", Dickey, 2007, p. 101: "[...] originally contained detailed linguistic, geographical, historical, and mythological information about hundreds of place-names and the ethnic adjectives corresponding to them". Estêvão teve como fontes as obras de Herodiano, Oro, Pausânias, Estrabão, alguns dos escólios mais antigos a Homero, e outros trabalhos de crítica literária antiga já perdidos. Hoje nós possuímos apenas uma epítome muito resumida da obra original, da qual restam apenas oito páginas em um manuscrito, e vários fragmentos na obra de Constantino Porfirogênito.

<sup>82</sup> Estêvão de Bizâncio, *Ἐθνικά* - "Sobre as cidadanias", 409.4-8: "<Λάμια,> πόλις Θεσσαλίας τῶν Μηλιέων, ὡς Πολύβιος. οἱ μὲν ἀπὸ Λάμιου τοῦ Ἡρακλέους φασίν, οἱ δὲ ἀπὸ Λαμίας γυναικός, ἢ ἐβασίλευσε Τραχινίων. ἐν ἧ καὶ Λαμιακὸς πόλεμος. ἔστι καὶ ἄλλη Κιλικίας. τὸ ἐθνικὸν Λαμιεῖς καὶ Λαμιῶται" - "<Lâmia> cidade da Tessália do povo melieu, conforme Políbio. Uns dizem que por causa de Lamo, filho de Hércules, outros que a partir da mulher Lâmia, que reinou sobre os traquínios. Nela também ocorreu a Guerra de Lâmia. Existe ainda outra, na Cilícia. A cidadania é lamieis e Lâmiotas". Texto grego retirado de Meineke, 1958 = TLG.

"Λαμίας γυναικός, ἢ ἐβασίλευσε Τραχινίων": uma Lâmia rainha dos traquínios. Os traquínios também eram povos málios/melieus, habitantes de uma pólis ao sul do golfo de Mália chamada Heracleia Traquínia. Hansen & Nielsen, do *IACP*, 2004, reportam que Heracleia Traquínia era uma *pólis* de uma região adjacente à Tessália chamada Eta. O povo dessa região era etnicamente formado pelos málios, ênios e dríopes. Aparentemente, Heracleia Traquínia era a *pólis* mais importante dos eteus (*oitaioi*). A região era tão bem desenvolvida que possuía, inclusive, cunhagem de moedas próprias. A moedas traziam o nome da região, *Oita*, gravado de várias maneiras diferentes, formando siglas diversas. Há registro de que os eteus participaram da Guerra de Lâmia, com exceção dos traquínios. Em 370 a cidade foi entregue tanto aos eteus quanto aos málios por Jasão, tirano da *pólis* de Feras, que a havia invadido e tomado dos espartanos em 371/370 a.C. (cf. Hansen & Nielsen, *IACP*, 2004, pp. 684-686 e 710-711). Hornblower & Spawforth, por sua vez, resumem da seguinte maneira a história de Heracleia Traquínia: era uma colônia espartana na encosta norte do Monte Eta, que foi abandonada e depois retomada pelos espartanos, e que depois foi invadida pelo tirano de Feras, Jasão, que a entregou de volta aos eteus (cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 684). Essa suposta rainha dos traquínios é mencionada por poucos dos autores de nosso corpus: Élio Herodiano (*Sobre a prosódia católica*, 3,1.248.10-20: "[...] <Λάμια> πόλις Θεσσαλίας τῶν Μηλιέων, ὡς Πολύβιος, οἱ μὲν ἀπὸ Λάμιου τοῦ Ἡρακλέους φασίν, οἱ δὲ ἀπὸ Λαμίας γυναικός, ἢ ἐβασίλευσε Τραχινίων· ἔστι καὶ ἄλλη Κιλικίας – προπαροξύνεται" - "[...] <Lâmia> cidade da Tessália dos melieus, como Políbio, uns por um lado de Lamo de Hércules dizem, outros, por outro lado, dizem da mulher Lâmia, a que reinou sobre os traquínios; e há outro Cilícia – uma proparoxítone ") mencionou a existência de uma Lâmia rainha dos traquínios, e depois dele apenas Estêvão de Bizâncio, no longínquo século VI, trata dessa história, que depois é repetida no verbete do *Etimológico Genuíno* (cf. neste mesmo texto, p. 28). De modo que, antes de Élio Herodiano, não há registro algum dessa história. Ainda, nenhuma das fontes-base (dicionários e enciclopédias) dessa tese cita essa história (cf. Ackermann, Gisler & Kahil (*LIMC*), 1986, p. 189; Cancik & Schneider (*New Pauly*), 2005, pp. 182-183; Grimal, 2005, pp. 265-266; Hornblower & Spawforth, 1996, p. 812; Chantraine, 2009, p. 593. Nem Robert Graves, 1992, 205-206, nem Joseph Fontenrose, 1980, pp. 100-104, que apresentam versões bastante interpretativas da mitologia que circunda *lâmia*, mencionam essa versão de uma Lâmia rainha dos traquínios. Nem o

do assentamento que se acredita ter sido o antigo porto da cidade de Lâmia, chamado Fálara (Φάλαρα, a respeito do qual não há muitas informações disponíveis).<sup>83</sup>

### 1.2.3. Os séculos VIII-IX:

A obra *Cânones* do gramático Teognosto usa a palavra λάμια como um exemplo de proparoxítona, sem elaborar mais.<sup>84</sup>

George Queróbosco supostamente compôs os *Epimerismos homéricos* nesse século. A obra é um léxico gramatical.<sup>85</sup> O trecho que contém a palavra λάμια é um comentário à palavra πότνια do verso 357 do Canto I da *Iliada* - "Assim disse,

---

primeiro autor da literatura supérstite a descrever a cidade de Lâmia e seus habitantes, Síλαx de Carianda, menciona alguma rainha dentre os málios ou melieus, cf. nesta tese Síλαx, pp. 64-65).

"Λάμου τοῦ Ἡρακλέουζ": de acordo com Grimal, Hércules teve com Ônfale um filho de nome Lamo, mas não menciona relação alguma entre ele e a cidade de Lâmia na Tessália, nem com as possíveis lâmias mitológicas. Cf. Grimal, 2005, p. 266. Grimal cita Ovídio, *Heroides* IX.53-54 (em que Dejanira escreve a Hércules reclamando por ter sido trocada por Iole, num trecho em que ela está mencionando a submissão de Hércules a Ônfale, rainha dos lídios, que dele teve um filho de nome Lamo: "una, recens crimen, referetur adultera nobis, unde ego sum Lydo facta noverca Lamo" - "uma, crime recente, adúltera para nós recordarei, pela qual eu fui feita madrasta do Lídio Lamo"), e o próprio Estêvão de Bizâncio, exatamente no trecho acima traduzido.

"ἔστι καὶ ἄλλη Κιλικίας": uma cidade de mesmo nome na Cilícia, provavelmente uma colônia. Segundo Hornblower & Spawforth, Cilícia foi o "nome dado a várias regiões em diferentes períodos, mas acabou por denominar a metade leste da costa sul da Ásia Menor" (The name was applied to various regions at different periods but came ultimately to designate the eastern half of the south coast). Esses dois autores informam ainda que em 80 a.C. os romanos aumentaram a província da Cilícia, mas que por volta de 63 a.C. ela estava desmembrada. Somente no reinado de Vespasiano ela voltou a ser uma província importante, pois estava localizada em uma região muito fértil da Ásia Menor, e produzia vinho, azeitonas, milho e linho, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 330. Hansen & Nielsen (*IACP*) não catalogam *pólis* alguma de nome Lâmia na região da Cilícia, e não atestam uma suposta colonização grega da região. Cf. Hansen & Nielsen, *IACP*, 2004, pp. 1211-1212, em que eles afirmam ainda que não há certezas quanto à colonização grega nem da Cilícia nem da Panfília, e que a maioria dos sítios arqueológicos encontrados são de civilizações não-helênicas. Contudo, há alguns sítios de colonização grega e alguns em que o contato com essa cultura pode ser atestado, mas nada além disso. O *IACP* não desceve uma *pólis* de nome Lâmia na região da Cilícia, nem mesmo um assentamento pré-helenístico não atestado como *pólis*. Cf. Hansen & Nielsen, *IACP*, 2004, pp. 1211-1222.

<sup>83</sup> Estêvão de Bizâncio, *Ἐθνικά* - "Sobre as cidadanias", 656.3-4: "<Φάλαρα,> πόλις Θεσσαλίας πλησίον Λαμίας. τὸ ἔθνικόν Φαλαρεὺς ὡς Μεγαρεὺς" - "<Fálara> cidade da Tessália porto de Lâmia. A cidadania é falareus como em megareus". Texto grego retirado de Meineke, 1958 = *TLG*. Sobre a região da Mália e o porto de Fálara, cf. Hansen & Nielsen, *IACP*, 2004, pp. 685-686 e 711, que esclarecem que a localização desse porto não é certa.

<sup>84</sup> Teognosto, *Κάνονες* (*Canones siue De orthographia*), 581.1-581.4: "Καθόλου τὰ διὰ τοῦ εἰα προπαροξύτονα, εἴτε ἐπὶ πόλεων, εἴτε ἐπ' ἄλλης τινὸς οἰασοῦν σημασίας, πλὴν τῶν διὰ τοῦ τρια, διὰ τῆς εἰ διφθόγγου γράφονται· σεσημειωμένων τοῦ πότνια· Ὀμπνια· Λάμια· Πολύμνια" - "*Cânones* ou *Sobre a ortografia*", 581.1-581.4: Em geral, as proparoxítonas terminadas em -eia são ou sobre guerra, ou sobre alguma outra significação como tal, exceto as terminadas em -tria, que são grafadas com o ditongo -ei; são exceções o *pótnia* ("senhora"), *Ómpnia*, *Lâmia*, *Polúmnia*". Texto grego retirado de Cramer, 1835.

<sup>85</sup> George Queróbosco, *Epimerismos Homéricos*. Há uma discussão sobre a real autoria dos *Epimerismos*: a hipótese mais provável é a de que esse gramático e crítico bizantino de nome Queróbosco (séculos VIII-IX) tenha sido o compilador e escritor dessa obra, apesar de ela ter passado à Posteridade como anônima. O *Epimerismos Homéricos* é uma obra constituída de comentários gramaticais acerca de palavras dos textos homéricos. Cf. Dickey, 2007, pp. 14, 27-28, 80-81 (as duas últimas páginas tratam apenas de Queróbosco, sua vida e obra).

vertendo uma lágrima, e o escudou a veneranda mãe".<sup>86</sup> Nesse comentário, *lâmia* é apenas citada como exemplo de paroxítone, nos mesmos moldes do que Teognosto já havia feito.<sup>87</sup>

Quatrocentos anos de distância separam Fócio de Hesíquio de Alexandria. Ainda assim, um léxico do mesmo tipo do compilado pelo segundo foi escrito pelo primeiro. O *Léxico* de Fócio, no que diz respeito aos verbetes *λάμια*, é bem mais completo que o de seu antecessor.<sup>88</sup> Nessa obra Fócio primeiramente cita a peça *Lâmia* de Crates para explicar o advérbio "masculamente" (ἀνδριστι), em dois verbetes na letra alfa, e depois dedica três verbetes a *λάμια*.<sup>89</sup>

<sup>86</sup> Homero, *Iliada* I.357-358: "Ὡς φάτο δάκρυ χέων, τοῦ δ' ἔκλυε πότνια μήτηρ / ἡμένη ἐν βένθεσσιν ἄλως παρὰ πατρὶ γέροντι." - "Assim disse, vertendo lágrima, e o escudou a veneranda mãe / assentada no fundo do mar ao lado do velho pai" (texto grego retirado de Allen, 1931). Nesse trecho Aquiles está reclamando da injustiça que lhe fez Agamêmnon, de tomar dele sua escrava Briseida, que lhe havia sido concedida como prêmio por reconhecimento de seu valor em batalha.

<sup>87</sup> "Ἐπιμερισμοὶ σὺν Θεῷ τῆς Α Ὀμήρου - *Epimerismi Homerici* 357.1-6 <πότνια>: διὰ τοῦ <ι> γράφεται, ἐπειδὴ τὰ διὰ τοῦ <εῖα> προπαροξύτονα, ὑπεσταλμένων τῶν διὰ τοῦ <τρια>, διὰ τῆς <εῖ> διφθόγγου γράφεται, οἷον ἀναΐδεια, φληνάφεια, ἐνέργεια καὶ τὰ ὅμοια. πρόσκειται "ὑπεσταλμένων τῶν διὰ τοῦ <τρια>," οἷον Ἐρέτρια, λαϊκάστρια (σημαίνει δὲ τὴν πόρνην), μονάστρια, ψάλτρια, καὶ χωρὶς τοῦ πότνια, Πολύμνια, Λάμια, Ἰάμνια, Ὀμπνια (σημαίνει δὲ τὴν Δήμητραν)· δεῖ προσθεῖναι καὶ χωρὶς τοῦ Ἀκυλῆϊα (ἔστι δὲ ὄνομα πόλεως)." - "*Epimerismos com Deus de Homero I - Epimerismos Homéricos* 357.1-6 <πότνια ("senhora")>: é grafada com o <i>, já as proparoxítonas que são terminadas com o <tria>, são grafadas com o ditongo <ei>, como *anaideia* ("impudência"), *phlenápheia* ("tagarelice"), *enérgeia* ("ação, energia") e as similares. Ao lado de «terminadas com o <tria>», como *Erétria*, *laikáστρια* (significa a prostituta), *monáστρια* ("freira"), *psáltria* ("tocadora de harpa"), sem ele *póτνια* ("senhora"), *Polýmnia*, *Lámia*, *Iámnia*, *Ómpnia* (significa também a Deméter)". Texto grego retirado de Dyck, 1983 = TLG.

<sup>88</sup> Cf. Fócio, *Lexico*, A.1759.1 e 3396.1, A.205.8, 205.9-19 e 205.20-21. O *Léxico* de Fócio foi escrito antes de sua famosa *Biblioteca*, e é um compêndio de palavras baseado em autores anteriores, como Hélio, Dioniso, Pausânias, Diogeniano e pode ter suas maiores influências identificadas: o *Timeu*, de Platão, e a *Συναγωγή χρησίμων λέξεων*, uma das obras que compõem os *Léxicos Seguerianos*, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1175. Eleanor Dickey afirma que o *Léxico* de Fócio é um trabalho enorme, que está preocupado primeiramente com palavras encontradas na prosa grega, apesar de alguns elementos da velha comédia grega também aparecerem. Há apenas um manuscrito que contém essa obra de Fócio, e ele só foi descoberto em 1959, de modo que sua edição mais recente e completa ainda estava em fase de preparação por Theodoridis em 2007 quando Dickey publicou seu livro, cf. Dickey, 2007, pp. 101-102.

<sup>89</sup> Fócio, Λέξικον - "*Léxico*" A.1759: "<Ἀνδριστι μιμεῖσθαι φωνήν>· ὡς ἀνὴρ. Κράτης Λαμῖα" - "Masculamente ter imitado a voz': como macho. Na *Lâmia* de Crates". Texto grego retirado de Theodoridis, 1982 = TLG. "ἀνδριστι: em um fragmento do historiador Frínico, *Preparação sofisticada*, e em Aristófanes, *Ecclesiazusae* 149 esse advérbio também aparece. Cf. Aristófanes, *Ecclesiazusae*, 149: "ἄγε νῦν ὅπως ἀνδριστι καὶ καλῶς ἐρεῖς" - "muito bem! agora belamente, e como homem, fala". O contexto desse verso é o da conversa entre Praxágora e outra mulher: a primeira está instruindo a segunda nas artes de imitar um homem. As mulheres estão reunidas, tentando decidir qual delas vai falar na assembleia perante os homens, disfarçada de homem. No final é Praxágora quem vai, uma vez que as outras mulheres não conseguem imitar um homem convenientemente. Frínico cita exatamente o mesmo fragmento em sua obra *Preparação sofisticada*, 213.1: "<ἀνδριστι μιμεῖσθαι φωνήν>· ὡς ἀνὴρ. Κράτης Λαμῖα" - "<ter imitado a voz de um homem>: como macho. Na *Lâmia* de Crates". Cf. a discussão sobre essas palavras nesta mesma tese, em Crates, p. 72. Fócio, *Léxico* A.3396 "<Ἀφροδίσιον ἄθυρμα>· Κράτης Λαμῖα· 'καὶ μάλιστα' ἀφροδίσιος ἄθυρμασιν'. <\*\*\*> ἦδὺ γὰρ κάκεῖνο δρᾶν ἔστι, λέγεσθαι δὲ οὐ καλόν" - "Brinquedos de Afrodite': na *Lâmia* de Crates: 'e mais com brinquedos de Afrodite'. <\*\*\*> pois aquele é doce de fazer, mas não é bom de ser falado. Texto grego retirado de Theodoridis, 1982 = TLG. "ἄθυρμα": substantivo neutro cujo primeiro significado é

O primeiro verbete λάμια de Fócio informa que ela "é uma fera" (θηρίον).<sup>90</sup>

O segundo verbete é mais extenso e faz duas referências à palavra. Ele é iniciado com a história narrada por Dúris de Samos, segundo a qual Lâmia era uma bela mulher da Líbia que manteve um relacionamento com Zeus, o que gerou ciúmes em Hera, que matou todos os filhos deles; a dor de Lâmia foi tão intensa que a deformou (δύσμορφον γεγονέναι), e ela passou a raptar (ἀναρπάζουσιν) e matar (διαφθείρειν) os filhos das outras pessoas. Na segunda parte do mesmo verbete Fócio narra rapidamente o episódio da Guerra de Lâmia, e cita dois versinhos de Menandro para confirmar seu registro.<sup>91</sup> No terceiro verbete λάμια de seu *Léxico*, Fócio cita a mulher que fica escornada na *Ágora* de Atenas (ἐν ἀγορᾷ διατρίβουσα) andando com um pau na mão (σκύταλον ἔχουσα) e brandindo um chocalho (ἐπιψοφοῦσα), já citada por Crates e Aristófanos, e por comentadores posteriores a esses autores, como Hesíquio de Alexandria.<sup>92</sup>

Fócio apresenta, ainda, dois verbetes λάμια em sua obra enciclopédica mais conhecida, a *Biblioteca*.<sup>93</sup> No primeiro deles, citando a obra de um tal Ptolomeu

---

"brinquedo", sendo "prazer, encanto" uma das acepções possíveis (cf. *LSJ*, 1996, pp. 33-34). "ἀφροδίσιος": adjetivo triforme que se refere "àquilo que pertence à deusa do amor" (cf. *LSJ*, 1996, p. 293).

<sup>90</sup> Cf. Fócio, *Léxico* Λ.205.8: "<Λάμια>: θηρίον" - "<Lamia>: fera". Texto grego retirado de Porson, 1822 = *TLG*.

<sup>91</sup> Cf. nesta tese Fócio, *Léxico* Λ.205.9-19: "<Λάμια>: ταύτην ἐν τῇ Λιβύῃ Δοῦρις ἐν δευτέρῳ Λιβυκῶν ἱστορεῖ γυναῖκα καλὴν γενέσθαι· μιχθέντος δὲ αὐτῇ Διὸς, ὑφ' Ἡρας ζηλοτυπομένην ἄετικτεν ἀπολλύναι· διόπερ ἀπὸ τῆς λύπης δύσμορφον γεγονέναι· καὶ τὰ τῶν ἄλλων παιδία ἀναρπάζουσιν διαφθείρειν· ἔστι δὲ καὶ πόλις Θεσσαλίας, ὅθεν ὀρμηθέντες οἱ Ἕλληνας μετὰ τὸν Ἀλεξάνδρου θάνατον, Ἀθηναίων ἡγουμένων, τῆς ἐλευθερίας ἀντιποιησάμενοι τὸν Ἀντίπατρον ἐνίκησαν· Μένανδρος Ἀνδρογύνῳ· Πλήσας γὰρ ἔφερεν ἐκ παρατάξεως ποθὲν Τὰς ἐν Λαμίαι πάσας" - "<Lâmia>: Dúris, no segundo livro dos líbios, narra que essa bela mulher nasceu na Líbia. Por ter transado com Zeus, todos os que paria eram destruídos pela enciumada Hera. Por causa da dor, se tornou disforme e as crianças dos outros, após raptar, matava. É também uma cidade da Tessália onde os gregos, incitados após a morte de Alexandre, com os atenienses no comando, e lutando pela liberdade, venceram Antípatro. No *Andrógino* de Menandro: 'estava cheio pois carregava todas as coisas a respeito da linha de batalha em Lâmia". Texto grego retirado de Porson, 1822 = *TLG*.

<sup>92</sup> Cf. nesta tese Fócio, *Léxico* Λ.205.20-21: "<Λάμια>: γυνὴ Ἀθήνησιν ἐν ἀγορᾷ διατρίβουσα, σκύταλον ἔχουσα καὶ ἐπιψοφοῦσα· ἔστι δὲ καὶ θηρίον" - "<Lâmia>: mulher que passava o tempo na *Ágora* com os atenienses, portando um pau e chocalhando. É também uma fera". Texto grego retirado de Porson, 1822 = *TLG*. O trecho acima é um dos que servem como fontes do fragmento de Crates, juntamente com o de Hesíquio. Esse trecho está bem comentado nesta tese, mas ainda vale notar: Fócio informa que a Lâmia que ficava na *Ágora* de Atenas portava um chocalho que ficava sacudindo ("ἐπιψοφοῦσα"), e também era uma fera ("ἔστι δὲ καὶ θηρίον"), acrescentando características à essa mulher citada por Crates. Cf. nesta tese *supra* Crates, pp. 67-69; Aristófanos, pp. 81-84.

<sup>93</sup> Fócio é considerado um dos maiores eruditos bizantinos. A *Biblioteca* que ele escreveu é tida como uma das compilações mais importantes de todo o período, pois preserva em citações obras de autores que de outro modo estariam perdidos para nós. Dickey elogia muito essa obra, ao contrário de Hornblower & Spawforth que a consideram "mal enjambrada". A *Myriobiblion ou Biblioteca* de Fócio é considerada a primeira obra de caráter enciclopédico do Período Bizantino. Fócio a dedicou a seu irmão, Tarásio, e a compôs das resenhas de 280 livros, cristãos e pagãos, que leu e compilou, os quais resume e comenta. A exceção são trabalhos científicos e poéticos, que ficaram fora da compilação.

Heféstio, ele narra a história de um Aquiles filho de Zeus e Lâmia, que venceu um concurso de beleza julgado por Pã.<sup>94</sup> No segundo verbete ele comenta a *Oração Fúnebre* de Hipérides, que este último pronunciou aos caídos na Guerra de Lâmia.<sup>95</sup>

O século contou ainda com a escrita do primeiro de uma série de etimológicos: o *Etimológico pequeno (parvo)*, do início do século. Os etimológicos desse período foram uma série de compilações monumentais de escolas bizantinas, como afirma Dickey:

Um número de léxicos Bizantinos enormes e anônimos sobreviveu mais ou menos intacto e preserva uma grande e valiosa erudição antiga. Apesar de serem tradicionalmente referidos como *etymologica*, eles não tratam, de maneira alguma, apenas de etimologia. Eles são constituídos de *lemmata* (em ordem alfabética) seguidas de algum tipo de explicação, tal como uma definição, uma etimologia, e/ou informação extra a respeito do uso, constantemente incluindo citações da literatura.<sup>96</sup>

As fontes do *Etimológico pequeno* podem ser traçadas do século II para frente,

---

Fócio enfatiza seus comentários em questões estilísticas, emitindo muitas vezes juízos de valor a respeito das obras por ele lidas. Hornblower & Spawforth o consideram "apressadamente compilado e mal-arranjado", mas atribuem-lhe valor inestimável pelas críticas literárias e bibliográficas, e pelo fato de ser o único trabalho a preservar a obra de vários autores que de outro modo não chegaram aos nossos dias. Fócio usa predominantemente teologia e historiografia em seus comentários, mas não deixa de lado a oratória, a filosofia, a ciência, a medicina, e lexicografia, e até mesmo algo de ficção. Para todas essas informações cf. Dickey, 2007, pp. 103-104; Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1175.

<sup>94</sup> Fócio, *Biblioteca* 190.152a41-190.152b2: "Καὶ Διὸς καὶ Λαμίας Ἀχιλλεῖα φασὶ γενέσθαι τὸ κάλλος ἀμήχανον, ὃν καὶ ἐρίσαντα περὶ κάλλους νικῆσαι τοῦ Πανὸς κρίναντος" - "E dizem que houve um Aquiles, a beleza irresistível, que nasceu de Zeus e de Lâmia, e que, competindo pela beleza, venceu. Pan foi o juiz". Texto grego retirado de Photius, 1959-1977 = *TLG*. É a primeira vez que vemos a maternidade de algum Aquiles ser atribuída a Lâmia. O texto tem um tom impessoal, e para isso Fócio usa o verbo φημί na terceira pessoa do plural: "dizem" não tem uma pessoa definida, pode ser até mesmo uma invenção. Na verdade Fócio está comentando a obra de Ptolomeu Heféstio, de título *A Nova História*, que era dividida em seis livros, como o próprio Fócio elucida no início de seu comentário (Fócio, *Biblioteca*, 190.146a.41-190.153b.30). No trecho em questão Fócio cita uma passagem em que Ptolomeu conta a história do nome Aquiles, e da razão de sua fama. Vários Aquiles são citados, inclusive este suposto filho de Lâmia e Zeus. A narrativa completa acerca do nome Aquiles pode ser encontrada em Fócio, *Biblioteca*, 190.152a.29-190.152b.7. Não se sabe quem vem a ser esse Ptolomeu Heféstio. Houve tentativas de identificá-lo, mas foram descartadas.

<sup>95</sup> Cf. Fócio, *Biblioteca* 266.496a4-266.496a6: "Ἐκοινώνησε δὲ καὶ τοῦ λαμιακοῦ πολέμου τῷ Δημοσθένει, καὶ ἐπὶ τοῖς ἐν τῇ μάχῃ πεσοῦσιν ἐπιτάφιον εἶπε, πολλῶν ἐπὶ τούτῳ θαῦμα καὶ ἔπαινον καρπωσάμενος" - "Participou também da Guerra Lamíaca com Demóstenes, e pronunciou um epitáfio sobre os caídos na luta, colhendo, sobre esse, maravilha e louvor de muitos". Texto grego retirado de Photius, 1959-1977 = *TLG*. "λαμιακός": adjetivo que foi usado pela primeira vez por Xenócrates da Calcedônia, como registrado na literatura antiga que nos resta. Cf. a discussão sobre esse adjetivo nesta mesma tese, tanto em Xenócrates, pp. 90-93, quanto em Coerilo de Iaso, pp. 100-102.

<sup>96</sup> Dickey, 2007, p. 91: "A number of enormous, anonymous Byzantine etymological lexica have survived more or less intact and preserve much valuable ancient scholarship. Though traditionally referred to as *etymologica*, they are by no means strictly concerned with etymologies. They consist of *lemmata* (in alphabetical order) followed by some type of explanation, such as definition, an etymology, and/or further information on usage, often including quotations from literature".

incluindo as obras de Herodiano, Oro, Órion, Teognosto, Queróbosco, entre outros, que por sua vez também se baseiam em fontes eruditas anteriores. Os etimológicos preservam em si uma carga muito grande de trabalhos helenísticos, e até mesmo de trabalhos antigos, uma vez que citam muitos trechos de obras clássicas que foram perdidas e só se encontram acessíveis para nós através dessas compilações monumentais.<sup>97</sup>

A entrada para λάμια do *Etimológico pequeno* diz apenas que ela tem uma boca (ou goela, garganta) grande (λαιμὸν μέγαν) e oferece um sinônimo que não havia sido registrado antes (Λαίμια), o qual não é explicado por nenhum autor que pertença a nosso *corpus*, nem antes, nem depois do referido etimológico.<sup>98</sup>

Logo após o *Etimológico pequeno* veio o *Etimológico genuíno*, em meados do século IX.<sup>99</sup> O registro feito por essa compilação é basicamente geográfico, e muito parecido com o de Estêvão de Bizâncio. Ele cita uma rainha dos traquínios de nome Lâmia (γυναικὸς Λαμίας, ἥτις ἐβασίλευσε Τραχινίων), e inclui uma informação nova a respeito do vocábulo: é usado para indicar os "abismos, fendas, desfiladeiros" (χάσματα).<sup>100</sup> Χάσμα é a mesma palavra que Oripiano usa para descrever a boca aberta do peixe que era denominado λάμια.<sup>101</sup>

---

<sup>97</sup> Aparentemente a composição de etimológicos foi iniciada por pensadores helenísticos, inspirados no *Crátilo*, de Platão. Dessa maneira, desde o começo do Período Bizantino já havia léxicos compostos por eruditos, muito antes de os *Etymologica* serem compilados. Infelizmente, quase todos esses léxicos do início do Período Bizantino e do Período Helenístico foram perdidos, o que faz dos etimológicos obras de valor inestimável, pois preservam bastante da erudição bizantina, helenística e antiga em seus registros. Cf. Dickey, 2007, p. 91; Hornblower & Spawforth, 1996, p. 561.

<sup>98</sup> "*Etymologicum parvum* Λ.40 <Λάμια>: ἀπὸ τοῦ ἔχειν λαιμὸν μέγαν, Λαίμια καὶ Λάμια" - "*Etimológico Pequeno* <Lamia>: a que tem uma grande garganta, Laimia e Lâmia". Texto grego retirado de Pintaudi, 1973 = *TLG*. Também é conhecido como *Ἐτυμολογικὸν Μικρόν*, apesar de conter 3.765 palavras em grego. O *Etimológico pequeno* é o mais antigo dos etimológicos, mas não é tão útil para os pesquisadores porque tem um número reduzido de entradas e de citações, não está totalmente editado, e apenas metade de suas entradas chegou até nossos dias, o que o torna bem deficiente, em comparação com seus outros "irmãos". Cf. Dickey, 2007, p. 91. "λαιμὸν": de λαιμός - "garganta, esôfago". A discussão sobre essa palavra foi feita acima, neste mesmo texto.

<sup>99</sup> *Etymologicum Genuinum*, Λ.26. O mais provável, segundo os especialistas, é que essa obra tenha sido composta pelo ciclo de eruditos que vivia à volta de Fócio, por volta do século IX. Dickey afirma que a partir deste etimológico, com cortes e adições maiores ou menores, todos os outros foram compilados. Cf. Dickey, 2007, p. 91; Hornblower & Spawforth, 1996, p. 561.

<sup>100</sup> "*Etymologicum Genuinum*, Λ.26 <Λαμία>: πόλις. οἱ μὲν ἀπὸ Λαμίου τοῦ Ἡρακλέους ὀνομασθῆναι, οἱ δὲ ἀπὸ γυναικὸς Λαμίας, ἥτις ἐβασίλευσε Τραχινίων. ἔστι δὲ καὶ προσηγορικὸν καὶ σημαίνει τὰ χάσματα" - "L.26 <Lamia>: cidade. Uns dizem que é denominada a partir de Lâmio, filho de Hércules, uns dizem que a partir de uma mulher Lâmia, que foi rainha dos traquínios. É também um prenome e indica os abismos". Texto grego retirado de Alpers, 1969 = *TLG*. "Λαμίου τοῦ Ἡρακλέους": refere-se ao filho de Hércules com Ônfale, que era chamado Lâmio.

<sup>101</sup> Oripiano da Cilícia, I.369-370: "ἐν δὲ δαφονιῇ πρῆστις ἀταρτηρῆς τε δυσαντέα χάσματα λάμνης" - "e a insuperável boca escancarada da maliciosa lâmia". Beekes afirma que χάσμα deriva do verbo χάσκω - "bocejar, escancarar (a boca)", e do verbo χαίνω, que é uma variação do primeiro. Outro substantivo derivado, χάσμη - "bocejo", especialmente o de sono, resultou no verbo χασμάομαι - "bocejar, estar de

#### 1.2.4. O século X:

No final do século o léxico a que hoje denominamos *SUDA* foi composto. Ele é, ainda hoje, um dos léxicos mais consultados e citados pelos estudiosos para comprovações de vidas e trabalhos perdidos de autores.<sup>102</sup> A *Suda* traz várias entradas que tratam da palavra λάμια. A primeira está na letra Α, no nome Αντίπατρο, e fala resumidamente da atuação desse general na Guerra de Lâmia.<sup>103</sup> A segunda, na letra

---

boca aberta". Há ainda um terceiro substantivo derivado de χάσκω, χάνος - "garganta, boca". Beekes afirma que a raiz do verbo χάσκω é antiga, e concorda com a palavra germânica-nórdica *gan* - "abertura da boca, garganta, guelra", derivada do verbo *gana* - "abrir largamente, desejar, escancarar". Assim, tanto essas palavras gregas quanto as germânicas teriam um campo semântico largo de atuação, podendo ser usadas para humanos e animais, especialmente peixes (*vide* o uso para designar as guelras). Beekes informa ainda que χάσκω e χάσμα são formados da mesma maneira que φαίνω e φάσμα. Essa última palavra também é usada para descrever a *lâmia*, em Filóstrato, no trecho em que Apolônio de Tiana diz que as lâmias são φάσματα - "espectros". Cf. Beekes, pp. 1616-1617; *LSJ*, 1996, p. 1981. Cf. ainda, nesta tese, Flávio Filóstrato, pp. 254-261; e Opiano da Cilícia, pp. 264-271.

<sup>102</sup> Compilada no final do século X, a *Suda* é um léxico enciclopédico ao modo dos etimológicos, com cerca de trinta mil entradas. Algumas delas são pequenas, apenas seguidas de uma definição simples, outras são entradas enormes, seguidas de artigos inteiros com citações de obras e autores antigos e helenísticos. A hipótese para o nome dessa obra monumental é a de que seja derivado da palavra grega bizantina *souda*, que significa "forte, fortaleza". Contudo, do século XII a meados do século XX, a obra foi chamada de *Léxico de Sudas*, pois acreditava-se que Sudas era o nome do autor. Há alguns especialistas que ainda defendem essa possibilidade, enquanto outros defendem a primeira possibilidade, de que *Suda* é o nome da obra. Contudo, não há como ter certeza. Assim, optamos por manter a conclusão da maioria dos estudiosos de que o nome da obra é *Suda*, e por acreditar que tenha sido compilada por um grupo anônimo de eruditos bizantinos. A *Suda* é claramente baseada no *Léxico* de Fócio, e pesquisas recentes afirmam que algumas entradas foram apenas copiadas deste último. Ela é usada amplamente como referência, por conter uma preciosa erudição antiga que estaria perdida para nós não fosse seu aparecimento ali. As fontes do trabalho parecem ser, além do léxico de Fócio, um léxico perdido de Hesíquio de Mileto, que não é citado em mais lugar algum, léxicos desaparecidos do Período Romano e da Antiguidade Tardia. Contudo, como esses trabalhos foram baseados em obras de eruditos do Período Alexandrino, e também dos poetas e historiadores antigos, a *Suda* contém uma grande quantidade de referências a esses períodos (as peças de Aristófanes, por exemplo, aparecem em mais de cinco mil entradas). Cf. Dickey, 2007, p. 90; e Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1451. Estes autores elogiam a obra, mas afirmam que, por ser uma compilação de compilações, ela sofreu muitas interpolações que a tornaram "imperfeita", pois algumas entradas fornecem informações contraditórias.

<sup>103</sup> *Suda*, A.2704 "<Αντίπατρος>- οὗτος ἐπεὶ διεδέξατο τὴν ἀρχὴν τῶν Μακεδόνων, ἐπολιορκήθη μὲν ἐν Λαμίᾳ τῆς Θεσσαλίας ὑφ' Ἑλλήνων· ἀναχωρησάντων δὲ τῶν Αἰτωλῶν, εἶτα τῶν ἄλλων, ἐσώθη. νικήσας δὲ ἦται τοὺς ἑπτὰ ῥήτορας, οὓς ἐξέδοσαν Ἀθηναῖοι, Δημοσθένην, Ὑπερίδην, Λυκούργον, Πολύεκτον, Ἐφιάλτην, Θρασύβουλον, Χάρητα, Χαρίδημον, Διότιμον, Πατροκλέα, Κάσσανδρον" - "A.2704 <Αντίπατρο>: este, quando deteve o comando dos macedônios, foi cercado em Lâmia da Tessália pelos helenos. Mas, retirando-se os etólios, e depois os outros, foi salvo. Vencedor, pediu aos atenienses que entregassem os dez oradores: Demóstenes, Hipérides, Licurgo, Polieucto, Efiálfes, Trasíbulo, Cárita, Carídemon, Diótimo, Pátroclo e Cassandro". Texto grego retirado de Adler, 1971<sup>1</sup>; 1967<sup>2</sup>; 1967<sup>3</sup>; 1971<sup>4</sup> = *TLG*.

Αντίπατρο tinha sido general de Filipe II da Macedônia, e continuou neste trabalho durante o reinado de seu filho, Alexandre II, o grande. Quando este último partiu para suas campanhas na Ásia, deixou Αντίπατρο no comando da Grécia e da Macedônia. Foi substituído por Crátero na Macedônia por ter incorrido no desgosto de Alexandre, condição que acabou com a morte deste. Αντίπατρο tornou-se o regente supremo do Império Macedônico na Europa. Contudo, teve de enfrentar uma magnífica coalisão grega na Guerra de Lâmia, e teria perdido, não fosse a ajuda de Crátero, que o salvou com seus reforços enviados da Ásia. Quando soube das intenções dinásticas de Pérdicas na Ásia, para lá rumou com seus exércitos até matar Pérdicas. Presidiu o conselho em Triparadiso, e foi declarado regente do Império, com sede na Macedônia. Sua morte desencadeou as guerras entre os outros diádocos, mesmo pelo domínio da Macedônia, pois Αντίπατρο preferiu nomear Poliperconte como seu

K, trata de Crates, e cita os nomes das peças que escreveu, entre elas uma de nome *Lâmia*.<sup>104</sup>

Em terceiro lugar a *Suda* dedica duas entradas na letra Λ para a palavra λάμια. A primeira delas é idêntica à segunda entrada do léxico de Fócio: inicia narrando a história contada por Dúris de Samos da Lâmia amada por Zeus, detestada por Hera, que vira um monstro e sequestra e mata os filhos de outras mulheres, e termina com um sumário da Guerra de Lâmia, ao citar que esse também é o nome de uma cidade da região da Tessália.<sup>105</sup> Já a segunda entrada cita a fera que tem uma boca grande, e cita Aristóфанes e seu verso da *lâmia* dos testículos imundos (*Paz* 758, *Vespas* 1035), só que usa a palavra ἀπολύτους - "soltos, livres", ao invés de ἀπλύτους - "imundos, sujos". O verbete cita também os comentários anônimos a esses versos, que vão ser discutidos com calma na parte dedicada a Aristóφανes, mais à frente nesta mesma tese. A frase final do verbete menciona Lamos, e diz que era a cidade dos lestrigões.<sup>106</sup>

A entrada da *Suda* para *Mormó* usa *lâmia* como sinônimo dessa palavra, e cita Aristóφανes, *Acarnenses* 582: "te suplico, afasta de mim a *Mormó*!" (ἀντιβολώ σ', ἀπένεγκέ μου τὴν Μορμόνα), e também *Cavaleiros* 693: "Ai que insolência!" (Μορμώ τοῦ θράσους). O verbete é complementado com as citações dos comentários anônimos feitos a essas passagens. O que se refere ao verso de

---

sucessor ao invés de seu próprio filho Cassandro. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 110; Walbank, 1992, pp. 46-49; Shipley, 2000, pp. 40-43; Romm, 2011, pp. 23-24, 45-46, 62 (o mapa na página 60 mostra a divisão do Império Alexandrino logo após a morte do rei); Waterfield, 2011, mapa F, pp. 16-22.

<sup>104</sup> *Suda*, K.2339: "<Κράτης> Ἀθηναῖος, κωμικός· οὗ ἦν ἀδελφὸς Ἐπίλυκος, ποιητὴς ἐπῶν. δράματα δὲ αὐτοῦ εἰσὶν ζ'· Γεῖτονες, Ἡρώες, Θηρία, Λάμια, Πεδῆται, Σάμιοι. ἔγραψε δὲ καὶ καταλογάδην τινά" - "<Crates>: ateniense, comediógrafo; do qual era irmão Epílico, poeta épico. Suas peças são seis: *Vizinhos*, *Heróis*, *Feras*, *Lâmia*, *Pedestres*, *Sâmios*. Escreveu ainda também alguma prosa". Texto grego retirado de Adler, 1971<sup>1</sup>; 1967<sup>2</sup>; 1967<sup>3</sup>; 1971<sup>4</sup> = *TLG*.

<sup>105</sup> *Suda*, Λ.84: "<Λαμία> ταύτην ἐν τῇ Λιβύῃ Δοῦρις ἐν β' Λιβυκῶν ἱστορεῖ γυναῖκα καλὴν γενέσθαι, μιχθέντος δὲ αὐτῇ Διός, ὑφ' Ἡρας ζηλοτυπουμένην, ἃ ἐτικτεν ἀπολλύναι· διόπερ ἀπὸ τῆς λύπης δύσμορφον γεγενῆσθαι καὶ τὰ τῶν ἄλλων παιδία ἀναρπάζουσαν διαφθεῖρειν. ἐστὶ δὲ καὶ πόλις Θεσσαλίας, ὅθεν ὀρμηθέντες οἱ Ἕλληνας μετὰ τὸν Ἀλεξάνδρου θάνατον, Ἀθηναίων ἡγουμένων, τῆς ἐλευθερίας ἀντιποιησάμενοι τὸν Ἀντίπατρον ἐνίκησαν. Μένανδρος Ἀνδρογόνω· πλήσας γὰρ ἔφθειρεν ἐκ παρατάξεώς ποθεν τὰς ἐν Λαμῖα πάσας" - "<Lâmia>: Dúris, no segundo [livro] dos líbios, narra que essa bela mulher nasceu na Líbia. Por Zeus ter transado com ela, foi invejada por Hera, que destruiu tudo o que ela paria. Por causa da dor se tornou disforme e raptando as crianças dos outros, matava. É também uma cidade da Tessália onde os gregos, incitados após a morte de Alexandre, com os atenienses no comando, e lutando pela liberdade, venceram Antípatro. No *Andrógino* de Menandro: "estava cheio pois carregava todas as coisas a respeito da linha de batalha em Lâmia". Texto grego retirado de Adler, 1971<sup>1</sup>; 1967<sup>2</sup>; 1967<sup>3</sup>; 1971<sup>4</sup> = *TLG*.

<sup>106</sup> *Suda*, Λ.84: "<Λάμια>· θηρίον. ἀπὸ τοῦ ἔχειν μέγαν λαιμόν, λαιμία καὶ λάμια. Ἀριστοφάνης· φώκης δ' εἶχεν ὁσμήν, λαιμίας ὄρχεις ἀπολύτους. δραστικοὶ γὰρ οἱ ὄρχεις. εἰδωλοποιεῖ δὲ τινὰς ὄρχεις λαιμίας· θῆλυ γάρ. καὶ Λάμος, πόλις Λαιστρυγόνων" - "<Lâmia>: fera. Sobre a qual [dizem] ter uma boca grande, *laimia* e *lâmia*. Aristóφανes: de uma foca tinha o bodum, de uma *lâmia* os testículos livres. São de fato ativos os testículos. Representa testículos de alguma *lâmia*: mas é de fato fêmea. E ainda *Lamo*, cidade dos lestrigões". Texto grego retirado de Adler, 1971<sup>1</sup>; 1967<sup>2</sup>; 1967<sup>3</sup>; 1971<sup>4</sup> = *TLG*.

*Acarnenses* afirma que a *Mormó* era parte dos pavores (τὰ φοβερὰ); o que se refere ao de *Cavaleiros* cita a possibilidade de se usar a interjeição φεῦ no lugar da palavra Μορμό.<sup>107</sup> O comentário deixa claro o valor interjetivo desta última palavra grega no verso 693 de *Cavaleiros*.

A *Suda* apresenta ainda uma entrada que menciona a palavra λάμια na letra sigma. O verbete é Σίβυλλα, e faz um resumo daquela história que narra que a primeira sibila a proferir os oráculos de Apolo era filha da Lâmia filha de Poseidon.<sup>108</sup> Essa versão foi contada por Díon Crisóstomo, Plutarco e Pausânias, e um pouco mais tarde (um a dois séculos), pelos *Oráculos sibílinos* e por Lactânio.<sup>109</sup>

Finalmente, a *Suda* faz sua última referência a *lâmia* na entrada que fala sobre Coerilo de Iaso, afirmando que ele escreveu um poema de nome *Lamiacas*, ou *As coisas de Lâmia*.<sup>110</sup>

<sup>107</sup> *Suda*, M.1252: "<Μορμό:> λέγεται καὶ Μορμό, Μορμοῦς, ὡς Σαπφώ. καὶ Μορμών, Μορμόνος. Ἀριστοφάνης· ἀντιβολῶ σ', ἀπένεγκέ μου τὴν Μορμόνα. ἄπο τὰ φοβερὰ· φοβερὰ γὰρ ὑπῆρχεν ἡ Μορμό. καὶ αὐθις Ἀριστοφάνης· Μορμῶ τοῦ θράσους. μορμολύκειον, ἦν λέγουσι Λαμίαν· ἔλεγον δὲ οὕτω καὶ τὰ φοβερὰ. λείπει δὲ τὸ ὡς, ὡς Μορμό, ἢ ἐπιρρηματικῶς ἐξενήκεται, ὡς εἰ ἔλεγε, φεῦ τοῦ θράσους" - "<Μορμό:> é também chamada *Mormó*, *Mormus*, como Safó. E *Mormós*, *Mormónos*. Aristófanes: 'te suplico, afasta de mim a *Mormó*!'. Dos pavores, pois nos pavores existia a *Mormó*. E Aristófanes de novo: 'ai, que insolência!', espantalho / duende, à qual chamam *Lâmia*. Chamavam assim também os pavores. Falta contudo o 'como', como *Mormó*. Ou conduzido com sentido adverbial, como dizia, 'ai de mim, que insolência!'. Texto grego retirado de Adler, 1971<sup>1</sup>; 1967<sup>2</sup>; 1967<sup>3</sup>; 1971<sup>4</sup> = *TLG*. O segundo comentário deixa claro o valor interjetivo da palavra Μορμό no verso 693 de *Cavaleiros*.

<sup>108</sup> *Suda*, Σ.355: "<Σίβυλλα,> Απόλλωνος καὶ Λαμίας, κατὰ δὲ τινὰς Ἀριστοκράτους καὶ Ὑδάλης, ὡς δὲ ἄλλοι Κριναγόρου, ὡς δὲ Ἑρμιππος Θεοδώρου. Ἐρυθραία, παρὰ τὸ τεχθῆναι ἐν χωρίῳ τῶν Ἐρυθρῶν, ὃ προσηγορεύετο Βάτοι· νῦν δὲ αὐτὸ τὸ χωρίον πολισθὲν Ἐρυθραὶ προσαγορεύονται. τινὲς δὲ αὐτὴν Σικελὴν, ἄλλοι Λευκανὴν, ἄλλοι Σαρδάνην, ἄλλοι Γεργιθίαν, ἄλλοι δὲ Ῥοδίαν, ἄλλοι Λίβυσσαν, ἄλλοι Σαμίαν ἐδόξασαν. γέγονε δὲ τοῖς χρόνοις τῆς Τρωϊκῆς ἀλώσεως μετὰ υπγ' ἔτη, καὶ συνετάξατο βιβλία ταῦτα· Περὶ παλμῶν, μέλη, χρησμούς. λέγεται δὲ καὶ τρίγωνον εἶδος λύρας αὐτὴν πρῶτον εὑρεῖν" - "<Sibilla> de Apolo e de Lâmia; segundo alguns de Aristocrato e de Hidále; de acordo com outros, de Crinagóro; e ainda segundo Hermipo, de Teodoro. Eritreia, por ter sido parida na vila dos eritreus, que era chamada Bato: mas agora que foi urbanizada, chamam esta vila de Eritras. Alguns pensaram que ela era siquélia, outros, leucânia, outros, sardenha, outros, gergítia, outros ainda, ródia, outros, líbia, e outros, sâmia. Viveu nos tempos posteriores à tomada de Troia, no ano de 483, e compôs tais livros: *Sobre as palpitações*, *Poesias*, *Oráculos*. Dizem que ela era a primeira tanto no gênero do trígono quanto na lira". Texto grego retirado de Adler, 1971<sup>1</sup>; 1967<sup>2</sup>; 1967<sup>3</sup>; 1971<sup>4</sup> = *TLG*.

<sup>109</sup> Cf. nesta tese Díon Crisóstomo, *Oração 37*, 37.12.6-37.14.3, pp. 170-171; Plutarco, *A respeito da não proclamação dos oráculos em versos agora pela Pítia* 398C1-398D1, pp. 190-191; Pausânias, *Descrição da Grécia, Fócica, Lócica Ozólia* 10.12.1.1-2.1, pp. 206-208; *Oráculos sibílinos* P.29-P.50, pp. 272-273; e Lactânio, *Instituições divinas* I.6.8-9, *apud* Eurípides pp. 66-67.

<sup>110</sup> *Suda*, X.595 "<Χοιρίλος,> Σάμιος, τινὲς δὲ Ἰασέα, ἄλλοι δὲ Ἄλικαρνασέα ἱστοροῦσι. [...] ἔγραψε δὲ ταῦτα· τὴν Ἀθηναίων νίκην κατὰ Ξέρξου· ἐφ' οὗ ποιήματος κατὰ στίχον στατήρα χρυσοῦν ἔλαβε καὶ σὺν τοῖς Ὁμήρου ἀναγινώσκεσθαι ἐψηφίσθη· Λαμιακά· καὶ ἄλλα τινὰ ποιήματα αὐτοῦ φέρεται" - "<Coerilo> Sâmio, alguns contam que de Iaso, outros que de Halicarnasso. [...] Escreveu tais coisas: a vitória dos atenienses sobre Xerxes; por esse poema recebeu moedas de ouro por verso, e foi votado para ser reconhecido com os de Homero; *Lamiacas*; e ele ainda produziu alguns outros poemas". Texto grego retirado de Adler, 1971<sup>1</sup>; 1967<sup>2</sup>; 1967<sup>3</sup>; 1971<sup>4</sup> = *TLG*.

### 1.2.5. O século XI:

Compilação do *Etimológico gudiano*. A única entrada que contempla a palavra λάμια é idêntica à do *Etimológico pequeno*: informa que *lâmia* tem uma goela grande, e nada além.<sup>111</sup>

Outra produção dicionário-enciclopédica desse século foi o *Léxico Segueriano*, uma compilação de seis outras obras: fragmentos da obra de Frínico; fragmentos da obra de um anônimo conhecido como antiaticista; uma obra denominada *Sobre a sintaxe* (*Περὶ συντάξεως*); uma obra denominada *Palavras processuais* (*Δικῶν ὀνόματα*); uma obra denominada *Expressões retóricas* (*Λέξεις ῥητορικαί*); e uma obra denominada *Vocabulário para um orador* (*Συναγωγή χρησίμων λέξεων*).<sup>112</sup> Esta última apresenta um verbete para a palavra λάμια, no qual o autor afirma que ela é uma fera, e também uma antiga mulher líbia.<sup>113</sup>

### 1.2.6. O século XII:

Na primeira metade do século, o *Etimológico de Simeão*, do gramático Simeão, foi composto. É um léxico gramatical, que apenas cita a palavra λάμια como exemplo de proparoxítone.<sup>114</sup> Essa entrada é quase idêntica à dos *Epimerismos homéricos*, há mudanças nos exemplos citados, apenas.<sup>115</sup>

No século XII há também João Tzetzes, que escreveu uma obra monumental denominada *Χιλιάδες*, semelhante à *Biblioteca* de Fócio. Encontramos nessa obra um poema contando que os mitógrafos afirmaram que tanto a *Mormó*, que ele denomina "o Momo" (ὁ Μῶμος, "censura, reproche"), quanto a *Lâmia* eram incapazes de enxergar as suas próprias coisas, mas conseguiam ver bem as dos outros. O autor

<sup>111</sup> *Etymologicum Gudianum*, Λ.361.34: "<Λάμια>, θηρίον, ἀπὸ τοῦ ἔχειν μέγαν λαιμόν" - "L.361.34 <Lâmia>, fera, a qual tem uma grande boca". Texto grego retirado de Pintaudi, 1973 = TLG.

<sup>112</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 853.

<sup>113</sup> "*Lexica Segueriana*, *Συναγωγή λέξεων χρησίμων ἐκ διαφόρων σοφῶν τε καὶ ῥητόρων πολλῶν*, Λ.287.25 <λαμία>: θηρίον. καὶ γυνή τις ἀρχαία Λίβυσσα" - "*Léxicos Seguerianos* <lamia>: fera. E alguma antiga mulher líbia". Texto grego retirado de Bachmann, 1828 = TLG.

<sup>114</sup> "*Etymologicum Simeonis - ΕΤΥΜΟΛΟΓΙΚΟΝ ΣΥΜΕΩΝ ΤΟΥ ΜΕΓΑΛΟΥ ΓΡΑΜΜΑΤΙΚΟΥ ΑΡΧΗ ΣΥΝ ΘΕΩΙ ΤΟΥ ΑΛΦΑ ΣΤΟΙΧΕΙΟΥ* A.1.276.28-1.277.3: <ἀλεξάνδρεια>· τὰ διὰ τοῦ <εἰα> προπαροξύτονα, ὑπεσταλμένων τῶν διὰ τοῦ <τρια>, ἀποστρέφονται τὸ <ι>· ἀδράνεια, ἀΐδρεια, ἄδεια, ἄνθεια, θάλεια, ἀκράτεια. πρόσκειται ὑπεσταλμένων τῶν διὰ τοῦ <τρια>» διὰ τὸ πανδοκεῦτρια, Ἐρέτρια, λαικάστρια ἢ πόρνη. καὶ χωρὶς τοῦ πότνια, Λάμια, Πολύμνια, Ἰάμνια" - "*Etimológico de Simeão o grande gramático, início com Deus da linha alfa: <alexándreia>*: as proparoxítonas em <eia>, contraindo-se em <tria>, deixam cair o <ι>: *adráneia* ("fraqueza"), *ádeia* ("anistia"), *ántheia* ("flor"), *tháleia* ("riqueza"), *akráteia* ("debilidade"). Colocada ao lado do «contraindo-se em <tria>», terminam como *pandokeútria* ("anfítriã"), *Erétria*, *Laikáστρια*, a prostituta. E sem, terminam como *pótnia* ("senhora"), *Lámia*, *Polýmnia* ("a de muitos hinos"), *Iámnia*". Texto grego retirado de Lasserre & Livadaras, 1976 = TLG.

<sup>115</sup> Cf. neste mesmo texto, acima pp. 27-28, n. 87.

narra sobre como a *lâmia* retira seus olhos e os guarda numa jarra quando está em casa, e como os recoloca para sair. E afirma que é Luciano quem trata da *lâmia*.<sup>116</sup> João Tzetzes não faz, contudo, nenhuma citação, nem de Luciano, nem de Plutarco, autor que primeiro conta sobre essa capacidade *lamíaca*.<sup>117</sup>

Finalmente, ainda no século XII, por volta da sua metade, foi publicado em Constantinopla o *Etimológico grande*.<sup>118</sup> É claramente baseado no *Etimológico genuíno*, pois suas entradas são idênticas.<sup>119</sup>

### 1.2.7. O século XIII:

Um léxico atribuído ao erudito bizantino João Zônaras foi compilado nesta época, mas hoje já está atribuído a um "Pseudo-Zônaras", pois sabemos que foi compilado por monges bizantinos.<sup>120</sup> A entrada para a palavra λάμια fornece as

---

<sup>116</sup> "ΒΙΒΛΙΟΝ ΙΣΤΟΡΙΚΗΣ ΤΗΣ ΔΙΑ ΣΤΙΧΟΝ ΠΟΛΙΤΙΚΟΝ, ἢ Χιλιάδες θ', ΠΕΡΙ ΤΟΥ, Ο ΜΩΜΟΣ ΠΑΝΤΑ, ΟΡΩΝ ΕΑΥΤΟΝ ΟΥΧ ΟΡΑΙ σιζ'": Τὸν Μῶμον καὶ τὴν Λάμιάν φασι οἱ μυθογράφοι / Τὰ τῶν ἐτέρων βλέποντας, τὰ ἑαυτῶν μὴ βλέπειν. / Ὁ Μῶμος πῆραν γὰρ διπλὴν κατέχων ἐν τοῖς ὤμοις / Τὰ ἑαυτοῦ κατόπιν μὲν τῆς ῥάχεως βαστάζει, / Πάντα δὲ τὰ ἀλλότρια ἔμπροσθεν φέρων βλέπει. / Οὗτω τὸν Μῶμον γράφουσι. τὴν Λάμιαν δὲ πάλιν, / Οἴκοι φασι τοὺς ὀφθαλμοὺς κρύπτουσαν ἐν ἀγγείῳ, / Βλέπειν μὴδὲν τῶν ἑαυτῆς λαμβάνουσαν, πᾶν βλέπειν. / Λουκιανὸς που γέγραφε τὰ περὶ τῆς Λαμίας" - "Livro da História através de Versos Políticos, ou Chiliádes, IX, A respeito de como o Momo, tudo vendo, ele mesmo não vê 297: O Momo e a Lâmia, dizem os mitógrafos, / As coisas dos outros vendo, as deles mesmos não veem. / O Momo uma bolsa dupla de couro segura nos ombros / As coisas dele mesmo portando na lombar carrega, / Mas todas as coisas dos outros carregando em frente, vê. / Isto escrevem sobre o Momo. Já a Lâmia, por sua vez, / Em casa dizem que esconde os olhos numa jarra, / Então não vê nada dela mesma, mas [quando sai], / Os olhos dela mesma colocando, tudo vê. / Luciano é que escreveu as coisas a respeito da Lâmia". Texto grego retirado de Kiesslingius, MDCCCXXVI. O *Chiliádes* de João Tzetzes não é propriamente um léxico e nem uma enciclopédia, mas pode se enquadrar nessas duas categorias, pois cita trabalhos de mais de 400 autores antigos, helenísticos e bizantinos. É uma obra no mesmo estilo da *Biblioteca* de Fócio. Há citações de autores que estariam perdidos para nós, caso Tzetzes não os tivesse preservado em sua obra. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1568-1569; Dickey, 2007, p. 29-30.

<sup>117</sup> Cf. nesta tese Plutarco, *Sobre a indiscrição* 515F5, pp. 191-192; Luciano, *O amante das mentiras* 2.30, pp. 212-213.

<sup>118</sup> "Etymologicum Magnum - ΕΤΥΜΟΛΟΓΙΚΟΝ ΜΕΓΑ 550.50: <Λάμια>: Θηρίον. Ἀπὸ τοῦ ἔχειν μέγαν λαιμὸν, λαιμία, καὶ λάμια. <Λαμία>, πόλις· οἱ μὲν, ἀπὸ Λαμίου τοῦ Ἡρακλέους ὀνομάζουσιν· οἱ δὲ, ἀπὸ γυναικὸς Λαμίας, ἣτις ἐβασίλευσε Τραχινίων. Ἔστι καὶ προσηγορικὸν καὶ σημαίνει τὰ χάσματα" - "Etimológico Grande <Lâmia>: fera. A qual tem uma grande boca, laimía, e lâmia. <Lamía>, cidade; uns [dizem] que é nomeada a partir de Lâmio de Hércules, outros, a partir de uma mulher, Lâmia, a qual reinou sobre os traquínios. É também um nome próprio e significa os abismos". Texto grego retirado de Gaisford, 1967 = *TLG*. Composto em Constantinopla por volta de 1150, pensava-se que fosse a maior obra desse estilo já composta, mas descobertas recentes revelaram que esse etimológico é largamente baseado no *Etimológico genuíno*, que era o maior deles, mas que se perdeu, daí a importância dos outros que foram baseados nele. Cf. Dickey, 2007, pp. 91-92; Hornblower & Spawforth, 1996, p. 561.

<sup>119</sup> Cf. neste mesmo texto, *Etimológico genuíno*, p. 31, nn. 99 e 100.

<sup>120</sup> A princípio os especialistas pensavam que o autor desse léxico fosse João Zônaras, um gramático, historiador e jurista bizantino dos séculos XI-XII. Contudo, após a descoberta de que a composição desse léxico havia sido feita por monges bizantinos no século XIII, ficou impossível tomar como acertada tal atribuição. Cf. Dickey, 2007, p. 102; Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1639, sobre João Zônaras. No final os autores afirmam que não foi ele o organizador do léxico que lhe é atribuído (que

informações de que ela era "uma fera, ou um espaço cheio de cavernas, ou uma antiga mulher líbia".<sup>121</sup> A única novidade do verbete desse léxico é a definição de que a palavra *lâmia* podia ser usada para designar um espaço cavernoso, o que remonta à definição de χάσμα mencionada por Opiano da Cilícia e pelo *Etimológico genuíno*.<sup>122</sup>

#### 1.2.8. O século XV:

O *Léxico savaitico* compilado neste século não apresenta uma entrada para a palavra λάμια, mas menciona a peça de Crates na entrada para "<Ἀφροδίσιον>: brincadeira, Crates em sua *Lâmia*: 'e muito mais aos afrodisíacos, aos brinquedos; pois aquele é prazeroso de se fazer, mas de se contar, não'".<sup>123</sup> É uma entrada idêntica à de Fócio, que cita o mesmo fragmento, o que pode indicar que o léxico desse autor constituiu uma das bases para o *Léxico savaitico*.<sup>124</sup>

Assim, foi possível perceber como a erudição bizantina manteve a tradição clássica da *lâmia*, sem maiores inovações, e repetindo o que fora anteriormente dito a respeito dela pelos autores antigos. Pudemos notar ainda a importância dessa atividade compilatória do final do Período Alexandrino e dos primeiros séculos do Período Bizantino na preservação das obras de alguns autores, que não nos chegaram de outro modo. Dessa maneira, apesar de pouco rica em criatividade, a atividade compilatória dos eruditos alexandrinos e bizantinos nos legou tesouros da literatura greco-romana antiga e da crítica desses períodos.

#### 1.2.9. O século XIX e início do século XX:<sup>125</sup>

---

foi compilado entre 1204 e 1253, no século XIII, quando Zônaras já estava morto). Como afirma Dickey, o léxico é enorme, e toma emprestado, sem restrições, textos de obras da Antiguidade Tardia e do início do Período Bizantino, preservando muitos comentários de autores que estariam esquecidos caso esse léxico não tivesse sido compilado.

<sup>121</sup> Pseudo-Zônaras, *Léxico*, "A.1284.15-16 <Λάμια>. θηρίον. ἢ πολυχώρητόν τι ἀντρῶδες. ἢ γυνή τις ἀρχαία Λίβυσσα οὕτω καλουμένη" - "L.1284.15-16 <Lâmia>: fera. Ou um espaço cheio de cavernas. Ou uma antiga mulher líbia assim chamada". Texto grego retirado de Tittmann, 1967 = *TLG*.

<sup>122</sup> Cf. acima neste mesmo texto, p. 31, nn. 99 e 100; Opiano, pp. 264-271.

<sup>123</sup> *Lexicon Sabbaiticum*, "A.41.20-21 <Ἀφροδίσιον> ἄθυρμα Κράτης Λαμίας· 'καὶ μάλιστ' ἀφροδίσιος· ἀθύρμασιν· ἡδὺ γὰρ κἀκεῖνο δρᾶν ἐστὶ, λέγεσθαι δ' οὐ καλόν'" - "A.41.20-21 <Afrodisíaco> brincadeira de Crates em sua *Lâmia*: "e muito mais aos afrodisíacos: aos brinquedos: pois aquele é prazeroso de se fazer, mas de se contar, não". Texto grego retirado de Papadopoulos-Kerameus, 1965.

<sup>124</sup> Fócio, *Léxico* A.3396, cf. acima neste mesmo texto, p. 28, n. 89.

<sup>125</sup> Os dicionários escolhidos para figurar nesta *Introdução* a partir do século XIX foram escolhidos arbitrariamente, e se limitaram aos que pudemos acessar. Não seria possível fazer uma análise completa de todos os dicionários publicados em que a palavra *lâmia* aparece, então nos limitamos a alguns que estavam disponíveis, ou aos mais importantes no estudo da área de Clássicas, como é o caso do *LSJ*, do *Bailly*, e dos dicionários de Chantraine e Beekes, e ainda alguma coisa de Boisaq e Frisk, por serem dicionários já mais velhos e sem revisão recente. De todo modo, tal análise seria motivo para

Em 1843 a primeira edição do que viria a ser o *LSJ* foi publicada.<sup>126</sup>

Em 1852 Franz Passow publicou um dicionário de grego, em que há dois verbetes para a palavra λάμια. O primeiro está dividido em três partes: a primeira diz que λάμια é "um monstro fêmea fabuloso, que comeria crianças e carne humana, ou seja, um bicho-papão para as crianças"; a segunda parte diz que era uma filha de Netuno e também o nome de duas *hetairas* atenienses; a terceira parte menciona que é "uma cidade tessália, conhecida pela Guerra de Lâmia, *Λαμιακὸς πόλεμος*, que Antípatro fez contra Atenas". O verbete informa ainda que a palavra também pode nomear um "peixe marinho da ordem dos *σελάχη*".<sup>127</sup>

O segundo verbete do dicionário de Passow remete a *λαμός*, cujo verbete informa que é o papo das aves e de insetos, e também cita que são os *χάσματα*. Esse verbete informa que o Lamo, rei e fundador da cidade dos lestrigões, era filho de Netuno, e que há uma cidade, ou um rio, de mesmo nome na Cilícia.<sup>128</sup> Para a informação sobre o filho de Netuno ele cita como referência a *Odisseia* X, 81, em que nada nesse sentido é mencionado.<sup>129</sup> A Lâmia filha de Poseidon e mãe da primeira sibila é mencionada por Dión Crisóstomo, Plutarco, Pausânias, Clemente de Alexandria e os *Oráculos Sibilinos*.<sup>130</sup>

Em 1856 um dicionário grego-francês/francês-grego organizado por Bizantius e Coromélas tem uma pequena entrada para Λάμια, afirmando que é uma ogra, um monstro feminino (θηλυκόν).<sup>131</sup>

Em 1894 Anatole Bailly lançou a primeira edição de seu dicionário, que tem sido tão usado quanto o de seus colegas ingleses. Ele apresenta três verbetes para a

---

um outro trabalho, que não este.

<sup>126</sup> As entradas do *LSJ* encontram-se exaustivamente citadas nesta tese, inclusive na *Apresentação* desta Introdução, de modo que nos absteremos de citá-las novamente nesta parte do texto.

<sup>127</sup> Passow, 1852, II<sup>1</sup>, p. 14: "*Λάμια*, ή, 1) ein fabelhaftes weibliches Ungeheuer, das Kinder u. Menschenfleisch fressen sollte; dah. ein Popanz für Kinder, [...] 2) eine Tochter des Neptun, [...]; Name zweier ath. Hetären, Ath. 3) eine Stadt in Thessalien, bekannt durch den lamischen Krieg, *Λαμιακὸς πόλεμος*, den Antipater mit Athen führte [...] 2) *λάμια*, ή, ein Meerfish aus der Ordnung der *σελάχη* [...] = *καρχαρίας* [...]". Os sinais [...] indicam locais onde Passow colocou referências que não vamos reproduzir aqui por acharmos pouco proveitoso.

<sup>128</sup> Passow, 1852, II<sup>1</sup>, p. 14: "*λαμός*, ου, ό, Schlund, *ingluvies*, [...], der davon *lama* d. i. *vorago* ableitet. [...] *Et. M.* p. 555.54 = *χάσματα*, Erdschlünde. [...] 2) *Λάμος*, ό a) ein Sohn des Neptun, König der Lästrygonen, Od. 10, 81. b) ein Sohn des Herakles, von dem die Stadt Lamia ihren Namen haben soll, Steph. B. c) eine Stadt u. ein Fluss in Kilikien, [...]".

<sup>129</sup> Cf. nesta tese Homero, em que a passagem em questão está discutida e traduzida, e inclui também os comentários antigos a esses versos, com uma pequena discussão.

<sup>130</sup> Cf. nesta tese Dión Crisóstomo, *Coríntios* 37.12.6-37.14.3 (*Oração* 37), p. 170; Plutarco, *A respeito da não proclamação dos oráculos em metros agora pela Pítia* 398C1-398D2, p. 190; Pausânias, *Descrição da Grécia, Fócia, Lócria Ozólia*, 10.12.1.1-2.1, p. 206; Clemente de Alexandria, *Miscelânea* 1.15.70.3.1-4.1, p. 243. Lactâncio menciona a sibila, mas não fala que sua mãe foi Lâmia, cf. p. 66.

<sup>131</sup> Bizantius & Coromélas, 1856, p. 254: "*Λάμια* (ή), ogresses, θ". O θ é para *θηλυκόν*, "feminino".

palavra *λάμια*, mas eles serão comentados mais à frente neste texto, na parte que segue o período contemporâneo, data da edição mais recente desse léxico.

Finalmente, em 1910, o professor Hermann Menge publicou um dicionário grego-alemão, em que cita a cidade de Lâmia na Tessália e a "filha de Belo, criaturas míticas e pesadelo para crianças".<sup>132</sup>

#### 1.2.10. O Período Contemporâneo:

O *Dicionário etimológico da língua grega* de Émile Boisaq foi publicado em 1950 e cita a palavra *λάμια* na entrada da palavra *λαμός*, que ele traduz por "papo", assim como o *LSJ* e Bailly. Ele afirma que *lâmia* era um "monstro feminino que devorava as crianças" e também "um peixe voraz"; ele ainda coloca no mesmo verbete a palavra *λαμυρός*, que define da mesma maneira que os outros especialistas citados: "cheio de abismos (mar), ganancioso, atrevido", e, como já anteriormente mencionado neste mesmo texto, ele diz que a ideia principal da palavra é a da imagem de uma "boca/goela aberta".<sup>133</sup> Essa é exatamente a imagem que se pode capturar de um tubarão quando ataca sua presa: "a boca escancarada e cheia de dentes", e talvez por isso Aristóteles tenha denominado esse peixe de *λάμια* quando o viu pela primeira vez, já que mais ninguém registrou o uso dessa palavra para tal fim antes do estagirita.<sup>134</sup>

O primeiro volume do dicionário etimológico de Hjalmar Frisk saiu em 1954, o segundo em 1970, e o terceiro em 1972. O segundo volume tem um verbete para a palavra *λάμια* que só remete o leitor para o verbete da palavra *λαμυρός*, onde Frisk chama a *lâmia* de "feiticeira antropófaga" e "um tubarão".<sup>135</sup> É Apuleio quem também chama as *lâmias* de feiticeiras, em seu *Burro de Ouro*. Fora essas duas referências, nem o folclore grego moderno se refere às *lâmias* como feiticeiras. Elas são chamadas ogras, seres que habitam florestas ou campos, e ainda árvores em passagens. Elas também podem ser seres marinhos, como a *lâmia do mar* de um dos poeminhas folclóricos tradicionais, ou viver em poços.<sup>136</sup>

---

<sup>132</sup> Menge-Güthling, 1910, p. 342: "Λάμια, ἡ 1. Stadt im füdlichsten Thessalien im Gebiete der Malier, nördl. vom Spercheios (Lamischer Krieg [...]). 2. Lochter des Belos, Fabelwesen, Bopanz für Kinder".

<sup>133</sup> Cf. Boisaq, 1950, pp. 553-554: "λάμια monstre féminin qui dévorait les enfants [...], un poisson vorace [...]; λαμυρός plein d' abîmes (θάλασσα), goulu, effronté [...]; l' idée dominante est celle de 'gueulle ouverte' [...]"

<sup>134</sup> Cf. Aristóteles, *História dos animais*, 540b18, 621a20; Raul Seixas, *Ouro de Tolo*.

<sup>135</sup> Frisk, 1970, p. 80: "λαμυρός [...] Daneben λάμια f. N. einer menschenfressenden Unholdin [...], eines Haifisches [...]"

<sup>136</sup> Cf. Garnett & Stuart-Glennie, 1896, pp. 101-102: *The Shepherd and the Lamia*; *idem, ibidem*, pp.

Chantraine iniciou a publicação de seu dicionário etimológico em 1969, e publicou o último volume em 1980. Em 2009 a nova edição foi lançada, e é esta que usamos nesta tese. Já está bem comentada, por isso passaremos a outra obra.

Em 1996 a edição mais recente do *LSJ*, com um novo suplemento, foi levada a público. Como seu verbete já foi muito discutido na apresentação desta *Introdução*, optamos por não fazer mais menção além desta nota.

A edição mais recente do *Bailly* saiu em 2000, e apresenta três verbetes para a palavra λάμια. O primeiro só diz que é "um tipo de tubarão".<sup>137</sup> O segundo verbete diz que *lâmia* é um "monstro feminino que passava para roubar e devorar as crianças, do qual foi feito um pesadelo [...]", depois diz que é um nome de mulher e cita Plutarco (referência à cortesã que era amante de Demétrio Poliorcetes), e ainda remete o leitor ao verbete de λαμυρός.<sup>138</sup> O terceiro verbete só menciona o jogo de palavras que Aristófanes fez com λαμίας e ταμίας, os tesoureiros que eram na verdade *lâmias*, em *Ecclesiazusae* 77.<sup>139</sup>

Em 2002, a edição mais recente do dicionário grego de George Babiniótis, o mais completo da língua grega moderna, foi publicada, com dois suplementos que se seguiram em 2003 e 2004. A primeira edição havia sido liberada para o público em 1998. Babiniótis registra a *lâmia* primeiramente como uma cidade, sobre a qual informa a localização, e a etimologia do nome:

Lamia (a), cidade da Grécia central oriental, capital da prefeitura da Ftiótida. Etim.: topônimo arcaico. Segundo a mitologia, a cidade recebeu o nome dela a partir de *Lamo*, filho de Hércules e fundador da cidade, ou a partir do nome da homônima rainha dos traquínios, *Lâmia*. Em qualquer caso, o topônimo exibe a raiz *lam-*.<sup>140</sup>

---

103-104: *The Disguised Lamia and the Widow's Son*; *idem, ibidem* pp. 102-103: *The Stoicheion and the Widow's Son*; e *lâmias* que fazem o bem também estão relatadas, mas a pessoa precisa ser educada e mostrar consideração pelas *lâmias*, do contrário elas podem comê-lo, como no conto das pp. 14-27: *Thrice-Noble, or The Three Citrons*, dos mesmos autores e do mesmo ano. Esses contos, em tradução para o inglês feita por Garnett & Stuart-Glenie, estão disponível nos *Anexos* desta tese, *Histórias do folclore grego moderno*, pp. 329-341, em notas, pois oferecemos nossas versões em português.

<sup>137</sup> Bailly, 2000, p. 1168: "λάμια, ας (ή) sorte de réquin [...]". Ele cita Aristóteles, *História dos animais* 5.5.3, que pode ser conferido nesta tese, p. 103.

<sup>138</sup> Bailly, 2000, p. 1168: "Λάμια, ας (ή) Lamia: 1. monstre féminin qui passait pour voler et dévorer les enfants et dont on faisait un croquemitaine [...], 2. n. de f. [...]". O Bailly para λαμυρός está comentado na *Apresentação* desta *Introdução*, de modo que não vamos comentá-lo novamente.

<sup>139</sup> Bailly, 2000, p. 1168: "Λαμίας (ὁ) Lamias, n. d' h. avec jeu des mots sur λάμια, Ar. *Ecc* 77".

<sup>140</sup> Μπαμπινιώτης, 2002, p. 988: "Λαμία (η) πόλη της Α. Στερεάς Ελλάδας, πρωτεύουσα τού νομού Φθιώτιδας [...]. ETYM. αρχ. τοπωνύμιο. Κατά τη μυθολογία, η πόλη έλαβε τον όνομά της από τον Λάμο, γνιο τού Ηρακλή και ιδρυτή τής πόλης, ή από την ομώνυμη βασίλισσα των τραχινίων Λαμία. Σε οποιαδήποτε περίπτωση, το τοπωνύμιο εμφανίζει θ. λαμ-".

Não há novidades nessa entrada, uma vez que as entradas dos outros léxicos já foram mencionadas. Surpreendentemente, o autor cita a história da rainha dos traquínios, que é tão pouco mencionada e que não tem comprovação alguma. É de se pensar que a base de seu léxico remonte a um dos lexicógrafos que usaram essa definição para a cidade também: Élio Herodiano, Estêvão de Bizâncio e o *Etimológico genuíno*.<sup>141</sup>

Entretanto, o *Babiniótis* continua, com um segundo verbete para λάμια, em que cita o monstro e as opções metafóricas usadas pelos gregos atuais para denominar "mulheres de mau gênio":

*lâmia* (a) {*lâmias*} 1. MIT. qualquer dos monstros com forma feminina que se alimentam com sangue e carnes humanos; 2. (metoním.) mulher de caráter mau e ardiloso: "se casou com uma -, que lhe faz a vida insuportável". SIN. monstro, megera. ANT. anjo. ETIM. arcaica <raíz *lam-* (corresponde ao adjacente *lamurós* «voraz, ganancioso»)». <sup>142</sup>

Essa entrada também não acrescenta novidade alguma sobre a monstruosidade denominada λάμια, mas é útil para verificar como a palavra λάμια é usada pelos gregos atuais: para indicar uma mulher de gênio mau, uma mulher ardilosa, que transforma a vida do marido em um suplício. O autor cita também monstros que se alimentam de sangue e carne humanos, e que são denominados *lâmias*. O conceito não se restringe nesse contexto a apenas um tipo de monstro, mas a toda uma categoria de seres cuja característica comum é comer sangue e carne humanos.<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> Não nos foi possível visitar o Museu Arqueológico da cidade de Lâmia, o que teria sido uma vantagem inestimável para verificar essa questão da rainha dos traquínios, pois talvez existam fontes arqueológicas que desconhecemos a esse respeito. Portanto, além do fato de que tal investigação fugiria do escopo do trabalho, nos faltaram tempo hábil e oportunidade para conduzi-la.

<sup>142</sup> Μπαμπινιώτης, 2002, p. 988: "λάμια (η) λαμιών 1 ΜΥΘ. καθένα από τα τέρατα με γυναικεία μορφή, που τρέφονταν με ανθρώπινο αίμα και σάρκες 2 μετωνυμ. γυναίκα με κακό και δύστροπο χαρακτήρα: 'έχει παντρευτεί μια -, που του κάνει τον βίον αβίωτο'. ΣΥΝ. τέρας, μέγαιρα ANT. άγγελος. ΕΤΥΜ. αρχ. <θ. λαμ (απαντά και στο ομόρρ. λαμυρός «αδηφάγος, άπληστος»)».

<sup>143</sup> Decidimos verificar as entradas dos outros monstros conhecidos: Γελλώ, Γοργώ, γόργονα, έμπουσα e Μορμώ, procurando alguma sinonímia com *lâmia*, ou alguma referência feita a ela. O *Babiniótis* não tem entrada para Γελλώ, o que pode significar, uma vez que esse é o maior léxico da língua grega moderna, que esse monstro não é mais usado pelo folclore, ou que mudou de nome. A entrada para Γοργώ diz que ela é a Medusa e resume a história dessa personagem mítica: "Γοργώ (η) ΜΥΘΟΛ. η Μέδουσα μία από τις Γοργόνες (οι άλλες Σθένο και Ευρυάλη). αντίθετα από τις αδελφές της ήταν θνητή. είχε τερατώδη εμφάνιση και μεταμόρφωνε σε πέτρα όποιον την κοίταζε. τη σκότωσε ο Περσέας. Επίσης Γοργόνα" - "*Gorgó* (a) MIT. a Medusa, uma das górgonas (as outras eram Esteno e Euriale). Ao contrário de suas irmãs, era mortal. Tinha aparência monstruosa e transformava em pedra quem quer que a olhasse. Perseu a matou. Também *górgona*" (Μπαμπινιώτης, 2002, p. 434). Assim, a entrada remete o leitor à entrada para γόργονα, na qual se pode perceber que o conceito da *górgona* grega se misturou ao da sereia do folclore nórdico, de modo que a entrada informa que a metade superior da górgona é um corpo perfeito de mulher, enquanto a metade de baixo é um rabo de peixe: "γοργόνα (η) {χωρ γεν πληθ} 1. μυθικό θαλασσίνο πλάσμα με μορφή γυναίκας από τη μέση και πάνω

O *Dicionário grego-português, português-grego* de Maniatoglu, o único léxico existente que apresenta grego moderno e português, não apresenta verbetes para essas criaturas, talvez por seu tamanho reduzido.<sup>144</sup>

Finalmente, Robert Beekes publicou seu dicionário etimológico da língua grega em 2010, e uma gramática sobre seu "pré-grego" em 2014. Como Beekes também foi largamente mencionado na "Apresentação" desta "Introdução", optamos por apenas mencioná-lo uma vez mais aqui, sem maiores discussões.

### Epítome:

As análises acima apresentadas mostram que a palavra grega λάμια carrega em si uma carga semântica negativa e é usada para denominar seres que causam toda sorte de malefícios para aqueles com os quais se relacionam. Seja λάμια um pesadelo infantil, seja um monstro que habita cavernas, seja um peixe voraz, seja uma

---

(κεφάλι, χέρια, κορμός) και ψαρίου από τη μέση και κάτω (ουρά); στη λαϊκή παράδοση η - εμφανίζεται ως αδελφή του Μεγαλεξάνδρου 2. (συνεκδ.) ακρόπρωρο με την παραπάνω μορφή, πίστευαν πως προστάτευε το πλοίο από το κακό μάτι. ETYM. <αρχ. Γοργών. από τον πληθ. Γοργόνες (αί) τού ονόματος Γοργώ, το οποίο δήλωνε ένα τέρας τής ελλην μυθολ.>] - "gorgóna (a) {} 1. criatura mítica marinha com forma de mulher do meio para cima (cabeça, mãos, tronco) e de peixe do meio para baixo (rabo); na tradição popular a - é exibida como irmã de Alexandre Magno 2. () figura de proa com a forma acima, que acreditavam que protegia o barco do mau olhado. ETIM. <arcaica de Gorgó, do plural *górgonas* (as) do nome *Gorgó*, o qual denomina um monstro da mitologia grega" (Μπαμπινιώτης, 2002, p. 434). Não há verbetes nem para a palavra *ἔμπουσα*, nem para a palavra *Μορμώ*. Todavia, o *Babiniótis* apresenta uma entrada para a palavra "ravor infantil": "Μορμολύκειο (το) (αρχαιοπρ.) 1. (απάν.) προσωπίδα που παριστάνει τη μορφή τής Μορμούς, μυθολογικού τέρατος, με την οποία φόβιζαν οι αρχαίοι Έλληνες τα παιδιά τους 2. (συνήθ. μτφ.) καθετί το οποίο προκαλεί τρόμο, το φόβητρο: «οι θρησκείες μεταβλήθηκαν σε εργαλεία οικονομικής εκμετάλλευσης και μορμολύκεια εκφοβισμού των ανθρώπων» (Γ. Μουστάκης) ΣΥΝ. σκιάχτρο, τέρας. ETYM. <αρχ. μορμολυκείον <μορμολύττομαι «φοβίζω, τρομάζω». πιθ. <Μορμώ «ονομασία τερατόμορφης θεότητας» + -λύττ-, εκφραστική παρέκταση κατ'αναλογίαν προς το ρ. βδε-λύττ-ομαι. Κατ'άλλη άποψη. μορμολύττομαι <\*μορμολύττομαι (με ανομοίωσι <θ. \*μορμορ- (πβ. μτγν. γλώσσα τού Ησυχίου μόρμορος: φόβος) αναδιπλασιασμ. τ. τού ονόματος Μορμώ. Σχετικά με το εκφραστικό όνομα Μορμώ (πβ. κ. Γοργώ). ίσως ευσταθεί η σύνδεση με λατ. formido «φόβος, φόβητρο». όπου φαίνεται να υπάρχει ανομοίωση] - "Mormolúkeio (o) (arcaico) 1. (raro) máscara que representa a forma da Mormó, monstro mitológico, com a qual os gregos antigos amedrontavam suas crianças 2. (geralmente metafórico) qualquer do que se chama terror, o espantalho: «as religiões transformaram-se em ferramentas de exploração econômica e nos pavores da intimidação dos homens» (G. Moustáquis) SIN. espantalho, monstro. ETIM. <do arcaico *mormolukeion* <*mormolúttomai* «intimidar, assustar». provável < *Mormó* «designação de divindade monstruosa» + -λύττ-, expressiva extrapolação pela analogia com o verbo *bde-lútt-omai* ("detestar"). Segundo outro ponto de vista, *mormolúttomai* <*mormorúttomai* (com assimilação <tema em *mormor-* (cf. subsequente «*glóssa*» de Hesíquio *mórmoros*: medo) reduplicação tipo a do nome *Mormó*. Sobre o nome da expressão *Mormó* cf. também *Gorgó*). Talvez uma conexão insustentável com o latim *formido* «medo, espantalho», onde parece existir assimilação" (Μπαμπινιώτης, 2002, p. 1121). Portanto, é possível perceber que nenhum dos verbetes menciona a palavra λάμια como sinônimo, nem mesmo como antônimo. Ou seja, nenhum desses monstros antigos está englobado por essa definição de "monstros que comem sangue e carne humanos", que são representados por λάμια. Dessa maneira, nenhum deles é considerado, quando existe no folclore grego moderno, próximo das *lámias* desse mesmo folclore.

<sup>144</sup> Cf. Maniatoglu, 2008.

prostituta, a conexão com algum tipo de voracidade está explícita, definida pelo campo semântico abrangido pela raiz *lam-*, que também está presente na palavra *λαμυρός*, e que sempre remete para alguma noção de mal, de excesso, de voracidade.

A palavra portuguesa voracidade vem do latim *voracitas*, que significa "grande avidez, sofreguidão", cuja raiz *vor-*, do verbo latino *vorō*, indica uma ação de ingerir com sofreguidão: "devorar, engolir, tragar, comer com avidez".<sup>145</sup> A voracidade seria, então, uma ação de consumo excessivo realizado em grande velocidade, e indicaria uma corrupção dos sentidos, uma falência dos costumes civilizados. Essa qualidade de sempre querer mais e abocanhar e engolir tudo o que passar pela frente pode ser observada claramente nos hábitos alimentares dos tubarões, nas pessoas com distúrbios sexuais, nas motivações das guerras. Logo, a palavra grega *λάμια* teria sido utilizada para denominar seres vorazes e situações em que a voracidade dos protagonistas ditou os atos, que causaram apenas malefícios aos que tocaram com suas existências, e se afastaram dos costumes civilizados preconizados pela sociedade grega antiga.

Passaremos agora para o catálogo de fontes antigas, nas quais essa conexão com a "voracidade" poderá ser percebida e será trabalhada com maior riqueza de detalhes.

---

<sup>145</sup> Cf. Houaiss, 2008, p. 2882, verbetes *voracidade* e *vor-*.

---

## Όμηρος - Homero ca. VIII a.C. (?)

---

### *Ὀδύσσειας, Κ.80-83*<sup>146</sup>

ἔξῃμαρ μὲν ὁμῶς πλέομεν νύκτας τε καὶ ἡμαρ·	80
ἔβδομάτη δ' ἰκόμεσθα Λάμου αἰπὺ πτολίεθρον,	
Τηλέπυλον Λαιστρυγονίην, ὅθι ποιμένα ποιμὴν	
ἦπύει εἰσελάων, ὁ δέ τ' ἐξελάων ὑπακούει.	83

### **Tradução:**

#### *Odisseia, X.80-83*

Por seis dias igualmente navegamos, noite e dia,	80
no sétimo avistamos a escarpada cidade de Lamo,	
Telé pilo Lestrigônia, ali, pastor chama pastor ao	
recolher o rebanho, ele então escuta ao conduzi-lo ao pasto.	83

### **Comentário:**

**Λάμος:** o nome Lamo (gen. Λάμου), que aparece no verso 81 apresenta a mesma raiz que a palavra grega λάμια, e parece atuar no mesmo campo semântico, o que é demonstrado pela voracidade do povo desse rei/reino, os lestrigões, que se conectam à imagem do monstro *lámia* por serem ávidos devoradores de carne humana. Contudo, o nome Lamo permanece um mistério para os comentadores.

A grande discussão em torno dessa palavra se refere à nomenclatura da cidade dos lestrigões, já que os versos 81 e 82 sugerem dois nomes diferentes: no 81, a expressão Λάμου αἰπὺ πτολίεθρον - "de Lamo a escarpada cidade" (ou "de Lamo a cidadela"), com a palavra Λάμος no genitivo, e αἰπὺ πτολίεθρον no acusativo neutro singular. Nesse caso, a primeira palavra poderia tanto ser o nome da cidade, quanto o nome de um "rei" da cidade. Essa informação parece ser complementada no verso 82, que é aberto com as palavras Τηλέπυλον Λαιστρυγονίην, no acusativo singular, em referência à αἰπύ. Τηλέπυλον qualifica Λαιστρυγονίην para indicar a cidade da região, algo como "a cidade lestrigônia de Τηλέπυλο" (a cidade chamada Τηλέπυλο que fica na

---

<sup>146</sup> Trecho grego retirado de von Der Mühl, 1962.

região da Lestrigônia). Contudo, não há uma definição bem estabelecida a respeito do relacionamento entre essas três palavras. O que se diz, de maneira geral, é que Lamo seria o fundador do povo dos lestrigões, e que a cidade se chamaria Telépilo.<sup>147</sup>

Segundo Heubeck & Hoekstra, o significado e a morfologia dessa última palavra são obscuros, mas o *LSJ* informa que ela descreveria algo "com portões distantes", e Chantraine sugere que seja apenas um topônimo.<sup>148</sup> Essa palavra é uma clara fusão do advérbio τῆλε, "à distância, longe", com o substantivo masculino πύλος, que é igual ao substantivo feminino πύλη, "porta, portão".<sup>149</sup>

Λάμος tem como raiz λαμ- e é uma palavra usada para designar o papo das aves e de alguns insetos.<sup>150</sup> É essa etimologia que aproxima o suposto fundador de um povo de gigantes canibais vorazes da *lâmia* monstro, pelo fato de possuírem a mesma raiz, e, por isso, atuarem em campo semântico similar: o da ingestão e digestão de alimento.

Alguns comentadores acreditam que o autor/compilador da *Odisseia* bebeu de uma vasta fonte de mitos circulantes do folclore, pois pode-se notar que os temas abordados nesse episódio (gigantes devoradores de carne humana, a garota que aponta o caminho, a ausência do senhor da casa, etc.) são comuns na mitologia indo-europeia em geral. Entre esses está Reinhardt, que afirma que esse motivo da ogra que entretém os convidados enquanto espera a chegada de um ogro que vai fazer deles seu jantar é típica dessas histórias de ogros.<sup>151</sup> Outros defendem a postulação de que os nomes e alguns elementos que constituem tal cena foram retirados de uma versão pré-homérica da *Argonáutica*, em que Jasão passa por experiência semelhante.<sup>152</sup>

Na tentativa de buscar uma explicação para a participação de tal aventura no grande enredo da *Odisseia*, Karl Reinhardt afirma que ela "parece, pelo modo como é narrada, estar lá por nenhum outro propósito que para explicar a destruição da frota,

---

<sup>147</sup> Lamo seria um fundador mítico do povo dos lestrigões, afastado no tempo, uma vez que no intervalo entre os versos 110 e 114 toma-se conhecimento de que o rei em exercício chama-se Antífates. Cf. Grimal, 2005, pp. 266, verbete Lamo, e 274, verbete Lestrigones.

<sup>148</sup> Cf. Heubeck & Hoekstra, 1990, p. 48; *LSJ*, 1996, p. 1787; Chantraine, 2009, p. 1074.

<sup>149</sup> Cf., para o advérbio τῆλε, *LSJ*, 1996, p. 1787; Chantraine, 2009, p. 1074. Cf. ainda, para o substantivo πύλος, *LSJ*, 1996, pp. 1553-1554, que menciona ser essa a palavra usada nas descrições da entrada do Hades: πύλαι Ἄϊδαο, "as portas do Hades"; Chantraine, 2009, pp. 919-920.

<sup>150</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1027.

<sup>151</sup> Reinhardt, 1996, p. 71, nota 5: "There must have been much more here originally. The story of the giantess who invites a guest and of the giant who comes home in the evening and turns out to be a man-eater, is a widespread motif in ogre stories" - "Deve ter havido muito mais aqui originalmente. A estória da gigante que convida um hóspede e do gigante que vem para casa à noite e se revela um comedor de homens é um motivo muito difundido nas estórias de ogro".

<sup>152</sup> Cf. Heubeck & Hoekstra, 1990, pp. 47-48, para todas essas informações, inclusive a respeito dos comentadores. Cf. Page, 1973, pp. 23-39.

com exceção do navio de Odisseu".<sup>153</sup>

Existe ainda uma discussão acerca da localização geográfica da cidade dos lestrigões: uma teoria afirma que ela ficaria na Sicília, outra diz que ficaria no sul da Itália, próxima à cidade de Síbaris e à cidade fundada pelos lócrios (referidas em Antonino Liberal), e também a uma cidade denominada Lâmia.<sup>154</sup>

Segue abaixo a tradução e o texto grego do restante do episódio dos lestrigões: Homero, *Odisseia*, X.84-134.<sup>155</sup>

ἔνθα κ' αὔπνοος ἀνήρ δοιοὺς ἐξήρατο μισθοῦς, τὸν  
μὲν βουκολέων, τὸν δ' ἄργυφα μῆλα νομεύων·  
ἐγγὺς γὰρ νυκτός τε καὶ ἡματός εἰσι κέλευθοι.  
ἔνθ' ἐπεὶ ἐς λιμένα κλυτὸν ἤλθομεν, ὃν πέρι πέτρῃ  
ἠλίβατος τετύχηκε διαμπερὲς ἀμφοτέρωθεν,  
ἀκταὶ δὲ προβλήτες ἐναντία ἀλλήλησιν  
ἐν στόματι προὔχουσιν, ἀραιὴ δ' εἰσοδὸς ἐστίν,  
ἔνθ' οἳ γ' εἴσω πάντες ἔχον νέας ἀμφιελίσσας.  
αἰ μὲν ἄρ' ἔντοσθεν λιμένος κοίλοιο δέδεντο  
πλησῖαι· οὐ μὲν γάρ ποτ' ἀέξετο κῦμά γ' ἐν αὐτῷ,  
οὔτε μέγ' οὔτ' ὀλίγον, λευκὴ δ' ἦν ἀμφὶ γαλήνῃ.  
αὐτὰρ ἐγὼν οἷος σχέθον ἔξω νῆα μέλαιναν,  
αὐτοῦ ἐπ' ἐσχατιῇ, πέτρης ἐκ πείσματα δῆσας.  
ἔστην δὲ σκοπιῆν ἐς παιπαλόεσσαν ἀνελθὼν·  
ἔνθα μὲν οὔτε βοῶν οὔτ' ἀνδρῶν φαίνεται ἔργα,  
καπνὸν δ' οἷον ὀρῶμεν ἀπὸ χθονὸς αἴσσοντα.  
δὴ τότε γέγων ἐτάρους προῖην πεύθεσθαι ἰόντας,  
οἳ τινες ἀνέρες εἶεν ἐπὶ χθονὶ σίτον ἔδοντες,  
ἄνδρε δύω κρίνας, τρίτατον κήρυχ' ἄμ' ὀπάσσας.  
οἱ δ' ἴσαν ἐκβάντες λείην ὁδόν, ἧ περ ἄμαξι  
ἄστυδ' ἀφ' ὑψηλῶν ὀρέων καταγίνεον ὕλην.  
κούρη δὲ ξύμβληντο πρὸ ἄστεος ὕδρευούσῃ,  
θυγατέρ' ἰφθίμη Λαιστρυγόνος Ἀντιφάτῃα.  
ἧ μὲν ἄρ' ἐς κρήνην κατεβήσεται καλλιρέεθρον  
Ἀρτακίην· ἔνθεν γὰρ ὕδωρ προτὶ ἄστου φέρεσκον·  
οἱ δὲ παριστάμενοι προσεφώνεον ἕκ τ' ἐρέοντο,  
ὅς τις τῶνδ' εἶη βασιλεὺς καὶ οἳσιν ἀνάσσει.  
ἧ δὲ μάλ' αὐτίκα πατρὸς ἐπέφραδεν ὑπερφῆς δῶ.  
οἱ δ' ἐπεὶ εἰσηλθὼν κλυτὰ δώματα, τὴν δὲ γυναῖκα  
εὔρον ὄσσην τ' ὄρεος κορυφῆν, κατὰ δ' ἔστυγον  
αὐτήν.  
ἧ δ' αἰψ' ἐξ ἀγορῆς ἐκάλει κλυτὸν Ἀντιφάτῃα,  
ὃν πόσιν, ὃς δὴ τοῖσιν ἐμήσατο λυγρὸν ὄλεθρον.  
αὐτίχ' ἔνα μάρνας ἐτάρων ὀπλίσσατο δεῖπνον.  
τῷ δὲ δὴ ἀΐξαντε φυγῆ ἐπὶ νῆας ἰκέσθην.  
αὐτὰρ ὁ τεύχε βοῖην διὰ ἄστεος· οἱ δ' ἄγοντες  
φοίτων ἰφθίμοι Λαιστρυγόνες ἄλλοθεν ἄλλος,

Lá um homem insone receberia dois pagamentos: um por alimentar o gado, outro por conduzir as brancas ovelhas, pois próximos da noite e também do dia são os caminhos. Lá, depois, ao porto bem-feito chegamos, que no entorno pedra escarpada tinha continuamente de ambos os lados, com promontórios projetados de frente um para o outro, na entrada estendendo-se, e estreita é a saída. Lá para dentro eles todos colocaram as naus recurvas. Elas então dentro do porto côncavo tinham ancorado juntas; pois nunca tinha se elevado onda nenhuma nele, nem grande nem pequena, mas luzente calmaria havia em volta. Somente eu, porém, deixei de fora a nau escura, na entrada dele, na pedra as amarras atando. Tomei posição para observar, por uma escarpa subindo: lá nem de bois nem de homens apareceram obras, mas uma fumaça solitária vimos do chão se levantando. Então eu companheiros enviei para irem descobrir quais seriam os homens comedores de pão deste chão, escolhendo dois homens, e mais um terceiro como arauto mandando junto. Eles foram indo pela plana estrada pela qual carros para a cidade levavam madeira das altas montanhas. Encontraram na frente da cidade com uma garota que trazia água, a robusta filha do lestrigão Antifátes. Tinha ela descido até a fonte Artácia de belas correntes, pois de lá carregavam água para a cidade. E eles, de pé ao lado dela, dirigiram-lhe a palavra e perguntaram quem destes seria o rei, e tais governaria. Aí ela imediatamente indicou a casa de teto alto do pai. Assim que eles adentraram a nobre casa, descobriram que a mulher era tal qual pico de uma montanha, e horrorizaram-se com ela. Aí logo ela da praça pública chamou o nobre Antifátes, seu marido, que para eles arranjou funesta destruição. Pegando sem demora um dos companheiros, preparou como jantar. Por isso os dois precipitaram-se em fuga até as naus. Mas ele deu um grito pela cidade: os que escutaram vieram, robustos lestrigões, de um lado e do outro, incontáveis, não com homens

<sup>153</sup> Reinhardt, 1996, p. 71: "Yet the latter adventure seems, from the way it is told, to be there for no other purpose than to explain the destruction of the fleet, with the exception of Odysseus' ship".

<sup>154</sup> Antonino Liberal, *Metamorfoses*, VIII, e pp. 234-238 desta tese, onde este trecho está traduzido e comentado; cf. também Fontenrose, 1980, pp. 100-104.

<sup>155</sup> Texto grego retirado de von der Mühl, 1962 = *TLG*. Para um comentário sobre esse trecho cf. Heubeck & Hoekstra, 1990, pp. 47-50; cf. ainda Mortoza, 2013, pp. 25-30.

μυριοί, οὐκ ἄνδρεςσιν εὐκότες, ἀλλὰ Γίγασιν.  
οἱ ῥ' ἀπὸ πετρῶν ἀνδραχθέσι χερμαδίοισι  
βάλλον· ἄφαρ δὲ κακὸς κόναβος κατὰ νῆας ὀρώρει  
ἀνδρῶν τ' ὀλλυμένων νηῶν θ' ἅμα ἀγνυμενάων·  
ἰχθύς δ' ὧς πείροντες ἀτερπέα δαῖτα φέροντο.  
ὄφρ' οἱ τοὺς ὄλεκον λιμένος πολυβενθέος ἐντός,  
τόφρα δ' ἐγὼ ξίφος ὄξυ ἐρυσσάμενος παρὰ μηροῦ  
τῷ ἀπὸ πείσματ' ἔκοψα νεὸς κυανοπύροιο·  
αἶψα δ' ἐμοῖσ' ἐτάροισιν ἐποτρύνας ἐκέλευσα  
ἐμβάλλειν κώπησ', ἴν' ὑπὲκ κακότητα φύγοιμεν·  
οἱ δ' ἅμα πάντες ἀνέριψαν, δέισαντες ὄλεθρον.  
ἀσπασίως δ' ἐς πόντον ἐπηρεφέας φύγε πέτρας  
νηὺς ἐμή· αὐτὰρ αἰ ἄλλαι ἀολλέες αὐτόθ' ὄλοντο.  
ἐνθεν δὲ προτέρω πλόομεν ἀκαχήμενοι ἦτορ,  
ἄσμενοι ἐκ θανάτοιο, φίλους ὄλέσαντες ἐταίρους.

parecidos, mas com Gigantes. Eles então, das pedras, rochedos do peso de um homem atiravam: logo um barulho ruim das naus tinha se elevado, dos homens destruídos e das naus esvaçadas, e, como peixes arpoando, a desagradável refeição carregavam. Enquanto eles por estes eram mortos dentro do porto de muitos recortes e eu, a espada afiada sacando da coxa, com ela as amarras cortei da nau de proa azul escura, e imediatamente aos companheiros incitando ordenei se atirar aos remos, a fim de que do pior de tudo fugíssemos; e eles todos juntos remaram vigorosamente, temendo a destruição. Felizmente para o alto-mar fugiu das proeminentes pedras minha nau. Mas as outras todas juntas foram lá destruídas. De lá então em frente navegamos, magoados no coração. Contentes de escapar da morte, destruídos os queridos companheiros.

---

**Nota introdutória:** vamos agora reproduzir um trecho da *Iliada* e outro da *Odisseia* para apresentar dois comentários de Eustácio de Tessalônica, que acrescentam informações ao estudo da palavra λάμια em desenvolvimento nesta tese. Os trechos homéricos não contêm tal palavra, mas os comentários de Eustácio são elucidativos na questão da visão social a respeito dessa criatura.

### ***Ἰλιάς*, XI.172-176<sup>156</sup>**

οἱ δ' ἔτι καὶ μέσσον πεδίον φοβέοντο βόες ὄς,  
> ἅς τε λέων ἐφόβησε μολῶν ἐν νυκτὸς ἀμολγῶ<sup>157</sup>  
πάσας· τῇ δὲ τ' ἰῆ ἀναφαίνεται αἰπὺς ὄλεθρος·  
τῆς δ' ἐξ αὐχέν' ἔαξε λαβῶν κρατεροῖσιν ὄδοῦσι  
πρῶτον, ἔπειτα δὲ θ' αἶμα καὶ ἔγκατα πάντα λαφύσσει·

### **Tradução:**

#### ***Iliada*, XI.172-176**

Eles então lá pelo meio da planície fogem como vacas,  
as quais um leão põe em fuga, vindo no meio da noite,

<sup>156</sup> Texto grego retirado de Allen, 1931.

<sup>157</sup> Hainsworth, 2005, p. 244, faz um breve comentário sobre a expressão νυκτὸς ἀμολγῶ, conectando-a com a palavra ἀμέλω, "leite", e afirmando que, por causa de tal conexão, a expressão, que é uma fórmula típica da *Iliada*, poderia indicar as horas em que as vacas amamentam: ou no início da manhã, ou por volta da hora do crepúsculo. Ele conclui dizendo que a maioria dos tradutores e comentaristas entende essa expressão por algo como "durante a madrugada, na noite profunda", e que alguns especialistas discordam dessa opção, que já está cristalizada, apesar de tudo.

todas; mas para uma se ergue a destruição total:  
agarrando-a pela garganta, despedaça com os poderosos dentes  
primeiro, e depois o sangue e as entranhas todas engole.

### **Comentário:**

Não há a palavra λάμια neste trecho da *Iliada*. Ele figura nesta tese apenas pelo comentário posterior feito por Eustácio de Tessalônica, que disse, comentando as palavras ἀὐχέν' ἔαξε:

Comentários à *Iliada* de Homero: (v.175) O «a garganta rasga» é próprio do leão, que agarra a vaca e despedaça primeiro a garganta, por temer os chifres, e então engole. O mesmo exhibe palavra onomatopeica para o comportamento do 'engolir furiosamente', formada a partir do λάπτω, λάψω, λέλαφα, daí λάφυρον, de modo que o perfeito médio λέλαπα, ou o segundo aoristo ἔλαπον, se tornam λαπάρα, λάπαθον e λαπάζειν, com mais a adição de um <a> ἀλαπάζειν; assim igualmente do λέλαμμαι, a Λάμια.<sup>158</sup>

Eustácio está se referindo à criação de palavras novas pelos épicos, ao comentar o verbo usado no trecho para representar a ação do leão após rasgar a garganta da vaca: ele "engole com voracidade" não apenas o sangue, mas tudo o que há dentro da vaca. O verbo grego usado por Homero é λαφύσσω, e Eustácio está tentando explicar como foi a formação desse verbo a partir de um outro verbo anterior, λάπτω. Ambos os verbos gregos significam "engolir com sofreguidão", mas aparentemente o segundo é mais antigo. Segundo o *LSJ* o verbo λάπτω aparece em Aristófanes, Plutarco, Aristóteles, mas não em Homero, nem em Hesíodo.<sup>159</sup> Todavia, o Bailly atesta uma ocorrência desse verbo na *Iliada*, XVI.161 ("que vão lambar com as línguas estreitas a escura água").<sup>160</sup> Beekes refere-se à λάπτω como um verbo onomatopéico, pré-grego, do qual λαφύσσω foi derivado. E de λαφύσσω, λαμυρός. O verbo λάπτω imitaria o som ("lap") que fazem os cães e gatos quando estão

---

<sup>158</sup> Εὐστάθιος Θεσσαλονίκης, ΠΑΡΕΚΒΟΛΑΙ ΕΙΣ ΤΗΝ ΟΜΗΡΟΥ ΙΛΙΑΔΑ 3.178.10-15: (v. 175) "Τὸ δὲ «ἀὐχένα ἔαξεν» ιδιότης καὶ νῦν λέοντος, ὃς βοῶς δραξάμενος καταγνύει πρῶτον τὸν ἀὐχένα δέει τῶν κεράτων, εἶτα λαφύσσει. ὅπερ ὀνοματοποιίας τρόπῳ τὸ ραγδαίως καταπίνειν δηλοῖ, γενόμενον ἐκ τοῦ λάπτω λάψω λέλαφα, ὅθεν καὶ λάφυρον, ὥσπερ ἐκ τοῦ λέλαπα μέσου παρακειμένου, ἢ τοῦ ἔλαπον δευτέρου ἀορίστου, γίνεται λαπάρα καὶ λάπαθον καὶ λαπάζειν, ὃ διὰ τοῦ <a> ὡς ἐπὶ πλέον λέγεται ἀλαπάζειν. οὕτω δὲ ἴσως καὶ ἀπὸ τοῦ λέλαμμαι ἢ Λάμια". Texto grego retirado de van der Valk, 1979 = *TLG*.

<sup>159</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1030; Bailly, 2000, p. 1171.

<sup>160</sup> Homero, *Iliada*, XVI.161: "λάψοντες γλώσσησιν ἀραιῆσιν μέλαν ὕδωρ". Texto grego retirado de Allen, 1931. O contexto do verso é o seguinte: o narrador está comparando os mirmidões a lobos que mataram um cervo e depois vão na direção de uma fonte para beber de suas águas escuras.

"lambendo", ou tocando repetidas vezes seu alimento e sua bebida com a língua.<sup>161</sup>

A *lâmia* só é mencionada no final do comentário, quando Eustácio diz que a formação dessa palavra é semelhante, e vem da forma jônica do perfeito passivo do verbo λαμβάνω: λέλλαμαι, que tem uma forma λέλημμαι muito usada nas tragédias.<sup>162</sup> Portanto, para Eustácio, a palavra λάμια seria um derivado do verbo λαμβάνω, "pegar, agarrar, possuir, raptar", e não do verbo λαφύσσω, "engolir", através do adjetivo λαμυρός como sugere Beekes.<sup>163</sup>

A nosso ver, a etimologia da palavra é complicada, e nem mesmo a raiz λαμ- sugere a conexão com λαμβάνω, cuja raiz é λαβ-. Essa ligação seria apenas semântica, o que, segundo West, não indica uma relação efetiva entre duas palavras. A relação precisa ser morfológica e semântica.<sup>164</sup> Dessa maneira, a sugestão pela derivação a partir de λαφύσσω via *lamurós* parece mais provável, uma vez que tanto a palavra λάμια quanto a palavra λαμυρός têm raiz λαμ- e atuam no mesmo segmento semântico: o da ingestão voraz de presas (humanas ou não). Em adição a essas duas razões, se adotarmos a solução de Beekes, é possível ainda usar a origem das palavras para diferenciá-las: o verbo λαμβάνω teria origens indo-européias, enquanto tanto o verbo λαφύσσω quanto o adjetivo λαμυρός seriam da língua pré-grega à qual se refere esse autor.<sup>165</sup> Optamos assim pela solução de Beekes: o substantivo λάμια é uma palavra derivada do adjetivo λαμυρός.

---

### **Ὀδύσσειας, M.80-100<sup>166</sup>**

μέσσω δ' ἐν σκοπέλω ἐστὶ σπέος ἠεροειδές,  
πρὸς ζόφον εἰς Ἔρεβος τετραμμένον, ἧ̃ περ ἂν ὑμεῖς  
νῆα παρὰ γλαφυρὴν ἰθύετε, φαίδιμ' Ὀδυσσεῦ.  
οὐδέ κεν ἐκ νηὸς γλαφυρῆς αἰζήϊος ἀνὴρ  
τόξω οἴστεύσας κοῖλον σπέος εἰσαφίκοιτο.

---

<sup>161</sup> Cf. Beekes, 2010, pp. 834 e 838.

<sup>162</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1037, λέλλαμαι, que remete aos verbos λαμβάνω e λέπω, e cf. também pp. 1026-1027 para λαμβάνω (a referência à forma jônica do perfeito passivo, λέλλαμαι, está no final da p. 1026) e p. 1040, para λέπω.

<sup>163</sup> Cf. Beekes, 2010, pp. 829 e 830.

<sup>164</sup> West, 1997, p. 58.

<sup>165</sup> Cf. Beekes, 2010, pp. 828-829, para λαμβάνω; p. 830, para λαμυρός e λάμια; pp. 838-839, para λαφύσσω.

<sup>166</sup> Trecho retirado de von Der Mühll, 1962.

ἔνθα δ' ἐνὶ Σκύλλῃ ναίει δεινὸν λελακυῖα.  
τῆς ἧ̃ τοι φωνὴ μὲν ὄση σκύλακος νεογιλλῆς  
γίνεται, αὐτὴ δ' αὖτε πέλωρ κακόν· οὐδέ κέ τις μιν  
γηθήσειεν ἰδών, οὐδ' εἰ θεὸς ἀντιάσειε.  
τῆς ἧ̃ τοι πόδες εἰσὶ δώδεκα πάντες ἄωροι,  
ἕξ δέ τέ οἱ δειραὶ περιμήκεες, ἐν δὲ ἑκάστη  
σμερδαλέη κεφαλὴ, ἐν δὲ τρίστοιχοὶ ὀδόντες,  
πυκνοὶ καὶ θαμέες, πλεῖοι μέλανος θανάτοιο.  
μέσση μὲν τε κατὰ σπείους κοίλοιο δέδυκεν,  
ἕξω δ' ἐξίσχει κεφαλὰς δεινοῖο βερέθρου·  
αὐτοῦ δ' ἰχθυάα, σκόπελον περιμαιμώωσα,  
δελφῖνάς τε κύνας τε καὶ εἷ ποθι μείζον ἔλλησι  
κῆτος, ἃ μυρία βόσκει ἀγάστονος Ἀμφιτρίτη.  
τῇ δ' οὐ πώ ποτε ναῦται ἀκήριοι εὐχετόωνται  
παρφυγέειν σὺν νηϊ· φέρει δέ τε κρατὶ ἑκάστω  
φῶτ' ἐξαρπάξασα νεὸς κυανοπρώροιο.

### **Tradução:**

#### ***Odisseia, XII.80-100***

No meio do promontório há uma caverna nebulosa,  
para a escuridão do Érebo voltada, se vós para ela  
endireitares a nau, na direção do vazio, glorioso Odisseu,  
nunca da nau oca um vigoroso macho  
com um arco atirando, o oco da caverna poderia acertar.  
Lá dentro habita Cila, a de uivo horrível.  
Te digo que ela a voz tal qual a de cão recém-nascido  
tem, mas ela é, do contrário, um prodígio mau: ninguém  
se compraz ao vê-la, nem se um deus a encontrasse.  
E te digo que dela os pés são doze ao todo, todos tentaculares,  
e seis os pescoços alongados, e em cada  
assustadora cabeça, três fileiras de dentes  
afilados e abundantes, cheios de morte escura.  
E metade dentro da caverna oca está mocada,  
e para fora projeta as cabeças pela horrível fenda.

Ela pesca, procurando em torno do promontório,  
delfins e cações, e qualquer coisa maior que puder agarrar,  
e cetáceos, os incontáveis quais alimenta a murmurante Anfitrite.  
Por ela nem um dos marinheiros, em tempo algum, pode se gabar  
de ter passado com nau sãos e salvos: pois ela arrebatava com cada cabeça  
um homem, capturando-os da nau de proa escura.

### Comentário:

Esse é o trecho em que Circe apresenta para Odisseu os perigos da aventura que o aguarda. Ela começa falando de Cila e depois passa para Caríbdis, deixando bem claro que é melhor optar pelo lado de Cila. Contudo, por sua descrição desse monstro, fica claro que Odisseu e seus companheiros não terão uma jornada agradável pela região. Sobre esse trecho, Eustácio de Tessalônica escreveu um comentário extenso, do qual vamos reproduzir e comentar apenas 11 linhas, uma vez que os comentários que se seguem tratam de retórica e gramática, e não apresentam acréscimo a este estudo:

*Comentários à "Odisséia" de Homero 2.13.20-31: o mito diz que Cila é filha de Fórcis e de Hécate, que ela tinha cães saindo das laterais, e que ocupava o entorno do estreito da Sicília. Homero, contudo, revela em seus versos que Crateis era mãe de Cila, deduzindo que ela a pariu como pena para os mortais. Homero chama a mesma de Crateis, mas dizem que os magos chamam-na de Hécate. São os que dizem que Tritão é pai de Cila. Estesícoro, por outro lado, faz de Lâmia a mãe dela; a Lâmia que o mito imagina como um demônio e da qual o cômico revela o sexo no seu "da lâmia os testículos imundos". E dizem que Nicandro de Colofão, no seu *Línguas*, por sua vez, admite ser o dela um nome de peixe, e Cila também, informando que o peixe tubarão também é chamado lâmia e cila. Outros inventaram que da própria cabeça Homero imaginou para Cila que ela tinha três cabeças, como mostra o cômico Anáxilas, que substituiu essas tais feras míticas por hetairas malignas, dizendo que aquele que dentre os homens amou uma *hetaira* não poderia ser nobre, mas que mostra ser o mais transgressivo.<sup>167</sup>*

<sup>167</sup> "Εὐστάθιος Θεσσαλονίκης, ΠΑΡΕΚΒΟΛΑΙ ΕΙΣ ΤΗΝ ΟΜΗΡΟΥ ΟΔΥΣΣΕΙΑΣ 2.13.20-2.14.7: (Vers. 85.) Τὴν δὲ Σκύλλαν Φόρκυνος θυγατέρα καὶ Ἐκάτης ὁ μῦθος λέγει, ἔχουσαν πρὸς ταῖς πλευραῖς σκύλακας, κατέχουσαν τὸν περὶ Σικελίαν πορθμὸν. Ὅμηρος μέντοι Κράταιν ἐν τοῖς ἐξῆς μητέρα τῆς Σκύλλης δηλοῖ, ἐπάγων καὶ ἦ μιν τέκε πῆμα βροτοῖσιν. Εἰ δὲ καὶ Ὅμηρος Κράταιν λέγει αὐτὴν, ἀλλ' οἱ μάγοι Ἐκάτην, φασίν, αὐτὴν καλοῦσιν. εἰσὶ δὲ οἱ Τρίτωνά φασιν εἶναι πατέρα τῆς Σκύλλης. Στησίχορος δὲ Λάμιαν αὐτῆς μητέρα ποιεῖ, ἦν δὲ Λάμιαν ὁ μῦθος μὲν δαιμόνιον τι πλάττει, ὁ δὲ κωμικὸς καὶ λαγνείαν αὐτῆς ἐμφαίνει ἐν τῷ, Λαμίας ὄρχεις ἀπλύτους. Νίκανδρος δὲ, φασίν, ὁ Κολοφώνιος ἐν γλώσσαις ἰχθύος αὐτὴν οἶδεν ὄνομα, καθὰ καὶ τὴν Σκύλλαν, εἰπὼν ὅτι ὁ καρχαρίας ἰχθύς, καὶ λάμια καὶ σκύλλα καλεῖται. ὅτι δὲ Ὅμηρου ἐξ πλασαμένου κεφαλᾶς τῆς Σκύλλης ἕτεροι τρικέφαλον αὐτὴν ἐμυθεύσαντο, δηλοῖ καὶ ὁ κωμικὸς Ἀναξίλας, ἔνθα τὰ τοιαῦτα μυθικὰ τέρατα εἰς κακοτρόπους ἐταίρας

Eustácio faz uma pequena descrição de Cila, mas se alonga numa lista de genealogias possíveis para ela. Acaba por chegar na opção de Lâmia, filha de Poseidon, como mãe de Cila. E diz que é a mesma Lâmia que foi transformada em um ser maligno pelo mito, e que ela era macho, segundo o "cômico", que nesse caso é Aristófanes.<sup>168</sup> Eustácio afirma ainda que tanto Lâmia quanto Cila foram descritas por Nicandro de Colofão como tubarões, fazendo parte assim da tradição dos κῆτεα gregos.

A descrição de Cila na *Odisseia* é clara: ela tem doze pés tentaculares (πόδες εἰσι δώδεκα πάντες ἄωροι), seis longos pescoços (ἔξ οἱ δειραὶ περιμήκεες) e em cada cabeça aterrorizante (ἐν δὲ ἐκάστη σμερδαλέη κεφαλῇ) três fileiras de dentes, pontiagudos e afiados (τρίστοιχοι ὀδόντες, πυκνοὶ καὶ θαμέες). Esses pescoços compridos se projetam para fora da caverna (ἔξω δ' ἐξίσχει κεφαλὰς δεινοῖο βερέθρου) para "pescar" suas presas (αὐτοῦ δ' ἰχθυάα, σκόπελον περιμαιμῶσα). Seu uivo de filhote de cão (φωνὴ ὄση σκύλακος νεογιλλῆς) serve para enganar as vítimas, pois na verdade ela é um monstro, ou prodígio, horrível (πέλωρ κακόν). Irene de Jong aponta a técnica usada pelo autor para fazer essa descrição, a negação, a descrição do que Cila não é: não dá para acertá-la com um arco, se for atirar do navio, não há ninguém que fique feliz ao vê-la, nem mesmo um deus, não há nenhum navio que porventura tenha conseguido passar por ela sem perder marinheiros.<sup>169</sup>

Sobre a descrição que Circe faz de Cila, Marianne Hopman diz que ela é feita como uma "colagem: Circe fala das várias partes de Cila, sem nunca informar diretamente a respeito do todo. Assim, nem Odisseu, nem o ouvinte/leitor do poema têm como saber qual é a real forma da aberração que os aguarda.<sup>170</sup>

Com tal descrição, Cila pode muito bem ser enquadrada no que Hopmann chama de "a tradição grega do monstro marinho", o κῆτος, que vai depois ser evidente em Aristóteles, o primeiro autor do qual temos registro a nomear um tubarão como λάμια.<sup>171</sup> Todavia, Cila mostra ainda conexões com os lestrigões, pois ela também

---

μετέλαβεν, εἰπών· ὅς τις ἀνθρώπων ἐταίραν ἠγάπησεν, οὐ γένος ἂν δύναιτο παρανομώτατον φράσαι". Texto grego retirado de Stallbaum, 1970 = *TLG*.

<sup>168</sup> Aristófanes, *Vespas*, 1030 e *Paz*, 758. Cf. nesta tese Aristófanes, pp. 77-92.

<sup>169</sup> Cf. De Jong, 2004, p. 299.

<sup>170</sup> Hopman, 2005, p. 17.

<sup>171</sup> Aristóteles, *História dos animais*, 540b18 e 621a20. Cf. nesta mesma tese Aristóteles, pp. 106-114, onde estes trechos estão traduzidos e discutidos. O κῆτος, como Hopman o define, é um "predador perigoso que combina as voracidades de animais terrestres e marinhos" ("dangerous predator that combines the voracity of land and sea animals", p. 9). O *LSJ* define κῆτος como "qualquer monstro marinho ou peixe enorme" ("any sea monster and huge fish", 1996, p. 949) e cita exatamente esse trecho da *Odisseia* como a primeira ocorrência do termo, no verso 97, remetendo aos cetáceos, no campo da História Natural. Tanto Chantraine quanto Beekes relatam que a etimologia do termo é

"pesca" os companheiros de Odisseu, e ele, como narrador, como bem pontua De Jong, compara os companheiros a peixes nas duas situações: diz que estão sendo pescados e devorados como tais (ἰχθῦς δ' ὧς εἰς ἰχθύσι ὧς οἷ).<sup>172</sup>

Desse modo, *lâmia* estaria, como genitora de Cila, incluída na tradição do κῆτος grego, e por isso também Aristóteles a chama de θῆρ, que pode ser tanto predador quanto monstro, e atribui a esse peixe o nome de um monstro terrestre, conhecido por sua voracidade.<sup>173</sup>

Em seu trabalho sobre a Cila homérica, Hopman menciona essa tradição grega de nomear a fauna marinha pela fauna terrestre, especificamente a de se referir a grandes predadores marinhos como cães, e diz que esse é o resultado de um sistema limitado de classificação:

Ao mesmo tempo, contudo, a conexão com um cachorro pertence a um sistema maior de analogias entre terra e mar que pode ser detectado em vários níveis na cultura grega, e que caracteriza em particular os κῆτεα ("monstros marinhos") aos quais Cila está relacionada. [...] Como "cachorro do mar", Cila participa de ambos terra e mar, e assim expõe as limitações de um sistema de classificação, bem atestado na literatura grega, que contrasta esses habitats.<sup>174</sup>

Talvez se trate das limitações de um sistema de classificação ainda em desenvolvimento, uma vez que foram os gregos, especialmente Aristóteles, que iniciaram o processo de classificação sistemática da fauna e da flora no Ocidente.<sup>175</sup>

Neste caso, é importante apenas perceber que os gregos tinham o costume de atribuir

---

desconhecida, e citam apenas seus derivados e termos comuns (cf. Chantraine, 2009, p. 507; Beekes, 2010, pp. 690-691). Hopman, cuja tese é inteiramente dedicada à figura da Cila, atribui ao poeta cômico Anaxilas a cunhagem do termo ποντία κύων, "cão do mar", já que a referência canina encontrada na *Odisseia*, como vimos, é apenas seu uivo de filhote. Homero não menciona nem que as cabeças de Cila são caninas, e nem que ela possui patas. Ele diz que seus pés são ἄωροι, algo como "dianteiros". O *LSJ* (1996, p. 300) afirma que o ἄωροι dos pés de Cila é equivalente à palavra πληκτάναι, "tentáculos" (*id.*, p. 1415). Grimal (2005, pp. 88-89) faz saírem dos quadris de Cila seis cabeças de cachorro, o que não fica claro pela descrição dela na *Odisseia*. As únicas conexões que essa obra estabelece entre Cila e um cão são seu nome, e sua voz de filhote de cão (φωνῆ ὄση σκύλακος νεογιλλῆς, *Od.* XII.86).

<sup>172</sup> Cf. *Odisseia* X.124, e XII.251-257; De Jong, 2004, p. 305.

<sup>173</sup> Para κῆτος cf. abaixo nesta tese Estesícoro, p. 54, n. 183.

<sup>174</sup> Hopman, 2005, p. 14: "At the same time, however, the connection of a dog belongs to a larger system of analogies between land and sea that can be detected at several levels in Greek culture and that characterizes in particular the κῆτεα ("sea-monsters") to which Scylla is related. [...] As "dog of the sea", Scylla partakes of both land and sea and therefore exposes the limitations of a system of classification, well attested in Greek literature, that contrasts those habitats".

<sup>175</sup> Cf. Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 6-10, que explicam que nosso atual sistema de classificação das espécies é baseado nos estudos dos naturalistas que chamaram de pré-darwinianos, pesquisadores do séculos XVII e XVIII, como Lineu, cuja pesquisa forneceu as bases para o atual sistema de classificação em táxons.

nomes semelhantes a animais terrestres e marinhos, não fazendo distinção se tais animais eram fantasiosos ou não, como está claro em todos os autores que trataram dos peixes e que compõem o *corpus* desta tese, com destaque para Opiano da Cilícia.<sup>176</sup> Esse tema do "monstro marinho" grego vai ser abordado nesses autores com mais detalhes.

---

<sup>176</sup> Cf. Aristóteles, pp. 106-114; Plínio o velho, pp. 167-168; Ateneu de Náucrates, pp. 219-233; Galeno, pp. 239-241; Opiano da Cilícia, pp. 264-271; Oribásio, pp. 286-287.

---

## Στεσίχορος - Estesícoro

ca. 600-550 a.C. (?)<sup>177</sup>

(*Apud* anônimos e Eustácio de Tessalônica)<sup>178</sup>

---

### *Fragmenta*<sup>179</sup>

220 Σ *Ap. Rhod.* 4.825-31 (p. 295 Wendel)

Στησίχορος δὲ ἐν τῇ Σκύλλῃ † εἶδός τινος † Λαμίας τὴν Σκύλλαν φησὶ  
Θυγατέρα εἶναι.

-----  
Eust. *Od.* 1714. 34

Στησίχορος δὲ Λαμίαν αὐτῆς (sc. Σκύλλης) μητέρα ποιεῖ.

-----  
Σ *Od.* 12. 124 (2. 451 Dindorf) = *An. Par.* 3. 479. 14 Cramer

Στησίχορος Λαμίαν φησὶ τῆς Σκύλλης μητέρα.

-----  
fragmentum obscurissimum: etiam de nostro Stesichoro auctore et de titulo  
Scylla dubitatur. εἶδός τινος L (om. P): varii varia: fort. *Λιβυστίδος* (Lloyd Jones).

### **Tradução:**

#### *Fragmentos:*

220 escólio a Apolônio de Rodes 4.825-31

Estesícoro, na Cila, diz que Cila é filha de algum tipo de *lâmia*.

-----  
Eustácio, comentário à *Odisseia* 1714.34

---

<sup>177</sup> Cf. West, 1971, no qual ele faz uma problematização da datação de Estesícoro, explicando suas razões para colocá-lo no final do século V a.C., através de dados obtidos em outros escritores, tanto posteriores quanto contemporâneos a ele, além de apontar também para a possibilidade de terem existido dois poetas chamados Estesícoro de Hímera. Cf. ainda West, 1970, artigo no qual ele discute a possibilidade de os dois Estesícoros de Hímera (1 e 2) terem escrito poemas intitulados *Cila*.

<sup>178</sup> Estesícoro, como muitos outros, chegou-nos por citações. Esses escritores são preservados por um “apud”. Os generosos autores que preservaram seus textos para nós serão mencionados em cada autor, como aqui.

<sup>179</sup> Fragmento retirado de Page & Davies, 1999.

Mas Estesícoro faz uma Lâmia ser a mãe dela (de Cila)

-----  
Escólio anônimo à *Odisseia* 12.124

Estesícoro diz que Lâmia é mãe de Cila

-----

fragmento muito obscuro: duvida-se tanto do nosso autor Estesícoro quanto do título *Cila*

### **Comentário:**

**Λάμιαις / Λαμίαν:** o fragmento de "Estesícoro" é apresentado através de três fontes, os fragmentos expostos acima.<sup>180</sup> Vamos passar a uma rápida apresentação de cada um deles e depois comentaremos os três de modo geral.

O primeiro deriva de um escólio anônimo à *Argonáutica* de Apolônio de Rodes. Em comentário a esse fragmento, o professor David Campbell afirma que pode ser de autoria de outro Estesícoro, que viveu no século IV a.C.<sup>181</sup> Campbell também sugere que o texto está corrompido após a palavra Lâmia, e que talvez dissesse: "[...] Lâmia, filha de Poseidon", ou "[...] Lâmia líbia".<sup>182</sup>

O segundo pertence a Eustácio de Tessalônica, autor grego do século XII que escreveu diversas obras, entre elas comentários à *Iliada* e à *Odisseia*. O fragmento acima pertence ao comentário à *Odisseia*.<sup>183</sup>

O terceiro faz parte de escólios anônimos à *Odisseia*. Comenta o verso 124 do canto XII, em que Circe diz a Odisseu a quem clamar para retornar com segurança à Ítaca. Ela lhe diz:

ἀλλὰ μάλα σφοδρῶς ἐλάαν, βωστρεῖν δὲ Κράταιϊν,  
μητέρα τῆς Σκύλλης, ἥ μιν τέκε πῆμα βροτοῖσιν:  
ἥ μιν ἔπειτ' ἀποπαύσεν ἐς ὕστερον ὀρμηθῆναι.

mas com mais vigor rema, clamando por Crateis,  
mãe de Cila, a que a pariu como praga para os mortais,  
que a ela então vai impedir de atacar mais tarde.

O escólio aponta para a outra possibilidade da lenda de Cila: a versão dada por

---

<sup>180</sup> Os fragmentos retirados de Page & Davies, 1999, foram cotejados com a edição de Campbell, 1991.

<sup>181</sup> Esse é o único fragmento citado por Campbell em sua obra.

<sup>182</sup> Cf. Campbell, 1991, p. 133.

<sup>183</sup> Para uma discussão sobre esse fragmento, cf. nesta mesma tese Homero, pp. 44-54.

Estesícoro de que ela é filha de Lâmia, e não de Crateis. Há, ainda, outra possibilidade: se o substantivo Κράταιν fosse entendido como o adjetivo κραταίος, ἄ, ὄν, "poderoso(a)" (forma poética de κρατερός). Isso geraria a seguinte tradução: "[...], clamando pela Poderosa, / mãe de Cila, [...]", que bem poderia ser entendida como a Lâmia a que se refere Estesícoro.<sup>184</sup> O aparato crítico final esclarece que se trata de um fragmento obscuro, porque não se tem certeza nem se o autor seria mesmo Estesícoro, nem se o título do poema seria mesmo *Cila*.

Através da análise dos fragmentos percebemos que Estesícoro via Cila como filha de alguma Lâmia. Contudo, ele não faz nenhuma especificação a respeito da natureza dessa mãe, se ela era um ser humano ou se era um monstro (um θῆρ, um θαῦμα). Hopmann, por sua vez, inclui Cila na tradição do κῆτος.<sup>185</sup>

Desse modo, se considerarmos que Cila era um monstro marinho, a Lâmia mãe dela poderia também ter essa mesma relação com as "feras do mar", e ser um tubarão. Há uma espécie de tubarão denominada λάμια por Aristóteles, Plínio o velho, Ateneu, Galeno, Opiano (único autor a usar a variante λάμνα, ao invés de λάμια) e Oribásio.<sup>186</sup> Desse modo, Cila seria cria de um monstro do mar e, conseqüentemente, um monstro do mar também.

West aponta para outra coincidência entre Cila, a Lâmia que perdeu os filhos e a Lamashtu assíria: a incapacidade de produzir descendência que sobreviva até a fase adulta, a infertilidade. Explicamos: West afirma que, se compararmos a raiz da palavra grega Σκύλλα com raízes semíticas (em hebraico, *š kûl āh*), ela significaria, nessa última língua, "enlutada pela perda dos filhos", o que teria acontecido a Lâmia, e teria sido vetado tanto a Lamashtu, que era estéril, ou não encontrou alguém capaz de engravidá-la, quanto a Cila.<sup>187</sup>

---

<sup>184</sup> Para κρατερός, *LSJ*, 1996, p. 990.

<sup>185</sup> Para κῆτος cf. *LSJ*, 1996, pp. 949-950: "qualquer monstro marinho ou grande peixe"; cf. também Hopman, 2005, p. 9, em que ela afirma que o κῆτος é uma combinação das voracidades de animais terrestres e marinhos, e ainda pp. 14, 34-36, em que ela trabalha a inserção da figura da Cila na tradição do κῆτος grego; cf. ainda Mair, 2002, pp. lxxvii-lxxviii e p. 203: ele aponta que esse vocábulo era usado para indicar "baleias, golfinhos, focas, tubarões, atuns, e as grandes criaturas do mar, em geral". Hoje, após uma especialização ao longo do tempo, o vocábulo é usado para designar os grandes mamíferos aquáticos da ordem dos cetáceos: as baleias, os golfinhos e os botos, cf. Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 572-573. Θῆρ é um substantivo usado para indicar não somente um animal selvagem, mas também um ser fantástico, algo oposto ao que se define por humano, cf. *LSJ*, 1996, p. 799.

<sup>186</sup> Cf. todos esses autores nesta mesma tese: Aristóteles, pp. xx; Plínio o velho, pp. xx;

<sup>187</sup> West, 1997, p. 59, n. 248. Ele cita dois autores antigos, Lewy, que fez comparações entre raízes gregas e semíticas (LEWY, H. *Die semitischen Fremdwörter in Griechischen*. Berlin, 1895.), e Foster, que publicou uma antologia de literatura em acádio (FOSTER, B.R. *Before the Muses. An Anthology of Akkadian Literature*. Bethesda, Md., 1993. 2vv.).

---

## Αἴσωπος - Esopo *ca.* VI a.C. (?)

---

### ***Prouerbia* - 108<sup>188</sup>**

Ἐν καιρῷ ἀνάγκης τὴν λάμιαν μητέρα κάλει.

Ἑρμηνεία.

Ἐν ἀνάγκης καιρῷ <δυσκαίρῳ ληφθεῖς,>

Καὶ τοὺς θηριώδεις ἄνδρας π<ατέρας> κάλει.

Explanationis versus multo fidelius servat Georgides in Sent. 39, q. v. supra; folio incolumi verba nonnulla exciderunt.<sup>189</sup>

### **Tradução:**

#### ***Provérbios* - 108**

Em tempo de necessidade, chama a *lâmia* de mãe.

Interpretação

Em tempo de necessidade <tendo recebido um tempo ruim>, chama de pais, inclusive, os homens ferozes.

Uma linha de explicação muito mais fiel mostra Georgides em Sent. 39, cf. acima; algumas palavras perderam-se do fólio incólume.<sup>190</sup>

### **Comentário:**

**τὴν λάμιαν μητέρα κάλει:** a tradução desse trecho por "chama pela mãe *lâmia*", mantém todos os objetos no acusativo, caso em que estão. Contudo, considerando-se a posição do artigo definido (τὴν), talvez fosse mais apropriado traduzir como "chama a *lâmia* de mãe", pois, por sua proximidade imediata com a palavra λάμια, ele poderia

---

<sup>188</sup> Provérbio retirado de Perry, 2007, p. 281.

<sup>189</sup> B.E. Perry, 2007, p. 281.

<sup>190</sup> Tradução de Priscilla A. F. Almeida, com nossa revisão.

estar caracterizando apenas esse substantivo, e não o μητέρα.

O problema das duas possibilidades de tradução é que o sentido fica alterado de uma para a outra. Se for dito: "chama pela mãe *lâmia*", pode-se pensar em alguma deusa favorável que vem solucionar o problema trazido pelo tempo de necessidade (καιρῷ ἀνάγκης), o que não faz sentido no campo semântico da palavra *lâmia* no folclore grego antigo. Todavia, se for dito "chama a lâmia de mãe" pode-se pensar que o momento é tão ruim que até mesmo um monstro é chamado de mãe, ou que se renega até mesmo a mãe, de forma a chamá-la de *lâmia*.

A interpretação (ἐρμηνεία) fornecida após o provérbio ajuda a entender os versos sem contextualização: aclara que o tempo de necessidade é um tempo ruim (δυσκαίρῳ, já que o prefixo δύς é usado para indicar um aspecto ruim adicionado à palavra, destruindo seu aspecto bom, ou enfatizando seu aspecto mau) no qual até mesmo homens ferozes (rudes, violentos, selvagens, bestializados = θηριώδεις ἄνδρας) são chamados de pais (πατέρας κάλει).<sup>191</sup> Optamos por adotar a segunda opção de tradução, que julgamos mais adequada ao contexto de voracidade expresso pelo vocábulo λάμια.

Sobre o comentário de Perry ao provérbio, ele informa que o fólio onde foi encontrado estava incólume, mas que algumas palavras estão erradas. A interpretação/explicação que aparece junto ao provérbio foi fornecida por Karl Krumbacher, editor da *editio princeps* de Esopo.<sup>192</sup> Uma explicação para esse mesmo

---

<sup>191</sup> Para δύς cf. *LSJ*, 1996, p. 453.

<sup>192</sup> A história da seleção dos manuscritos e do estabelecimento do texto tanto das fábulas quanto dos provérbios e sentenças atribuídos a um autor grego chamado Esopo é complexa. Perry dedicou 15 anos de sua vida a esta pesquisa, e o resultado de seu trabalho é a magnífica edição que publicou pela primeira vez em 1952, e que foi reeditada em 2007, versão à qual tivemos acesso graças à coleção de textos clássicos da Fundação Hardt, que nos ofereceu uma bolsa de três semanas em suas instalações. A edição de Perry trata de toda a história do estabelecimento do textos dos provérbios de Esopo, estabelecendo uma nova numeração para eles, mas fornecendo a numeração atribuída por Krumbacher, além de apresentar comentários sobre cada provérbio e fábula. Perry afirma que há dois manuscritos que contêm as *Comédias Cósmicas* (41 provérbios, sem as *epimúthia*) atribuídas a Esopo, denominados *M* (*Monacensis graecus* 525, do século XV) e *S* (*Mosquensis* 436, do século XIV). Krumbacher publicou sua edição com base em outro manuscrito, o *Monacensis* 239, do século XIV, que contém fábulas e provérbios com *epimúthia*, (aparentemente todos esses três manuscritos derivam de um mais antigo que se perdeu). Mas esse manuscrito consultado por Krubacher tinha três folhas perdidas. Uma delas foi encontrada na Biblioteca de Dresden por outro especialista, Jernstedt, que também publicou uma edição dos provérbios. Bem antes deles, Ioannes Georgides compilou essa coleção de máximas ditas "esópicas", sem adicionar os provérbios, mas preservando alguns dos *epimúthia*. Os provérbios podem, assim, ser encontrados na seguinte ordem: *Dresden folio* 20, *Mosquensis folia* 228, 227, 231, 230, 229, 232. Para mais informações sobre esse assunto cf. Perry, 2007, pp. 261-264; e ainda Perry, 1981, pp. 231-233 (trata somente dos manuscritos onde se pode encontrar os provérbios), p. 175 (onde ele apresenta todos os manuscritos em detalhe), e p. 186 (onde ele apresenta os manuscritos *M* e *S*). Recentemente foi lançado um livro com uma tradução para o inglês de todos os provérbios, com comentários e uma introdução excelente, que problematiza o estabelecimento do texto dos provérbios

provérbio também pode ser encontrada no *gnomologion* de Ioannes Georgides, que escreveu *epimúthia* para alguns desses provérbios de Esopo sem, todavia, colocar o respectivo provérbio junto a elas. Supõe-se que ele tenha vivido antes do ano 1100. Sua obra foi encontrada num manuscrito do século XI.<sup>193</sup>

As *hermeneiai* de Krumbacher e Georgides encontram-se abaixo reproduzidas e traduzidas.<sup>194</sup>

Krumbacher: Ἐν ἀν<άγ>κης καιρῷ < >  
τοὺς θηριώδεις ἄνδρας π<ατέρας> κάλει

Georgides: Ἐν καιρῷ ἀνάγκης καιρῷ δυσκαίρῳ ληφθεῖς  
Καὶ τοὺς τυχόντας ἄνδρας τοκέας λέγε

#### **Tradução:**

Georgides: Em tempo de necessidade tendo recebido um tempo ruim,  
Também os homens vulgares chama genitores

O comentário apresentado por Perry em sua edição mistura os dois *epimúthia*. Só traduzimos o de Georgides, uma vez que o trecho inteiro de Krumbacher já se encontra traduzido acima. A ideia permanece a mesma nos dois comentários: em tempo de necessidade chama-se de pais quaisquer pessoas, mesmo que elas sejam vulgares, ferozes, bestializadas, rústicas. Ou seja: quando se necessita de ajuda, ou proteção, não se olha a quem pedir, apenas pede-se.

---

(que, em algum ponto, contabilizavam mais de 200): PHILLIPS, Chandler A. *Proverbial Aesop*. Saratoga, CA: Millennial Mind Publishing, 2012. Conseguimos acessar apenas algumas páginas através da visualização do *Google Books*, mas não a do provérbio em questão, infelizmente.

<sup>193</sup> Cf. Perry, 2007, p. 281.

<sup>194</sup> Ambas foram retiradas de Perry, 1981, p. 233, já que a edição de Boissonade que contém o texto de Georgides não está completa, e não trazia essa *epimúthia*. Cf. BOISSONADE, J.Fr. (ed.) *Anecdota graeca*. v.I. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1962 (1ª edição 1829). pp. 1-108 (*ΓΕΩΡΓΙΑΔΟΥ ΓΝΩΜΟΛΟΓΙΟΝ*).

---

# Ἀκουσίλαος - Acusilau

*ca.* VI a.C. (?)<sup>195</sup>

(*Apud* anônimos e Eustácio de Tessalônica)

---

*Fragmenta* (Jacoby, ed.) 1a,2,F, fr. 42<sup>196</sup>

SCHOL. APOLL. RHOD. IV 828: Σκύλλης Αὔσονίης ... ἦν τέκε Φόρκωι νυκτιπόλος Ἐκάτη, τήν τε κλείουσι Κράταιν] Ἀκουσίλαος Φόρκυνος καὶ Ἐκάτης τήν Σκύλλαν λέγει· Ὅμηρος δὲ οὐχ Ἐκάτην ἀλλὰ Κράταιν ... ἐν δὲ ταῖς Μεγάλαις Ἑοίαις Φόρβαντος καὶ Ἐκάτης ἢ Σκύλλα. Στησίχορος δὲ ἐν τῇ Σκύλλῃ εἶδους τινὸς Λαμίας τήν Σκύλλαν φησὶ θυγατέρα εἶναι.

## Tradução:

*Fragmentos* (Jacoby, ed.) 1a,2,F fr. 42

Escólio a Apolônio de Rodes IV 828: Sobre a Cila Ausônia ... a que para Fórcis pariu Hécate noturna, também celebrada como Crateis. Acusilau diz que Cila é filha de Hécate e Fórcis; já Homero diz que não de Hécate, mas de Crateis. Nas Grandes Eias Cila é filha de Forbes e de Hécate. Estesícoro, na sua *Cila*, disse que a Cila era filha de alguma forma de *lâmia*.

## Comentário:

**Λαμίας:** Crateis é a mãe que Homero atribui a Cila, como já observamos antes, e que parece não ter a simpatia de Acusilau.<sup>197</sup> Podemos notar, pelo trecho selecionado, que

---

<sup>195</sup> Fowler (2007, pp. 623-624) discute a datação para Acusilau dizendo que Josefo (test. 3, Fowler 2007, p. 1) o localiza antes das Guerras Pérsicas, entre os primeiros escritores de fatos históricos, e Dioniso de Halicarnasso (test. 2 e test. 9, Fowler, 2007, p. 1 e p. 2, respect.) o posiciona junto a Hecateu, em algum ponto anterior à Guerra do Peloponeso. Cícero (test. 8, Fowler, 2007, p. 2) também considera Acusilau um escritor do período arcaico, e tanto Platão (fr. 6a e fr.23a, Fowler, 2007, p. 5 e p. 18) quanto Teofrasto (fr. 22, Fowler, 2007, pp. 15-17) o citam em suas obras. Portanto, assim como Fowler, essa tese adota a premissa de que Acusilau pertenceu ao Período Arcaico da literatura grega.

<sup>196</sup> Fragmento retirado de Jacoby, 1995 = *TLG*, também consultado em Fowler, 2007, pp. 26-27, fr. 42.

<sup>197</sup> Cf. nesta tese Estesícoro, p. 55; cf. ainda Homero, *Odisseia*, XII.124-126: "ἀλλὰ μάλα σφοδρῶς ἐλάαν, βοστρεῖν δὲ Κράταιν, / μητέρα τῆς Σκύλλης, ἢ μιν τέκε πῆμα βροτοῖσιν: / ἢ μιν ἔπειτ' ἀποπούσεν ἐς ὕστερον ὀρμηθῆναι" - "mas com mais vigor rema, clamando por Crateis, / mãe de Cila, a que ela pariu como praga para os mortais, / que a ela então vai impedir de atacar mais tarde".

o escólio que se refere a uma suposta obra de Estesícoro intitulada *Cila* é derivado de algum comentário desse autor sobre a *Odisseia*. Ainda é possível inferir que o comentário de Acusilau não tomava partido de nenhuma das possíveis origens de Cila, mas apenas as enumerava, como se estivesse fazendo uma lista.

Portanto, uma das possibilidades é a de que a mãe da Cila seja algum tipo de *lâmia* (εἶδους τινὸς Λαμίας), que nesse caso parece mais estar se referindo ao tubarão que os gregos denominavam λάμια.<sup>198</sup> Isso porque ambos são monstros marinhos, e têm suas dentições comparadas à de cães, mesmo que os adjetivos usados para caracterizá-las não sejam idênticos: os de Cila são "τρίστοιχοι ὀδόντες πυκνοὶ καὶ θαμέες" – "três fileiras de dentes afilados e abundantes", enquanto esse peixe *lâmia* é um καρχαρόδων – "de dentes em forma de serra".<sup>199</sup> Há semelhança entre dentes enfileirados e dentes em forma de serra, afinal, os "dentes", ou partes cortantes, de uma serra são enfileirados também.

Fowler cita o *PMGF*, que emenda a linha "εἶδους τινὸς Λαμίας" como "εἰδὸς τινος Λαμίας". Ele cita ainda a possibilidade levantada por Jacoby de que essa reconstrução pudesse ser "δαίμονός τινος Λαμίας", em português, "de algum demônio *lâmia*".<sup>200</sup> Essa última proposição resolveria a questão sobre a natureza da *lâmia* referida por Estesícoro: seria um tubarão ou outro tipo de monstro? Tanto a primeira quanto a segunda opção deixam essa definição pendente, afinal, "algum tipo de *lâmia*" é indefinido, pode ser tanto o monstro papão quanto o tubarão.

Cila, como já mencionamos, é referida na *Odisseia* como um monstro de doze pés em forma de tentáculos e seis cabeças com três fileiras de dentes afilados, cuja voz imitava a de um filhote de cachorro.<sup>201</sup> A pesquisadora americana Marianne Hopman afirma que Cila está associada a três elementos da literatura greco-romana: a mulher, o cão e o mar, e que desde a *Odisseia* a referência canina no nome Σκύλλη é aparente (Σκύλλη seria derivado de σκύλαξ). Hécate, por sua vez, estaria ligada a Cila pelo fato

<sup>198</sup> Cf. nesta tese Aristóteles, p. 106, Plínio o velho, p. 167, Ateneu de Náucrates, p. 219, Galeno, p. 239, Opiano da Cilícia, p. 264, e Oribásio, p. 286.

<sup>199</sup> Cf. Homero, *Odisseia*, XII, 80-100, e 244-259, nesta mesma tese pp. 44-54. Καρχαρόδων, καρχαρόδους - a acepção principal é "com dentes que parecem uma serra". Aparentemente, todos os vocábulos relacionados derivam dos substantivos compostos καρχαρόδων e καρχαρόδους, que são as palavras mais antigas atestadas (Homero na *Iliada*, Hesíodo, Aristófanes, Aristóteles, Teofrasto, entre outros), e aparecem sempre usados para caracterizar a dentição de cães. Todos esses vocábulos têm ligação com o fato de indicarem seres cujos dentes são pontiagudos e estão dispostos enfileirados nas bocas que os abrigam: um ao lado do outro, como no formato de uma serra. Na Grécia de hoje, καρχαρία é um dos substantivos usados para indicar tubarão. Cf. *LSJ*, 1996, p. 881; Chantraine, 2009, p. 483; Maniatoglou, 2008, p. 392; Hopman, 2005, p. 33; Grimal, 2005, pp. 88-89.

<sup>200</sup> Cf. Fowler, 2013, p. 629.

<sup>201</sup> Cf. nesta tese Homero, p. 52, nota 169.

de assumir a forma de uma loba, ou uma cadela, na imaginação popular. Era sob alguma dessas formas que ela se aproximava de mágicos e feiticeiras, e outros "habitantes das sombras".<sup>202</sup>

---

<sup>202</sup> Cf. Grimal, 2005, p. 193; *LSJ*, 1996, p. 500.

---

# Σκύλαξ - Sílax de Carianda<sup>203</sup>

*ca.* VI-V a.C. (?)

---

## Πέριπλος 62.5 - 62.10<sup>204</sup>

ΜΑΛΙΕΙΣ. Μετὰ δὲ Μηλιεῖς [Μαλιεῖς] ἔθνος. Ἔστι δὲ Μαλιεῦσιν ἡ πρώτη πόλις Λάμια, ἐσχάτη δὲ Ἐχῖνος· εἰσὶ δὲ καὶ ἄλλαι πόλεις Μαλιεῦσι, μέχρι οὗ ὁ κόλπος ἐπιθίγη. Καὶ τῆ Μαλιέων χώρα ἐποικοῦσιν ἄνωθεν ἀπὸ μεσογείας Αἰνιᾶνες, καὶ δι' αὐτῶν ῥεῖ ὁ Σπερχειὸς ποταμός.

## Tradução:

### *Périplo* 62.5 - 62.10

Málíos. Depois há o povo dos mélios [málíos]. A cidade mais importante para os málíos é Lâmia, na parte mais afastada do Equino. Mas os málíos também têm outras cidades ao longo do alcance do golfo. Os eniânios vindos do interior invadiram o interior da região dos málíos. Entre eles flui o rio Esperqueu.

## Comentário:

**Λάμια:** o trecho acima trata da geopolítica da região do Golfo de Mália, que fica na Grécia central, na altura da ilha de Eubeia. Lá está localizado o famoso Paço das

---

<sup>203</sup> Hoje os especialistas não atribuem mais a autoria do *Périplo* a Sílax: estão certos de que o texto foi produzido em Atenas em meados do século IV a.C. (por volta de 330 a.C.), por uma outra pessoa, que foi denominada Pseudo-Sílax (cf. Couillon, 2004, p. 11). Como optamos por basear o *corpus* dos autores desta tese nos dados fornecidos pelo *TLG*, e este programa ainda atribui a autoria do *Périplo* a Sílax de Carianda, resolvemos mantê-lo na ordem cronológica no intervalo entre os séculos VI-V a.C., que é a data atribuída a esse autor. Fragmentos da obra de Sílax de Carianda podem ser encontrados em Heródoto, em Aristóteles, e na *Suda*.

<sup>204</sup> Fragmento retirado de Müller, 1965 = *TLG*. Duas edições recentes traduzem e comentam o texto, mas não tivemos acesso a elas: SHIPLEY, Graham. *Pseudo-Scylax's Periplus. Text, Translation and Commentary*. Exeter: Bristol Phoenix Press, 2011; e GARZÓN DÍAZ, J. *Geógrafos griegos. Escílax de Carianda, Hannón de Cartago, Hijo de Califonte*. Oviedo: KRK Ediciones, 2008. Patrick Counillon afirma que o *Périplo* é uma descrição geográfica das costas do Mar Mediterrâneo e do Mar Negro, que vai progredindo em um sentido horário até chegar às colônias gregas da Líbia, no norte da África. O autor francês afirma ainda que a obra, que ele considera mal-escrita e portanto mal-estabelecida para a Posteridade, tem uma importância epistemológica fundamental, por ser o primeiro tratado de geografia que nos chegou completo, e por revelar a visão que tinham os atenienses de suas cercanias, em meados do século IV a.C. (cf. Counillon, 2004, p. 11, e pp. 24-27, onde ele discute a questão mais a fundo).

Termópilas.<sup>205</sup> Lá também está a principal cidade da região, Lâmia, que Sílux cita no fragmento acima como sendo a principal cidade do povo dos málios, os habitantes locais.

Lâmia ficava na planície do rio Esperqueu, e era fundamental na conexão entre a Tessália e a Grécia central, principalmente por, além da posição estratégica, deter o controle do porto principal da região, Fálara, como atesta Élio Herodiano: "<Fálara> cidade da Tessália, próximo de Lâmia".<sup>206</sup> Herodiano não diz que a cidade era portuária, mas Hansen & Nielsen afirmam que sim, que era um porto muito usado pelos tessálios e por aqueles que vinham da Ásia Menor.<sup>207</sup> Sua ocupação é atestada do neolítico aos dias atuais, tendo sido fortificada por volta de 400 a.C.<sup>208</sup>

Esse registro é puramente geográfico, não há conexões diretas com a voracidade que é traço semântico da raiz da palavra λάμια.

---

<sup>205</sup> O Paço das Termópilas é um local no Golfo Málio onde um dos mais conhecidos episódios das chamadas Guerras Médicas, entre persas e gregos, teve desenvolvimento. Ali, em 480 a.C, Xerxes, filho do rei Dario I, e comandante do imenso exército persa, que estava pronto para invadir a Grécia, enfrentou uma coalisão grega diminuta de sete mil homens. Entre eles estavam os 300 homens da guarda pessoal do rei espartano Leônidas, e o próprio, que atrasaram os persas o suficiente para dar aos gregos tempo de se organizar e expulsar os invasores definitivamente na Batalha de Plateia. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1189, para a Batalha de Plateia, e 1507-1508, para o Paço das Termópilas e a batalha que lá aconteceu; cf. nesta tese Hipérides, p. 98, esp. n. 304.

As Guerras Médicas foram duas tentativas frustradas que o Império persa fez de invadir a Grécia, uma em 490 a.C. e outra em 480/479 a.C. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1145-1147. A Batalha de Plateia aconteceu em 479 a.C. na região de Plateia, próximo a Atenas, e colocou fim às esperanças do imperador persa Xerxes de invadir a Grécia. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1189. Xerxes era filho de Dario I, e herdou de seu pai os planos de conquista da Grécia, mas seu período de governo é conhecido como um período de consolidação do Império persa, e não de decadência. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1631-1632.

Dario I foi o rei persa que construiu as capitais de Susa e Persépolis, e expandiu o império até o vale do rio Indo e a Trácia. Após conquistar as ilhas gregas do Mar Egeu, Dario planejou a invasão da Grécia, mas encontrou uma resistência maior do que esperava em sua incursão, tendo sido vencido na Batalha de Maratona, em 490 a.C. Foi um soberano respeitado, que trabalhou continuamente para aperfeiçoar os sistemas tributário e administrativo de seu império, que delegou a seu filho, Xerxes. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 430.

Na Batalha de Maratona, uma larga região na costa nordeste da Grécia, dez mil gregos lutaram contra pelo menos o dobro de combatentes persas, e venceram (há relatos de que apenas 192 guerreiros atenienses mataram 6.400 guerreiros persas), por mais improvável que tal feito possa parecer. Os persas foram obrigados a bater em retirada e os gregos os perseguiram até seus navios, conseguindo capturar sete deles. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 921.

<sup>206</sup> Élio Herodiano, ΠΕΡΙ ΚΑΘΟΙΚΗΣ ΠΡΟΣΩΔΙΑΣ (*Sobre a prosódia católica*), 3,1.386.2: "<Φάλαρα> πόλις Θεσσαλίας πλησίον Λαμίας".

<sup>207</sup> Sobre a região da Mália e o porto de Fálara, cf. Hansen & Nielsen, *IACP*, 2004, pp. 685-686 e 711, que esclarecem que a localização desse porto não é certa.

<sup>208</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 812. A atual cidade de Lâmia tinha 46.406 habitantes em 2004 e é, ainda hoje, a capital do estado da Ftiótida. A região, na Antiguidade, era tida como o lugar onde nascera e vivera Aquiles. A Ftiótida faz parte da região da Grécia Central, da qual Lâmia é a maior e mais importante cidade. O famoso sítio das Termópilas está localizado a 18km de Lâmia, e é marcado por um monumento em honra a Leônidas e seus 7000. A parte central do monumento é ocupada por uma estátua gigantesca de Leônidas. Para todas essas informações cf. Baedeker, 1995, pp. 314-315; Lonely Planet, 2004, pp. 216-218; DK, 2004, p. 224.

---

# Εὐριπίδης - Eurípides *ca.*480-*ca.*406 a.C.

(*Apud* Diodoro Sículo<sup>209</sup>)

---

*Λάμια*, 922 (TGF)<sup>210</sup>

Τίς τοῦνομα τὸ ἐπονείδιστον βροτοῖς / οὐκ οἶδε Λαμίας τῆς Λιβυτικῆς γένος;

**Tradução:**

*Lâmia*, 922 (TGF)

Quem o nome mais vergonhoso para os mortais / não sabe de Lâmia da raça Líbia?

**Comentário:**

**Λαμίας:** o fragmento é retirado de Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 20.41.6.4-5, que afirma que estes versos são de Eurípides, no prólogo de sua peça chamada *Lâmia*.<sup>211</sup>

Há outra fonte que chegou até nós e que menciona uma peça *Lâmia* de Eurípides: Lactâncio, em sua obra *Instituições Divinas*.<sup>212</sup> No capítulo sexto do livro 1 dessa obra, Lactâncio trata dos testemunhos divinos na Antiguidade, principalmente daqueles pronunciados pelas sibilas. No trecho em que a peça de Eurípides é mencionada, Lactâncio está citando Varrão, que era considerado pelos autores cristãos uma autoridade em religião e filosofia da Antiguidade.<sup>213</sup>

---

<sup>209</sup> Cf. nesta tese Diodoro Sículo, pp. 140-151.

<sup>210</sup> O fragmento retirado de Kannicht, 2004, *TGF*, v.5, pt.1, p. 517.

<sup>211</sup> Cf. nesta tese Diodoro Sículo, pp. 140-151.

<sup>212</sup> A obra *Instituições Divinas* de Lactâncio foi escrita entre 303 e 311. Ela critica o paganismo, suas tradições e crenças, e é considerada a primeira tentativa registrada de uma sistematização da doutrina cristã. Cf. *Enciclopédia Católica*, v. VIII, p. 736. Essa enciclopédia, que começou a ser publicada em 1913 nos Estados Unidos, está hoje em domínio público e pode ser encontrada facilmente na internet para consulta, em sítios como [www.catholic.org/encyclopedia](http://www.catholic.org/encyclopedia); [www.newadvent.org/cathen](http://www.newadvent.org/cathen). Cf. ainda Bowen & Garnsey, 2003, pp. 1 a 6 para a vida de Lactâncio, da qual se tem poucas notícias: apenas através do que ele próprio fala de si em suas obras extantes, e do testemunho de São Jerônimo sabemos algo dela. São Jerônimo, junto com outros dentre os primeiros escritores da Cristandade, afirmam que Lactâncio não compreendia a doutrina católica, mas elogiam seu estilo, comparando-o à Cícero, em quem ele diz ter se espelhado no ato da escrita. Segundo Bowen e Garnsey, Lactâncio seria africano de origem, e teria vivido na época de Diocleciano e Constantino. Teria penado muito durante a grande perseguição dos cristãos promovida pelo primeiro desses dois imperadores em 303. Em suas obras, Lactâncio faz uso de fontes pagãs, inclusive dos *Oráculos Sibilinos*, aos quais está se referindo no trecho em discussão. Cf. Bowen & Garnsey, pp. 14-21.

<sup>213</sup> Varrão (116-27 a.C.), escreveu muitas obras, das quais nos chegaram somente uma completa, *De re*

As sibilas foram, em número, dez [...]: a primeira foi da Pérsia, de quem fez menção Nicanor, que escreveu os feitos ilustres de Alexandre da Macedônia; a segunda, da Líbia, de quem se lembra Eurípides no prólogo da *Lâmia* [segunda a líbia, da qual memória guardou Eurípides no prólogo da *Lâmia*]; [...].<sup>214</sup>

Lactânncio, nesse trecho, se refere ao comentário que Varrão teria feito sobre a autoria dos escritos das sibilas (posteriormente reunidos nos *Oracula sibilina*<sup>215</sup>), afirmando que todas as sibilas teriam participado da composição de tais escritos. Varrão cita a razão do nome sibila, e os nomes das dez primeiras sibilas da Antiguidade, suas origens, alguns episódios de suas vidas, e outros fatos sobre elas.<sup>216</sup>

O comentário de Lactânncio, porém, não fornece nenhum fragmento da referida peça de Eurípides, e afirma apenas que a segunda sibila é lembrada por este autor no prólogo de sua peça chamada *Lâmia*. Coincidentemente, o comediógrafo Crates, que foi contemporâneo de Eurípides, tem uma comédia com o mesmo título, da qual seis fragmentos sobreviveram. Nenhum deles, contudo, menciona a palavra *λάμια*.<sup>217</sup>

Parece claro, pelo testemunho dado pelos fragmentos de Diodoro e Lactânncio-Varrão, que Eurípides teria escrito uma peça cujo título seria *Lâmia*, da qual o único fragmento sobrevivente é aquele citado acima, encontrado em Diodoro.

Sobre o fragmento, tanto os editores da enciclopédia *New Pauly* quanto outros especialistas afirmaram que Eurípides teria colocado uma *lâmia* como enunciadora do prólogo de seu drama satírico chamado *Busíris*.<sup>218</sup> Entretanto, e contrariando as afirmações, após analisarmos os fragmentos remanescentes da referida peça, não encontramos, nem nesses fragmentos, nem nos escólios a essa peça, informação que

---

*rustica* (*Sobre as coisas do campo*), e uma incompleta, *De lingua latina* (*Sobre a língua latina*). É nos fragmentos de sua *Antiquitates rerum humanarum et divinarum* (*Antiguidades das coisas humanas e divinas*) que ele menciona o prólogo da peça eurípideana de nome *Lâmia*. Cf. Bowen & Garnsey, 2004, p. 70, especialmente n. 30, que se refere a Varrão.

<sup>214</sup> Lactânncio, *Instituições Divinas* I.6.8-I.6.9: "Sybillas decem numero fuisse [...]: primam fuisse de Persis, cuius mentionem fecerit Nicanor qui res gestas Alexandri Macedonis scripsit, secundam Lybissam, cuius meminit Euripides in Lamiae prologo [δευτέρα ἢ Λύβισσα, ἧς μνήμην ἐποιήσατο Εὐριπίδης ἐν τῷ προλόγῳ τῆς Λαμίας]". Texto Latino retirado de Migne, 1844, pp. 141-142. Cf. ainda Kannicht, 2004, *TGF*, fr. 472m, v. 5, pt. 1, pp. 517-518.

<sup>215</sup> O trecho que fala das dez primeiras sibilas nos *Oráculos sibilinos* pode ser conferido nesta tese, pp. 272-273, onde está traduzido e comentado.

<sup>216</sup> Cf. Lactânncio, *Instituições divinas* I.6.2.; Varrão, *Antiguidades das coisas humanas e divinas*, que teria sido escrito por Varrão em 41 livros, entre 116 e 27 a.C., e que nos chegou apenas em fragmentos.

<sup>217</sup> A tradução do fragmento aqui foi mais literal do que a tradução em Diodoro (cf. nesta tese pp. 148-149), em que foi prezada a fluência do português. Para Crates, cf. nesta tese pp. 70-76.

<sup>218</sup> *Βουσίρις Σατύρικος*; cf. Cancik & Schneider, 2005, v. 7, p. 182; cf. Kannicht, 2004, *TGF*, fr. 472m, v. 5, pt. 1, pp. 517-518.

levasse à conclusão definitiva de que uma *lâmia* enunciaria o prólogo.<sup>219</sup>

Em seu comentário a esse fragmento, Richard Kannicht discute as questões acerca do nome "Lâmia", debatendo se esse seria mesmo o nome de uma peça de Eurípides, como afirmam Diodoro Sículo e Varrão, ou se seria o nome da enunciadora do prólogo do *Busíris*, como afirmaram os outros especialistas que ele cita. Isto acontece porque não há como se determinar, categoricamente, os enunciadores, como afirma David Kovacs:

Provavelmente não havia nem indicações do enunciador, meramente uma linha horizontal, chamada *paragraphos*, abaixo da primeira palavra de um discurso, que se estendia até a margem esquerda, para mostrar que havia uma mudança do enunciador, com uma marca parecida com uma vírgula, se fosse necessário, para marcar a mudança de enunciador no meio da linha.<sup>220</sup>

Kannicht afirma que muitos estudiosos duvidaram da veracidade desse título *Lâmia*, por não haver menção a tal peça de Eurípides no catálogo de suas obras, e nem em lugar algum. Por causa disso, eles preferiram tomar o testemunho de Varrão como se a *Lâmia* fosse a enunciadora do prólogo do *Busíris*, uma vez que essa peça é ambientada na Líbia, e que, em uma das versões de seu mito, *Lâmia* é uma rainha desse país.<sup>221</sup> Kannicht, porém, discorda dos pesquisadores que cita, e por isso classifica o fragmento 472m como o único sobrevivente de um drama satírico de Eurípides que se chamaria *Lâmia*.<sup>222</sup> Todavia, Kannicht também cita o fragmento acima como o provável primeiro fragmento do *Busíris*.

Portanto, na parte da peça *Lâmia* esse fragmento está identificado com o número 472m, na parte do *Busíris*, com o 312a (o primeiro).<sup>223</sup> Essa disposição já é suficiente para demonstrar a situação dessa polêmica: os especialistas ainda estão discutindo a que peça pertenceria o fragmento em análise. Justamente por isso, Kannicht o coloca nas duas peças: não há uma solução ainda.<sup>224</sup>

As justificativas apontadas pelos estudiosos citados por Kannicht têm pouca

---

<sup>219</sup> Richard Kannicht, na edição do *TGF* de 2004, apresenta os comentários e os fragmentos restantes desses dois dramas satíricos de Eurípides, o que permitiu a análise. Cf. Kannicht, 2004, *TGF*, v.5, pt.1, frs. 312a-315, pp. 368-370 e fr. 472m, pp. 517-518.

<sup>220</sup> Kovacs, 2005, p. 380: "There were probably not even speaker indications, merely a horizontal line, called a *paragraphos*, under the first word of a speech and extending into the left margin, to show that there was a change of speaker, with a colon-like mark, if needed, to mark change of speaker mid-line".

<sup>221</sup> Cf. Kannicht, 2004, *TGF*, p. 517.

<sup>222</sup> Cf. Kannicht, 2004, *TGF*, fr. 472m, v. 5, pt. 1, p. 518.

<sup>223</sup> Cf. Kannicht, 2004, p. 518.

<sup>224</sup> Pelo menos não até a publicação da edição de Kannicht de Eurípides do *TGF* em 2004.

força, e a conclusão soa precipitada. De fato, não há outros fragmentos que possam corroborar ou descartar uma das duas hipóteses. Contudo, os dois únicos testemunhos antigos que mencionam algo sobre isso são o de Diodoro e o de Varrão, e eles citam a existência de uma peça euripideana intitulada *Lâmia*. Além disso, não há qualquer referência a uma *lâmia* no *Busíris*.<sup>225</sup> Talvez por essa razão Kannicht afirme que *Lâmia* parece mesmo ter sido uma peça satírica de Eurípides. Desse modo, optamos por concordar com ele, e considerar a existência de tal peça.

<sup>225</sup> Os fragmentos do Busíris, *ΒΟΥΣΙΡΙΣ ΣΑΤΥΡΙΚΟΣ* podem ser contemplados nas pp. 368-370 de Kannicht, 2004 (*TGF*). Nem nos fragmentos, nem nos comentários aos fragmentos faz-se menção a qualquer *lâmia*. O primeiro fragmento é um testemunho sobre a peça, que provavelmente se referia a seu argumento, pois diz:

Βούσειρι[ς σατυρικός, οἷ ἄρχή:  
 ]..αιμονο[  
 ἢ δ' ὑπόθεσ[ις:  
 χρυ]σᾶ μῆλα δ.[  
 σ]άτυροι προ.[  
 ..]ερ.[  
 .]τεσ[  
 ]..ιγυ[  
 .]μι.[  
 .].[  
 ].το[  
 ].[

Drama satírico Bousíris, que começa:  
 ..sangrent  
 e o argumento:  
 maçãs douradas  
 sátiros pro.  
 ..er.  
 .tes  
 ..igu  
 .mi.  
 ..  
 .to  
 .

Kannicht cita também um comentário de Ferecides resumindo o argumento da peça, num escólio a Apolônio de Rodas: "Ὁ δὲ ἔρχεται οὕτως ἐπὶ τὰ χρυσαῖα μῆλα. Αφικόμενος δὲ εἰς Ταρτησσὸν, πορεύεται εἰς Λιβύην, ἔνθα ἀναιρεῖ Ἀνταῖον τὸν Ποσειδῶνος, ὑβριστὴν ὄντα. Εἶτα ἀφικνεῖται ἐπὶ τὸν Νεῖλον εἰς Μέμφιν, παρὰ Βούσειριν τὸν Ποσειδῶνος· ὃν κτείνει, καὶ τὸν παῖδα αὐτοῦ Ἰφιδάμαντα, καὶ τὸν κήρυκα Χάλβην, καὶ τοὺς ὀπάνας, πρὸς τῷ βωμῷ τοῦ Διὸς, ἔνθα ἐξενокτόνουν" - "Assim então, ele (Héacles) foi procurar pelas maçãs douradas. Chegando a Tartesso, foi carregado até a Líbia. Lá matou Anteu, filho de Poseidon, que era um insolente. Depois chegou, pelo Nilo, até Mênfis, junto a Busíris, filho de Poseidon. Matou-o, e também o filho dele, Ifidamante, o mensageiro Chalben, e os membros da corte, em frente ao altar de Zeus, lá matou também os estranhos" (texto grego retirado de Müller, 1841-1870 = *TLG*. Também pode ser encontrado em Kannicht, 2004, p. 368, que cita Jacoby, *FGrH* 3 F17, que cita Wendel, escólio a Apolônio de Rodas 4.1396-9b). A história de Héacles e Busíris é referida por Grimal, 2005, pp. 63-64, que diz que o rei egípcio aprisionara o filho de Zeus para sacrificá-lo para o próprio Zeus, em busca de boas colheitas. Héacles conseguiu se libertar e matou tanto o rei, quanto seu filho, os assistentes do sacrifício e também os estrangeiros. O primeiro fragmento que Kannicht cita como sendo parte integrante da peça *Busíris* seria o que está acima traduzido e comentado. O segundo, 312b, diz: "ἜΩ δαιμονο[...]" - "Ὁ demônio[...]" . O terceiro, 313: "δοῦλω γὰρ οὐχ οἷόν τε τάληθῆ ἴλεγεν, / εἰ δεσπότησι μὴ πρέποντα τυγχάνοι" - "pois não por um tal dolo dizer a verdade / se não for adequado aos déspotas existentes". Há dúvidas sobre o fragmento 313a, e, assim como os fragmentos 314 ("ἀγνίσαι" - "lavar, purificar") e 315 ("ἀτρεκήσασα" - "certa"), não acrescenta nada à discussão.

---

# Κράτης - Crates V a.C.

(*Apud* vários autores, citados nos comentários a cada fragmento)

---

## *Λάμια (PCG)*<sup>226</sup>

Os fragmentos sobreviventes da *Lâmia* de Crates são poucos e não fornecem muita informação acerca da peça, mesmo quando acompanhados dos comentários antigos. A esse respeito, Douglas Olson afirma que "muitos fragmentos da comédia grega consistem apenas de uma palavra ou duas citadas fora de contexto, e em muito poucos casos nós podemos dizer algo de significativo a respeito da trama de uma peça perdida, ou até mesmo reconstruir uma cena".<sup>227</sup> Tudo o que nos restou dessa peça, infelizmente, são os seis fragmentos seguintes, que não mencionam a palavra *lâmia*. Por este motivo, vamos contemplá-los quase sempre partindo de comentários posteriores acerca dos mesmos.

---

### Fragmento 20

σκυτάλην ἔχουσα ἐπέρδετο  
a que tinha pau grande peidou

#### **Comentário:**

O fragmento acima tem cinco fontes: o escólio relativo a três versos de Aristófanes, *Ecclesiazousae*; quatro versos de Aristófanes, *Vespas*; um verbete do léxico de Hesíquio; um verbete do léxico de Fócio, e um escólio de Agátias de Mirina a Pausânias.

Aristófanes, em *Ecclesiazousae* (ou *A assembleia das mulheres*), coloca uma mulher de nome Praxágora conversando com outras mulheres. Em um dado momento

---

<sup>226</sup> Os fragmentos de Crates foram retirados da edição de Austin & Kassel, 1983, *PCG*, pp. 96-98.

<sup>227</sup> Olson, 2007, p. 1: "Many fragments of Greek comedy consist of only a word or two quoted out of context, and in very few cases can we say anything significant about the plot of a lost play or even reconstruct a scene".

da conversa, uma delas diz: "eu mesma, claro, tomei, na surdina, o pau de Lâmio, que estava adormecido", ao que a outra responde: "este é daqueles paus que peida".<sup>228</sup> O escólio a esses três versos comenta o nome da pessoa que teve sua bengala furtada:

77. **Lamíou:** Lâmio é um pobre qualquer que vive de carregar madeira (por isso ela diz que ele carregava pau. Está sendo ridicularizado também como carcereiro. A Lâmia era macho. Em sua peça homônima, Crates diz sobre ela que, "a que tem pau, peidou").<sup>229</sup>  
78. **que peida:** contra aquele que o carrega. Ou, igualmente, sob o fardo do peso, peidou — o cacete é o pau.<sup>230</sup>

Nesse comentário, a *lâmia* é um Lâmio, ou seja, um homem, que vive de carregar lenha. O comentador, assim como Graham Anderson, tenta explicar a razão da flatulência de Lâmio: diz que é por causa do peso do fardo de lenha.<sup>231</sup> O nome Lâmio não aparece em nenhum outro texto, somente nesses versos de Aristófanes, não está dicionarizado, e não encontramos outra discussão sobre ele além dessa do comentário acima.

Na peça *Vespas*, Aristófanes coloca um pai e um filho conversando sobre um jantar em que figurariam pessoas importantes da sociedade de Atenas. O filho se preocupa com qual tipo de conversação o pai seria capaz de manter em tal ocasião, e lhe pergunta o que ele diria aos convivas, ao que o pai responde prontamente:

Pai: — Tudo, muito!  
Primeiro, por um lado, como a Lâmia, capturada, peidou;  
e depois, por outro, como o Cardópion, a mãe...<sup>232</sup>

Dessa maneira o pai, durante a conversa com seu filho, retoma a temática do fragmento de Crates da Lâmia 'peidorreira'.

<sup>228</sup> Aristófanes, *Ecclesiazusae* 76-78: "ἔγωγέ τοι τὸ σκύταλον ἐξηνεγκάμην τὸ τοῦ Λαμίου τουτι καθεύδοντος λάθραι. :: τοῦτ' ἐστ' ἐκείνων τῶν σκύταλων ὧν πέρδεται". Texto grego retirado de Ussher, 1973 = *TLG*.

<sup>229</sup> Escólio anônimo a Aristófanes, *Ecclesiazusae* 77: "Λαμίου: Λάμιός τις πένης καὶ ἀπὸ ξυλοφορίας ζῶν (διὸ καὶ βακτηρίαν ἐξενέγκασα αὐτοῦ φησιν εἶναι. κωμωδεῖται γὰρ καὶ ὡς δεσμοφύλαξ. ἀρσενικῶς δὲ Λαμίαν. ὑπὲρ ἧς ὁ Κράτης λέγει ἐν τῷ ὁμωνύμῳ δράματι, ὅτι σκυτάλην ἔχουσα ἐπέρδετο)". Para verificar a discussão a respeito desse escólio cf. nesta tese, Aristófanes, pp. 86-87. Trecho grego retirado de Dübner, 1969 = *TLG*.

<sup>230</sup> Escólio anônimo a Aristófanes, *Ecclesiazusae* 78: "ὧν πέρδεται: Ἄντι τοῦ ὧν φέρει. ἢ ἴσως ὑπὸ τοῦ βάρους ἐπέρδετο. — τὸ σκύταλον τὸ ρόπαλον". Para verificar a discussão a respeito desse escólio cf. nesta tese, Aristófanes, pp. 86-87. Trecho grego retirado de Dübner, 1969 = *TLG*.

<sup>231</sup> Cf. nesta tese Aristófanes, pp. 85-86, n. 274, onde discutimos as razões da flatulência de *lâmia*.

<sup>232</sup> Aristófanes, *Vespas* 1176-1178: "πολλοὺς πάνυ. / πρῶτον μὲν ὡς ἡ Λάμι' ἀλοῦσ' ἐπέρδετο, / ἔπειτα δ' ὡς ὁ Καρδοπίων τὴν μητέρα...". Cf. nesta tese, Aristófanes, pp. 84-88. Trecho grego retirado de MacDowell, 1971 = *TLG*.

Os trechos de Hesíquio de Alexandria, Fócio e Agátias de Mirina vão ser apresentados juntos, em razão de sua similitude: todos datam do período Bizantino, (apesar do longo tempo de distanciamento entre eles no caso de Hesíquio e Fócio, em que há quatro séculos de distância), os dois primeiros são verbetes de dicionários, o terceiro cita o primeiro, e todos citam Aristófanes e Crates.

No trecho de Hesíquio, uma entrada lexical para a palavra *lâmia*, ele diz que "Aristófanes fala sobre uma mulher de dentes de *lâmia* que passava o tempo escornada na praça pública. E alguns dizem ainda que havia na praça pública uma mulher peidorreira".<sup>233</sup> Hesíquio cunha um adjetivo para essa passagem, *λαμιώδους* – "dentes de *lâmia*", como visto anteriormente.<sup>234</sup> O trecho citado de Fócio também é uma entrada lexical dedicada a *lâmia*, e comenta que ela era uma "mulher que na Ágora da Atenas passava o tempo, portando um pau e resmungando. É também uma fera".<sup>235</sup> Nos parece muito provável que Fócio tenha acessado a obra de Hesíquio para construir a sua. Do mesmo modo, Agátias de Mirina diz que "também desse modo Hesíquio: Aristófanes diz assim de uma mulher que ficava na praça pública. E alguns dizem que a mulher peidorreira que ficava na praça pública era *Lâmia*".<sup>236</sup>

**ἐπέρδετο:** o verbo *πέρδομαι* não tem outra acepção a não ser "to break wind" (soltar gases), como coloca muito delicadamente o LSJ, que traduzimos pelo vulgar "peidar" por considerarmos mais adequado ao contexto.

---

## Fragmento 21

ἔπη τριπύχη Θετταλικῶς τετμημένα

uma palavra de três cúbitos cortada à moda tessália

---

<sup>233</sup> Hesíquio, *Léxico*, A 248.1: "Ἀριστοφάνης φησίν, ὡς τηκούσης ἐν τῇ ἀγορᾷ τινοσ λαμιώδους γυναικὸς ἐνδιατριβούσης. τινὲς δὲ ἐν τῇ ἀγορᾷ περδομένην γυναικα". Para informações a respeito desse trecho cf. a "Introdução" desta tese p. 23, n. 71. Trecho grego retirado de Latte, 1953 = *TLG*.

<sup>234</sup> A discussão a respeito desse adjetivo pode ser lida na "Introdução" desta tese, pp. 23-24.

<sup>235</sup> Fócio, *Léxico*, p. 206: "γυνὴ Ἀθήνησιν ἐν ἀγορᾷ διατριβουσα, σκύταλον ἔχουσα καὶ ἀποφοφοῦσα. ἔστι δὲ καὶ θηρίον". Para informações mais detalhadas sobre esse trecho, cf. a Introdução desta tese, p. 26. Trecho grego retirado de Porson, 1822 = *TLG*.

<sup>236</sup> Agátias Escolástico, escólio a Pausânias, *Descrição da Grécia*, I.1.3: "[...] καὶ οὕτω μὲν Ἡσύχιος, Ἀριστοφάνης δὲ φησιν....γυναικὸς ἐν τῇ ἀγορᾷ ἔστηκούσης. τινὲς δὲ ἐν τῇ ἀγορᾷ περδομένην γυναικα Λάμιαν εἶναι: [...]". Para a discussão sobre esse trecho, cf. nesta tese Pausânias, especialmente o escólio de Agátias de Mirina, pp. 207-208, n. 583 Trecho grego retirado de Spiro, 1894 = *TLG*.

### Comentário:

Novamente, é através de comentários de outro autor, Ateneu de Náucrates, que conhecemos esse fragmento. Ele se refere ao costume que tinham os tessálios de cortar grandes pedaços de carne: "Porque Crates diz na *Lâmia* que todos os tessálios são caluniados como glutões: logo 'uma palavra de três cúbitos cortada à moda tessália'. Ele fala, assim, como os tessálios eram cortadores de carnes grandes".<sup>237</sup>

Aristófanes, em sua peça *Rãs* 799, também usa esse costume dos tessálios para fazer Eurípides se referir ao peso da tragédia de *Ésquilo*, por causa das palavras enormes que usa. Nessa peça, uma disputa é estabelecida entre os dois para ver quem voltaria do Hades: "e trenas exibiremos e cúbitos de palavras / e medidas compactas".<sup>238</sup> Essa fala é de Eurípides, que pede para trazerem uma trena com que ele possa medir as palavras de *Ésquilo*, para provar como são grandes e pesadas.

---

### Fragmento 22

ἡμίεκτόν ἐστι χρυσοῦ (μανθάνεις;) ὀκτὼ ὀβολοί  
a sexta parte é de ouro (entendes?) oito óbolos

### Comentário:

É na obra do gramático Júlio Pólux que esse fragmento pode ser encontrado, na parte em que ele faz um estudo sobre numismática. Nessa parte da obra ele explica as divisões da Dracma grega: "Os oito óbolos poderiam ser chamados de *hemiecton*, como diz Crates na sua *Lâmia*: 'um *hemiecton* é de ouro, (entendes?), oito óbolos'".<sup>239</sup>

O vocábulo ἡμίεκτον designa a sexta parte de uma medida de milho, que era chamada

---

<sup>237</sup> Cf. Ateneu, *Os sofistas de jantar*, 10.12.7-10: "ὅτι δὲ καὶ πάντες Θετταλοὶ ὡς πολυφάγοι διεβάλλοντο Κράτης φησὶν ἐν Λάμιαι: ἐπεὶ — τετμημένα. τοῦτο δ' εἶπεν ὡς τῶν Θετταλῶν μεγάλα κρέα τεμνόντων". Veja a discussão desse trecho mais à frente nesta tese, p. 224. Trecho grego retirado de Kaibel, 1965-1966 = *TLG*. Cf. ainda nossa dissertação de mestrado para um comentário mais abrangente: Mortoza, 2013, pp. 51-52.

<sup>238</sup> Aristófanes, *Rãs*, 799: "καὶ κανόνας ἐξοίσουσι καὶ πήχεις ἐπῶν / καὶ πλαίσια ξύμπηκτα". Trecho grego retirado de Coulon & Van Daele, 1967 = *TLG*. Πήχυς é o substantivo que os gregos usavam para nomear o antebraço, e também para indicar a medida que um antebraço tinha, que em português se conhece como côvado, e representa uma coluna de dez centímetros de altura (*LSJ*, 1996, p. 1402; *Houaiss*, 2008, p. 883). Ele é determinado pelo substantivo ἔπος, no genitivo plural, e por isso indica palavras grandes, que Eurípides afirma que vai medir, uma por uma, para provar como é pesada a tragédia de *Ésquilo*.

<sup>239</sup> Júlio Pólux, *Léxico*, 9.61.3-9.63.4: "οἱ μέντοι ὀκτὼ ὀβολοὶ ἡμίεκτον ἂν ὀνομάζονται, ὡς φησὶν ἐν Λαμία Κράτης ἡμίεκτόν ἐστι χρυσοῦ, μανθάνεις, ὀκτὼ ὀβολοί". Para um comentário detalhado deste trecho da obra de Júlio Pólux, cf. nesta tese pp. 210-211. Trecho grego retirado de Bethe, 1967 = *TLG*.

μέδιμνος.<sup>240</sup> O *LSJ* informa que o μέδιμνος equivaleria a algo em torno de 12 galões, o que nos dá uma ideia de quantidade.<sup>241</sup>

---

### Fragmento 23

καὶ μάλιστ' ἀφροδισίοις ἀθύρμασιν  
sobretudo para as brincadeiras de Afrodite

#### Comentário:

Esse fragmento está citado numa entrada do léxico de Fócio: "brincadeira de Afrodite. Crates, *Lâmia*: e — brincadeiras \*\*\* pois aquele é doce de fazer, mas não é bom de ser falado".<sup>242</sup> É um fragmento muito pequeno, e está sem contexto algum, aparte esse comentário de Fócio, que diz que as delícias de Afrodite são melhores de serem feitas do que de serem comentadas.

**ἄθυρμα**: substantivo neutro cujo significado primeiro é "brinquedo", sendo "prazer, encanto" uma das acepções possíveis.<sup>243</sup> Optamos pela tradução "brincadeiras", numa tentativa de adequar a tradução ao contexto de origem, uma comédia.

**ἀφροδίσιος**: adjetivo triforme que se refere "àquilo que pertence à deusa do amor".<sup>244</sup>

---

### Fragmento 24

ἀνδριστὶ μιμεῖσθαι φωνήν  
imitar a voz com virilidade

---

<sup>240</sup> *LSJ*, 1996, p. 521 e 1089.

<sup>241</sup> Um galão no Brasil equivale a 3,6L, um galão inglês equivale a 4,55L, e um galão americano equivale a 3,78L.

<sup>242</sup> Fócio, *Léxico*, A.3396: "ἀφροδίσιον ἄθυρμα. Κράτης Λαμίας: καὶ — ἀθύρμασιν \*\*\* ἡδὺ γὰρ κάκεῖνο δρᾶν ἐστὶ, λέγεσθαι δὲ οὐ καλόν" – Cf. a "Introdução" desta tese, p. 28, nn. 88 e 89. Trecho grego retirado de Theodoridis, 1982.

<sup>243</sup> *LSJ*, 1996, pp. 33-34.

<sup>244</sup> *LSJ*, 1996, p. 293.

### Comentário:

**ἀνδριστι:** advérbio formado a partir da raiz do substantivo ἀνήρ, que enfatiza o universo masculino: "virilmente, como um homem", e que seria "com a voz de um homem", nesse caso.<sup>245</sup>

É no *Léxico* de Fócio que está citado esse fragmento: "imitar a voz com virilidade: como homem. Crates, *Lâmia*".<sup>246</sup> Contudo, este fragmento também está citado em um trecho escrito pelo gramático Frínico Árábio, e era parte integrante de sua obra *Preparação sofisticada*. O fragmento de Frínico é o que se encontra citado por Fócio em seu léxico, apesar de ele não fazer referência a essa citação. Sabemos que Fócio está citando Frínico porque aquele não só afirma ter lido a obra deste último, como também faz um pequeno resumo comentado dela em sua *Biblioteca*.<sup>247</sup>

---

### Fragmento 25

ὁ μῦθος ἀπόλετο  
o mito foi destruído

### Comentário:

É um escólio ao *Filebo* de Platão que fornece esse fragmento: "foi destruído como o mito. Máxima 'o mito foi destruído': os contadores enganam com esse discurso qualquer um dos que não estejam prestando atenção. Fazem menção a ela Cratino, no *Fugitivos*, e Crates, na *Lâmia*".<sup>248</sup> O comentador faz referência a um trecho do diálogo

---

<sup>245</sup> *LSJ*, 1996, p. 128. Em Aristófanes, *Ecclesiazusae*, 149, esse advérbio também aparece: "ἄγε νῦν ὅπως ἀνδριστι καὶ καλῶς ἐρεῖς" – "muito bem! agora como homem e belamente falas". Trecho grego retirado de Dübner, 1969.

<sup>246</sup> Fócio, *Léxico*, A.1159: "ἀνδριστι μιμεῖσθαι φωνήν: ὡς ἀνὴρ. Κράτης Λαμίας". Cf. a "Introdução" desta tese, p. 28, n. 89. Trecho grego retirado de Theodoridis, 1982 = *TLG*.

<sup>247</sup> Frínico, *Preparação sofisticada*: "<ἀνδριστι μιμεῖσθαι φωνήν>: ὡς ἀνὴρ. Κράτης Λαμίας". Para um pequeno comentário sobre a obra do historiador Frínico, cf. nesta mesma tese Frínico, p. 209. Trecho grego retirado de De Borries, 1911 = *TLG*. O editor da obra de Frínico, J. de Borries, indica que esse trecho específico constitui um fragmento descontextualizado, retirado da obra de Fócio, cuja referência por ele atribuída é 127.1 (1911, p. 159, fr. 213). A edição do *Léxico* de Fócio, obra em que o patriarca de Constantinopla cita esse fragmento de Crates, não faz reminiscência a Frínico, autor muito anterior a Fócio. Todavia, em sua obra *Biblioteca*, Fócio cita Frínico, e fornece um pequeno resumo de sua obra *Preparação sofisticada*, em que tece comentários acerca tanto da obra quanto do autor. Cf. Fócio, *Biblioteca*, 158.100a.33-101b.31 (Henry, 1959-1977 = *TLG*).

<sup>248</sup> Anônimo, escólio ao *Filebo* 14a: "ὡσπερ μῦθος ἀπολόμενος. παροιμία ὁ μῦθος ἀπόλετο. τούτω χρῶνται τῷ λόγῳ οἱ λέγοντές τι πρὸς τοὺς μὴ προσέχοντας. μέμνηται δὲ αὐτῆς καὶ Κρατῖνος ἐν Δραπέτισι καὶ Κράτης Λαμεία". O editor dá como existente a variação Λαμεία para este fragmento. Trecho grego retirado de Greene, 1938 = *TLG*.

platônico em que Sócrates diz a Protarco:

— Então parece que, reunidas, as ciências são muitas, e algumas delas são diferentes umas das outras. E se, de alguma maneira, algumas acabem se tornando opostas, seria eu digno de dialogar agora sobre isso se, por medo disso mesmo, eu dissesse que nenhuma ciência é diferente de outra ciência, e dessa maneira a discussão, como o mito, fosse destruída, e nós mesmos nos salvássemos por causa dessa irracionalidade?<sup>249</sup>

O comentador do texto platônico explicita que a máxima "o mito foi destruído", usada pelos contadores de histórias para sustentar sua explicação racional do mito que acabaram de narrar, não passa de uma tática que usam para enganar a audiência e deixá-la feliz por se sentir inteligente. Mas que estão enganando-a, como fazem os mágicos e ilusionistas, e considerando-a irracional, como diz Sócrates no trecho acima citado. Seth Benardete afirma que o provérbio no *Filebo* "foi aplicado àqueles que não estavam prestando atenção ao que está sendo falado".<sup>250</sup>

Desse modo, após ler tanto o trecho de Platão quanto o comentário a seu respeito, podemos perceber que a intenção do comentador do *Filebo* é mostrar que, na verdade, o mito não está perdido, nem esquecido, e nem destruído. Ele continua presente e atuante, exceto na mente daqueles que são bobos o bastante para se deixar enganar por ditos como esse.

---

<sup>249</sup> Platão, *Filebo* 13e9-14a5: "{ΣΩ.} Πολλὰ τε αἰ συνάπασαι ἐπιστῆμαι δόξουσιν εἶναι καὶ ἀνόμοιοι τινες αὐτῶν ἀλλήλαις· εἰ δὲ καὶ ἐναντία πῃ γίνονται τινες, ἄρα ἄξιος ἂν εἴην τοῦ διαλέγεσθαι νῦν, εἰ φοβηθεῖς τοῦτο αὐτὸ μηδεμίαν ἀνόμοιον φαῖν ἐπιστήμην ἐπιστήμη γίνεσθαι, κἄπειθ' ἡμῖν οὕτως ὁ λόγος ὥσπερ μῦθος ἀπολόμενος οἴχοιτο, αὐτοὶ δὲ σφζοίμεθα ἐπὶ τινος ἀλογίας;". Trecho grego retirado de Burnet, 1967 = *TLG*.

<sup>250</sup> Benardete, 1993, p. 5: "The proverb 'the myth is lost and gone' has three different explanations in the scholia on Plato. Here, it is said that it was applied to those who were not paying attention to what is being said; at *Theetetus* 164D, it is said to be applicable to those who do not bring their account into a limit (*peras*); and, at the end of the *Republic* (621B), Proclus has the explanation for Socrates' 'The myth was saved' that 'The myth is lost and gone' refers to the fact that myths are as unuttered as what they speak of does not exist" - "O provérbio 'o mito está perdido e esquecido' tem três explicações diferentes nos *scholia* de Platão. Aqui diz-se que foi aplicado àqueles que não estavam prestando atenção ao que está sendo falado; no *Teeteto* 164D, diz-se que é aplicável àqueles que não limitam sua conta (*peras*); e, no final da *República* (621B), Proclo, para a fala de Sócrates de que 'o mito foi salvo', explica que o dito 'o mito está perdido e esquecido' se refere ao fato de que os mitos se tornam impronunciáveis na medida em que seu assunto não existe". O significado do dito "o mito foi destruído" no restante da obra de Platão não acrescenta ao nosso tema, por isso nos restringimos a comentar apenas o comentário a essa fala de Sócrates do *Filebo*.

---

## Ἀριστοφάνης - Aristófanes V-IV a.C.

---

**Nota explicativa inicial:** optamos por não manter a apresentação dos trechos de Aristófanes em ordem cronológica, pois dois deles, pertencentes a peças diferentes, são praticamente idênticos. Assim, os dois trechos selecionados da peça *Vespas* ficaram separados, pois o trecho da peça *Paz* foi colocado entremeando-os. *Vespas* 1030-1037, e *Paz* 754-760, são muito similares, sendo que os versos 1031-1035 de *Vespas* e 754-758 de *Paz* são iguais. Desse modo, faremos apenas um comentário a esses dois trechos, contendo apenas os vocábulos comuns aos dois, já que o vocábulo grego λάμια está em meio a esses versos repetidos. Logo após o comentário, será apresentado o segundo trecho de *Vespas*.

---

### Σφῆκες 1030-1037<sup>251</sup>

ἀλλ' Ἑρακλέους ὀργὴν τιν' ἔχων τοῖσι μεγίστοις ἐπιχειρεῖν,  
θρασέως ξυστὰς εὐθὺς ἀπ' ἀρχῆς αὐτῷ τῷ καρχαρόδοντι,  
οὗ δεινόταται μὲν ἀπ' ὀφθαλμῶν Κύννης<sup>252</sup> ἀκτῖνες ἔλαμπον,

---

<sup>251</sup> Aristófanes, *Vespas*. Trecho grego retirado de MacDowell, 1971 = TLG. Em *Vespas*, Aristófanes faz troça dos juizes do maior tribunal ateniense, a *Helieia*, que somava ao todo 6000 cidadãos de pleno direito, acima dos 30 anos de idade. A *Helieia*, ou *Grande Eclésia*, era composta pelos chamados "dicastas" (δικάσται, do verbo δικάζω, "julgar", cf. LSJ, 1996, pp. 428-429). Na verdade, as decisões políticas eram atribuição do tribunal da *Eclésia*, enquanto as decisões judiciais cabiam à *Helieia*. Cf. Capps, Page & Rouse, 1930, p. 405; cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 520-521, verbete "eliaia", em que os autores dizem que esse tribunal não passou de um rearranjo de Sólon, pois era composto basicamente pelos mesmos membros da eclésia e, como tribunal, preparava as "pautas" a serem discutidas por este último conselho; e pp. 514-515, verbete "ekklesia", em que os autores afirmam que, num primeiro momento, a eclésia decidia apenas a respeito de guerra e paz com as outras cidades-estado, mas que, a partir da segunda metade do século V a.C., passou a ser o principal órgão decisório de Atenas, reunindo-se primeiramente na Pnix, e depois no teatro de Dioniso, para decidir sobre todo tipo de assunto. Segundo eles, ainda, de acordo com relatos oficiais, o quórum de seis mil cidadãos não era sempre convocado, e seu número podia variar, dependendo do assunto a ser julgado. Em *Vespas*, Aristófanes representa um pai, Filócleon (Φιλόκλεων), e um filho, Bdelicleon (Βδελύκλεων), discutindo acerca da paixão do pai pelo seu trabalho de dicasta nos tribunais da *pólis* de Atenas. Filócleon crê que governa Atenas, enquanto Bdelicleon quer provar que o pai está errado, mostrando a ele que, na verdade, ele é um escravo e nem se dá conta disso. O texto é composto por elementos de um julgamento tradicional ateniense, em que o coro serve como júri. Cf. Capps, Page & Rouse, 1930, pp. 403-406, em que eles explicam sucintamente o processo judicial ateniense, a composição do júri, as diferenças entre os dois grupos de assembleias da *pólis*, e ainda fazem um resumo do argumento da peça.

<sup>252</sup> Segundo Kanavou, o substantivo próprio Κύννα é uma conjunção muito inteligente de nomes que

ἑκατὸν δὲ κύκλῳ κεφαλαὶ κολάκων οἰμωξομένων ἐλιχμῶντο<sup>253</sup>  
περὶ τὴν κεφαλὴν, φωνὴν δ' εἶχεν χαράδρας ὄλεθρον τετοκυίας,  
φώκης δ' ὀσμὴν<sup>254</sup>, Λαμίας δ' ὄρχεις ἀπλύτους, πρωκτὸν<sup>255</sup> δὲ καμήλου.  
τοιούτον ἰδὼν τέρας οὗ φησιν δείσας καταδωροδοκῆσαι,  
ἀλλ' ὑπὲρ ὑμῶν ἔτι καὶ νυνὶ πολεμεῖ. [...]

Aristófanes usa para atacar o político populista Cleon: Cina era o nome de uma famosa cortesã ateniense, que Paflagônio, em *Cavaleiros* 765, diz que é de maior valor que ele próprio: "Τῆ μὲν δεσποίνῃ, τῆ τῆς πόλεως μεδεούσῃ, / εὐχομαι, εἰ μὲν περὶ τὸν δῆμον τὸν Ἀθηναίων γεγένημαι / βέλτιστος ἀνὴρ μετὰ Λυσικλέα καὶ Κύνναν καὶ Σαλαβακχῶ, / ὥσπερ νυνὶ μηδὲν δράσας δειπνεῖν ἐν τῷ πρυτανεῖῳ" - "A ti, senhora, a ti, guardiã da *pólis* / suplico, se me fiz, ao povo dos atenienses / o melhor homem, depois de Lisicles, Cina e Salabacó, / como agora, sem nada para fazer, possa eu jantar no pritaneu" (Aristófanes, *Cavaleiros* 763-766, trecho grego retirado de Coulon & van Daele, 1967 = *TLG*). Contudo, Cina é também uma referência à Sirius, a estrela mais brilhante da constelação do Cão Maior, que já era assim chamada pelos gregos antigos, Κύων (κύων = σείριος, *LSJ*, 1996, pp. 1015 e 1588-1589), a constelação que representa o cão caçador da constelação de Órion. Segundo Kanavou, os gregos acreditavam que os raios da estrela Sirius causavam febre, de modo que associar sua imagem à de Cleon não deve ter sido muito favorável a ele, assim como a referência aos políticos como cães, que Aristófanes faz mais de uma vez em mais de uma de suas peças (para todas essas referências sobre Cina, cf. Kanavou, 2010, p. 89). Clara Crepaldi, em seu artigo sobre a autodepreciação que Helena faz de si mesma na *Iliada* (Crepaldi, 2012), afirma que é atestado o uso da palavra κύων como xingamento tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia*. Em todas as ocorrências analisadas por ela, esse xingamento é dirigido a outra pessoa, a não ser no caso de Helena, que denomina a si mesma κύων (*Iliada*: 6.344, 6.355) e κυνώπις (*Iliada*: 3.180; *Odisseia* 4.145). Crepaldi deixa claro que o estatuto do cão homérico é, apesar da convivência e do bom relacionamento com os homens, ainda selvagem, pois muitas vezes é lembrado que os cadáveres que ficam caídos no chão do terreno da batalha vão servir de alimento para os cães (cf. Crepaldi, 2012, p. 53). O próprio rei de Tróia, Príamo, ao pensar nas desgraças advindas da derrota na guerra, menciona que servirá de repasto aos cães que ele próprio criou (*Iliada*, 22.66-67). Crepaldi afirma que essa selvageria estaria associada a uma ἀναΐδεια típica dos cães, que seria a ideia principal atrás da metáfora presente no xingamento do outro, ou de si mesmo, como "cão". Assim, para os fins dessa nossa investigação, basta a associação metafórica à "falta de vergonha" e à selvageria caninas, que são imediatamente atribuídas a quem quer que seja chamado "cão".

<sup>253</sup> O verbo ἐλιχμῶντο, λιχμῶω é usado para descrever o movimento que não somente as serpentes, mas todos os répteis fazem com suas línguas bifurcadas ao sondarem o ambiente: projetam as línguas para fora da boca e as movimentam para cima e para baixo, rapidamente, absorvendo, assim, o maior número possível de impressões olfativas. É dessa maneira que elas identificam o ambiente que as cerca, obtendo informações que vão desde os vegetais caídos no chão até a presença de possíveis presas e predadores, como afirmam Heiser, Janis e Pough:

As serpentes têm a língua bifida, com as extremidades amplamente separadas, que podem mover-se independentemente. Quando a língua é projetada, as extremidades são onduladas no ar ou encostadas no chão. Em seguida a língua é retraída e os estímulos químicos são transferidos para o órgão vomeronasal par. A forma bifurcada da língua das serpentes (...) pode permitir que elas consigam detectar gradientes de estímulos químicos e localizar objetos. (Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 336-337).

A acepção principal do verbo é "brincar com a língua", esse movimento glóssico que fazem, portanto, os répteis (*LSJ*, 1996, p. 1055).

<sup>254</sup> ὀσμὴ - esse substantivo feminino pode ser usado em sua acepção mais genérica de "cheiro, odor", mas na maior parte das vezes ele é usado para indicar um cheiro ruim, um "fedor", algo malcheiroso. Contudo, pode significar até mesmo "perfume". Usamos "bodum" que é uma palavra popular no Brasil para indicar um cheiro forte proveniente de animais ou da transpiração humana (*LSJ*, 1996, p. 1261; Houaiss, 2010, p. 476).

<sup>255</sup> Algumas traduções verteram a palavra πρωκτός em "traseiro", "quarto traseiro", "anca", e até mesmo "final". O substantivo masculino significa, literalmente, "ânus", e aparece em três passagens de Aristófanes: nas duas trabalhadas nesta tese, e em *Acarnenses* 863: "τοῖς ὀστίνοις φυσεῖτε τὸν πρωκτὸν κυνός" — "com as tíbias soprem o cu de um cão" (*LSJ*, 1996, p. 1544).

## Tradução:

### *Vespas* 1030-1037

mas com a gana de um Hércules atacava os maiores,  
vencendo valentemente, direto e desde o começo, a este dente-serra,  
que dos olhos de cadela lança raios faiscantes terribilíssimos,  
com um aro de cem cabeças de puxa-sacos lamentando-se com línguas de serpente ao  
redor da cabeça, uma voz de torrente que paria a ruína,  
o bodum de uma foca, os bagos imundos de uma *lâmia* e o cu de um camelo.  
E vendo uma tal fera diz não aceitar suborno, e mesmo amedrontado,  
por vós ainda agora luta. [...]

---

### *Eiríñhē* 754-760<sup>256</sup>

Καὶ πρῶτον μὲν μάχομαι πάντων αὐτῶ τῶ καρχαρόδοντι,  
οὗ δεινότητά μὲν ἀπ' ὀφθαλμῶν Κύννης ἀκτῖνες ἔλαμπον,  
ἕκατόν δὲ κύκλω κεφαλαὶ κολάκων οἰμωξομένων ἐλιχμῶντο  
περὶ τὴν κεφαλὴν, φωνὴν δ' εἶχεν χαράδρας ὄλεθρον τετοκυίας,  
φώκης δ' ὄσμῆν, Λαμίας <δ'> ὄρχεις ἀπλύτους, πρωκτὸν δὲ καμήλου.  
Τοιοῦτον ἰδὼν τέρας οὐ κατέδεις', ἀλλ' ὑπὲρ ὑμῶν πολεμίζων  
ἀντεῖχον ἀεὶ καὶ τῶν ἄλλων νήσων. [...]

---

<sup>256</sup> Aristófanēs, *Paz*. Trecho grego retirado de Coulon & van Daele, 1969. Muitas das peças de Aristófanēs foram escritas no contexto da Guerra do Peloponeso, e tratam do tema da guerra (caso de *Paz*, *Acarnenses* e *Lisístrata*). A Guerra do Peloponeso foi uma série de disputas entre Atenas e seus aliados (Liga de Delos) e Esparta e aliados (Liga do Peloponeso), e durou de 431 a.C. a 404 a.C., com vitória dessa última. Foi registrada por Tucídides. Sobre essa guerra cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1134. Para Liga de Delos, veja-se Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 441-442; e para Liga do Peloponeso, *idem, ibidem*, pp. 1133-1134. *Paz* estreou na iminência da assinatura do tratado de paz conhecido como "Paz de Nícias", entre Atenas e Esparta. Na peça, o lavrador ateniense Trigeu resolve subir ao Olimpo para perguntar aos deuses a razão da violência, usando como veículo um escaravelho. Ao chegar no Olimpo ele só encontra Hermes, que lhe conta que a Paz fora aprisionada. Trigeu volta e convoca todos os lavradores gregos a soltar a Paz. Eles conseguem, a Guerra é derrotada, a Paz volta a reinar absoluta e nosso herói acaba se casando com a Abundância, companheira da Paz. O acordo que ficou conhecido como "Paz de Nícias" foi conduzido pelo general ateniense de mesmo nome: Nícias, o maior rival de Cleon ao governo de Atenas, após a morte de Péricles. Cleon era favorável à continuação da guerra, mas Nícias queria a paz entre as potências maiores, Atenas e Esparta, que estavam envolvidas na Guerra do Peloponeso (431 - 404 a.C.). Os espartanos lutavam para conter a crescente influência e poder dos atenienses junto às outras *póleis* gregas. Na verdade, Atenas e Esparta disputavam a hegemonia sobre as *póleis* gregas desde 465 a.C., com períodos de batalhas entremeados por períodos curtos de relativa paz, ou de pequenas tréguas. A "Paz de Nícias" durou de 421 a 415 a.C. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1041.

### Tradução:

#### *Paz 754-760*

E primeiro então lutei dentre todos com este dente-serra,  
que dos olhos de cadela lança raios faiscantes terribilíssimos,  
com um aro de cem cabeças de puxa-sacos lamentando-se com línguas de serpente ao  
redor da cabeça, uma voz de torrente que paria a ruína,  
o bodum de uma foca, os bagos imundos de uma *lâmia* e o cu de um camelo.  
Vendo tal fera não me acovardei, mas por vós guerreando  
— e pelos outros das ilhas também — suportava sempre. [...]

### Comentário:

**λάμιαι δ' ὄρχιαι ἀπλύτους:** essas duas passagens de Aristófanes são as únicas neste trabalho que se referem à *lâmia* como um ser de nome feminino dotado de caracteres sexuais masculinos. ὄρχιαι é um substantivo masculino usado para denominar os testículos dos machos, o que nos permitiria concluir que a figura da *lâmia* talvez fosse vista como um monstro hermafrodita.<sup>257</sup>

Uma das pinturas remanescentes descritas por John Boardman no *LIMC*, mostra o que aparenta ser um humanóide hermafrodita (presença de seios e possivelmente um pênis) sendo torturado por sátiros. Ela decora um lécito de aproximadamente 500 a.C. Boardman afirma que a criatura sendo torturada é feminina, e que a parte da pintura que aparenta ser o órgão sexual masculino é uma representação de fogo, que os sátiros estariam colocando nos pelos pubianos da *lâmia* amarrada a uma palmeira. De fato, próximo a ela há um sátiro com uma tocha. Todavia, o desenho da parte entre as pernas da criatura lembra muito o formato de um pênis, como pontua Monique Halm-Tisserant. Ela afirma que, se uma técnica de descoloração do verniz for aplicada à pintura, é possível perceber o contorno do falo ereto da criatura que está sendo torturada. A criatura seria, portanto, hermafrodita.

Halm-Tisserant considera que esse ser seja um monstro, e não uma caricatura humana, devido às distorções de seu corpo e sua face. Segundo a autora, as proporções corporais da figura principal do lécito são muito estranhas, o que torna sua representação um tanto grotesca, contribuindo para a teoria de que ela seja realmente

---

<sup>257</sup> Cf. λάμια, ἡ, *LSJ*, p. 1027; para ὄρχιαι cf. *LSJ*, 1996, p. 1258; e Chantraine, 2009, p. 801.

a imagem de um monstro, e não de um ser humano.<sup>258</sup> Os tão mencionados ὄρχεις da *lâmia* não estão aparentes na criatura central, apenas nos sátiros.<sup>259</sup>

Há comentários antigos disponíveis acerca desses versos. Vamos citar primeiro o escólio ao verso 1035 de *Vespas*, em que o comentador cita a anedota da *lâmia* contada por Dúris de Samos:

**Fr. 35:** Dúris, no seu segundo [livro], o dos líbios, conta a *Lâmia* ter sido uma bela mulher, mas porque Zeus transou com ela, as [crianças] que paria eram destruídas por Hera enciumada; por isso tornou-se deformada pela dor e sequestradora que matava as crianças dos outros.<sup>260</sup>

Um comentário detalhado da história acima pode ser visto nesta mesma tese na parte em que tratamos de Dúris de Samos.<sup>261</sup> Basta dizer neste momento que o fragmento acima é uma das únicas fontes dessa história, que de outro modo estaria perdida para nós. Em seguida, citamos o comentário acerca do verso 758, de *Paz*:

<bagos de uma *lâmia*> os testículos são de fato ativos.<sup>262</sup>

<sup>258</sup> Cf. Halm-Tisserant, 1989, especialmente pp. 75-76, nas quais ela apresenta sua tese de que a criatura é um monstro hermafrodita.

<sup>259</sup> Cf. *LIMC*, v. III<sup>1</sup>, 1986, p. 189 para os comentários do autor e a legenda da figuras, e III<sup>2</sup>, 1986, p. 90, para a figura em si. Cf. ainda Halm-Tisserant, 1989.

<sup>260</sup> Escólio anônimo a Aristófanes, *Vespas*, 1035, Fr. 35: "Δούρις δ' ἐν β' Λιβυκῶν ἱστορεῖ, γυναῖκα καλὴν γενέσθαι τὴν Λάμιαν, μιχθέντος δὲ αὐτῇ Διὸς, ὑφ' ἧρας ζηλοτοπούμενην ἃ ἔτικτεν ἀπολλύναι· διόπερ ἀπὸ τῆς λύπης δύσμορφον γεγονέναι, καὶ τὰ τῶν ἄλλων παιδία ἀναρπάζουσιν διαφθεῖρειν". Trecho grego retirado de Holwerda, 1982 = *TLG*. Um trecho cheio de infinitivos e com apenas dois verbos finitos, ἱστορεῖ, no presente indicativo ativo, e ἔτικτεν, no imperfeito indicativo ativo. A impressão é a de que o autor quis, com o uso de tantos infinitivos, mostrar os motivos de cada personagem da história para fazer o que fez. Os verbos ἀπόλλυμι e διαφθείρω têm acepções extremamente parecidas. Apesar de exibirem algumas particularidades de significação, o primeiro sentido de ambos é "destruir totalmente", sendo "matar" o segundo, e ainda têm o sentido de "arruinar" em comum (cf. *LSJ*, 1996, pp. 205 e 418). Na tradução foram usados verbos portugueses diferentes, mas com similaridade no sentido, para tentar manter a variação vocabular do grego. Para Dúris de Samos cf. nesta mesma tese pp. 117-119.

<sup>261</sup> Cf. nesta tese pp. 117-119.

<sup>262</sup> Escólios a Aristófanes, *Paz*, 758: "<Λαμίας ὄρχεις> δραστικοὶ γὰρ οἱ ὄρχεις". Esse comentário tem uma outra possibilidade de tradução, que apenas descobrimos ao ler a tradução e o comentário de Rutherford (Rutherford, William. *Scholia Aristophanica*. London and New York: MacMillan and Co., 1896) a esse escólio, na p. 117 de seu livro: "a ὄρχις é violenta em sua ação medicinal" ("the ὄρχις is violent in its medical action"). Ele se refere a uma espécie de planta rasteira europeia, uma orquídea que nasce no chão, e cujo nome específico era *Orchis papilionacea* à época em que o *LSJ* foi escrito, mas que hoje em dia se tornou *Anacamptis papilionacea*. Rutherford sugere que a palavra ἀπλύτους fosse em verdade ἀπολύτους, do verbo ἀπολύειν, que, em termos médicos é usado para indicar remoções de partes do corpo, de tecido, etc. (cf. *LSJ*, pp. 208-209). E assim ele conclui que faria mais sentido porque essa planta, ou sua raiz, era usada para limpar úlceras e afecções corporais semelhantes (ela é usada até hoje com fins medicinais: uma farinha é feita a partir de seus tubérculos, e é misturada com água, dando uma gelatina que é então ministrada ao doente na forma de uma bebida quente. Essa farinha é rica em um polissacarídeo chamado glucomanana, e por isso é usada como um emulsificante poderoso. Ela é muito usada na fabricação de uma bebida quente chamada salepo, que é típica de todos

<bagos de uma *lâmia*> Ambíguo<sup>263</sup>, retrata alguns testículos de Lâmia, [mas ela] de fato é fêmea. Daí também Lamo, a cidade dos lestrigões.

Diz-se que Lâmia era filha de Belo e Líbia. Falam que Zeus se enamorou dela, e a transferiu da Líbia para a Itália e, a partir dela, uma cidade na Itália foi chamada de Lâmia. O fato de Zeus estar se encontrando com ela não passou despercebido a Hera: esta, enciumada, matava sempre todas as crias nascidas de Lâmia. E ela, deprimida pelas suas crianças chacinadas, raptando por inveja as crianças dos outros, matava. Falam que é por isso que as amas, atormentando os pirralhos, chamam a Lâmia para eles. Conta-se como esta ficava continuamente insone pela vontade de Hera, a fim de estar dias e noites em luto, até que Zeus, apiedado dela, fez os olhos dela serem removíveis, de modo que pudesse tirar de si mesma os olhos e colocar de novo. E também dizem ter obtido de Zeus a capacidade de se metamorfosear no que quer. Assim encontrei nas anotações.

[Aristófanes] quer estabelecer Cléon como um monstro estranho: pois falam que a lâmia era um animal feroz, fedido e selvagem. Não se contentando apenas com esses [adjetivos] para representá-lo, atribuiu também imundo, a fim de exaltar ainda mais a inhaca em volta de Cleon.<sup>264</sup>

---

os países que constituíram o Império Turco-Otomano, e ainda na receita de um sorvete típico da Turquia e do Azerbaijão, a que eles chamam "dondurma". Cf. Rutherford, 1896, p. 117.

<sup>263</sup> Para a tradução do vocábulo δίδυμος, há a opção "testículos", mas optou-se por manter a palavra "ambíguo" por causa do contexto da frase, que está questionando essa informação que Aristófanes dá de que a *lâmia* teria testículos. O autor do comentário parece dizer que não faz muito sentido a *lâmia* apresentar testículos, pois é do conhecimento de todos que ela é fêmea. Um sujeito chamado Dídimo agrupou os comentários antigos a respeito das peças de Aristófanes entre os séculos I a.C. e I d.C., e essa sua compilação foi a base de outra compilação de comentários, organizada por um tal Símaco. Essa última obra, ou alguma de suas primeiras descendentes, foi anotada nas margens de um livro que continha todas as peças de Aristófanes, juntamente com outros materiais, e assim compôs a base dos *scholia* que passaram à Posteridade (cf. Dickey, 2007, p. 29).

<sup>264</sup> Escólios a Aristófanes, *Paz*, 758: "<Λαμίας ὄρχεις> δραστικοὶ γὰρ οἱ ὄρχεις. / <Λαμίας ὄρχεις> Δίδυμος· εἰδωλοποιεῖ τινὰς ὄρχεις Λαμίας· θῆλυ γάρ. ἐντεῦθεν καὶ Λάμος ἢ πόλις τῶν Λαιστρυγόνων. / λέγεται ἢ Λάμια Βήλου καὶ Λιβύης θυγάτηρ. ταύτης ἐρασθῆναι τὸν Δία φασίν, μεταγαγεῖν δὲ αὐτὴν ἀπὸ Λιβύης εἰς Ἰταλίαν, ἀφ' ἧς καὶ πόλις ἐν Ἰταλίᾳ Λάμια προσαγορεύεται. ἐνθεν αὐτῇ συνελθὼν ὁ Ζεὺς οὐκ ἔλαθε τὴν Ἥραν· ἧτις ζηλοτυποῦσα τὴν Λάμιαν τὰ γινόμενα αὐτῆς τέκνα ἀνήρει αἰεὶ. ἢ δὲ ἀποθησκόντων αὐτῆς τῶν παιδίων βαρυθυμοῦσα τὰ τῶν ἄλλων παιδία διὰ φθόνον ὑποκλέπτουσα ἀνήρει. διὰ τοῦτο καὶ τὰς τίθας ἐκφοβούσας τὰ βρέφη φασὶ καλεῖν ἐπ' αὐτοῖς τὴν Λάμιαν. μυθεῖται δὲ ὡς ἄυπνος αὐτὴ διατελεῖ βουλήσει Ἥρας, ἵνα καὶ ἡμέρας καὶ νύκτας ἐν τῷ πένθει ᾗ. ἕως οὗ αὐτὴν ἐλεήσας ὁ Ζεὺς ἀφαιρέτους αὐτῆς τοὺς ὀφθαλμοὺς ἐποίησεν, ὅπως ἂν ἐν αὐτῇ ἢ ἐξαιρεῖσθαι ἐαυτῆς τοὺς ὀφθαλμοὺς καὶ πάλιν θεῖναι. λέγεται δὲ ἐσχηκέναι παρὰ Διὸς καὶ τὸ μεταμορφοῦσθαι εἰς ὃ τι οὖν βούλεται. οὕτως εὖρον ἐν ὑπομνήματι. / ἀλλόκοτόν τι τέρας ὑποστήσασθαι βούλεται τὸν Κλέωνα· τὴν γὰρ Λάμιαν φασὶν ἄγριον εἶναι ζῷον καὶ δύσοσμον καὶ ἀνήμερον. οὐκ ἄρκεσθεις δὲ τούτοις αὐτὸν εἰκάσαι μόνοις προσέθηκε καὶ ἄπλυτον, ἵνα μᾶλλον αὐξήσῃ τὴν περὶ τὸν Κλέωνα δυσσομίαν". Texto grego retirado de Koster-Holwerda, 1978-1982 = *TLG*. As chaves indicam informações que nós acrescentamos na tradução, para torná-la mais compreensível em português. Para ver um comentário detalhado sobre a construção dos escólios à obra de Aristófanes, cf. Dickey, 2007, pp. 28-31; e White, 1914, *Introduction*, pp. ix-xxx, mais especificamente, começando na p. xiv (White, John W. *The Scholia on the Aves of Aristophanes*. Boston and London: Gynn and Company, 1914). A partir da p. xxv, e até a p. xxx, White trata longamente da vida e da obra de Dídimo, a quem ele denomina o primeiro compilador de edições de *variorum* gregos. Ele afirma que não há como definir nem a data de nascimento nem a de morte de Dídimo, e que os estudiosos não concordam nesse ponto. Há um acordo apenas de que ele viveu no final do Período Alexandrino, e que não foi um grande crítico ou teórico, mas sim um compilador hábil, incansável e de interesse variado, que nos legou uma inestimável gama de informações a respeito das obras aristofânicas, entre outras.

O escólio primeiro diz que *lâmias* são seres do sexo feminino e que o fato de Aristófanes ter-lhes atribuído testículos é algo dúbio. Atentemos para a informação que o comentador acrescenta aos versos: a *lâmia*, apesar de ter testículos que funcionam, é fêmea. Ou seja, ou comentador duvida da informação que ele próprio está fornecendo e provavelmente vê a *lâmia* como um ser hermafrodita, ou está apenas confuso.

A opção de tradução em que se entende Dídimos como o nome do compilador da primeira coleção de escólios às peças de Aristófanes também é possível. O comentário, assim, afirmaria que "Dídimos disse que há algumas lâmias com testículos". Aparentemente Dídimos não escreveu muitos comentários acerca dos versos de Aristófanes, limitando-se a compilar, em vários rolos (John White cita mais de três mil), as obras que haviam sido escritas com esse fim por autores anteriores.<sup>265</sup>

O comentador ainda faz questão de remontar a Homero, estabelecendo a conexão da *lâmia* com a cidade dos lestrigões, a qual ele denomina *Lamo*, afirmando que é uma palavra feminina, como λάμια. O escoliasta corrobora, desse modo, nossa verificação de que os dois vocábulos gregos λάμια e Λάμος têm uma atuação semântica parecida, relacionada à voracidade daquilo a que se referem, como mencionamos tanto na "Introdução" deste trabalho quanto na parte dedicada à discussão do trecho homérico.<sup>266</sup>

Em terceiro lugar, o comentador relata a história da Lâmia filha de Belo e Líbia, por quem Zeus se apaixonou. Tal história, na verdade, não aparece em nenhuma das fontes antigas, a não ser em esparsas referências: no verso remanescente da peça *Lâmia*, de Eurípides, em Dúris de Samos, e em Heráclito paradoxógrafo.<sup>267</sup> Belo seria o deus Marduk da mitologia babilônica, o que implicaria em origens semíticas para *Lâmia*. Tal origem poderia explicar sua conexão com *Lilith* e, a partir desta, com a assíria *Lamashtu*.<sup>268</sup> Plutarco também menciona uma *lâmia* que tem a capacidade de remover os olhos, mas não explica os motivos de tal habilidade.<sup>269</sup>

Agrupado com o escólio anterior, que remete à obra do tirano de Samos, esse comentário é, dessa maneira, uma das únicas fontes antigas dessa versão do mito.

O escoliasta também fornece, no mesmo texto, sua interpretação do verso,

---

<sup>265</sup> Cf. White, 1914, pp. xxv, xxvi e xxvii.

<sup>266</sup> Cf. a "Introdução" desta tese, acima pp. 7-10; Homero, pp. 44-54.

<sup>267</sup> Cf. nesta tese Eurípides, pp. 66-69; Dúris de Samos, pp. 117-115; e Heráclito, pp. 279-280.

<sup>268</sup> Cf. Burkert, 1992, pp. 83 e 198, esp. n. 14. Cf. a "Introdução" desta tese, pp. 10-21.

<sup>269</sup> Cf. nesta tese Plutarco, pp. 191-192.

afirmando que Aristófanes quer difamar o político Cleon e o chama de *lâmia* para alcançar tal fim, pois era de conhecimento popular que a *lâmia* era um animal voraz, feroz, fedido e selvagem (ele usa o verbo φημί na terceira pessoa do plural, φασί, indicando o caráter de rumor ou sabedoria popular que essa descrição da *lâmia* devia ter).<sup>270</sup> O comentador manifesta, ainda, sua opinião pessoal de que Aristófanes não teria ficado satisfeito somente com a esfera desse conhecimento popular sobre as *lâmias* para denegrir Cleon, e que por tal razão teria acrescentado o adjetivo ἄπλυτος, derivado do verbo πλύνω, "lavar, banhar", em composição com um alfa privativo, o que gera "não lavados, sujos, imundos".<sup>271</sup>

A acepção principal de καρχαρόδων, καρχαρόδους é "com dentes que parecem uma serra". Aparentemente, todos os vocábulos relacionados derivam dos substantivos compostos καρχαρόδων e καρχαρόδους, que são as palavras mais antigas atestadas (*Iliada*, Hesíodo, Aristófanes, Aristóteles, Teofrasto, entre outros), e aparecem sempre usados para caracterizar a dentição de cães. Todos esses vocábulos têm essa ligação com o fato de indicarem seres cujos dentes são pontudos/agudos e estão dispostos enfileirados, um ao lado do outro como no formato de uma serra, nas bocas que os abrigam. Na Grécia de hoje, καρχαρίας é um dos substantivos usados para indicar tubarão.<sup>272</sup>

---

### **Ἀριστοφάνης, Σφήκες 1174-1180<sup>273</sup>**

{Βδελύκλεων} ἄγε νυν, ἐπιστήσει λόγους σεμνοὺς λέγειν

ἀνδρῶν παρόντων πολυμαθῶν καὶ δεξιῶν;

{Φιλόκλεων} ἔγωγε.

{Βδελύκλεων} τίνα δῆτ' ἂν λέγοις;

{Φιλόκλεων} πολλοὺς πάνυ.

---

<sup>270</sup> Aristófanes critica Cleon em várias de suas comédias. Cleon foi um demagogo, general, e o político ateniense mais proeminente desde a morte de Péricles, tendo atuado na época da Guerra do Peloponeso. Ele e Péricles eram adversários políticos e não chegaram a um acordo a respeito da Guerra do Peloponeso, pois Péricles queria a paz e Cleon queria que Atenas insistisse na continuação da guerra. Ele foi o primeiro representante da classe dos comerciantes na política de Atenas, apesar de ser parte da aristocracia da cidade. Tanto Aristófanes quanto Tucídides falam muito de Cleon, e não se mostram nada favoráveis a ele (cf. Halliwell, 2009, pp. xv-xvi; Hornblower & Spawforth, 2003, p. 346).

<sup>271</sup> Para as palavras ἄπλυτος e πλύνω cf. *LSJ*, 1996, pp. 191 e 1423; Chantraine, 2009, pp. 885-886.

<sup>272</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 881; Chantraine, 1968, p. 502; Maniatoglou, 2008, p. 392.

<sup>273</sup> Aristófanes, *Vespas*. Trecho grego retirado de MacDowell, 1971 = *TLG*.

πρῶτον μὲν ὡς ἡ Λάμι' ἀλοῦσ' ἐπέρδετο,  
ἔπειτα δ' ὡς ὁ Καρδοπίων τὴν μητέρα –  
{Bdelícleon} μὴ 'μοιγε μύθους, ἀλλὰ τῶν ἀνθρωπίνων,  
οἴους λέγομεν μάλιστα, τοὺς κατ' οἰκίαν.

### Tradução:

#### Aristófanes, *Vespas* 1174-1180

{Bdelícleon} Vamos, agora, vais saber como falar discursos solenes  
aos homens presentes, que são muito cultos e inteligentes?

{Filócleon} Com certeza!

{Bdelícleon} O que, então, dirias?

{Filócleon} Tudo, muito!

Primeiro, por um lado, como a Lâmia, capturada, peidou;  
e depois, por outro, como o Cardópion, a mãe...

{Bdelícleon} Mitos, para mim, não! Mas coisas humanas,  
das quais falamos mais, as de casa.<sup>274</sup>

### Comentário:

**πρῶτον μὲν ὡς ἡ Λάμι' ἀλοῦσ' ἐπέρδετο:** Aristófanes usa dois verbos de voz média com sentido de voz ativa nesse trecho, o verbo ἀλίσκομαι, "ser pego, conquistado, cair nas mãos do inimigo", e o verbo πέρδομαι, "eliminar gases, peidar".<sup>275</sup> Esse trecho corrobora a descrição desse atributo peculiar de *lâmia* na peça de Crates, de que era 'peidorreira'. Apenas pela leitura e análise do fragmento do referido autor não

---

<sup>274</sup> Cf. Kanavou, 2010, pp. 80-83. Essa autora escreveu um estudo sobre os nomes em Aristófanes, no qual ela analisa os nomes dos protagonistas da peça *Vespas*, com apontamentos sobre como Filócleon e Bdelícleon, dois dos poucos nomes inventados por Aristófanes, têm significados fundamentais para a compreensão da peça. Vamos comentar rapidamente os nomes dos dois personagens principais: Filócleon é o mais velho, cujo nome já indica, "o que ama Cleon" (φιλέω + Κλέων). Seu nome é uma clara referência ao suporte político que os dicastas forneciam ao demagogo Cleon (que processou muita gente nos tribunais para obter vantagens pessoais, e que Nikoletta Kanavou chama de "um manipulador e enganador de jurados"). O nome do filho, Bdelícleon, "o que abomina Cleon" (βδελύσσομαι + Κλέων), representa as ideias da nova geração de cidadãos atenienses, que eram contrários a Cleon.

<sup>275</sup> Para ἀλίσκομαι cf. *LSJ*, 1996, p. 66, Chantraine, 2009, pp. 59-60; para πέρδομαι, "break wind", cf. *LSJ*, 1996, p. 1365, "péter", Chantraine, 2009, pp. 853-854; e nesta mesma tese, *Crates*, pp. 70-72. Curioso neste trecho é a criatividade de alguns estudiosos na discussão que fazem acerca dos motivos pelos quais a lâmia teria "peidado" ao ser presa, como Graham Anderson, 2000, p. 11, que afirma que a causa seria uma indigestão causada por sua dieta alimentar composta de crianças: "The fart may not have been to confound its pursuers so much as out of panic; it might also be a product of indigestion from child-eating" – "O 'peido' não deve ter acontecido apenas para despistar seus perseguidores, mas também por pânico; também pode ter sido um produto de indigestão por comer crianças".

podemos inferir muita coisa, mas, como já foi anteriormente mencionado, através desse trecho da peça de Aristófanes ficamos sabendo que nessa situação específica de ter sido capturada, a *lâmia* eliminou um flato. O que confirma, como característica da figura, o mau cheiro (além do fato de ela não se banhar, já que tinha "testículos imundos"). Se essa é a mesma *lâmia* que ficava na *Ágora* de Atenas soltando gases e andando com uma borduna debaixo dos braços, ou carregando lenha, não sabemos.

O comentador desse trecho diz que "levanta-se a hipótese de que não fosse Lâmia; e por isso narra-se o fato como se fosse um mito".<sup>276</sup> Talvez esse comentador esteja apontando para um distanciamento entre uma Lâmia real, nome próprio de uma mulher, e o monstro das histórias infantis, e assim, sem querer, mostrando-nos que existiam semelhanças entre essas duas, já que carecia apontar a diferença. Talvez, ainda, a mulher a que se refere Crates, que ficava na *Ágora*, nem se chamasse Lâmia, mas tenha recebido esse nome dos comentadores por ter sido associada, pelo fedor, aspecto ou hábitos, ao monstro em suas imaginações. Talvez, por fim, Crates nem estivesse falando de *lâmia* naquele trecho de sua peça, apesar do título ser *Lâmia*.

Dessa maneira, temos cinco pedaços de informação reunidos: o fragmento de Crates – "a que tinha pau grande peidou"; os versos 76-78 da peça *Ecclesiazusae*, de Aristófanes – "Eu mesma, claro, o pau tomei de Lâmio, que estava adormecido, na surdina" / "— Este é daqueles paus que peida"; o comentário aos versos *supra* citados de Aristófanes – "Lâmio é um pobre qualquer que vive de carregar madeira (por isso ela diz que ele carregava um pau. [...] A Lâmia era macho. Em sua peça homônima, Crates diz sobre ela que, portando um pau, peidou). [...]"; o verso 1177 da peça *Vespas*, de Aristófanes – "primeiro como a Lâmia, ao ser capturada, peidou"; e finalmente, o comentário a esse verso, que já foi mencionado acima, e que diz que "levanta-se a hipótese de que não fosse Lâmia; e por isso narra-se o fato como se fosse um mito".<sup>277</sup>

<sup>276</sup> Escólios a Aristófanes, *Vespas* 1177: "ὅτι οὐκ οὔσαν τὴν Λάμιαν ὑποτίθεται· διὸ ἐπισημιοῦται τὸ τοῦτο δὲ ἐν μύθῳ λέγεται". Trecho grego retirado de Koster-Holwerda, 1978-1982 = *TLG*.

<sup>277</sup> Crates, *Lâmia*, fr. 20: "σκυτάλην ἔχουσα ἐπέρδετο", retirado de Austin & Kassel, 1983, *PCG*, pp. 96-98; Aristófanes, *Ecclesiazusae* 76-78: "ἐγὼ γέ τοι τὸ σκύταλον ἐξηνεγκάμην τὸ τοῦ Λαμίου τοῦτι καθεύδοντος λάθραι. :: τοῦτ' ἐστ' ἐκείνων τῶν σκύταλων ὧν πέρδεται", retirado de Ussher, 1973 = *TLG*; Escólio anônimo a Aristófanes, *Ecclesiazusae* 77: "Λαμίου: Λάμιός τις πένης καὶ ἀπὸ ξυλοφορίας ζῶν (διὸ καὶ βακτηρίαν ἐξενέγκασα αὐτοῦ φησιν εἶναι. κωμῳδεῖται γὰρ καὶ ὡς δεσμοφύλαξ. ἀρσενικῶς δὲ Λαμίαν. ὑπὲρ ἧς ὁ Κράτης λέγει ἐν τῷ ὁμωνύμῳ δράματι, ὅτι σκυτάλην ἔχουσα ἐπέρδετο", retirado de Dübner, 1969 = *TLG*; Aristófanes, *Vespas* 1177: "πρῶτον μὲν ὡς ἡ Λάμι' ἀλοῦσ' ἐπέρδετο", retirado de MacDowell, 1971 = *TLG*; Escólios a Aristófanes, *Vespas* 1177: "ὅτι οὐκ οὔσαν τὴν Λάμιαν ὑποτίθεται· διὸ ἐπισημιοῦται τὸ τοῦτο δὲ ἐν μύθῳ λέγεται", retirado de Koster-Holwerda, 1978-1982 = *TLG*.

Temos, ainda, os comentários posteriores de autores bizantinos, que parecem ter assimilado a ideia de que a mulher que ficava escornada na ágora de Atenas era mesmo Lâmia: Hesíquio de Alexandria diz que "Aristófanes fala sobre uma mulher de dentes de *lâmia* que passava o tempo escornada na praça pública. E alguns dizem ainda que havia na praça pública uma mulher peidorreira"; Agátias de Mirina, comentando um trecho de Pausânias, cita Hesíquio e seu trecho; e finalmente, Fócio de Constantinopla, que diz que Lâmia era uma "mulher ateniense que na praça pública passava tempo, portando um pau e resmungando. É também uma fera".<sup>278</sup>

Após a leitura desses comentadores, parece claro que, partindo de Crates, a figura dessa mulher que ficava escornada na *Ágora* de Atenas durante o dia, eliminando gases em público, passou para a posteridade como sendo Lâmia, associada à pobreza, à voracidade (com que pedia comida, por exemplo, talvez), e à fedentina. Talvez por tais razões ela tenha sido ligada ao monstro do mito.

Assim também, exceto pelo cheirume, como poderemos verificar mais adiante neste mesmo trabalho, a Lâmia cortesã mencionada por Plutarco, Menandro, Mácon, Filóstrato, Alcífron, entre outros, e que foi a renomada amante de Demétrio Poliorcetes, terá sua figura associada ao mesmo monstro por causa de sua voracidade sexual. Filóstrato também vai associar sua *lâmia* às empusas, outra espécie de "monstro" feminino associado à voracidade sexual e gastronômica.<sup>279</sup>

O próprio Aristófanes descreve uma empusa, em *Rãs*, quando Xântias e seu amo Dioniso, encontram uma delas:

{Xâ.} Sim, por Zeus! E agora percebo algum barulho...  
{Di.} Onde, onde está?  
{Xâ.} Atrás.  
{Di.} Vem pra trás!

---

<sup>278</sup> Hesíquio, *Léxico*, A 248.1: "Ἀριστοφάνης φησίν, ὡς τηκούσης ἐν τῇ ἀγορᾷ τινοσ λαμιώδους γυναικὸς ἐνδιατριβοῦσης. τινὲς δὲ ἐν τῇ ἀγορᾷ περδομένην γυναικᾶ", retirado de Latte, 1953 = *TLG*; Agátias Escolástico, escólio a Pausânias, *Descrição da Grécia*, I.1.3: "[...] καὶ οὕτω μὲν Ἡσύχιος, Ἀριστοφάνης δὲ φησιν ..... γυναικὸς ἐν τῇ ἀγορᾷ ἢ ἐστηκούσης. τινὲς δὲ ἐν τῇ ἀγορᾷ περδομένην γυναικᾶ Λάμιαν εἶναι. [...]", retirado de Spiro, 1894 = *TLG*; Fócio, *Léxico*, p. 206: "γυνὴ Ἀθήνησιν ἐν ἀγορᾷ διατρίβουσα, σκύταλον ἔχουσα καὶ ἀποποφοῦσα. ἔστι δὲ καὶ θηρίον", retirado de Porson, 1822 = *TLG*.

<sup>279</sup> Robert Graves afirmou que a *lâmia* se juntou posteriormente ao grupo das empusas (ἐμπούσαι) em sua função de seduzir homens jovens e sugar-lhes o sangue enquanto dormiam. Essas empusas eram filhas de Hécate e tinham os corpos híbridos de mulher com ancas de asno; podiam tomar várias formas, inclusive a de belas mulheres. E pode ser que daí provenha o comentário do tradutor francês de Horácio, François Villeneuve, que afirmou que as *lâmias* eram vampiras com pés de asno. Essas empusas, transformadas em belas mulheres, se uniam a rapazes à noite para lhes sugar a força vital, como verdadeiras *femmes fatales*, com o detalhe de serem realmente fatais (Graves, 1967, pp. 215-216). Para mais informações sobre as empusas, cf. nesta tese Flávio Filóstrato, pp. 254-261.

{Xâ.} Mas agora está na frente.  
 {Di.} Então vem pra frente!  
 {Xâ.} Mas, por Zeus, agora vejo uma fera enorme!  
 {Di.} De que tipo?  
 {Xâ.} Terrível. Bom, assume várias formas: agorinha era uma vaca, e já uma mula, e de novo agora já é uma mulher belíssima!  
 {Di.} Onde está? Leve-me até ela.  
 {Xâ.} Mas já nem é mais mulher, e sim cadela.  
 {Di.} Então é empusa.  
 {Xâ.} Bom, seu rosto brilha inteiro com fogo.  
 {Di.} E tem uma perna de cobre?  
 {Xâ.} Sim, por Poseidon!, e a outra de esterco de vaca, veja só!  
 {Di.} Para onde agora eu poderia fugir?  
 {Xâ.} E eu, pra onde?<sup>280</sup>

A empusa tem uma perna feita de cobre, a outra feita de esterco de vaca, e muda de forma constantemente. Mas o que mais nos intriga nessa passagem é o medo de Dioniso, que quer fugir à menor menção da presença da empusa nas proximidades. Ou seja, como já mencionamos anteriormente, até mesmo os deuses parecem temer, ou ao menos demonstrar algum respeito por essas personagens femininas associadas ao mal, como as górgonas, as κῆρες, as empusas.

---

### **Ἰππεῖς 691-693<sup>281</sup>**

{ΑΛ.} Καὶ μὴν ὁ Παφλαγῶν οὐτοσὶ προσέρχεται,  
 ὠθῶν κολόκυμα καὶ ταράττων καὶ κυκῶν,  
 ὡς δὴ καταπιόμενός με. Μορμῶ τοῦ θράσους.

### **Tradução:**

#### **Cavaleiros 691-693**

{S.} E com certeza, o Paflagônio, este aqui, avança  
 estocando ameaças, confundindo e perturbando,  
 como para me engolir. Monstro de bazófia!

<sup>280</sup> Aristófanes, *Rãs* 285-296: "{ΞΑ.} Νῆ τὸν Δία· καὶ μὴν αἰσθάνομαι ψόφου τινός. / {ΔΙ.} Ποῦ ποῦ 'στιν; / {ΞΑ.} Ἐξόπισθεν. / {ΔΙ.} Ἐξόπισθ' ἴθι. / {ΞΑ.} Ἄλλ' ἔστιν ἐν τῷ πρόσθε. / {ΔΙ.} Πρόσθε νυν ἴθι. / {ΞΑ.} Καὶ μὴν ὀρῶ νῆ τὸν Δία θηρίον μέγα. / {ΔΙ.} Ποῖόν τι; / {ΞΑ.} Δεινόν. Παντοδαπὸν γούν γίγνεται· τοτὲ μὲν γε βοῦς, νυνὶ δ' ὀρεῦς, τοτὲ δ' αὖ γυνὴ ὠραιότατη τις. / {ΔΙ.} Ποῦ 'στι; Φέρ' ἐπ' αὐτήν ἴω. / {ΞΑ.} Ἄλλ' οὐκέτ' αὖ γυνὴ 'στιν, ἀλλ' ἤδη κύων. / {ΔΙ.} Ἐμποῦσα τοίνυν ἐστί. / {ΞΑ.} Πυρὶ γούν λάμπεται ἅπαν τὸ πρόσωπον. / {ΔΙ.} Καὶ σκέλος χαλκοῦν ἔχει; / {ΞΑ.} Νῆ τὸν Ποσειδῶ, καὶ βολίτινον θᾶτερον, σάφ' ἴσθι. / {ΔΙ.} Ποῖ δῆτ' ἂν τραποίμην; / {ΞΑ.} Ποῖ δ' ἐγώ;". Texto grego retirado de Coulon & Van Daele, 1967 = *TLG*.

<sup>281</sup> Texto grego retirado de Coulon & van Daele, 1967 = *TLG*.

### Comentário:

**μορμὸ τοῦ θράσους:** um escólio antigo diz que Aristófanes está se referindo ao "espantalho / duende, à qual chamam Lâmia. Os pavores também eram chamados *mormoluquia*. Falta contudo o 'como', como Mormó. Ou conduzido com sentido adverbial, como dizia, 'ai de mim (φεῦ), que insolência!'.<sup>282</sup> O texto aristofânico, porém, nos parece adequado: a expressão seria como a que usamos em português no Brasil, "poço de vaidade", ou "poço de ignorância".

Os "pavores infantis" eram, então, denominados *mormoluquia*. A palavra μορμολυκεῖα é derivada de Mormó, ou Mormólíce, um dos "pavores" usados para assustar as crianças. Comparar a palavra μορμώ com a interjeição φεῦ indica que a primeira também podia ser usada como uma interjeição. Φεῦ é normalmente traduzida como "ai ai ai", ou "ai de mim", e dessa maneira, "μορμὸ τοῦ θράσους" poderia ser traduzida como "ai, que insolência!" ou "ai, que ousadia!".

Lars Nordgren, em seu estudo sobre as interjeições gregas, classifica φεῦ entre as interjeições que expressam dor ou vergonha.<sup>283</sup> Ele afirma que essa pequena palavra pode expressar dois tipos de sentimento distintos: surpresa e queixa. Nordgren aponta também que φεῦ é uma das interjeições mais comuns, com um total de 173 ocorrências na literatura grega remanescente.<sup>284</sup> Ele cita vários estudiosos que debateram os sentidos dessa interjeição, e pontua que na tragédia ela teria um sentido mais carregado, de pesar, de vergonha, mas que na comédia, a maioria dos pesquisadores acha que tem um sentido maior de surpresa, e também de desgosto. Nordgren conclui que

o conteúdo emocional mais saliente é novamente o do aborrecimento (entendido no sentido mais amplo possível) causado por algum estímulo físico ou mental, "especialmente por alguma coisa causando incômodo, irritação, insatisfação, ou desapontamento". Em segundo lugar, é também usada como um intensificador, uma palavra de reforço, cuja função principal é dar ênfase a uma expressão acompanhante.<sup>285</sup>

---

<sup>282</sup> Escólio antigo a Aristófanes, *Cavaleiros* 693b1 (*scholia vetera*): "<μορμὸ τοῦ θράσους:> τὸ μορμολυκεῖον, ἣν λέγουσι Λαμίαν. μορμολυκεῖα δὲ ἔλεγον τὰ φόβητρα. λείπει δὲ τὸ "ὡς", ὡς μορμώ. ἢ ἐπιρρηματικῶς συνεξενήνεκται, ὡς εἰ ἔλεγε, φεῦ τοῦ θράσους". Texto grego retirado de Jones & Wilson, 1969 = *TLG*. Cf. ainda *LSJ*, 1996, pp. 1146 para μορμολυκεῖον. Os *scholia vetera* são antigos, provavelmente alexandrinos, vindos da compilações de Dídimo e Símaco, cf. Dickey, 2007, p. 31.

<sup>283</sup> Nordgren, 2012, pp. 130-134.

<sup>284</sup> Nordgren, 2012, p. 131. Do total de 173 ocorrências, 25 aparecem em Ésquilo, 36 em Sófocles, 101 em Eurípides, e 11 em Aristófanes.

<sup>285</sup> Cf. Nordgren, 2012, p. 134: "The most salient emotive content is again one of vexation (understood in the broader possible sense) to some physical or mental stimulus, 'esp. by something causing

Desse modo, comparar Μορμώ com φεῦ coloca a primeira palavra na esfera semântica da segunda. Não como qualidade restritiva de sentido, mas como amplificadora. Nesse caso, μορμώ corresponderia a uma palavra que expressa intenso desagrado, irritação, insatisfação, como φεῦ.

Beekes também aponta para esse uso interjetivo da palavra μορμώ, afirmando que sua formação é semelhante à de Γοργώ, e dizendo que ambas podem ser entendidas como gritos aterrorizantes.<sup>286</sup> O *LSJ* também pontua essa função interjetiva de μορμώ, cujo objetivo principal seria assustar crianças.<sup>287</sup> Portanto, poderíamos entender μορμώ até mesmo como um grito usado para assustar o próximo (algo como um "uá!", ou "arrá!", ou apenas "ah!"), ao tentarmos traduzi-la.

**μορμὸ τοῦ θράσου:** há outro escólio antigo que também comenta este trecho específico do poema, e que é muito similar ao escólio citado anteriormente. Ele diz: "ai, que insolência!: isto é, 'ai de mim, que insolência'. A respeito da mormó, a chamam Lâmia. E os medos infantis dizem ser os pavores".<sup>288</sup> Não há nada de novo neste comentário, parece ser apenas um sumário do anterior e, como é posterior, é quase certo que aquele tenha sido usado como base para a escrita deste.

---

### **Ἐκκλησιάζουσαι 76-78**

{Γυ. α9} ἔγωγέ τοι τὸ σκύταλον ἐξηνεγκάμην

τὸ τοῦ Λαμίου τουτὶ καθεύδοντος λάθρα.

{Γυ. β9} τοῦτ' ἔστ' ἐκείνου τὸ σκύταλον, ὃς πέρδεται.

### **Tradução:**

#### ***Ecclesiastusae 76-78***

Mulher A: eu mesma, claro, tomei o pau de Lâmio,

---

annoyance, irritation, dissatisfaction, or disappointment'. Secondly, it is also used as an intensifier, a strengthening word, the main function of which is to add emphasis to an accompanying utterance".

<sup>286</sup> Beekes, 2010, p. 967.

<sup>287</sup> *LSJ*, 1996, p. 1147.

<sup>288</sup> Escólio antigo a Aristófanis, *Cavaleiros* 693d1 (*scholia triclinae*): "μορμὸ τοῦ θράσου] ἤγουν φεῦ τοῦ θράσου. ἀπὸ τῆς μορμοῦς ἦν λέγουσι Λαμίαν. καὶ μορμολυκεῖα φασὶ τὰ φοβερά". Texto grego retirado de Jones & Wilson, 1969 = *TLG*. Os *scholia Tricliniae* são bizantinos, produzidos por Demétrio Triclínio no século XIV (ca. 1300) em Tessalônica, cf. Dickey, 2007, p. 31.

que estava adormecido, na surdina.

Mulher B: este é daqueles paus que peida.

### Comentário:

**Λαμίου:** há um escólio antigo que comenta esses dois versos:

*Lamíou:* Lâmio é um pobre qualquer que vive de carregar madeira (por isso ela diz que ele carregava um pau. Está sendo ridicularizado também como carcereiro. A Lâmia era macho. Em sua peça homônima, Crates diz sobre ela que, 'a que tinha um pau, peidou').<sup>289</sup>

O escoliasta informa que a *lâmia* era macho, contrariando a informação antes fornecida pelo escoliasta do verso 758 de *Paz*, que afirma que as *lâmias* são fêmeas, mas que admite que elas têm testículos ativos. Contudo, apesar de dizer que a *lâmia* é macho, o comentador continua a se referir a ela como fêmea, atribuindo-lhe um pronome feminino, ἥς, e um particípio feminino, ἔχουσα. Como as opiniões se encontram divididas, e não há outras alusões ao gênero do monstro *lâmia*, não há como fazer afirmações a esse respeito.

Nessa discussão, podemos mencionar o fato de que a maioria dos monstros usados para assustar crianças era feminina, como conclui Önal em sua investigação. Ela afirma que a narrativa da maternidade tem como objetivo controlar a sexualidade feminina atribuindo à mulher seus "papéis corretos" na sociedade: filha, esposa e mãe. Um ser cuja vida tem um único objetivo: reproduzir-se. Assim, a representação dos seres que ameaçam esse papel primordial seriam outras mulheres, as que não se encaixaram no papel social que lhes cabe. Elas representam as "ameaças" às mulheres de direito, ou seja, as mães. Nas palavras de Önal:

Em resumo, o mal feminino é uma mulher perigosa ou um ser feminino antropomorfizado, desempenhando o papel de vilã da narrativa da maternidade ao invés de desempenhar seu papel como uma mulher obediente. Os males femininos representam a sexualidade reprimida e os medos das mulheres dignas, e facilitam a supressão das últimas através da atribuição de um mal inato às mulheres.<sup>290</sup>

<sup>289</sup> Escólio anônimo a Aristófanes, *Ecclesiazusae* 77: "Λαμίου: Λάμιός τις πένης καὶ ἀπὸ ξυλοφορίας ζῶν (διὸ καὶ βακτηρίαν ἐξενέγκασα αὐτοῦ φησιν εἶναι. κωμωδεῖται γὰρ καὶ ὡς δεσμοφύλαξ. ἀρσενικῶς δὲ Λαμίαν. ὑπὲρ ἧς ὁ Κράτης λέγει ἐν τῷ ὁμωνύμῳ δράματι, ὅτι σκυτάλην ἔχουσα ἐπέρδετο)". Para verificar a discussão a respeito desse escólio cf., nesta tese, Aristófanes, pp. 86-87. Trecho grego retirado de Dübner, 1969 = *TLG*.

<sup>290</sup> Önal, 2011, p. 88: "In short, the female evil is a harmful woman or an anthropomorphised female

Essas "ameaças" são mulheres "virgens frustradas", como pontuou um dos comentadores que aparece neste nosso estudo, ou mulheres estéreis, ou que perderam os filhos.<sup>291</sup> E vão sempre tentar arruinar a prole alheia, como Lamashtu, Lilith e Lâmia, e também Gelló.

**ὄν πέρδεται:** no caso do verso 78, o comentador foca na ação executada pelo Lâmio carregador de madeira: "que peida: contra aquele que o carrega. Ou, igualmente, sob o fardo do peso, peidou — o cacete é o pau<sup>292</sup>". O comentador tenta explicar a razão da eliminação de gases, que seria o peso do fardo.<sup>293</sup>

---

being, playing the role of the villain of the motherhood narrative instead of playing her proper role as an obedient woman. Female evils represent the repressed sexuality and fears of proper women, and facilitate the suppression of the latter by the attribution of an innate evil to women".

<sup>291</sup> Cf. a "Introdução" desta tese, p. 16 para o comentador que chamou Lamashtu de "virgem frustrada".

<sup>292</sup> Escólio anônimo a Aristófanes, *Ecclesiazusae* 78: "ὄν πέρδεται: Ἀντὶ τοῦ ὄν φέρει. ἢ ἴσως ὑπὸ τοῦ βάρους ἐπέρδετο. — τὸ σκύταλον τὸ ρόπαλον". Para verificar a discussão a respeito desse escólio cf., nesta mesma tese, Aristófanes, pp. 85-87. Trecho grego retirado de Dübner, 1969 = *TLG*.

<sup>293</sup> Cf. acima p. 85, n. 275, em que mostramos como Graham Anderson tentou explicar as razões da flatulência lamíaca.

---

# Ξενοκράτης - Xenócrates da Calcedônia

## IV a.C.

(*Apud* Diógenes Laércio, *Vidas e obras dos filósofos ilustres*, IV.6-15)

---

### *Testimonia, doctrina et fragmenta*, Fr. 2.42<sup>294</sup>

ἀλλὰ καὶ πρεσβεύων πρὸς Ἀντίπατρον περὶ αἰχμαλώτων Ἀθηναίων κατὰ τὸν Λαμιακὸν πόλεμον, καὶ κληθεὶς ἐπὶ δεῖπνον πρὸς αὐτὸν προηγέγκατο ταυτί·

ὦ Κίρκη, τίς γάρ κεν ἀνὴρ, ὃς ἐναίσιμος εἶη,  
πρὶν τλαίη πάσσασθαι ἐδητύος ἠδὲ ποτήτος  
πρὶν λύσασθ' ἐτάρους καὶ ἐν ὀφθαλμοῖσιν ιδέσθαι;

καὶ τὸν ἀποδεξάμενον τὴν εὐστοχίαν εὐθὺς ἀνεῖναι.

### **Tradução:**

### *Testemunhos, doutrina e fragmentos*, Fr. 2.42

Mas ainda por missão, foi pleitear junto a Antípatro pelos prisioneiros atenienses feitos durante a guerra lamíaca e, tendo sido convidado para jantar junto à ele, proclamou o seguinte:

Ó Circe, então qual homem que fosse correto  
poderia suportar desfrutar de comida e de bebida  
antes de soltar os companheiros e contemplá-los com os olhos?<sup>295</sup>

E Antípatro, aprovando sua sagacidade, libertou-os imediatamente.

### **Comentário:**

**Λαμιακὸν πόλεμον:** o trecho acima é retirado da obra de Diógenes Laércio, que a escreveu no século III.<sup>296</sup> Se considerarmos que a obra de Xenócrates realmente fazia uso desse adjetivo λαμιακός, ele foi o primeiro a usá-lo, e talvez tenha sido mesmo o

---

<sup>294</sup> Texto grego retirado de Parente, 1982 = *TLG*.

<sup>295</sup> Cf. Homero, *Odisseia*, X.383 – 5.

<sup>296</sup> Diógenes Laércio, *Vidas e obras dos filósofos ilustres*, IV.9.8-13.

criador dessa palavra. Contudo, como só temos dele os fragmentos encontrados em outros autores, não é possível fazer tal inferência e, por isso, a criação do adjetivo λαμιακός não pode ser atribuída a Xenócrates com certeza. Muitos estudiosos atribuem tal cunhagem a Coerilo de Iaso, contemporâneo de Xenócrates.<sup>297</sup> O uso desse adjetivo para descrever a revolta que os atenienses organizaram contra os macedônios logo após a morte de Alexandre talvez estivesse em voga por volta dos séculos IV-III a.C.

Essa revolta — que, ao que parece, foi de magnitude histórica — ficou conhecida como Guerra de Lâmia, por ter acontecido nos arredores da cidade grega de Lâmia, mencionada anteriormente neste mesmo trabalho por Sílux de Carianda.<sup>298</sup> Os eventos dessa guerra se passaram no período do inverno de 323-322 a.C., e os macedônios saíram vitoriosos.<sup>299</sup>

---

<sup>297</sup> Cf. nesta tese Coerilo de Iaso, pp. 103-105, onde fazemos uma discussão acerca do nome da guerra, que também ficou conhecida como Guerra Helênica; cf. Walsh, 2011, que está comentado mais detalhadamente nesta tese em Coerilo de Iaso.

<sup>298</sup> Cf. nesta tese Sílux de Carianda, pp. 64-65. A Guerra de Lâmia se iniciou logo após a morte de Alexandre o grande (junho de 323 a.C.), e constituiu-se como um movimento rebelde: algumas cidades gregas formaram uma coalisão para libertar a Grécia do jugo da Macedônia. Acredita-se que tal movimento recebeu esse nome, Guerra de Lâmia, em razão de um de seus episódios decisivos: o sítio que sofreu o exército macedônico nessa cidade. A *Suda* afirma que Lâmia "[...] é também uma cidade da Tessália, de onde os gregos, animados e liderados pelos atenienses, após a morte de Alexandre, buscando conquistar a liberdade, venceram Antípatro" - *Suda*, Λ (lambda), entrada 84: "[...] ἔστι δὲ καὶ πόλις Θεσσαλίας, ὅθεν ὀρμηθέντες οἱ Ἕλληνας μετὰ τὸν Ἀλεξάνδρου θάνατον, Ἀθηναίων ἡγουμένων, τῆς ἐλευθερίας ἀντιποισάμενοι τὸν Ἀντίπατρον ἐνίκησαν. Μένανδρος Ἀνδρογόνῳ". Cf. a "Introdução" desta tese, p. 33, nn. 105 e 106, onde este trecho e a discussão acerca dele podem ser vistos mais detalhadamente. Sobre a Guerra de Lâmia, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 790; Cancik & Schneider, vol. 7, p. 183; Hansen & Nielsen (*IACP*), 2004, pp. 712-713, n. 431; Walsh, 2011; Walsh, 2012; Ashton, 1984; Bertosa, 2003; Worthington, 2014, p. 299.

<sup>299</sup> Os macedônios ocupavam o território grego desde sua conquista por Filipe II da Macedônia, pai de Alexandre o grande, que iniciara esse movimento em 352 a.C. ao avançar sobre Tebas. As declarações de guerra entre Atenas e Pela aconteceram oficialmente em 340 a.C., após vários episódios de desentendimento entre Filipe II e os atenienses, espartanos e tebanos. Filipe então resolveu expandir seu império e anexou a Grécia. Os gregos se revoltaram contra seus vizinhos dominadores muitas vezes, durante toda a duração do Império Macedônico, que permaneceu estável por apenas dois anos (Romm, 2011, p. xiii). Mesmo Alexandre o grande enfrentou sublevações frequentes durante seu reinado, que durou pouco mais de dez anos (334-323 a.C.). Várias delas partiram de seus próprios soldados, macedônios como ele, que achavam que ele estava se "orientalizando" em demasia após as conquistas asiáticas e o casamento com Roxana, filha do rei da Sogdiana (Romm, 2011, p. 12). Acudado por seus próprios compatriotas, Alexandre anunciou o repatriamento de mais de dez mil de seus soldados, que voltariam para casa junto de um de seus generais, Crátero. Apaziguou, dessa maneira, os ânimos de seus cansados combatentes. Seguindo a mesma linha, nos Jogos Olímpicos de 324 a.C. Alexandre anunciou o Decreto dos Exilados, permitindo que todos os gregos exilados de suas cidades, por quaisquer motivos, voltassem para casa. Pouco tempo depois, em 323 a.C., já de volta à Babilônia, cidade que havia libertado do jugo persa sete anos antes e incorporado a seu império (em outubro de 331 a.C.), contraiu uma misteriosa febre (ou foi envenenado, ou alguma outra possibilidade, não há certeza alguma das causas de sua morte) e morreu repentinamente, no dia 13 de junho, deixando órfão o mais extenso império da Antiguidade. Nas palavras de John Hazel, "sua morte prematura levou, em último caso, ao colapso de seu império em meia dúzia de estados (muitos dos quais eventualmente caíram sob domínio romano nos 300 anos seguintes), que eram governados pelos generais de seu

---

exército. Há um sentimento de que Roma seria o verdadeiro herdeiro de Alexandre" (Hazel, 2000, p. 12: "His premature death led ultimately to the collapse of his empire into half a dozen states [many of which eventually fell to Roman domination within the following 300 years], which were ruled by the generals of his army. There is a sense in which Rome was to be the true heir of Alexander"). Em seu livro, Romm narra uma história a respeito de um guru que acompanhava os oficiais de Alexandre, de nome Calano. Ele caiu enfermo quando o exército chegou a Persis e resolveu se matar, pois previra uma morte lenta e agonizante para si. Assim, em uma cerimônia fúnebre de despedida, ele disse adeus e abraçou cada um dos oficiais de Alexandre. Ao ver o rei macedônico se aproximar, no entanto, ele disse que o abraçaria quando eles se encontrassem na Babilônia, o que foi tomado como delírio de um enfermo. Calano se atirou em uma pira de fogo e morreu. Alexandre caiu enfermo poucos dias após adentrar a Babilônia com seu imponente exército, cf. Romm, 2011, p. 10). As notícias da morte de Alexandre atingiram a Grécia um bom tempo após a ocorrência do fato em si, mesmo assim, quando os gregos tomaram conhecimento delas, viram nessa a oportunidade de se livrarem de vez dos macedônios invasores. Além desse motivo, Atenas e a Liga Etólia tinham outra razão para se rebelarem contra o Império Macedônico: o Decreto dos Exilados. Por esse decreto, os atenienses, que haviam ocupado a ilha de Samos e exilado todos os seus habitantes, deveriam devolvê-la a eles, e da mesma maneira a Liga Etólia, que havia ocupado a cidade de Eníades, no litoral do mar Jônico. Assim, uma coalisão de cidades gregas se formou (os atenienses, a Liga Etólia, os fócios, os lócrios, os argivos e os tessálios [com exceção dos habitantes de Lâmia], num total aproximado de 25 a 30 mil combatentes), instigada pelo estrategista ateniense Leóstenes e pelo orador ateniense Hipérides, e denominada por eles de Liga Helênica. O principal objetivo da Liga recém formada era expulsar os macedônios definitivamente do território grego. Leóstenes, originário do demo ateniense de Céfale, havia obtido reconhecimento militar ao ser nomeado estrategista de Atenas para a defesa da cidade em 324 a.C., e adquirira experiência em combate vivendo como mercenário na Ásia. Quando Alexandre anunciou o repatriamento de mais de dez mil mercenários de seu exército, Leóstenes foi imediatamente enviado para negociar com eles e os reuniu no Cabo Tenaro (hoje Cabo Súnio, o extremo sul da Grécia continental), próximo ao templo de Poseidon. Na época da morte de Alexandre, Leóstenes tinha mais de oito mil desses mercenários a seu dispor reunidos naquela região (Walsh [2012] tece considerações acerca do papel de Leóstenes na reunião desse exército de mercenários. Ele afirma que esse papel é muito menor do que o anunciado por Diodoro Sículo, e aceito pela maioria dos especialistas. Ver Diodoro Sículo, pp. xx desta tese para uma discussão mais aprofundada). Os macedônios, que tinham os beócios como aliados (num total muito inferior de 13 mil combatentes), eram pessoalmente liderados por Antípatro, um dos generais de Felipe e Alexandre, que havia sido designado pelo último como guardião da Grécia enquanto ele próprio estivesse em campanha na Ásia. Os beócios tinham estado em uma série de guerras contra os tebanos pelo controle da administração do santuário de Delfos, que ficaram conhecidas como Guerras Sagradas. Essas escaramuças envolviam os aliados dos dois lados beligerantes: Atenas, aliada dos tebanos, e Esparta, aliada dos beócios, e já vinham acontecendo muito antes da conquista do território grego pelos macedônios — desde antes de 446 a.C. Os beócios temiam que Tebas reestabelecesse seu domínio do santuário caso os atenienses e seus aliados ganhassem, e retomasse o controle de seus próprios territórios (cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1343-1344). Desse modo, os gregos, com Leóstenes à frente, derrotaram os beócios em Plateia, arrasando completamente seu exército e, em seguida, os macedônios, no paço das Termópilas. Esses últimos foram obrigados a se refugiar na cidade fortificada de Lâmia e lá se entrincheiraram à espera de reforços. Os gregos sitiaram os macedônios em Lâmia, com a esperança de que tomariam a cidade rapidamente, e de que a frota ateniense barraria a frota macedônica que vinha da Ásia com reforços. Isso feito, os macedônios perderiam a guerra. Contudo, não apenas a cidade de Lâmia se mostrou inexpugnável, como a frota ateniense sofreu duas derrotas fatais tanto no Helesponto quanto na ilha de Amorgos. Os gregos perderam muitos homens nas tentativas de sobrepular os muros de Lâmia, e os macedônios, com a derrota da frota ateniense, ficaram com as águas livres para transportar os reforços e desembarcá-los no Golfo de Mália a tempo de salvar os sitiados. Em 322, uma ofensiva relâmpago dos macedônios sitiados deixou o general Leóstenes mortalmente ferido e os atenienses foram obrigados a bater em retirada por um tempo, deixando seus aliados enfraquecidos. Em Atenas Leóstenes recebeu homenagem dupla: Hipérides escreveu e proclamou sua oração fúnebre, e Arcesilau decorou uma stoa no Pireu com retratos dele e de seus filhos. A queda de Leóstenes foi devastadora para a causa da Liga Helênica, e a retirada momentânea dos atenienses foi a oportunidade por que Antípatro e seus comandados esperavam: eles deixaram Lâmia, reuniram-se aos reforços vindos da Ásia e derrotaram definitivamente os revoltosos na Batalha de Cranon, uma cidade tessália próxima de Lâmia (Hansen & Nielsen, 2004, pp. 694-695). A revolta foi completamente obliterada, as cidades rebeldes aliadas foram obrigadas a capitular e aceitar os tratados de paz impostos pelos macedônios, e a

Diógenes Laércio afirma que Xenócrates participou de três embaixadas enviadas pelos atenienses aos macedônios: uma a Filipe e duas a Antípatro.<sup>300</sup> O trecho acima trata da embaixada enviada a Antípatro em 322 a.C., da qual Xenócrates, junto a Fócion, tomou parte para negociar a rendição dos atenienses após a derrota da coalisão grega na Guerra de Lâmia.<sup>301</sup> A Xenócrates foi oferecida a cidadania ateniense após ter prestado esse serviço, que ele recusou por não concordar com os termos a que os atenienses se submeteram: preferiu continuar estrangeiro.<sup>302</sup>

Podemos notar a parcimônia de Xenócrates que, como Odisseu, não desfrutou do banquete que lhe era oferecido antes de ver seus companheiros livres. Xenócrates cita a *Odisseia*, no episódio em que Odisseu, convidado por Circe a se banquetear, recusa a oferta, alegando não ter estômago para tais frivolidades enquanto seus companheiros estão sofrendo, transformados em porcos.<sup>303</sup> Esse é um comportamento exatamente contrário a toda a semântica da palavra λάμια, pois contraria a voracidade alimentar aludida por ela.

---

Grécia permaneceu sob o jugo macedônico. Jugo esse que seria substituído pelo jugo romano, a partir do século II a.C., após novas batalhas em Lâmia. Para referências à Guerra de Lâmia cf., neste mesmo trabalho, Hipérides, pp. 97-102; Coerilo de Iaso, pp. 103-105; Menandro, pp. 120-122; Políbio, pp. 133-137; Diodoro Sículo, pp. 140-151; Estrabão, pp. 154-163; Plutarco, pp. 173-194; Pausânias, pp. 198-208; Polieno, p. 214; Diógenes Laércio, pp. 274-275.

<sup>300</sup> Diógenes Laércio, *Vidas e obras dos filósofos ilustres*, IV.6-15.

<sup>301</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1628; cf. também *Suda*, A (alpha), entrada 2704: "<Αντίπατρος> οὗτος ἐπεὶ διεδέξατο τὴν ἀρχὴν τῶν Μακεδόνων, ἐπολιορκήθη μὲν ἐν Λαμίᾳ τῆς Θεσσαλίας ὑφ' Ἑλλήνων· ἀναχωρησάντων δὲ τῶν Αἰτωλῶν, εἶτα τῶν ἄλλων, ἐσώθη. νικήσας δὲ ἤτει τοὺς ἑὶ ῥήτορας, οὓς ἐξέδοσαν Ἀθηναῖοι, Δημοσθένην, Ὑπερίδην, Λυκοῦργον, Πολύευκτον, Ἐφιάλτην, Θρασύβουλον, Χάρητα, Χαρίδημον, Διότιμον, Πατροκλέα, Κάσσανδρον" - "[...] este, após ter recebido o comando dos macedônios, foi sitiado em Lâmia, na Tessália. Mas, quando os etólios se retiraram, e os outros em seguida, foi salvo. Assim, vencedor, ordenou aos atenienses que entregassem os dez oradores: Demóstenes, Hipérides, Licurgo, Polieucto, Efiálfes, Trasíbulo, Cáreta, Caridemo, Diótimo, Pátroclo e Cassandro". Cf. ainda, nesta tese, "Introdução", p. 32, n. 103.

<sup>302</sup> Xenócrates foi um dos diretores da Academia (339-314 a.C.), e também foi escolhido como embaixador para negociar a a rendição ateniense com Antípatro em 322 a.C. Para ler mais sobre sua obra e seu trabalho filosófico, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1628.

<sup>303</sup> *Odisseia* X.382-400, aproximadamente.

---

## Ἵπερείδης - Hipérides 389-322 a.C.

---

**Nota inicial:** resolvemos não escrever dois comentários aos dois trechos aqui citados da *Oração Fúnebre* de Hipérides, uma vez que ambos apresentam a mesma palavra, o mesmo contexto e a mesma morfologia. Desse modo, primeiro apresentaremos os trechos, cada um seguido de sua respectiva tradução, e o comentário aos dois seguirá após o final da tradução do segundo.

---

### *Ἐπιτάφιος 5.21-5.38 (Jensen) / 12-13 (Herrman)*<sup>304</sup>

έντεϋθεν δ' έλθών εις Πύ-  
λας και καταλαβών τās  
πα]ρόδους, δι' ὧν και πρότερον έ-  
πι τ]οὺς Ἴλληνας οἱ βάρβαροι έ-  
πο]ρεύθησαν, τῆς μὲν ἐπι  
τήν] Ἑλλάδα πορείας Ἀντί-  
π]ατρον εκώλυσεν, αὐτὸν δέ  
κα]ταλαβών ἐν τοῖς τόποις τού-  
τοι]ς και μάχη νικήσας ἐπολι-  
όρ]κει κατακλείσας εις Λαμίαν·  
Θ]ετταλοὺς δέ και Φωκέας και  
Αἰ]τωλοὺς και τοὺς ἄλλους ἅπαν-  
τας τοὺς ἐν τῷ τόπῳ συμμάχους  
ἐποίησατο, και ὧν Φίλιππος  
και Ἀλέξανδρος ἀκόντων ἡγού-  
μενοι έσεμνύνοντο, τούτων Λε-  
ωσθένης εκόντων τὴν ἡγε-  
μονίαν ἔλαβεν.

---

<sup>304</sup> Texto grego retirado de Jensen, 1963 = *TLG*. Os números após a barra obedecem à numeração de Herrman, 2009, fazendo a equivalência numérica entre as duas edições.

## Tradução:

### *Epitáfio, 5.21-5.38 / 12-13*

E, assim, indo aos Portões<sup>305</sup>  
e bloqueando as passagens  
através das mesmas, as quais, primeiro,  
os bárbaros foram perseguidos  
pelos helenos, impediu Antípatro  
de marchar contra a Hélade  
e na batalha vencendo,  
fez um cerco,  
prendendo-o em Lâmia.  
Então tessálios, fócios e etólios,  
todos juntos, naquele lugar, ele fez  
companheiros de batalha e,  
apesar de terem exaltado, sem querer,  
a liderança de Filipe e Alexandre,

---

<sup>305</sup> Os Portões, Πύλας, é a maneira como Hipérides se refere à passagem das Termópilas, onde alguns séculos antes Leônidas e seus homens atrasaram o exército persa, comandado por Xerxes, em sua segunda tentativa de invadir e dominar a Grécia, cf. Cooper, *in* Worthington, Cooper & Harris, 2001, p. 131, nota 2; cf. também Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 843-844, *Leonidas*; e ainda cf. Herrman, 2009, p. 77, n. 12, onde ele faz um comentário específico sobre a palavra grega Πύλας, e a região das Termópilas. Na verdade, "portões quentes" é o significado da palavra *thermópylai* em grego, e denominava o espaço entre o Monte Calídromo e o rio Euripo, constituindo a principal via de acesso do norte da Grécia às suas partes central e sul, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1507. A Batalha das Termópilas, como ficou conhecida, aconteceu provavelmente em agosto de 480 a.C., e incluiu de seis a sete mil gregos, que seguraram a passagem por aproximadamente dois dias até serem traídos por um habitante local, que revelou aos persas a existência de uma outra passagem, que chegava diretamente na retaguarda do exército grego. Após esse fato, os fócios bateram em retirada, e apenas os espartanos, téspios, micênios e talvez, tebanos, lutaram até o último homem (há alguns relatos que dizem que os tebanos se renderam para não serem massacrados), cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1507-1508. Há um monumento na região onde era o caminho central do Paço das Termópilas, construído na década de 1950 com financiamento de gregos-americanos, em homenagem aos guerreiros caídos nessa batalha. O monumento é um muro, com três estátuas: no centro dele, uma enorme estátua de Leônidas, vestido para a batalha e com a lança em posição de ataque, está de pé e olha para frente; em suas laterais, há duas estátuas de deuses reclinados, e no comprimento do muro há um friso com cenas da batalha, cf. [http://odysseus.culture.gr/h/2/eh251.jsp?obj\\_id=1446](http://odysseus.culture.gr/h/2/eh251.jsp?obj_id=1446), o sítio eletrônico oficial do governo grego para informações sobre atrações turísticas, ruínas, templos, monumentos, etc. Havia um monumento antigo, erigido pela Liga Anfictiônica em homenagem aos guerreiros caídos nessa batalha, que contava com uma inscrição de Simônides de Ceos, que dizia: "Ὁ ξεῖν', ἀγγέλλειν Λακεδαιμονίοις, ὅτι τῆδε / κείμεθα τοῖς κείνων ῥήμασι πειθόμενοι" – "O estrangeiro, anuncia aos lacedemônios que aqui / jazemos, obedientes às palavras deles", mas ele não sobreviveu, cf. Page, 1967 = *TLG*, 7.249; cf. ainda Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1409, para informações sobre a vida e a obra de Simônides. Houve, ainda, outra batalha na região das Termópilas, que é, contudo, menos conhecida. Essa batalha aconteceu em 191 a.C., entre os romanos e os selêucidas, liderados por seu rei, Antíoco III. Para esta batalha, cf. neste mesmo trabalho, Anexos, Tabelas, Tabela 9, Guerras Macedônicas, Roma x Império Selêucida, pp. 328-329, especialmente nota 742.

de cada um deles

Leóstenes recebeu o comando.

**Ἐπιτάφιος 7.17-7.25 (Jensen) / 18 (Herrman)**

...] ἀλλὰ

μὴν τὴν γε περὶ Πύλας καὶ Λαμί-  
αν μάχην γεν[ομένην] οὐχ ἥττον  
αὐτοῖς ἔνδο[ξον γεν]έσθαι συμ-  
βέβηκεν ἢς [ἐν Βοιω]τοῖς ἠγωνίσαν-  
το, οὐ μόνον [τῶι μαχο]μένους νικᾶν  
Ἀντίπατρον [καὶ τοὺς σ]υμμάχους  
ἀλλὰ καὶ τῶι τόπω[ι, τῶι ἐ]νταυθοῖ γε-  
γενῆσθαι τὴν μ[άχην.]

**Tradução:**

**Epitáfio 7.17-7.25 / 18**

[...] mas

contudo, a batalha que ocorreu nas  
cercanias dos Portões e de Lâmia não foi  
inferior e resultou para eles tão gloriosa  
quanto a que tiveram com os beócios, não  
apenas porque os soldados venceram  
Antípatro e seus combatentes,  
mas também pelo próprio lugar onde  
aconteceu a batalha.

**Comentário:**

**Λαμίαν:** Hipérides escreveu a oração fúnebre para os combatentes caídos na Guerra de Lâmia. Era um hábito ateniense honrar seus mortos em batalha com um poema, que tradicionalmente era pronunciado por um cidadão ilustre, e continha três partes fundamentais: um elogio aos caídos, uma consolação para os vivos, e uma exortação aos grandes feitos da Cidade e aos vivos, para que se espelhassem nos mortos.<sup>306</sup>

---

<sup>306</sup> Cf. Cooper, *in* Worthington, Cooper & Harris, 2001, p. 129: "It was a long-standing tradition (see

Hipérides segue exatamente esse programa de apresentação em seu *Epitáfio*: introduz seu assunto (*Epitáfio* 1.1-2.24), diz que não vai se deter em elogios à cidade, pois todos conhecem suas glórias (*Epitáfio* 2.25-3.40), celebra o *génos* e a *paideia* atenienses (*Epitáfio* 3.41-4.59), exalta Leóstenes e seus companheiros de batalha e seus feitos na Guerra de Lâmia (*Epitáfio* 4.60-13.257), e finaliza com a consolação aos vivos (*Epitáfio* 13.258-13.277).<sup>307</sup>

O general Leóstenes, que estava no comando da coalisão das cidades gregas, foi morto em batalha durante o cerco aos macedônios refugiados na cidade tessália de Lâmia. Como era a praxe, Hipérides faz uso dos atributos de Leóstenes para elogiar todos os combatentes gregos que tiveram a coragem de arriscar suas vidas pela liberdade da cidade.<sup>308</sup> Leóstenes havia sido um dos comandantes dos mercenários gregos que lutavam no exército de Alexandre na Ásia, e, por isso, quando o imperador macedônio resolveu mandar todos esses mercenários de volta para casa, Leóstenes os estava esperando no Cabo Súnio para contratá-los.<sup>309</sup> Desse modo, quando Alexandre

---

Thuc. 2.34.1), unique to Athens (Dem. 20.141), that a citizen of distinction would deliver an oration over the dead who had fallen in battle during the previous year. As a conventional form, the funeral oration had a set structure that included praise, consolation, and exhortation." - "Era uma tradição antiga (veja Tucídides 2.34.1), exclusiva de Atenas (Demóstenes 20.141), que um cidadão distinto pronunciaria uma oração para os mortos que haviam caído em batalha no ano anterior. Como uma forma convencional, a oração fúnebre tinha uma estrutura fixa que incluía exaltação, consolação e exortação. Cf. ainda Herrman, 2009, pp. 14-20, em que ele faz um sumário dos discursos mais importantes proferidos nessa batalha verbal empregada pelos oradores atenienses para convencer a Assembleia a lutar contra os macedônios, desde a derrota para Filipe II na Batalha de Queroneia em 338 a.C. até a *Oração Fúnebre* de Hipérides, proferida no início de 322 a.C.; cf. Herrman, 2009, pp. 3-14, para o contexto histórico do *Epitáfio*, pp. 14-20, para o contexto retórico do mesmo, e pp. 76-78, para comentários sobre especificidades tanto no contexto histórico quanto no retórico da passagem do texto dos parágrafos 10, 11 e 12; Cooper, in Worthington, Cooper & Harris, 2001, pp. ; e Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 547-548, que citam os outros oradores escolhidos para proclamar orações fúnebres, além de Hipérides: Péricles (440 e 431 a.C.), Arquino (data desconhecida, mas certamente entre a última oração de Péricles e a de Demóstenes) e Demóstenes (338 a.C., depois da Batalha de Queroneia), cf. *id.*, *ibid.*, p. 737, segundo e terceiro parágrafos, para uma lista das obras de Hipérides e pensamentos sobre seu estilo similar ao de Lísias. Cf. ainda Loraux, 1981.

<sup>307</sup> Cf. Herrman, 2009, pp. 20-26, nas quais ele faz um resumo do *Epitáfio*, apresenta algumas estratégias narrativas de Hipérides e também algumas peculiaridades do texto com relação às outras Orações Fúnebres disponíveis, sempre em correlação ao contexto histórico e político em que ela foi composta e proferida. A numeração aqui apresentada é referente ao sistema do *TLG*, que mantém a numeração em colunas encontrada no papiro egípcio datado do ano de 95. O papiro foi reutilizado no século II para copiar o *Epitáfio* de Hipérides. Herrman aposta, juntamente com outros especialistas por ele citados, que tal cópia fosse um exercício escolar. Os comentadores modernos, como Cooper e Herrman, apresentam uma numeração por parágrafos, pois consideram que o texto tenha sido escrito em forma de prosa, e não em colunas, como fez o escriba do papiro. Assim, a numeração moderna ficaria assim, em comparação com a do papiro: *Epitáfio* 1-3 = 1.1-2.24, *Epitáfio* 4-5 = 2.25-3.40, *Epitáfio* 6-8 = 3.41-4.59, *Epitáfio* 9-40 = 4.60-13.257, e finalmente *Epitáfio* 41-43 = 13.258-13.277, cf. Herrman, 2009, pp. 26-34, em que ele trata apenas das questões envolvendo o descobrimento do papiro, suas peculiaridades, as primeiras edições do texto, e o sistema adotado tanto pela edição canônica, de Jensen, 1917, quanto pela sua edição, de 2009.

<sup>308</sup> Cf. Hipérides, *Epitáfio* 6.2-30.

<sup>309</sup> Walsh, 2012, não concorda com essa versão dos fatos, dizendo que Leóstenes teve pouco, ou

morreu, Leóstenes tinha oito mil mercenários reunidos na região do Cabo Súnio à espera de suas ordens, e foi com eles que ele venceu os beócios e macedônios no início da Guerra de Lâmia, no Paço das Termópilas.<sup>310</sup>

Todavia, e infelizmente para a coalisão grega, Leóstenes caiu em um ataque dos macedônios, que se aventuraram rapidamente para fora das muralhas de Lâmia e mataram alguns adversários, voltando em seguida para a segurança da fortaleza lamíaca. Os gregos ainda conseguiram vencer mais algumas batalhas contra os macedônios, o que explica o tom esperançoso da *Oração Fúnebre*: a coalisão grega ainda estava, no momento em que Hipérides compôs seu texto, vencendo os macedônios.<sup>311</sup>

Antípatro conseguiu, contudo, com a pausa dada pelos atenienses para honrar seus mortos no início de 322 a.C. (quando foram realizados os ritos fúnebres para Leóstenes e seus companheiros mortos), escapar do cerco e voltar para a Macedônia. Mesmo tendo perdido um de seus generais, Leônato, para os gregos, Antípatro, ao chegar em casa, reagrupou seu exército com o de seu compatriota, o general Crátero, que havia vindo em socorro da Ásia, e juntos desceram novamente para a Tessália.

A batalha final foi travada na cidade de Crannon, onde as esperanças gregas de vencer os macedônios e de se libertarem de sua dominação acabaram.<sup>312</sup> Acabou

---

mesmo nada, a ver com a reunião de tropas mercenárias no Cabo Tenaro. Ele afirma que esse era um ponto de encontro tradicional de mercenários, e que provavelmente eles tinham chegado da Ásia sem dinheiro, e estavam sendo mantidos ali com auxílio financeiro de seus antigos sátrapas, ou por si mesmos, após venderem seu armamento, ou com alguma reserva que tivessem ajuntado ao longo de suas atividades no exército de Alexandre. Assim, quando a notícia da morte de Alexandre chegou em Atenas, Leóstenes talvez tenha sido enviado ao Cabo Tenaro para negociar com esses mercenários, com dinheiro de algum, ou alguns, rico(s) cidadão(s) ateniense(s), que estava disposto a financiar a revolta contra os macedônios. Walsh tira assim um pouco do mérito que tanto Diodoro Sículo quanto Hipérides atribuem a Leóstenes, e faz o relato dos preparativos da Guerra de Lâmia ficarem mais próximos de uma versão histórica mais realista. Cf. Walsh, 2012, para os motivos pelos quais ele discorda de Diodoro.

<sup>310</sup> Cf. Cooper, in Worthington, Cooper & Harris, 2001, pp. 128-129.

<sup>311</sup> Os gregos haviam derrotado o general macedônio Leônato, um dos subordinados de Antípatro. Cf. Herrman, 2009, pp. 3-14, especialmente pp. 3 e 13.

<sup>312</sup> A cidade de Crannon fica próxima à de Lárissa, também na Tessália. Chegaram até nós moedas de prata e bronze forjadas em Crannon, gravadas com siglas do nome da cidade, como era a praxe das *póleis* gregas na cunhagem de moedas (nos primórdios da atividade numismática, havia apenas troca de metal precioso, normalmente prata, que era de mais fácil obtenção, mas após o refinamento das técnicas por volta dos séculos VI-V a.C. cada cidade passou a cunhar e gravar suas próprias moedas, cf. Hipólito, 1996, pp. 17-88, em que o autor faz um comentário histórico sobre a produção monetária grega, do início até o fim da República Romana, enquanto apresenta as moedas antigas da coleção do Museu Calouste Gulbenkian de Lisboa; cf. ainda Kakavas, *ENM*, 2015, p. 3, que organizou uma exposição especial [*Athenian Archaic Coinage: Mines, Metals and Coins*] sobre numismática grega antiga no Museu Numismático da Grécia, em Atenas, entre maio e outubro de 2015). Está atestada a vitória de um cidadão crannoniano na corrida de cavalos em Olímpia em 648 a.C. Sabe-se ainda que em algum momento a cidade foi fortificada, mas pouco se sabe sobre as estruturas urbanas, exceto por um provável templo de Atena na acrópolis. Para todas essas informações e outras mais, cf. Hornblower

também a liberdade das cidades que tomaram parte na coalisão rebelde, pois Antípatro foi duro em sua retaliação aos participantes, particularmente com os atenienses, como veremos mais adiante neste trabalho.<sup>313</sup>

---

& Spawforth, 1996, p. 405; e Hansen & Nielsen, *IACP*, 2004, p. 694-695.

<sup>313</sup> Cf. Cooper, *in* Worthington, Cooper & Harris, 2001, p. 128; neste mesmo trabalho cf. Xenócrates, pp. 93-96; Políbio, pp. 133-137.

---

## Χοιρίλος Ἰακένσις- Coerilo de Iaso IV a.C.

(*Apud* Ateneu, *Deipnosophistas* 8.335f-336b)

---

### *Λαμιακά* (?)<sup>314</sup>

Εὖ εἰδὼς ὅτι θνητὸς ἔφυς σὸν θυμὸν ἄεξε,  
τερπόμενος θαλίησι· θανόντι τοι οὔτις ὄνησις.  
καὶ γὰρ ἐγὼ σποδὸς εἰμι, Νίνου μεγάλης βασιλεύσας.  
ταῦτ' ἔχω ὅσσ' ἔφαγον καὶ ἐφύβρισα καὶ μετ' ἔρωτος  
τέρπν' ἔπαθον· τὰ δὲ πολλὰ καὶ ὄλβια κεῖνα λέλειπται.  
{ἦδε σοφὴ βιότοιο παραίνεσις, οὐδέ ποτ' αὐτῆς  
λήσομαι. ἐκτίσθω δ' ὁ θέλων τὸν ἀπείρονα χρυσόν.}

### Tradução:

#### *Lamíacas* (?)

Bem ciente de que mortal nasceste, eleva teu ânimo,  
te deliciando com as festas: ao finado, proveito nenhum.  
Pois eu também, que fui o grande rei de Nínive, sou pó.  
Tenho aquilo que comi, que espicacei, e as coisas que, com desejo  
gostosas, padeci: mas todas as muitas riquezas estão abandonadas.  
Este sábio conselho de vida, jamais dele  
esqueci. E que o que quer adquira o ilimitado ouro.

### Comentário:

**Λαμιακά:** o poema de Coerilo não traz a palavra λάμια, e foi selecionado para fazer

---

<sup>314</sup> Texto grego inicialmente retirado de Kinkel, 1877 = *TLG*. Posteriormente, na fase de revisão desta tese, cotejamos com a edição de Lloyd-Jones & Parsons e decidimos adotar a versão deles, por ser mais recente. Cf. Lloyd-Jones & Parsons, 1983, pp. 154-158. Lloyd-Jones & Parsons numeram o título *Λαμιακά* como sendo o fragmento 334 de Coerilo, e os versos aqui apresentados como sendo o fragmento 335, mas não têm certeza dessa divisão. Kinkel, por sua vez, atribui os versos do epitáfio de Sardanápalo ao título *Λαμιακά*, mas Lloyd-Jones & Parsons se referem a eles apenas como *Sardanapalli Epitaphium*, desfazendo a conexão estabelecida por Kinkel. Resolvemos manter aqui a opção de Kinkel, apesar de adotarmos a edição de Lloyd-Jones & Parsons, por dois motivos: para traduzir os poucos versos remanescentes de Coerilo, e porque, como os próprios Lloyd-Jones e Parsons não demonstram certeza da possibilidade de o 335 ser um fragmento por si só, preferimos ficar com a possibilidade da tradução maior. De outra forma traduziríamos apenas o título, o que achamos que seria pouco proveitoso.

parte do *corpus* dessa tese por causa de seu título, *Λαμιακά*, "As coisas de Lâmia", que apenas transliteramos por "*Lamiacas*". Contudo, não se sabe nem se esse pedaço de poema que chegou até nós era parte do poema que se chamaria *Λαμιακά* ou fazia parte de um outro poema, um suposto epitáfio composto para um rei assírio de nome Sardanápalo.<sup>315</sup> Ateneu registra duas versões desse epitáfio (336, 530): um contém as palavras "ἔσθιε, πῖνε, παῖζε· ὡς τᾶλλα τούτου οὐκ ἄξια τοῦ ἀποκροτήματος" - "come, bebe, divirta-se, uma vez que todo o resto não é digno de um estalar de dedos"; o outro termina em "κεῖν' ἔχω ὅσσ' ἔφαγον καὶ ἐφύβρισα καὶ μετ' ἔρωτος τέρπν' ἔπαθον· τὰ δὲ καὶ ὄλβια πάντα λέλυνται" - "eu tenho o que eu comi, e os deliciosos atos de luxúria e amor que eu pratiquei e sofri, enquanto toda a minha riqueza se perdeu".<sup>316</sup>

Sobre esse título *Lamiaká*, John Walsh, em um artigo de 2011, afirma que Coerilo teria escrito um épico cujo título foi dado em homenagem ao que talvez fosse o ápice de uma narrativa sobre a Guerra de Lâmia. O autor esclarece a entrada da *Suda*, que confunde Coerilo de Iaso com Coerilo de Samos, dizendo que o segundo viveu no século V a.C., de modo que não poderia ter escrito um poema sobre eventos que aconteceram quase um século após sua morte (que ele data como sendo anterior a 399 a.C.).<sup>317</sup>

Em seguida, Walsh defende que o tema da Guerra de Lâmia era um assunto típico para um épico, e que o próprio Coerilo de Samos deixou escrito um épico denominado *Περσικά*, sobre a guerra entre persas e gregos. Portanto, o título *Λαμιακά* dado por Coerilo de Iaso a seu poema não seria nada estranho, ou inadequado, visto o contexto da poesia épica grega.<sup>318</sup>

Finalmente Walsh se depara com o problema o qual enfrentamos: qual teria sido o assunto do poema? Como Coerilo teria abordado o assunto da guerra? Com o

---

<sup>315</sup> Aparentemente Coerilo de Iaso era um poeta da corte de Alexandre, que é referido pelas fontes que falam dele como sendo um poeta muito ruim (cf. Horácio, *Epístulas* 2.1.232-241, e *Arte Poética*, 358-360, entre outras, cf. Lloyd-Jones & Parsons, 1983, p. 154, n° 333).

<sup>316</sup> Sardanápalo é um rei assírio mítico, que foi identificado com Assurbanibal, entre outros reis e membros de famílias reais assírias, uma vez que não há nenhum registro histórico de um rei com esse nome na listagem dos reis assírios. Essas listas de reis assírios foram compiladas de achados arqueológicos (tabuinhas de argila em cuneiforme) e de listas feitas posteriormente por autores greco-romanos e árabes. Tradicionalmente, os versos gregos desse epitáfio de Sardanápalo são atribuídos a Coerilo de Iaso. Cf. Lloyd-Jones & Parsons, 1983, pp. 155-158. Há paródias desse poema feitas por Crisipo (id., no. 338, pp. 158-159) e Crates (id., no. 355, p. 167); <http://perseus.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getnote.pl?c.97:11:0:-1:24.GreekFeb2011>.

<sup>317</sup> Walsh, 2011, p. 538-541, onde ele trata da origem da confusão entre os dois poetas, feita pela entrada da *Suda*, e esclarece esse erro apontando argumentos muito convincentes.

<sup>318</sup> Cf. Walsh, 2011, pp. 541-542, onde ele faz uma lista de casos semelhantes de poetas que escreveram sobre guerras, inclusive sobre guerras que os gregos perderam, como é o caso da Guerra de Lâmia.

patrocínio de quem ele estava trabalhando? Walsh levanta todas as possibilidades para esta última pergunta: primeiro, que o poeta poderia ter se voltado para os atenienses após a morte de Alexandre e o dismantelamento de sua corte imediata, e então o poema poderia enaltecer os feitos gregos durante o cerco aos macedônios na cidade tessália de Lâmia; em segundo lugar, ele levanta a hipótese de que Coerilo tenha permanecido sob o patronato macedônio, ajuntando-se à corte de Antípatro, em Pela, e então o poema enalteceria a vitória dos macedônios. Walsh cita que o próprio Antípatro era um escritor, e também era amigo íntimo de Aristóteles, o que poderia significar que ele fosse adepto da maneira de pensar desse filósofo e por isso valorizasse a literatura e as artes.

Há, ainda, a possibilidade de que esse fosse um poema de simpósio, e que "as riquezas" às quais se refere fossem os prazeres que se pode "devorar" com o corpo: a comida, a bebida e o sexo, que seriam parte do indivíduo para sempre em sua memória. Assim, talvez as "Coisas de Lâmia" fossem essas que se prestam à devoração corporal e depois à devoração temporal: pois o tempo passa, e até mesmo os grandes "devoradores de prazeres", reis poderosos de civilizações imponentes, são consumidos por ele e viram pó. Desse modo, se são prazeres que estão sendo prezados, e como a raiz λαμ- indicaria um sentimento de voracidade, esse poema poderia ser, então, o retrato da voracidade "civilizada" humana. "Civilizada" porque seria aquela voracidade permitida nos banquetes, a voracidade socialmente aceita. Seria um poema transgressor, que ilustraria, em suas imagens, a ideia de voracidade imbuída na raiz de sua palavra-título, *Lamíacas* ou *Coisas de Lâmia*. Todavia, não conseguimos encontrar um especialista que defenda essa ideia. Os poucos que escreveram sobre esse poema e que pudemos acessar, tratam-no como um trecho de um épico, como é o caso de Walsh.

Contudo, todas essas conjecturas são muito voláteis, uma vez que não há evidências para suportar nenhuma dessas hipóteses. O que restou e que se tem do poema pode ser o fragmento acima, que não apenas nada revela, como ainda confunde o leitor, pois não fala nada do cerco em Lâmia, nem de macedônios e gregos, e muito menos de banquetes. A única pista útil que nos chegou é mesmo o título, que sugere conexões com os eventos em Lâmia, ou com a voracidade de um ser monstruoso, imbuída na raiz da palavra. Nada mais pode ser afirmado.

---

## Ἀριστοτέλης - Aristóteles 384-322 a.C.

---

### ΤΩΝ ΠΕΡΙ ΤΑ ΖΩΙΑ ΙΣΤΟΡΙΩΝ, Ζ.540b.<sup>319</sup>

Ἔστι δ' ἐν πᾶσι τοῖς σελαχώδεσι μείζον τὸ θῆλυ τοῦ ἄρρενος· σχεδὸν δὲ καὶ ἐν τοῖς ἄλλοις ἰχθύσι τὰ θήλεα μείζω τῶν ἄρρένων. Σελάχη δ' ἐστὶ τὰ τ' εἰρημένα καὶ βοῦς καὶ λάμια καὶ ἀετὸς καὶ νάρκη καὶ βάτραχος καὶ πάντα τὰ γαλεώδη.

### Tradução:

#### As histórias sobre os animais, V.540b.

A fêmea é maior que o macho em todos os cartilagosos. Em quase todos os outros peixes as fêmeas também são maiores que os machos. Cartilagosos são os denominados albacor, *lâmia*, raia-águia, raia-elétrica, peixe-sapo e todos os tubarões menores.

### Comentário:

**λάμια:** essa palavra aparece somente uma vez no trecho acima, exatamente na linha 18. Podemos notar que a *lâmia* é diferenciada dos outros tubarões, aos quais Aristóteles se refere usando o vocábulo **γαλεός, γαλεώδης**, que indicaria um tubarão de menor porte.<sup>320</sup> O *LSJ* fornece possibilidades de espécimes para os outros peixes aos quais Aristóteles faz referência, mas não oferece nenhuma suposição para a *λάμια*, dizendo apenas que se trata de um tubarão feroz.<sup>321</sup> A tradutora portuguesa, Maria de Fátima Sousa e Silva, usa a definição "tubarão-sardo", mas não explica o motivo.<sup>322</sup>

---

<sup>319</sup> Todos os textos gregos de Aristóteles, *História dos Animais*, foram retirados de Aristote, 1968 = *TLG*.

<sup>320</sup> *LSJ*, 1996, p. 336; Chantrainne, 1968, p. 207.

<sup>321</sup> "A fierce shark", cf. *LSJ*, 1996, pp. 1027 e 1026.

<sup>322</sup> Cf. Aristóteles, 2006, p. 206. O tubarão-sardo português é conhecido no Brasil como tubarão-mako ou anequim, cujo nome científico é *Isurus oxyrinchus*. É o tubarão mais rápido já registrado, podendo alcançar 88km/h, e habita as áreas de águas quentes dos oceanos, em alto-mar. O maior espécime já capturado foi uma fêmea na França, em 1973, que media 4,45m. E o mais pesado foi um espécime na Itália, em 1881, que diziam pesar 1 tonelada (cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 182-183, e curiosidades na internet, onde se pode achar desde análises filológicas do nome, até relatos de fatos inusitados como capturas fantásticas e pescadores benevolentes, sendo que o sítio chamado fishbase.org fornece todos os dados sobre o peixe em si). O *LSJ* nomeia duas espécies diferentes para o vocábulo *γαλεός*: para *γ. νεβρίας* e *γ. ἀστερίας*, *Scyllium stellare*, e para *γ. λεῖος*, *Mustela laevis*. Contudo, os nomes das espécies são um pouco diferentes hoje em dia: o *Mustela laevis* foi descrito

A *lâmia* é classificada por Aristóteles dentre os peixes cartilagosos, e por isso sua cópula também é feita do modo como ele descreve neste trecho (Aristóteles está versando sobre a cópula dos peixes cartilagosos nesse trecho 540b de sua obra<sup>323</sup>), com a fêmea subjugada pelo macho, apesar de, normalmente, as fêmeas serem maiores que os machos nos tubarões.<sup>324</sup>

Há três vocábulos usados para denominar tubarões mais genericamente pelos autores que tratam de peixes no nosso *corpus*: *karkaréos*, *kúnes*, *galeós*. O *LSJ* relaciona com a mesma espécie as palavras κύων e γαλεός: ambas são identificadas com o tubarão-cachorro comum, *Squalus acanthias* (chamado "dogfish" em inglês), que seria um pequeno tubarão, não grande como o tubarão λάμια.<sup>325</sup>

Cláudio Galeno diz em seu texto, *Das propriedades dos alimentos*, que tanto γαλεός quanto γαλεώνυμος são palavras usadas para identificar o mesmo tipo de peixe. Owen Powell, que traduziu e editou o texto de Galeno para a Universidade de Cambridge, comenta que D'Arcy Thompson (professor inglês que escreveu um glossário de peixes gregos) diz que tal peixe pode ser uma lampreia (*Petromyzon marinus*), e que tanto γαλεός quanto γαλεώνυμος são identificados com o "dogfish".<sup>326</sup> Escolhemos manter a tradução genérica de tubarão para essas duas últimas palavras, e traduzir κύνες por "cação", que é o nome genérico atribuído aos tubarões de pequeno porte no Brasil — o *Squalus acanthias* é chamado cação-bagre, cação-espinho e cação-prego.<sup>327</sup>

Aristóteles é o primeiro autor a usar o vocábulo λάμια para denominar um tubarão. Refletindo sobre a razão que o levou a fazer isso (como não há outra referência escrita que sugira que outra pessoa já havia usado esse vocábulo para nomear um tubarão, preferimos considerar que Aristóteles foi o primeiro, afinal, ele foi pioneiro nos estudos sobre os animais), nos lembramos muitas vezes das imagens

---

como *Mustelus mustelus* e o *Scyllium stellaris* foi descrito como *Scyliorhinus stellaris*, de acordo com esse banco de dados virtual de pesquisa sobre peixes [xx.fishbase.org](http://xx.fishbase.org), e com o *LSJ*, 1996, p. 336.

<sup>323</sup> Para uma tradução completa do trecho cf. nossa dissertação de mestrado, Mortoza, 2013, pp. 75-77.

<sup>324</sup> Cf. nossa dissertação de mestrado, Mortoza, 2013, Anexo II: ilustrações, figuras 7, 8 e 9, pp. 182-183.

<sup>325</sup> Cf. *LSJ*, 1996, pp. 336 e 1015.

<sup>326</sup> Cf. Powell, 2003, p. 183, 727. Duas imagens podem ser verificadas em Mortoza, 2013, no Apêndice II: ilustrações, explicando as diferenças fenotípicas entre uma lampreia-do-mar e um cação comum, p. 185.

<sup>327</sup> Cf. Mortoza, 2013, Galeno, pp. 127-128; parece ser um pouco forçado achar que γαλεός é uma lampreia, por três razões principais: primeira, o próprio Galeno diz que as duas palavras são usadas para nomear o mesmo tipo de peixe; segunda, Aristóteles, antes de Galeno, usa o termo para se referir especificamente a tubarões (vide Mortoza, 2013, pp. 73-76; v.II, Galeno, pp. 123-134); e terceira, fenotipicamente (aparência externa) falando, não há qualquer semelhança entre lampreias e tubarões que permitisse alguma associação possível entre as duas espécies.

de tubarões ao abocanharem sua presa: eles são a personificação da voracidade alimentar. Eles não são seres imaginados, eles existem no mundo material, podem ser vistos, tocados, pescados, comidos. Eles representam a voracidade da *lâmia* papon na Natureza. Assim, após refletir de tal modo, consideramos bem fundamentada a atribuição nominal feita pelo estagirita, e resolvemos manter os autores que usam a palavra com esse significado nesta tese.

---

***ΤΩΝ ΠΕΡΙ ΤΑ ΖΩΙΑ ΙΣΤΟΡΙΩΝ, Θ.621a16-20.***

Συστρέφονται δὲ καὶ αἱ ἀμίαι, ὅταν τι θηρίον<sup>328</sup> ἴδωσι, καὶ κύκλῳ αὐτῶν περιπέουσιν αἰ μέγιστα, κὰν ἄπτηταί τινος, ἀμύνουσιν· ἔχουσι δ' ὀδόντας ἰσχυρούς, καὶ ἤδη ὤπται καὶ ἄλλα καὶ λάμια ἐμπεσοῦσα καὶ καθελκωθεῖσα.

**Tradução:**

***As histórias sobre os animais, VIII.621a16-20.***

E os bonitos, quando veem algum predador, se juntam, e, em volta deles, os maiores nadam em círculo, e se um é atacado, defendem-no: têm dentes fortes, e já foi visto até mesmo uma *lâmia* que, atacando-os, ficou coberta de feridas.

**Comentário:**

**λάμια:** esse trecho mostra como a *lâmia* é um peixe particularmente feroz e violento, já que é o padrão de comparação para mostrar quão perigosos os pacíficos bonitos são se estiverem agrupados quando atacados: por trás está a ideologia de que o grupo pode vencer até mesmo os maiores desafios, ou os maiores e mais agressivos predadores. É a constatação de que até mesmo uma *lâmia* fica ferida quando encara um grupo de bonitos que dá ao interlocutor de Aristóteles a certeza de que os peixes são bem eficazes em sua defesa grupal. Ou seja, a *lâmia* é o padrão de ferocidade marinha a ser superado. Por esse trecho é possível perceber que ela talvez fosse o grande predador não-imaginário do Mediterrâneo, já que ela é o inimigo a ser vencido

---

<sup>328</sup> θηρίον - Sousa e Silva usou a palavra "predador" para traduzir essa palavra nesse trecho do texto, e essa opção foi mantida aqui. A primeira acepção da palavra θήρ é "predador" (*LSJ*, 1996, p. 799, "beast of prey"), sendo que θηρίον é o diminutivo dessa palavra (o sufixo -ιον define diminutivos neutros, Smyth, 1984, p. 45, 197b). Θηρίον aparece usada para indicar qualquer animal, sendo que Aristóteles a utiliza para indicar peixes e Heródoto a utiliza para indicar tubarões, cf. *LSJ*, 1996, p. 800, Arist. *XX.A*. 598b1, 552b2, 625b32; Hdt. 6.44.

pelo grupo de bonitos. Esse fato de a *lâmia* ser obrigada a recuar em seus ataques por um grupo de peixes notadamente pacíficos deveria, ainda, causar comoção nos que o escutavam, por ser um feito extraordinário, e por isso Aristóteles usou a comparação especificamente com ela, e não com outro predador qualquer do mar Mediterrâneo.

Portanto, a importância desse trecho é delimitada a partir do que ele revela nas entrelinhas sobre a ferocidade da *lâmia*: ela era, muito provavelmente, um predador de topo de cadeia alimentar do Mediterrâneo.<sup>329</sup> A *lâmia* poderia, desse modo, estar incluída na tradição do κῆτος grego, e por isso também Aristóteles a chama de θήρ, que pode ser tanto predador quanto monstro, e atribui a esse peixe o nome de um monstro terrestre, conhecido por sua voracidade, conectando os dois seres, um real e um imaginário, por associação com o campo semântico da raiz da palavra λάμια, sob o signo da violência e da ferocidade.<sup>330</sup>

**Θηρίον:** Sousa e Silva usou a palavra "predador" para traduzir essa palavra nesse trecho do texto, e essa opção foi mantida aqui. A primeira acepção da palavra θήρ é "predador", sendo que θηρίον é o diminutivo dessa palavra.<sup>331</sup> Θηρίον aparece usada para indicar qualquer animal, sendo que Aristóteles a utiliza para indicar peixes e Heródoto a utiliza para indicar tubarões.<sup>332</sup> Contudo, θήρ também é usada para indicar monstros, como especifica sua terceira acepção no *LSJ*, "qualquer monstro fabuloso", e é encontrada na literatura remanescente em referência à esfinge, aos centauros e aos sátiros.<sup>333</sup>

Assim, nesse vocábulo único, temos mais um ponto de contato entre a *lâmia* tubarão e a *lâmia* monstro, que não precisam ser necessariamente aspectos dissociados do vocábulo λάμια: ela pode ser entendida também, como já

---

<sup>329</sup> O predador de topo de cadeia alimentar num ecossistema é aquele predador que não é predado. Tem menos filhotes, mas domina a cadeia alimentar daquele ecossistema. Os leões, as baleias orcas, os tubarões, os lobos são todos predadores de topo. Em geral, os grandes felinos e grandes canídeos são predadores de topo. As orcas e golfinhos são um caso à parte, já que oferecem uma boa briga ao predador de topo dos ecossistemas marinhos, que é o tubarão de grande porte, como o tubarão branco, o tubarão tigre, o tubarão martelo, que predam até mesmo baleias enormes. Contudo, há inúmeros relatos de lutas devastadoras entre orcas e tubarões brancos, e entre golfinhos e tubarões, pois esses grandes mamíferos que se defendem em grupo, assim como os bonitos aqui nesse trecho de Aristóteles. Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 38, 41, 43.

<sup>330</sup> Para κῆτος cf. nesta tese Estesícoro, p. 57, n. 185.

<sup>331</sup> *LSJ*, 1996, p. 799, "beast of prey"; o sufixo -ιον define diminutivos neutros, cf. Smyth, 1984, p. 45, 197b.

<sup>332</sup> *LSJ*, 1996, p. 800; Arist. *XX.A.* 598b1, 552b2, 625b32; Hdt. 6.44.

<sup>333</sup> *LSJ*, 1996, p. 799.

mencionamos, como um monstro marinho, um κῆτος, por excelência.<sup>334</sup>

---

### **ΗΘΙΚΩΝ ΝΙΚΟΜΑΧΕΙΩΝ 1148b15-24<sup>335</sup>**

Ἐπει δ' ἐστὶν ἓνια μὲν ἡδέα φύσει, καὶ τούτων τὰ μὲν ἀπλῶς τὰ δὲ κατὰ γένη καὶ ζῶων καὶ ἀνθρώπων, τὰ δ' οὐκ ἔστιν, ἀλλὰ τὰ μὲν διὰ πηρώσεις τὰ δὲ δι' ἔθη γίνεται, τὰ δὲ διὰ μοχθηρὰς φύσεις, ἔστι καὶ περὶ τούτων ἕκαστα παραπλησίας ἰδεῖν ἕξεις· λέγω δὲ τὰς θηριώδεις, οἷον τὴν ἄνθρωπον ἦν λέγουσι τὰς κυούσας ἀνασχίζουσιν τὰ παιδιά κατεσθίειν, ἢ οἷοις χαίρειν φασὶν ἐνίους τῶν ἀπηγριωμένων περὶ τὸν Πόντον, τοὺς μὲν ὠμοῖς τοὺς δὲ ἀνθρώπων κρέασιν, τοὺς δὲ τὰ παιδιά δανείζειν ἀλλήλοις εἰς εὐωχίαν, ἢ τὸ περὶ Φάλαριν λεγόμενον.

#### **Tradução:**

#### ***Ética a Nicômaco 1148b15-24***

Assim, algumas coisas são prazerosas por natureza, e dessas, umas o são elementarmente, e outras o são segundo a classe, seja dos animais, seja dos homens. Mas há as que não são [prazerosas] e que, entretanto, se tornam, por deficiência ou hábito, e ainda por defeito da índole. E algumas coisas são ruins por natureza. Há disposições semelhantes em cada uma dessas coisas. Digo então que existem coisas ferinas, tal qual a humana que dizem rasgar as grávidas para devorar as crianças, ou tal qual alguns selvagens da região do Ponto, que dizem que se comprazem com as carnes cruas e de humanos, e também que arrendam as crianças uns para os outros para os banquetes, ou ainda quando conto sobre Faláris<sup>336</sup>.

#### **Comentário:**

Apesar de parecer que esse trecho da *Ética a Nicômaco* não tem conexão com o tema

---

<sup>334</sup> Para κῆτος cf. *LSJ*, 1996, pp. 949-950; e também Hopman, 2005, pp. 9, 14, 34-36.

<sup>335</sup> Texto grego retirado de Bywater, 1962 = *TLG*.

<sup>336</sup> Segundo Hornblower & Spawforth (cf. 1996, p. 1153), Faláris de Ácragas (ou Agrigento, ca.570-ca.549 a.C.) foi o primeiro tirano importante da Sicília. Sua enorme crueldade fez com que seu nome virasse um sinônimo dessa palavra na Antiguidade. Em sua *Pítia I* 95-98, Píndaro alega que ele cozinhava suas vítimas dentro de um touro de bronze e se refere à sua reputação odiosa: "τὸν δὲ ταύρω χαλκῆφ καυτῆρα νηλέα νόον / ἐχθρὰ Φάλαριν κατέχει παντᾶ φάτις, / οὐδέ νιν φόρμιγγες ὑπαρόφιοι κοινανίαν / μαλθακὰν παίδων ὀάροισι δέκονται" - "com um touro de bronze um forno cruel a mente / odiosa de Fálaris retinha a todos, são os rumores / nem ele os fórmixes no salão comunal / com suaves canções de crianças recebem". Texto grego retirado de Maehler, 1971 = *TLG*.

desta tese, vamos analisá-lo a partir de dois comentários antigos que citam a *lâmia* em suas linhas. Um dos comentários, o primeiro a ser apresentado, se refere a este trecho da obra de Aristóteles, que está localizado no livro VII, o outro se refere ao livro X da mesma obra. O assunto de ambos é similar, pois são parte de uma discussão acerca dos prazeres.

O primeiro escólio é de autoria anônima, datado de cerca dos séculos XII-XIII.<sup>337</sup> Em seu comentário sobre o trecho acima da *Ética*, ele diz que

Ele [Aristóteles] continua a respeito das coisas que não são prazerosas por natureza, como a selvageria. Afirma que algumas coisas não são prazerosas por natureza, e diz que o comer crianças não é um prazer natural. Mas ensina que para a *Lâmia* é um prazer. A *Lâmia* é uma mulher que vivia na região do Ponto, que, por ter destruído as próprias crias, comia os recém-nascidos das outras mulheres. Esses são prazeres contrários ao que é natural, com os quais se regozijam alguns dos selvagens; são certamente selvagens.<sup>338</sup>

Podemos perceber claramente que o comentador entendeu que a "a humana que dizem rasgar as grávidas para devorar as crianças" (τὴν ἄνθρωπον ἣν λέγουσι τὰς κούσας ἀνασχίζουσιν τὰ παιδία κατεσθίειν), à qual Aristóteles se refere, é a *lâmia*. Chegamos a essa conclusão pois esse comentador faz apontamentos sobre os três casos citados por Aristóteles, na mesma ordem deste último: Aristóteles estabelece a seguinte ordem - humana que come fetos, povos selvagens do Ponto, Faláris; e o comentador anônimo ordena seus apontamentos assim - *lâmia*, citas, Faláris, respectivamente. Portanto, o comentador da *Ética a Nicômaco* está identificando, nesse trecho do texto, a humana que come fetos com a *lâmia*, apesar de Aristóteles não ter nomeado a tal humana que cita (e os povos selvagens do Ponto com os citas, que o autor grego também não nomeia neste trecho). Poderia muito bem ser um ser humano qualquer, mas o comentador deixa claro que é a *lâmia*. E não qualquer *lâmia*, mas uma bem específica, a que rasga a barriga de grávidas e come bebês intrauterinos.

Na verdade, é a primeira vez que esse terrível costume da *lâmia* é relatado. Antes ela perseguia crianças já nascidas, ou matava as recém-nascidas. As que ainda

---

<sup>337</sup> Anônimo foi muito criticado pelos estudiosos modernos, que o consideram incompetente tanto filologicamente quanto filosoficamente, cf. Fisher, 2009, pp. 145-146. Fisher, contudo, considera o comentário de anônimo digno de uma análise cuidadosa, e é isso o que ela faz em seu artigo.

<sup>338</sup> Anônimo sobre a *Ética a Nicômaco* 427.36-40: "περὶ γὰρ τὰ μὴ φύσει ἡδέα ἢ θηριώδια καταγίνεται. καταλέγει ἃ οὐκ εἰσὶν ἡδέα φύσει καὶ φησὶν ὅτι τὸ ἐσθίειν τὰ παιδία φύσει ἡδὺ οὐκ ἔστιν. ἐδόκει δὲ τῇ Λαμία ἡδὺ. ἡ Λαμία γυνὴ τις ἦν περὶ τὸν Πόντον, ἣτις διότι ἀπώλετο τὰ οἰκεῖα τέκνα, τὰ τῶν ἄλλων γυναικῶν βρέφη ἤσθιεν. ἡ ἡδέα εἰσὶ παρὰ φύσιν, οἷς χαίρουσι τινες τῶν <ἀπηγριωμένων> ἥτοι τῶν ἀγρίων". Texto grego retirado de Heylbut (ed.), 1892 = *TLG*.

estão por nascer são mencionadas neste trecho de Aristóteles, ligado à *lâmia* pelo comentador anônimo, pela primeira vez. Talvez essa seja uma especificidade que a *lâmia* desenvolveu ao longo dos anos, ficando mais selvagem e feroz do que já era antes. Essa *lâmia* aristotélica se parece muito mais com a Lamashtu assíria, que também abre a mulher que está grávida, matando-a, claro, e come, de dentro do útero da moribunda, seu feto ou bebê.<sup>339</sup>

O Anônimo comenta ainda que os citas também consumiam carne crua, incluindo entre as carnes que apreciavam, a humana, e que eles vendiam suas crianças uns para os outros para consumirem-nas.<sup>340</sup> Depois disso ele afirma que o tirano siciliano Faláris comeu seu próprio filho.<sup>341</sup> Assim como Aristóteles, ele chama tanto a *lâmia*, quanto os citas, e também Faláris, de "feras" (θηριώδεις) e "selvagens" (ἀπηγριωμένων). E se refere ao consumo de carne crua como um prazer "παρὰ φύσιν", ou seja, algo contrário ao natural, e até mesmo, anormal.

O outro comentário é de Michel Efésio, do século XII. Embora Michel esteja comentando o livro X da *Ética a Nicômaco*, o assunto ainda é o prazer. Ele cita a Lâmia rainha da Líbia, ao comentar a frase "para os que apresentam os prazeres vergonhosos, poder-se-ia dizer que [...]"<sup>342</sup>: "pois para a chamada Lâmia, rainha da Líbia, a que rasgava as grávidas e sorvia crus os embriões, era prazerosa tal refeição, mas aquela é simplesmente a mais detestável".<sup>343</sup> Ou seja, Michel e o Anônimo têm a mesma opinião de que a humana que rasgava as grávidas e sorvia os embriões ainda no útero era a *lâmia*.

Enquanto Michel diz que essa *lâmia* é a suposta rainha dos líbios, o Anônimo não menciona nada nesse sentido. Mas ambos concordam que a *lâmia* atacava mulheres grávidas e as matava para ingerir seus bebês ainda em formação.

---

<sup>339</sup> Para Lamashtu cf. a "Introdução" desta tese, pp. 10-21.

<sup>340</sup> Anônimo sobre a *Ética a Nicômaco* 428.1-4: "οἱ γὰρ Σκύθαι οἱ περὶ τὸν Πόντον οἱ μὲν ἔχειρον ἐσθίειν ὠμοὺς ἰχθῦς, ἄλλοι δὲ κρέα ὠμὰ ἤσθιον, ἄλλοι δὲ ἐδάκειον τὰ οἰκεῖα τέκνα ἀλλήλοις, ἵνα ταῦτα κατεσθίωσι, καὶ τοῦτο ἡδὺ ἐδόκει αὐτοῖς." - "Assim também os citas que vivem na região do Ponto e que se regozijavam em comer peixes crus, e uns também comiam carnes cruas, e outros vendiam suas próprias crias para outros, a fim de que as consumissem, e esse prazer deles [Aristóteles] mostrou". Texto grego retirado de Heylbut (ed.), 1892 = *TLG*.

<sup>341</sup> Anônimo sobre a *Ética a Nicômaco* 428.4: "ὁ δὲ Φάλαρις λέγεται φαγεῖν τὸν ἑαυτοῦ παῖδα" - "dizem que Faláris comeu o próprio filho". Texto grego retirado de Heylbut (ed.), 1892 = *TLG*.

<sup>342</sup> Michel Efésio, sobre os livros IX e X da *Ética a Nicômaco*, 547: "<Πρὸς δὲ τοὺς προφέροντας τὰς ἐπονειδίστους ἡδονὰς λέγοιτ' ἄν.>", que equivale a Aristóteles, *Ética a Nicômaco* 1173b21. Texto grego de Michel Efésio retirado de Heylbut (ed.), 1892 = *TLG*.

<sup>343</sup> Michel Efésio, sobre os livros IX e X da *Ética a Nicômaco*, 547.18-20: "τῇ μὲν γὰρ τῆς Λιβύης ἀρχούσῃ Λαμιά ὀνομαζομένη καὶ τὰς ἐγκύους ἀνατεμνομένη καὶ ἐκροφούσῃ ὠμὰ τὰ ἔμβρυα ἠδεῖα μὲν ἦν ἢ τοιαύτη ἐδωδή, ἀλλ' ἐκείνη, ἀπλῶς δὲ ἀηδεστάτη". Texto grego retirado de Heylbut (ed.), 1892 = *TLG*.

Em sua tentativa de reestabelecer o Anônimo, Fisher cita dois dos editores dos comentários à *Ética a Nicômaco*, Schleiermacher, de 1816, e Mercken, de 1990, que consideram os comentários desse escoliasta pobres, mal feitos, e afirmam que tanto seu uso do grego quanto seu emprego dos conceitos filosóficos o retratam como um filólogo e um filósofo medíocres.<sup>344</sup> Schleiermacher considera, inclusive, grosseiros e de "mau gosto" os apontamentos de anônimo sobre a *lâmia*. Mas Fisher comenta, em seu artigo, que

Primeiro, com relação à acusação deles de que Anônimo mostra mau gosto ao comentar sobre o monstro comedor de crianças mencionado por Aristóteles, nós vamos comparar a passagem original de Aristóteles com o comentário do Anônimo sobre ela. Quando Aristóteles diz "Eu quero dizer monstros, como a mulher que eles dizem que rasgava mulheres grávidas e comia as crianças delas", Anônimo faz a afirmação genérica de Aristóteles sobre "monstros" mais precisa ao notar que tal comportamento era característico da Lâmia: "[comer crianças] parecia doce para a Lâmia. A Lâmia era uma mulher da região do Ponto que, porque tinha matado suas próprias crianças, devorava os bebês de outras mulheres". As observações breves do Anônimo sobre a Lâmia são padrão na tradição folclórica acerca dela, exceto por essa observação de que ela era nativa do Ponto. Essa informação é única do Anônimo, que aparentemente está tentando integrar a Lâmia com as tribos de selvagens canibais *περὶ τὸν Πόντον* mencionadas imediatamente após ela por Aristóteles (1148b22-24) e depois especificadas por Anônimo como *οἱ ... Σκύθαι περὶ Πόντον* (428.1). Embora suas afirmações sobre a Lâmia possam sugerir que Anônimo demonstra má erudição ou uma disposição pedante, a respeito desse tópico ele não tem mais "mau gosto" que o próprio Aristóteles.<sup>345</sup>

Fisher comenta que não há qualquer diferença da já estabelecida tradição folclórica acerca da *lâmia* no comentário do Anônimo, mas, como já mencionamos

---

<sup>344</sup> Cf. Fisher, 2009, pp. 146-147. Michel Efésio e Estrácio de Niceia reuniram, no início do século XII, os comentários existentes sobre os livros da *Ética a Nicômaco*, e completaram o volume, fornecendo seus próprios comentários dos livros que não tinham sido ainda comentados. Schleiermacher traduziu e editou esse volume em 1816, baseado numa edição anterior feita por Robert Grosseteste, bispo de Lincoln, no meio do século XIII, e Mercken o reeditou em 1990.

<sup>345</sup> Fisher, 2009, pp. 147-148: "First, regarding their charge that Anonymous is tasteless in commenting upon the child-eating monster mentioned by Aristotle, we may compare the original passage from Aristotle with Anonymous' comment upon it. When Aristotle says 'I mean monsters, like the female who they say ripped open pregnant women and ate their children,' Anonymous makes Aristotle's general statement about 'monsters' more precise by noting that such behavior characterized the Lamia: '[Eating children] seemed sweet to the Lamia. The Lamia was a woman in the Pontus region who, because she had killed her own children, devoured the infants of other women.' Anonymous' brief remarks on the Lamia are standard in the folktale tradition surrounding her except for his observation that the Lamia was native to Pontus. This information is unique to Anonymous, who is apparently attempting to integrate the Lamia with the savage and cannibalistic tribes *περὶ τὸν Πόντον* mentioned immediately after her by Aristotle (1148b22-24) and further specified by Anonymous as *οἱ ... Σκύθαι περὶ Πόντον* (428.1). Although his remarks on the Lamia might suggest that Anonymous displays shoddy scholarship".

anteriormente, autor nenhum anterior a Aristóteles havia dito que ela rasgava mulheres grávidas, e mesmo ele não especifica que essa mulher de hábitos monstruosos é a *lâmia*. As referências pontuam que a *lâmia* rapta crianças, pega crianças, poucas dizem que ela efetivamente come crianças.<sup>346</sup> Assim, além da novidade de situar a *lâmia* como uma habitante da região do Mar Negro, o Anônimo também fornece essa novidade de que ela rasga as grávidas para engolir seus fetos.

Nos parece, ainda, que tanto o Anônimo quanto Michel e Aristóteles comentaram a mesma coisa sobre a tal humana monstruosa, sendo que os dois primeiros foram apenas mais específicos que o último. Se Anônimo se baseou no comentário sobre o livro X de Michel, ou vice versa (parece que os apontamentos de Michel e Eustácio são considerados anteriores aos de Anônimo pelos especialistas), não importa em nossa discussão. Descobrir qual dos dois teria mencionado a *lâmia* primeiro também não seria vantajoso para esta nossa investigação. O que é fundamental para nós é perceber que um apontamento que Aristóteles escreveu no século IV a.C. foi prontamente entendido como a *lâmia* oito séculos depois por seus comentadores, e isso demonstra que sua lenda, ou seu mito, estava ainda presente na mente das pessoas mesmo com o passar de tantos anos.

**ἀνασχίζουσιν:** vamos comentar o prefixo ἀνά desse verbo, que proporciona a ideia do movimento feito de baixo para cima. Assim, junto com o verbo σχίζω, "separar", temos a a imagem de algo que é separado de baixo para cima, que escolhemos por traduzir como rasgar.<sup>347</sup> Essa é a mesma direção do movimento feito pelo tubarão para pegar sua presa: vem de baixo para cima, camuflado pela cor escura de seu dorso, abocanha a presa de surpresa e a sacode de um lado para o outro para rasgá-la.<sup>348</sup> Existe, na palavra, uma ideia de movimento com direção. A *lâmia* monstro faz o mesmo movimento: rasga sua vítima de baixo para cima, e depois se alimenta de suas entranhas.

---

<sup>346</sup> A maioria das fontes antigas não se refere a *lâmia* como um monstro que rapta nem que come crianças, apenas Diodoro Sículo e Antonino Liberal mencionam algum rapto (mesmo assim Antonino diz que a *lâmia*/sibaris raptava "pessoas" e caprinos dos campos), e apenas Horácio diz explicitamente que a *lâmia* come crianças. Todas as outras referências são veladas. Cf. nesta tese Diodoro Sículo, p. 140-151; Antonino Liberal, p. 234-238; Horácio, p. 152-153; e a "Conclusão", pp. 288-295.

<sup>347</sup> Cf. *LSJ*, 1996, pp. 97-98 para ἀνά e p. 1746 para σχίζω.

<sup>348</sup> Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 34-37.

---

## Δημοχάρης - Demócares *ca.* 360-275 a.C.

(*Apud* Ateneu, *Deipnosophistas* 6.62.1-6.62.19 e Plutarco, *Demétrio* 27)

---

### *Fragmenta* 3.1-15<sup>349</sup>

**Ἀθήναιος Ναυκράτιος δ΄:** Ἐλύπει μὲν καὶ τούτων ἕνια αὐτὸν, ὡς ἔοικεν, οὐ μὴν ἄλλα καὶ ἄλλα γε παντελῶς αἰσχρὰ καὶ ταπεινά· Λεαίνης μὲν καὶ Λαμίας Ἀφροδίτης ἱερά, καὶ Βουρίχου καὶ Ἀδειμάντου καὶ Ὁξυθέμιδος τῶν κολάκων αὐτοῦ καὶ βωμοὶ καὶ ἡρῶα καὶ σπονδαί. Τούτων ἐκάστῳ καὶ παιᾶνες ἡδοντο, ὥστε καὶ αὐτὸν τὸν Δημήτριον θαυμάζειν ἐπὶ τοῖς γινομένοις, καὶ λέγειν, ὅτι οὐδεὶς ἐπ' αὐτοῦ Ἀθηναίων γέγονε μέγας καὶ ἀδρὸς τὴν ψυχὴν.

### **Tradução:**

#### *Fragmentos* 3.1-15

**Ateneu de Náucrates IV:** Molestavam-no também algumas dessas, ao que parece, mas não umas e outras completamente vergonhosas e baixas: como os templos de Leona e de Lâmia Afrodite, e os altares, santuários e libações dos seus adutores Búrico, Adimanto e Oxítemis. E nem os peões que cantavam para cada um desses, de modo a estupefar com o que era produzido o próprio Demétrio, que dizia que ninguém dentre os atenienses nascera com a alma grande e larga como a dele.

### **Comentário:**

**Λεαίνης μὲν καὶ Λαμίας Ἀφροδίτης ἱερά:** o trecho acima está localizado no livro sexto da obra de Ateneu de Náucratis, *Deipnosophistas*. Ele descreve alguns dos absurdos cometidos pelos atenienses para honrar a Demétrio Poliorcetes e seus seguidores. Tais absurdos foram tão agressivos às regras da cidade que o próprio Demétrio, estupefato pelo que via acontecer, mencionou que Atenas não produzira um só homem capaz de elevar sua voz contra ele, e reclamar das impiedades e sacrilégios que estavam sendo cometidos pelos próprios cidadãos no desenvolvimento dessas

---

<sup>349</sup> Texto grego retirado de *Polybii historiae*, vols. 1-4”, Ed. Büttner-Wobst, T. Leipzig: Teubner, 1:1905; 2:1889; 3:1893; 4:1904, Repr. 1:1962; 2-3:1965; 4:1967.

atividades.<sup>350</sup> Os abusos foram tais que foram até mesmo construídos templos para honrar as hetairas favoritas de Demétrio, Leona e Lâmia, associadas à deusa do amor.

---

### ***Fragmenta 5.1-3***

**Πλούταρχος, Δημήτριος 27:** Δημοχάρης δ' ὁ Σόλιος τὸν Δημήτριον ἐκάλει Μῦθον· εἶναι γὰρ αὐτῷ καὶ Λαμίαν.

### **Tradução:**

#### ***Fragmentos 5.1-3***

**Plutarco, Demétrio 27:** Demócares de Sólios chamou Demétrio de "Mito", pois existia para ele também uma Lâmia.

### **Comentário:**

**Δημήτριον ἐκάλει Μῦθον· εἶναι γὰρ αὐτῷ καὶ Λαμίαν:** não há contexto para este fragmento de Demócares. Podemos inferir, contudo, que ele está se referindo a Lâmia, a *hetaira* por quem Demétrio Poliorcetes se encantou na juventude, e que se tornou sua mais notável amante, por ser a mais comentada pelos autores tanto da época quanto posteriores.<sup>351</sup> Plutarco tampouco nos oferece o contexto em que Demócares usara tal comparação, apenas a cita assim e nomeia o seu nome, Lâmia, em sua biografia de Demétrio.<sup>352</sup>

---

<sup>350</sup> Cf. nesta tese Ateneu, *Deipnosophistas*, 6.62.1-19, pp. 220-222, onde este trecho está comentado com maior detalhamento.

<sup>351</sup> Cf. nesta tese Mácon, pp. 127-128; Filarco, p. 129; Polemon de Atenas, pp. 130-131; Plutarco, pp. 173-194; Ateneu de Náucrates, p. 219-233; Clemente de Alexandria, pp. 242-244; Alcífron, pp. 249-253; Cláudio Eliano, pp. 262-263.

<sup>352</sup> Cf. nesta tese, Plutarco, *Demétrio 27*, pp. 179-184.

---

## Δοῦρις - Dúris de Samos *ca.* 340-260 a.C.

(*Apud* Anônimo, escólio a Aristófanes, *Vespas* 1030)

---

### *Fragmenta 35*<sup>353</sup>

**Schol. Aristoph. Vesp. 1030:** Δοῦρις δ' ἐν β' Λιβυκῶν ἱστορεῖ, γυναῖκα καλὴν γενέσθαι τὴν Λάμιαν, μιχθέντος δὲ αὐτῇ Διὸς, ὕφ' Ἡρας ζηλοτοπούμενην ἃ ἔτικτεν ἀπολλύναι· διόπερ ἀπὸ τῆς λύπης δύσμορφον γεγονέναι, καὶ τὰ τῶν ἄλλων παιδία ἀναρπάζουσιν διαφθεῖρειν.

### **Tradução:**

#### *Fragmentos 35*

**Escólio a Aristófanes, *Vespas* 1030:** Dúris, no seu segundo livro sobre os líbios conta que Lâmia era uma bela mulher, mas que transou com Zeus, e que Hera, enciumada, destruiu suas crias; por causa da dor, ela se tornou disforme e, raptando as crianças dos outros, as assassinava.

### **Comentário:**

**ἐν β' Λιβυκῶν:** Dúris aparentemente escreveu livros sobre os líbios, em que estariam essas suas impressões sobre a *lâmia*, citadas pelo comentarista anônimo de Aristófanes.<sup>354</sup> Na versão racionalizada de Dúris, Lâmia é uma mulher bela (γυναῖκα καλὴν γενέσθαι τὴν Λάμιαν) que teve relações sexuais com Zeus (μιχθέντος δὲ αὐτῇ Διὸς) e que sofreu as consequências disso ao ter seus filhos mortos pelas mãos de Hera (ἃ ἔτικτεν ἀπολλύναι). A explicação para a deformação monstruosa atribuída a ela no mito é a dor gerada pela perda de suas crianças. Dúris enfatiza que tal fato lhe causou deformação física, mental (δύσμορφον γεγονέναι), e, ainda, moral, visto que ela passou a raptar e matar (ἀναρπάζουσιν διαφθεῖρειν) os filhos dos outros.

Assim como Heráclito paradoxógrafo e Diodoro Sículo, Dúris oferece a seu leitor uma tentativa de explicação verossímil para o mito, ou racionalização.<sup>355</sup> Louis

---

<sup>353</sup> Texto grego retirado de Müller, 1841-1870 = *TLG*.

<sup>354</sup> Cf. nesta tese Aristófanes, pp. 77-84, onde o comentário pode ser lido.

<sup>355</sup> Cf. nesta tese Diodoro Sículo, pp. 140-151; Heráclito paradoxógrafo, pp. 279-280. Sobre os tipos de

Okin afirma que Dúris, com relação a suas apresentações dos mitos gregos, comporta-se de maneiras variadas, ora como mitógrafo, ora como racionalizador:

As estórias da lenda grega que não continham eventos miraculosos ou monstros implausíveis não representavam nenhum problema. Como quase todos os outros escritores, Dúris aceitava os heróis e heroínas das sagas como figuras históricas reais. [...] Em outras instâncias, quando figuras superhumanas e situações improváveis estão envolvidas, o Sâmio age como um mitógrafo. Ele investiga a tradição e tenta descobrir a variante que melhor harmoniza com todas as estórias transmitidas.<sup>356</sup> [...] Se Dúris muitas vezes opera como um mitógrafo, ele mais frequentemente escreve como um racionalizador, explicando situações sobrenaturais improváveis ou ofensivas que ocorrem na mitologia.<sup>357</sup>

Okin cita exemplos dessas duas posturas de Dúris, e um deles é exatamente esse relato sobre a *lâmia*. Ele afirma que esse comentário de Dúris está em sua obra que teria se chamado *História de Agátocles*.<sup>358</sup>

A partir dessa constatação, Okin discute a possibilidade de os trechos de Diodoro Sículo 20.41, e do escoliasta anônimo de Aristófanes, *Paz* 758, terem sido retirados de Dúris, exatamente como o original. Diodoro também faz uma racionalização do mito, dizendo que Lâmia era uma rainha que perdeu os filhos e enlouqueceu por isso, e deu ordens a seus soldados para pegar e matar as crianças dos outros. Ele afirma ainda que tal soberana costumava se embriagar e fingir que não via as coisas erradas que aconteciam em seu reino, durante o período em que estava bêbada.<sup>359</sup> O escólio a Aristófanes relata a história da rainha da Líbia que foi amada

---

tentativas de explicação de mitos nos autores antigos, cf. nesta tese Estrabão, pp. 154-163.

<sup>356</sup> Cf. Okin, 1980, p. 98: "The stories from Greek legend which contained no miraculous events or implausible monsters posed no problem. Like almost all other writers, Duris accepted the heroes and heroines of saga as actual historical figures. [...] In other instances where superhuman figures or unlikely situations are involved, the Samian acts as a mythographer. He investigates the tradition and attempts to discover the variant that best harmonizes with all the transmitted stories".

<sup>357</sup> Cf. Okin, 1980, p. 101: "If Duris sometimes operates as a mythographer, he more often writes as a rationalizer, explaining away improbably or offensive supernatural situations that occur in mythology".

<sup>358</sup> Cf. Okin, 1980, p. 102. Agátocles foi um tirano de Siracusa, nascido em 361/0 a.C. na Sicília. Seu pai tinha uma fábrica de cerâmica, mas Agátocles fez carreira militar. Após um período de disputa intensa com os oligarcas de Siracusa, recebeu o apoio de Hamílcar, governante de Cartago, e foi nomeado estrategista com poderes absolutos nas cidades da Sicília. Com o golpe militar de Timeu foi nomeado general com poderes absolutos sobre Siracusa. Depois de um tempo, entrou em guerra com os cartagineses e, após muitas escaramuças e batalhas, fizeram um acordo de paz. Agátocles assumiu o título de rei em 305 a.C. Hornblower & Spawforth acham que seu papel histórico é superestimado, e que ele foi um carrerista cruel e aventureiro, que não alcançou nada de duradouro em seus anos no comando de Siracusa. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 37; cf. nesta tese Diodoro Sículo, pp. 140-151, onde há um comentário mais detalhado sobre a relação entre Agátocles e Lâmia.

<sup>359</sup> Cf. Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, 20.41.2,3-6,5, que está traduzido e comentado nesta tese, pp. 140-151.

por Zeus, incorreu na fúria de Hera, que matou os filhos dessa união, o que fez Lâmia enlouquecer, raptar e matar os filhos de outrem. O escoliasta afirma que Lâmia não conseguia dormir por obra de Hera, mas que Zeus, apiedado dela, concedeu-lhe retirar os olhos para descansar. Nós não entendemos isso com uma deformação, como afirma o professor Okin. No nosso ponto de vista, o escoliasta de Aristófanes não está racionalizando o mito, pois ele relata soluções metafóricas de entendimento, ou talvez até "mágicas", e acontecimentos "sobrenaturais" razoáveis nas narrativas míticas.<sup>360</sup>

Okin conclui que nenhum dos dois trechos é uma cópia fiel do trecho de Dúris, mas afirma que podem ter sido baseados nesse trecho. De toda forma, essa discussão é pouco proveitosa para esta tese, o que importa nesse caso é saber que os três são trechos parecidos, e que pode haver uma influência de Dúris nesses dois autores.

Okin afirma que o mais provável é que *lâmia* foi uma denominação genérica para "diversos demônios do submundo, uns dos quais raptavam crianças, um dos quais, a empusa, podia mudar de forma", no princípio.<sup>361</sup> Porém, essa palavra se especializou em um "bicho-papão" usado para aterrorizar crianças e evitar o mau comportamento delas. Okin tenta estabelecer uma "evolução" da palavra ao longo do tempo, como nós também tentamos em nossa dissertação de mestrado. Todavia, nós hoje preferimos não sustentar tal abordagem, uma vez que a tradução e análise das fontes demonstrou que a palavra *λάμια* foi usada de maneiras diversas, para denominar criaturas diferentes, às vezes por autores da mesma época. Vamos deixar essa discussão para a conclusão desta tese.

---

<sup>360</sup> Cf. Anônimo, escólio a Aristófanes, *Paz* 758, que pode ser visto nesta tese, p. 79-84. Sabemos que os deuses gregos eram naturais, personificações de componentes da natureza. Contudo, eles são considerados sobrenaturais, ou até mesmo "mágicos", quando se trata das tentativas de racionalização de um mito, já que tais deuses não são considerados parte da realidade humana palpável (não podem ser vistos, tocados, etc).

<sup>361</sup> Cf. Okin, 1980, p. 103: "[...] several underworld daimons, some of whom kidnapped children, one of whom, Empousa, could change shape".

---

# Μήνανδρος - Menandro *ca.* 344/343-292/291

**a.C.** (Fr. 52 *apud* Fócio, *Suda* e Miguel Apostólio)

---

## *ΑΝΔΡΟΓΥΝΟΣ Η ΚΡΗΣ* - Frag. 52 (PCG)

πλήσας γὰρ ἔφερεν ἐκ παρατάξεώς ποθεν  
τὰς ἐν Λαμία πάσας.

### Tradução:

#### *Andrógino ou Cretense* - Fragmento 52 (PCG)

farto, carregava, pois, da linha de batalha para toda parte  
todas as coisas acontecidas em Lâmia.

### Comentário:

**ἐν Λαμία:** o fragmento acima traduzido era parte integrante da peça chamada *Andrógino* ou *Cretense*, da qual seis fragmentos espaçados são tudo o que restou, de modo que um contexto não pode ser estabelecido.<sup>362</sup>

O fragmento acima, numerado como 51 pelos editores do *PCG*, aparenta ser um relato de algo que se passou na Guerra de Lâmia, em que alguém carregava notícias da linha de batalha em Lâmia, provavelmente para Atenas, que era a cidade

---

<sup>362</sup> Austin & Kassel, *PCG*, 1998. O fragmento 51 é similar aos fragmentos 52.1 e 52.2 de Kock, 1888 (*Comicorum Atticorum Fragmenta* - *CAF*, uma edição preparada por Kock pela editora Teubner e contendo os fragmentos da comédia ática. Seu intento era substituir a edição de Meineke, o *Fragmenta Comicorum Graecorum*, publicada pela mesma editora de 1839 a 1857. Menandro ainda tem mais outros editores, entre eles Sandbach, 1972, Köerte & Thierfelder, 1959, Jaekel, 1964, Turner, 1965). A equivalência numérica entre os fragmentos do *PCG* e os de Kock é: 50 = 51, 51 = 52, 52 = 53, 53 = 54 e 54 = 55 Os fragmentos, seguindo a numeração do *PCG*, que é a edição mais recente e canônica, são: 50 τὰ προσπεσόντα προσδοκᾶν ἅπαντα δεῖ / ἄνθρωπον ὄντα· παραμένει γὰρ οὐδὲ ἐν / 51 πλήσας γὰρ ἔφερεν ἐκ παρατάξεώς ποθεν / τὰς ἐν Λαμία πάσας. / 52 τὸ γὰρ σύνηθες οὐδαμοῦ παροπτέον. / 53 μαρτύρομαι τὸν φίλιον, ὃ Κράτων, Δία. / 54 Μυσῶν ἔσχατος πολέμιος, cuja tradução ficaria assim: 50 quedas são esperadas por todos e necessárias / ao homem: não deixa de lado nem um. / 51 farto, carregava, pois da linha de batalha para toda parte / todas as coisas acontecidas em Lâmia. / 52 pois jamais subestimar os costumes. / 53 dou testemunho da amizade de Zeus, ó Cráton / 54 o mais longe da hostilidade das Musas. Como pode ser observado, a tradução dos fragmentos restantes mostra que não há uma conexão entre eles, nem de assunto, nem de contexto. O 50 e o 52 são fragmentos de ordem moral, que poderiam até mesmo ser máximas; e o 53 parece ser uma advertência, mas também poderia ser um comentário rápido.

no comando da insurreição, e devia ser algo como o "quartel general" das operações.

Colin Austin e Rudolf Kassel citam as três fontes desse fragmento, Fócio, Suda e Miguel Apostólio, que dizem, de maneira idêntica:

"Lâmia [...] É também uma cidade da Tessália onde os gregos, incitados após a morte de Alexandre, com os atenienses no comando, e lutando pela liberdade, venceram Antípatro. No *Andrógino* de Menandro: "farto, carregava, pois, da linha de batalha para toda parte todas as coisas acontecidas em Lâmia".<sup>363</sup>

Os dois autores acima comentam que a sequência de versos de Menandro é obscura, e que não há concordância entre os especialistas nem sobre as palavras que nela estão cotadas por Fócio (uns entendem πάσας ao invés de πλήσα e dizem que Menandro está se referindo a mulheres, enquanto outros imaginam até mesmo a possibilidade da palavra τριήρεις estar envolvida, e de se estar falando de uma batalha naval).

---

### Πλόκιον - Fr. 297 (PCG)

{Λα.} ἔχω δ' ἐπὶ κληρον Λάμιαν· οὐκ εἴρηκά σοι

τουτὶ γάρ;

{Α} οὐχί.

{Λα.} κυρίαν τῆς οἰκίας

καὶ τῶν ἀγρῶν καὶ † πάντων ἀντ' ἐκείνης †

ἔχομεν.

{Α} Ἄπολλον, ὡς χαλεπόν.

{Λα.} χαλεπώτατον.

ἅπασι δ' ἀργαλέα 'στιν, οὐκ ἐμοὶ μόνωι·

ὕῳ πολὺ μᾶλλον, θυγατρί.

{Α} πρᾶγμα' ἄμαχον λέγεις.

{Λα.} εὖ οἶδα.

---

<sup>363</sup> Em ordem cronológica: Fócio, *Léxico* L.205.9-19; Suda L.84; Miguel Apostólio, *Paroimiai*, 10.44: "<Λάμια>: [...] ἔστι δὲ καὶ πόλις Θεσσαλίας, ὅθεν ὀρμηθέντες οἱ Ἕλληνας μετὰ τὸν Ἀλεξάνδρου θάνατον, Ἀθηναίων ἡγουμένων, τῆς ἐλευθερίας ἀντιποιησάμενοι τὸν Ἀντίπατρον ἐνίκησαν· Μένανδρος Ἀνδρόγονοι· Πλήσας γὰρ ἔφερον ἐκ παρατάξεως ποθὲν Τὰς ἐν Λαμίαι πάσας". Cf. a "Introdução" desta tese, pp. 28-30, para Fócio, e pp. 32-34, para Suda.

### Tradução:

#### *Colar - Fr. 297 (PCG)*

{La.} Tenho por herdeira Lâmia: mas não falei  
isso para você?

{A} Não.

{La.} Senhora da casa  
e também dos campos, e tudo diante dela  
temos.

{A} Apolo é, pois, difícil.

{La.} Dificílimo.

E para todos é doloroso, não só para mim:  
para o filho e a filha muito mais.

{A} Coisas inquestionáveis dizes.

{La.} Bem sei.

### Comentário:

**ἔχω δ' ἐπίκληρον Λάμιαν:** duas pessoas conversam nesse fragmento, que os editores numeraram como 297.<sup>364</sup> Não há contexto, e não se sabe quem é um dos dois interlocutores, o outro Austin & Kassel consideram que seja Laques (a peça teria três interlocutores: Laques, Mósquion e Crobule<sup>365</sup>). Laques diz que Lâmia é sua herdeira (ἐπίκληρος) e o outro faz comentários sobre como Apolo é duro.<sup>366</sup> Não se pode deixar de perceber uma certa comicidade em comparar Apolo a uma entidade de categoria inferior.

---

<sup>364</sup> Austin & Kassel, *PCG*, 1998. O mesmo fragmento é numerado como 403 por Kock, 1888; como 2 por Meineke, 1841; como 334 por Köerte & Thierfelder, 1959, e também por Sandbach, 1972. Há 15 fragmentos sobreviventes da peça *Plókion*, numerados de 296 a 310 por Austin & Kassel, cf. *PCG*, 1998, pp. 191-203.

<sup>365</sup> Cf. Austin & Kassel, *PCG*, 1998, p. 191.

<sup>366</sup> *LSJ*, 1996, p. 638.

---

# Ἰδομενεύς Λαμψακηνός - Idomeneu de Lâmpsaco *ca.* 325-270 a.C.

(*Apud* Ateneu de Náucratis, *Deipnosofistas* 13.37.1-4)

---

## *Fragmenta 5a3*

**Athenaeus XIII:** Θεμιστοκλῆς τε, ὥς φησιν Ἰδομενεύς, οὐχ ἄρμα ζευξάμενος ἑταιρῶν πληθούσης ἀγορᾶς εἰσήλασεν εἰς τὸ ἄστυ; Ἦσαν δὲ αὗται Λάμια, καὶ Σκιώνη καὶ Σατύρα καὶ Νάννιον.

## **Tradução:**

### *Fragmentos 5a3*

**Ateneu XIII:** E Temístocles, como disse Idomeneu, não adentrou a cidade, pela *Ágora* lotada, num carro equipado com *hetairas*? Eram elas Lâmia, Síone, Saturra e Nânion.

## **Comentário:**

**ἑταιρῶν:** o trecho recortado teria vindo de uma obra a respeito da vida de Temístocles e é citado na obra *Deipnosofistas*, de Ateneu de Náucratis.<sup>367</sup> Nela, Ateneu cita esse comentário que Idomeneu teria feito: Temístocles adentrando a cidade de Atenas após uma de suas vitórias, em um carro equipado com quatro

---

<sup>367</sup> Temístocles (*ca.* 524-459 a.C.) foi um político ateniense de grande renome, que desempenhou as funções de arconte e estrategista. Foi ele quem iniciou as obras preparatórias para a construção do Pireu como porto principal de Atenas, e quem aprovou um gasto maior de prata para que se aumentasse a frota naval ateniense de setenta para duzentos navios de guerra, que acabaram se tornando parte crucial da defesa da cidade nas batalhas navais contra os persas. Foi ele, ainda, que liderou a cidade contra os persas em 480 a.C., durante as Guerras Médicas, tanto na batalha terrestre da Tessália, quanto nas batalhas navais de Artemísio e Salamina. Contudo, na batalha final em 479 a.C. não há registros de sua participação, e os atenienses foram liderados por Aristides e Xantipo, enquanto os gregos todos foram liderados pelos reis espartanos Pausânias (neto de Leônidas), em terra, e Leotíquides, no mar. Temístocles entrou em conflito com os espartanos, e acabou sendo ostracizado em 470 a.C., indo viver em Argos e perambulando pelas cidades do Peloponeso que eram contrárias aos espartanos. Foi, por fim, acusado pelos espartanos de estar em contato com Pausânias e ambos estarem tramando com os persas, e fugiu para a Ásia Menor, tendo sido condenado à morte pelos atenienses em sua ausência. Em 465 a.C. o rei persa, Artaxerxes I, proclamou-o governador da Magnésia, onde ele viveu o resto de seus dias. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1497-1498; cf. Ateneu, *Deipnosofistas* 13.37.1-13.37.4, que pode ser encontrado nesta tese em Ateneu de Náucratis, pp. 219-233.

*hetairas*, pela praça pública repleta de cidadãos. Uma dessas *hetairas* se chamava Lâmia, obviamente não a mesma de Demétrio Poliorcetes, pois há muitos anos de diferença entre os dois.<sup>368</sup> A Lâmia de Temístocles é menos famosa que a de Demétrio, da qual muito se falou.<sup>369</sup> A de Temístocles só aparece nesse fragmento.

O *LSJ* define a palavra grega *ἑταίρα* como "companheira" em primeira acepção, e "cortesã", como segunda; já *πόρνη* é definida como "meretriz, prostituta".<sup>370</sup> Chantraine segue o verbete do *LSJ* e define a primeira palavra da mesma maneira, como "companheira, cortesã", mas faz uma comparação entre três palavras usadas pelos gregos antigos para designar as atividades femininas de "cuidado" dos homens, ao definir a segunda palavra: *πόρνη*, "prostituta, puta", "dito de uma mulher que é prostituída ou que se prostitui, honestamente diferente (e mais pejorativo) que *ἑταίρα*, 'namorada' e de *παλλακή*, 'concubina'".<sup>371</sup>

Portanto, fica entendido que há uma diferença entre as classes de "cuidadoras" delimitada pelo emprego de cada uma dessas palavras. Essa é a afirmação de Demóstenes, em seu discurso *Contra Neera*, em que afirma que "pois temos as *hetairas* para o prazer, as concubinas para o cuidado diário do corpo, e as esposas para fazer filhos e para ter uma guardiã confiável das coisas domésticas".<sup>372</sup> Demóstenes não usa a palavra *πόρνη*, as mulheres que servem para o prazer são as *ἑταίραι*.

Marina Gurina afirma que a ligação da *hetaira* com seu(s) amante(s) era duradoura e longa, na maioria das vezes, e é por isso que muitas acabaram citadas na literatura pelo nome de seus amantes, como "a *hetaira* de Olimpíodoro", "a *hetaira* de Atenogenes".<sup>373</sup> Todavia, existe uma discussão a respeito das diferenças entre a *hetaira* e a *porne*. A própria Gurina pontua que essa diferença não é bem estabelecida

---

<sup>368</sup> Entre a morte de Temístocles, ca. 542-459 a.C., e o nascimento de Demétrio Poliorcetes, 337-283 a.C., há, exatamente 122 anos.

<sup>369</sup> Para ler os relatos sobre a Lâmia de Demétrio, cf. nesta tese Demócares, pp. 115-116; Mácon, pp. 127-128; Filarco, p. 129; Polemon de Atenas, pp. 130-131; Plutarco, *Demétrio*, pp. 173-184, *Comparação entre Demétrio e Antônio*, pp. 184-185; Ateneu de Náucratis, pp. 219-233; Clemente de Alexandria, pp. 242-244; Alcífron, pp. 249-253; Cláudio Eliano, pp. 262-263.

<sup>370</sup> *LSJ*, 1996, p. 700 e p. 1450, respectivamente.

<sup>371</sup> Chantraine, 2009, p. 363 *ἑταίρα*, entrada do verbo *πέρνημι* p. 856 ("dit d'une femme que l'on prostitue ou que se prostitue, franchement différent (et plus péjoratif) de *ἑταίρα* «petite amie» *παλλακή* «concubine»"), redirecionado a partir de *πόρνη*, p. 895. Chantraine, 2009, p. 823, afirma que a palavra *παλλακή* "também é empregada na prostituição ritual" ("le mot s'emploie aussi pour la prostitution rituelle").

<sup>372</sup> Cf. Demóstenes, *Contra Neera* 122.4-7: "τὰς μὲν γὰρ ἑταίρας ἡδονῆς ἕνεκ' ἔχομεν, τὰς δὲ παλλακὰς τῆς καθ' ἡμέραν θεραπείας τοῦ σώματος, τὰς δὲ γυναῖκας τοῦ παιδοποιεῖσθαι γνησίως καὶ τῶν ἔνδον φύλακα πιστὴν ἔχειν". Texto grego retirado de Rennie, 1960 = *TLG*.

<sup>373</sup> Cf. Gurina, 2008, p. 131.

e afirma que

as diferenças entre as heteras e as *pornai* nos textos não são claras, mas na historiografia moderna tende-se a estabelecer uma oposição em termos de *status*: a hetera seria a cortesã de luxo ou amante, muitas vezes mantida por apenas um ou dois homens. Ao contrário a *porne* seria a prostituta de rua ou de bordel, que ofereceria sexo por dinheiro a uma numerosa e anônima clientela. Na verdade há uma superposição frequente dos dois termos nas fontes antigas e muitas vezes é difícil manter a distinção. Tanto a hetera quanto a *porne* podem ser escravas ou livres, ambas podem ter um mantenedor ou ser autônomas.<sup>374</sup>

Dessa maneira, parece ser complexo precisar as diferenças entre o emprego dessas duas palavras, já que seu uso é, muitas vezes, indiscriminado.<sup>375</sup>

Todavia, Lisley Kurke pontua que a palavra *πόρνη* parece ser mais usada pejorativamente na poesia grega arcaica, enquanto a palavra *ἑταίρα* aparece mais vezes em contextos de delicadeza e com uma aura de refinamento. Na verdade, ela afirma que *ἑταίρα* nunca aparece explicitada nos poemas do âmbito do simpósio, e que são frases sutis que deixam o apreciador dessa poesia perceber que é de uma *hetaira* que se está falando. Por essa razão Kurke sustenta que "isso sugere que '*hetaira*' é um termo de escárnio, aplicado por aqueles de fora do simpósio aristocrático para zombar da igualdade simpótica entre prostituta e participante da elite (*hetairos*)".<sup>376</sup> Ela ainda discorda da liberdade e independência que alguns dizem que a *hetaira* tinha, pois afirma que durante o simpósio "as mulheres funcionavam assim como a mobília simpótica, como os sofás e travesseiros — objetos para servir às necessidades dos simposiastas, e criar uma certa atmosfera".<sup>377</sup> Assim, Demóstenes não soa errado ao mencionar a divisão do papel social da mulher nas três categorias de *hetaira*, concubina e esposa, todas com o único propósito de servir os homens em

---

<sup>374</sup> Gurina, 2008, p. 134: "Las diferencias entre las heteras y las *pornai* en los textos no son claras pero en la historiografía moderna se ha tendido a establecer una oposición en términos de estatus: la hetera, sería la cortesana de lujo o amante, a menudo mantenida solo por uno o dos hombres. En cambio la *porne* sería la prostituta de la calle o del burdel, que ofrecía sexo por dinero a una numerosa y anónima clientela. En realidad, hay una superposición frecuente de los dos términos en las fuentes antiguas y a menudo es difícil mantener la distinción. Tanto la hetera quanto la *porne* pueden ser esclavas o libres, ambas pueden tener un mantenido o ser autónomas".

<sup>375</sup> Cf. Gurina, 2008, pp. 131-134; Kurke, 1997, pp. 107-108, em que ela aponta as dificuldades dessa distinção, e os enganos cometidos pelos pesquisadores

<sup>376</sup> Cf. Kurke, 1997, pp. 112-113, especialmente p. 113: "This suggests that '*hetaira*' is a term of derision, applied by those outside the aristocratic symposium to mock the sympotic equality of prostitute and elite participant (*hetairos*)".

<sup>377</sup> Cf. Kurke, 1997, p. 119: "[...] the women functioned as so much the sympotic furniture, like the couches and pillows — objects to serve the needs of the male symposiasts and create a certain atmosphere".

suas necessidades básicas: prazer, cuidados corporais e prole.

De modo que tanto Kurke quanto Gurina acabam por concluir que, embora possam ser usadas como sinônimos, essas duas palavras são aplicadas em discursos diferentes. Segundo Kurke

A oposição entre *hetaira* e *porne* parece funcionar dentro de uma complexa rede de diferenciação econômica, social e política de tradições médias e elitistas, em que o simpósio aristocrático inventa a *hetaira* para proteger-se da esfera pública, que ele imagina e traduz através da obscenidade da *porne*.<sup>378</sup>

Assim, as relações entre essas duas figuras femininas englobariam mais do que apenas papéis ou *status* diversos na sociedade patriarcal grega. Gurina, no entanto, não parece concordar totalmente com Kurke, pois sustenta que

Pode-se dizer que há dois discursos distintos sobre as mulheres que obtêm dinheiro com o sexo. No primeiro associa-se a figura das heteras com mulheres concretas, muitas vezes identificadas com um nome específico e das quais assinala-se o controle que exercem sobre os homens e seus apetites. Outro discurso, associado à *porne*, tenta despersonalizar e codificar seu corpo e seus serviços.<sup>379</sup>

Assim, podemos pensar que a *hetaira* de Demétrio Poliorcetes, referida como uma *auletrida* chamada Lâmia, dependia dele para sobreviver e era sustentada por ele com o único objetivo de lhe dar prazer, e que sua vida, assim como as vidas das outras *hetairas* (e por que não, das mulheres), estava nas mãos de seus benfeitores.

Portanto, ainda que tanto *hetairai* quanto *pornai* sejam construtos linguísticos, o fato é que elas estavam ligadas às atividades de entretenimento masculino na Antiguidade, e sua condição, econômica, política e social, estava intrinsecamente conectada aos favores recebidos em troca dos serviços prestados aos cidadãos da *pólis*. Não se pode ademais desprezar o fato de Lâmia ser nome dado a mulheres da profissão acima descrita, associadas à voracidade sexual.

---

<sup>378</sup> Cf. Kurke, 1997, p. 145: "The opposition of *hetaira* and *porné* seems to function within a complex network of economic, social, and political differentiation of middling and elitist traditions, whereby the aristocratic symposium invents the *hetaira* to shield itself from the public sphere, which it figures and traduces through the obscenity of the *porné*".

<sup>379</sup> Cf. Gurina, 2008, p. 134: "Puede decirse que hay dos discursos distintos sobre las mujeres que obtienen dinero por el sexo. En el primero se asocia la figura de las heteras a mujeres concretas, a menudo identificadas con un nombre específico y de quienes se señala el control que ejercen sobre los hombres y sus apetites. Otro discurso, asociado a la *porne*, intenta despersonalizar y codificar su cuerpo y sus servicios".

---

## Μάχων - Mácon III a.C.

(*Apud* Ateneu de Náucrates, *Deipnosophistas*, 13.39.1-13.39.25)

---

**Nota inicial:** os dois fragmentos de Mácon vão ser apresentados juntos, uma vez que estão também apresentados em sequência na obra de Ateneu, sua única fonte.

### *Fragmenta* 12.168-173<sup>380</sup>

Ἵπερβολῆ δὲ τῆς Λεαίνης σχῆμά τι  
περαινομένης εὖ παρά τε τῷ Δημητρίῳ  
εὐημερούσης, φασὶ καὶ τὴν † Λαμίαν  
τὸν βασιλέ' εὐμελῶς κελητίσαι ποτέ  
ἐπαινεθῆναί θ'· ἡ δὲ τοῦτ' ἀπεκρίθη †,  
Πρὸς ταῦτα καὶ Λέαιναν εἰ βούλει κράτει.

### 13.174-187

Δημήτριός ποθ' ὁ βασιλεὺς γένη μύρων  
Λαμία παρὰ πότον παντοδαπῶν ἐπεδείκνυτο  
(ἡ Λάμια δ' ἦν ἀγλήτρις ἥς σφόδρ' ἠδέως  
σχεῖν φασὶ κνισθῆναί τε τὸν Δημήτριον).  
ἀποδοκιμαζούσης δὲ πάντα καὶ πάνυ  
κατεγλιδώσης τῷ βασιλεῖ, νάρδον τινά  
διένευσ' ἐνεγκεῖν εὐτελεῆ τῇ χειρὶ τε  
ταῖδοιον ἀποτρίψας [καὶ] θιγῶν τοῖς δακτύλοις  
Τουτί γε, Λάμιά, φησιν, ὀσφράνθητι καὶ  
εἴσει παρὰ τᾶλλα διαφορὰν ὄσσην ἔχει.  
κείνη δὲ γελάσασ', Ἀλλὰ τοῦτ', ἔφη, τάλαν,  
ὄζειν δοκεῖ μοι σαπρότατον πάντων πολὺ.  
Δημήτριος δ' εἶπ', Ἀλλὰ μὴν, νῆ τοὺς θεοὺς,  
ἀπὸ βαλάνου τοῦτ' ἐστὶ, Λάμια, βασιλικῆς.

---

<sup>380</sup> Texto grego retirado de Gow, 1965 = *TLG*.

### **Tradução:**

#### ***Fragmentos 12.170-173***

a forma de Leona era acabada com perfeição,  
e ela era muito bem sucedida por estar ao lado de Demétrio;  
dizem também que Lâmia cavalgou o rei graciosamente  
e, tendo sido aprovada, respondeu-lhe assim:  
"além disso, também, se queres, doma uma leoa"

#### **13.174-187**

Certa vez, o rei Demétrio exibia para Lâmia, junto  
com seu vinho, tipos de perfume de todos os lugares.  
Lâmia era uma *auletrida* que dizem ter ganhado e  
arranhado muito deliciosamente o Demétrio.  
Mas, como ela condenou todos e ainda por cima  
olhou de cima para baixo para o rei, ele mandou  
trazer um perfume qualquer com um desagradável nardo,  
e com a mão esfregando e segurando a genitália com os dedos,  
disse: "Esse sim, Lâmia, cheira e percebe como,  
ao lado dos outros, tem uma tal variação!".  
Mas aquela, gargalhando, falou: "Mas cheirar isso, queridinho,  
mostra para mim que é o mais pútrido de todos!".  
E Demétrio disse: "Mas não, pelos deuses!  
A partir da glande, isso é, Lâmia, coisa de rainha!".

### **Comentário:**

O campo semântico visto anteriormente se mantém nos fragmentos acima, ou seja, as duas anedotas aludem à ferocidade e voracidade, bem como ao odor mencionado por Aristófanes em *A assembleia das mulheres* 76-78 e Hesíquio.<sup>381</sup>

---

<sup>381</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 906. O comentário sobre esses dois trechos está feito na parte desta tese dedicada a este último autor, já que há um contexto no *Deipnosofistas* que ajuda nessa interpretação. Esses dois fragmentos fazem parte das *Χρειαί* de Mácon, anedotas sobre as vidas de *hetairas*, parasitas, entre outros, notórios de Atenas. Cf. nesta tese Aristófanes, pp. 77-92.

---

## Φύλαρχος - Filarco III a.C.

(*Apud* Ateneu de Náucrates, *Deipnosophistas* 14.3.37-42)

---

### Fragmenta - 2a.81.F.12.1-10<sup>382</sup>

φιλόγελως δὲ ἦν καὶ Δημήτριος ὁ Πολιορκητής, ὡς φησι Φύλαρχος ἐν τῇ ζ' τῶν Ἱστοριῶν, ὅς γε καὶ τὴν Λυσιμάχου αὐλὴν κωμικῆς σκηνῆς οὐδὲν διαφέρειν ἔλεγεν· ἐξιέναι γὰρ ἀπ' αὐτῆς πάντας δυσυλλάβους· τὸν τε Βῆθον χλευάζων καὶ τὸν Πάριν, μεγίστους ὄντας παρὰ τῷ Λυσιμάχῳ, καὶ τινας ἐτέρους τῶν φίλων· παρὰ δ' αὐτοῦ Πευκέστας καὶ Μενελάους, ἔτι δὲ Ὀξυθέμιδας. ταῦτα δ' ἀκούων ὁ Λυσίμαχος 'ἐγὼ τοίνυν, ἔφη, πόρνην ἐκ τραγικῆς σκηνῆς οὐχ ἐώρακα ἐξιοῦσαν,' τὴν αὐλητρίδα Λάμιαν λέγων. ἀπαγγελομένου δὲ καὶ τούτου πάλιν ὑπολαβὼν ὁ Δημήτριος ἔφη· 'ἀλλ' ἢ παρ' ἐμοὶ πόρνη σωφρονέστερον τῆς παρ' ἐκείνῳ Πηνελόπης ζῆ.'

### Tradução:

#### Fragmentos - 2a.81.F.12.1-10

Demétrio Poliorcetes era um amante de sorrisos, como diz Filarco no livro sexto do seu *Histórias*. Foi ele que disse que a corte de Lisímaco em nada diferia de uma cena cômica, pois nele todos eram dissílabos (fazendo troça de Bítis e Páris, os maiores companheiros de Lisímaco, e também de outros de seus amigos), enquanto junto a ele havia Peucestes, Menelaus e ainda Oxitêmides. Lisímaco, ouvindo tais coisas falou, "Eu até agora nunca tinha visto uma puta permitida na cena trágica", referindo-se à *auletrida* Lâmia. Tendo notícias disso, Demétrio, retrucando por sua vez, falou: "Mas a minha puta vive com mais castidade que a Penélope dele".

### Comentário:

Ver este trecho comentado nesta mesma tese, na parte dedicada a Ateneu.<sup>383</sup>

---

<sup>382</sup> Texto grego retirado de Jacoby, 1995 = *TLG*.

<sup>383</sup> Cf. nesta tese Ateneu, pp. 219-233.

---

## Πολέμων - Polemon II a.C. (fl.190 a.C.)

(*Apud* Ateneu de Náucrates, *Deipnosophistas*, trechos numerados abaixo)

---

**Nota inicial:** vamos fazer apenas um comentário aos dois trechos de Polemon citados por Ateneu. Ele está localizado logo após a apresentação e tradução dos dois trechos, que estão arrumados na ordem em que são citados no *TLG*, e não em Ateneu (em que o segundo aparece antes do primeiro). O comentário está feito aqui, e não em Ateneu, para preservar o conjunto da obra de Polemon, uma vez que os dois trechos estão separados por um distância grande (sete livros) em Ateneu. Nos comentários na parte desse autor narramos apenas o contexto de cada trecho em seu *Deipnosophistas*.

---

### *ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΠΟΙΚΙΛΗΣ ΣΤΟΑΣ ΤΗΣ ΕΝ ΣΙΚΥΩΝΙ*<sup>384</sup>

**14. Athenaeus 13.38.17-22:** Δημήτριος δ' ὁ Πολιορκητῆς οὐ δαιμονίως ἦρα Λαμίας τῆς αὐλητρίδος, ἐξ ἧς ἔσχε καὶ θυγατέρα Φίλαν; Τὴν δὲ Λάμιαν Πολέμων φησὶν ἐν τῷ Περὶ τῆς ἐν Σικυῶνι ποικίλης στοᾶς θυγατέρα μὲν εἶναι Κλεάνορος Ἀθηναίου, κατασκευάσαι δὲ Σικυωνίοις τὴν προκειμένην στοάν.

**15. Athenaeus 6.62.15-19:** Καὶ Θηβαῖοι δὲ κολακεύοντες τὸν Δημήτριον, ὡς φησι Πολέμων ἐν τῷ Περὶ τῆς Ποικίλης ἐν Σικυῶνι, ἰδρύσαντο ναὸν Ἀφροδίτης Λαμίας. Ἐρωμένη δ' ἦν αὕτη τοῦ Δημητρίου, καθάπερ καὶ ἡ Λέαινα.

### **Tradução:**

#### *Sobre a colunata colorida em Sición*

**14. Ateneu 13.38.17-22:** Então Demétrio Poliorcetes, por vontade divina, não era apaixonado pela *auletrida* Lâmia, da qual teve até mesmo uma filha, Fila? Polemon diz, em seu *Sobre a colunata colorida em Sición*, que Lâmia era filha de Cleandro de Atenas, e que ela construiu para os sicíones a citada colunata.

**15. Ateneu 6.62.15-19:** E os tebanos também eram uns bajuladores do Demétrio, como diz Polemon em seu *Sobre a colunata colorida em Sición*, pois dedicaram um

---

<sup>384</sup> Texto grego retirado de Müller, 1853 = *TLG*.

templo a Afrodite Lâmia. Ela era amante de Demétrio, assim como também o era Leona.<sup>385</sup>

### **Comentário:**

Os dois fragmentos tratam da relação de Demétrio Poliorcetes com a *hetaira* Lâmia.

**ποικίλης στοῶς:** Polemon nos informa que a colunata colorida que se encontrava na cidade de Sición foi construída por Lâmia (κατασκευάσαι δὲ Σικωνίους τὴν προκειμένην στοῶν), a *hetaira* que foi uma das mais notórias amantes de Demétrio Poliorcetes.<sup>386</sup> Ele também afirma que a mesma Lâmia era filha de um ateniense chamado Cleandro (θυγατέρα μὲν εἶναι Κλεάνορος Ἀθηναίου), e que teve uma filha com Demétrio, de nome Fila (ἐξ ἧς ἔσχε καὶ θυγατέρα Φίλαν).

**ἰδρῦσαντο ναὸν Ἀφροδίτης Λαμίας:** o fragmento 15 trata dos absurdos cometidos pelos gregos para homenagear Demétrio.<sup>387</sup> Nesse caso, são os tebanos que lhe ofereceram a construção de um templo em honra de Afrodite Lâmia, num sincretismo entre a deusa do amor e a amante-prostituta de Demétrio, que enfureceu alguns dos gregos mais conservadores. Esse fragmento nos informa também que Demétrio não tinha apenas Lâmia como sua amante, mas também outra *hetaira* de nome Leona, dado já comentado nas anedotas de Mácon.<sup>388</sup>

---

<sup>385</sup> Cf. nesta tese Ateneu, *Deipnosophistas*, pp. 219-233.

<sup>386</sup> Uma colunata era um corredor retangular com colunas dos dois lados de maior extensão, e aberturas nos dois lados menores. Era coberto e figurava ao redor da *Ágora* (LSJ, 1996, p. 1647). A colunata mais antiga que ainda está de pé se encontra na cidadezinha de Artemísia, no Museu Arqueológico de Brauron, na região metropolitana de Marcópolis, que fica a aproximadamente 50km de Atenas. O sítio arqueológico foi escavado entre 1948 e 1963. A colunata fazia parte do prédio do templo dedicado à Ártemis Braurona (ou Vravrona), que foi construído entre 430 e 420 a.C. De toda a construção, somente as colunas estão de pé. Cf. Baumgarten (*Baedeker*), 1995, pp. 195-196; Simmonds (*DK*), 2004, pp. 142-143 para o mapa, e pp 146-147 para o texto sobre o sítio e o museu; cf. ainda o sítio oficial do Ministério da Cultura grego [http://odysseus.culture.gr/xx/1/eh155.jsp?obj\\_id=3359](http://odysseus.culture.gr/xx/1/eh155.jsp?obj_id=3359). A cidade de Sición ficava localizada numa planície a oeste de Corinto, porém o sítio original ainda é desconhecido, pois ela foi capturada por Demétrio Poliorcetes em 303 a.C., que a moveu para acima da planície. Ele a renomeou Demetrias, mas esse nome não durou. Sición fazia parte da Liga do Peloponeso e em 480 a.C. a cidade forneceu 12 navios na Batalha de Artemision e depois mais 15 na de Salamina. Um ano mais tarde enviou 3000 hoplitas para a Batalha de Plateia, em 479 a.C. Ártemis era a deusa padroeira da cidade, e Apolo o deus mais reverenciado. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1204 e 1403-1404; Hansen & Nielsen, *IACP*, 2005, pp. 468-470. Nenhum desses autores menciona o pórtico colorido ao qual Polemon se refere nos dois trechos discutidos acima.

<sup>387</sup> Cf. nesta tese Plutarco, *Demétrio*, pp. 173-184.

<sup>388</sup> Cf. acima Mácon, pp. 127-128 desta tese.

---

## Σῆμος - Semo *ca.* 200 a.C.

(*Apud* escólio anônimo à *Odisseia* XII.124)

---

### ***Fragmenta, ΔΗΛΙΑΣ, E LIBRIS INCERTIS, 18a1-6***<sup>389</sup>

Schol. in Hom. Odys. μ.124: Κράταιϊν (praestat Κραταιῖν) Σχῆμος (l. Σῆμος Cramer.) φησιν Ἐκάτης καὶ Τρίτωνος, Κραταιῖ ἢ τας δὲ (l. Κραταιῖδος δὲ) καὶ Δείμου Σκύλλαν. Στησίχορος Λάμιαν φησὶ τῆς Σκύλλης μητέρα.

### **Tradução:**

#### ***Fragmentos, De Delos, de livro incerto, 18a1-6***

Escólio em Homero *Odisseia* XII.124: Cratei (garantido Crateí) Squemo (l. Semo Cramer.) diz que Crateis era filha de Hécate e Tritão (l. de Crateis) e Cila era filha de Demos. Estesícoro diz que Lâmia era mãe de Cila.

### **Comentário:**

**Στησίχορος Λάμιαν φησὶ τῆς Σκύλλης μητέρα:** na verdade, esse fragmento é um comentário anônimo ao verso 124 do canto XII da *Odisseia* de Homero, em que o comentador cita alguém que pode ser Semo ou não, já que um manuscrito cita Σχῆμος, e o editor, Cramer, arrumou para Σῆμος, tomando como pressuposto que tenha sido esse gramático délio, do qual pouco se sabe, o autor do comentário. Contudo, a citação sobre Lâmia não é de autoria dele, mas, novamente, do poeta Estesícoro. Assim, reproduzimos aqui o fragmento sugerido pela pesquisa no *TLG*, mas não temos certeza de que seja realmente de Semo.<sup>390</sup>

---

<sup>389</sup> Texto grego retirado de Müller, 1841-1870 = *TLG*.

<sup>390</sup> Cf. *TLG*, Λάμιαν, 15. Semus Gramm. {1663}; cf. nesta tese Estesícoro, pp. 55-57.

---

## Πολύβιος - Políbio *ca* 200 - 118 a.C.

(*Apud Excerpta Antiqua*<sup>391</sup>)

---

### **ΙΣΤΟΡΙΩΝ ΙΧ.29.1.1-3.9**<sup>392</sup>

Καὶ μὴν περὶ τῶν διαδεξαμένων τούτου τὰ πράγματα πῶς κέχρηται τοῖς Ἕλλησι, τί με δεῖ κατὰ μέρος λέγειν; οὐδεὶς γάρ ἐστι τῶν ὄντων (οὕτως) ἀπράγμων ὃς οὐχὶ πέπυσται πῶς Ἀντίπατρος μὲν ἐν τῇ περὶ Λαμίας μάχῃ νικήσας τοὺς Ἕλληνας κάκιστα μὲν ἐχρήσατο τοῖς ταλαιπώροις Ἀθηναίοις, ὁμοίως δὲ καὶ τοῖς ἄλλοις, εἰς τοῦτο δ' ὕβρεως ἦλθε καὶ παρανομίας ὡς φυγαδοθήρας καταστήσας ἐξέπεμψε πρὸς τὰς πόλεις ἐπὶ τοὺς ἀντειρηκότας ἢ καθόλου λελυπηκότας τι τὴν Μακεδόνων οἰκίαν.

### **Tradução:**

#### ***Histórias* 9.29.1.1-3.9**

E o que me é necessário dizer, em detalhes, sobre essas coisas que foram ordenadas aos helenos pelos sucessores? Pois não existe ninguém dos viventes, de outro modo desocupados, que não saiba como Antípatro, tendo vencido a guerra ao redor de Lâmia, proclamou as piores coisas tanto aos sofridos atenienses, quanto também aos outros. E para isso chegou ao excesso e à atitude fora da lei de enviar caçadores de exilados para as cidades para que trouxessem de volta quaisquer opositores ou ofensores de modo geral da casa dos Macedônios.

### **Comentário:**

**ἐν τῇ περὶ Λαμίας μάχῃ:** nosso termo de estudo aqui alude à guerra orquestrada na cidade tessália de Lâmia, que já foi mencionada anteriormente.<sup>393</sup>

O nono livro da *Histórias* de Políbio chegou para nós em um estado muito

---

<sup>391</sup> De acordo com Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1210, os excertos dos livros perdidos 6-18 têm como sua fonte principal essa coleção chamada *Excerpta Antiqua*, um resumo contínuo desses livros. Para o que ainda falta da obra usa-se outra coleção de excertos, mais recente que a *Antiqua*, organizada a pedido de Constantino VII Porfirogênito, e registrada por vários estudiosos. Cf. ainda Walbank, 1979, p. 1, onde esse autor explica como aconteceu a reunião dos trechos do livro XX.

<sup>392</sup> Texto grego retirado de Büttner-Wobst, 1962-1967 = *TLG*.

<sup>393</sup> Cf. nesta tese Sílax de Carianda, pp. 64-65, que descreve a cidade tessália de Lâmia.

fragmentado, apenas através de compilações bizantinas.<sup>394</sup> No trecho em questão, Políbio está citando, em discurso direto, os discursos que fizeram Cleneias da Etólia e Licisco de Acarnânia em Esparta, lembrando os gregos dos acontecimentos anteriores ao domínio romano, e perguntado a eles como poderiam se aliar aos macedônios, que os haviam tratado tão mal, e os dominado antes dos romanos.<sup>395</sup> A postura de Políbio é a de que os romanos são os libertadores da Grécia do jugo macedônico.

---

**ΙΣΤΟΡΙΩΝ XX.11.1.1-4.9<sup>396</sup>**

Περὶ δὲ τῆς συμβάσης τῷ Νικάνδρῳ περιπετείας οὐκ ἄξιον παρασιωπῆσαι. παρεγενήθη μὲν γὰρ ἐκ τῆς Ἐφέσου δωδεκαταῖος εἰς τὰ Φάλαρα πάλιν, ἀφ' ἧς ὥρμηθ' ἡμέρας· καταλαβὼν δὲ τοὺς Ῥωμαίους ἔτι περὶ τὴν Ἡράκλειαν, τοὺς (δὲ) Μακεδόνας ἀφεστῶτας μὲν ἀπὸ τῆς Λαμίας, οὐ μακρὰν δὲ στρατοπεδεύοντας τῆς πόλεως, τὰ μὲν χρήματ' εἰς τὴν Λαμίαν διεκόμισε παραδόξως, αὐτὸς δὲ τῆς νυκτὸς ἐπεβάλετο κατὰ τὸν μεταξὺ τόπον τῶν στρατοπέδων διαπεσεῖν εἰς τὴν Ὑπάταν.

**Tradução:**

***Histórias* 20.11.1.1-4.9**

Convém não omitir as reviravoltas acerca da sorte de Nicandro. Tendo pois chegado de Éfeso, da qual tinha saído, até Fálara de novo no décimo segundo dia, encontrou os romanos ainda em Heracleia, e os macedônios, que já tinham deixado Lâmia, acampados não distante da cidade. Inacreditavelmente, ele carregou o dinheiro para Lâmia e, à noite, tentou escapar para Hipata, pela região no meio dos dois

---

<sup>394</sup> A obra *Histórias* de Políbio era composta de 40 livros, dos quais cinco chegaram intactos à Posteridade. Os outros chegaram apenas através de compêndios de fragmentos organizados e mantidos, em sua maioria, pelas bibliotecas de Bizâncio. Mesmo assim, Políbio é o único historiador helenístico cuja obra nos chegou em uma boa quantidade. As obras de outros, como Dúris, Filarco, Polemon, só nos chegaram através de citações. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1209-1210.

<sup>395</sup> Licisco de Acarnânia foi comandante da Liga Etólia por duas vezes, 178-177 a.C. e 172-171 a.C., era favorável ao domínio romano.

<sup>396</sup> Frank Walbank afirma que esse trecho foi retirado da reunião de excertos feita a pedido de Constantino VII Porfirogênito. Cf. Walbank, 1979, p. 1. É possível consultar também uma tabela de fragmentos organizada por ele, pp. 51-62. Os fragmentos do livro XX estão na p. 56. A partir da p. 64, Walbank inicia seu comentário do livro XX, explicando que ele conta sobre o prosseguimento das hostilidades entre Roma e o Império Selêucida, que Políbio começa a relatar no livro XIX. Walbank faz um paralelo constante de Políbio com Tito Lívio, que também contou a história de como Roma dominou todo o mundo civilizado em um período de apenas 53 anos, feito que fascinava Políbio (Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1210).

acampamentos.

### Comentário:

No trecho acima Políbio narra um episódio ocorrido em meio à Primeira Guerra Macedônica, depois da Primeira Batalha de Lâmia.<sup>397</sup> Frank Walbank afirma que ele

---

<sup>397</sup> O segundo grande movimento militar na região da cidade de Lâmia aconteceu no contexto das Guerras Macedônicas, entre a Roma Republicana e seus aliados gregos (a Liga Etólia e a Liga Aqueia), e diversos reinos de base helênica, como o reino macedônico, o reino selêucida, e alianças de gregos rebeldes. Elas se estenderam do ano de 214 a.C., data do primeiro conflito armado entre romanos e o rei Felipe V da Macedônia (antepenúltimo/penúltimo membro da dinastia Antigônida), ao ano de 148 a.C., quando os romanos venceram definitivamente os rebeldes macedônios na Batalha de Pidna, anexando a Macedônia como província romana dois anos depois, em 146 a.C.

A Primeira Guerra Macedônica, 214-205 a.C., não pode ser considerada uma guerra *stricto sensu*, mas sim uma série de batalhas menores, esparsas, no que foi apenas uma tentativa de Roma de manter a Macedônia ocupada o suficiente para não fornecer reforços ao general cartaginês Aníbal, o que poderia ter mudado os rumos da Segunda Guerra Púnica. Assim, os romanos se contentaram em manter a Macedônia e as cidades-estados gregas desestabilizadas e incapazes de se organizar em um único e poderoso bloco. Roma estava em pleno processo de luta contra Cartago, nas Guerras Púnicas, e não tinha interesse em abrir outra grande frente de batalha. De fato, o que incitou os romanos a interferirem na região grega foi a aliança da Macedônia com o general cartaginês Aníbal, o que poderia ser uma fonte ameaçadora de perigo, pois os macedônios poderiam reforçar o exército cartaginês, e, além de permitir que Aníbal invadisse Roma, poderiam também se tornar a influência definitiva na Grécia, como nos séculos anteriores. Essa primeira guerra foi, então, efetiva em seu objetivo principal, que abriu caminho para que Roma investisse mais incisivamente contra a região nas guerras que se seguiram. A Primeira Guerra Macedônica foi composta de três batalhas principais: a Primeira Batalha de Lâmia, a Segunda Batalha de Lâmia, e a Batalha de Mantinea, e terminou com a assinatura do Tratado de Fenice, em que Roma e seus aliados aceitaram os termos de Filipe V e seus aliados. Roma, na verdade, havia atingido seu objetivo primeiro que era evitar que Filipe V se reunisse com Aníbal, fornecendo-lhe reforços. Assim, já muito ocupada com a Segunda Guerra Púnica, e já tendo sofrido uma derrota atroz nas mãos dos cartagineses (na Batalha de Canas, em 216 a.C.), Roma preferiu deixar a Grécia e o leste para os macedônios naquele momento. De modo que a Primeira Guerra Macedônica nada mais foi do que uma série de escaramuças entre os macedônios e os aliados de Roma na Grécia, das quais Roma pouco participou. Roma tinha como aliados principais a Liga Etólia e Átalo I de Pérgamo, enquanto a Macedônia tinha a Liga Aqueia. As batalhas em Lâmia foram disputadas entre macedônios e etólios. O que os romanos fizeram foi basicamente atrair o exército macedônico para batalhas menores, impedindo-o de fornecer reforços a Aníbal, que estava em pleno movimento de ocupação da Itália, e teria possivelmente conquistado Roma se tais reforços tivessem chegado em seu auxílio. Cf. Shipley, 2000, pp. 371-374.

O reino Selêucida foi fundado por Seleuco, um dos generais de Alexandre, que recebeu o governo da Babilônia na ausência de Alexandre. Quando Alexandre morreu, Seleuco se aliou a Pérdicas, sendo um dos três generais honrados com o comando do novo exército macedônico, sob a regência de Pérdicas. Contudo, Pérdicas perdeu muitas batalhas contra Ptolomeu e seu exército se rebelou contra ele, que acabou assassinado por seus três generais. Antípatro foi então declarado novo regente do Império de Alexandre. Sob a nova regência, Seleuco continuou como sátrapa da Babilônia. Contudo, como logo após o acordo com a partição do Império Alexandrino em Triparadiso as Guerras dos Diádocos se iniciaram, Seleuco foi obrigado a fugir da Babilônia, que foi atacada por Antígono Monóculo. Ele retornou a essa cidade em 312 a.C., com auxílio de Ptolomeu, e a partir dela, conquistou todo o território leste do ex-Império Alexandrino. Sua participação na Batalha de Ipsos, em que Lisímaco, Ptolomeu e ele enfrentaram Antígono Monóculo, foi decisiva. Sua força de 500 elefantes de guerra era irresistível e Antígono acabou morto, e seu filho, Demétrio Poliorcetes, foi obrigado a fugir. A partir dessa vitória, a dinastia selêucida não mais encontrou rival nem na parte asiática, nem na parte anatólica do ex-Império Alexandrino. Seleuco nomeou então seu filho regente do agora Império Selêucida e partiu para a Europa para reconquistar a Macedônia. Foi assassinado pelo filho mais velho de Ptolomeu, Ptolomeu Cerauno, que estava governando a Macedônia, antes de alcançar seu objetivo, em 281 a.C. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1380-1381 para Seleuco e os selêucidas, pp. 57-

está narrando as negociações frustradas entre os etólios e os romanos.<sup>398</sup> Nicandro era um participante da Liga Etólia, foi general da cavalaria dos etólios, e já tinha estado em Fálara em uma outra ocasião em que servira de emissário dessa liga ao rei

---

59 para Alexandre III o Grande, p. 1138 para Pérdicas, pp. 1271-1272 para Ptolomeu, p. 105 para Antígono Monóculo, e pp. 448-449 para Demétrio Poliorcetes.

Sobre a Guerra contra o Império Selêucida não trataremos aqui por entendermos que foge ao nosso contexto, apesar de ter tido grande influência na situação política da Grécia. O Império Selêucida, sob seu rei, Antíoco III, fez uma tentativa de dominar a Grécia e, partindo de lá, Roma, ao aliar-se ao general cartaginês Aníbal, que havia sido derrotado na Segunda Guerra Púnica. Contudo, os romanos atacaram os selêucidas no Paço das Termópilas, derrotando-os, e perseguindo-os até a Ásia, na primeira vez em que o exército romano entrou nesse continente, na cidade de Magnésia no Helesponto, onde infligiu uma derrota maciça às forças selêucidas. O Império Selêucida, após essa derrota, assinou com os romanos a Paz de Apameia, em 188 a.C., na qual doava largas porções de seu território aos vencedores, e acabou por desabar nos cem anos seguintes, pois, enfraquecido, foi atacado por outros inimigos, como os pártios e os pônticos. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 108 (Antíoco III), p. 912 (Batalha de Magnésia); cf. ainda nesta tese "Anexos", "Tabelas", Tabela 9: Guerras Macedônicas, pp. 328-329, onde também figura a guerra de Roma contra o Império Selêucida.

A Liga Etólia foi uma aliança entre diversas cidades-estado gregas que se iniciou no século IV a.C., com centro na Etólia, região da Grécia central, e aos poucos foi ganhando poder e prestígio. Muitos estudiosos acreditam que foi formada como consequência da ascensão de Filipe II da Macedônia que, após uma vitória contundente contra os atenienses e seus aliados na Batalha de Queroneia (338 a.C.), teria dado o controle do território de Náupactos (Lepanto) aos etólios, garantindo assim sua cooperação com a Macedônia. Contudo, a Liga Etólia foi o primeiro aliado de Roma dentre os gregos, ajudando-a a ganhar a Segunda Guerra Macedônica. Mas, em um outro revés, descontente com a interferência romana na Grécia, a Liga se aliou ao soberano do Império Selêucida, Antíoco III, durante a Guerra Romano-Síria (dos romanos contra os selêucidas). Como sabemos, Roma venceu essa guerra em 188 a.C., obrigando a Liga a se tornar um aliado vassalo que contribuía com taxas. O poder da Liga Etólia nunca mais foi reestabelecido. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 32.

Houve duas Ligas Aqueias (confederação de cidades-estado gregas do norte e centro do Peloponeso), uma no século V a.C. e outra que durou de 280 a 146 a.C., pois a primeira fora dissolvida em algum momento anterior a sua retomada em 281/280 a.C. Seu líder era sempre um estrategista eleito pela confederação. Durante os anos de 196 a 191 a.C., sob a liderança de Filopóemen, passou por um processo de grande expansão, em que absorveu até mesmo seus inimigos peloponésios da Liga Etólia. Durante esse mesmo período, até aproximadamente 188 a.C., lutou ao lado dos romanos contra Antíoco III, do Império Selêucida, e Perseu, da Macedônia. Contudo, devido a pressões internas, insurgiu-se contra os romanos na chamada Guerra da Aqueia, que durou de 146 a 145 a.C., na região de Corinto, que acabou com uma derrota total da Liga, seu desmantelamento e a completa destruição da cidade de Corinto. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 4-5.

A Dinastia Antigônida, dos descendentes de Antígono Monóculo, praticamente governou a Macedônia desde que Demétrio Poliorcetes usurpou o poder da dinastia Antipátrida, em 294 a.C. A Dinastia Antipátrida foi fundada por Cassandro, filho de Antípatro, que se autoproclamou rei da Macedônia (305 a.C.) após usurpar o poder de Poliperconte, o sucessor que havia sido indicado por seu pai. Indignado, Cassandro se aliou a Antígono Monóculo, e eles lutaram contra Poliperconte. Contudo, depois da vitória, os dois aliados entraram em guerras consecutivas entre si, arrastando seus descendentes consigo. Assim, os filhos de Cassandro, Alexandre V e Antípatro II, que subiram juntos ao trono da Macedônia em 297 a.C., só o mantiveram até 294 a.C., quando Antípatro II tentou matar o irmão, Alexandre V, que se aliou a Demétrio Poliorcetes. Este último acabou matando Alexandre V e pegando para si, e seus descendentes, o trono da Macedônia. Cf. nesta tese Anexos, Tabelas, Tabela 7: Dinastia Antipátrida, p. 326 e Tabela 8: Dinastia Antigônida p. 326-327. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 105 para Antígono Monóculo, p. 110 para Antípatro, pp. 297-298 para Cassandro, p. 1213 para Poliperconte, p. 448-449 para Demétrio Poliorcetes. Cf. "Anexos" desta tese, "Tabelas", Tabela 9: Guerras Macedônicas, pp. 328-329, uma tabela com as datas, locais e batalhas principais das Guerras Macedônicas.

Para um relato completo sobre as Guerras Macedônicas e suas consequências, cf. Shipley, 2000, pp. 371-386; Walbank, 1979, pp. 77-83.

<sup>398</sup> Cf. Walbank, 1979, p. 77.

selêucida, Antíoco III, o grande, na Ásia (como já visto, os navios da Ásia Menor chegavam em Fálara, porto da cidade de Lâmia).<sup>399</sup> Ele e o rei tinham chegado a um acordo, e selado uma aliança. Por essa época, a Liga Etólia estava em uma má situação, porque tinha quebrado sua aliança com os romanos, e estava sendo pressionada por eles a se render incondicionalmente e se submeter às suas exigências, e também estava acuada entre a Liga Aqueia e os macedônios, e os pergamenses (que no início haviam sido aliados dos romanos, mas depois declararam seu interesse na região).

Nessa segunda visita a Fálara, Nicandro tinha contrabandeado uma certa quantidade de dracmas que ele pretendia dar, em nome da Liga Etólia, ao rei Antíoco III. Contudo, ao tentar escapar pelo meio dos dois acampamentos militares (um dos romanos, e um dos macedônios, vencedores da Primeira Batalha de Lâmia), foi capturado pelos macedônios, e tratado por Filipe V com extrema cortesia. Filipe apenas fez a Nicandro um discurso sobre como os etólios haviam sido bobos ao se aliar primeiro aos romanos e depois a Antíoco III, e trazê-los para a Grécia, causando divisão entre os próprios gregos, e seu conseqüente enfraquecimento ante esses dois poderes. Ele reiterou ainda que era hora de os etólios se aliarem, como os aqueus já haviam feito, aos macedônios, que também eram gregos e queriam a paz de toda a região. Nicandro, de acordo com Políbio, deu o recado aos líderes da Liga Etólia e permaneceu, até o fim de seus dias, devoto à casa real da Macedônia.

---

<sup>399</sup> Cf. Walbank, 1979, p. 82, para um resumo da vida de Nicandro. Antíoco III, o grande, viveu de 242 a 187 a.C., e ficou conhecido como "restitutor orbis", pois em seus 36 anos de reinado reestabeleceu a glória e as fronteiras do Império selêucida, que havia anos estava perdendo território para seus vizinhos. Sua campanha na Trácia, que sempre havia sido reclamada pelos selêucidas como território deles, o colocou em posição ofensiva contra Roma, cujas aspirações imperialísticas englobavam essa região. A diplomacia dos anos 196-193 falhou, e finalmente Antíoco invadiu a Grécia. Ele foi derrotado pelos romanos em duas batalhas terrestres, nas Termópilas e na Magnésia, na Ásia Menor, em 191 a.C., e em uma batalha naval. Essa batalha na Magnésia foi a primeira campanha romana fora da Europa, e a partir daí Roma ganhou satrapias selêucidas na Ásia Menor. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 108.

---

## Gaius Lucilius - Lucílio *ca.*180-103 a.C.

(*Apud* Lactâncio, *Instituições Divinas* 1.22.13)

---

### Lactantius, *Institutiones Divinae* 1.22.13<sup>400</sup>

Lucilius eorum stultitiam, qui simulacra deos putant esse, deridet his versibus:

Terriculas Lamias, Fauni quas Pompiliique  
instituere Numae, tremit has hie omnia ponit.  
Ut puere infantes credunt signa omnia aena  
vivere et esse homines, sic isti somnia ficta  
vera putant, credunt signis cor inesse in aenis.  
Pergula pictorum, veri nil, omnia ficta

### Tradução:

#### Lactâncio, *Instituições Divinas* 1.22.13

Lucílio zomba da estupidez dos que pensam que as estátuas são deuses nos versos seguintes:

espantalhos *lâmias*, os que Fauno e Numa Pompílio  
instituíram, treme por elas e pensa que tudo podem.  
Como crianças pequenas crêem que todas as estátuas de bronze  
vivem e são homens, assim estes as mentiras dos sonhos,  
pensam ser verdadeiras, crêem que estátuas de bronze encerram  
um coração dentro. Galeria de pinturas, nenhuma verdade, tudo  
[ficção].<sup>401</sup>

---

<sup>400</sup> Caio Lucílio, autor de mais de 100 epigramas satíricos na época de Nero. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 888. Sua obra chegou-nos apenas através de citações: o versinho acima está citado na obra de Lactâncio, *Instituições Divinas* 1.22.13, cf. Page, Capps & Rouse, 1938, fg. 524-9.

<sup>401</sup> Nossa tradução, comparada com a de Page, Capps & Rouse, reproduzida a seguir. Cf. Page, Capps & Rouse, 1938, fg. 524-9, pp. 166, com tradução na p. 167: "Lactantius: Lucilius, in the following lines, laughs at the silliness of those who think that images are gods: 'As for scarecrows and witches, which our Fauns / and Numa Pompiliuses established—he trembles / at them, and thinks them all-important. As baby / children believe that all bronze statues are alive / and are men, so these (superstitious grown-ups) think / the fictions of dreams are real, and believe that / bronze statues have a living heart inside. These / things are a painters' gallery, nothing real, all make-believe'".

### Comentário:

**terrículas lamias:** Page, Capps & Rouse traduziram *lamias* por "bruxas (witches)", o que não nos parece ser muito acurado. O que Lucílio quer demonstrar com sua citação desses seres em conjunto com os espantalhos, é que são enganações, mentiras usadas por adultos para enganar as crianças pequenas, e os adultos que se comportam como crianças pequenas.

O trecho da obra de Lactâncio em que essa citação está inserida é uma crítica aos adultos que se comportam como crianças por acreditarem em tais mentiras. Ele está incluído no primeiro livro da obra, que trata somente dos falsos deuses, os deuses pagãos. Se encontra no vigésimo segundo capítulo desse mesmo livro, em que Lactâncio cita os responsáveis pelo estabelecimento dos ritos aos "falsos deuses" na Itália, no Lácio, e em outras nações, e relata como essas primeiras adorações aconteceram. Ele responsabiliza Numa Pompílio e Fauno, reis míticos dessas regiões, por tais invenções.<sup>402</sup>

Ainda a respeito da tradução de *lamias* por bruxas, é Apuleio quem vai usar essa palavra como xingamento, feito por um de seus personagens às feiticeiras que matam seu amigo.<sup>403</sup> Para a obra desse autor tal tradução parece ser perfeita, embora ela não seja de todo inadequada no contexto da obra de Lactâncio. Contudo, nos parece mais adequado traduzi-la por bichos-papões, ou paponas, pela referência clara que Lucílio faz a seu papel de "pavor infantil". O contexto do uso da palavra nesse trecho de Lactâncio está mais próximo de Horácio que de Apuleio.<sup>404</sup>

---

<sup>402</sup> Numa Pompílio foi o mítico segundo rei de Roma, que supostamente estabeleceu todo o contexto religioso romano. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1217-1218. Fauno é um dos reis míticos da região do Lácio, na Itália, que foi confundido com uma das deidades da natureza, a quem é atribuída a instituição das práticas religiosas públicas dessa região. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 590.

<sup>403</sup> Cf. nesta tese Apuleio, pp. 217-218, onde há um comentário sobre o uso de *lâmia* para indicar as feiticeiras que são as "vilãs" de uma parte do relato de Apuleio.

<sup>404</sup> Cf. nesta tese Horácio, pp. 152-153.

---

# Διόδωρος Σικελιώτης - Diodoro Sículo

I a.C.

---

## ***BIBΛΙΟΘΗΚΗ ΙΣΤΟΡΙΚΗ, 17.111.1.1-4***<sup>405</sup>

Ἄμα δὲ τούτοις πραττομένοις κατὰ τὴν Ἑλλάδα ταραχαὶ συνίσταντο καὶ πραγμάτων καινῶν κινήσεις, ἐξ ὧν ὁ Λαμιακὸς πόλεμος κληθεὶς ἔλαβε τὴν ἀρχήν, [...].

### **Tradução:**

#### ***Biblioteca Histórica, 17.111.1.1-4***

Enquanto essas coisas se desenrolavam, pela Hélade tumultos e movimentos de novas ocorrências se acumulavam, dos quais a chamada guerra lamíaca se originou, [...].<sup>406</sup>

---

<sup>405</sup> Texto grego retirado de Fisher & Vogel, 1964 = TLG. A *Biblioteca Histórica*, obra que pretendia contar a história do mundo conhecido, era composta de quarenta livros. Desses, apenas quinze sobreviveram na íntegra, dos outros temos apenas fragmentos. Apesar de sua pretensão inicial, Diodoro se concentra na história da Grécia e da Sicília até o início da Primeira Guerra Púnica. A *Biblioteca* permanece sendo a mais bem preservada obra histórica de um autor da Antiguidade, e narra eventos que não aparecem em mais lugar nenhum, como a história da Sicília. A narrativa da ascensão de Filipe II da Macedônia até a Batalha de Ipsos, onde morreu Antígono Monóculo está completa, incluída nos livros que estão totalmente preservados. Diodoro completou sua obra em 30 a.C., e narrou eventos até o ano 60 a.C. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 472-473.

<sup>406</sup> Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica*, 17.111.1-3: "τοῦ βασιλέως προστάξαντος τοῖς σατράπαις ἄπασιν ἀπομίσθους ποιῆσαι τοὺς μισθοφόρους καὶ τούτων τὸ πρόσταγμα συντελεσάντων πολλοὶ τῆς στρατείας ἀπολελυμένοι ξένοι διέτρεχον καθ' ὅλην τὴν Ἀσίαν πλανώμενοι καὶ τὰς ἀναγκαίας τροφὰς ἐκ τῶν προνομῶν πορίζομενοι. μετὰ δὲ ταῦτα πανταχόθεν διῆραν ἐπὶ Ταίναρον τῆς Λακωνικῆς. ὁμοίως δὲ καὶ τῶν Περσικῶν σατραπῶν καὶ τῶν ἄλλων ἡγεμόνων οἱ περιλειφθέντες χρήματά τε καὶ στρατιώτας ἀθροίζοντες ἐπλεον ἐπὶ Ταίναρον καὶ κοινήν δύναμιν ἤθροίζον. τὸ δὲ τελευταῖον Λεωσθένην τὸν Ἀθηναῖον, ἄνδρα ψυχῆς λαμπρότητι διάφορον καὶ μάλιστα' ἀντικείμενον τοῖς Ἀλεξάνδρου πράγμασιν, εἵλοντο στρατηγὸν αὐτοκράτορα. οὗτος δὲ τῆ βουλῇ διαλεχθεὶς ἐν ἀπορρήτοις πενήτηκοντα μὲν ἔλαβε τάλαντα πρὸς τὴν μισθοδοσίαν, ὅπλων δὲ πλῆθος ἰκανὸν εἰς τὰς κατεπειγούσας χρεῖας, πρὸς δὲ Αἰτωλοὺς ἀλλοτρίως ἔχοντας πρὸς τὸν βασιλέα περὶ συμμαχίας διεπρεσβεύσατο καὶ πάντα τὰ πρὸς τὸν πόλεμον παρεσκευάζετο. Λεωσθένης μὲν οὖν προορώμενος τὸ μέγεθος τοῦ πολέμου περὶ ταῦτα διέτριβεν. ὁ δ' Ἀλέξανδρος τῶν Κοσσαίων ἀπειθούντων ἐστράτευσεν ἐπ' αὐτοὺς εὐζώνῳ τῆ δυνάμει" - "O rei dera uma ordem para que todos os sátrapas dispensassem os mercenários, e esses cumpriram a ordem, de modo que muitos estrangeiros do exército, arruinados, se espalharam por toda a Ásia, perambulando e retirando o sustento para suas necessidades de pilhagens. Mas depois disso, acorreram de todos os lados para Tenaro, na Lacônia. Da mesma maneira, os sátrapas pérsicos e os outros comandantes sobreviventes, reunindo riquezas e soldados, navegaram até Tenaro e lá aglomeraram uma força comum. Por último, Leóstenes Ateniense, um homem diferente, de alma com brilho, e contrário aos atos de Alexandre, se tornou um general independente. Ele foi escolhido pela Assembleia e recebeu em segredo cinquenta talentos para os soldos e armamentos em abundância suficiente para as necessidades urgentes. Ele enviou uma embaixada aos etólios, que eram hostis ao rei, acerca de uma aliança, e aprontava tudo para a guerra. Então de um lado Leóstenes gastava a maior parte de seu tempo preparando as coisas acerca da guerra, enquanto do outro, Alexandre, coroado com seu poder, marchava contra os cossaios rebeldes".

### Comentário:

O livro 17 está dividido em 118 capítulos. O capítulo 111 trata do contexto do Império Alexandrino pouco antes da Guerra de Lâmia. No início do capítulo, Diodoro introduz a guerra, mas em seguida passa a tratar dos momentos finais de Alexandre, que ele descreve com detalhes nos capítulos 112 a 118. Os capítulos 114 e 115 tratam dos arranjos funerários de Heféstion e da grande amizade entre ele e Alexandre; o capítulo 116 trata dos presságios que Alexandre recebeu de sua morte; o 117 trata dos pormenores da morte de Alexandre, e o 118 descreve outras hipóteses para a morte do rei, e algumas consequências que se seguiram logo após.<sup>407</sup> Diodoro termina esse capítulo dizendo que, nos próximos livros vai narrar as Guerras dos Diádocos.

O capítulo 111 é dividido em seis seções: as três primeiras falam do contexto da guerra de Lâmia, e o leitor tem a impressão de que Diodoro continuará citando as razões da guerra, mas não é isso o que ele faz. Na quarta seção o autor relata as ações de Leóstenes, que, após ter sido escolhido estrategista em Atenas, estava angariando mercenários vindos da Ásia para seu exército.<sup>408</sup> Alexandre estava lutando contra os cossaios, que haviam se rebelado contra sua autoridade, o que Diodoro pontua nas seções cinco e seis.<sup>409</sup> Nessa última, ele passa a narrar os momentos finais do rei macedônico até sua morte, e se esquece de terminar de fornecer as razões da Guerra de Lâmia, das quais só vai tratar novamente no livro XVIII. Contudo, esse livro está em estado muito fragmentário, de modo que pouco se sabe dos pormenores da guerra.

---

### 18.p.1.13-30: Τάδε ἔνεστιν ἐν τῇ ὀκτωκαιδεκάτῃ τῶν Διοδώρου βύβλων.<sup>410</sup>

ζ'. Ὡς Ἀθηναῖοι πόλεμον ἐξήνεγκαν πρὸς Ἀντίπατρον τὸν ὀνομασθέντα Λαμιακόν.

ζ'. Ὡς Λεωσθένης ἀναδειχθεὶς στρατηγὸς καὶ συστησάμενος δύναμιν ἐνίκησε μάχῃ

---

<sup>407</sup> O debate sobre as causas da morte de Alexandre continua até hoje, assim como a procura pelo local onde foi enterrado seu corpo. A última hipótese de que tivemos notícia foi em um artigo interdisciplinar, escrito por um epidemiologista e um microbiologista americanos, com ajuda de classicistas, que fizeram uma análise de caso para Alexandre e os sintomas descritos na literatura a respeito de sua morte (em sua maioria relatos de Plutarco), e o diagnosticaram como tendo sido morto por uma encefalite causada pelo vírus do Nilo Ocidental. Cf. Marr & Calisher, 2003.

<sup>408</sup> Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica*, 17.111.4. Essas ações de Leóstenes, como já vimos, são questionadas por Walsh, 2011 e, principalmente, 2012. Cf. nesta tese Coerilo de Iaso, pp. 103-105.

<sup>409</sup> Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica*, 17.111.5-6.

<sup>410</sup> Estão traduzidas neste trecho apenas as partes dessa síntese que dizem respeito à Guerra de Lâmia, por isso a 9ª e a 13ª partes não podem ser vistas (relatam sobre a sucessão nas satrapias e como Pérdicas venceu o rei Ariarates, tomando-o como prisioneiro de guerra).

τὸν Ἀντίπατρον καὶ συνέκλεισεν εἰς πόλιν Λάμιαν.

η'. Λεωσθένους τοῦ στρατηγοῦ τελευτῆ καὶ ἐπιτάφιος.

ι'. Ἴππομαχία τῶν Ἑλλήνων πρὸς Λεοννάτον καὶ νίκη τῶν Ἑλλήνων.

ια'. Ὡς Ἀντίπατρος Λεοννάτου σφαγέντος ἐν τῇ μάχῃ παρέλαβε τὴν Λεοννάτου δύναμιν.

ιβ'. Ὡς Κλεῖτος ὁ τῶν Μακεδόνων ναύαρχος ἐνίκησε δυοὶ ναυμαχίας τοὺς Ἕλληνας.

ιδ'. Ὡς Κρατερὸς βοηθήσας Ἀντιπάτρῳ ἐνίκησε τοὺς Ἕλληνας καὶ κατέλυσε τὸν Λαμιακὸν πόλεμον.

ιε'. Περὶ τῶν ὑπ' Ἀντιπάτρουπραχθέντων πρὸς Ἀθηναίους καὶ τοὺς ἄλλους Ἕλληνας.

### **Tradução:**

#### **18.p.1.13-30: Essas coisas estão no décimo oitavo dos livros de Diodoro.**

6º Como os atenienses deram início à denominada Guerra Lamíaca contra Antípatro.

7º Como Leóstenes, tendo sido alçado a general e de posse do comando, venceu Antípatro em batalha e o encurralou na cidade de Lâmia.

8º O fim do general Leóstenes e seu epitáfio.

10º Batalha da cavalaria dos helenos contra Leônato, e vitória dos helenos.

11º Como Antípatro assumiu o comando de Leônato em batalha quando Leônato morreu.

12º Como Cleito, almirante dos macedônios, venceu os helenos em duas batalhas navais.

14º Como Crátero, em auxílio a Antípatro, venceu os helenos e dissolveu a guerra lamíaca.

### **Comentário:**

Esse é um sumário do conteúdo do livro dezoito de Diodoro, o que acontece no início de cada livro que não está em estado fragmentário. Assim, como pode ser visto nessa lista, o livro dezoito trata do espaço mediterrâneo logo após a morte de Alexandre o grande, o que inclui a Guerra de Lâmia e as Guerras dos Diádocos.<sup>411</sup>

---

<sup>411</sup> O livro 18 da *Biblioteca histórica* está dividido em 75 capítulos, e trata basicamente das Guerras dos Diádocos. Os mais importantes dos oficiais de Alexandre, que acabaram por partilhar seu império após sua morte e se envolveram em inúmeras guerras por esses territórios, ficaram conhecidos como Diádocos. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp 460-461.

#### 18.8.1.1-4

Κατὰ δὲ τὴν Εὐρώπην Ῥόδιοι μὲν ἐκβαλόντες τὴν Μακεδονικὴν φρουρὰν ἠλευθέρωσαν τὴν πόλιν, Ἀθηναῖοι δὲ πρὸς Ἀντίπατρον πόλεμον ἐξήνεγκαν τὸν ὀνομασθέντα Λαμιακόν.

#### Tradução:

#### 18.8.1.1-4

Enquanto na Europa os ródios, atacando a guarda macedônica, libertaram a cidade, os atenienses, por sua vez, deram início à guerra chamada lamíaca, contra Antípatro.

#### Comentário:

No início do capítulo oitavo do décimo oitavo livro, Diodoro começa a falar da Guerra de Lâmia, já que está tratando dos movimentos insurgentes contra os macedônios na Grécia e ao redor do Império Alexandrino, após a morte de Alexandre em 323 a.C.<sup>412</sup>

---

#### 18.12.4.1-13.1.5

μεγάλης δὲ δυνάμεως ταύτης τοῖς Ἀθηναίοις προσγεγενημένης οἱ μὲν Ἕλληνες ἐκράτουν πολὺ τῶν Μακεδόνων ὑπερέχοντες, ὁ δὲ Ἀντίπατρος μάχη λειφθεὶς καὶ τὸ λοιπὸν οὔτε παρατάξασθαι τολμῶν οὔτ' εἰς τὴν Μακεδονίαν ἐπανελθεῖν ἀσφαλῶς δυνάμενος κατέφυγεν εἰς πόλιν Λάμιαν. ἐν ταύτῃ δὲ τὴν δύναμιν συνέχων καὶ τὰ τεῖχη κατασκευάζων, ἔτι δὲ παρασκευὰς ὄπλων καὶ καταπελτῶν καὶ σίτου ποιοῦμενος ἐκαραδόκει τοὺς ἀπὸ τῆς Ἀσίας συμμάχους. Λεωσθένης δὲ μετὰ πάσης τῆς δυνάμεως παρελθὼν πλησίον τῆς Λαμίας καὶ τὴν παρεμβολὴν ὀχυρωσάμενος τάφρῳ βαθεῖα καὶ χάρακι τὸ μὲν πρῶτον ἐκτάξας τὴν δύναμιν προσῆγε τῇ πόλει καὶ τοὺς Μακεδόνας εἰς μάχην προουκαλεῖτο.

#### Tradução:

#### 18.12.4.1-13.1.5

---

<sup>412</sup> Diodoro narra os preparativos e primeiros movimentos da Guerra de Lâmia nos capítulos 8 e 9 do livro 18. Do capítulo 9 ao capítulo 12 Diodoro conta como Leóstenes derrotou Antípatro próximo às Termópilas e como os gregos acuraram os macedônios em Lâmia. No capítulo 13 a morte de Leóstenes e seu funeral, onde Hipérides pronunciou seu renomado *Epitáfio* são contados (cf. nesta tese Hipérides, pp. 97-102). Os capítulos 14 e 15 dão notícia da derrota esmagadora que o general Leônato sofreu para a cavalaria dos tessálios.

Com os atenienses, os helenos eram detentores de uma grande força de tal poder que superavam em muito os macedônios. Assim, Antípatro, tendo saído para a batalha e a seguir não podendo nem empatar, nem sendo capaz de recuar a salvo para a Macedônia, bateu em retirada para a cidade de Lâmia. Nela, enquanto dava ordem de fortificar os muros e fazer provisões de armas, armamento e até de comida, aguardava seus aliados da Ásia. Leóstenes, por sua vez, depois da adição do reforço, tendo chegado perto de Lâmia e fortificado o acampamento com uma trincheira cerrada e uma paliçada, primeiro transferiu o comando e depois prosseguiu para a cidade e conclamou os macedônios à batalha.

### **Comentário:**

Diodoro narra neste trecho o que parece ser o início do cerco em Lâmia. As forças gregas, comandadas por Leóstenes, eram muito superiores às macedônicas, comandadas por Antípatro, que acarabam aquarteladas na cidade, esperando por reforços que viriam da Ásia.<sup>413</sup> Lâmia era um bom lugar para se estar sitiado, porque, segundo relatos, tinha muralhas altas e fortes, que não cairiam sobre qualquer pressão, e estava também muito próxima de um importante porto na comunicação entre Ásia e Europa, seu próprio porto, Fálara.<sup>414</sup>

---

### **18.18.3.1-4.1**

τοῦ δ' Ἀντιπάτρου διακούσαντος τῶν λόγων καὶ δόντος ἀπόκρισιν ὡς ἄλλως οὐ μὴ συλλύσῃται τὸν πρὸς Ἀθηναίους πόλεμον, ἐὰν μὴ τὰ καθ' ἑαυτοῦς ἐπιτρέψωσιν αὐτῷ (καὶ γὰρ ἐκείνους συγκλείσαντας εἰς Λάμιαν τὸν Ἀντίπατρον τὰς αὐτὰς ἀποκρίσεις πεποιῆσθαι πρεσβεύσαντος αὐτοῦ περὶ τῆς εἰρήνης) ὁ δῆμος οὐκ ὄν ἀξιόμαχος ἠναγκάσθη τὴν ἐπιτροπὴν καὶ τὴν ἐξουσίαν πᾶσαν Ἀντιπάτρῳ δοῦναι περὶ τῆς πόλεως.

---

<sup>413</sup> Cf. Romm, 2011, pp. 93-96.

<sup>414</sup> Os Diádocos ainda eram aliados, pois a morte de Alexandre era muito recente, e eles estavam tentando manter coeso um império gigantesco e muito complexo de se administrar. Assim, como todos eram aliados de Antípatro, ele poderia receber reforços de muitos deles. Ele recebeu o reforço das tropas de Leônato, que o ajudou a esmagar os gregos. Cf. Romm, 2011, p. 133. Sobre a descrição da cidade tessália de Lâmia, cf. nesta tese Sílux de Carianda, pp. 64-65; Estrabão, pp. 154-163; Fílon de Alexandria, pp. 165-166; e a "Introdução", pp. 7-43; e cf. ainda Hansen & Nielsen, *IACP*, 2004, pp. 712-713. Sobre Fálara, o porto de Lâmia no Golfo Málio, cf. também nesta tese "Introdução", p. 27; cf. ainda Hansen & Nielsen, *IACP*, 2004, p. 711.

## **Tradução:**

### **18.18.3.1-4.1**

Antípatro, escutando os discursos, deu como resposta que de outra maneira não teria resolvido a guerra contra os atenienses, se a reviravolta não tivesse sido contra eles mesmos e para ele (pois, derrotados aqueles por Antípatro em Lâmia, ele mesmo, vencedor, tomou as próprias decisões acerca da paz). O povo não era forte o suficiente e foi obrigado a conceder a Antípatro tanto a jurisdição quanto autoridade total sobre da cidade.

## **Comentário:**

Diodoro relata os pormenores do contexto da assinatura do tratado de paz entre macedônios e atenienses, deixando claro que foi Antípatro, o regente macedônio vitorioso, quem ditou os termos dessa paz, termos os quais o demo ateniense não tinha como questionar.<sup>415</sup> Isso aconteceu porque os atenienses não foram capazes de vencer as batalhas navais e impedir que os reforços vindos da Ásia desembarcassem no continente. Como perderam tais batalhas, o exército macedônico ficou mais forte que o helênico (muitos aliados de Atenas tinham desertado, após a morte de Leóstenes) e esmagou a revolta.<sup>416</sup> Antípatro declarou que lidaria com os atenienses nos mesmos

---

<sup>415</sup> Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica* 18.17.6-8, trechos nos quais Diodoro relata as capitulações das cidades tessálias, e inicia o comentário sobre a rendição dos etólios e dos atenienses, que eram os mais hostis aos macedônios. Ainda no livro 18.18.1-6, Diodoro narra as negociações entre Antípatro e atenienses, e diz que, apesar do líder macedônio ter acabado com a democracia, enviado uma guarnição macedônia para fiscalizar a condução do governo pelos atenienses, e destituído os cidadãos que possuíam menos de duas mil dracmas de suas cidadanias e os expulsado da cidade, os atenienses foram tratados com bastante humanidade, perto do que lhes poderia ter acontecido.

<sup>416</sup> Cabia à frota ateniense barrar a chegada dos navios macedônicos vindos da Ásia em ajuda a Antípatro, mas eles não foram capazes de tal façanha. Perderam duas batalhas navais próximas às ilhas Equínades, o que permitiu que mais reforços chegassem ao continente, cf. Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 18.14-15. Diodoro relata que os atenienses tinham 170 navios de guerra, enquanto os macedônios tinham 240. A situação da história das batalhas navais da Guerra de Lâmia é um pouco confusa, uma vez que a única fonte é Diodoro, e há menções curtas em Plutarco. Os estudiosos discutem se de fato aconteceram duas ou três batalhas navais entre os atenienses e os macedônios, uma vez que Diodoro relata essa batalha naval na região das Équides (localizadas no mar Jônico, um lugar que os especialistas dizem ser pouco provável para tal enfrentamento entre macedônios e atenienses, uma vez que estes últimos estavam procurando barrar os reforços macedônios vindos da Ásia) mas duas inscrições no Mármore de Paros atestam sobre uma batalha na altura do Helesponto e uma na região da ilha de Amorgos, ambas perdidas pelos atenienses. Cf. o estudo de 1924 de T. Walek (WALEK, T. *Revue de Philologie*, 48 (1924), 23 ff.), que organiza a ordem das batalhas navais da Guerra de Lâmia da seguinte maneira: enquanto parte da frota ateniense original de 240 navios (*Biblioteca histórica* 10.2) bloqueou a frota de Antípatro no Golfo de Mália, o resto se dirigiu ao Helesponto, onde impediu que Leônato fizesse a travessia. Contudo, apesar de essa frota ter sido incrementada com mais 170 navios de guerra, a frota mais numerosa do almirante macedônio Cleito esmagou a armada ateniense em Abidos (*Inscriptiones Graecae, editio minor*, 2.298 e 493), e permitiu que os reforços atravessassem o estreito. Depois disso, Cleito e sua frota rumaram para o Golfo de Mália e derrotaram a parte da frota ateniense que ali estava estacionada. Depois foram para Amorgos,

termos que eles lhe haviam oferecido quando ele pedira uma trégua durante seu sítio em Lâmia: ele só aceitaria rendição incondicional. Do contrário ele faria com Atenas o que havia feito com as cidades aliadas de Atenas na Tessália: pilharia, mataria e destruiria. Afinal, essa tática lhe havia rendido o desmantelamento da coalisão grega e a rendição das cidades tessálias.<sup>417</sup>

---

#### 18.19.1.1-4

Ἡμεῖς δ' ἐπεὶ τὰς κατὰ τὸν Λαμιακὸν πόλεμον ἐπιτελεσθείσας πράξεις διήλομεν, μεταβησόμεθα πρὸς τὸν ἐν τῇ Κυρήνῃ γενόμενον πόλεμον, ἵνα μὴ μακρὰν τοῖς χρόνοις ἀποπλανῶμεν τὸ συνεχὲς τῆς ἱστορίας.

#### Tradução:

#### 18.19.1.1-4

Nós, então, depois, recontamos as ações perpetradas durante a guerra lamíaca, e passaremos para a guerra acontecida em Cirene, a fim de que não afastemos a linha da história para tempos longínquos.<sup>418</sup>

---

#### 18.24.1.1-2.1

κατὰ δὲ τούτους τοὺς καιροὺς Ἀντίπατρος καὶ Κρατερὸς ἐπὶ τοὺς Αἰτωλοὺς ἐστράτευσαν, ἔχοντες πεζοὺς μὲν τρισμυρίους, ἵππεῖς δὲ δισχιλίους καὶ πεντακοσίους· οὗτοι γὰρ τῶν ἐν τῷ Λαμιακῷ πολέμῳ διαπολεμησάντων ὑπόλοιποι διέμενον ἀχείρωτοι.

---

para terminar de exterminar o que restava dos alquebrados navios gregos (Plutarco, *Demétrio* 11.3, Mármore de Paros). Após tal derrota, o domínio ateniense do Mediterrâneo acabou por completo, e sua frota nunca mais se recuperou. Estudos mais recentes dizem que é possível que tenha acontecido uma batalha na região das Équides, anterior às batalhas no mar Egeu (cf. Bosworth, Albert B. "Why Did Athens Lose the Lamian War?", in PALAGIA, Olga; TRACY, Stephen V. *The Macedonians in Athens, 322-229 B.C.: Proceedings of an International Conference Held at the University of Athens, May 24-26, 2001*. Oxbow, 2003, pp. 14–22; ANSON, Edward M. *Alexander's Heirs: The Age of the Successors*. John Wiley & Sons, 2014; DIXON, Michael D. *Late Classical and Early Hellenistic Corinth: 338-196 BC*. Routledge, 2014; HALE, John R. *Lords of the Sea: The Epic Story of the Athenian Navy and the Birth of Democracy*. Viking, 2014.). Nós não conseguimos acesso a nenhuma dessas obras, nem à de Walek.

<sup>417</sup> Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica* 18.17.6-8.

<sup>418</sup> Consideramos desnecessário comentar esse trecho.

**Tradução:****18.24.1.1-2.1**

E durante esses momentos oportunos, Antípatro e Crátero marcharam sobre os etólios, tendo trinta mil soldados de infantaria e dois mil e quinhentos cavaleiros: pois esses eram os sobreviventes que guerrearam na guerra lamíaca, e que permaneciam invictos.

**Comentário:**

Após a morte de Leônato, outro dos generais de Alexandre, Crátero, chegou para reforçar o exército macedônico, vindo da Cilícia.<sup>419</sup>

---

**18.66.5.1-4**

ἦν δ' ὁ σύμπας τῆς κατηγορίας λόγος ὅτι οὗτοι παραίτιοι γεγένηται μετὰ τὸν Λαμιακὸν πόλεμον τῆς τε δουλείας τῆ πατρίδι καὶ τῆς καταλύσεως τοῦ δήμου καὶ τῶν νόμων.

**Tradução:****18.66.5.1-4**

O discurso era, no todo, de acusação, em que esses se tornaram acusados depois da guerra lamíaca, da escravização da pátria e da dissolução do povo e também das leis.

**Comentário:**

Diodoro comenta a respeito do discurso que fizeram os cidadãos atenienses contra Fócion e outros simpatizantes de Antípatro. Eles eram acusados de traidores da *pólis* e da democracia atenienses. Afirmava-se que, por causa deles, muitos tinham perdido suas cidadanias, e sua liberdade, após as proclamações de Antípatro com suas decisões sobre os vencidos na Guerra de Lâmia.<sup>420</sup>

---

<sup>419</sup> Cf. Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica* 18.16.4-5, que afirma que, após a chegada de Crátero, o exército macedônio tinha mais de 40 mil homens na infantaria, 3 mil arqueiros e lanceiros, e cinco mil na cavalaria. Os gregos estavam em um número muito inferior, apenas 25 mil na infantaria e 3500 na cavalaria, pois muitos haviam se retirado após a perda do general Leóstenes, cf. *Biblioteca histórica* 18.17.1-2.

<sup>420</sup> Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica* 18.18.1-6 para os termos do tratado de paz, e 18.54 e 18.55 para as consequências da morte de Antípatro na Grécia. Seu sucessor havia sido nomeado por ele próprio, um sujeito de nome Poliperconte, em detrimento de seu próprio filho Cassandro que fugiu e se aliou a Antígono Monóculo e Ptolomeu, e voltou para guerrear pelo trono da Macedônia. Poliperconte,

---

### 20.41.2,3-6,5

έντεϋθεν δὲ πορευομένοις ὑπῆρχεν ὄρος ἐξ ἀμφοτέρων τῶν μερῶν ἀπόκρημνον, ἐν μέσῳ δ' ἔχον φάραγγα βαθεῖαν, ἐξ ἧς ἀνέτεινε λισσὴ πέτρα πρὸς ὀρθὸν ἀνατείνουσα σκόπελον· περὶ δὲ τὴν ρίζαν αὐτῆς ἄντρον ἦν εὐμέγεθες, κιττῶ καὶ σμίλακι συνηρεφές, ἐν ᾧ μυθεύουσι γεγονέναι βασιλίσσαν Λάμιαν τῷ κάλλει διαφέρουσαν· διὰ δὲ τὴν τῆς ψυχῆς ἀγριότητα διατετυπῶσθαι φασὶ τὴν ὄψιν αὐτῆς τὸν μετὰ ταῦτα χρόνον θηριώδη. τῶν γὰρ γινομένων αὐτῇ παίδων ἀπάντων τελευτώντων βαρυθυμοῦσαν ἐπὶ τῷ πάθει καὶ φθονοῦσαν ταῖς τῶν ἄλλων γυναικῶν εὐτεκνίαις κελεύειν ἐκ τῶν ἀγκαλῶν ἐξαρπάζεσθαι τὰ βρέφη καὶ παραχρῆμα ἀποκτέννειν. διὸ καὶ καθ' ἡμᾶς μέχρι τοῦ νῦν βίου παρὰ τοῖς νηπίοις διαμένειν τὴν περὶ τῆς γυναικὸς ταύτης φήμην καὶ φοβερωτάτην αὐτοῖς εἶναι τὴν ταύτης προσηγορίαν. ὅτε δὲ μεθύσκοιτο, τὴν ἄδειαν διδόναι πᾶσιν ἃ βούλοιντο ποιεῖν ἀπαρατηρήτως. μὴ πολυπραγμονούσης<sup>421</sup> οὖν αὐτῆς κατ' ἐκεῖνον τὸν χρόνον τὰ γινόμενα «τοῦς» κατὰ τὴν χώραν ὑπολαμβάνειν μὴ βλέπειν αὐτήν· καὶ διὰ τοῦτ' ἐμυθολόγησάν τινες ὡς εἰς ἄρσιχον ἐμβάλαι τοῦς ὀφθαλμούς, τὴν ἐν οἴνῳ συντελουμένην ὀλιγορίαν εἰς τὸ προειρημένον μέτρον μεταφέροντες, ὡς τούτου παρηρημένου τὴν ὄρασιν. ὅτι δὲ κατὰ τὴν Λιβύην γέγονεν αὕτη καὶ τὸν Εὐριπίδην δείξει τις ἂν μαρτυποῦντα·

«τίς τοῦνομα τὸ ἐπονείδιστον βροτοῖς  
οὐκ οἶδε Λαμίας τῆς Λιβυστικῆς γένος;»

### Tradução:

### 20.41.2,3-6,5

Atravessando dali, há uma montanha escarpada de ambos os lados que tem uma fenda profunda no meio, para fora da qual se projeta uma pedra lisa que se estende para

---

que era experiente nesses assuntos, decidiu libertar as cidades gregas do jugo macedônico, retirando delas as guarnições nelas estacionadas, e abolindo as imposições do tratado de paz de Antípatro, pois procurava fazer delas aliadas na luta que estava por vir. Os cidadãos atenienses que haviam perdido sua cidadania e a reconquistado ficaram revoltados contra os aliados atenienses dos macedônios. Fócion era um desses aliados, que estavam sendo perseguidos e condenados à morte por trair a pátria. Os condenados não puderam nem se defender na assembleia pública, pois a multidão não os deixava prosseguir com sua defesa.

<sup>421</sup> πολυπραγμονούσης - substantivo abstrato derivado do verbo πολυπραγμονέω que aqui foi traduzido como "curiosidade" pois não evidencia o sentido negativo da palavra, e sim a vontade de saber, de ter conhecimento. Cf. *LSJ*, 1996, p. 1442; cf. Chantraine, 2009, adjetivo πολύς, pp. 893-894, e verbo πράσσω, pp. 900-901. Para seu sentido negativo, veja a discussão em Plutarco, pp. 195-196 desta tese.

cima num promontório. Em torno da raiz dela havia uma caverna enorme, coberta com hera e briônias, na qual contam ter nascido a soberana Lâmia, ímpar por sua beleza. Dizem que, porque tinha sido concebida ferocíssima de alma, depois de certo tempo, seu aspecto se bestializou, por causa do fim das crianças que nasceram dela. Com o coração pesado pelo que sofreu e com inveja das outras mulheres com suas boas crias, ordenou aos soldados raptar e matar imediatamente todos os recém-nascidos. E por isso entre nós até hoje, e pela vida afora dos meninos, permanece a fama acerca desta mulher, e entre eles ela é a mais temida de ser invocada. Dizem também que, quando embriagada, concedia imunidade a todos para que fizessem o que quisessem sem serem notados. Daí que, por ela não ter curiosidade pelo acontecido naquele período, os da terra suspeitavam que ela não enxergava. Também por isso alguns contavam como numa cesta ela atirava os olhos, metaforizando a completa negligência para com a medida prescrita para o vinho, como se isso removesse a visão. Alguém também pode citar Eurípides como testemunha de que ela tinha nascido na Líbia, pois ele diz:

"Quem entre os vivos não conhece  
o vergonhoso nome de Lâmia da raça Líbia?"

### **Comentário:**

O trecho selecionado, em que Diodoro faz uma digressão no texto para mencionar a história de Lâmia, a rainha que enlouqueceu de dor por ter perdido todos os filhos, é uma clara tentativa de racionalização do mito. Este é um dos métodos de interpretação dos mitos que a Antiguidade desenvolveu, segundo Jacob Stern. Em um artigo sobre a obra de Heráclito Paradoxógrafo, ele apresenta os quatro métodos utilizados pelos antigos para desempenhar tal tarefa: racionalização, evemerismo (um subtipo de racionalização, que associa as figuras dos deuses a reis e rainhas), alegoria e etimologia.<sup>422</sup>

Segundo Stern, a racionalização de um mito parte do princípio de que o mito é "um erro da história", uma interpretação equivocada de um fato que acaba gerando uma "invencionice", repetida de geração em geração, até virar lenda.<sup>423</sup> Assim, o papel do intérprete racionalista é descobrir o fato histórico que está nas entrelinhas do mito. Isso é exatamente o que tenta fazer Diodoro no trecho em análise: elabora

---

<sup>422</sup> Cf. Stern, 2003, p. 54.

<sup>423</sup> Cf. Stern, 2003, p. 55.

explicações racionais que enquadrem o mito da Lâmia líbia em um contexto "histórico real".

Esse é um texto triplamente especial: primeiramente, ele evidencia uma das estratégias mais comuns de crítica aos mitos desenvolvida na Antiguidade; depois, fornece detalhes preciosos a respeito do mito da Lâmia líbia, como o fragmento de Eurípides (τίς τοῦνομα τὸ ἐπονείδιστον βροτοῖς / οὐκ οἶδε Λαμίας τῆς Λιβυστικῆς γένος;) <sup>424</sup>, do qual é a única fonte; e nele Diodoro cita o que é dito da lâmia por outros autores, que não nomeia, mas que podem ser identificados, dentro do possível, dentre os que foram citados neste trabalho.

Contudo, acima de todas as qualidades que esse trecho da obra de Diodoro demonstra ter, está o fato de que o autor se mostra preocupado em explicar um mito infantil que não nos é muito conhecido, nem nos chegou inteiro. Essa constatação talvez possa servir de base para que se suponha que tal mito tivesse uma abrangência muito maior na Antiguidade do que a que podemos intuir através da compilação dos registros supérstites. Um detalhe que chama a atenção nessa versão de Diodoro é que ele não diz como a rainha líbia Lâmia perdeu seus filhos, só diz que todos eles tiveram um fim (τῶν γινομένων αὐτῆ παιδῶν ἀπάντων τελευτώντων), e que ela se bestializou e passou a perseguir as crianças de outras mães por causa dessa dor. Portanto, neste trecho não há nem a presença da ciumenta Hera, que persegue e mata os filhos de Lâmia, nem de Zeus, o pai dos filhos dela. Nessa versão do mito, o pai dos filhos da rainha nem é mencionado.

---

#### 20.46.3.1-20.46.4.1

ὁ μὲν οὖν δῆμος ἐν τῷ Λαμιακῷ πολέμῳ καταλυθεὶς ὑπ' Ἀντιπάτρου μετ' ἔτη πεντεκαίδεκα παραδόξως ἐκομίσαστο τὴν πάτριον πολιτείαν· ὁ δὲ Δημήτριος, φρουρουμένης τῆς Μεγαρέων πόλεως, ἐκπολιορκήσας αὐτὴν ἀπέδωκεν τὴν αὐτονομίαν τῷ δήμῳ καὶ τιμῶν ἀξιολόγων ἔτυχεν ὑπὸ τῶν εὖ παθόντων.

#### Tradução:

#### 20.46.3.1-20.46.4.1

Demétrio então, em um momento, durante a guerra lamíaca, destruiu o povo sob

---

<sup>424</sup> A discussão a respeito desse fragmento pode ser consultada nesta tese em Eurípides, pp. 66-69.

ordens de Antípatro, mas depois de quinze anos, inacreditavelmente, organizou a administração pátria: ele então, forçando a guarda da cidade dos mégaros a se render, restaurou a autonomia para o povo e recebeu honras admiráveis dos bem sofridos.

### **Comentário:**

Diodoro narra neste trecho as façanhas de Demétrio Poliorcetes, filho de Antígono Monóculo, que libertou os atenienses do jugo do governador imposto pela Dinastia Antipátrida da Macedônia. Ele adentrou o Pireu com seus navios e ordenou que o povo lhe entregasse Demétrio de Falero. Anunciou ainda que os atenienses estavam novamente livres para governar a si mesmos.<sup>425</sup>

---

<sup>425</sup> Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica* 20.45-46. Poliperconte perdera o governo da Macedônia para Cassandro, que colocara Demétrio de Falero no governo de Atenas, e uma guarnição de soldados no Pireu. Demétrio Poliorcetes, a mando de seu pai, Antígono Monóculo, que se proclamara rei, e não mais escondia suas pretensões expansionistas e sua vontade de controlar todo o antigo Império de Alexandre, adentrara o Pireu com uma frota magnífica e bem equipada, destronara Demétrio de Falero e corra com o comandando da guarnição macedônica estacionada no Pireu. Foi por essas atitudes que ele ganhou o amor dos atenienses, que passaram a honrá-lo como a um deus, cometendo inclusive vários atos considerados ímpios pelas leis da cidade. Para um olhar aprofundado sobre os conceitos de piedade e impiedade para os gregos, cf. Leite, 2009, capítulo 3, em que ela trata do significado desses vocábulos para os gregos. Ela afirma que:

"encontram-se, de maneira geral, dois sentidos para piedade. O primeiro, corresponde ao amor e respeito às coisas sagradas e, também, pode ser utilizada para expressar um sentimento de religiosidade e devoção. O segundo, indica compaixão pelos sofrimentos alheios ou um sentimento de pena, dó. [...] O português, contudo, não consegue expressar todas as nuances que as palavras *eusébeia*, *hósios*, *asébeia* e *anósios* possuem, bem como não consegue fazer a diferenciação entre esses dois grupos" (Leite, 2009, p. 84). "Assim, o sentido principal de *hósios* é de estar concordante com o estipulado pela esfera humana e divina. Já a *eusébeia* é o sentimento que conduz a uma atitude correta em relação com o divino" (Leite, 2009, p. 86).

Demétrio Poliorcetes foi ímpio em todos os possíveis significados dessa palavra, como é possível conferir na obra *Demétrio*, de Plutarco, da qual alguns trechos estão traduzidos nesta tese, pp. 173-184.

---

# Quintus Horatius Flaccus - Horácio

65-8 a.C.

---

*Epistula ad Pisonem*, CCCXXXVIII-CCCXL<sup>426</sup>

ficta voluptatis causa sint proxima veris:  
ne quodcumque volet poscat sibi fabula credi  
neu pransae Lamiae vivum puerum extrahat alvo.

**Tradução:**<sup>427</sup>

*Arte Poética*, 338-340

que as ficções feitas para deleitar sejam próximas da verdade:  
não pretenda a fábula que se acredite em qualquer coisa que ela queira,  
nem que se retire vivo do estômago da Lâmia um menino que ela tenha almoçado.

**Comentário:**

**Lamiae:** em sua tradução da *Arte Poética*, François Villeneuve apenas translitera a palavra *lâmia* como "lamie", e explica que ela é um "vampiro que foi representado com um corpo de mulher e pés de um asno, e que se supunha devorar as crianças".<sup>428</sup> O dicionário *Oxford* da língua latina, por sua vez, define a *lâmia* como "um monstro feminino que supostamente devora crianças, bruxa, espantalho", e também como "um tipo de tubarão".<sup>429</sup>

Pode-se notar claramente as associações anacrônicas que são feitas pelos estudiosos entre a *lâmia* e seres do folclore atual, como a bruxa e o vampiro. Contudo, a importância desse trecho de Horácio reside no fato de ser o primeiro, de todo o *corpus* deste trabalho, a dizer claramente que a *lâmia* comia crianças (*pransae puerum*). Nenhuma das fontes antigas anteriores a Horácio explicita que o que a *lâmia*

---

<sup>426</sup> Texto latino retirado de Horace, 1955.

<sup>427</sup> Tradução de Priscilla A. F. Almeida com revisão nossa.

<sup>428</sup> "Vampire qu'on représentait avec un corps de femme et des pieds d'âne et qui passait pour dévorer les enfants", Horace, 1955, p. 220.

<sup>429</sup> "1. A female monster supposed to devour children, witch, bogey; 2. A kind of shark", Glare, 1994, p. 998.

fazia com as crianças era devorar. Sobre ela, dizem que "mata", "rapta" e "persegue" as crianças, mas o destino final do que faz com suas vítimas só fica claro após a leitura do trecho acima. O ato de devorar suas vítimas infantis concorda com a semântica da raiz de seu nome, indicando a voracidade desse "pavor infantil".

A *lâmia* de Horácio poderia ser anacronicamente comparada, em sua função, ao bicho papão e à cuca aqui no Brasil. Ambos são notórios por sequestrarem crianças para fazerem delas seu repasto principal. Temos a hipótese de que a *lâmia* que exerce essa função, como essa retratada por Horácio, seria um ancestral dessas figuras folclóricas mais modernas, contudo, ainda há muitas pedras no meio do caminho para desenvolver essa ideia.<sup>430</sup>

---

<sup>430</sup> Cf. nos anexos desta tese um pequeno estudo sobre as aproximações entre a cuca e a *lâmia*, pp. 342-349.

---

## Στράβων - Estrabão 64/63 a.C. - 24 d.C.

---

### Γεωγραφικά 1.2.8<sup>431</sup>

Και πρῶτον ὅτι τοὺς μύθους ἀπεδέξαντο οὐχ οἱ ποιηταὶ μόνον, ἀλλὰ καὶ αἱ πόλεις πολὺ πρότερον καὶ οἱ νομοθέται τοῦ χρησίμου χάριν, βλέψαντες εἰς τὸ φυσικὸν πάθος τοῦ λογικοῦ ζῴου· φιλειδήμων γὰρ ἄνθρωπος, προοίμιον δὲ τούτου τὸ φιλόμυθον. ἐν-τεῦθεν οὖν ἄρχεται τὰ παιδία ἀκροᾶσθαι καὶ κοινωνεῖν λόγων ἐπὶ πλεῖον. αἴτιον δ', ὅτι καινολογία τίς ἐστὶν ὁ μῦθος, οὐ τὰ καθεστηκότα φράζων ἀλλ' ἕτερα παρὰ ταῦτα· ἡδὺ δὲ τὸ καινὸν καὶ ὃ μὴ πρότερον ἔγνω τις· τοῦτο δ' αὐτὸ ἐστὶ καὶ τὸ ποιοῦν φιλειδήμονα. ὅταν δὲ προσῆ καὶ τὸ θαυμαστὸν καὶ τὸ τερατῶδες, ἐπιτείνει τὴν ἡδονήν, ἥπερ ἐστὶ τοῦ μανθάνειν φίλτρον. κατ' ἀρχὰς μὲν οὖν ἀνάγκη τοιούτοις δελέασι χρῆσθαι, προϊούσης δὲ τῆς ἡλικίας ἐπὶ τὴν τῶν ὄντων μάθησιν ἄγειν, ἥδη τῆς διανοίας ἐρρωμένης καὶ μηκέτι δεομένης κολάκων. καὶ ιδιότης δὲ πᾶς καὶ ἀπαιδέυτος τρόπον τινὰ παῖς ἐστὶ φιλομυθεῖ τε ὡσαύτως· ὁμοίως δὲ καὶ ὁ πεπαιδευμένος μετρίως· οὐδὲ γὰρ οὗτος ἰσχύει τῷ λογισμῷ, πρόσσεστι δὲ καὶ τὸ ἐκ παιδὸς ἔθος. ἐπεὶ δ' οὐ μόνον ἡδὺ ἀλλὰ καὶ φοβερὸν τὸ τερατῶδες, ἀμφοτέρων ἐστὶ τῶν εἰδῶν χρεῖα πρὸς τε τοὺς παῖδας καὶ τοὺς ἐν ἡλικίᾳ· τοῖς τε γὰρ παισὶ προσφέρομεν τοὺς ἡδέεις μύθους εἰς προτροπὴν, εἰς ἀποτροπὴν δὲ τοὺς φοβερούς· ἢ τε γὰρ Λάμια μῦθός ἐστι καὶ ἡ Γοργὼ καὶ ὁ Ἐφιάλτης καὶ ἡ Μορμούλκη. οἱ τε πολλοὶ τῶν τὰς πόλεις οἰκούντων εἰς μὲν προτροπὴν ἄγονται τοῖς ἡδέσι τῶν μύθων, ὅταν ἀκούωσι τῶν ποιητῶν ἀνδραγαθήματα μυθῶδη διηγουμένων, οἷον Ἡρακλέους ἄθλους ἢ Θησέως, ἢ τιμὰς παρὰ θεῶν νεμομένας, ἢ νῆ Δία ὀρῶσι γραφὰς ἢ ξόανα ἢ πλάσματα τοιαύτην τινὰ περιπέτειαν ὑποσημαίνοντα μυθῶδη· εἰς ἀποτροπὴν δέ, ὅταν κολάσεις παρὰ θεῶν καὶ φόβους καὶ ἀπειλὰς ἢ διὰ λόγων ἢ διὰ τύπων ἀοράτων τινῶν προσδέχωνται, ἢ καὶ πιστεύωσι περιπεσεῖν τινας. οὐ γὰρ ὄχλον γε γυναικῶν καὶ παντὸς χυδαίου πλήθους ἐπαγαγεῖν λόγῳ δυνατὸν φιλοσόφῳ καὶ προσκαλέσασθαι πρὸς εὐσέβειαν καὶ ὀσιότητα καὶ πίστιν, ἀλλὰ δεῖ καὶ διὰ δεισιδαιμονίας· τοῦτο δ' οὐκ ἄνευ μυθοποιίας καὶ τερατείας. κεραυνὸς γὰρ καὶ αἰγὶς καὶ τρίαινα καὶ λαμπάδες καὶ δράκοντες καὶ θυρσόλογχα τῶν θεῶν ὄπλα μῦθοι καὶ πᾶσα θεολογία ἀρχαϊκῆ· ταῦτα δ' ἀπεδέξαντο οἱ τὰς πολιτείας καταστησάμενοι μορμούκας τινὰς πρὸς τοὺς νηπιόφρονας. τοιαύτης

---

<sup>431</sup> Todos os textos gregos de Estrabão foram retirado de Meineke, 1969 = *TLG*.

δὲ τῆς μυθοποιίας οὔσης καὶ καταστρεφούσης εἰς τὸ κοινωνικὸν καὶ τὸ πολιτικὸν τοῦ βίου σχῆμα καὶ τὴν τῶν ὄντων ἱστορίαν, οἱ μὲν ἀρχαῖοι τὴν παιδικὴν ἀγωγὴν ἐφύλαξαν μέχρι τῶν τελείων ἡλικιῶν, καὶ διὰ ποιητικῆς ἰκανῶς σωφρονίζεσθαι πᾶσαν ἡλικίαν ὑπέλαβον· χρόνοις δ' ὕστερον ἢ τῆς ἱστορίας γραφῆ καὶ ἡ νῦν φιλοσοφία παρελήλυθεν εἰς μέσον. αὕτη μὲν οὖν πρὸς ὀλίγους, ἡ δὲ ποιητικὴ δημωφελεστέρα καὶ θέατρα πληροῦν δυναμένη, ἡ δὲ δὴ τοῦ Ὀμήρου ὑπερβαλλόντως· καὶ οἱ πρῶτοι δὲ ἱστορικοὶ καὶ φυσικοὶ μυθογράφοι.

## Tradução:

### *Geográfica - 1.2.8*

É que, muito antes, não apenas os poetas adotaram os mitos<sup>432</sup>, mas também, já bem nos primórdios, as principais cidades e os legisladores, como graça do que é útil, atentando para a disposição natural do animal racional. Pois o homem ama aprender, e o prelúdio disso é o amor aos mitos. A partir daí, as crianças começam então a escutar e compartilhar muito das histórias<sup>433</sup>. O fato é que o mito é um tipo novo de

---

<sup>432</sup> μῦθος: como Estrabão está fazendo uma teoria sobre a utilidade do mito na educação infantil no trecho traduzido acima, vamos comentar rapidamente esse vocábulo, com o objetivo de explicar nossa opção de tradução do mesmo. As primeiras definições que o *LSJ* atribui a esse vocábulo pertencem ao campo semântico de "palavra, discurso, fala pública". A área de significação de "história, conto, narrativa, ficção, fábula para criança, argumento de peça dramática" aparece em segundo lugar (*LSJ*, 1996, p. 1151). A tradução pela palavra portuguesa "mito" é, na verdade, uma transliteração, mas traz em si as ideias que são atribuídas ao vocábulo grego na referida segunda parte do verbete do *LSJ*: o mito é "relato fantástico de tradição oral, geralmente protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e nos aspectos gerais da condição humana; lenda, fábula, mitologia", (*Houaiss*, 2008, p. 1936). Chantraine também dá suporte à aceção que tende ao sentido mais ficcional e fantástico da palavra, ao dizer que, apesar de originariamente associada à palavra grega ἔπος, cuja gama de aceções se restringe ao campo semântico de "palavra, discurso", μῦθος evoluiu em seu uso pelos poetas trágicos para ser especificamente usada com o sentido de "narrativa fantástica, ficcional, lendária": "tende a se especializar ao sentido de «ficção, mito, sujeito de uma tragédia»" (Chantraine, 2009, p. 691: "il tende à se espécializer ao sens de «fiction, mythe, sujet d'une tragédie»"). E a conclusão de Chantraine é que "o sentido das palavras dessa família evoluiu depois de Homero. Do valor de «palavras cujo sentido importa, aviso, ordem, narração» nós passamos àquele de «história, mito, fábula», etc." (Chantraine, 2009, p. 692: "Le sens des mots de cette famille a évolué après Hom. De la valeur de «paroles dont le sens importe, avis, ordre, récit» on ets passé à celle d'«histoire, mythe, fable», etc."). Dessa maneira, optamos por traduzir μῦθος por "mito", já que mantém a semântica que consideramos mais adequada ao contexto da investigação dessa tese.

<sup>433</sup> Essa pequena nota tem apenas o objetivo de explicar a opção de tradução que adotamos para a palavra grega λόγος. À época de Estrabão, λόγος já carregava em si toda a influência das ideias platônicas, que situaram tal palavra na esfera do raciocínio lógico e da fala, e por isso uma das significações pertinentes à ela é "discurso". Contudo, para a tradução dessa palavra neste trecho específico, era importante escolher uma palavra da esfera da fala infantil que se adequasse ao contexto, uma vez que Estrabão está tratando dos discursos feitos à crianças, e por isso a escolha do substantivo "história" para traduzir λόγος. Para as diversas possibilidades de tradução desse vocábulo cf. *LSJ*, 1996, pp. 1057-1059; cf. ainda Chantraine, 2009, pp. 600-601 (λέγω), que cita os estudos de Fournier e Verdenius como fundamentais para a história dessa evolução. Assim, não pretendemos discutir nada sobre a evolução desse vocábulo, e não é nosso interesse abordar seu aspecto filosófico (que não faz sentido no contexto de nossa investigação), queremos apenas justificar a escolha

linguagem, que aponta não as coisas estabelecidas, mas outras coisas próximas a essas: e prazeroso é o novo e o que não é previamente conhecido. E isso é o mesmo que faz aquele que ama aprender. Sempre que esteja presente tanto o maravilhoso quanto o prodigioso, incita o prazer, e é então um feitiço do aprender.<sup>434</sup> Desde o começo, então, a necessidade usa tais iscas para seguir, na idade, avançando em direção ao aprendizado dos seres, já fortalecendo a inteligência e não mais precisando de bajuladores. E todo indivíduo inculto é também, de algum modo, uma criança, e ama mitos dessa maneira; e o que é moderadamente educado igualmente, pois este também não é forte no cálculo, mas tem ainda presente o hábito da criança. Assim, o que é prodigioso não é apenas prazeroso, mas também amedrontador, e o uso de ambas as formas acontece tanto por crianças quanto pelos de idade: pois todos levamos os mitos prazerosos à exortação e os amedrontadores à refutação. Pois a Lâmia é um mito, e também a Gorgó, o Efiltes e a Mormólíce. E os muitos habitantes das cidades conduzem à exortação os mitos prazerosos, sempre que escutam os poetas narrando as proezas míticas, tais como as tarefas de Hércules ou de Teseu, ou as honras distribuídas pelos deuses, ou, por Zeus!, veem desenhos ou estátuas ou estatuetas tal qual a peripécia indicativa do mítico;<sup>435</sup> mas conduzem à refutação sempre que há castigos da parte dos deuses, medo e ameaças, ou pelas

---

tradutória: insistimos então que, como o trecho de Estrabão trata de mitos contados à crianças, achamos por bem traduzi-lo por uma palavra da esfera da fala infantil, já que era algo tão prezado pelos gregos.

<sup>434</sup> θαυμαστός, τερατώδης - o primeiro vocábulo significa "maravilhoso, admirável", mas também pode ter o sentido de "estranho, absurdo", o que faz remeter a algo extraordinário, fora do que é considerado comum (LSJ, 1996, p. 780); deriva do substantivo θαῦμα, "maravilha". Já o segundo vocábulo é derivado do substantivo neutro τέρας, cuja primeira acepção é abstrata e significa "sinal, maravilha, prodígio, portentoso", mas para ele há uma acepção concreta que significa "monstro", e daí muitas traduções usarem "monstruoso" para o adjetivo biforme τερατώδης, ες (LSJ, 1996, p. 1776). É a palavra τέρας que caracteriza tanto Cérbero, o cão de três cabeças que guarda a porta do Hades — ἀπρόσμαχον τέρας, "monstro irresistível" (Sófocles, *Traquínias*, 1098; Grimal, 2005, p. 83) —, quanto a Esfinge, que em Tebas devora aqueles que não decifram sua charada — οὔρειον τέρας, "monstro montanhoso" (Eurípides, *Fenícias*, 806; Grimal, 2005, p. 149) —, e também é a mesma palavra que é usada em referência à cabeça da Górgona que fica na égide de Zeus — Διὸς τέρας αἰγιόχοιο, "monstro da égide de Zeus" (Homero, *Iliada*, 5.742) —, e para descrever Tifeu, o único ser que foi páreo para Zeus em batalha, e que este último soterrou sob o Monte Etna, derrotando-o definitivamente — δάϊον τέρας, "monstro hostil" (Ésquilo, *Prometeu Acorrentado*, 354; Grimal, 2005, p. 448).

<sup>435</sup> Mais uma nota que diz respeito a escolhas de tradução. Dessa vez das palavras γραφή, ξόανον, πλάσμα. Optamos por traduzir γραφή de dois modos diferentes no trecho selecionado por causa do contexto. Contudo, esse vocábulo tem um campo moderadamente extenso de significados, já que indica "qualquer representação feita através de linhas" (LSJ, 1996, pp. 359-360). Na primeira ocorrência, por estar associado ao verbo ὀράω, traduzimos a palavra por "desenhos", mas também poderia ser "pinturas", "gravuras"; na segunda ocorrência, acompanhado do genitivo τῆς ἱστορίας, preferimos usar "escrita". Os dois outros são vocábulos de campo semântico muito próximo: ξόανον indica uma imagem entalhada em madeira, mas depois passa para um sentido mais geral de imagem, estátua (LSJ, 1996, p. 1191); já πλάσμα tem um significado mais amplo, mas indica também imagem, estátua, figura (LSJ, 1996, p. 1412).

palavras ou pelas marcas invisíveis que aqueles adotam, ou também por algumas que acreditam ter mudado. Pois não se conduz uma turba de mulheres e uma multidão toda de xucros ao forte discurso filosófico, nem se os conclama à piedade, à sacralidade e à crença, mas é necessário também [fazê-lo] através da superstição: e isso não existe sem a fabricação de mitos e contos prodigiosos. O relâmpago, pois, e a égide, o tridente, tochas, dragões e o tirso-lança são armas dos deuses nos mitos e na teologia antiga: os que estabeleceram as repúblicas adotaram tais coisas, alguns medos para os bobos. Tal é então a natureza da fabricação de mitos, das viradas para o social e o político como forma de vida, e a história dos seres. Os antigos vigiaram a educação das crianças até que completassem a maioridade, e guiaram-na adequadamente para temperar toda idade. Nos tempos posteriores, a escrita da história e agora, a filosofia, chegaram ao meio: mas esta é para poucos, enquanto a poética é de uso público, e enche os teatros, poderosa; sobretudo a de Homero. Assim, os primeiros historiadores e naturalistas eram também mitógrafos.

#### **Comentário:**

**Λάμια, Γοργώ, Ἐφιάλτης, Μορμολύκη** - Estrabão trata de mitos que têm significado forte para as crianças, pois tece comentários acerca da educação delas através do uso dos mesmos, de modo que pode-se supor que esses quatro personagens eram seres que aterrorizavam as mentes infantis, assim como talvez Hércules e Teseu lhes fossem os mitos heróicos mais excitatórios.

Sobre a *lâmia*, já se sabe que era vista como um papão por essa época, como a apresentou Horácio, que foi contemporâneo de Estrabão.<sup>436</sup>

Gorgó, Gorgo ou Górgona, é o nome dado para as três filhas de Fórcis e Ceto, duas divindades marítimas. Seus nomes eram Euríale, Esteno e Medusa, a única que era mortal, e considerada a Górgona por excelência. Sua morada ficava no extremo ocidente, próximo à entrada para o Hades. Seus cabelos eram serpentes vivas, suas mãos eram de bronze, tinham grandes presas brancas como as dos javalis e asas de ouro. Transformavam em pedra quem ousasse sustentar seu olhar penetrante.

A lenda de Medusa, ou Gorgo, tem diversas versões. Em uma delas, ela era uma mulher muito bela que se orgulhava demais dessa qualidade, principalmente de seus cabelos. Para castigá-la, Atena transformou-os em serpentes. Em outra versão,

---

<sup>436</sup> Cf. nesta tese Horácio, pp. 152-153.

Atena transformou-a em um monstro como punição por ter despertado a volúpia de Poseidon, que a havia estuprado em um altar dessa deusa. De todo modo, todas as versões concordam que ela foi decapitada por Perseu, que entregou a cabeça dela à Atena, mimo que a deusa fixou, algumas vezes no centro de seu escudo, e outras vezes no meio da égide, e que transformava seus inimigos em pedra assim que batiam os olhos no artefato.<sup>437</sup>

Devido às inúmeras referências literárias e iconográficas que nos chegaram sobre a Górgona, é impossível falar mais dela neste trabalho. Todavia, não há referências específicas sobre as razões de ela ser aterrorizante para as crianças. A julgar pelas descrições, ela devia ser aterrorizante para todos, crianças e adultos indiscriminadamente, e Grimal afirma que o era até mesmo para os deuses. O *LSJ* lhe faz referência apenas como "a Górgona", ou "a sombria", pois diz que o substantivo Γοργώ está relacionado ao adjetivo triforme γοργός, "soturno, sombrio, feroz, terrível", muito usado para caracterizar tipos de olhar, mas que também é usado para caracterizar pessoas como sendo "espirituosas, vigorosas", e até mesmo para descrever um estilo de escrita, "veemente, vigoroso".<sup>438</sup>

Chantraine chama a Górgona de demônio feminino, e afirma que o termo atestado como sendo mais antigo é o substantivo Γοργώ, passando então a listar seus muitos derivados. Ele também relata que a figura da Górgona existe até hoje no imaginário grego, mas que se transformou em uma sereia ou dragão fêmea: "Γοργόνα subsiste nas superstições populares para designar uma sereia, um dragão fêmea. Em compensação, γοργός significa simplesmente 'rápido', γοργά, 'depressa'.<sup>439</sup> Chantraine ainda atesta a semelhança estrutural entre os vocábulos Γοργώ e Μορμώ, ambos formados por uma repetição de raiz.<sup>440</sup>

Sobre Μορμώ Chantraine afirma que era um "demônio feminino, bicho-papão, temor", e ainda diz que a palavra, no singular, era personificada e usada como uma exclamação para assustar as crianças (como em Teócrito, *Idílios*, 15.40: Μορμώ, δάκνει ἵππον "Mormó morde cavalo!"); e em Aristófanes, *Cavaleiros* 693: Μορμώ τοῦ

---

<sup>437</sup> Para todas essas informações, cf. Grimal, 2005, pp. 187-188; cf. também Burkert, 1992, pp. 83-87; cf. ainda Ackermann, Gisler & Kahil (*LIMC*), 1988, IV<sup>2</sup>, pp. 163-207, para as imagens; e IV<sup>1</sup>, pp. 285-362, para as legendas.

<sup>438</sup> *LSJ*, 1996, p. 357.

<sup>439</sup> Chantraine, 2009, p. 224: "Γοργόνα subsiste dans les superstitions populaires pour designer une sirène, un dragon femelle. En revanche γοργός signifie simplement «rapide», γοργά «vite»".

<sup>440</sup> Chantraine, 2009, p. 224.

θράσους, "Mormó da coragem!").<sup>441</sup>

Grimal, por sua vez, afirma que Mormó era um "gênio feminino com que se ameaçavam as crianças. Acusavam-na de morder não só as crianças más, mas todas as outras, e de as tornar coxas. Identificava-se com Gelló, ou ainda, com Lâmia".<sup>442</sup>

Assim, na verdade, todos esses seres eram o que Câmara Cascudo denomina "pavores infantis que a Noite traz", e que aparecem muito antes com o nome de μορμολυκεῖα: mitos criados para assustar as crianças e obter delas um bom comportamento.<sup>443</sup> É exatamente a adoção dessa política educacional que Platão criticou, posicionando-se tanto contra a criação dessas histórias de "monstros devoradores de crianças" pelos poetas quanto contra o uso delas como recurso educacional pelas mães:

e também não nos enganem com muitas coisas como essas. E por sua vez nem as mães, por eles seduzidas, amedrontem as crianças ao contarem mal os mitos, como quando dizem que alguns deuses perambulam à noite se parecendo com estrangeiros de muitos tipos; para que não blasfemem contra os deuses, por um lado, nem, ao mesmo tempo, transformem as crianças em completos covardes.<sup>444</sup>

Essa passagem está na *República*, e faz parte da crítica geral de Platão ao uso dos mitos pelos poetas: ele pede a eles que parem de nos enganar com tais estórias.

Ainda nessa perspectiva da análise da palavra μορμώ, Chantraine cita também o verbo denominativo derivado mais usado, μορμολύττομαι, "assustar como um bicho-papão", e os termos derivados dele μορμολύκη, μορμολυκεῖον, que ele traduz como "espantalho", e o *LSJ* como "espantalho, duende, trasgo".<sup>445</sup> Desse modo, talvez a semelhança estrutural entre Μορμώ e Γοργώ forneça luz para a explicação da semelhança funcional entre os conceitos determinados por essas duas palavras.

Segundo Grimal, a "Loba-Mormo, Mormólice, é, tal como Mormó, um gênio aterrorizador com o qual se metia medo às crianças".<sup>446</sup> Seu nome só foi registrado

---

<sup>441</sup> Chantraine, 2009, pp. 685-686: "démon femelle, croquemitaine", "craindre".

<sup>442</sup> Grimal, 2005, p. 318.

<sup>443</sup> Cascudo, 2010, p. 200; cf. nesta tese Aristófanes, pp. 88-90, onde o comentador do trecho da peça *Cavaleiros* usa a palavra μορμολυκεῖα com esse sentido de "pavores".

<sup>444</sup> Cf. Platão, *República*, 381e-382a: "καὶ ἄλλα τοιαῦτα πολλὰ μὴ ἡμῖν ψευδέσθων. μὴ δ' αὖ ὑπὸ τούτων ἀναπειθόμεναι αἱ μητέρες τὰ παιδία ἐκδειματούτων, λέγουσα τοὺς μύθους κακῶς, ὡς ἄρα θεοὶ τινες περιέρχονται νύκτωρ πολλοῖς ξένοις καὶ παντοδαποῖς ἰνδαλλόμενοι, ἵνα μὴ ἅμα μὲν εἰς θεοὺς βλασφημῶσιν, ἅμα δὲ τοὺς παῖδας ἀπεργάζωνται δειλοτέρους".

<sup>445</sup> Chantraine, 2009, p. 685-686, "épouvantail"; *LSJ*, 1996, p. 1146, "bogey, hobgoblin".

<sup>446</sup> Grimal, 2005, p. 318.

para a posteridade por Estrabão e por Sófron, comediógrafo do século V a.C., de modo que não há mais material disponível que nos permita afirmar mais sobre ela.<sup>447</sup>

Em último lugar, mas não menos importante, há Efialtes, um dos gigantes que lutaram contra os deuses na Gigantomaquia e que foi morto pelas forças combinadas de Apolo e Hércules.<sup>448</sup> A palavra ἐφιαλτεία designa uma erva usada para evitar pesadelos, e por isso a palavra ἐφιάλτης e suas variantes ἐπιάλτης e ἐπιάλος significam "pesadelo", mas personificado como um demônio estrangulador.<sup>449</sup> Tais vocábulos estavam popularmente conectados aos verbos ἐφάλλομαι, "pular para atacar" e ἐπιάλλω, "mandar sobre".<sup>450</sup> Sua conexão com o fato de ser um "pavor infantil" talvez seja então a de ser a representação do pesadelo.

O grande problema com todos esses "pavores infantis", para continuar utilizando a denominação de Camara Cascudo, que é muito boa, é que pouco se escreveu, debateu, estudou e produziu sobre eles, e não apenas na Antiguidade, mas ao longo da história humana e até mesmo nos dias de hoje.

---

#### 9.5.9.1-12

Τοῦ δὲ Σπερχειοῦ μεμνημένος πολλάκις ὡς ἐπιχωρίου ποταμοῦ, τὰς πηγὰς ἔχοντος ἐκ Τυφρηστοῦ Δρυοπικοῦ ὄρους, τοῦ καλουμένου ... πρ]ότερον, ἐκδιδόντος δὲ πλησίον Θερμοπυλῶν μεταξὺ αὐτῶν καὶ Λαμίας, δηλοῖ ὅτι καὶ τὰ ἐντὸς πυλῶν ὅσα τοῦ Μαλιακοῦ κόλπου καὶ τὰ ἐκτὸς ὑπ' ἐκείνῳ ἦν· ἀπέχει δὲ Λαμίας ὁ Σπερχειὸς περὶ τριάκοντα σταδίους ὑπερκειμένης πεδίου τινὸς καθήκοντος ἐπὶ τὸν Μαλιακὸν κόλπον· ὅτι δ' ὁ Σπερχειὸς ἐπιχώριος, ἕκ τε τοῦ τρέφειν ἐκείνῳ τὴν κόμην φάσκειν καὶ τοῦ τὸν Μενέσθιον, ἓνα τῶν λοχαγῶν αὐτοῦ, Σπερχειοῦ λέγεσθαι παῖδα καὶ τῆς ἀδελφῆς τῆς Ἀχιλλέως.

#### Tradução:

#### 9.5.9.1-12

O Esperqueu é lembrado muitas vezes como um rio da terra, tendo as nascentes na montanha de Dríope Tifresto, que era chamada...primeiro, desembocando próximo

---

<sup>447</sup> Estrabão, *Geografia*, 1.2.8; Sófron, *CGF*, 9.

<sup>448</sup> Grimal, 2005, p. 129.

<sup>449</sup> *LSJ*, 1996, p. 744; Chantraine, 2009, p. 373.

<sup>450</sup> *LSJ*, 1996, pp. 623 e740.

das Termópilas, bem no meio delas e de Lâmia. Mostra que tanto tudo quanto havia no Golfo Málio dentro dos portões, quanto tudo fora, era dele. O Esperqueu fica cerca de trinta estádios distante de Lâmia, chegando em uma planície situada acima do Golfo Málio. Pelo fato de o Esperqueu ser da terra, ele consagrou o crescer do cabelo para ele e também o do Menéstio, um dos capitães dele, que se dizia filho do Esperqueu e da irmã de Aquiles.

### **Comentário:**

Estrabão está se referindo à geografia dos poemas homéricos neste trecho, e a como o poeta se refere ao rio Esperqueu. Na verdade, ele está descrevendo a região da Tessália, e um de seus maiores distritos, a Ftiótida. A pessoa dos verbos "é lembrado (μνησθένος)", "mostra (δηλοῖ)" é o poeta da *Iliada*.<sup>451</sup> O pronome "aquele (ἐκεῖνον)", sempre no dativo, se refere repetidas vezes a Aquiles, de modo que a terra que Estrabão está descrevendo teria pertencido a Aquiles, segundo comentários da *Iliada*.<sup>452</sup>

---

### **9.5.10.1-13**

Διαριθμοῦνται δὲ τὰς ὑπὸ τῷ Φθιωτικῷ τέλει τῷ ὑπ' Ἀχιλλεῖ κατοικίας [ἀπὸ] Μαλιέων ἀρξάμενοι πλείους μὲν, ἐν δ' αὐταῖς Θήβας τὰς Φθιώτιδας Ἐχῖνον Λάμιαν, περὶ ἣν ὁ Λαμιακὸς συνέστη πόλεμος Μακεδόσι καὶ Ἀντιπάτρῳ πρὸς Ἀθηναίους· ἐν ᾧ Λεωσθένης τε ἔπεσε τῶν Ἀθηναίων στρατηγός, [καὶ Λεοννάτος] ὁ Ἀλεξάνδρου τοῦ βασιλέως ἑταῖρος. [ἔτι δὲ Ναρθάκιον Ἐρινεὸν Κορώνειαν, ὁμώνυμον τῇ Βοιωτικῇ, Μελίταιαν Θαυμακοῦς Πρόερναν Φάρσαλον Ἐρέτριαν, ὁμώνυμον τῇ Εὐβοικῇ, Παραχελωῖτας καὶ τούτους ὁμωνύμους τοῖς Αἰτωλικοῖς· καὶ γὰρ ἐνταῦθά ἐστιν Ἀχελῶος ποταμὸς πλησίον Λαμίας, παρ' ὃν οἰκοῦσιν οἱ Παραχελωῖται.

### **Tradução:**

### **9.5.10.1-13**

E enumeram na região da Ftiótida a maioria das vilas dos málios governadas por Aquiles, entre elas: Tebas da Ftiótida, Equino, Lâmia (a qual esteve envolvida na

---

<sup>451</sup> Cf. Strabo, *Geography*, pp. 410-412.

<sup>452</sup> Cf. Strabo, *Geography*, p. 411, nn. 3 e 4.

guerra lamíaca entre macedônios e Antípatro contra atenienses; nela Leóstenes, general dos atenienses, caiu, e também Leônato, companheiro do rei Alexandre), e ainda Natárquio, Eríneo, Coroneia (homônima à da Beócia), Melitaia, Tâumaco, Proerna, Fársalo, Erétria (homônima à da Eubeia), Paraquelita e essas homônimas às dos etólios. Ali havia, pois, um rio Aquelôo, próximo de Lâmia, ao longo do qual moravam os paraquelitas.

**Comentário:**

Estrabão continua mencionando as partes constituintes da região que pertencia a Aquiles, com suas cidades e rios. Nesse trecho ele menciona a Guerra de Lâmia, citando as mortes do principal comandante ateniense, o general Leóstenes, e de um dos comandantes dos macedônios, que havia chegado da Ásia para auxiliar Antípatro na guerra, Leônato, que havia sido um dos *σωματοφύλακες* de Alexandre.<sup>453</sup>

---

**10.1.6.1-12**

κατεστράφη δὲ τὰ Στύρα ἐν τῷ Λαμιακῷ πολέμῳ ὑπὸ Φαίδρου τοῦ Ἀθηναίων στρατηγοῦ· τὴν δὲ χώραν ἔχουσιν Ἐρετριεῖς.

**Tradução:**

**10.1.6.1-12**

Estira foi destruída na guerra lamíaca por Fedro, general dos atenienses: é terra dos erétrios.

**Comentário:**

No livro X de sua *Geografia*, Estrabão está descrevendo a ilha da Eubeia, que os gregos hoje chamam Évia.

**Λαμιακῷ πολέμῳ:** Meineke usa *Λαμιακῷ πολέμῳ* para este trecho, Jones, porém, fornece *Μαλιακῷ πολέμῳ*, e diz que a emenda de Meineke carece de evidências, mas

---

<sup>453</sup> Para maiores informações sobre a região da Tessália, suas *pólis* e sua descrição geográfica, cf. Hansen & Nielsen, *IACP*, 2004, pp. 676-731, especialmente pp. 685-686 e 709-713, que tecem comentários sobre a região da Mália.

que pode, contudo, estar certa.<sup>454</sup> Ou seja, a guerra que aconteceu entre gregos e macedônios também pode ser conhecida como Guerra Mália, devido ao nome da região ser Mália, que é onde está localizado Golfo Málho, como já mencionamos anteriormente.<sup>455</sup> Essa é a primeira vez que o nome Guerra Mália é mencionado, e ele não está atestado em mais nenhuma outra das fontes que fazem parte do *corpus* desta tese. Plutarco usa Guerra Helênica como variação para Guerra de Lâmia, ou Lamíaca, sem um rigor nessa variação.<sup>456</sup>

**Στύρα:** Estira era uma das cidades da Eubéia, é mencionada no Catálogo das Naus na *Iliada* (II. 536-539).<sup>457</sup>

---

### 10.2.1.17-19

ἐκαλεῖτο δὲ Θόας ὁ Ἀχελῷος πρότερον. ἔστι δὲ καὶ ὁ παρὰ Δύμην ὁμώνυμος τούτῳ, καθάπερ εἴρηται, καὶ ὁ περὶ Λάμιαν.

#### Tradução:

### 10.2.1.17-19

Antes, o Aquelôo era chamado Toas. Mas também há um homônimo a ele próximo a Dimis, como já foi falado, e também um acerca de Lâmia.

#### Comentário:

**Ἀχελῷος:** nesse trecho do livro X Estrabão descreve as regiões habitadas pelos etólios e acarnenses, que têm o rio Aquelôo dividindo o território entre si (10.2.1). Ele menciona que a região de Lâmia também tinha um rio denominado Aquelôo.<sup>458</sup>

---

<sup>454</sup> Strabo, 1954, p. 11.

<sup>455</sup> Cf. nesta tese os autores que descrevem a cidade de Lâmia, e seus arredores, além de Estrabão: Sílux de Carianda, pp. 64-65; Diodoro Sículo, pp. 140-151; Filon de Alexandria, pp. 165-166; Pausânias, pp. 198-208.

<sup>456</sup> Cf. nesta tese Plutarco, pp. 173-194.

<sup>457</sup> Para maiores informações sobre Estira, cf. Hansen & Nielsen, 2004, *IACP*, p. 660. Para informações sobre a ilha da Eubeia, cf. *idem, ibidem, IACP*, pp. 643-663.

<sup>458</sup> Para informações descritivas sobre a *pólis* de Lâmia, cf. Hansen & Nielsen, 2004, *IACP*, pp. 712-713, e para a descrição geral da região da Mália, *id., ibid., IACP*, pp. 658-686.

---

## Διονύσιος Ἀλικαρνασσεύς - Dioniso de Halicarnasso *ca* 60 a.C. - depois de 7 d.C.

---

### ΠΕΡΙ ΤΟΥΚΥΔΙΔΟΥ 6.21-30<sup>459</sup>

ἔπειτα κατὰ τὸ μηδὲν αὐτῇ μυθῶδες προσάψαι, μηδ' εἰς ἀπάτην καὶ γοητείαν τῶν πολλῶν ἐκτρέψαι τὴν γραφήν, ὡς οἱ πρὸ αὐτοῦ πάντες ἐποίησαν, Λαμίας τινὰς ἱστοροῦντες ἐν ὕλαις καὶ νάπαις ἐκ γῆς ἀνιέμενας, καὶ Ναΐδας ἀμφιβίους ἐκ Ταρτάρων ἐξιούσας καὶ διὰ πελάγους νηχομένας καὶ μιζόθηρας, καὶ ταύτας εἰς ὀμιλίαν ἀνθρώποις συνερχομένας, καὶ ἐκ θνητῶν καὶ θείων συνουσιῶν γονὰς ἡμιθέους, καὶ ἄλλας τινὰς ἀπίστους τῷ καθ' ἡμᾶς βίῳ καὶ πολὺ τὸ ἀνόητον ἔχειν δοκούσας ἱστορίας.

### Tradução:

#### *Sobre Tucídides 6.21-30*

E depois nem adicionou a ela o mítico, nem tirou a escrita de seu curso para ir em direção à trapaça e engano dos muitos, como fizeram todos antes dele, ao testemunharem de algumas lâmias que em selvas e vales brotavam da terra; e de náíades anfíbias saídas do Tártaro que nadam em mar aberto e são metade animal, e que se combinam a homens em relações sexuais; e ainda de semi-deuses, prole de mortais e deuses combinados; e nos ensinando algumas outras histórias inacreditáveis e muito cheias de irracionalidade para a vida.

### Comentário:

**Λαμίας τινὰς ἱστοροῦντες ἐν ὕλαις καὶ νάπαις ἐκ γῆς ἀνιέμενας:** essas *lâmias* que brotam da terra são uma novidade. Não há nenhum registro anterior a Dioniso de Halicarnasso que faça referência a tais seres. Alguns autores de nosso *corpus* referem-se a *lâmias* como habitantes de cavernas e como seres de natureza selvagem, mas não como habitantes de selvas.<sup>460</sup>

---

<sup>459</sup> Texto grego retirado de Usener & Radermacher, 1965 = *TLG*.

<sup>460</sup> Cf. nesta tese Diodoro Sículo pp. 140-151; Antonino Liberal, pp. 234-238; Heráclito pp. 279-280.

---

## Φίλων Ἀλεξανδρεύς - Fílon de Alexandria

15/10 a.C. - 45/50 d.C.

---

### *Ο ΕΣΤΙ ΤΗΣ ΑΥΤΟΥ ΠΡΕΣΒΕΙΑΣ ΠΡΟΣ ΓΑΙΟΝ, 351.1-352.1*<sup>461</sup>

χωρίς γὰρ τοῦ μηδὲν ὄν ἀρτίως εἶπον ἐργάσασθαι, μεταπεμψάμενος τοὺς δυεῖν κήπων ἐπιτρόπους τοῦ τε Μαικήνα καὶ Λαμία – πλησίον δέ εἰσιν ἀλλήλων τε καὶ τῆς πόλεως, ἐν οἷς ἐκ τριῶν ἢ τεττάρων ἡμερῶν διέτριβε· κείθι γὰρ ἐπὶ παροῦσιν ἡμῖν ἡ κατὰ παντὸς τοῦ ἔθνους ἔμελλε σκηνοβατεῖσθαι δραματοποιία – κελεύει τὰς ἐπαύλεις αὐτῷ πάσας περιανοιχθῆναι· βούλεσθαι γὰρ μετὰ ἀκριβείας ἐκάστην ἰδεῖν.

### **Tradução:**

#### *Sobre a embaixada a Caio, 351.1-352.1*

Disseram pois que sem propósito ele não trabalhava: ele convocara os guardiões dos jardins de Mecena e Lâmia — que eram próximos um do outro e também da cidade, e nos quais ele permaneceu por três ou quatro dias, pois ali, perante nós que estávamos presentes, estava marcada para ser encenada sua composição dramática para todo o povo — e ordenara que todos os prédios estivessem abertos para ele, pois depois queria examinar meticulosamente cada um.

### **Comentário:**

**Λαμία:** os jardins de Mecenas e Lâmia eram próximos a Roma. Os jardins de Lâmia (*horti Lamiani*) haviam provavelmente sido estabelecidos por Lúcio Élio Lâmia, membro da classe equestre romana, pai do consul romano de mesmo nome (3 d.C.), que os deixou de herança para Tibério.<sup>462</sup> E. Mary Smalwood conjectura que tais jardins fossem localizados a sudeste da atual Praça Vittorio Emanuele, por causa de achados arqueológicos encontrados nessa região.<sup>463</sup>

---

<sup>461</sup> Texto grego retirado de Cohn & Reiter, 1962 = *TLG*.

<sup>462</sup> Cf. Smith, 1954, p. 714. Para mais informações sobre Lúcio Élio Lâmia, pai e filho, cf. nesta tese Flégon de Trales, p. 197; Dion Cássio, pp. 245-247; Clemente de Alexandria, pp. 242-244.

<sup>463</sup> Cf. Smalwood, 1970, pp. 317-318. Nas pp. 253-254, n.º 181, a autora faz considerações a respeito dos jardins que Agripina, mãe de Calígula, ou talvez Germânico, criou, e onde estava localizado o circo de Calígula e Nero, conhecido como *Circus Vaticanus*, na margem direita do rio Tibre.

Na obra em questão, Filon descreve as perseguições que os judeus sofreram da parte de Calígula, especialmente em Alexandria, onde vivia o autor.<sup>464</sup> No parágrafo acima Filon exemplifica o comportamento despótico do imperador ante a segunda embaixada de judeus enviada à presença dele para resolver os conflitos entre estes e os gregos em Alexandria. Filon deixa clara a antipatia que o imperador sentia pelos judeus, que honravam a um outro deus, e não a ele.<sup>465</sup>

---

<sup>464</sup> Caio Júlio César Augusto Germânico, imperador romano de 37 a 41 d.C., cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 619-620, para todas essas informações.

<sup>465</sup> Cf. Filon de Alexandria, *Embaixada a Caio* 44 (349-354).

---

## Plinius Maior - Plínio, o Velho 23-79

---

*Naturalis Historia*, IX.LXXVIII<sup>466</sup>

Planorum piscium alterum est genus, quod pro spina cartilagineum habet, ut raiae, pastinacae, squatinae, torpedos et quos bouis, lamiae, aquilae, ranae nominibus Graeci appellant.

**Tradução:**<sup>467</sup>

*História Natural*, 9.78

Existe outro gênero de peixes chatos, que possui cartilagem ao invés de espinha, como as arraias, pastinagas, tubarões-anjo, tremelgas, e aqueles que os gregos chamam pelos nomes de bois, *lâmias*, águias e rãs.

**Comentário:**

*lamiae*: como pontuam os tradutores espanhóis da Editora Gredos, a enumeração é praticamente a mesma que Aristóteles faz em seu *Histórias sobre os animais*, V.540b, o primeiro trecho citado neste capítulo.<sup>468</sup> O próprio Plínio cita Aristóteles anteriormente ao trecho, dizendo que ele foi o primeiro a chamar tais peixes de selácios, deixando clara a influência que exerceu o autor macedônio sobre seu trabalho.<sup>469</sup>

A respeito das espécies de tubarão cotadas para serem a que tanto gregos quanto romanos chamaram *lâmia* até o momento histórico retratado, os espanhóis citam o tubarão-leitão (também chamado de peixe-porco e tambor), o francês, Saint-

---

<sup>466</sup> Texto latino retirado de Pline L'Ancient, 1955. Da vasta obra de Plínio, o velho, o único texto que restou na íntegra foi a *História natural (Historia naturalis)*. Essa obra é uma compilação em forma enciclopédica composta por trinta e sete livros, e com uma introdução bastante detalhada do plano de organização pretendida no livro primeiro. Assim, Plínio trata de assuntos variados: astrologia, geografia, história, antropologia, botânica e zoologia. Mas, entremeados às observações científicas, relatos míticos aparecem, e também descrições de animais fantásticos, e superstições populares.

<sup>467</sup> Tradução de Priscilla A. F. Almeida, com revisão nossa.

<sup>468</sup> Cf. nesta tese Aristóteles, p. 106-108.

<sup>469</sup> Plínio, o velho, *História natural*, 9.78: Haec Graece in uniuersum *σελάχη* appellauit Aristoteles primus hoc nomine eis inposito. Nos distinguere non possumus, nisi si cartilagina appellare libeat. – "Aristóteles foi o primeiro que chamou estes peixes gregos, no geral, de selácios, dando a eles este nome. Nós não podemos melhor distingui-los, a menos que os chamemos de cartilaginosos". Tradução de Priscilla A. F. Almeida.

Denis, identifica a *lâmia* com o tubarão-branco e Maria de Fátima Sousa e Silva, a tradutora portuguesa de Aristóteles, a identifica com o tubarão-sardo (conhecido no Brasil como tubarão-mako ou anequim).<sup>470</sup> De modo que não parece haver um acordo entre os tradutores a respeito de qual espécie atual de tubarão seria representada por esta tal *lâmia* greco-romana.<sup>471</sup>

---

<sup>470</sup> Sanz, Arribas, Casas, Miguel & Hernáez, 2003, p. 277: "Esta enumeración de selacios es casi idéntica a la de Arist., HA V540b. Según los comentaristas de este autor, el buey marino se corresponde con la raya cornuda, la lamia, con un tipo de tiburón (*Squalus centrina*); el pez águila se identifica con la raya *Myliobatis aquila*. Naturalmente el pez rana es el rape, conocido todavía hoy en el N de España por el nombre de pez sapo, que descansa en una metáfora muy similar" – "Esta enumeração de selácios é quase idêntica à de Aristóteles, *História dos animais*, V540b. Segundo os comentaristas deste autor, o boi marinho corresponde à raia cornuda, a lâmia com um tipo de tubarão (*Squalus centrina*); o peixe-águia se identifica com a raia *Myliobatis aquila*. Naturalmente o peixe rã é o tamboril, conhecido ainda hoje no norte da Espanha pelo nome de peixe-sapo, que descansa em uma metáfora muito similar"; Pline L'Ancien, 1955, p. 124: "lamie, ou touille"; Aristóteles, 2006, p. 206. Cf. nesta tese Aristóteles, pp. 106-114.

<sup>471</sup> Cardoso, 2003, pp. 193-195.

---

# Κλήμης Ῥώμης - Clemente Romano

## I d.C. (data exata desconhecida)

---

*ΟΜΙΛΙΑΙ*, 5.13.7.1-5.14.2.1<sup>472</sup>

Νεμέσει τῆ Θεστίου τῆ καὶ Λήδα νομισθείση κύκνος ἢ χῆν γενόμενος Ἑλένην ἐτεκνώσατο καὶ αὖθις ἀστὴρ γενόμενος Κάστορα καὶ Πολυδεύκην ἐξέφηεν. Λαμία ἐπεμορφώθη ἔποψ. Μνημοσύνην, αὐτὸς εἰκασθεὶς ποιμένι, Μουσῶν ἀποφαίνει μητέρα. Σεμέλην τὴν Κάδμου † πυρσέων γαμεῖ, ἐξ ἧς Διόνυσον τελεῖ.

**Tradução:**

*Homilias*, 5.13.7.1-5.14.2.1

Com a Nêmesis de Téstio, que também é denominada Leda, em forma de cisne ou ganso, gerou Helena, e depois, tornando-se um astro, produziu Castor e Polideuces. Para Lâmia, se metamorfoseou em uma poupa. Tomando a forma de um pastor fez de Mnemósine mãe das Musas. Em chamas, transou com a Sêmele de Cadmo: dela surgiu Dioniso.

**Comentário:**

**Λαμία ἐπεμορφώθη ἔποψ:** é a primeira vez que um autor relata como foi a conquista de Lâmia por Zeus, que se transformou em uma poupa.<sup>473</sup> Não há outro registro dessa transformação, essa é a única fonte antiga que apresenta esse relato.

O trecho traduzido faz parte de uma carta que teria sido escrita por Ápion para um Clemente adolescente, para ajudá-lo a resolver seu "problema amoroso". Nesse trecho, o eu da carta cita os amores de Zeus, para tentar convencer a mulher por quem Clemente "está enamorado" de que o adultério não é mal visto pelos deuses, pois ela é casada. Ele se demora por vários parágrafos citando as diversas maneiras utilizadas por Zeus para seduzir.<sup>474</sup>

---

<sup>472</sup> Texto grego retirado de Rehm, Irmischer & Paschke, 1969 = *TLG*. As *Homilias* são diálogos entre Clemente e Ápion, no formato de um romance grego. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 345.

<sup>473</sup> Cf. nesta tese Antonino Liberal, pp. 238-242; cf. Fontenrose, 1980, pp. 100-104.

<sup>474</sup> Clemente Romano, *Homilia* V.12-15, em que ele narra os amores de Zeus.

---

# Δίων Χρυσόστομος - Dión Crisóstomo

*ca. 40- ca. 120*

---

## **ΚΟΡΙΝΘΙΑΚΟΣ, 37.12.6-14.3<sup>475</sup>**

τὸ μὲν οὖν τοῦ μύθου τε καὶ τοῦ λόγου, τῆδέ πη συνάδοντα, τρίτην ἐπὶ δισσοῖς μάρτυσι τὴν θεσπιφδὸν Σίβυλλαν παρακαλεῖ· τρανῆ δὲ ἐκ θεοῦ φωνὴν λαχοῦσα ἄδει μάλα μέγα·

– εὐδαίμων πιτωάδεος ὄλβιος ἀρχὴν  
Ὀκεανοῦ κούρης Ἐφύρης, ἔνθα Ποσειδῶν,  
μητρὸς ἐμῆς Λαμίας γενέτωρ, προύθηκεν ἀγῶνα  
πρῶτος ἄμ' Ἡελίῳ, τιμὰς δ' ἠνέγκατο μούνος.

καὶ γὰρ τοὶ καὶ ἀγῶνα πρῶτον ἐνταυθοῖ τεθῆναί φασιν ὑπὸ τῶν δύο θεῶν, καὶ νικῆσαι Κάστορα μὲν στάδιον, Κάλαιν δὲ δίαυλον· καὶ γὰρ Κάλαιν φασὶ δραμεῖν, ἀπεχόμενον τοῦ πέτεσθαι.

### **Tradução:**

#### **Coríntios, 37.12.6-14.3 (Oração 37)**

E então o mito e a história, aqui cantando em harmonia, convocam a profetisa Sibila, a terceira de duas testemunhas; e ela, inspirada pela voz clara do deus, canta mais alto:

– abençoado pinhoso feliz estreito  
de Éfira filha de Oceano, lá Poseidon,  
genitor da minha mãe Lâmia, instituiu jogos  
primeiro com Hélio, mas as honras levou sozinho.

E também aqui, deixe-me dizer, dizem terem sido primeiramente estabelecidos jogos pelos dois deuses, e Castor venceu na corrida, enquanto Calé venceu na corrida dupla; pois dizem que Calé correu, evitando voar.

---

<sup>475</sup> Texto grego retirado de von Arnim, 1962 = *TLG*.

### **Comentário:**

A *Oração 37* é um discurso de um filósofo que se dirige aos coríntios para os exortar a recolocar no lugar uma estátua que tinham de sua pessoa e que havia sido retirada. O filósofo alega não ser um materialista, mas requer sua estátua de volta em posição de homenageado pela cidade. Essa é uma oração problemática, pois afirma-se que sua autoria não é de Dion, mas sim de algum escritor inferior, por causa do estilo e arranjo do texto. A Lâmia aqui referida é a mesma a qual fazem menção Pausânias e Plutarco, uma filha de Poseidon que seria a mãe da primeira, ou segunda, sibila a assentar-se na pedra de Delfos.<sup>476</sup>

---

### ***ΠΕΡΙ ΟΜΗΡΟΥ ΚΑΙ ΣΩΚΡΑΤΟΥΣ, 55.11.1-4***<sup>477</sup>

μόνους δὲ θαυμάζεις τοὺς λέοντας καὶ τοὺς ἀετοὺς καὶ τὰς Σκύλλας καὶ τοὺς Κύκλωπας, οἷς ἐκεῖνος ἐκήλει τοὺς ἀναισθήτους, ὥσπερ αἱ τίθται τὰ παιδιά διηγούμεναι τὴν Λάμιαν.

### **Tradução:**

#### ***Sobre Homero e Sócrates, 55.11.1-4 (Oração 55)***

Tu te maravilhas apenas com os leões e as águias, as Cilas e os Ciclopes, com os quais aquele enfeitiçava os sem-noção, assim como as babás contando histórias da *lâmia* para as crianças.

### **Comentário:**

Díon Crisóstomo faz aqui nesse discurso uma explicação para um interlocutor desconhecido, a respeito da razão de sua afirmação de que Sócrates teria tido Homero como seu mentor intelectual, seu grande mestre. Ele abre o discurso/diálogo com o interlocutor desconhecido perguntando quem seria o mestre de Sócrates, uma vez que todo grande escritor/pensador do mundo conhecido teve um grande mestre, e que é possível identificar tais mestres.<sup>478</sup> Os dois únicos que não teriam tido mestres foram Hesíodo, que afirmou ter recebido seu dom diretamente das Musas, e Heráclito de

---

<sup>476</sup> Cf. nesta tese Plutarco, p. 190; e Pausânias, pp. 207-208.

<sup>477</sup> Texto grego retirado von Arnim, 1962 = *TLG*.

<sup>478</sup> Diodoro Sículo 55.1.6-55.1.7: "καὶ τῶν ἄλλων δὲ τῶν πλείστων ἔχομεν εἰπεῖν τοὺς διδασκάλους τῶν ἐνδόξων ἀνδρῶν" – "e temos como dizer os professores da maioria dos outros homens notáveis".

Éfeso, que afirmou ter descoberto, sozinho e unicamente por seu esforço individual, qual era a natureza do universo.<sup>479</sup>

Para Dion, as histórias de *lâmias* que as babás contam para amedrontar os pequenos entram na mesma categoria que as histórias que os poetas contam sobre Cilas e Cílopes (referência aos poemas homéricos), leões e águias (referindo-se ao mito de Hércules, o leão, ou ao deus Dionísio, e aos sistemas de vaticínio, a leitura do vôo das aves, a favorável águia de Zeus): enganações para tapear os "sem noção", aqueles que não têm capacidade crítica suficiente para ver que essas são histórias fantasiosas, mentiras. Portanto, para Díon Crisóstomo, a julgar por este trecho da *Oração 55*, a mitologia é um recurso usado para enganar os "bobos", ou aqueles que têm mentes infantis (como as crianças, que têm medo das mentiras que lhes contam sobre a *lâmia* porque acreditam nos adultos).

---

<sup>479</sup> Diodoro Sículo 55.1.7-55.2.3: "δίχα γε Ἡρακλείτου τοῦ Ἐφεσίου καὶ Ἡσιόδου τοῦ Ἀσκραίου. ὁ μὲν γάρ φησιν ποιμαίνων ἐν τῷ Ἑλικῶνι παρὰ τῶν Μουσῶν λαβεῖν ἐν δάφνης ὄζῳ τὴν ποίησιν, ἵνα μὴ πράγματα ἔχοιμεν ζητοῦντες αὐτοῦ τὸν διδάσκαλον· Ἡράκλειτος δὲ ἐτι γενναιότερον αὐτὸς ἐξευρεῖν τὴν τοῦ παντὸς φύσιν ὅποια τυγχάνει οὔσα, μηδενὸς διδάξαντος καὶ γενέσθαι παρ' αὐτοῦ σοφός" – "exceto Heráclito de Éfeso e Hesíodo de Ascra. Este disse que estava apascentando no Hélicon quando recebeu da parte das Musas, num ramo de loureiro, a poesia, a fim de que não checássemos as coisas, procurando por seu professor; já Heráclito, por sua vez, e ainda mais nobremente, diz ter encontrado ele mesmo a natureza do todo, e que ela era de tal forma que ele, ensinando a si mesmo, se tornou sábio por si mesmo".

---

# Πλούταρχος - Plutarco

## 46-120

---

### *Vidas Paralelas:*

---

#### **Δημήτριος 10.2.1-3.1**<sup>480</sup>

Ἀθηναῖοι δ' ἀπολαβόντες τὴν δημοκρατίαν ἔτει πεντεκαίδεκάτῳ, τὸν διὰ μέσου χρόνον ἀπὸ τῶν Λαμιακῶν καὶ τῆς περὶ Κραννῶνα μάχης λόγῳ μὲν ὀλιγαρχικῆς, ἔργῳ δὲ μοναρχικῆς καταστάσεως γενομένης διὰ τὴν τοῦ Φαληρέως δύναμιν, οὕτως λαμπρὸν ἐν ταῖς εὐεργεσίαις καὶ μέγαν φανέντα τὸν Δημήτριον ἐπαχθῆ καὶ βαρὺν ἐποίησαν τῶν τιμῶν ταῖς ἀμετρίαις ἃς ἐψηφίσαντο.

#### **Tradução:**

#### **Demétrio 10.2.1-3.1**

E então os atenienses recuperaram a democracia no décimo quinto ano após a Guerra de Lâmia e a batalha em volta de Crannon. No tempo intermediário houve uma instituição oligárquica na fala, mas monárquica na prática, devido ao poder de Demétrio de Falero. Assim, os atenienses fizeram Demétrio, que havia sido brilhante e muito generoso em suas benfeitorias públicas, ofensivo e pesado, por causa das honras desmedidas que lhe concederam por voto.

#### **Comentário:**

O Demétrio que está sendo desmedidamente honrado pelos atenienses nesse trecho é Demétrio Poliorcetes, filho de Antígono Monóculo, que era um dos mais poderosos generais de Alexandre, encarregado por esse do governo da Frígia. Quando Demétrio Poliorcetes adentrou o Pireu e devolveu aos atenienses o controle de sua cidade em 307 a.C., Demétrio de Falero era o governante oficial de Atenas, colocado no poder

---

<sup>480</sup> Texto grego retirado de Ziegler, 1971<sup>3.1</sup> = TLG.

por ordem de Cassandro, que havia herdado o poder de seu pai, Antípatro.<sup>481</sup> Antípatro havia sido escolhido por Alexandre para ser o governador da Macedônia e da Grécia na sua ausência, pois estava partindo para sua campanha na Ásia, com o objetivo de reconquistar dos persas os territórios que eles haviam conquistado dos gregos séculos antes (nas chamadas Guerras Médicas, que se desenrolaram no século V a.C.).<sup>482</sup>

Demétrio de Falero havia sido estudante da Academia, um dos discípulos favoritos de Teofrasto, com quem Aristóteles tinha deixado a diretoria da instituição, pois fora obrigado a fugir de Atenas com sua família (se estabeleceu na Ilha da Eubeia) após a morte de Alexandre e antes da Guerra Helênica (inverno de 323-322 a.C., também conhecida como Guerra de Lâmia).<sup>483</sup>

---

### **Δημήτριος 16.5.1-7.1**

ἐν δὲ τούτοις ἡ περιβόητος ἦν Λάμια, τὴν μὲν ἀρχὴν σπουδασθεῖσα διὰ τὴν τέχνην – ἐδόκει γὰρ αὐλεῖν οὐκ εὐκαταφρονήτως – , ὕστερον δὲ καὶ τοῖς ἐρωτικοῖς λαμπρὰ γενομένη. τότε γοῦν ἤδη λήγουσα τῆς ὥρας καὶ πολὺ νεώτερον ἑαυτῆς λαβοῦσα τὸν Δημήτριον, ἐκράτησε τῆ χάριτι καὶ κατέσχευεν, ὥστ' ἐκείνης εἶναι μόνης ἐραστὴν, τῶν δ' ἄλλων ἐρώμενον γυναικῶν.

---

<sup>481</sup> Cassandro, na verdade, usurpou o poder na Macedônia, pois seu pai, ao morrer (Antípatro morreu em 319 a.C.), havia nomeado Poliperconte, um general mais velho, como seu sucessor. Cassandro recorreu a Antígono Monóculo, que o ajudou a vencer Poliperconte. A partir de 316 a.C. e até 297 a.C., ele foi o rei da Macedônia. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 297-298.

<sup>482</sup> Plutarco, 2009, p. 61, esp. n. 82. As Guerras Médicas foram duas tentativas da parte do império persa de conquistar a Grécia, que aconteceram em 490 a.C. (persas comandados por Dario I) e 480/479 a.C. (persas comandados por Xerxes). As batalhas de Maratona (490 a.C.), na qual relata-se que os gregos tinham 10 mil soldados e os persas pelo menos o dobro dessa soma, e os primeiros saíram vitoriosos, com apenas 192 mortos, contra 6.400 persas; Termópilas (480 a.C.), na qual 6 a 7 mil gregos seguraram o paço entre as montanhas e o mar por dois dias contra o exército persa, no final o rei de Esparta, Leônidas, lutou com apenas sua guarda pessoal de 300 homens contra todo o exército persa; Artemísio (480 a.C.), aconteceu ao mesmo tempo que a batalha das termópilas e se arrastou por três dias, com vitória grega, apesar de perdas enormes; Salamina (480 a.C.), da qual não se sabe muito, apenas que os persas perderam e se retiraram de volta para a Ásia; e Plateia (479 a.C.), que colocou um fim definitivo nas tentativas de Xerxes de conquistar a Grécia, pois arrasou seu exército, são os eventos mais conhecidos dessas guerras. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1145-1147, para uma visão geral das guerras; e para as batalhas: p. 921 para Maratona; p. 1507 para Termópilas; p. 184 para Artemísio; p. 1347 para Salamina; e p. 1189 para Plateia.

<sup>483</sup> Demétrio de Falero foi um aluno de Teofrasto, nomeado por Cassandro governador de Atenas, a qual governou por 10 anos, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 448; cf. nesta tese Favorino, p. 195; e Diógenes Laércio, pp. 274-275. A Batalha de Crannon finalizou a Guerra de Lâmia, e significou a derrota dos gregos para os macedônios. Para informações sobre a cidade de Crannon, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 405; Hansen & Nielsen, 2004, *IACP*, pp. 694-695.

### **Tradução:**

#### ***Demétrio 16.5.1-7.1***

E entre esses estava a renomada Lâmia, que originalmente tinha estudado artes — pois parecia tocar a flauta de maneira não desprezível — e, depois, também se tornou ilustre nas artes eróticas. E ainda depois, já estando então no outono da sua vida e sabendo que o Demétrio era muito mais novo que ela mesma, conquistou-o com graça e o segurou, de modo que ela era a única amada dele, enquanto ele era amado por outras mulheres.

### **Comentário:**

Plutarco descreve a Batalha de Chipre, em que Demétrio venceu primeiramente Menelau, irmão de Ptolomeu, e depois o próprio Ptolomeu, que havia ocorrido em defesa do irmão. Ptolomeu chegou com uma frota de cento e cinquenta navios, aos quais Demétrio opôs seus cento e oitenta, deixando apenas dez para bloquearem o porto e a entrada de Menelau, que viria de Salamina com sessenta navios na retaguarda de Demétrio.<sup>484</sup> Ptolomeu acabou sofrendo uma derrota gigantesca e perdendo seu domínio sobre Chipre (segundo Plutarco, Demétrio se apossou de cento e sessenta e oito mil prisioneiros de guerra, armamento, tesouros e tudo o que carregavam os setenta navios de Ptolomeu que foram por ele capturados — os que sobraram da frota de cento e cinquenta navios de Ptolomeu após a batalha, exceto os oito com que ele fugiu de volta para o Egito). Demétrio também derrotou Menelau, tendo forçado sua rendição e capturado seus pertences (armamentos, soldados, navios e todos que os acompanhavam).

**Λάμια:** dentre os cativos aprisionados por Demétrio, segundo Plutarco, estava a famosa Lâmia, que iria se tornar sua amante mais famosa. Plutarco a descreve como uma boa flautista (aparentemente não era excelente, a julgar pelo expressão adverbial que ele usa para acompanhar o verbo ἀλλέω, οὐκ εὐκαταφρονήτως), e uma amante melhor ainda, pois afirma que ela era brilhante nas artes eróticas (τοῖς ἐρωτικοῖς λαμπρὰ γενομένη). Plutarco diz ainda que Demétrio, que era muito mais jovem que Lâmia e era amado por muitas mulheres, amava apenas Lâmia (ἐκείνης εἶναι μόνης

---

<sup>484</sup> Cf. Plutarco, 2009, pp. 62-63, esp. nota 91; Salamina era a maior *pólis* de Chipre. Foi destruída por um terremoto no século IV, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1347; Hansen & Nielsen, 2004, *IACP*, p. 1229.

ἐραστήν), para dar valor à sua afirmativa de que ela era uma amante excelente. Essa Lâmia prostituta mais velha que se relaciona com um homem mais novo remete à *lâmia* espectral de Filóstrato, que bebia o sangue e comia a carne dos rapazes jovens para ganhar vigor e energia.<sup>485</sup>

---

#### **Δημήτριος 19.6.1-4**

λέγεται δὲ τῆς Λαμίας ἀναφανδὸν ἤδη κρατούσης τὸν Ἀντίγονον ὑπὸ τοῦ Δημητρίου καταφιλούμενον ἤκοντος ἀπὸ ξένης εἰπεῖν ἅμα γελῶντα· “δοκεῖς Λάμιαν ᾧ παῖ καταφιλεῖν.”

#### **Tradução:**

#### **Demétrio 19.6.1-4**

Diz-se que, quando já era visível o domínio de Lâmia sobre Demétrio, chegando este do estrangeiro e indo beijar Antígono, esse disse, sorridente: "Pensas, ó rapaz, que estás a beijar Lâmia?".

#### **Comentário:**

Nesse trecho Plutarco comenta sobre os excessos e a parcimônia de Demétrio. Ele afirma que o rei macedônico era completamente desregrado quanto aos seus prazeres em tempos de paz, e completamente sóbrio e concentrado em tempos de guerra. E assim, divagando sobre os prazeres aos quais Demétrio se entregava despudoradamente, ele se refere às mulheres, que eram numerosas na vida do rei. Mas ele faz esse comentário específico sobre Lâmia, dizendo que ela tinha uma influência visível sobre Demétrio (ἀναφανδὸν κρατούσης).

Podemos notar a sofreguidão com que Demétrio beija seu pai no fragmento, como se estivesse a beijar sua amante Lâmia, que demonstra a voracidade sexual com que se relacionavam. O movimento é tão impulsivo e abrupto, que provoca o comentário do beijado, que possivelmente ficou sem fôlego. A violência desse ímpeto conecta essa voracidade dos amantes com a do tubarão, que abocanha sua presa de súbito, e se alimenta em um "frenesi", não conseguindo parar de ingerir carne até que

---

<sup>485</sup> Cf. nesta tese Filóstrato, pp. 254-261.

todo o corpo da vítima tenha sido consumido.<sup>486</sup> Esse também é o mesmo ímpeto que impele a *lâmia* de Antonino a sair de sua caverna de repente e raptar o ser vivo passante mais próximo, não importa se homem, ovelha, ou criança. O movimento súbito também pode ser conectado ao exército de Antípatro, que corta rapidamente pela planície tessália após enganar a cavalaria dos tessálios e toma a cidade de Lâmia de um golpe. São todos movimentos vorazes, alguns desesperados, alguns sôfregos, alguns calculados, alguns improvisados, mas todos abruptos, rápidos e, na maioria das vezes, fatais.

---

### **Δημήτριος 24.1.1-6**

Δημήτριος δέ, τὴν Ἀθηναίων αὐτῷ προσῆκον εἰ δι' ἄλλο μηδὲν ὥς γε πρεσβυτέραν ἀδελφὴν αἰσχύνεσθαι (τοῦτο γὰρ ἐβούλετο λέγεσθαι), τοσαύτην ὕβριν εἰς παῖδας ἐλευθέρους καὶ γυναῖκας ἀστὰς κατεσκεδάσατο τῆς ἀκροπόλεως, ὥστε δοκεῖν τότε μάλιστα καθαρεῦν τὸν τόπον, ὅτε Χρυσίδι καὶ Λαμία καὶ Δημοῖ καὶ Ἀντικύρα ταῖς πόρναις ἐκείναις συνακολασταῖνοι.

### **Tradução:**

#### **Demétrio 24.1.1-6**

E Demétrio então, que deveria reverenciar Atena, se não por outra razão, pelo fato de ela ser para ele como uma irmã mais velha (pois ele gostava de dizer isso), tal excesso espalhou da Acrópole para rapazes livres e mulheres cidadãs, de modo a fazer pensar que no lugar que deveria ser o mais limpo, podia cometer tais libertinagens com as prostitutas Crisídis, Lâmia, Demo e Anticira.

### **Comentário:**

O autor está se referindo ao cúmulo a que chegaram os atenienses para honrar a Demétrio ao alojá-lo no templo atrás do Parthenon, fazendo dele sua residência oficial quando estivesse em Atenas. Demétrio havia libertado os atenienses do jugo de

---

<sup>486</sup> O "frenesi alimentar" ("feeding frenzy", em inglês) é um comportamento animal típico de lugares em que a competição pelas presas dentro do mesmo grupo é alta. Piranhas, carpas e pássaros, como as gaiotas, também apresentam esse tipo de comportamento. No caso dos tubarões, eles entram em uma loucura alimentar, mordendo tudo o que esteja ao alcance de suas mandíbulas, inclusive outros tubarões.

Cassandro mais uma vez, após aquela primeira vez em 307 a.C., quando destituiu Demétrio de Falero do poder. Dessa vez, Cassandro estava cercando a cidade para retomá-la, mas Demétrio veio auxiliar os atenienses com uma frota de trezentos e trinta navios, e fez o rei macedônio recuar de volta para a Macedônia.<sup>487</sup>

**ὄτε Χρυσίδι καὶ Λαμία καὶ Δημοῖ καὶ Ἀντικύρα ταῖς πόρναις ἐκείναις συνακολασταῖνοι:** nesse trecho, Plutarco critica a postura libertina de Demétrio que, ao invés de se comportar e respeitar a deusa que optou pela abstinência sexual em cujo templo estava se hospedando, mantinha uma vida totalmente desregrada, repleta de orgias com prostitutas e banquetes, desrespeitando-a dentro de seu próprio templo. Plutarco se refere a Lâmia como uma prostituta (ταῖς πόρναις ἐκείναις), e não como uma *hetaira*.<sup>488</sup>

---

#### **Δημήτριος 25.9.1-5**

ἦν δὲ καὶ πάντων ἀπεχθέστατος ὁ Λυσίμαχος αὐτῷ, καὶ λοιδορῶν εἰς τὸν ἔρωτα τῆς Λαμίας ἔλεγε νῦν πρῶτον ἑωρακέναί πορνὴν προερχομένην ἐκ τραγικῆς σκηνῆς· ὁ δὲ Δημήτριος ἔφη τὴν ἑαυτοῦ πόρνην σωφρονεστέραν εἶναι τῆς ἐκείνου Πηνελόπης.

#### **Tradução:**

#### **Demétrio 25.9.1-5**

Para ele, o mais odioso dentre todos era Lisímaco, que disse, criticando seu amor por Lâmia, "que agora pela primeira vez tinha visto uma puta atuando na cena trágica", ao que Demétrio respondeu que "a puta dele era muito mais sensata que a Penélope daquele".

#### **Comentário:**

Plutarco aqui se refere à inimizade entre Demétrio e Lisímaco, que era patente. O autor relata o costume que Demétrio tinha de, em seus banquetes, fazer seus convivas brindarem à saúde dos dois reis, ele próprio e seu pai, Antígono Monóculo, e às dos outros generais de Alexandre, rebaixando-os a categorias hierárquicas muito inferiores, pois não os considerava reis. Assim, Plutarco afirma que Seleuco era

---

<sup>487</sup> Cf. Plutarco, *Demétrio*, 23.

<sup>488</sup> Cf. nesta tese Idomeneu de Lâmpsaco, pp. 123-126; Ateneu de Náucratis, pp. 219-233.

chamado Mestre dos Elefantes (ἐλεφαντάρχου), Ptolomeu, Mestre dos Navios (ναυάρχου), Lisímaco, Tesoureiro (γαζοφύλακος), e Agátocles, Mestre da Ilha da Sicília (Σικελιώτου νησιάρχου). Ele diz que os outros reis não se importavam muito com tais zombarias, exceto Lisímaco (pois o cargo de tesoureiro era aparentemente exercido por eunucos<sup>489</sup>), que uma vez inclusive tentou ofender Demétrio referindo-se à Lâmia da uma maneira pouco educada, para o que obteve resposta de tamanho equivalente, como podemos comprovar no trecho acima traduzido. Alguns poetas cômicos fizeram bastante barulho a respeito desses acontecimentos em suas peças, e um deles até escreveu "ele tomou a acrópole por uma zona, / e introduziu as *hetairas* à virgem" (ὁ τὴν ἀκρόπολιν πανδοκεῖον ὑπολαβὼν, / καὶ τὰς ἐταίρας εἰσαγαγὼν τῇ παρθένῳ).<sup>490</sup>

Neste trecho, Plutarco introduz o mito de Penélope em oposição ao mito de Lâmia. Ele brinca com o epíteto homérico de Penélope, a sensata (περίφρων, mas Plutarco usa o comparativo de σώφρων), que supostamente esperou Odisseu durante vinte anos, sem nenhuma atividade sexual.

---

### **Δημήτριος 27**

Πολλῶν δὲ γενομένων ἐν τῇ πόλει τότε πλημμελημάτων καὶ παρανομημάτων ἐκεῖνο μάλιστα λέγεται λυπῆσαι τοὺς Ἀθηναίους, ὅτι διακόσια καὶ πεντήκοντα τάλαντα πορίσαι ταχὺ καὶ δοῦναι προσταχθὲν αὐτοῖς, καὶ τῆς εἰσπράξεως συντόνου καὶ ἀπαραιτήτου γενομένης, ἰδὼν ἠθροισμένον τὸ ἀργύριον ἐκέλευσε Λαμία καὶ ταῖς περὶ αὐτὴν ἐταίραις εἰς σμῆγμα δοθῆναι. ἡ γὰρ αἰσχύνῃ τῆς ζημίας καὶ τὸ ῥῆμα τοῦ πράγματος μᾶλλον ἠνώχλησε τοὺς ἀνθρώπους. ἔνιοι δὲ τοῦτο Θετταλοῖς, οὐκ Ἀθηναίοις, ὑπ' αὐτοῦ συμβῆναι λέγουσι. χωρὶς δὲ τούτων αὐτὴ καθ' ἑαυτὴν ἡ Λάμια τῷ βασιλεῖ παρασκευάζουσα δεῖπνον ἠργυρολόγησε πολλούς, καὶ τὸ δεῖπνον οὕτως ἦνθησε τῇ δόξῃ διὰ τὴν πολυτέλειαν, ὥσθ' ὑπὸ Λυγκέως τοῦ Σαμίου συγγεγράφθαι. διὸ καὶ τῶν κωμικῶν τις οὐ φαύλως τὴν Λάμιαν Ἐλέπολιν ἀληθῶς προσεῖπε. Δημοχάρης δ' ὁ Σόλιος τὸν Δημήτριον αὐτὸν ἐκάλει Μῦθον· εἶναι γὰρ αὐτῷ καὶ Λάμιαν. οὐ μόνον δὲ ταῖς γαμεταῖς, ἀλλὰ καὶ τοῖς φίλοις τοῦ Δημητρίου ζῆλον καὶ φθόνον εὐήμεροῦσα καὶ στεργομένη παρεῖχεν. ἀφίκοντο γοῦν τινες παρ' αὐτοῦ κατὰ

---

<sup>489</sup> Cf. Plutarco, 2009, pp. 79-80, e esp. notas 142-144 (p. 79) e 145 e 146 (p. 80).

<sup>490</sup> Plutarco, 2009, p. 81.

πρεσβείαν πρὸς Λυσίμαχον, οἷς ἐκεῖνος ἄγων σχολὴν ἐπέδειξεν ἔν τε τοῖς μηροῖς καὶ τοῖς βραχίουσιν ὠτειλὰς βαθείας ὀνόχων λεοντείων, καὶ διηγείτο τὴν γενομένην αὐτῷ μάχην πρὸς τὸ θηρίον, ὑπ' Ἀλεξάνδρου συγκαθειρθέντι τοῦ βασιλέως. οἱ δὲ γελῶντες ἔφασαν καὶ τὸν αὐτῶν βασιλέα δεινοῦ θηρίου δῆγματα φέρειν ἐν τῷ τραχήλῳ, Λαμίας. ἦν δὲ θαυμαστόν, ὅτι τῆς Φίλας ἐν ἀρχῇ τὸ μὴ καθ' ἡλικίαν δυσχεραίνων, ἦττητο τῆς Λαμίας καὶ τοσοῦτον ἦρα χρόνον ἤδη παρηκμακυίας. Δημῶ γοῦν ἡ ἐπικαλουμένη Μανία, παρὰ δεῖπνον αὐλούσης τῆς Λαμίας καὶ τοῦ Δημητρίου πυθομένου “τί σοι δοκεῖ;” “γραῦς” εἶπεν “ὦ βασιλεῦ.” πάλιν δὲ τραγημάτων παρατεθέντων, κάκεινου πρὸς αὐτὴν εἰπόντος· “ὄρῳς ὅσα μοι Λάμια πέμπει;” “πλείονα” ἔφη “πεμφθήσεται σοι παρὰ τῆς ἐμῆς μητρός, ἐὰν θέλῃς καὶ μετ' αὐτῆς καθεύδειν.” ἀπομνημονεύεται δὲ τῆς Λαμίας καὶ πρὸς τὴν λεγομένην Βοκχώρεως κρίσιν ἀντίρρησις. ἐπεὶ γὰρ τις ἐρῶν ἐν Αἰγύπτῳ τῆς ἐταίρας Θῶνιδος ἠτεῖτο συχνὸν χρυσίον, εἶτα κατὰ τοὺς ὕπνους δόξας αὐτῇ συγγενέσθαι τῆς ἐπιθυμίας ἐπαύσατο, δίκην ἔλαχεν ἡ Θῶνις αὐτῷ τοῦ μισθώματος. ἀκούσας δὲ τὸν λόγον ὁ Βόκχωρις ἐκέλευσε τὸν ἄνθρωπον ὅσον ἠτήθη χρυσίον ἠριθμημένον ἐν τῷ ἀγγεῖῳ διαφέρειν δεῦρο κάκεῖσε τῇ χειρὶ, τὴν δ' ἐταίραν ἔχεσθαι τῆς σκιᾶς, ὡς τὴν δόξαν τῆς ἀληθείας σκιὰν οὔσαν. οὐκ ᾔετο ταύτην εἶναι τὴν κρίσιν ἢ Λάμια δικαίαν· οὐ γὰρ ἀπέλυσεν ἡ σκιά τῆς ἐπιθυμίας τοῦ ἀργυρίου τὴν ἐταίραν, τὸ δ' ὄναρ ἔπαυσεν ἐρῶντα τὸν νεανίσκον. ταῦτα μὲν οὖν περὶ Λαμίας.

### **Tradução:**

#### ***Demétrio 27***

Das muitas faltas e ilegalidades cometidas na cidade, aquela que dizem mais ter entristecido de fato os atenienses foi ele tê-los comandado a levantar e entregar duzentos e cinquenta talentos rapidamente, no que foi uma coleta severa e devastadora, e então, vendo reunida a prata, tê-la mandado entregar para Lâmia e as hetairas de seu círculo para [comprar] sabão, pois o desrespeito do delito e o motivo do ato mais enojaram as pessoas. Alguns dizem que isso aconteceu aos tessálios, e não aos atenienses. Tirando isso, a própria Lâmia, por si mesma, impôs a muitos uma taxa, para preparar um banquete para o rei. E ofereceu o banquete com tal excelência na extravagância que ele foi descrito por Linceu de Samos. E por isso também, um dos cômicos, não sem razão e acertadamente, chamou Lâmia de "Helépolis". E Demócates de Sólío chamou Demétrio de "Mito", pois ele também tinha uma *lâmia*. O sucesso e o fato de ser amada causavam ciúme e inveja não apenas nas esposas de

Demétrio, mas também em seus amigos. De fato, alguns foram em uma embaixada da parte dele até Lisímaco, para os quais ele mostrou as profundas cicatrizes de garras leoninas que tinha nas coxas e nos braços, e descreveu a luta que travara contra a fera, porque fora trancafiado junto a ela pelo rei Alexandre. Eles então, às gargalhadas, falaram que o rei deles também trazia no pescoço mordidas de uma fera terrível, de uma *lâmia*. Espantoso foi que, Demétrio, que no início não fora capaz de suportar Fila por causa da idade dela, depois fora completamente domado por, e amara por tanto tempo, uma Lâmia já madura. De fato, durante o banquete, enquanto Lâmia tocava a flauta, Demétrio inquiriu a Demo, de apelido Mania: "o que te parece", ao que ela falou: "velha, ó rei". Mas, depois de servidas as sobremesas, aquele para ela perguntou: "vês quantas Lâmia envia para mim?", "muitas mais", ela falou, "Ihe serão enviadas pela minha mãe se quiseres também se deitar junto dela". Também é lembrada a resposta de Lâmia à sentença pronunciada por Bocóris. Era uma vez, no Egito, alguém que desejava a *hetaira* Tônís, mas ela cobrava muito ouro. Quando, durante o sono e acreditando ter transado com ela, ele ficou livre do desejo, Tônís exigiu dele na justiça seu pagamento. Ao escutar a história, Bocóris mandou o homem depositar num vaso a tal quantidade pedida de ouro, e balançar para lá e para cá com a mão, para que a *hetaira* checasse a sombra, por ser a sombra a expectativa da verdade. Mas Lâmia não considerava que essa era a sentença justa, pois a sombra não havia demolido o desejo da *hetaira* pelo ouro, mas o sonho libertara o desejo do rapaz. Tais são as histórias sobre Lâmia.

### **Comentário:**

Nesse trecho Plutarco está se referindo mais uma vez aos excessos cometidos por Demétrio em relação às leis da cidade de Atenas, para satisfazer os caprichos de Lâmia, e vice versa. Do que se pode constatar através do relato desse autor, Demétrio não poupou nada para satisfazer os caprichos de sua amante, que era por isso invejada por todos. Assim, nesse parágrafo, Plutarco cita todas as mais notáveis histórias referentes à relação dos dois. Depois dele, o autor não fala mais nada sobre essa *hetaira*, e por isso fecha o parágrafo com a frase ταῦτα μὲν οὖν περὶ Λαμίας - "tais [são as coisas] então a respeito de Lâmia".

**τὸ ἀργύριον ἐκέλευσε Λαμία καὶ ταῖς περὶ αὐτὴν ἑταίραις εἰς σμῆγμα δοθῆναι:** a ironia de Plutarco é palpável no uso que as *hetairas* fizeram do dinheiro "sangrado"

da população, usado inteiramente para comprar sabão, o que nos remete à *lâmia* de testículos imundos de Aristófanes, que ficava na *Ágora* peidando, e irritando os narizes dos passantes com seu mau cheiro. Esse comentário de Plutarco não é despropositado, pois ele remete seu leitor, imediatamente após fazê-lo, para o universo da comédia, ao citar um dos cômicos que chama Lâmia de *helépolis*, a "destruidora de cidades", em uma possível alusão ao que ela fez a Atenas.

**Λυγκέως τοῦ Σαμίου:** Linceu de Samos, irmão de Dúris de Samos, é considerado um historiador. De seu relato do banquete de Lâmia nos dá notícia Ateneu de Náucrates, no seu *Deipnosophistas*.<sup>491</sup>

**Ἑλέπολιν:** *helépolis* era o nome dado às torres de saque usadas por Demétrio em suas batalhas. Elas haviam sido desenvolvidas por alguns de seus engenheiros militares especificamente para acabarem com um cerco com o mínimo de tempo possível. Eram torres altas, recheadas de soldados, que se acoplavam aos muros da cidadela fortificada e despejavam seu conteúdo para a surpresa (completamente desagradável) do inimigo.<sup>492</sup> O comportamento excessivamente caprichoso de Lâmia deve ter causado outros prejuízos a Atenas além dos mencionados por Plutarco, para que um poeta a apelidasse de "destruidora de cidades".

**Δημοχάρης δ' ὁ Σόλιος:** Demócates de Sólio não é mais mencionado em nenhum outro autor da Antiguidade, ou da Modernidade. Assim, não se sabe quase nada sobre ele.<sup>493</sup> O que se especula é que Plutarco estava provavelmente se referindo a Demócates de Atenas, sobrinho de Demóstenes e um dos mais aclamados oradores da cidade em seu pior período de declínio, que se seguiu à morte de Alexandre e às guerras dos Diádocos.<sup>494</sup>

O que Demócates fez ao chamar Demétrio de "Mito" foi um paralelo entre pessoas reais e fictícias, biografia e mitologia. Ou seja, o fato de a mitologia grega ter um monstro chamado *lâmia*, e de Demétrio Poliorcetes ter uma amante de mesmo nome, os torna comparáveis entre si, aproximáveis e, até mesmo, por que não,

---

<sup>491</sup> Plutarco, 2009, p. 82, nota 152. Cf. nesta tese Ateneu, pp. 219-233.

<sup>492</sup> Plutarco, 2009, p. 82, nota 153.

<sup>493</sup> Plutarco, 2009, p. 82, nota 154.

<sup>494</sup> Plutarco, 2009, p. 82, notas 154 e 155; sobre Demócates de Atenas cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 451.

compatíveis. Demócates aproximou conceitos abstratos de pessoas reais, ou seja, personificou os conceitos, aproveitando que um deles e uma das pessoas tinham o mesmo nome.<sup>495</sup> Isso pode ser associado ao que Aristóteles fez ao denominar um tubarão de *lâmia*: materializou um conceito abstrato, gerando uma representação desse conceito na realidade, e na natureza.<sup>496</sup> Portanto, dessa maneira, dá-se o movimento do mito para a história, e vice-versa, em fluxo contínuo.

O par aparência-realidade é reforçado ainda, no trecho em questão, pelo episódio do julgamento de Bocóris. Nessa anedota, um homem é assombrado em um sonho pela prostituta que tanto deseja mas não pode pagar, e satisfaz seu desejo com a sombra do sonho, enquanto ela, consciente desse acontecimento, exige retribuição financeira pelo, vamos dizer, "uso de sua imagem". A voracidade aqui é dada pelo desejo da prostituta pelo dinheiro. Mesmo não tendo envolvimento real nenhum com o homem, Tônis, a prostituta, quer ser paga por seus serviços "fantasmagóricos". O ponto de ligação entre a realidade e a sombra é o sonho. Assim também é com a *lâmia* papona que assombra as mentes das crianças greco-romanas: ela é uma alusão, não um fato real, mas sua menção tem um efeito real, e os meninos vão dormir obedientemente ao ouvir seu nome. Portanto, o medo da *lâmia* faz os meninos dormir, o desejo pela cortesã faz o homem sonhar. Existe aqui, ainda, uma ironia no fato de que Lâmia, a que mais assombra, emite uma opinião dizendo que a sombra da prostituta é válida, mas a do dinheiro, não. Novamente Plutarco liga as prostitutas à voracidade por dinheiro. A disputa nesse trecho é entre o real e a ficção, que está relacionada com o poder do mito na vida das pessoas. O mito, assim como o sonho, não é real, mas seus efeitos interferem na realidade. Essas questões são principalmente geradas pelo fato de que não há uma descrição física do monstro *lâmia*, o que cria um imaginário que tem efeito de real, mas que não é real.

**δεινοῦ θηρίου δῆγματα φέρειν ἐν τῷ τραχήλῳ, Λαμίας:** o movimento da *lâmia* monstruosa encontra um paralelo aqui na voracidade sexual da Lâmia de Demétrio, que deixava o pescoço do amante cheio de mordidas. Essa imagem é de um movimento feito na região de cima do corpo do amante, movimento associado à preposição *ἀνά*, que nos remete ao verbo *ἀνασχίζω*. Esse é o verbo usado por Aristóteles para descrever o movimento que faz a *lâmia* ao rasgar as grávidas de cima

<sup>495</sup> Cf. nesta tese Demócates, pp. 115-116.

<sup>496</sup> Cf. nesta tese Aristóteles, pp. 106-114.

para baixo para comer seu bebê ainda em formação.<sup>497</sup> Podemos estabelecer, dessa maneira, um paralelo entre a Lâmia de Demóstenes, que ataca a parte de cima do corpo (ideia principal de *aná*, "para cima"), e a *lâmia* monstro, que ataca com a mesma orientação de movimento: para cima.

---

### ***ΔΗΜΗΤΡΙΟΥ ΚΑΙ ΑΝΤΩΝΙΟΥ ΣΥΓΚΡΙΣΙΣ 3.1.1-4.1***<sup>498</sup>

Ὑβρισταὶ μὲν εὐτυχοῦντες ἀμφοτέροι καὶ πρὸς τρυφᾶς ἀνειμένοι καὶ ἀπολαύσεις. οὐκ ἂν εἴποι δέ τις, ὡς Δημήτριον ἐν εὐπαθείαις καὶ συνουσίαις ὄντα πράξεων καιρὸς ἐξέφυγεν, ἀλλὰ τῇ περιουσίᾳ τῆς σχολῆς ἐπεισῆγε τὰς ἡδονάς, καὶ τὴν Λάμιαν ὥσπερ τὴν μυθικὴν ἀτεχνῶς παίζων καὶ νυστάζων ἐποιεῖτο διαγωγὴν.

#### **Tradução:**

#### ***Comparação entre Demétrio e Antônio 3.1.1-4.1***

Ambos foram excessivos e afortunados, e também se abandonaram à luxúria e aos divertimentos. E ninguém poderia dizer que Demétrio, nos confortos e associações que praticava, fugia do tempo de ação, mas que usufruía dos prazeres do tempo livre em abundância. Assim também fazia com sua Lâmia, que era, assim como a mítica, simplesmente uma distração para as horas de sonho e brincadeira.

#### **Comentário:**

Plutarco inicia o trecho selecionado comparando Demétrio e Antônio em termos de seu gosto pela fruição dos prazeres carnavais: ambos gostavam de comer e de beber, e da companhia de mulheres, pois é notável a quantidade de companhias femininas mencionadas por aqueles que escreveram relatos de suas aventuras.<sup>499</sup> Contudo, Plutarco esclarece, nas linhas seguintes, que Demétrio não negligenciava seu dever em tempos de guerra, e fazia seus preparativos para a guerra com rigor, primando pelos detalhes: ele diz que "nas vésperas da guerra, sua lança não tinha hera, nem mirra olorava seu elmo, e nem polido e vistoso saía direto dos bordéis para os combates, mas, pondo para dormir os grupos de bacantes e pondo fim às bacanais, se

---

<sup>497</sup> Cf. nesta tese Aristóteles, pp. 113-114.

<sup>498</sup> Texto grego retirado de Ziegler, 1971<sup>3.1</sup> = TLG.

<sup>499</sup> Plutarco, *Comparação entre Demétrio e Antônio; Demétrio; Antônio*.

tornava, de acordo com Eurípides, 'servidor do infame Ares', e nunca perdeu simplesmente nada por causa do prazer e do divertimento".<sup>500</sup>

Plutarco diz ainda que, comparada à atividade da guerra que Demétrio desenvolvia, sua amante Lâmia era apenas uma distração para horas de jogo e sono, assim como a *lâmia* mítica. Ou seja, Plutarco revela nesse trecho um fato importante sobre a área de atuação da *lâmia* monstro: a esfera da noite e do sonho (como na história do rapaz que sonha com a prostituta, comentada no trecho anterior), e das brincadeiras, pois ela era um recurso usado tanto para ameaçar as crianças e obrigá-las a ir dormir, quanto para a evasão do desejo sexual (como a prostituta egípcia do relato anterior, e o espectro de Filóstrato<sup>501</sup>). Portanto, Plutarco compara assim as duas *lâmias*, a *hetaira* e a monstruosa, atribuindo a elas uma área de atuação semelhante. Mesmo sem mencionar a conexão da voracidade implícita na raiz da palavra, ele as conecta através de sua função.

---

### ***Εὐμένης 3.5.1-8.1***<sup>502</sup>

Ἀντίγονος μὲν οὖν οὐ προσέσχε τοῖς γραφεῖσιν ὑπὸ Περδίκκου, μετέωρος ὢν ἤδη καὶ περιφρονῶν ἀπάντων, Λεόννατος δὲ κατέβη μὲν ἄνωθεν εἰς Φρυγίαν, ἀναδεξόμενος Εὐμενεῖ τὴν σατραπείαν. Ἐκαταίου δὲ τοῦ Καρδιανῶν τυράννου συμμειζαντος αὐτῷ καὶ δεομένου βοηθεῖν μᾶλλον Ἀντιπάτρῳ καὶ Μακεδόνων τοῖς ἐν Λαμία πολιορκουμένοις, ὄρμητο διαβαίνειν καὶ τὸν Εὐμενεῖ παρεκάλει καὶ διήλλαττε πρὸς τὸν Ἐκαταῖον.

### **Tradução:**

#### ***Eumenes 3.5.1-8.1***

Antígono então não deu atenção aos escritos de Pérdicas, por já estar arrogante e desprezar a todos. Mas Leónnato desceu do alto da Frígia para entregar a satrapia a Eumenes. Contudo, encontrou com ele Hecateu, tirano dos cárdios, que pretendia, e o

---

<sup>500</sup> Plutarco, *Comparação entre Demétrio e Antônio*, 3.3.1-3.4.1: ἐν δὲ ταῖς τοῦ πολέμου παρασκευαῖς οὐκ εἶχεν αὐτοῦ τὸ δόρυ κιττόν, οὐδὲ μύρων ὠδώδει τὸ κράνος, οὐδὲ γεγανωμένος καὶ ἀνθηρὸς ἐπὶ τὰς μάχας ἐκ τῆς γυναικωνίδος προήει, κοιμίζων δὲ τοὺς θιάσους καὶ τὰ βακχεῖα καταπαύων, ἀμφίπολος Ἄρεος ἀνιέρου, κατὰ τὸν Εὐριπίδην (fr. 992 N.29), ἐγίνετο, καὶ δι' ἡδονὴν ἢ ῥαθυμίαν οὐθὲν ἀπλῶς ἔπαισεν.

<sup>501</sup> Cf. nesta tese o trecho traduzido anteriormente, Plutarco, *Demétrio 27*; Filóstrato, pp. 254-261.

<sup>502</sup> Texto grego retirado de Ziegler, 1964<sup>2.1</sup> = *TLG*.

exortava a, ajudar Antípatro e os macedônios sitiados em Lâmia. Leónnato então conclamou Eumenes a tomar parte, e também a se acertar com Hecateu.

### **Comentário:**

No trecho acima Plutarco narra um dos primeiros desentendimentos entre os diádocos após a morte de Alexandre: o caso da satrapia de Eumenes. Pérdicas, que se auto-intitulara regente do império, havia dividido as terras que o compunham entre os generais de Alexandre (também conhecidos como diádocos). A Eumenes cabia o governo da Capadócia e da Paflagônia, que não estavam totalmente dominadas pelos macedônios, sendo que seria obrigação de Antígono, que governava a Frígia Maior, e Leónnato, que governava a Frígia Menor, auxiliar Eumenes na conquista das terras rebeldes. Contudo, Antígono ignorou a reivindicação de Pérdicas, e não foi auxiliar Eumenes nessa luta.<sup>503</sup>

---

### **Φόκιον 23.5.2-6.1**<sup>504</sup>

πρῶτον μὲν γὰρ ὁ Λεωσθένης λαμπρὸς ἦρθη ταῖς πράξεσι, τῶν τε Βοιωτῶν μάχη κρατήσας καὶ τὸν Ἀντίπατρον εἰς Λαμίαν συνελάσας·

### **Tradução:**

#### **Fócion 23.5.2-6.1**

Pois primeiro Leóstenes foi considerado brilhante por seus feitos, por ter vencido a batalha contra os beócios e por ter feito Antípatro recuar até Lâmia.

### **Comentário:**

**καὶ τὸν Ἀντίπατρον εἰς Λαμίαν συνελάσας:** no trecho acima Plutarco faz um comentário sobre como a população ateniense recebeu as notícias que vinham da frente de batalha na ocasião da Guerra de Lâmia. Num primeiro momento, estavam eufóricos e queriam apenas celebrar as boas novas, que eram estas que ele relata: a coalisão grega, chefiada pelo general ateniense Leóstenes, havia vencido os beócios um pouco abaixo do Paço das Termópilas, e encurralara o general macedônio,

---

<sup>503</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 568, Eumenes de Córdia.

<sup>504</sup> Texto grego retirado de Ziegler, 1964<sup>2.1</sup> = *TLG*.

Antípatro, e seu exército, na cidade fortificada de Lâmia. Havia, porém, um cidadão que não comungava de tal euforia, um dentre os dez oradores, que havia dado seu voto contrário à revolta: Fócion. Ele era um sujeito mais velho e mais experiente que os demais, e sabia que a Grécia não tinha condições de vencer a potência macedônica naquele determinado momento histórico.

Quando o exército obteve tais vitórias, então, ele foi questionado pelo povo, que o indagava se ele não considerava um erro seu julgamento anterior. Ele respondeu-lhes que estava satisfeito com as vitórias, mas que permanecia firme em seu julgamento anterior, e que conjecturava quando as vitórias iriam acabar ("πότ' ἄρα" φάναί "παυσόμεθα νικῶντες;" - "quando então, disse, deixaremos de ser vencedores?").<sup>505</sup> De fato, seu julgamento provou ser o mais correto, e foi ele o enviado para negociar a rendição de Atenas com Antípatro.

---

#### **Φόκιον 26.7.1-2**

περὶ δὲ τῶν ἄλλων ἐκέλευεν αὐτοῖς ἐπιτρέπειν τοὺς Ἀθηναίους, ὥσπερ ἐν Λαμία Λεωσθένης ἐκεῖνον.

#### **Tradução:**

#### **Fócion 26.7.1-2**

A respeito dos outros, exortava os atenienses a deixar por conta deles próprios, como Leóstenes deixara para aquele em Lâmia.

#### **Comentário:**

**ἐν Λαμία:** nesse pequeno trecho Plutarco narra o processo de capitulação dos atenienses após a derrota final para os macedônios na Batalha de Crannon. Quem exortava os atenienses era o general macedônio Antípatro. Quando os atenienses souberam que a intenção do general macedônio era marchar com seu exército sobre Atenas e destruir a cidade, a não ser que lhe fossem entregues os dez oradores que haviam comandado a rebelião, Demóstenes e Hipérides fugiram, e os atenienses enviaram um embaixador para negociar os termos de sua rendição com Antípatro.

---

<sup>505</sup> Plutarco, *Fócion*, 23.6.1.-23.7.2; o trecho citado está em *Fócion* 23.7.2.

Esse disse a Fócion, um dos embaixadores escolhidos, que não moveria seu acampamento da região de Tebas para marchar sobre a Ática, com a condição de que os próprios atenienses lidassem com seus revoltosos, como Leóstenes havia permitido que Antípatro fizesse durante o cerco em Lâmia. Foi uma troca cortês de gentilezas entre inimigos, algo comum nas batalhas entre os Diádocos.

---

***Δεμοσθένης 27.1.1-2***<sup>506</sup>

Ἀλλὰ γὰρ ἔτι φεύγοντος αὐτοῦ τὴν εἰρημένην φυγὴν, Ἀλέξανδρος μὲν ἐτελεύτησε, τὰ δ' Ἑλληνικὰ συνίστατο πάλιν, Λεωσθένους ἀνδραγαθοῦντος καὶ περιτειχίζοντος Ἀντίπατρον ἐν Λαμία πολιορκούμενον.

**Tradução:**

***Demóstenes 27.1.1-2***

Mas quando ele ainda estava exilado no exílio que lhe fora proclamado, Alexandre morreu, e os gregos se juntaram em armas, mais uma vez, ao corajoso Leóstenes, que mantinha um cerco a Antípatro, sitiado em Lâmia.

**Comentário:**

Plutarco relata um dos episódios mais turbulentos da vida do orador Demóstenes, que era um dos dez grandes oradores de Atenas, e que iria culminar em sua morte, em 322 a.C.<sup>507</sup> Demóstenes havia sido condenado ao exílio por seu próprio amigo Hipérides, outro dos dez oradores, sob acusações de corrupção. Ele havia sido multado em cinquenta dracmas, que ele não tinha como pagar, e por isso sua sentença foi o exílio.<sup>508</sup> Ao saber da morte de Alexandre e das vitórias conseguidas pelo exército reunido sob comando desse general Leóstenes, Demóstenes cavou seu caminho de volta para Atenas, onde foi recebido com honras e perdoado por suas faltas, já que os cidadãos acharam que ele lhes seria mais útil como embaixador do que como inimigo. As habilidades retóricas e oratórias de Demóstenes foram muito úteis à cidade nos meses que se seguiram, em que eles enviaram mensageiros às outras cidades gregas

---

<sup>506</sup> Texto grego retirado de Ziegler, 1964<sup>1,2</sup> = *TLG*.

<sup>507</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 456-458.

<sup>508</sup> Plutarco, *Demóstenes* 25-27.1.

para que se juntassem a eles no combate aos macedônios.<sup>509</sup> Era a esperança grega de expulsá-los de vez de suas terras.

Nesse trecho da obra, Leóstenes já havia vencido uma batalha contra os beócios perto do Paço das Termópilas, e ali mesmo também havia vencido o exército de Antípatro, que se refugiara correndo na cidade murada de Lâmia. Leóstenes o seguiu de perto e estabeleceu contra os macedônios sitiados um cerco em volta dessa mesma cidade.

---

***Πύρρος 1.6.1-3***<sup>510</sup>

οὗτος ἔγημε τὴν Μένωνος τοῦ Θεσσαλοῦ θυγατέρα Φθίαν, ἀνδρὸς εὐδοκίμου περὶ τὸν Λαμιακὸν πόλεμον γενομένου καὶ μέγιστον ἀξίωμα τῶν συμμάχων μετὰ Λεωσθένην λαβόντος. ἐκ δὲ τῆς Φθίας τῷ Αἰακίδῃ γίνονται θυγατέρες Δηιδάμεια καὶ Τρωάς, υἱὸς δὲ Πύρρος.

**Tradução:**

***Pirro 1.6.1-3***

Esse se casou com Ftia, filha de Mênon da Tessália, homem que se tornou famoso por ocasião da Guerra de Lâmia, e que detinha a maior posição entre os combatentes depois de Leóstenes. De Ftia e Eácides nasceram as filhas Deidâmia e Troas, e um filho, Pirro.

**Comentário:**

Esse trecho abre, como é possível perceber, a obra *Pirro*. Plutarco informa a seus leitores a genealogia de Pirro, algo que faz no começo de todas as suas obras biográficas. O avô de Pirro, Mênon, tornou-se famoso por ser o segundo em comando na Guerra de Lâmia, atrás apenas do próprio Leóstenes.

---

<sup>509</sup> Plutarco, *Demóstenes* 27.4-28.1.

<sup>510</sup> Texto grego retirado de Ziegler, 1971<sup>3.1</sup> = *TLG*.

---

## *Obras morais:*

---

### *Περὶ τοῦ μὴ χρᾶν ἔμμετρα νῶν τὴν Πυθίαν 398C1-398D2*<sup>511</sup>

Τοιαῦτα μὲν ἐγὼ πρὸς τὸν Βόηθον ἀπεκρινάμην, ὅμοια δὲ \*\*\* περὶ τῶν Σιβυλλείων. ἐπειδὴ γὰρ ἔστημεν κατὰ τὴν πέτραν γενόμενοι τὴν κατὰ τὸ βουλευτήριον, ἐφ' ἧς λέγεται καθίζεσθαι τὴν πρώτην Σίβυλλαν ἐκ τοῦ Ἑλικῶνος παραγενομένην ὑπὸ τῶν Μουσῶν τραφεῖσαν (ἔνιοι δὲ φασιν ἐκ Μαλιέων ἀφικέσθαι Λαμίας οὗσαν θυγατέρα τῆς Ποσειδῶνος), ὁ μὲν Σαραπίων ἐμνήσθη τῶν ἐπῶν, ἐν οἷς ὕμνησεν ἑαυτήν, ὡς οὐδ' ἀποθανοῦσα λήξει μαντικῆς, ἀλλ' αὐτὴ μὲν ἐν τῇ σελήνῃ περίεισι τὸ [καλούμενον] φαινόμενον γενομένη πρόσωπον, τῷ δ' ἀέρι τὸ πνεῦμα συγκραθὲν ἐν φήμαις ἀεὶ φορήσεται καὶ κληδόνισιν.

#### **Tradução:**

### *A respeito da não proclamação dos oráculos em metros agora pela Pítia 398C1-398D2*

Tais coisas eu ao Boeto respondi e \*\*\* acerca da atividade das sibilas. Pois quando havíamos chegado junto da pedra do Buleutério, sobre a qual diz-se que se assentava a primeira sibila, a que era originária do Hélicon e havia sido nutrida pelas Musas (alguns contudo dizem que ela provinha dos málios e era filha de Lâmia, filha de Poseidon), Sarápion se recordou das palavras que ela cantou sobre si mesma, que mesmo morta falaria o oráculo, que daria voltas na lua e ressurgiria num aparecimento como o chamado rosto dela, e que seu sopro, tendo se misturado ao ar, seria sempre carregado nos sussurros e presságios.

#### **Comentário:**

**ἔνιοι δὲ φασιν ἐκ Μαλιέων ἀφικέσθαι Λαμίας οὗσαν θυγατέρα τῆς Ποσειδῶνος:** neste trecho Plutarco faz menção à tradição já comentada por Pausânias, e pelo comentador antigo do *Fedro* de Platão, de que a primeira sibila a proferir os oráculos em Delfos era filha de Lâmia, a filha de Poseidon e da rainha da Líbia.<sup>512</sup> Ele diz que

---

<sup>511</sup> Texto grego retirado de Sieveking, 1972 = *TLG*.

<sup>512</sup> Cf. nesta tese Pausânias, pp. 198-208, e comentário ao *Filebo* de Platão, em Crates, pp. 75-76. Para

ela era do povo dos málios, povo este cuja capital se chamava Lâmia, como já visto em Sílux de Carianda.<sup>513</sup>

Ressaltamos aqui também a atmosfera mítica que envolve a atividade oracular, e que é explicitada pela fala da sibila, de que proferiria os oráculos mesmo morta e daria voltas na lua. Ela afirma ainda que ressurgiria em uma aparição que podemos aproximar de um *φάσμα*, mesmo porque estaria misturada com o ar. Essa descrição sugere uma conexão com a *lâmia* espectral de Filóstrato, apesar de não estarem unidas pelo signo da voracidade.

---

### ***Περὶ πολυπραγμοσύνης 515F5-516A5***<sup>514</sup>

νῦν δ' ὥσπερ ἐν τῷ μύθῳ τὴν Λάμιαν λέγουσιν οἴκοι μὲν εὐδειν τυφλήν, ἐν ἀγγείῳ τινὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς ἔχουσιν ἀποκειμένους, | ἔξω δὲ προϊοῦσαν ἐντίθεσθαι καὶ βλέπειν, οὕτως ἡμῶν ἕκαστος ἔξω καὶ πρὸς ἑτέρους τῇ κακονοίᾳ τὴν περιεργίαν ὥσπερ ὀφθαλμὸν ἐντίθησι, τοῖς δ' ἑαυτῶν ἀμαρτήμασι καὶ κακοῖς πολλάκις περιπταίομεν ὑπ' ἀγνοίας, ὅψιν ἐπ' αὐτὰ καὶ φῶς οὐ πορίζομενοι.

### **Tradução:**

#### ***Sobre a indiscrição 515F5-516A5***

Mas agora, como no mito, dizem que a *lâmia* ao se deitar em casa está cega, pois coloca depositados os olhos em algum pote, mas ao sair para fora os coloca para ver, assim também cada um de nós ao sair coloca como olho a curiosidade com malícia para os outros, mas com os próprios erros e males muitas vezes nós tropeçamos por causa da ignorância, por não termos fornecido visão nem luz sobre eles.

### **Comentário:**

**τὴν Λάμιαν λέγουσιν οἴκοι μὲν εὐδειν τυφλήν:** "dizem que a *lâmia* em casa se deita cega", ou "está cega ao se deitar". Plutarco explica a razão desse fato: a *lâmia* tira os olhos e os coloca num pote, e depois os recoloca novamente quando vai sair de casa. Plutarco não menciona a parte do mito em que Zeus teria dado à *lâmia* tal capacidade.

---

os autores que falam das sibilas, cf. nesta tese Lactânio, no comentário a Eurípedes, p. 67; Díon Crisóstomo, p. 170; Clemente de Alexandria, p. 243; *Oráculos sibílinos*, p. 272.

<sup>513</sup> Cf. nesta tese Sílux de Carianda, pp. 64-65.

<sup>514</sup> Texto grego retirado de Pohlenz, 1972 = *TLG*.

Ele apenas usa o exemplo para mostrar como funciona a curiosidade nas pessoas, que parecem portar-se como a *lâmia*: fecham seus olhos para não ver os problemas em casa (como a *lâmia* que os retira, literalmente; o substantivo "casa" aqui podendo ser entendido com duplo sentido: tanto como a casa objeto, local em que se habita, quanto também como a casa corpo, interior do ser, onde habita a alma de cada um) mas deixam-nos bem abertos ao saírem à rua, para verem os problemas dos outros (novamente como a *lâmia*, que recoloca os olhos para poder enxergar ao deixar sua casa). Plutarco nada mais menciona sobre o mito da *lâmia*, o que parece mostrar que ele assume que é um mito bem conhecido, e que por isso não há necessidade de ficar dando maiores detalhes. Ele só usa o artigo definido tanto para caracterizar o mito quanto para caracterizar a *lâmia*. Portanto, tanto a estória/mito, quanto a personagem principal dela, a *lâmia*, parecem ser dados bem conhecidos do público para o qual Plutarco estava escrevendo.<sup>515</sup>

---

***Περὶ τῶν δέκα ῥητόρων 849F6-849F7***<sup>516</sup>

ἔκοινώνησε δὲ καὶ Λεωσθένει τοῦ Λαμιακοῦ πολέμου, καὶ ἐπὶ τοῖς πεσοῦσιν εἶπε τὸν ἐπιτάφιον θαυμασίως.

**Tradução:**

***Sobre os dez oradores 849F6-849F7***

Ele tomou parte na Guerra de Lâmia com Leóstenes, e declamou maravilhosamente o epitáfio aos caídos.

**Comentário:**

É a vida de Hipérides que está sendo relatada neste trecho. Hipérides foi um dos renomados dez oradores de Atenas. Ele foi um dos principais antagonistas da dominação macedônica na Grécia, e foi obrigado a fugir da cidade no final da Guerra de Lâmia, quando Antípatro determinou que os dez oradores fossem entregues pelos atenienses para o perdão de sua revolta fracassada. Os dez não teriam perdão. Um de

---

<sup>515</sup> Os tradutores franceses da edição da *Belles Lettres* explicam o que era a *lâmia* em uma nota complementar à sua tradução, jogando um pouquinho de luz sobre o texto, bem ao gosto de Plutarco: "Lâmia era um bicho-papão com que se assustava os pequenos atenienses"- "Lamia était un croque-mitaine dont on effrayait les petits athéniens", cf. Plutarque, 1975, p. 325 nota 4 referente à p. 267.

<sup>516</sup> Texto grego retirado de Mau, 1971 = *TLG*.

seus melhores amigos era o famoso Demóstenes, a quem acusou duramente de corrupção no caso do dinheiro de Alexandre, que chegara a Atenas junto com Hárpalo, o tesoureiro fugitivo do rei macedônico.<sup>517</sup>

---

***Συγκρίσεως Ἀριστοφάνους καὶ Μενάνδρου ἐπιτομή 853a-854b***<sup>518</sup>

"ἐπαινεῖται γάρ", φησίν,  
"ὅτι τοὺς ταμίας ἐβάπτισεν,  
οὐχὶ ταμίας ἀλλὰ Λαμίας ὄντας."

**Tradução:**

***Comparação entre Aristófanes e Menandro Compêndio 853a-854b***

"pois foi celebrado", disse,  
"porque batizou os tesoureiros,  
que não eram tesoureiros, mas *lâmias*"

**Comentário:**

O autor desse compêndio, um comentário acerca do texto *Comparação entre Aristófanes e Menandro*, na verdade, fez um resumo desse texto, em que deixa sua opinião transparecer, vez ou outra. O resumo vai acontecendo em discurso indireto, em que o autor informa em linhas gerais o que Plutarco escreveu, e aponta, ao mesmo tempo, o que lhe pareceram ser as preferências deste autor. Segundo o resumista, Plutarco prefere Menandro, por ser mais refinado, e considera Aristófanes muito chulo e obsceno para ser um escritor de qualidade. É nesse momento do texto que se encontra o trecho que foi inserido aqui, em que o autor cita exemplos usados por Plutarco para demonstrar a pouca qualidade e a vulgaridade da poesia de Aristófanes. Num desses versos está o que fala da *lâmia*, que, curiosa e infelizmente, não é encontrado em lugar algum da poesia supérstite de Aristófanes, para que se possa contextualizá-lo.

Assim, tudo o que temos desse suposto verso de Aristófanes é essa referência.

---

<sup>517</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 456-458, para Demóstenes; p. 667, para Hárpalo; e p. 737, para Hipérides.

<sup>518</sup> Texto grego retirado de Mau, 1971 = *TLG*.

Na verdade, tudo o que nos chegou desse texto de Plutarco foi esse resumo, sendo que o próprio texto desse autor não é conhecido.<sup>519</sup> Fowler comenta que esses versos não podem ser encontrados em nenhum dos textos sobreviventes de Aristófanes e também não estão registrados em nenhuma coleção dos textos desse autor. Ele também aponta para o trocadilho evidente que é feito com as palavras gregas ταμίας e λαμίας, em que a variação é apenas a primeira letra. Fowler comenta ainda sobre as *lâmias*, dizendo que eram usadas pelas babás para assustar as crianças.<sup>520</sup>

A respeito da semântica dessas duas palavras é necessário pontuar que ταμίας é um profissional que lida com dinheiro (o *LSJ* relata que era esse o substantivo usado para nomear os profissionais que controlavam o tesouro sagrado depositado na Acrópole de Atenas<sup>521</sup>), enquanto λαμίας designa um monstro que podia assustar crianças, mas também nomeia outro monstro que sugava sangue de rapazes jovens, como no texto de Filóstrato.<sup>522</sup> Portanto, os versos estão associando sugadores: um, de dinheiro, outro, de sangue. Esse fragmento, apesar de isolado, pode ser inserido no entendimento do campo semântico da palavra λάμια na cultura grega, se associado ao episódio da prostituta egípcia que cobrava em dinheiro real sua visita em sonho ao rapaz que a desejava.<sup>523</sup>

---

<sup>519</sup> Fowler, 1936, p. 461.

<sup>520</sup> Fowler, pp. 463.

<sup>521</sup> *LSJ*, 1996, pp. 1754.

<sup>522</sup> Cf. nesta tese Filóstrato, pp. 254-261.

<sup>523</sup> Cf. comentário a Plutarco, *Demétrio*, pp. 173-184.

---

## Φαβωρίνος - Favorino de Arélate *ca.* 80-160

(*Apud* Diógenes Laércio, *Vida e doutrina dos filósofos ilustres* 5.76.1-5)

---

### *Fragmenta* 37<sup>524</sup>

Diog. L. V 76 (de Demetrio Phalereo) [...] οὐκ εὐγενῆς ὢν. ἦν γὰρ ἐκ τῆς Κόνωνος οἰκίας, ὡς Φαβωρίνος ἐν πρώτῳ τῶν Ἀπομνημονευμάτων φησίν· ἀλλ' ἄστῃ καὶ εὐγενεῖ συνώκει Λαμία τῇ ἐρωμένη, καθάπερ ὁ αὐτὸς ἐν τῷ πρώτῳ φησίν.

### **Tradução:**

#### *Fragmentos* 37

Diógenes Laércio V 76 (sobre Demétrio de Falero) [...] não era nobre. Era pois da casa de Conon, como diz Favorino no primeiro livro do seu *Memórias*: mas vivia junto com a cidadã e nobre enamorada Lâmia, como também nos diz o mesmo em seu primeiro livro.

### **Comentário:**

Esse é o único fragmento de toda a seleção feita por este trabalho que menciona a Lâmia nobre. Não há mais notícias dela. Seu comentário foi feito na parte desta tese dedicada a Diógenes Laércio.<sup>525</sup>

---

<sup>524</sup> Texto grego retirado de Barigazzi, 1966 = *TLG*.

<sup>525</sup> Cf. nesta tese Diógenes Laércio, pp. 274-275.

---

# Κλάυδιος Πτολεμαῖος - Cláudio Ptolomeu

ca. 90-168

---

**ΓΕΩΓΡΑΦΙΚΗΣ ΥΦΗΓΗΣΕΩΣ 3.12.43.6<sup>526</sup>**

Λάμια ν' <" λη' <" ιβ'

**Tradução:**

**Geografia 3.12.43.6**

Lâmia 50, 38, 12

**Comentário:**

O terceiro livro da *Geografia* faz um inventário das cidades orientais dos domínios romanos.<sup>527</sup> A parte 12 do livro trata do norte da Grécia, a Macedônia, anexada aos domínios romanos em 146 a.C., após a última batalha dos macedônios contra os romanos nas Guerras Macedônicas.<sup>528</sup> Após descrever em linhas gerais a Macedônia, Cláudio cita as cidades que fazem parte de suas regiões. Na Ftiótida encontra-se a cidade de Lâmia, cuja localização geográfica está reproduzida acima.<sup>529</sup>

---

<sup>526</sup> Texto grego retirado de Müller, 1883 = *TLG*.

<sup>527</sup> Cláudio Ptolomeu, *Geografia*, 3.1: "ΒΙΒΛΙΟΝ ΤΡΙΤΟΝ. Τάδε ἔνεστιν ἐν τῷ τρίτῳ βιβλίῳ: Ἐκθεσις τοῦ ἀνατολικωτέρου μέρους τῆς Εὐρώπης κατὰ τὰς ὑποκειμένας ἐπαρχίας ἢ σατραπείας, 3.1 Ἰταλίαν ὅλην. Πίναξ ζ'; 3.2 Κύρνον νῆσον; 3.3 Σαρδῶ νῆσον. Πίναξ ζ'; 3.4 Σικελίαν νῆσον; 3.5 Σαρματίαν τὴν ἐν Εὐρώπῃ. Πίναξ η'; 3.6 Ταυρικὴν Χερσόνησον; 3.7 Ἰάζυγας Μετανάστας. Πίναξ θ'; 3.8 Δακίαν; 3.9 Μυσίαν τὴν ἄνω; 3.10 Μυσίαν τὴν κάτω; 3.11 Θράκην καὶ Χερσόνησον; 3.12 Μακεδονίαν. Πίναξ ι'; 3.13 Ἡπειρον; 3.14 Ἀχαΐαν; 3.15 Κρήτην νῆσον; Ἐπαρχίαι ιε'; Πίνακες ε'" – "Livro Terceiro. Essas coisas estão no terceiro livro: lista da parte oriental da Europa, de acordo com as províncias ou satrapias estabelecidas, 3.1 Itália inteira. Quadro 6; 3.2 Ilha de Cirnos; 3.3 Ilha de Sardos. Quadro 7; 3.4 Ilha da Sicília; 3.5 Sarmácia na Europa. Quadro 8; 3.6 Quersoneso táurica; 3.7 xxx. Quadro 9; 3.8 Dácia; 3.9 Alta Mísia; 3.10 Baixa Mísia; 3.11 Trácia e Quersoneso; 3.12 Macedônia. Quadro 10; 3.13 Épiro; 3.14 Acaia; 3.15 Ilha de Creta; Províncias 17; Quadros 7".

<sup>528</sup> Cláudio Ptolomeu, *Geografia*, 3.12.1-6: "Μακεδονίας θέσις [Εὐρώπης πίναξ ι'.] Ἡ Μακεδονία περιορίζεται ἀπὸ μὲν ἄρκτων ταῖς ἐκτεθειμέναις πλευραῖς Δαλματίας καὶ Μυσίας τῆς ἄνω καὶ Θράκης· ἀπὸ δὲ δυσμῶν τῷ Ἴονίῳ πελάγει τῷ ἀπὸ Δυρραχίου (ἧτοι Ἐπιδάμνου) μέχρι Κελύδνου ποταμοῦ κατὰ τὴν περιγραφὴν τοιαύτην" – "Parte da Macedônia [quadro 10 da Europa] A Macedônia se limita ao norte pelas fronteiras estabelecidas da Dalmácia, da Mísia e da Trácia; a oeste, pelo mar Jônico, desde Duráquio (ou Epidamos), até o rio Celidno, para baixo, tal é a região circunscrita". Para as Guerras Macedônicas, cf. nesta tese Políbio, pp. 133-137; Diododoro Sículo, pp. 140-151.

<sup>529</sup> Cláudio Ptolomeu, *Geografia*, 3.12.17.1: "Πόλεις δὲ εἰσιν ἐν τῇ Μακεδονίᾳ μεσόγειοι αἰδε· – "essas são as cidades interiores na Macedônia"; 3.12.43.1 "Φθιώτιδος" – "Da Ftiótida".

---

# Φλέγων Τραλλιάνου - Públio Élio Flégon ou Flégon de Trales II d.C.

---

## ΠΕΡΙ ΘΑΥΜΑΞΙΩΝ 9.1.1-5<sup>530</sup>

Καὶ ἐς Λαοδίκειαν δὲ τῆς Συρίας γυνή, ὄνόματι Αἰτητή, συνοικοῦσα τῷ ἀνδρὶ ἔτι μετέβαλε τὴν μορφήν καὶ μετωνομάσθη Αἰτητὸς ἀνὴρ γενόμενος, ἄρχοντας Ἀθήνησιν Μακρίνου, ὑπατευόντων ἐν Ῥώμῃ Λουκίου Λαμίας Αἰλιανοῦ καὶ <Σέξτου Καρμινίου> Οὐέτερος. τοῦτον καὶ αὐτὸς ἐθεασάμην.

### Tradução:

#### *Sobre o Maravilhoso 9.1.1-5*

E na Laodiceia, uma mulher da Síria, de nome Eteté, de tanto conviver com um homem, acabou alterando sua forma e adotou o nome de Eteté, tornando-se homem, o arconte para os atenienses era Macrino, e os cônsules em Roma eram Lúcio Lâmia Eliano e Sexto Carmínio Uetéro. Este e aquele eu contemplei.

### Comentário:

**Λουκίου Λαμίας Αἰλιανοῦ:** Lúcio Eliano Lâmia, *ca.* 43a.C.-33d.C., pertenceu a uma família nobre romana, e manteve muitos cargos públicos, inclusive o de cônsul, no ano 3. Como era um dos favoritos do imperador Tibério, foi nomeado prefeito de Roma, cargo que ocupou até sua morte, em 33. Foi enterrado com honras de estado.<sup>531</sup> Há poucas fontes que informam sobre sua vida, e, como seu pai tinha o mesmo nome, confusões entre um e outro acontecem com muita frequência.<sup>532</sup>

---

<sup>530</sup> Texto grego retirado de Giannini, 1965 = *TLG*.

<sup>531</sup> Tácito, *Anais* 4.13 e 6.27; Horácio, *Odes* 1.26 e 3.17; Dion Cássio, *História Romana* 58.19, cf. nesta tese pp. 245-247; ainda nesta tese cf. Filón de Alexandria, pp. 165-166; Clemente de Alexandria, pp. 242-244 (William Smith afirma que Lúcio era amigo pessoal de Horácio, cf. Smith, 1954, p. 714, 2.Lucius Aelius Lamia).

<sup>532</sup> Cf. Smith, 1954, p. 714, no qual há dois verbetes para o nome Lucius Aelius Lamia: o primeiro é o pai, que era amigo pessoal de Cícero, e o segundo, o filho, o cônsul protegido por Tibério do qual trata Flégon no trecho acima.

---

## Παυσανίας - Pausânias *ca.* 110 - 180

---

*ΕΛΛΑΔΟΣ ΠΕΡΙΗΓΗΣΕΩΣ, ΑΤΤΙΚΑ 1.1.3.5-10*<sup>533</sup>

ἐνταῦθα Λεωσθένην, ὃς Ἀθηναίοις καὶ τοῖς πᾶσιν Ἑλλησιν ἡγούμενος Μακεδόνας ἔν τε Βοιωτοῖς ἐκράτησε μάχῃ καὶ αὐθις ἔξω Θερμοπυλῶν καὶ βιασάμενος ἐς Λάμιαν κατέκλεισε τὴν ἀπαντικρὺ τῆς Οἴτης, τοῦτον τὸν Λεωσθένην καὶ τοὺς παῖδας ἔγραψεν <Ἀρκεσίλαος>.

### Tradução:

*Descrição da Grécia, Ática 1.1.3.5-10*

Ali está Leóstenes, que, liderando os atenienses e todos os helenos, venceu a luta contra os macedônios na Beócia, forçando-os a se retirar para Lâmia, que está oposta ao Monte Eta, e lá os cercou. Arquesilau retratou esse Leóstenes e seus filhos.

### Comentário:

ἐς Λάμιαν: Pausânias faz uma referência à vitória de Leóstenes contra Antípatro e seus aliados no início da Guerra de Lâmia, que obrigou os macedônios a refugiarem-se na cidade fortificada de Lâmia, na Tessália. No primeiro livro de sua *Descrição da Grécia*, Pausânias faz uma descrição de Atenas e seus arredores. Começa pelo Cabo Súnio. No trecho acima, Pausânias comenta a respeito do Pireu e sua vizinhança. Ele está se referindo, mais especificamente, à decoração da região do Pireu.<sup>534</sup>

---

### 1.4.3.1-7

ἐνθα δὴ πλείστου παρέσχοντο αὐτοὺς Ἀθηναῖοι τοῖς Ἑλλησιν ἀξίους, ἀμφοτέρωθεν ὡς ἐκυκλώθησαν ἀμυνόμενοι τοὺς βαρβάρους· οἱ δὲ σφισιν ἐπὶ τῶν νεῶν μάλιστα ἐταλαιπώρουν ἄτε τοῦ κόλπου τοῦ Λαμιακοῦ τέλματος πρὸς ταῖς Θερμοπύλαις ὄντος·

---

<sup>533</sup> Texto grego retirado de Spiro, 1967 = *TLG*.

<sup>534</sup> O Pireu é a região portuária de Atenas desde a Época Clássica. Antes disso o porto de Atenas ficava em Falero. Cf. Hansen & Nielsen, 2004, *IACP*, p. 636, que mostram inclusive mapas.

αἴτιον δὲ ἔμοι δοκεῖν τὸ ὕδωρ ταύτη τὸ θερμὸν ἐκρέον ἐς τὴν θάλασσαν.

**Tradução:**

**1.4.3.1-7**

Lá os próprios atenienses se fizeram os mais valorosos para os helenos, cercados de ambos os lados, afastaram os bárbaros. Os que mais pelejaram foram aqueles nos navios, já que as águas do Golfo Lamíaco, próximo às Termópilas, são paradas, a causa sendo, eu acho, que a água quente que fluía para o mar.

**Comentário:**

O trecho acima faz parte dos capítulos em que Pausânias está relatando as lutas entre gregos e celtas, quando esses últimos tentaram invadir a Grécia. Os celtas, também chamados gauleses (já na época de Pausânias), haviam conquistado o norte da Grécia, e tentaram entrar pelo Paço das Termópilas para saquear os templos da Grécia central e no Peloponeso. Acabaram bem sucedidos, mas foram expulsos logo em seguida por coalisões de gregos, apesar de terem conseguido saquear Delfos e alguns outros santuários.<sup>535</sup>

---

**1.8.2.6-3.1**

ἔστι δὲ καὶ Δημοσθένης, ὃν ἐς Καλαυρείαν Ἀθηναῖοι τὴν πρὸ Τροιζῆνος νῆσον ἠνάγκασαν ἀποχωρῆσαι, δεξάμενοι δὲ ὕστερον διώκουσιν αὐθις μετὰ τὴν ἐν Λαμία πληγὴν.

**Tradução:**

**1.8.2.6-3.1**

E lá está também Demóstenes, que os atenienses obrigaram a se exilar na Caláuria, ilha de Trezena, e depois aceitaram de volta, e por último perseguiram, depois do golpe sofrido em Lâmia.

---

<sup>535</sup> Pausânias, *Descrição da Grécia* 1.4.4. Os celtas haviam saqueado Roma em 390 a.C., e foi em 279 a.C. que esse saque a Delfos por parte desses povos aconteceu. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 306-307.

### **Comentário:**

Pausânias trata neste trecho das estátuas que decoram os arredores do Cerâmico e da *Ágora* romana em sua época.<sup>536</sup> Para cada uma das que enumera, ele faz um relato curioso acerca da vida da pessoa que está sendo representada pela estátua. As narrativas são uma mistura de fatos históricos, descrição geográfica, mitologia e sua própria opinião. A estátua de Demóstenes gera um relato sobre como esse grande orador foi maltratado por seus compatriotas, e uma reflexão acerca das mortes horríveis dos políticos que confiaram nos povos a que serviram.<sup>537</sup> O trecho serve para corroborar a importância da Guerra de Lâmia e é ensejo para Pausânias narrar o suicídio de Demóstenes.

---

### **ΕΛΛΑΔΟΣ ΠΕΡΙΗΓΗΣΕΩΣ, ΗΛΙΑΚΩΝ Β 6.4.6.5-7.8**

μαρτυρεῖ δέ μοι καὶ τὸ ἐπίγραμμα τὸ ἐν Ὀλυμπίᾳ·

μουνοπάλῃς νικῶ δις Ὀλύμπια Πύθιά τ' ἄνδρας, τρὶς Νεμέα,  
τετράκις δ' Ἴσθμῶ ἐν ἀγχιάλῳ, <Χίλων> Χίλωνος Πατρεύς, ὄν  
λαὸς Ἀχαιῶν ἐν πολέμῳ φθίμενον θάψ' ἀρετῆς ἔνεκεν.

τὸ μὲν δὴ ἐπίγραμμα ἐπὶ τοσοῦτο ἐδήλωσεν· εἰ δὲ <Λυσίππου> τοῦ ποιήσαντος τὴν εἰκόνα τεκμαιρόμενον τῇ ἡλικίᾳ συμβαλέσθαι δεῖ με τὸν πόλεμον ἔνθα ὁ Χίλων ἔπεσεν, ἦτοι ἐς Χαιρώνειαν Ἀχαιοῖς τοῖς πᾶσιν ὁμοῦ στρατεύσασθαι <ἦ> ἰδίᾳ κατ' ἀρετὴν τε καὶ τόλμαν Ἀχαιῶν μόνος Ἀντιπάτρου μοι καὶ Μακεδόνων ἐναντία ἀγωνίσασθαι περὶ Λάμιαν φαίνεται τὴν ἐν Θεσσαλίᾳ.

### **Tradução:**

#### ***Descrição da Grécia, Elis 2, 6.4.6.5-7.8***

A inscrição em Olímpia serve de testemunha para mim:

Na luta simples, venci homens duas vezes em Olímpia e Pítia,  
três em Nemeia, e quatro no Ístmo junto ao mar, <Quílon> filho

---

<sup>536</sup> Cf. Pausânias, 1994, intervalo entre as pp. 96-97, em que há um mapa que mostra as estruturas descritas por Pausânias em sua época.

<sup>537</sup> Cf. Pausânias, *Descrição da Grécia, Ática*, 1.5-8.

de Quílon de Patras, que o povo dos aqueus honrou com ritos fúnebres por causa da excelência, quando morto em combate.

A inscrição mostrou, sobre tal assunto, que: se é possível conjecturar a data de Lisipo, o escultor da estátua, me falta revelar a guerra em que Quílon caiu, se em Queroneia, avançando com o exército junto a todos os outros aqueus, ou se, pela própria excelência, e também por ousadia, foi o único dos aqueus a combater contra Antípatro e os macedônios em Lâmia, na Tessália.

### **Comentário:**

No trecho acima, Pausânias descreve as estátuas votivas aos vencedores nos jogos de Elis. Elis era, e ainda é até os dias de hoje, uma região do noroeste do Peloponeso, cuja capital é a cidade de Pirgo, e que abriga a famosa cidade de Olímpia, com seu santuário a Zeus Olímpio, e sede invariável dos Jogos Olímpicos na Antiguidade.<sup>538</sup> Ao descrever o que está escrito na estátua de um atleta chamado Quílon, Pausânias se pergunta em que guerra teria ele morrido, se na batalha de Queroneia contra os macedônios de Filipe II, ou se na Guerra de Lâmia, em que teria sido o único aqueu a combater.

---

### ***ΕΛΛΑΔΟΣ ΠΕΡΙΗΓΗΣΕΩΣ, ΑΧΑΙΚΑ 7.6.5.1-6.1***

πολέμων δὲ τῶν πολεμηθέντων ὕστερον ὑπὸ τοῦ Ἑλλησι κοινοῦ τοῦ μὲν ἐν Χαιρωνείᾳ Φιλίππου τε ἐναντία καὶ Μακεδόνων οἱ Ἀχαιοὶ μετέσχον, ἕς δὲ τὴν Θεσσαλίαν καὶ ἐπὶ τὸν πρὸς Λαμία καλούμενον πόλεμον οὗ φασιν ἐκστρατεύσασθαι, οὐ γὰρ πω μετὰ τὸ πταῖσμα ἀνενηνοχέναι τὸ ἐν Βοιωτοῖς· ὁ δὲ τῶν ἐπιχωρίων Πατρεῦσιν ἐξηγητὴς τὸν παλαιστὴν Χίλωνα Ἀχαιῶν μόνον μετασχεῖν ἔφασκε τοῦ ἔργου <τοῦ> περὶ Λάμιαν.

### **Tradução:**

#### ***Descrição da Grécia, Acaia 7.6.5.1-6.1***

---

<sup>538</sup> A primeira lista de vencedores de jogos realizados em Olímpia data de 776 a.C. Tais jogos foram realizados na cidade de Olímpia até o ano de 394 d.C., quando o imperador romano Teodósio os cancelou, em uma campanha para obrigar o Império a tornar-se cristão. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1066. Para informações sobre Elis, cf. Hansen & Nielsen, 2004, *IACP*, pp. 489-504.

Das guerras travadas depois em comum pelos helenos, os aqueus tomaram parte em Queroneia, contra Filipe e os macedônios, mas diziam não ter marchado com o exército na chamada Guerra de Lâmia, pois ainda se recuperavam do tropeço sofrido na Beócia; o guia das vilas de Patras dizia que o único dos aqueus que participou da peleja no entorno de Lâmia foi o lutador Quílon.

### **Comentário:**

O capítulo 6 do livro 7 da *Descrição da Grécia* é um registro das batalhas que os aqueus enfrentaram, desde a Guerra de Troia.<sup>539</sup> A batalha contra Filipe mencionada nesse trecho, a famosa Batalha de Queroneia, aconteceu em 338 a.C., com vitória decisiva dos macedônios, que expandiram de vez seu domínio sobre a Grécia central. A Guerra de Lâmia, como já mencionado neste estudo, aconteceu no inverno de 323-322 a.C., e também viu uma vitória macedônica, após algumas batalhas vencidas pelos helenos.<sup>540</sup>

---

#### **7.10.4.1-5.5**

ἐπεὶ δὲ τὸ ἐν Λαμία πταῖσμα ἐγένετο Ἑλλησιν, Ἀντίπατρος μὲν, ἅτε διαβῆναι ποιούμενος σπουδῆν πρὸς τὸν ἐν τῇ Ἀσία πόλεμον, ἐβούλετο εἰρήνην ἐν τάχει συντίθεσθαι, καὶ οἱ διέφερον οὐδὲν εἰ Ἀθήνας τε ἐλευθέραν καὶ τὴν πᾶσαν Ἑλλάδα ἀφήσει· Δημάδης δὲ καὶ ὅσον προδοτῶν Ἀθήνησιν ἄλλο ἦν, ἀναπείθουσιν Ἀντίπατρον μηδὲν ἐς Ἑλληνας φρονῆσαι φιλόανθρωπον, ἐκφοβήσαντες δὲ Ἀθηναίων τὸν δῆμον ἐξ τε Ἀθήνας καὶ πόλεων τῶν ἄλλων τὰς πολλὰς ἐγένοντο αἴτιοι Μακεδόνων ἐσαχθῆναι φρουράς· βεβαιοὶ δὲ μοι καὶ τότε τὸν λόγον· Ἀθηναῖοι γὰρ μετὰ τὸ ἀτύχημα τὸ ἐν Βοιωτοῖς οὐκ ἐγένοντο Φιλίππου κατήκοοι, ἀλόντων μὲν σφισι δισχιλίων, ὡς ἐκρατήθησαν, παρὰ τὸ ἔργον, χιλίων δὲ φονευθέντων· ἐν Λαμία δὲ περὶ διακοσίους πεσόντων καὶ οὐ πλέον τι, Μακεδόσιν ἐδουλώθησαν.

---

<sup>539</sup> Pausânias afirma que os aqueus eram o contingente de maior peso do exército grego. Cf. Pausânias 7.6.3.1-4: "τὰ δὲ ἐς πόλεμον τοιάδε ἦν τοῖς Ἀχαιοῖς· κατὰ μὲν τὴν ἐς Ἴλιον ἐπιστρατεῖαν Ἀγαμέμνωνος Λακεδαίμονα ἔτι καὶ Ἄργος οἰκοῦντες μεγίστη τοῦ Ἑλληνικοῦ μοῖρα ἦσαν·" – "tais foram as guerras para os aqueus: na expedição de Agamêmnon para Ílio, enquanto ainda estavam descansando na Lacedemônia e em Argos, eram a maior parte do exército helênico".

<sup>540</sup> Autores anteriores a Pausânias que mencionam a Guerra de Lâmia nesta tese: Xenócrates, p. 93; Hipérides, p. 97; Coerilo de Iaso, p. 103; Menandro, p. 120; Políbio, p. 133; Diodoro Sículo, p. 140; Estrabão, p. 154; Plutarco, p. 173. E, depois de Pausânias: Polieno, p. 214; Diógenes Laércio, p. 274.

**Tradução:****7.10.4.1-5.5**

Depois que aos helenos aconteceu o infortúnio em Lâmia, Antípatro, fazendo pressão para ir em velocidade para a guerra na Ásia, queria combinar rapidamente uma paz, e não lhe importava nada se deixasse livres Atenas e toda a Hélade. Contudo, Dêmades, que era um outro tal dentre os traidores dos atenienses, convenceu Antípatro a não pensar nos helenos de modo benevolente, e foram os causadores da entrada de muitas guarnições de macedônios em Atenas e nas outras cidades, assustando o povo dos atenienses. Minha afirmação está de acordo com esse fato: que os atenienses, pois, mesmo depois do desastre na Beócia, não tinham se tornado obedientes a Filipe, nem mesmo que dois mil tivessem sido conquistados e dominados por eles, e mil tivessem sido chacinados durante a ação. Mas depois dos duzentos que caíram mortos em Lâmia, eles foram escravizados pelos macedônios.

**Comentário:**

Pausânias está comentando a respeito das consequências funestas que a derrota na Guerra de Lâmia trouxe para os atenienses: foram totalmente subjugados após essa derrota. Os oradores mais conservadores, como Dêmades, foram acusados de traidores e aliados dos macedônios pela Posteridade.<sup>541</sup> O desastre da Beócia foi a Batalha de Queroneia, em que Filipe esmagou a coalisão dos gregos que lhe ofereceram resistência.

---

**7.15.2.5-8**

ἄμα τε δὴ ταῦτα ἐπεκηρυκεύετο καὶ ἤλαυνεν ἐκ Μακεδονίας τὸν στρατόν, διὰ Θεσσαλίας τὴν πορείαν καὶ παρὰ τὸν Λαμιακὸν ποιούμενος κόλπον.

**Tradução:****7.15.2.5-8**

Enquanto enviava tal embaixada com a mensagem, marchava da Macedônia com o

---

<sup>541</sup> Dêmades (ca. 380-319 a.C.) foi um político ateniense. Foi capturado pelos macedônios em 338 a.C., após a Batalha de Queroneia, e foi usado por Filipe II e pelos atenienses como emissário no tratado de paz, que ficou conhecido como Paz de Dêmades. Sua visão pessoal era a de que a Macedônia era muito forte para que os atenienses se opusessem a ela. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 446.

exército, fazendo a jornada através da Tessália e ao longo do Golfo lamíaco.

### **Comentário:**

Pausânias narra o contexto de disputas constantes e crescentes entre lacedemônios e aqueus ao longo de sua obra.<sup>542</sup> Logo após Roma ter vencido a revolta de Andrisko, o pretense filho do rei macedônio Perseu (148 a.C.), um pretor romano foi designado para a Macedônia, e um general, Metelo, chegou até a província com seu exército. Os gregos estavam lutando entre si (lacedemônios contra aqueus) pelo controle de Corinto, pois a Liga Aqueia havia anexado essa cidade, e os lacedemônios requisitavam-na de volta. Os romanos, chamados para julgar o problema, favoreceram os lacedemônios, uma vez que tinham tensões latentes com a Liga Aqueia. Revoltados, os aqueus declararam guerra aberta aos lacedemônios e romanos, o que resultou na Guerra Aqueia (146-145 a.C.). A Batalha de Corinto terminou a guerra, na qual os romanos massacraram os aqueus, destruíram Corinto completamente, e conquistaram a Grécia de vez, anexando todo o seu território, que foi dividido em duas províncias: Aqueia e Épiro.<sup>543</sup>

---

### **ΕΛΛΑΔΟΣ ΠΕΡΙΗΓΗΣΕΩΣ, ΦΩΚΙΚΑ, ΛΟΚΡΩΝ ΟΖΟΛΩΝ 10.1.2.1-9**

τὰ μὲν δὴ ἀπαντικρὺ Πελοποννήσου καὶ τὰ ἐπὶ Βοιωτίας καθήκουσιν ἐπὶ θάλασσαν οἱ Φωκεῖς, τῇ μὲν ἐς Κίρραν τὸ ἐπίνειον Δελφῶν, τῇ δ' ἐπὶ Ἀντίκυραν πόλιν· τὰ δὲ πρὸς τοῦ Λαμιακοῦ κόλπου Λοκροὶ σφᾶς παραθαλασσίους οἱ Ὑποκνημίδιοι κωλύουσιν εἶναι· οὗτοι γὰρ δὴ εἰσιν οἱ ταύτη τὴν Φωκίδα ὑπεροικοῦντες, Σκαρφεῖς μὲν τὰ ἐπέκεινα Ἐλατείας, ὑπὲρ δὲ Ὑάμπολιν καὶ Ἄβας οἱ πόλιν τε Ὀποῦντα καὶ Ὀπουντίων ἐπίνειον νεμόμενοι Κῦνον.

### **Tradução:**

#### **Descrição da Grécia, Fócia, Lócria Ozólia 10.1.2.1-9**

Na direção oposta ao Peloponeso e também na fronteira com a Beócia, a Fócia desce até o mar, tendo de um lado Cirra, o porto de Delfos, e do outro, a cidade de Anticira. Na direção do Golfo lamíaco, há a Lócria Hipocnemídia entre eles e a costa. Esses

---

<sup>542</sup> Cf. Pausânias, *Descrição da Grécia*, livros 1 e 2.

<sup>543</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 4, 5 e 6.

são, até aqui, os vizinhos de cima da Fócia.

#### **Comentário:**

**ΦΩΚΙΚΑ:** o livro 10 da *Descrição da Grécia* trata da região da Fócia, e seu primeiro capítulo explica a origem do nome Fócia e de seu povoamento.<sup>544</sup> O segundo capítulo trata dos limites geográficos da região, suas fronteiras norte, sul, leste e oeste, e quem são os vizinhos mais próximos.<sup>545</sup>

**τοῦ Λαμιακοῦ κόλπου:** o trecho acima informa a localização geográfica da cidade de Lâmia e de seu porto, Fálara, que faziam parte da grande região da Tessália. Do mesmo modo o Golfo Málio, ou Lamíaco, como o denomina Pausânias, que também tem uma grande parte de sua extensão inserida na mesma região. A ilha da Eubeia fica bem à frente de Fálara, no Golfo Málio. A cidade de Lâmia ainda está no mesmo local, e seu antigo porto ainda está lá também, mas não se chama mais Fálara, e sim, Estilida. A região geográfica da qual fazem parte ainda hoje é denominada Fócia.

**ΛΟΚΡΩΝ ΟΖΟΛΩΝ:** a Lócria Ozólia era uma região localizada no Golfo Coríntio, na Grécia. Fazia fronteiras ao norte com a Dória, ao leste com a Fócida e a oeste com a Etólia. Seus habitantes eram chamados lócrios.<sup>546</sup>

---

#### **10.3.4.1-4**

καὶ ἀγῶνος τοῦ ἐν Χαίρωνείᾳ μετέσχον οἱ Φωκεῖς, καὶ ὕστερον περὶ Λάμιαν καὶ ἐν Κρανῶνι ἐναντία Ἀντιπάτρου καὶ Μακεδόνων ἐμαχέσαντο·

#### **Tradução:**

#### **10.3.4.1-4**

Os fócios também tomaram parte na batalha em Queroneia, e depois no entorno de Lâmia e em Cranon, lutaram em oposição a Antípatro e os macedônios.

---

<sup>544</sup> Cf. Pausânias, *Descrição da Grécia*, 10.1.1.

<sup>545</sup> Cf. Pausânias, *Descrição da Grécia*, 10.1.2, integralmente traduzido acima. Para informações sobre a Fócia, cf. Hansen & Nielsen, 2004, *IACP*, pp. 399-430.

<sup>546</sup> Hansen & Nielsen, *IACP*, 2004, pp. 391-398 para a Lócria Ocidental, e pp. 664-673, para a Oriental.

### **Comentário:**

Esse trecho conta como os fócios decidiram apoiar os gregos para se redimir dos erros que haviam cometido num passado recente, como o fato de terem cedido ao rei persa Xerxes e só terem se aliado à coalisão grega na altura da Batalha de Plateia, e também o fato de terem sido os causadores da Terceira Guerra Sacra, cujo final teve consequências desastrosas para a Grécia.<sup>547</sup>

#### **10.12.1.1-2.1**

Πέτρα δέ ἐστιν ἀνίσχουσα ὑπὲρ τῆς γῆς: ἐπὶ ταύτῃ Δέλφοι στᾶσάν φασιν ᾄσαι τοὺς χρησμοὺς γυναικα ὄνομα Ἥροφίλην, Σίβυλλαν δὲ ἐπὶ κλησιν. τὴν δὲ πρότερον γενομένην, ταύτην ταῖς μάλιστα ὁμοίως οὔσαν ἀρχαίαν εὗρισκον, ἦν θυγατέρα Ἑλληνες Διὸς καὶ Λαμίας τῆς Ποσειδῶνός φασιν εἶναι, καὶ χρησμούς τε αὐτὴν γυναικῶν πρώτην ᾄσαι καὶ ὑπὸ τῶν Λιβύων Σίβυλλαν λέγουσιν ὀνομασθῆναι.

### **Tradução:**

#### **10.12.1.1-2.1**

Há uma pedra que se projeta acima da terra: sobre ela dizem os délficos que ficava

---

<sup>547</sup> Cf. Pausânias, *Descrição da Grécia*, 10.3.1.1-10.3.1.5: "δεκάτω δὲ ὕστερον ἔτει μετὰ τὴν τοῦ ἱεροῦ κατάληψιν ἐπέθηκεν ὁ Φίλιππος πέρας τῷ πολέμῳ, Φωκικῶ τε καὶ ἱερῶ κληθέντι τῷ αὐτῷ, Θεοφίλου μὲν Ἀθήνησιν ἄρχοντος, ὀγδόης δὲ ὀλυμπιάδος καὶ ἑκατοστῆς ἔτει πρώτῳ, ἦν Πολυκλῆς ἐνίκα στάδιον Κυρηναῖος" – "O décimo ano depois a ocupação do templo foi o último, Filipe impôs o fim da guerra, que foi chamada propriamente de Sacra ou Fócica, Teófilo era o arconte para os atenienses, e o ano era o primeiro da centésima oitava Olimpíada, em que Pólicles de Cirene venceu a corrida". A Terceira Guerra Sacra foi travada entre os fócios e seus aliados (atenienses, espartanos, entre outros peloponésios) e a Liga Anfictiônica (tebanos e lócrios) e seus aliados, incluindo aí Filipe II da Macedônia. A Liga Anfictiônica, basicamente chefiada pelos tebanos e outros beócios, condenou os fócios a pagar uma pesada indenização pois eles haviam cultivado a terra sagrada de Cirra. Os fócios se revoltaram, se recusando a pagar uma soma tão alta por um pedaço de terra tão pequeno, e resolveram se apoderar do Santuário de Delfos, em retaliação. Foram dez anos de batalhas, em que os gregos exauriram seu poderio militar, dando a Filipe a chance de expandir seu domínio no norte grego. Ao final da guerra, quando os fócios libertaram o Santuário de Delfos, Filipe obrigou os gregos a assinar um tratado de paz, e se tornou governador da Tessália. As cidades da Fócica que participaram do movimento foram destruídas e sua população espalhada em vilas menores. Cf. Pausânias, *Descrição da Grécia*, 10.3.2.9-10.3.3.1: "τότε δὲ κατεσκάφησάν τε αἱ κατειλεγμένοι καὶ ἐς κόμας πλὴν Ἄβας ῥκίσθησαν αἱ ἄλλαι· Ἀβαίοις δὲ ἐκτὸς ἀσεβείας ὑπῆρχε καθεστηκέναι, καὶ οὔτε τοῦ ἱεροῦ τῆς καταλήψεως οὔτε τοῦ πολέμου μετεσχέκεσαν. ἀφηρέθησαν δὲ οἱ Φωκεῖς καὶ μετεῖναι σφισιν ἱεροῦ τοῦ ἐν Δελφοῖς καὶ συνόδου τῆς ἐς τὸ Ἑλληνικόν, καὶ τὰς ψήφους αὐτῶν Μακεδόσιν ἔδοσαν οἱ Ἀμφικτύονες" – "Então, as já mencionadas e as outras foram completamente destruídas, exceto a cidade de Abas, e casas foram estabelecidas para o povo em vilas esparsas. Os abaios foram considerados livres da impiedade, pois não tiveram participação nem na ocupação do santuário nem na guerra". Para todas essas informações cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1343-1344. A Liga Anfictiônica era o conjunto de cidades que zelava pelos santuários de Delfos e Antela (um templo de Deméter próximo às Termópilas). Segundo a lenda, havia sido fundada por Anfiction, irmão de Heleno. Cf. Grimal, 2005, p. 27; Hornblower & Spawforth, 1996, p. 75.

uma mulher de nome Herofile e sobrenome Sibila, que proferia os oráculos. A que primeiro se tornou [uma sibila], tão antiga quanto as seguintes, esta os helenos dizem ser filha de Zeus e de Lâmia, filha de Poseidon, e que foi a primeira das mulheres a proferir oráculos, e que dizem ter sido chamada de Sibila pelos líbios.

### **Comentário:**

**Λαμία:** vamos analisar essa palavra a partir de um texto de Agátias de Mirina, que diz, comentando o trecho de Pausânias traduzido acima:

*Lamian*] Lâmia cidade: uns dizem que foi nomeada a partir do Lâmio de Hércules; outros dizem que a partir da mulher Lâmia, que reinou sobre os Traquínios; é um nome próprio ..... e isso <Hesíquio, Aristófanes> dizem ..... mulher que na Ágora passava o tempo. E alguns dizem ser Lâmia a mulher peidorreira na Ágora; e também os espectros; e um monstro; e o peixe; e os glutões dentre os homens.<sup>548</sup>

O trecho do escoliasta Agátias de Mirina é conclusivo, pois ele fez um agrupamento de quase todas as utilizações da palavra em seu comentário, sem maiores acréscimos e novidades. Todas as aplicações semânticas da palavra *λάμια* são apresentadas: a cidade, a rainha, um nome próprio (o que inclui as *hetairai* de Temístocles e Demétrio Poliorcetes, e a nobre de Demétrio de Falero), a mulher que ficava na *Ágora* de Atenas de Aristófanes, o *φάσμα* de Filóstrato, o monstro de Horácio e muitos outros, inclusive o tubarão de Aristóteles, e os homens que comem muito. Um parágrafo que resume a semântica da palavra em poucas linhas. De todos os comentadores bizantinos, Agátias, que viveu no século VI, é o que apresenta a visão mais completa da *lâmia*.

**Σίβυλλα:** todo o capítulo 12 do livro 10 é dedicado por Pausânias à linhagem das sibilas, que proferiram os oráculos de Apolo. Quanto ao número de tais profetisas, o *LSJ* informa que os escritores mais antigos reconheciam apenas uma sibila, que ficaria ou em Éritras ou em Cumas. Chantraine, por sua vez, afirma que em um primeiro

---

<sup>548</sup> *Escólios a Pausânias* 1.1.3.1-7: "Λαμίαν] Λάμια πόλις· οἱ μὲν, ἀπὸ Λαμίου τοῦ Ἡρακλέους ὀνομάσθη· οἱ δὲ, ἀπὸ γυναικὸς Λαμίας, ἣτις ἐβασίλευσε Τραχινίων· ἔστι δὲ προσηγορικὸν καὶ ..... καὶ οὕτω μὲν <Ἡσύχιος, Ἀριστοφάνης> δὲ φησιν ..... γυναικὸς ἐν τῇ ἀγορᾷ † ἐστηκούσης. τινὲς δὲ ἐν τῇ ἀγορᾷ περδομένην γυναικὰ Λάμιαν εἶναι· καὶ τὰ φάσματα· καὶ θηρίον· καὶ ὁ ἰχθύς· καὶ οἱ πολυφάγοι τῶν ἀνθρώπων". Texto grego retirado de Spiro, 1894 = *TLG*. Agátias de Mirina, ou Agátias Escolástico, foi um poeta e historiador que viveu de 532 a 580. Foi educado em Alexandria e Constantinopla, onde viveu a maior parte de sua vida. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 36; Dickey, 2007, p. 70.

momento a Sibila exercia sua função de profetisa em Éritras (Líbia, Ásia Menor), mas que depois veio para o Ocidente, para Cumas (na região da Campânia, Itália).

Há muitas lendas que remetem às sibilas, ou à Sibila, na mitologia greco-romana. A utilidade dessas histórias é mostrar o papel decisivo que essas profetisas exerceram nessas culturas, com seus oráculos. Uma dessas sibilas, indicada por vários autores como a segunda, era considerada filha de Lâmia e Zeus, e proferia oráculos em Éritras, local onde elas eram mais reconhecidas na Antiguidade. Na época tardia, o número de sibilas aumentou, e elas se espalharam pelo mundo greco-romano. É preciso notar que muitas vezes a profetisa era a porta-voz de desgraças, causando insatisfações prejudiciais à sua figura, e que sua função acabou junto com a queda do paganismo.<sup>549</sup>

---

<sup>549</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1596; Chantraine, 2009, p. 1001; Grimal, 2005, pp. 416-417.

---

# Φρόνυχος - Frínico II d.C.

(*Apud* Fócio, *Léxico* A.1759)

---

Ἐκ τῶν Φρονύχου τοῦ Ἀραβίου τῆς Σοφιστικῆς Προπαρασκευῆς, 213.1<sup>550</sup>

<ἀνδριστὶ μιμεῖσθαι φωνήν>: ὡς ἀνὴρ. Κράτης Λαμία.

## Tradução:

*A preparação sofística, por Frínico Árabe, 213.1*

<ter imitado a voz de um homem>: como macho. Na *Lâmia* de Crates.

## Comentário:

Esse fragmento está preservado no *Léxico* de Fócio.<sup>551</sup> A obra *Preparação sofística* que Frínico escreveu era organizada como um léxico, em 36 livros, segundo Fócio. Assim, Frínico está citando exemplos de frases, com as referências aos autores das mesmas, de modo que não há contexto para o emprego desse verso de Crates.<sup>552</sup>

Fócio faz um resumo dessa obra em sua *Biblioteca*, apontando que só leu 36 dos 37 livros que Frínico alega ter escrito. Fócio ainda elogia o esforço de Frínico e diz que a obra seria útil para estudantes de retórica, mas faz uma crítica ao que chama a "verbosidade" de Frínico e também à sua prolixidade, e diz que a obra poderia ter sido reduzida a um quinto do seu tamanho, sem omissão de nenhuma parte importante de conteúdo.<sup>553</sup> Esse mesmo fragmento encontra-se discutido mais a fundo nesta tese na parte dedicada a Crates.<sup>554</sup>

---

<sup>550</sup> Texto grego retirado de De Borries, 1911 = *TLG*. Frínico Árabe escreveu a *Preparação Sofística*, um léxico de palavras áticas, em 37 livros. Essa obra se encontra preservada apenas em um resumo feito por Fócio, e em fragmentos. Escreveu ainda a *Écloga*, e uma obra em que versava sobre como escolher as melhores palavras áticas, a *Attikistés*; cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1177-1178. Nós não conseguimos encontrar um comentário sobre a *Preparação sofística* de Frínico, além da própria edição de De Borries, em que ele não tece nenhum comentário específico sobre o fragmento 213.

<sup>551</sup> Cf. Fócio, *Léxico* A.1759 (Theodoridis, 1982 = *TLG*). Conferir a "Introdução" desta tese, p. 29, para verificar uma pequena discussão sobre este trecho.

<sup>552</sup> Cf. De Borries, 1911, p. 159, fr. 213.

<sup>553</sup> Fócio, *Biblioteca*, 158.100a.33-158.101b.31 (Henry, 1959-1977 = *TLG*).

<sup>554</sup> Uma discussão mais detalhada sobre esse fragmento pode ser vista na obra do próprio Crates, cf. nesta tese pp. 70-76.

---

## Ίούλιος Πολιδεύκης - Júlio Pólux II d.C.

---

### **ΟΝΟΜΑΣΤΙΚΟΝ 9.61.3-63.4<sup>555</sup>**

τῆς δὲ δραχμῆς τὸ ἥμισυ ἡμίδραχμον καλεῖται, καὶ τρίτον ἡμίδραχμον αἱ δύο ἥμισυ δραχμαί.

τὸ δ' ἡμίδραχμον, καὶ τριώβολον ἂν καλοῖς. οἱ μέντοι ὀκτὼ ὀβολοὶ ἡμίεκτον ἂν ὀνομάζονται, ὡς φησὶν ἐν Λαμία Κράτης

ἡμίεκτόν ἐστι χρυσοῦ, μανθάνεις, ὀκτὼ ὀβολοί,

ἦν δὲ καὶ τριώβολον καὶ διώβολον εἶδη νομισμάτων Ἀττικῶν, τὸ μὲν διώβολον ἔχον ἐντετυπωμένην γλαῦκα καὶ ἐκ θατέρου πρόσωπον Διός, τὸ δὲ τετρώβολον τὸ μὲν πρόσωπον ὁμοίως, δύο δὲ τὰς γλαῦκας.

### **Tradução:**

#### **Léxico 9.61.3-63.4**

A metade da dracma é chamada *hemidracma*, e a terceira *hemidracma* mais as duas metades, de dracmas.

A *hemidracma* também poderia ser chamada de trióbolo. E já os oito óbolos, poderiam ser chamados de *hemiecton*, como diz Crates na sua *Lâmia*:

um *hemiecton* é de ouro, entendes, oito óbolos,

O trióbolo e o dióbolo eram também tipos de moedas áticas. O dióbolo tinha uma face cinzelada, e na outra o rosto de Zeus; o trióbolo, por sua vez, tinha um rosto semelhante nas duas faces.

### **Comentário:**

**ἡμίεκτον:** no trecho selecionado acima, Julio Pólux trata de numismática grega, o que parece fazer longamente. O vocábulo ἡμίεκτον designa a sexta parte de uma medida

---

<sup>555</sup> Texto grego retirado de Bethe, 1967 = TLG.

de milho, que era chamada μέδιμνος.<sup>556</sup> O *LSJ* informa que o μέδιμνος equivaleria a algo em torno de 12 galões, o que fornece alguma ideia de quantidade.<sup>557</sup>

---

<sup>556</sup> *LSJ*, 1996, p. 521 e 1089.

<sup>557</sup> Um galão no Brasil equivale a 3,6L, um galão inglês equivale a 4,55L, e um galão americano equivale a 3,78L.

---

## Λουκιανός - Luciano *ca.* 120-180

---

### *Philopseudés 2.21-30*<sup>558</sup>

ἔμοι γοῦν πολλάκις αἰδεῖσθαι ὑπὲρ αὐτῶν ἔπεισιν, ὅποταν Οὐρανοῦ τομὴν καὶ Προμηθέως δεσμὰ διηγῶνται καὶ Γιγάντων ἐπανάστασιν καὶ τὴν ἐν Ἴδου πᾶσαν τραγωδίαν, καὶ ὡς δι' ἔρωτα ὁ Ζεὺς ταῦρος ἢ κύκνος ἐγένετο καὶ ὡς ἐκ γυναικός τις εἰς ὄρνεον ἢ εἰς ἄρκτον μετέπεσεν, ἔτι δὲ Πηγᾶσους καὶ Χιμαίρας καὶ Γοργόνας καὶ Κύκλωπας καὶ ὅσα τοιαῦτα, πάνυ ἀλλόκοτα καὶ τεράστια μυθῖδια παίδων ψυχὰς κηλεῖν δυνάμενα ἔτι τὴν Μορμῶ καὶ τὴν Λάμιαν δεδιότων.

### **Tradução:**

#### ***O amante das mentiras 2.21-30***

Bom, muitas vezes fui envergonhado pelas palavras deles, aliás, toda vez que a castração de Urano e o aprisionamento de Prometeu são narrados, e a sublevação dos Gigantes, e toda a tragédia no Hades; e também como Zeus, por causa de seu desejo, se tornava touro ou cisne, e como alguém se metamorfoseou de mulher em pássaro ou urso; e ainda Pégasos, e Quimeras, e Górgonas, e Ciclopes, e essas coisas esquisitais tais como mitinhos monstruosos capazes de tapear os espíritos das crianças, que ainda têm medo de Mormó e da Lâmia.

### **Comentário:**

**πάνυ ἀλλόκοτα καὶ τεράστια μυθῖδια παίδων ψυχὰς κηλεῖν δυνάμενα ἔτι τὴν Μορμῶ καὶ τὴν Λάμιαν δεδιότων:** um homem chamado Tiquíades está se pronunciando acerca de sua experiência com relatos fantásticos no trecho acima. Sua fala deixa bem clara a função de um mito como o da *lâmia* na sociedade greco-romana do século II d.C.: assustar as crianças, tapear seu discernimento. É uma reflexão muito semelhante à de Díon Crisóstomo.

O tradutor da Gredos, José Luis Navarro, afirma que a Mormó e a Lâmia são "equivalentes ao «coco» dos nossos dias". Essa reflexão do tradutor, apesar de anacrônica, nos motivou a fazer um pequeno estudo sobre o *coco/coca/cuca*, pois não

---

<sup>558</sup> Texto grego retirado de Harmon, 1969 = *TLG*.

é exclusiva desse tradutor, nem de Luciano. Outros tradutores já haviam apontado essa semelhança funcional entre a *lâmia* e o *coco*, ou a *lâmia* e o vampiro, e até mesmo entre a *lâmia* e espantalhos. Portanto, Luciano, nesse pequeno trecho do *Philopseudês*, reforça a ideia que já estamos trabalhando desde a leitura de Horácio e a de Estrabão: a de que a *lâmia* era parte do universo de monstros infantis, os que Câmara Cascudo chamou de "pavores infantis", e na Antiguidade e no Período Bizantino eram conhecidos como *μορμολκεῖα*.<sup>559</sup>

---

<sup>559</sup> Luciano, 1988, p. 198: "Equivalentes al «coco» de nuestros días". Sobre o *coco*, cf. nesta tese nossos comentários a Marco Aurélio, pp. 215-216; Horácio, pp. 152-153; e Estrabão, pp. 154-163.

---

## Πολύαινος - Polieno II d.C.

---

### *ΠΟΛΥΑΙΝΟΥ ΣΤΡΑΤΗΓΙΚΑ, ΑΝΤΙΠΑΤΡΟΣ 4.4.2.1-9*<sup>560</sup>

Ἀντίπατρος τὸν Σπερχειὸν διαβῆναι ἐβούλετο. Θετταλῶν δὲ ἰπέων κωλύοντων διαβαίνειν, ὁ μὲν τὴν δύναμιν ἀπήγαγεν εἰς τὴν αὐτοῦ στρατοπεδεῖαν καὶ παρήγγειλε τοῖς Μακεδόσι μένειν ἐν τοῖς ὄπλοις καὶ τὰ σκευοφόρα μὴ λύειν. οἱ Θετταλοὶ δὲ εἰς τὴν Λαμίαν ἀφιπεύσαντες ἠριστοποιοῦντο κατὰ τὰς οἰκίας. Ἀντίπατρος [ἐπανῆλθε πρὸς] τὸν ποταμὸν καὶ φθάσας διεβίβασε τὴν δύναμιν, πρὶν ἐκβοηθῆσαι Θετταλοὺς, καὶ κατελάβετο τὴν Λαμίαν προσπεσῶν.

### **Tradução:**

#### **De Polieno *As Estratégias, Antípatro 4.4.2.1-9***

Antípatro queria cruzar o Esperqueu, mas a cavalaria dos tessálios estava impedindo-o de atravessar. Ele então conduziu o exército para seu acampamento, e ordenou aos macedônios permanecer em armas e não desaparelhar. Os tessálios então cavalgaram de volta, para tomar o desjejum em suas casas. Antípatro, por sua vez, retornou até o rio, e lá chegando, atravessou seu exército antes que os tessálios pudessem acorrer e, atacando, tomou Lâmia.

### **Comentário:**

**τὴν Λαμίαν προσπεσῶν:** o trecho selecionado trata dos feitos de Antípatro antes do sítio que deu nome à Guerra de Lâmia, narrando como ele e seu exército furaram a barreira da cavalaria tessália e tomaram a cidade de Lâmia, uma das mais importantes da região.<sup>561</sup>

---

<sup>560</sup> Texto grego retirado de Woelfflin & Melber, 1970 = *TLG*.

<sup>561</sup> Polieno escreveu sua obra *Estratagemas* em oito livros, e a dedicou aos imperadores Marco Aurélio e Vero. Os seis primeiros livros contêm relatos de estratégias de generais gregos, o sétimo, de generais estrangeiros, e o oitavo de generais romanos. Cf. Polieno, 4.pro.1.1-4.pro.1.5: "Καὶ τότε ὑμῖν τέταρτον βιβλίον, ἱερώτατοι βασιλεῖς Ἀντωνῖνε καὶ Οὐῆρε, προσφέρω τῶν Στρατηγημάτων· τοῦτο μὲν δὴ καὶ ἥδιον τῶν ἄλλων συγγράψας, ἐν ᾧ καταμάθοιτε ἂν τὰς ἀρετὰς τῶν ἡμετέρων προγόνων, οἱ τῆς Μακεδονίας ἐβασίλευσαν" – "E este nosso quarto livro de estratégias também lhes ofereço, sacrossantos imperadores Antonino e Vero: este foi mais prazeroso que os outros de compor, pois nele podereis observar as excelências de nossos progenitores, que governaram a Macedônia". Para a dedicatória do início da obra, cf. Polieno, 1.pro.1.1-1.pro.13.8. Cf. "Anexos", "Tabelas", Tabela 7: Dinastia Antipátrida, p. 327.

---

# Marcus Aurelius Antoninus Augustus - Marco Aurélio Antonino Augusto 121-180

---

*TA EIS EAYTON 11.23.1.1-2*<sup>562</sup>

<O> Σωκράτης καὶ τὰ τῶν πολλῶν δόγματα Λαμίας ἐκάλει, παιδίων δείματα.

## Tradução:

*As coisas para si mesmo 11.23.1.1-2*

Sócrates também chamava de *lâmia* as crenças populares, pavores infantis.

## Comentário:

**Λαμίας, παιδίων δείματα:** Marco Aurélio cita Sócrates, que compara as crenças populares à *lâmia*. Ao fazer essa comparação, o filósofo quer mostrar como tais crenças são maléficas, como são portadoras de muito do mal que atinge a sociedade, ainda mais quando nos recordamos da opinião de Platão sobre tais credices e sobre o uso dos mitos na educação das crianças.<sup>563</sup> Sócrates aclara a natureza da *lâmia* com tal comparação: não passa de uma credice popular, existe apenas nas mentes das pessoas que gostam de atormentar as crianças com essas baboseiras.

O tradutor espanhol de Marco Aurélio, Ramón B. Pellicer afirma que as *lâmias* eram "monstros femininos fabulosos que se passavam por raptores e devoradores de crianças. Algo assim como «o coco», fantasma com que se mete medo nas crianças".<sup>564</sup>

O coco é definido pelo Houaiss como a "máscara ou objeto com que se mete medo às crianças", e também como "crânio, cabeça, cuca". Ao explicar a etimologia da palavra, Houaiss conecta os sentidos de *coco/coca*, *cuco/cuca* e o *coco* fruto do coqueiro.<sup>565</sup> Portanto, podemos concluir que o *coco* dos espanhóis tem a mesma

---

<sup>562</sup> Texto grego retirado de Farquharson, 1968 = *TLG*.

<sup>563</sup> Cf. comentário ao primeiro trecho de Estrabão nesta tese, pp. 154-163.

<sup>564</sup> Cf. Marco Aurelio, 2005, p. 203: "monstruos fabulosos femeninos que pasaban por raptores y devoradores de niños. Algo así como «el coco», fantasma con que se miete miedo a los niños".

<sup>565</sup> Houaiss, 2010, p. 750: ETIM. *coco* /ô/ e *coca* /ô/ têm originalmente o significado de 'papão, fantasma com que se mete medo às crianças', por extensão 'fruto do coqueiro' e, daí, 'objeto esférico,

função da nossa *cuca*, e do *bugbear* dos anglo-saxões: assustar as crianças com o objetivo de mantê-las sob controle.<sup>566</sup> Função essa que parece ter sido desempenhada, nos primórdios da civilização, pela nossa *lâmia*, como comenta Marco Aurélio nesse trecho de sua obra, e como pudemos inferir a partir da "Introdução" desta tese.

---

cabeça' e uma série de significados segundos e cruzamentos entre as formas *coco/coca* e *cuco/cuca*; para *coco /ô/* e *coca /ô/*, Piel busca a origem no verbo latino *calcāre* 'pressionar, apertar', pelo "facto de os franceses chamarem este fantasma ou espírito (alemão *Alpdruck*, literalmente 'peso do espírito chamado *Alp*) perturbador do sono de *cauchemar*", vocábulo bem explicado como derivado de *calcāre* + germano *mar* 'espírito noturno'; a hipótese deve ser levada em conta, segundo J.P. Machado (...); o trânsito da acepção 'papão' para 'fruto com que se figurava o papão' e 'fruto da palmeira chamada coqueiro' é bem documentado: o português *coco /ô/* e *coca /ô/*, designação de 'fantasma infantil, papão, figura de mau aspecto ou de mau agouro', foi usado para o 'fruto redondo' do *coqueiro* encontrado pelos portugueses no território asiático de Malabar, na viagem de Vasco da Gama à Índia (1497-1498), por associação da aparência do fruto à cara ou à figura do 'papão'; do português a palavra passa para o espanhol, francês e inglês *coco*, italiano *cocco*, alemão *Kokos* e aos compostos inglês *coconut* e alemão *Kokosnuss*; [...].

<sup>566</sup> Cf. os "Anexos" desta tese, pp. 342-349, em que fizemos um pequeno estudo da história do mito da coca/cuca desde seu surgimento em terras ibéricas, até sua transformação sob as influências indígenas e africanas no Brasil.

---

## Apuleius - Apuleio 125-180

---

### *Libri Metamorphoseon 1.17.5-6*<sup>567</sup>

At ille, odore alioquin spurcissimi humoris percussus quo me Lamiae illae infecerant, uehementer aspernatur: "Apage te" inquit "fetorem extremae latrinae", et causas coepit huius odoris comiter inquirere.

### **Tradução:**<sup>568</sup>

#### *Livro das metamorfoses 1.17.5-6*

Ele, por outro lado, inundado pelo fedor do líquido imundo com o qual aquelas Lâmiás tinham-me inundado, com violência me afastou e disse: "para trás fedor da pior latrina!", e começou a indagar com interesse as causas daquele odor.

### **Comentário:**

**Lamiae:** o narrador das *Metamorfoses* usa o substantivo *lâmia* no trecho acima como um xingamento às feiticeiras que mataram seu amigo e o cobriram de urina. Como o dicionário atribui ao significado dessa palavra a acepção "bruxa", não é uma opção que soe estranha.<sup>569</sup> Com essa significação, a *lâmia* se aproxima da Lilith hebraica, que é referida por muitos como "bruxa noturna" - "night hag".<sup>570</sup>

David Leinweber cita os nomes das duas feiticeiras que atacam dois personagens no romance: Méroe e Pântia, e afirma que "no período pós-Clássico, tanto a bruxa quanto o vampiro desempenhariam papéis decisivos no mito e na superstição da cultura popular", e que o que Apuleio fez foi um sincretismo folclórico ao associar a figura da bruxa com a da *lâmia*.<sup>571</sup>

---

<sup>567</sup> Texto grego retirado de Apulée, 1956. A obra *Metamorfoses* está dividida em onze livros que narram as aventuras de um jovem chamado Lúcio, que acabou se transformando em burro por acaso: queria usar uma pomada de uma feiticeira para virar pássaro como ela, e acabou usando a pomada errada. Toda a história só é possível porque ele mantém intacta sua personalidade e sua mente, o que lhe permite narrar suas memórias depois (cf. Cardoso, 2003, pp. 129-130; Leinweber, 1994, p. 77). Sobre a datação do romance, o período entre os anos 160 e 170 é geralmente aceito, apesar de não haver certeza (Leão, 2007, pp. 13-16).

<sup>568</sup> Tradução de Priscilla A. F. Almeida, com revisão nossa.

<sup>569</sup> Cf. Glare, 1982, p. 998.

<sup>570</sup> Cf. Isaías, em Mortoza, 2013, pp. 82-83.

<sup>571</sup> "In the post-classical period, both the witch and the vampire would go on to play dominant roles in

Leinweber conclui que "ela [a *lâmia*] se tornou uma figura de contos de fadas, usada pelas mães e babás para induzir bom comportamento entre as crianças", mas que, apesar disso, a versão do mito que mais pode ser aproveitada no caso do romance de Apuleio é a do espectro que se materializa sob a forma de uma bela mulher para atrair e devorar um belo rapaz, citada por Filóstrato.<sup>572</sup>

Leinweber afirma ainda que esse tema da "viúva negra" é comum em folclores de sociedades do mundo inteiro, assim como o tema da bela mulher solitária e sem filhos, que inveja a fertilidade dos casais, que também pode ser associado ao mito da *lâmia*. Outro tema do "folclore mundial" é o das velhas feiticeiras desfiguradas e malignas, como as greias gregas.<sup>573</sup>

Na obra de Apuleio, a *lâmia* é associada à bruxa velha e ressentida, desprezada pela sociedade e com habilidades suficientes para fazer algumas pessoas pagarem por tal comportamento. Sócrates, o amigo do comerciante de queijos Aristômenes, que é quem narra essa parte da história em que está o trecho citado, confessa ao amigo ter estado com Méroe, e ter mantido relações sexuais com ela, mesmo sem se lembrar de ter sentido qualquer atração física por ela, a quem ele se refere como uma bruxa velha. Todos os indícios de um encantamento sofrido por Sócrates da parte de Méroe estão apontados nessa conversa. Sócrates custa a acreditar que, além de ter mantido relações sexuais com Méroe, ainda lhe dera todos os bens que trazia consigo. Naquela mesma noite, Sócrates, que dormia em um quarto com seu amigo Aristômenes, tem seu pescoço cortado, seu sangue coletado e seu coração arrancado por Méroe e sua irmã Pântia. No dia seguinte ele acorda, reclama de pesadelos e parece estar sem energia, mas está vivo. Só vai morrer um tempo depois.

Leinweber aponta inúmeras semelhanças entre as ações das bruxas com as ações de vampiros: atacam na madrugada, invadem o recinto pessoal da vítima, coletam sangue. Assim como a *lâmia* que ataca belos jovens em Filóstrato.<sup>574</sup> Em conclusão, Leinweber aponta que as bruxas do romance de Apuleio são um sincretismo entre o conceito antigo da *lâmia* e aspectos do conceito moderno de vampiro, o que faz delas algo único na literatura antiga.<sup>575</sup>

---

the myth and superstition of popular culture", Leinweber, 1994, p. 77, nossa tradução.

<sup>572</sup> "She became a kind of fairy-tale figure, used by mothers and nannies to induce good behaviour among children", Leinweber, 1994, p. 77, nossa tradução.

<sup>573</sup> Leinweber, 1994, p. 78; Grimal, 2005, p. 188. As greias eram irmãs das górgonas, e compartilhavam um olho só. Elas são interpeladas por Perseu em sua caçada à Medusa.

<sup>574</sup> Cf. nesta tese Filóstrato, pp. 254-261; cf. Leinweber, 1994, pp. 78-79.

<sup>575</sup> Leinweber, 1994, pp. 81-82.

---

# Ἀθήναιος Ναυκράτιος - Ateneu de Náucratis II-III d.C.

---

## **ΔΕΙΠΝΟΣΟΦΙΣΤΩΝ 3.59.28-31**<sup>576</sup>

Λυγκεὺς δὲ διαγράφων τὸ Λαμίας τῆς αὐλητρίδος δεῖπνον, ὅτε ὑπεδέχετο Δημήτριον τὸν Πολιορκητὴν, εὐθέως τοὺς εἰσελθόντας ἐπὶ τὸ δεῖπνον ἐσθίοντας ποιεῖ ἰχθῦς παντοίους καὶ κρέα.

### **Tradução:**

#### ***Deipnosofistas (Sofistas do jantar) 3.59.28-31***

Linceu, descrevendo o jantar com o qual a auletrida Lâmia entreteve Demétrio Poliorcetes, colocou os convivas comendo de todos os tipos de peixe e carne logo que chegaram ao jantar.

### **Comentário:**

**τὸ Λαμίας τῆς αὐλητρίδος δεῖπνον:** neste trecho da obra de Ateneu, os convivas estão conversando sobre a ordem dos alimentos no banquete, e Linceu diz que no banquete que Lâmia ofereceu para Demétrio não houve aperitivos, passaram de uma vez aos pratos principais.<sup>577</sup>

Esse comentário inocente de Linceu nos permite conectar a Lâmia *hetaira* com as outras *lâmias*, através do valor semântico da raiz λαμ-, pois sua atitude nessa anedota de Ateneu representa a materialização dessa ideia da raiz da palavra λάμια: uma voracidade tão grande que gera um desprezo pelos costumes sociais. A voracidade que não respeita as tradições civilizadas e que parte, num banquete, uma das atividades definidoras do estado de civilização na Antiguidade greco-romana, direto para o prato principal, sem passar pelos aperitivos. Através de anedotas como

---

<sup>576</sup> Texto grego retirado de Kaibel, 1965-1966 = *TLG*.

<sup>577</sup> Ateneu se refere a Linceu como "o sâmio", "amigo e discípulo de Teofrasto" (*Deipnosofistas* 3.58, 4.1). Kaibel, 1965, pp. V-VII considera que todos os personagens do banquete são imaginários, mas baseados em grandes personalidades reais. Cf. Ateneo, 1998, pp. 46-55, em que Lúcia Rodríguez-Noriega Guillén faz um pequeno estudo sobre os personagens de Ateneu.

essa de Ateneu podemos notar que a área semântica da palavra *lâmia* demonstra essa violência contra a sociedade, de alguém que oferece delícias, mas que prescinde das preliminares que delimitam a tênue linha entre o selvagem e o civilizado.

---

#### 4.1.7-13

ἐκατέρων οὖν σώζονται δειπνητικάι τινες ἐπιστολαί, Λυγκέως μὲν τὸ Λαμίας τῆς Ἀττικῆς αὐλητρίδος ἐμφανίζοντος δεῖπνον Ἀθήνησι γενόμενον Δημητρίῳ τῷ βασιλεῖ, ἐπικλην δὲ Πολιορκητῆ (ἐρωμένη δ' ἦν ἡ Λάμια τοῦ Δημητρίου), τοῦ δ' Ἴππολόχου τοῦς Καραάνου τοῦ Μακεδόνοιο ἐμφανίζοντος γάμου.

#### Tradução:

#### 4.1.7-13

Cada um dos dois salvadores, tinha, assim, algumas cartas com assuntos de jantar: a de Linceu descrevia o jantar que a *auletrida* ática Lâmia ofereceu para Demétrio, que se tornou rei dos atenienses, o que era chamado Poliorcetes (a Lâmia era amante do Demétrio); enquanto a de Hipóloco descrevia o casamento de Carano da Macedônia.

#### Comentário:

**ἐρωμένη δ' ἦν ἡ Λάμια τοῦ Δημητρίου:** como já mencionamos outras vezes, e será mencionado novamente, Lâmia, referida por alguns autores como uma *auletrida*, por outros como uma *hetaira*, era amante de Demétrio Poliorcetes. O relacionamento deles foi muito comentado na Antiguidade.<sup>578</sup> O trecho acima relata o costume que Ateneu diz que mantinham Hipóloco da Macedônia e Linceu de Samos, de trazer consigo para um banquete relatos de outros banquetes dos quais tinham participado.<sup>579</sup>

---

#### 6.62.1-19

διαβόητος δὲ ἐγένετο ἐπὶ κολακείᾳ καὶ ὁ τῶν Ἀθηναίων δῆμος. Δημοχάρης γοῦν ὁ

---

<sup>578</sup> Para ler outras anedotas sobre o relacionamento de Lâmia e Demétrio, cf. nesta tese Demócares pp. 115-116; Mácon pp. 127-128; Filarco p. 129; Polemon pp. 130-131; Plutarco pp. 173-194; Clemente de Alexandria pp. 242-244; Alcífron pp. 249-253; Eliano pp. 262-263.

<sup>579</sup> Ateneu de Náucratis, *Deipnosophistas* 4.1.

Δημοσθένους τοῦ ῥήτορος ἀνεπιὸς ἐν τῇ εἰκοστῇ τῶν ἱστοριῶν διηγούμενος περὶ ἧς ἐποιοῦντο οἱ Ἀθηναῖοι κολακείας πρὸς τὸν Πολιορκητὴν Δημήτριον καὶ ὅτι τοῦτ' οὐκ ἦν ἐκείνῳ βουλομένῳ, γράφει οὕτως· ἑλῦπει μὲν καὶ τούτων ἓνια αὐτόν, ὡς ἔοικεν, οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ ἄλλα γε παντελῶς αἰσχροῦ καὶ ταπεινά, Λεαίνης μὲν καὶ Λαμίας Ἀφροδίτης ἱερὰ καὶ Βουρίχου καὶ Ἀδειμάντου καὶ Ὁξυθέμιδος τῶν κολάκων αὐτοῦ καὶ βωμοὶ καὶ ἡρῶα καὶ σπονδαί. τούτων ἐκάστῳ καὶ παιᾶνες ἤδοντο, ὥστε καὶ αὐτόν τὸν Δημήτριον θαυμάζειν ἐπὶ τοῖς γινομένοις καὶ λέγειν ὅτι ἐπ'αὐτοῦ οὐδεὶς Ἀθηναίων γέγονε μέγας καὶ ἀδρὸς τὴν ψυχὴν.' καὶ Θηβαῖοι δὲ κολακεύοντες τὸν Δημήτριον, ὡς φησι Πολέμων ἐν τῷ περὶ τῆς ποικίλης στοᾶς τῆς ἐν Σικυῶνι (fr. 15 Pr), ἰδρύσαντο ναὸν Ἀφροδίτης Λαμίας. ἐρωμένη δ' ἦν αὕτη τοῦ Δημητρίου καθάπερ καὶ ἡ Λεαίνα.

### **Tradução:**

#### **6.62.1-19**

O povo dos atenienses também se tornou renomado por suas bajulações. Demócates, primo do orador Demóstenes, no vigésimo livro do seu *Histórias*, dissertando a respeito das bajulações que os atenienses fizeram para Demétrio Poliorcetes, e sobre como isso não era o que ele queria, escreve assim: "molestavam-no também algumas dessas, como era razoável, mas não outras completamente vergonhosas e baixas, como os templos de Leona e de Lâmia Afrodite, e os altares, santuários e libações dedicados a seus bajuladores Búrico, Adimanto e Oxítemis. Além disso, também entoavam peãs para cada um desses, a ponto de estupefar com o que era produzido o próprio Demétrio, que chegou a dizer que nenhum dentre os atenienses veio a ser tão grande e tão largo de alma como ele."<sup>580</sup> E os tebanos também eram uns bajuladores do Demétrio, como diz Polemon em seu *Sobre a estoa colorida em Sícion*, pois dedicaram, em homenagem a Demétrio, um templo a Afrodite Lâmia. Ela era amante de Demétrio, assim como também o era Leona.<sup>581</sup>

### **Comentário:**

**Λεαίνης μὲν καὶ Λαμίας Ἀφροδίτης ἱερὰ:** Ateneu cita o relato de Demócates sobre as bajulações recebidas por Demétrio Poliorcetes dos atenienses, e o de Polemon, que cita as adulações que este mesmo homem recebeu dos tebanos. Até mesmo dedicar

<sup>580</sup> Cf. nesta tese Demócates, *Fragmentos*, pp. 115-116.

<sup>581</sup> Cf. nesta tese Pólemon, *Sobre a colunata colorida em Sícion*, pp. 130-131.

templos às *hetairas* preferidas de Demétrio eles fizeram.<sup>582</sup>

---

### 7.26.19-21

Ἀριστοτέλης δ' ἐν πέμπτῳ ζῴων μορίων σελάχῃ φησὶν εἶναι βάτον, τρυγόνα, βοῦν, λάμιαν, αἰετόν, νάρκην, βάτραχον καὶ πάντα τὰ γαλεοειδῆ.

#### Tradução:

### 7.26.19-21

Aristóteles diz, no quinto livro do seu *Das partes dos animais*, que os cartilagosos são a arraia, as jamantas, o albafar, a *lâmia*, a raia-águia, a raia-elétrica, o peixe-sapo e todos os tubarões.<sup>583</sup>

#### Comentário:

**λάμιον:** uma discussão sobre peixes é iniciada um pouco anteriormente no capítulo 26 do livro sétimo dos *Deipnosophistas*. Ela começa com os convivas discutindo sobre a qualidade das anchovas de um determinado anfitrião e os caranguejos de outro, e a partir dessa discussão Ateneu aproveita para citar o que autores anteriores que escreveram tratados sobre a pescaria disseram sobre os peixes, crustáceos, moluscos, entre outros animais marinhos. A discussão chega até nos tubarões, e então cita-se a *lâmia*.<sup>584</sup>

---

### 7.76.1-7

ΚΑΡΧΑΡΙΑΙ. Νουμήνιος ὁ Ἡρακλεώτης ἐν τῷ Ἀλιευτικῷ φησιν· ἄλλοτε καρχαρίην, ὅτε δὲ ρόθιον ψαμαθίδα. Σώφρων Θυνηνοθήρα· ‘ἀ δὲ γαστήρ ὑμέων καρχαρίας, ὄκκα τινὸς δῆσθε.’ Νίκανδρος ὁ Κολοφώνιος ἐν ταῖς Γλώσσαις τὸν καρχαρίαν καλεῖσθαι φησι καὶ λάμιαν καὶ σκύλλαν.

---

<sup>582</sup> Ateneu continua relatando as honras divinas recebidas por Demétrio da parte dos atenienses, que Guillén pensa que lhe foram dedicadas quando os Jogos Píticos foram realizados em Atenas, em 290 a.C., porque Delfos estava tomada pelos etólios. Demétrio foi o organizador desses jogos.

<sup>583</sup> Cf. Aristóteles, *História dos animais*, 540b17, pp. 106-108 desta tese.

<sup>584</sup> Cf. nesta tese Aristóteles, pp. 106-114; Plínio o velho, pp. 167-168; Galeno, pp. 239-241; Opiano da Cilícia, pp. 264-271; Oribásio, pp. 286-287.

## Tradução:

### 7.76.1-7

TUBARÕES. Numênio de Heracleia diz, na sua *Haliêutica*: "umas vezes tubarões, outras vezes um determinado psamátis". Sófron, no seu *Caça ao atum*: "nossa barriga com um tubarão, quando laçares algum". E Nicandro de Colofão, no seu *Línguas*, diz que o tubarão também é chamado de *lâmia* e cila.

## Comentário:

**τὸν καρχαρίαν καλεῖσθαί φησι καὶ λάμιαν καὶ σκύλλαν:** a discussão sobre peixes prossegue, e o autor cita alguns tipos de peixe conhecidos, e os autores que falaram deles. Nesse trecho, são citados os καρχαρίαί, que hoje chamamos tubarões. Os gregos tinham ainda a palavra γαλέος, γαλεώδης para denominar tubarões. A diferença na aplicação dos dois vocábulos é tênue, parece que o primeiro seria usado para designar tubarões maiores, e o segundo, tubarões menores.<sup>585</sup>

Nesse trecho de Ateneu, chegamos à confluência de significados entre λάμια e σκύλλα: ambas são palavras usadas para designar tubarões, e talvez por isso Estesícoro tenha considerado a Cila homérica como filha de *lâmia*, que bem pode ser o tubarão, ou a filha de Poseidon. Notemos a clara similitude do ambiente e do fenótipo desses seres: são habitantes do mar, e são monstros, grandes e vorazes (κίττα). Citamos Hopman, que esclarece essa confluência:

Mais abrangentemente, Cila está relacionada à imagem do mar como uma garganta devoradora que é vividamente encapsulada pela derivação de uma das palavras gregas para o mar, λαῖτμα (*Il.*, *Od.*, Theoc., A.R.), da palavra para garganta, λαιμός. A relação de Cila com aquela imagem é evidenciada por suas conexões genealógicas e geográficas. [...] No poema perdido de Estesícoro, *Cila*, ela é a filha de Lâmia, uma ogra cujo nome está relacionado com λαμυρός "guloso".<sup>586</sup>

Após considerar essa análise de Hopman, podemos notar que Cila e *lâmia* estão

<sup>585</sup> Para uma discussão a respeito da palavra γαλέος, cf. Mortoza, 2013, pp. 77 e 130-131; e para a palavra καρχαρέος, *idem*, *ib.*, pp. 65-66.

<sup>586</sup> Cf. Hopman, 2005, p. 28: "More broadly, Scylla is related to the image of the sea as a devouring gullet that is vividly encapsulated through the derivation of one of the Greek words for the sea, λαῖτμα (*Il.*, *Od.*, Theoc., A.R.), from the word for throat, λαιμός. Scylla's relation to that image is evidenced by her genealogical and geographical connections. [...] In Stesichorus' lost poem *Scylla*, she is the daughter of Lamia, an ogress whose name is related to λαμυρός 'gluttonous'". Cf. ainda *LSJ*, 1996, p. 1027; Chantraine, 1984-1990, pp. 617-618; Graves, 1992, pp. 205-206.

conectadas além de genealogicamente e geograficamente: elas também se interceptam etimologicamente, como nos provou acima a autora americana.<sup>587</sup>

---

#### 10.12.7-10

ὄτι δὲ καὶ πάντες Θετταλοὶ ὡς πολυφάγοι διεβάλλοντο Κράτης φησὶν ἐν Λαμῖα· ἔπη τριπλήγη Θετταλικῶς τετμημένα. τοῦτο δ' εἶπεν ὡς τῶν Θετταλῶν μεγάλα κρέα τεμνόντων.

#### Tradução:

#### 10.12.7-10

Também acusavam os tessálios de comerem muito, como disse Crates na sua *Lâmia*: "palavras de três cúbitos cortadas à moda tessália". Isso diz como os tessálios cortavam grandes carnes.

#### Comentário:

**Κράτης φησὶν ἐν Λαμῖα:** o comediógrafo Crates escreveu uma peça cujo título era *Lâmia*. Esse trecho de Ateneu é a única fonte sobrevivente desse fragmento de Crates.<sup>588</sup>

---

#### 13.37.1-4

Θεμιστοκλῆς τε, ὡς φησιν Ἰδομενεύς, οὐχ ἄρμα ζευξάμενος ἑταιρῶν πληθούσης ἀγορᾶς εἰσήλασεν εἰς τὸ ἄστυ; ἦσαν δ' αὐταὶ Λάμια καὶ Σκιώνη καὶ Σατύρα καὶ Νάννιον.

#### Tradução:

#### 13.37.1-4

E Temístocles, como disse Idomeneu, não adentrou a cidade, pela *Ágora* lotada, num

---

<sup>587</sup> Para mais discussão sobre Cila e Lâmia, cf. nesta tese o comentário a Estesícoro, pp. 55-57.

<sup>588</sup> Cf. nesta tese Crates, pp. 70-76; e ainda Mortoza, 2013, pp. 51-52, para um comentário mais detalhado sobre esse costume tessálio.

carro equipado com *hetairas*? Eram elas Lâmia, Síone, Satura e Nânion.

**Comentário:**

**ἄρμα ἐταιρῶν πληθούσης - ἦσαν δ' αὐται Λάμια καὶ Σκιώνη καὶ Σατύρα καὶ Νάννιον:** Ateneu é a única fonte desse fragmento de Idomeneu de Lâmpsaco, como visto anteriormente.<sup>589</sup> No livro 13 dos *Deipnosophistas*, Ateneu descreve o que os convivas falaram sobre assuntos amorosos, como casamentos, cortesãs, amantes, entre outros casos semelhantes.

---

**13.38.17-22**

Δημήτριος δ' ὁ Πολιορκητῆς οὐ δαιμονίως ἦρα Λαμίας τῆς αὐλητρίδος, ἐξ ἧς ἔσχε καὶ θυγατέρα Φίλαν; τὴν δὲ Λάμιαν Πολέμων φησὶν ἐν τῷ περὶ τῆς ἐν Σικυῶνι Ποικίλης Στοᾶς θυγατέρα μὲν εἶναι Κλεάνορος Ἀθηναίου, κατασκευάσαι δὲ Σικυωνίοις τὴν προκειμένην στοάν.

**Tradução:**

**13.38.17-22**

E então Demétrio Poliorcetes, por vontade divina, não era apaixonado pela *auletrida* Lâmia, da qual teve até mesmo uma filha, Fila? Polemon diz, em seu *Sobre a estoa colorida em Sícion*, que Lâmia era filha de Cleandro de Atenas, e que ela construiu para os síciones a citada estoa.

**Comentário:**

**Λαμίας τῆς αὐλητρίδος:** o trecho acima é a única fonte sobrevivente desse fragmento de Pólemon de Atenas.<sup>590</sup> Ateneu está narrando casos eróticos no livro décimo terceiro de seu *Deipnosophistas*, e não pode deixar de mencionar a paixão do rei macedônio pela *hetaira* Lâmia. Aqui ela não é denominada *hetaira*, contudo. Ateneu, muito delicadamente, se refere a ela como uma tocadora de *aulos*.

---

<sup>589</sup> Cf. nesta tese Idomeneu, pp. 123-126.

<sup>590</sup> Cf. nesta tese Polemon, pp. 130-131.

### 13.39.1-25

Μάχων δ' ὁ κωμωδιοποιὸς ἐν ταῖς ἐπιγραφομέναις Χρείαις φησὶν οὕτως·

ὑπερβολῇ δὲ τῆς Λεαίνης σχῆμά τι  
περαινομένης εὖ παρά τε τῷ Δημητρίῳ  
εὐημερούσης, φασὶ καὶ τὴν Λάμιαν  
τὸν βασιλέ' εὐμελῶς κελητίσαι ποτὲ  
ἐπαινεθῆναί θ'. ἢ δὲ τοῦτ' ἀπεκρίθη·  
'πρὸς ταῦτα καὶ Λέαιναν, εἰ βούλει, κράτει.'

ἦν δὲ ἡ Λάμια σφόδρα εὐθικτος καὶ ἀστική πρὸς τὰς ἀποκρίσεις, καθάπερ καὶ  
Γνάθαινα, περὶ ἧς ἐροῦμεν. πάλιν δὲ περὶ τῆς Λαμίας ὁ Μάχων οὕτω γράφει·

Δημήτριός ποθ' ὁ βασιλεὺς γένη μύρων  
Λαμία παρὰ πότον παντοδαπῶν ἐπεδείκνυτο.  
ἡ Λάμια δ' ἦν αὐλητρίς, ἧς σφόδρ' ἠδέως  
σχεῖν φασὶ κνησθῆναί τε τὸν Δημήτριον.  
ἀποδοκιμαζούσης δὲ πάντα καὶ πάνυ  
κατεγχλιδώσης τῷ βασιλεῖ, νάρδον τινὰ  
διένευσ' ἐνεγκεῖν εὐχερῇ, τῇ χειρὶ τε  
ταῖδοιον ἀποτρίψας [καὶ] θιγὼν τοῖς δακτύλοις  
'τουτί γε, Λάμια, φησὶν, ὄσφράνθητι καὶ  
εἴσει παρὰ τᾶλλα διαφορὰν ὅσῃν ἔχει.'  
κείνη δὲ γελάσασ' 'ἀλλὰ τοῦτ', ἔφη, τάλαν,  
ὄζειν δοκεῖ μοι σαπρότατον πάντων πολύ.'  
Δημήτριος δ' εἶπ'· 'ἀλλὰ μήν, νῆ τοὺς θεοὺς,  
ἀπὸ βαλάνου τοῦτ' ἐστί, Λάμια, βασιλικῆς.'

### Tradução:

#### 13.39.1-25

Μάκων, ο κωμιογράφος, diz o seguinte em suas *Chreias*:

a forma de Leona era acabada com perfeição,  
e ela era muito bem sucedida por estar ao lado de Demétrio;  
dizem também que Lâmia cavalgou o rei graciosamente  
e, tendo sido aprovada, respondeu-lhe assim:  
"além disso, também, se queres, doma uma leoa"

Pois Lâmia era muito astuciosa e civilizada nas respostas, assim como também  
Gnataína, sobre a qual falaremos. Ainda sobre Lâmia Máκων escreveu o seguinte:

Certa vez, o rei Demétrio exibiu para Lâmia, junto  
com seu vinho, tipos de perfume de todos os lugares.  
Lâmia era uma auletrida que dizem ter ganhado, e  
arranhado, muito deliciosamente o Demétrio.  
Mas, como ela condenou todos e ainda por cima  
olhou de cima para baixo para o rei, ele mandou  
trazer um perfume qualquer, com um desagradável nardo,  
e com a mão esfregando e segurando a genitália com os dedos,

disse: "Esse sim, Lâmia, cheira e percebe como, ao lado dos outros, tem uma tal variação!". Mas aquela, gargalhando, falou: "Mas cheirar esse, queridinho, mostra para mim que é o mais pútrido de todos!". E Demétrio disse: "Mas não, pelos deuses! A partir da glande, isso é, Lâmia, coisa de rainha!".

### **Comentário:**

Esse trecho da obra de Ateneu preserva esses dois fragmentos de Mácon, e é sua única fonte.<sup>591</sup> O trecho é uma continuação do trecho anterior visto acima (13.38), e segue narrando algumas aventuras amorosas de Demétrio Poliorcetes e sua *hetaira* favorita, sem deixar, contudo, de mencionar outra *hetaira* da qual ele gostava, Leona. Todavia, como as anedotas sobre Lâmia são muito mais abundantes, podemos pensar que Demétrio era mais visto com essa, pela qual talvez tivesse uma estima maior.

**καὶ Λέαιναν, εἰ βούλει, κράτει:** Lâmia faz um jogo nesse versinho com a palavra grega λέαινα, que era o nome de uma outra *hetaira* que Demétrio frequentava, mas que também é a palavra grega usada para denominar a fêmea do leão, a leoa.<sup>592</sup>

**ἀπὸ βαλάνου:** a palavra grega βάλανος tem sua primeira acepção "bolota", o fruto do carvalho, que é uma espécie de noz. Todavia, ela também apresenta a acepção "glande peniana", que foi a que escolhemos para a tradução, pelo contexto da comédia, e porque Mácon diz explicitamente que Demétrio esfregou o perfume com a mão e segurou sua genitália com os dedos (τῆ χειρὶ τε ταιδοῖον ἀποτρίψας [καὶ] θιγὼν τοῖς δακτύλοις). Obviamente, o perfume poderia ser feito de bolota, mas a tradução perderia a comicidade caso essa fosse a escolha.<sup>593</sup>

---

### **14.3.37-42<sup>594</sup>**

φιλόγελως δὲ ἦν καὶ Δημήτριος ὁ Πολιορκητής, ὡς φησι Φύλαρχος ἐν τῇ ζ' τῶν Ἱστοριῶν, ὅς γε καὶ τὴν Λυσιμάχου αὐλὴν κωμικῆς σκηνῆς οὐδὲν διαφέρειν ἔλεγεν·

<sup>591</sup> Cf. nesta tese Mácon, pp. 127-128.

<sup>592</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1033.

<sup>593</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 304. Gostaríamos de mencionar aqui a opção de tradução adotada pelo tradutor do Perseus, que diz que Demétrio "esfregou a si mesmo com aquilo e lambuzou os dedos" - "rubbed himself with that and smear'd his fingers". <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2013.01.0003%3Abook%3D13%3Achapter%3D39>.

<sup>594</sup> Essa anedota também é mencionada por Plutarco, pp. 178-179.

ἐξιέναι γὰρ ἀπ' αὐτῆς πάντας δισυλλάβους· τὸν τε Βῆθον γλευάζων καὶ τὸν Πάριν, μεγίστους ὄντας παρὰ τῷ Λυσιμάχῳ, καὶ τινας ἐτέρους τῶν φίλων· παρὰ δ' αὐτοῦ Πευκέστας καὶ Μενελάους, ἔτι δὲ Ὀξυθέμιδας. ταῦτα δ' ἀκούων ὁ Λυσίμαχος 'ἐγὼ τοίνυν, ἔφη, πόρνην ἐκ τραγικῆς σκηνῆς οὐχ ἐώρακα ἐξιοῦσαν,' τὴν αὐλητρίδα Λάμιαν λέγων. ἀπαγγελθέντος δὲ καὶ τούτου πάλιν ὑπολαβὼν ὁ Δημήτριος ἔφη· 'ἀλλ' ἢ παρ' ἐμοὶ πόρνη σωφρονέστερον τῆς παρ' ἐκείνῳ Πηνελόπης ζῆ.'

### **Tradução:**

#### **14.3.37-42**

Demétrio Poliorcetes era um amante de risadas, como diz Filarco no livro sexto do seu *Histórias*. Foi ele que disse que a corte de Lisímaco em nada diferia de uma cena cômica, pois nele todos eram dissílabos (fazendo troça de Bítis e Páris, os maiores companheiros de Lisímaco, e também de outros de seus amigos), enquanto junto a ele havia Peucestes, Menelaus e ainda Oxitêmides. Lisímaco, ouvindo tais coisas falou, "Eu até agora nunca tinha visto uma puta permitida na cena trágica", referindo-se à *auletrida* Lâmia. Tendo notícias disso, Demétrio, retrucando por sua vez, falou: "Mas a minha puta vive com mais castidade que a Penélope dele".

### **Comentário:**

**πόρνην ἐκ τραγικῆς σκηνῆς [...]τὴν αὐλητρίδα Λάμιαν λέγων:** a palavra usada para descrever a atividade profissional de Lâmia nesse trecho é πόρνη. Ela é por vezes denominada *hetaira*, e por vezes, ainda, *auletrida*. Como o contexto é o de troca de insultos entre Demétrio e Lisímaco, é compreensível que palavras mais rudes e de baixo calão fossem usadas, e por isso optamos pela tradução por "puta", que acreditamos manter um sentido ofensivo próximo ao atribuído à palavra *porne*.<sup>595</sup>

---

### **Nota inicial sobre a *Epítome*:**

Os trechos da *Epítome* estão organizados em ordem correspondente aos trechos dos *Deipnosophistas*, de modo que o primeiro trecho, logo abaixo deste comentário, corresponde ao primeiro trecho dessa obra traduzido acima, e assim por diante. De

---

<sup>595</sup> Para uma discussão sobre as diferenças entre as palavras *hetaira* e *porne*, cf. nesta tese Idomeneu de Lâmpsaco, pp. 123-126.

todo modo, optou-se por inserir uma tabela de correspondências (em nota).<sup>596</sup> Procuramos manter as traduções similares, respeitando os cortes que foram feitos pelo autor da *Epítome*. Optamos por não fazer comentários, que seriam repetitivos.

### **ΔΕΙΠΝΟΣΟΦΙΣΤΩΝ ΕΠΙΤΟΜΗ 2,1.20.18-20<sup>597</sup>**

ὅτι Λυγγεὺς διαγράφων τὸ Λαμίας τῆς αὐλητρίδος δεῖπνον, ὅτε Δημήτριον τὸν Πολιορκητὴν ὑπεδέχετο καὶ τὸ Ἀντιγόνου δὲ καὶ Πτολεμαίου τῶν βασιλέων δεῖπνον διατιθεὶς ἰχθῦς πρῶτον παρατίθησι καὶ κρέα.

#### **Tradução:**

#### ***Sobre os sofistas do jantar abreviado 2,1.20.18-20***

Que Linceu registra que tanto no jantar em que a *auletrida* Lâmia recebeu Demétrio Poliorcetes, e também no jantar que organizaram os reis Antígono e Ptolomeu, foi servido primeiro peixe e depois as carnes.

#### **2,1.32.4-8**

ἐκατέρων οὖν σώζονται δειπνητικάι τινες ἐπιστολαί, Λυγγέως μὲν τὸ Λαμίας τῆς Ἀττικῆς αὐλητρίδος Ἀθήνησι γενόμενον δεῖπνον Δημητρίῳ τῷ Πολιορκητῇ, οὗ ἦν ἐρωμένη, ἐμφανίζοντος. Ἴππολόχου δὲ τοῦς Καράνου τοῦ Μακεδόνοσ γάμους ἐμφανίζοντος.

#### **Tradução:**

#### **2,1.32.4-8**

<sup>596</sup> Tabela de correspondência dos trechos dos *Deipnosofistas* e da *Epítome*:

<i>Deipnosofistas</i>	<i>Epítome</i>
3.59.28-31	2,1.20.18-20
4.1.7-13	2,1.32.4-8
6.62.1-19	2,1.100.25-29 / 2,1.101.12-14
7.26.19-21	-
7.76.1-7	2,1.137.22-23
10.12.7-10	-
13.37.1-4	2,2.110.21-23
13.38.17-22	2,2.111.12-24
13.39.1-25	
14.3.37-42	2,2.124.33-125.8

<sup>597</sup> Texto grego retirado de Peppink, 1937-1939 = *TLG*.

Cada um dos dois salvadores tinha uma carta com assuntos de jantar, a de Linceu descrevia o jantar que a *auletrida* ática Lâmia fez com os atenienses para o Demétrio Poliorcetes. A de Hipóloco descrevia os casamentos de Carano, o macedônio.

---

#### **2,1.100.25-29**

ἐλύπει μὲν καὶ τούτων ἓνια αὐτόν, ὡς ἔοικεν, οὐ μὴν καὶ ἄλλα γε παντελῶς αἰσχρὰ καὶ ταπεινά, Λεαίνης μὲν καὶ Λαμίας Ἀφροδίτης ἱερά, ἐρωμέναι δ' ἦσαν αὐτὰι Δημητρίου, Βουρίχου δὲ καὶ Ἀδειμάντου καὶ Ὀξυθέμιδος βωμοὶ καὶ ἡρῶα καὶ σπονδαὶ καὶ παιᾶνες.

#### **Tradução:**

#### **2,1.100.25-29**

Molestavam-no também algumas dessas, como era razoável, mas não outras completamente vergonhosas e baixas, como os templos de Leona e de Lâmia Afrodite, pois elas eram amantes de Demétrio, e de Búrico, de Adimanto e de Oxítemis os altares, santuários, libações e peãs.

---

#### **2,1.101.12-14**

καὶ Θηβαῖοι δὲ κολακεύοντες Δημήτριον, ὡς φησι Πολέμων, ἰδρύσαντο ναὸν Ἀφροδίτης Λαμίας· ἐρωμένη δὲ Δημητρίου ἡ Λαμία ὡς καὶ ἡ Λέαίνα.

#### **Tradução:**

#### **2,1.101.12-14**

E os tebanos também eram bajuladores de Demétrio, como disse Polemon, pois construíram um templo de Afrodite Lâmia. Lâmia era amante de Demétrio, assim como também o era Leona.

---

#### **2,1.137.22-23**

καρχαρίαί. Νίκανδρος ὁ Κολοφώνιος ἐν Γλώσσαις τὸν καρχαρίαν καλεῖσθαι καὶ

λάμιαν καὶ σκύλλαν.

**Tradução:**

**2,1.137.22-23**

Tubarões. Nicandro de Colofão em seu *Línguas* denomina o tubarão também de *lâmia* e cila.

---

**2,2.110.21-23**

ὅτι Θεμιστοκλῆς ἄρμα ζευζάμενος ἑταιρῶν, ὡς φησιν Ἴδομενεύς, πληθούσης ἀγορᾶς εἰσήλασεν εἰς τὸ ἄστν. ἦσαν δ' αὗται Λαμία, Σκιώνη, Σατύρα, Νάννιον.

**Tradução:**

**2,2.110.21-23**

Que Temístocles, num carro equipado com *hetairas*, como disse Idomeneu, adentrou a cidade pela ágora lotada. Eram elas Lâmia, Síone, Satura e Nânion.

---

**2,2.111.12-24**

Δημήτριος δὲ ὁ Πολιορκητῆς δαιμονίως ἦρα τῆς αὐλητρίδος Λαμίας, ἐξ ἧς ἔσχε θυγατέρα Φίλαν. ἦν δὲ Λαμία θυγάτηρ Κλεάνορος, κατεσκεύασε δὲ τὴν ἐν Σικυῶνι Ποικίλῃν Στοάν. ἦρα δὲ καὶ Λεαίνης τῆς Ἀττικῆς. ἦν δὲ ἡ Λαμία σφόδρα εὐθικτος καὶ Ἀττικὴ πρὸς τὰς ἀποκρίσεις. περὶ ἧς Μάχων φησὶν ὅτι, ἐπεὶ ποτε ἠδέως ταύτη ὁμιλήσοι, ὁ Δημήτριος κελητίσας εἶπε· πρὸς ταῦτα καὶ Λέαίνα, εἰ βούλει, κράτει. πάλιν ὁ αὐτός φησιν ὅτι Δημήτριός ποθ' ὁ βασιλεὺς γένη μύρων Λαμία παρὰ πότον παντοδαπῶν ἐπεδείκνυτο. ἀποδοκιμαζούσης δὲ πάντα καὶ πάνυ κατεγχνιδώσης τῷ βασιλεῖ, νάρδον τινὰ διένευσ' ἐνεγκεῖν τῇ χειρὶ ταιδοῖον ἀποτρίψας καὶ θιγῶν τοῖς δακτύλοις· τουτί γε, Λαμία, φησὶν, ὀσφράνθητι καὶ εἴση παρὰ τᾶλλα διαφορὰν ὄσσην ἔχει. ἐκεῖνη δὲ γελάσασα· ἀλλὰ τοῦτ', ἔφη, τάλαν, δοκεῖ μοι σαπρότατον πάντων πολὺ. ὁ δ' εἶπεν· ἀλλὰ μὴν ἀπὸ βαλάνου τοῦτ' ἐστίν, ὃ Λαμία, βασιλικῆς.

**Tradução:**

**2,2.111.12-24**

Demétrio Poliorcetes era, por vontade divina, amava a *auletrida* Lâmia, da qual teve uma filha, Fila. Lâmia era filha de Cleandro, construiu em Sícion uma estoa colorida. Ele também amava Leona da Ática. Lâmia era muito astuciosa e ática em relação a suas respostas. Sobre ela Mácon disse que, depois que transou deliciosamente com essa, Demétrio disse, ao cavalgar: além disso também uma leona, se queres, doma. E ainda diz que o próprio rei Demétrio, certa vez, mostrava para Lâmia tipos de perfumes de todos os lugares junto com seu vinho. Por ela ter condenado todos e ainda por cima ter olhado de cima para baixo para o rei, ele mandou trazer um perfume qualquer com nardo, e com a mão esfregando a genitália e segurando com os dedos, disse: "Esse sim, Lâmia, cheira e percebe como, ao lado dos outros, tem uma tal variação!". Mas aquela, gargalhando, falou: "Mas esse, queridinho, mostra para mim que é o mais pútrido de todos!". E ele disse: "Mas não, a partir da glândula, isso é, Lâmia, coisa de rainha!".

---

### 2,2.124.33-125.8

φιλογέλως δ' ἦν καὶ Δημήτριος ὁ Πολιορκητής, ὡς φησι Φύλαρχος, ὃς Δημητρίου καὶ τὴν Λυσιμάχου αὐλήν κωμικῆς σκηνῆς οὐδὲν διαφέρειν εἶπεν· ἐξιέναι γὰρ ἀπ' αὐτῆς πάντας δισυλλάβους· τὸν Βῆθον χλευάζων καὶ τὸν Πάριν, ὄντας παρὰ Λυσιμάχῳ μεγίστους, καὶ τινὰς τοιούτους. παρ' αὐτοῦ δὲ Πευκέστας καὶ Μενελάους, ἔτι δὲ Ὀξυθέμιδας. ταῦτα δ' ἀκούων ὁ Λυσίμαχος· ἐγὼ τοίνυν, ἔφη, πόρνην ἐκ τραγικῆς σκηνῆς οὐχ ἑώρακα ἐξιούσαν, τὴν αὐλητρίδα Λαμίαν λέγων. ἀπαγγελθέντος δὲ τούτου ὑπολαβὼν ὁ Δημήτριος εἶπεν· ἀλλ' ἢ παρ' ἐμοὶ πόρνη σωφρονέστερον τῆς παρ' ἐκείνῳ Πηνελόπης ζῆ.

### Tradução:

### 2.124.33-125.8

Demétrio Poliorceta era um amante de sorrisos, como diz Filarco, que disse que o Demétrio disse que a corte de Lisímaco em nada diferia de uma cena cômica, pois nele todos eram dissílabos (fazendo troça de Bítis e Páris, os maiores companheiros de Lisímaco, e também de outros de seus amigos), enquanto junto a ele havia Peucestes, Menelaus e ainda Oxitêmides. Lisímaco, ouvindo tais coisas falou, "Eu até agora nunca tinha visto uma puta permitida na cena trágica", referindo-se à *auletrida*

Lâmia. Tendo notícias disso, Demétrio, retrucando por sua vez, falou: "Mas a minha puta vive com mais castidade que a Penélope dele".

---

# Ἀντωνίνου Λιβεράλις - Antonino Liberal

## II-III d.C.

---

*ΜΕΤΑΜΩΡΦΩΣΕΩΝ, ΣΥΝΑΓΩΓΗ, 8: Λάμια ἢ Σύβαρις*<sup>598</sup>

[Ἱστορεῖ Νίκανδρος Ἑτεροιοιμένων δ'.]

Παρά τὰ σφυρὰ τοῦ Παρνασσοῦ πρὸς νότον ὄρος ἐστίν, ὃ καλεῖται Κίρφισ, παρὰ τὴν Κριῖσαν, καὶ ἐν αὐτῷ ἐστὶν ἔτι νῦν σπήλαιον ὑπερμέγεθες, ἐν ᾧ θηρίον ὄκει μέγα καὶ ὑπερφυές, καὶ αὐτὸ Λάμιαν, οἱ δὲ Σύβαριν, ὠνόμαζον. Τοῦτο καθ' ἡμέραν ἐκάστην τὸ θηρίον ἐπιφοιτῶν ἀνήρπαζεν ἐκ τῶν ἀγρῶν τὰ θρέμματα καὶ τοὺς ἀνθρώπους. ἤδη δὲ τῶν Δελφῶν βουλευομένων ὑπὲρ ἀναστάσεως καὶ χρηστηριαζομένων εἰς ἦντινα παρέσονται χώραν, ὁ θεὸς ἀπόλυσιν ἐσήμανε τῆς συμφορᾶς, εἰ μένοντες ἐθέλοιεν ἐκθεῖναι παρὰ τῷ σπηλαίῳ ἓνα κοῦρον τῶν πολιτῶν. Κάκεινοι καθάπερ ὁ θεὸς εἶπεν ἐποίουν. κληρουμένων δ' ἔλαχεν Ἀλκυονεὺς ὁ Διόμου καὶ Μεγαειρίας παῖς, μονογενῆς ὢν τῷ πατρὶ καὶ καλὸς καὶ κατὰ τὴν ὄψιν καὶ τὸ τῆς ψυχῆς ἦθος. Καὶ οἱ μὲν ἱερεῖς τὸν Ἀλκυονέα στέψαντες ἀπήγαγον εἰς τὸ τῆς Συβάριδος σπήλαιον, Εὐρύβατος δὲ κατὰ δαίμονα ἐκ τῆς Κουρήτιδος ἀπιὼν ὁ Εὐφήμου παῖς, γένος μὲν ἔχων Ἀξιοῦ τοῦ ποταμοῦ, νέος δ' ὢν καὶ γενναῖος, ἐνέτυχεν <ἀπ>αγομένῳ τῷ παιδί. Πληγεῖς <δ> ἔρωτι καὶ πυθόμενος καθ' ἦντινα πρόφασιν ἔρχονται, δεινὸν ἐποιήσατο μὴ οὐκ ἀμῦναι πρὸς δύναμιν, ἀλλὰ περιδεῖν οἰκτρῶς ἀναιρεθέντα τὸν παῖδα. Περιπάσας οὖν ἀπὸ τοῦ Ἀλκυονέως τὰ στέμματα καὶ αὐτὸς ἐπὶ τὴν κεφαλὴν ἐπιθέμενος ἐκέλευεν ἀπάγειν ἑαυτὸν ἀντὶ τοῦ παιδός. ἐπεὶ δὲ αὐτὸν οἱ ἱερεῖς ἀπήγαγον, εἰσδραμῶν καὶ τὴν Σύβαριν ἐκ τῆς κοίτης συναρπάσας παρήνεγκεν εἰς ἐμφανὲς καὶ κατὰ τῶν πετρῶν ἔρριπεν. Ἡ δὲ καταφερομένη προσέκρουσε τὴν κεφαλὴν παρὰ τὰ σφυρὰ τῆς Κρίσης. καὶ αὐτὴ μὲν τοῦ τραύματος ἀφανὴς ἐγένετο, ἐκ δὲ τῆς πέτρας ἐκείνης ἀνεφάνη πηγὴ, καὶ αὐτὴν οἱ ἐπιχώριοι καλοῦσι Σύβαριν· ἐκ ταύτης καὶ Λοκροὶ πόλιν ἐν Ἰταλίᾳ Σύβαριν ἔκτισαν.

**Tradução:**

***Coleção de metamorfoses, "Lâmnia ou Síbaris"***

---

<sup>598</sup> Texto grego retirado de Cazzaniga, 1962 = *TLG*.

[Conta Nicandro no seu *Sobre os Mudados*, 4]

Próximo aos pés do Parnaso, ao sul, existe uma montanha que se chama Cirfis, próxima à Crisa, e nela há até hoje uma caverna enorme, na qual habitava uma fera grande e monstruosa. Uns chamavam-na Lâmia, uns, Síbaris. Essa fera, excursionando a cada dia, arrebatava dos campos caprinos e pessoas. Os délficos já estavam deliberando sobre uma emigração e consultando o oráculo para saber para qual terra iriam, quando o deus indicou uma solução para a situação: se quisessem ficar, para expor de fora, junto da caverna, um jovem dos cidadãos. E eles fizeram exatamente como disse o deus: sortearam, e foi sorteado Alcioneu, o filho de Díomo e Meganira, que era o único filho de seu pai, e belo tanto segundo a aparência quanto segundo a disposição da alma. Então os sacerdotes, coroando Alcioneu, conduziram-no até a caverna de Síbaris. Mas vindo de Curétide, por vontade divina, Euríbato, filho de Eufemo, tendo a raça do rio Áxio, e sendo novo e nobre, encontrou-se com o menino que estava sendo levado. Tomado de amor e inquirindo por que motivo estavam indo, considerou terrível não ajudar de acordo com sua força, mas apenas observar com pena o menino ser destruído. Então ele, tirando de Alcioneu a coroa e colocando-a sobre a cabeça, ordenou que conduzissem a ele mesmo, ao invés do menino. Depois disso os sacerdotes conduziram-no para a caverna. Correndo e agarrando a Síbaris, ele trouxe-a para a abertura da toca e jogou-a de cima das pedras. E ela, despencando, arreventou a cabeça próximo aos pés de Crisa. Depois de ferida, ela então desapareceu. Daquelas pedras apareceu uma fonte, e os da terra chamaram-na Síbaris. Por causa dela os lócrios estabeleceram uma cidade de Síbaris na Itália.

### **Comentário:**

**καὶ αὐτὸ Λάμιαν, οἱ δὲ Σίβαριν, ὀνόμαζον:** a palavra *lâmia* só aparece uma vez em todo o capítulo, no acusativo singular, como um dos possíveis nomes da fera que habita a caverna próxima a Delfos. Durante todo o resto da narrativa, Antonino usa o nome Síbaris para se referir ao monstro.

Segundo os comentários tecidos por Joseph Fontenrose, há uma relação muito próxima entre Lâmia, Síbaris, a Cila odisseica e Gerana, uma rainha mítica dos pigmeus.<sup>599</sup> A semelhança entre as duas primeiras está clara nessa narrativa de Antonino Liberal. Entre Lâmia e Cila a relação seria de maternidade, segundo alguns,

---

<sup>599</sup> Fontenrose, 1980, pp. 100-104.

como visto neste mesmo trabalho nos comentários a Homero e Estesícoro.<sup>600</sup>

Gerana, chamada por Antonino Liberal de Énoe em seu sexto capítulo, era uma mulher muito bela e rainha adorada por seu povo. Por tal razão ela parou de reverenciar as deusas, provocando sua cólera. Hera a transformou em um grou. Mudada em tal forma, Gerana/Énoe tentou reaver o filho, Mopso, mas foi afugentada com armas pelos pigmeus, que pensaram que ela era apenas um pássaro que tentava roubar a criança. Ela passou a sobrevoar a aldeia, desesperada para tentar contatar o filho, mas foi sempre afugentada pelos pigmeus, e passou a odiá-los e perseguí-los. Desde então os pigmeus e os grous estão em guerra, e Gerana perdeu seu filho.<sup>601</sup>

Assim, tanto a Lâmia, rainha da Líbia, quanto Gerana, rainha dos Pigmeus, provocaram a ira de Hera, que lhes tirou os filhos e as metamorfoseou, transformando-as em seres que perseguem os homens e seus filhos. Mas nem a lenda de Gerana, nem suas conexões com Lâmia acabam nesse ponto. Ateneu de Náucratis diz, no início de seu relato, que Gerana tornou-se parceira de Cicno, um filho de Ares que fora transformado por ele em cisne para escapar da morte que lhe iria dar Hércules. Cicno atacava homens nas proximidades de Delfos, matava-os e usava seus despojos para fazer sacrifícios ao pai. Em forma de cisne ele encontrou Gerana, em forma de grou, e ambos fizeram do rio Síbaris na Itália sua morada.<sup>602</sup> Aparentemente esse rio era próximo à colônia de Síbaris, que não foi fundada pelos lócrios como diz Antonino no final do capítulo VIII, mas que de fato existia, assim como também era real a existência da fonte chamada Síbaris próximo a Delfos, nas bordas da Lócria Ozólia.<sup>603</sup>

Há ainda um outro mito, o mito de Êutimo e Polites, que é particularmente parecido com o de Lâmia/Síbaris e Euribato. Polites, companheiro de Odisseu, foi apedrejado até a morte por ter violentado uma virgem da cidade de Têmesa. Seu fantasma, então chamado Hero ou Alibas, passou a perseguir e matar os cidadãos, sem distinção de sexo ou idade. Os temésios, prontos para partir da cidade, decidiram antes consultar o oráculo de Delfos. A Pítia lhes disse para construir um templo para Hero e oferecer-lhe como sacrifício anual a jovem mais bela da cidade. Desse modo, ele seria apaziguado e eles poderiam continuar a viver em Têmesa. Mas Êutimo, o

---

<sup>600</sup> Cf. nesta tese Homero, pp. 44-54; Estesícoro, pp. 55-57.

<sup>601</sup> Para o mito e suas fontes cf. Fontenrose, 1980, pp. 100-101; e também Grimal, 2005, p. 183, Gérana, e p. 374, Pigmeus.

<sup>602</sup> Cf. Fontenrose, 1980, p. 101; Grimal, 2005, pp. 86-87.

<sup>603</sup> Cf. nesta tese comentário à Pausânias, pp. 198-208.

lócricio, campeão olímpico de 472 a.C., passando pela cidade justamente na época em que a procissão ia levando a jovem a ser sacrificada, apaixonou-se por ela, desceu até o túmulo de Polites, lutou com ele e venceu.<sup>604</sup> Então Êutico rechaçou o fantasma até o mar, onde ele desapareceu. É exatamente a mesma história, com papéis invertidos: o flagelo aqui é do sexo masculino, e a vítima expiatória é mulher. É a mesma história de Perseu e Andrômeda.<sup>605</sup>

Calímaco diz que o fantasma de Hero usava as vítimas como suas amantes, o que pode fornecer alguma luz no caso da demanda de Lâmia/Síbaris por um belo adolescente, pois é forçoso lembrar da proximidade entre *lâmias* e *empusas*.<sup>606</sup> Essas últimas usavam suas vítimas masculinas primeiro como amantes, para só depois alimentarem-se delas. É notável ainda o fato de que a cidade de Têmesa fica entre as de Lócricia (colônia fundada pelos lócricios na Magna Grécia) e Síbaris, no sul da Itália.<sup>607</sup>

Ainda no campo da geografia, o escólio ao verso 758 da *Paz* de Aristófanes menciona uma cidade italiana de Lâmia, que talvez ficasse próxima às já mencionadas, mas da qual não se tem mais conhecimento, pois não é mais mencionada em lugar algum. Acredita-se que foi o historiador Dúris quem aludiu primeiro a tal cidade, ao dizer que foi fundada em honra da Lâmia rainha da Líbia, que Zeus levou para a Itália para fugir da ira de Hera. Alguns acreditam que tanto Dúris quanto o escoliasta de Aristófanes estavam se referindo à cidade de Lamo, rei mítico dos lestrigões, cuja posição geográfica foi muito debatida ao longo dos séculos, mas que alguns afirmam ficar no leste, em algum lugar da Sicília ou do sul da península itálica.<sup>608</sup> Alguns ainda dizem que Lâmia não era rainha dos líbios, mas sim dos lestrigões, o que fecharia o ciclo de influências.<sup>609</sup>

**ἐν ᾧ θηρίον ὄκει μέγα καὶ ὑπερφυῆς** - a palavra θῆρ é usada para nomear o ser que vive dentro da caverna – ἐν ᾧ é um dativo locativo no qual o pronome foi usado para substituir a palavra σπήλαιον, "caverna" – cujo nome pode ser Lâmia ou Síbaris. Θῆρ

---

<sup>604</sup> Esse é um fato real: o rapaz Êutico realmente existiu – cf. Pausânias 6.6.7 e Estrabão 6.1.5 – e foi "adicionado" ao mito.

<sup>605</sup> Cf. Grimal, 2005, p. 26, para Andrômeda, e pp. 371-372, para Perseu.

<sup>606</sup> Cf. Calímaco, frs. 98-99 da edição de Pfeiffer.

<sup>607</sup> Cf. Fontenrose, 1980, p. 102; cf. Hansen & Nielsen, 2004, pp. 249-255, em que tratam da região da Magna Grécia, pp. 273-278 para a *pólis* de Lókroi, que foi grande e poderosa, e pp. 295-299, para a *pólis* de Síbaris, que realmente tinha como limite o rio de mesmo nome.

<sup>608</sup> Cf. nesta tese o comentário à *Odisseia*, Homero, pp. 44-54.

<sup>609</sup> Cf. Fontenrose, 1980, pp. 102-103; Heubeck & Hoekstra, 1990, pp. 47-48.

é um substantivo usado para indicar não somente um animal selvagem, mas também um ser fantástico, um algo oposto ao que se define por humano.<sup>610</sup> Dois adjetivos fazem a caracterização do substantivo: um triforme, μέγας, "grande", e um biforme, ὑπερφυές (preposição ὑπέρ, "sobre", em composição com o verbo φύομαι, "crescer, aumentar") "sobrecrescido, enorme, monstruoso, maravilhoso, extraordinário".<sup>611</sup>

A princípio, se apenas a palavra θηρίον fosse considerada, seria possível que se pensasse em um animal predador, como um lobo, um urso ou até mesmo um leão. Mas os adjetivos da composição não permitem dúvidas quanto à natureza do ser que habita a caverna: é grande e maravilhoso (μέγα καὶ ὑπερφυές), ou seja, não-natural. Assim, pode-se concluir que a lâmia de Antonino Liberal é um monstro: um ser fantástico de tamanho descomunal. Todavia, não há mais informação alguma sobre esse ser monstruoso, de modo que não podemos afirmar que seja um dragão, ou qualquer outro tipo de besta fantástica já relatada. Contudo, é isso o que faz Daniel Ogden, baseado na semelhança entre o relato de Antonino e um relato de Pausânias.<sup>612</sup>

Pausânias narra a história de Corebo, que salvou a cidade de Argos da deusa da Vingança (Ποινή), e depois de uma praga (νόσος), enviadas por Apolo para se vingar do assassinato de sua amada Psâmata, filha do rei.<sup>613</sup> Apesar da deusa da Vingança se vingar roubando os filhos dos outros, Pausânias não relata que ela os mata, nem que os devora. Além disso, Pausânias não usa nem a palavra λάμια, nem a palavra δράκων ao se referir à ela. A temática das duas narrativas é realmente semelhante, mas consideramos que isso seja pouco para determinar que a ποινή da história seja uma *lâmia*, mesmo que ela roube os filhos dos outros. Há inúmeras histórias de matadores de dragões que salvam a vítima sacrificial de seu destino funesto, tanto na mitologia grega quanto em outras mitologias. Do mesmo modo, as evidências para que se afirme que qualquer um dos dois monstros seja um dragão são insuficientes, e baseadas em conjecturas que não se sustentam. Portanto, manteremos nossa posição a respeito da *lâmia* de Antonino: é um monstro. Nada mais.

---

<sup>610</sup> *LSJ*, 1996, p. 799.

<sup>611</sup> *LSJ*, 1996, p. 1870.

<sup>612</sup> Cf. Ogden, 2013, pp. 85-89.

<sup>613</sup> Pausânias, *Descrição da Grécia* 1.43.7-8. Cf. Grimal, 2005, p. 99.

---

# Κλαύδιος Γαληνός - Cláudio Galeno

## 129-ca. 217

---

### *Περὶ τῶν σκληροσάρκων ἰχθύων - 6.726.15-730.13*<sup>614</sup>

Καὶ περὶ τούτων ὁ <Φυλότιμος> ἔγραψεν κατὰ λέξιν οὕτως ἐν τῷ δευτέρῳ Περὶ τροφῆς· «δράκοντές τε καὶ κόκκυγες καὶ γαλεώνυμοι<sup>615</sup> καὶ σκορπίοι καὶ | τραχοῦροι<sup>616</sup> καὶ τρίγλαι καὶ πάλιν ὄρφοι τε καὶ γλαῦκοι καὶ σκάροι καὶ κύνες καὶ γόγγροι καὶ φάγροι καὶ πρὸς τούτοις ἄετοὶ καὶ λαμῖαι καὶ ζύγαινοι καὶ πάντες οἱ σκληρόσαρκοι<sup>617</sup> δυσκατέργαστοὶ τ'εἰσὶ καὶ παχεῖς καὶ ἄλυκοὺς ἀναδιδόασιν χυμούς.» αὕτη μὲν ἢ τοῦ <Φυλοτίμου> ῥῆσις. ἐπισκεψώμεθα δ' ἕκαστον τῶν κατ' αὐτὴν εἰρημένων ἀπὸ τῆς ἀρχῆς.

[...]

ζυγαινῶν δὲ καλῶς ἐμνημόνευσεν ὁ <Φυλότιμος> ἐν τοῖς σκληροσάρκοις· ἐχρῆν δὲ καὶ τῆς ἀηδίας αὐτῶν μεμνησθαι, καθάπερ γε καὶ τῶν σαλπῶν, ἃς ὄλωσεν γε παρέλιπε. γόγγρους δὲ καὶ φάγρους καὶ λαμῖας καὶ ἄετοὺς ὀρθῶς εἶπε

---

<sup>614</sup> Texto grego retirado de Helmreich, 1923 = *TLG*.

<sup>615</sup> **γαλεώνυμοι, γαλεός, κύνες, γαλαξίας** - o *LSJ* identifica com a mesma espécie as palavras κύων e γαλεός, ambas são identificadas com o tubarão-cachorro comum, *Squalus acanthias* (chamado "dogfish" em inglês; cf. *LSJ*, 1996, pp. 336 e 1015), que seria um pequeno tubarão, não grande como um tubarão identificado como λάμια. O próprio Galeno diz em seu texto que tanto γαλεός quanto γαλεώνυμος são usadas para identificar o mesmo tipo de peixe, e que a variação é dada pelas diferenças entre as cópias do texto de Filótimo (parece claro então que ele teve acesso a mais de uma dessas cópias). Owen Powell, que traduziu e editou o texto para Cambridge, comenta que D'Arcy Thompson (escreveu um glossário de peixes gregos) diz que tal peixe pode ser uma lampreia (*Petromyzon marinus*), e que tanto γαλεός quanto γαλεώνυμος são identificados com o "dogfish", cf. Galen, 2003, p. 183, 727. Escolheu-se manter a tradução genérica de tubarão para essas duas últimas palavras, e traduzir κύνες por "caçã", que é o nome genérico atribuído aos tubarões de pequeno porte no Brasil — o *Squalus acanthias* é chamado caçã-bagre, caçã-espinho e caçã-prego. Parece ser um pouco forçado achar que γαλεός é uma lampreia. Para mais sobre essa discussão cf. nossa dissertação, *Mortoza*, 2013, pp. 129-130 e p. 185 para ilustrações.

<sup>616</sup> **τράχοιροι** - vocábulo formado pela combinação de outros dois: o adjetivo triforme τραχύς, εἶα, ὕ, "rude, duro, áspero", e o substantivo οὐρά, "cauda", para nomear um peixe cuja cauda é rígida, cf. *LSJ*, 1996, p. 1812, p. 1272 para cauda.

<sup>617</sup> **σκληροσάρκοι** - composto muito engenhoso e impossível de traduzir por uma só palavra em português, foi traduzido como "de carne dura", cf. *LSJ*, 1996, p. 1612. Σκληρός, adjetivo triforme que significa "duro" mais o substantivo σάρξ, "carne", cf. *LSJ*, pp. 1585 e 1612. Pensamos em traduzir σκληρός por "fibroso", um sentido de que está destituída a palavra, ou até mesmo por "inflexível", que não é realmente um adjetivo que se usa para caracterizar carnes comestíveis aqui no Brasil, em geral. É apenas importante mencionar que esse adjetivo se opõe ao adjetivo μαλακός, "macio", em todos os sentidos, inclusive nos que se aplicam a conceitos morais e abstratos, cf. *LSJ*, p. 1612.

σκληροσάρκους εἶναι. καὶ ἄλλοι δὲ τινες, ὡς αὐτὸς ἔφη, τῶν σκληροσάρκων ἰχθύων εἰσὶν, ὧν οὐκ εἶπε τὰς προσηγορίας, ὅτι μηδ' ἐν πολλῇ χρήσει τοῖς ἀνθρώποις εἰσὶν·

### **Tradução:**

#### ***Sobre os peixes de carne dura - 6.726.15-730.13***

Também sobre estes, literalmente de acordo com o segundo livro do *Sobre a nutrição*, Filótimo escreveu assim: «Peixes-aranha e também ruivos, tubarões, peixes-escorpião, garapaus, salmonetes e, de novo, garoupas e também glaucos, peixes-papagaio, cações, enguias-do-mar, pargos e, além destes, ratões-águia, *lâmias*, tubarões-martelo, e todos os de carne dura, são indigestos, e são também densos e expelem humores salgados.» Esta é a declaração de Filótimo. Investigaremos cada um dos mencionados por ela desde o princípio.

[...]

Filótimo mencionou acertadamente os tubarões-martelo nos de carne dura. Mas precisava ter mencionado o fato de serem desagradáveis, e assim também as salemas, que deixou de lado completamente. Disse corretamente que enguias-do-mar e também pargos, *lâmias* e ratões-águia são de carne dura. E também alguns outros, como ele falou, são peixes de carne dura, dos quais não disse os nomes porque não são muito usados pelos homens.

### **Comentário:**

**λαμία:** a obra da qual o trecho acima foi retirado é um tratado de dietética, em que Galeno versa sobre os alimentos que fazem bem e os que fazem mal ao corpo. A *lâmia* é mencionada por ele em meio aos peixes que agrupou como tendo a carne dura, que ele verificara ser extremamente indigesta e, portanto, maléfica para o bom funcionamento do organismo.

Powell, baseando-se em D'Arcy Thompson, identificou esse peixe com o grande tubarão-branco, diferentemente da tradutora portuguesa, Sousa e Silva, que o identificou com o tubarão-mako. De acordo com a classificação biológica, o nome científico do tubarão-branco é *Carcharodon carcharias* (Lineu, 1758), mas ele já foi também nomeado *Carcharias lamiae* (Rafinesque, 1810), nomenclatura que não foi aceita. Na Grécia de hoje os nomes comuns do tubarão-branco são: λάμια, καρχαρίας, σκυλόψαρο, σμπρίλλιας, σμπρίλλιος e σκυλόψαρο σμπρίλλιος.

A palavra καρχαρίας já existia no grego antigo, e era usada para designar um

tipo específico de tubarão, cujos dentes lembravam uma serra, sendo que essa denominação aparece em Plutarco e Teofrasto, entre outros.<sup>618</sup>

Σκυλόψαρο é a tradução grega exata do nome inglês "dogfish", que os gregos usam não só para o tubarão-branco, mas também para o *Squalus acanthias*, um composto dos vocábulos σκυλί, "cachorro", e ψάρι, "peixe".<sup>619</sup>

Ainda de acordo com a classificação biológica, a família a que pertencem tanto o tubarão-branco quanto o tubarão-mako é chamada *Lamnidae*, lamnídeos, e engloba os espécimes de corpo fusiforme (parecem torpedos) e nariz pontudo, particularmente ferozes e com várias fileiras de dentes serrilhados na boca. Essa família tem 5 espécies diferentes divididas em 3 gêneros: *Carcharodon*, *Isurus* e *Lamna*. O vocábulo *lámna* vem do grego λάμνα, que é uma variante de λάμια.<sup>620</sup>

Nesse relato, curiosamente, é a carne da *lámia* que é devorada por humanos para saciar sua fome, e não o contrário. A carne é, todavia, dura, "densa", como afirma o narrador do trecho, e muito salgada, tornando-se indigesta dentro do corpo humano. Desse modo a noção de malefício da raiz da palavra *lámia* se mantém nesse relato, uma vez que nem apropriada para consumo a carne desse peixe é.

---

<sup>618</sup> Dentes em serra: dentes enfileirados um ao lado do outro e bem pontiagudos, cf. *LSJ*, 1996, p. 881; Maniatoglu, 2008, p. 392.

<sup>619</sup> Maniatoglu, 2008, p. 677 para σκυλί e σκύλος; *id.* p. 809 para ψάρι.

<sup>620</sup> Cf. *LJS*, 1996, p. 1027; Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 106-110; Storer, Usinger, Stebbins & Nybakken, 2003, pp. 584-593, a partir da p. 591 está a classificação dos peixes cartilagosos. Há três imagens do tubarão-branco no *Apêndice II: ilustrações* de nossa dissertação, cf. Mortoza, 2013, pp. 186-187. Também cf. Mortoza, 2013, pp. 133-134 para uma lista dos peixes mencionados por Galeno nesse trecho. Cf. nesta tese Opiano da Cilícia, pp. 264-271, onde há uma apresentação sobre os Lamnídeos, com suas espécies e a referência ao livro de Leonardo Compagno, que escreveu para a Universidade de Princeton um guia de campo para o reconhecimento de tubarões. Cf. ainda nesta tese "Anexos", "Tabelas", Tabela 6, 6.2, p. 324, e 6.3, pp. 324-327.

---

## Κλήμης ὁ Ἀλεξανδρεὺς - Clemente de Alexandria 150-215

---

### **ΠΡΟΤΡΕΠΤΙΚΟΣ ΠΡΟΣ ΕΛΛΗΝΑΣ 4.54.5.5-6.8<sup>621</sup>**

Νῦν μὲν τὸν Μακεδόνα τὸν ἐκ Πέλλης τὸν Ἀμύντου Φίλιππον ἐν Κυνοσάργει νομοθετοῦντες προσκυνεῖν, τὸν «τὴν κλεῖν κατεαγότα καὶ τὸ σκέλος πεπηρωμένον», ὃς ἐξεκόπη τὸν ὀφθαλμόν· αὐθις δὲ τὸν Δημήτριον θεὸν καὶ αὐτὸν ἀναγορεύοντες· καὶ ἔνθα μὲν ἀπέβη τοῦ ἵππου Ἀθήναζε εἰσιών, Καταιβάτου ἱερόν ἐστι Δημητρίου, βωμοὶ δὲ πανταχοῦ· καὶ γάμος ὑπὸ Ἀθηναίων αὐτῷ ὁ τῆς Ἀθηνᾶς ἠὲ τρεπίζετο· ὁ δὲ τὴν μὲν θεὸν ὑπερηφάνει, τὸ ἄγαλμα γῆμαι μὴ δυνάμενος· Λάμιαν δὲ τὴν ἑταίραν ἔχων εἰς ἀκρόπολιν ἀνήει καὶ τῷ τῆς Ἀθηνᾶς ἐνεφυρᾶτο παστῷ, τῇ παλαιᾷ παρθένῳ τὰ τῆς νέας ἐπιδεικνὺς ἑταίρας σχήματα.

### **Tradução:**

#### ***Exortação aos helenos 4.54.5.5-6.8***

Agora, há também o macedônio, o de Pela, o Filipe filho de Amintas, pois em Cínossarco instituíram leis para adorá-lo, mesmo que «ele tivesse a clavícula quebrada, fosse mutilado de uma perna», e ainda tivesse tido um olho arrancado. E ainda há o caso de Demétrio, que proclamaram deus: entrando na cidade de Atenas, lá apeou do cavalo e um templo de Demétrio Apeador havia, e também altares para ele em todo canto. Até mesmo um casamento com Atena os atenienses arranjaram para ele. Mas ele desprezou a deusa, pois não podia transar com uma estátua e, trazendo a hetaira Lâmia subia até a Acrópolis, e lá conspurcava o leito nupcial da deusa, exibindo para a velha virgem as posições da nova hetaira.

### **Comentário:**

**Λάμιαν δὲ τὴν ἑταίραν:** no *Protréptico*, obra em questão, Clemente de Alexandria

---

<sup>621</sup> Texto grego retirado de Mondésert, 1949 = TLG. Clemente de Alexandria legou à posteridade três longas obras teológicas, o *Protréptico*, o *Paidagogos*, e a *Stromata* (*Exortação aos helenos*, *Pedagogo* e *Miscelânea*, respectivamente, em português, escritos em 195, 198 e de 198 a 203, respectivamente).

procura mostrar a superioridade do cristianismo quando comparado ao paganismo.<sup>622</sup> No trecho acima ele julga como é ridícula a adoração pagã às estátuas de seus deuses. Clemente afirma que tais ídolos têm como modelos homens poderosos, como Filipe II da Macedônia e Demétrio Poliorcetes, e mulheres belas, como várias cortesãs. O autor cristão afirma que essas pessoas indignas são adoradas como deuses e deusas, inclusive com templos feitos em sua homenagem e em homenagem a seus parentes, e amantes. Por esta razão Clemente se refere à Demétrio, que, quando estava em Atenas, era hospedado pelos cidadãos em plena Acrópole, numa representação de seu casamento com a padroeira da cidade. Mas Demétrio, que não podia transar com a estátua de 13 metros da deusa, passava as noites com suas *hetairas* favoritas dentro do templo. Lâmia, como já mencionamos, era uma de suas amantes mais notórias.<sup>623</sup>

---

**ΤΩΝ ΚΑΤΑ ΤΗΝ ΑΛΗΘΗ ΦΙΛΟΣΟΦΙΑΝ ΓΝΩΣΤΙΚΩΝ ΥΠΟΜΝΗΜΑΤΩΝ  
ΣΤΡΩΜΑΤΕΩΝ ΠΡΩΤΟΣ 1.15.70.3.1-4.1<sup>624</sup>**

Ἡράκλειτος γὰρ οὐκ ἀνθρωπίνως φησίν, ἀλλὰ σὺν θεῷ <τὸ> μέλλον Σιβύλλῃ πεφάνθαι. φασὶ γοῦν ἐν Δελφοῖς παρὰ τὸ βουλευτήριον δεῖκνυσθαι πέτραν τινά. ἐφ' ἧς λέγεται καθίζεσθαι τὴν πρώτην Σίβυλλαν ἐκ τοῦ Ἑλικῶνος παραγενομένην ὑπὸ τῶν Μουσῶν τραφεῖσαν. ἔνιοι δέ φασιν ἐκ Μαλιέων ἀφικέσθαι Λαμίας οὔσαν θυγατέρα τῆς Ποσειδῶνος.

**Tradução:**

***Sobre a verdadeira filosofia dos comentários de conhecimentos miscelânicos, livro primeiro 1.15.70.3.1-4.1***

Heráclito disse, pois, que não era humanamente, mas que com a ajuda de um deus a Sibila revelava o futuro. Diz-se que próximo à Câmara do Conselho em Delfos se projeta uma pedra, sobre a qual é dito que se assentava a primeira Sibila, que teria crescido no Hélicon, nutrida pelas Musas. Alguns dizem ainda que ela teria vindo do povo dos málios, e que era filha da Lâmia de Poseidon.

---

<sup>622</sup> Cf. Clemente de Alexandria, *Protréptico* IV; cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 344-345.

<sup>623</sup> Para trechos da biografia de Demétrio e sua relação com Lâmia, cf. nesta tese Plutarco, pp. 173-194.

<sup>624</sup> Texto grego retirado de Stählin, Früchtel & Treu, 1960-1970 = *TLG*.

### Comentário:

**Λαμίας οὔσαν θυγατέρα τῆς Ποσειδῶνος:** Clemente comenta que muitos dos filósofos gregos não eram nascidos na Grécia, mas em outras partes do Mundo Mediterrâneo colonizadas pelos gregos.<sup>625</sup> Nesse trecho, tanto como em Plutarco quanto como em Pausânias, vemos a Lâmia filha de Poseidon como progenitora da primeira/segunda Sibila a proferir os oráculos em Delfos.<sup>626</sup>

---

### *Fragmenta 73.1-4*<sup>627</sup>

*Apud Joannes Malalas X p. 231.9-11 (Bonn.)*

Ἐγένετο βασιλεὺς ἦτοι τοπάρχης τοῦ Ἰουδαϊκοῦ ἔθνους Ἀρχέλαος ὁ υἱὸς αὐτοῦ (*des Herodes*) ἔτη θ' ἐν ὑπατεία Λαμία καὶ Σερελλιανοῦ, καθὼς ὁ σοφώτατος Κλήμης ὁ χρονογράφος ἐξέθετο.

### Tradução:

#### *Fragmentos 73.1-4*

*A partir de João Malalas X p. 231.9-11 (Bonn.)*

Se tornou de fato rei, governador do povo dos judeus, Arquelau, o filho dele (de Herodes), o ano era o em que Lâmia e Serelliano estavam no consulado, de acordo com o que Clemente, o cronista, o mais sábio de todos, expôs.

### Comentário:

**ἔτη θ' ἐν ὑπατεία Λαμία καὶ Σερελλιανοῦ:** o trecho acima é um dos fragmentos de obras de Clemente de Alexandria, que nos foi transmitido por João Malalas.<sup>628</sup> Está apenas reportando que Lúcio Lâmia era cônsul dos romanos no ano em que Arquelau, filho de Herodes, se tornou governador dos judeus (ano 3).<sup>629</sup>

---

<sup>625</sup> Cf. Clemente de Alexandria, *Stromata*, 1.1.1.1.1.

<sup>626</sup> Cf. nesta tese Pausânias, *Descrição da Grécia*, pp. 198-208; Plutarco, *A respeito da não proclamação dos oráculos em metros agora pela Pítia*, p. 190.

<sup>627</sup> Texto grego retirado de Stählin, Früchtel & Treu, 1960-1970 = *TLG*.

<sup>628</sup> João Malalas, *ca.480-ca.570*, foi um autor antioquino. Escreveu um livro chamado *Crônica*, que tratava da História conhecida, da Criação até o ano 563, que é o último ano contido nos manuscritos que chegaram até nós. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 914-915.

<sup>629</sup> Lúcio Lâmia foi um cônsul romano, cf. Tácito, *Anais* 4.13 e 6.27; Horácio, *Odes* 1.26 e 3.17; cf. nesta tese, Filon de Alexandria, pp. 165-166; Flégon de Trales, p. 197; Dión Cássio, *História Romana* 58.19, pp. 245-247.

---

## Δίων ὁ Κάσσιος - Dión Cássio 155-235

---

### **ΡΩΜΑΙΚΗ ΙΣΤΟΡΙΑ 55.Pin.1.39<sup>630</sup>**

55.Pin.1.16 - Χρόνου πλήθος ἔτη ἑπτακαίδεκα, ἐν οἷς ἄρχοντες οἱ ἀριθμούμενοι οἶδε ἐγένοντο

Λ. Αἴλιος Λ. υἱ. Λαμίας ὕπ. Μ. Σερούλιος Μ. υἱ.

### **Tradução:**

#### ***História Romana 55.Pin.1.39***

55.Pin.1.16 - a maior parte dos anos 17, nos quais os enumerados se tornaram cônsules

L. Élio Lâmia, filho de Lúcio, além de Marco Sevílio, filho de Marco.

### **Comentário:**

Dión Cássio escreveu uma História de Roma em 80 volumes, que é, até hoje, fonte significativa de material sobre o desenvolvimento de Roma. A obra começa com a chegada de Enéias à região de Roma, e vai até o ano de 229, ou seja, cobre aproximadamente 1400 anos de história romana, e demorou 22 anos para ser escrita. Não chegou completamente intacta aos nossos dias.<sup>631</sup> O trecho acima selecionado é uma lista dos cônsules que estiveram no poder por um período de dezessete anos, que é o período narrado no livro 55 da *História Romana*. No ano 3 d.C. os cônsules foram Lúcio Élio Lâmia e Marco Sevílio.

---

### **58.19.5.3-6.1**

τόν τε Πίσωνα τὸν πολίαρχον τελευτήσαντα δημοσίᾳ ταφῇ ἐτίμησεν, ὅπερ πού και ἄλλοις ἐχαρίζετο· και Λούκιον ἀντ' αὐτοῦ Λαμίαν ἀνθείλετο, ὃν πρόπαλαι τῇ Συρίᾳ προστάξας κατεῖχεν ἐν τῇ Ῥώμῃ.

<sup>630</sup> Texto grego retirado de Boissevain, 1955 = *TLG*.

<sup>631</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 299-300.

**Tradução:****58.19.5.3-6.1**

E quando morreu o prefeito Pisão, o honrou com funerais públicos, o mesmo também a outros concedeu; e escolheu para o lugar dele em Roma Lúcio Lâmia, que há muito havia ordenado controlar a Síria.

**Comentário:**

No trecho acima, Dión Cássio relata como Tibério nomeou Lúcio Lâmia prefeito de Roma. Ele havia nomeado o mesmo governador da Síria alguns anos antes, mas Lúcio nunca chegou a exercer o cargo, pois foi impedido pelo próprio imperador por razões desconhecidas.<sup>632</sup>

---

**287.22-24<sup>633</sup>**

τοῦ Φιλίππου δὲ τὴν Λάμιαν πολιορκούντος ἐπῆλθεν ἐπ' αὐτὴν ὁ Γλαβρίων, καὶ τὴν τε νίκην καὶ τὴν λείαν ἐσφετερίσατο.

**Tradução:****287.22-24**

Glabrion investiu sobre a Lâmia cercada por Filipe, e tanto a vitória quanto a coroa tomou para si.

**Comentário:**

Esse trecho está no livro IX de João Zônaras, que está narrando o desenrolar das Guerras Púnicas, e usa muitos trechos de Dión Cássion como citações. Portanto, em seus livros XVI, XVII e XVIII, Dion estaria narrando os conflitos entre romanos, macedônios e selêucidas na Grécia nos anos em que Aníbal estava dominando a Itália, Antíoco era o Imperador selêucida, Filipe V era o rei da Macedônia, e os romanos

---

<sup>632</sup> Tibério foi o segundo imperador romano e um grande general. Sucedeu a seu padrinho, Augusto, no trono romano, e foi sucedido por seu sobrinho neto, Calígula. Contudo, é conhecido como um mau governante, e exilou-se de Roma por sua própria iniciativa. Jesus Cristo foi crucificado em seu reinado, na província da Palestina. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 1253-1254. Para Lúcio Lâmia cf. nesta tese Filon de Alexandria, p. 165; Flégon de Trales, p. 197; Clemente de Alexandria, p. 242.

<sup>633</sup> Este trecho está na obra de João Zônaras, 9.19.8-14 (um grande trecho traduzido e nomeado como *Historiae Romanae, versio I in volumine I*).

ainda eram uma República. O trecho em questão narra como o general romano, Manio Glábrio, derrotou Filipe V da Macedônia em Lâmia, na Terceira Guerra Macedônica.<sup>634</sup>

---

<sup>634</sup> A Primeira Batalha de Lâmia: foi o primeiro conflito militar importante da primeira Guerra Macedônica. Filipe V recebeu um chamado de ajuda da Liga Aqueia, que estava sendo atacada por Esparta e a Liga Etólia. Além disso, Filipe foi informado de que o Átalo I, rei de Pérgamo, havia sido nomeado um dos líderes da Liga Etólia, e tinha a intenção de iniciar uma campanha de expansão na Ásia Menor. Filipe V marchou então com seu exército em direção ao sul da Grécia, e encontrou com os etólios, comandados por um general de nome Pírrias, em Lâmia. Lá, travaram uma batalha feroz, que obrigou os etólios a se refugiarem entre as muralhas da cidade fortificada. Em seguida Filipe seguiu ajudando as cidades da Liga Aqueia naquela região.

A Segunda Batalha de Lâmia: aconteceu logo após a primeira, pois Pírrias recebera reforços de Roma e de Pérgamo, e se lançou contra o exército macedônico, que se dirigia de volta para Pela. O exército de Filipe V mais uma vez destroçou os etólios e seus aliados, obrigando os poucos sobreviventes a procurar refúgio dentro das muralhas de Lâmia.

Após as vitórias nas duas batalhas, o rei Filipe V da Macedônia, que já havia se apoderado do porto de Lâmia, Fálara, importante ponto de entrada das rotas entre a Ásia Menor e a Grécia, encontrou-se ali com representantes do Egito, Rodes, entre outros, para tentar estabelecer um acordo de paz, pois a guerra estava atrapalhando o comércio (as nações do Egito, Rodes, Cartago, eram os grandes estados mercantes da época, e realizavam um rico fluxo de mercadorias que promovia intercâmbio não apenas comercial, mas também cultural entre regiões, através do Mediterrâneo). Uma trégua de 30 dias foi determinada.

Mânio Acílio Glábrio foi um general romano e cônsul da república Romana em 191 a.C. Foi ele quem chefiou o exército e derrotou o imperador selêucida Antíoco, expulsando-o da Grécia, e perseguindo-o até a Ásia Menor. Cf. Walbank, 1979, p. 77.

Para todas essas informações, cf. Shipley, 2000, pp. 371-386; Walbank, 1979, pp. 77-83.

---

## Tertullianus - Tertuliano *ca.* 160-240

---

### *Adversus Valentinianus* III.3.27.2-III.3.27.5<sup>635</sup>

iam si et in totam fabulam initietur nonne tale aliquid recordabitur se in infamia inter somni difficultates a nutricula audisse, Lamiae turres et pectines Solis.

### Tradução:<sup>636</sup>

#### *Contra os valentinianos* III.3.27.2-III.3.27.5

E se por acaso alguém for iniciado na história toda, ele não se recordará da infâmia de ter ouvido tal coisa de sua nutriz, entre as dificuldades do sono, como "torres da Lâmia" e "raios do sol"?

### Comentário:

**Lamiae turres:** o trecho acima está numa das obras dogmáticas de Tertuliano, escrita contra o grupo dos valentinianos, cristãos gnósticos seguidores de Valentino.<sup>637</sup> Neste trecho Tertuliano afirma que é preciso separar as falsidades, como as histórias que as babás contam às crianças para fazê-las dormir, das verdades. Dentre as histórias contadas pelas babás está essa das "torres da Lâmia". A protagonista dessa tese é identificada já com a ogra devoradora de crianças, segundo Graham Anderson.<sup>638</sup> A palavra latina *turris* denota um edifício elevado, normalmente fortificado, de ordem civil ou militar, fixo ou móvel, destinado à defesa ou ataque de lugares determinados, como afirmam Ernout & Meillet, que a consideram um empréstimo do grego *τύρρις*, de *τύρσις*, "torre".<sup>639</sup>

---

<sup>635</sup> Texto latino retirado de Riley, 1971.

<sup>636</sup> A tradução é de Priscilla A. F. Almeida, com revisão nossa.

<sup>637</sup> Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1487. O Gnosticismo é um conjunto de correntes filosófico-religiões sincréticas que prega a salvação pela aquisição do conhecimento, contra a ignorância. Não se sabe quando realmente teve início, mas derivou-se de grupos que romperam com a Igreja Cristã no século II. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 641.

<sup>638</sup> Anderson, 2000, p. 3: "Tertulian comes perhaps closest to the content of a specific modern tale with an allusion to 'towers of the Lamia [a cannibal ogress] and combs of the sun' (*Lamiae turres et solis pectines*), heard by a child as a cure for sleeplessness (*inter somni difficultates*)" - "Talvez seja Tertuliano que se aproxima mais do conteúdo de uma fábula moderna com uma alusão às 'torres da Lâmia [uma ogra canibal] e escovas do sol' (*Lamiae turres et solis pectines*), ouvidas por uma criança como cura para a insônia (*inter somni difficultates*)".

<sup>639</sup> Ernout & Meillet, 2001, pp. 708-709.

---

## Ἀλκίφρων - Alcífron *ca.* 170-350

---

### *EPISTULAE 4.16 – Λάμια Δημητρίῳ.*<sup>640</sup>

Σὺ ταύτης τῆς παρρησίας αἴτιος, <ὄς> τοσοῦτος ὢν βασιλεὺς εἶτα ἐπέτρεψας καὶ ἑταίρα γράφειν σοι, [καὶ] οὐχ ἠγησάμενος δεινὸν ἐντυγχάνειν τοῖς ἐμοῖς γράμμασιν ὄλη μοι ἐντυγχάνων. ἐγὼ, δέσποτα Δημήτριε, ὅταν μὲν ἔξω σε θεάσωμαι καὶ ἀκούσω μετὰ τῶν δορυφόρων καὶ τῶν στρατοπέδων καὶ τῶν πρέσβεων καὶ τῶν διαδημάτων, νῆ τὴν Ἀφροδίτην, πέφρικα καὶ ταράττομαι καὶ ἀποστρέφομαι ὡς τὸν ἥλιον, μὴ ἐπικαῶ τὰ ὄμματα· καὶ τότε μοι ὄντως ὁ πολιορκητὴς εἶναι δοκεῖς Δημήτριος· οἷον δὲ καὶ βλέπεις τότε, ὡς πικρὸν καὶ πολεμικόν· καὶ ἀπιστῶ ἐμαυτῇ καὶ λέγω ‘Λάμια, σὺ μετὰ τούτου καθεύδεις; σὺ διὰ νυκτὸς ὄλης αὐτὸν καταυλεῖς; σοὶ νῦν οὗτος ἐπέσταλκε; σοὶ Γνάθαιναν τὴν ἑταίραν συγκρίνει’; καὶ ἠλογημένη σιωπῶ καὶ εὐχομαί σε θεάσασθαι παρ’ ἐαυτῇ. καὶ ὅταν ἔλθῃς, προσκυνῶ σε· καὶ ὅταν περιπλακείς με καταφιλήῃς, πάλιν πρὸς ἐμαυτὴν τάναντία λέγω ‘οὗτός ἐστιν ὁ πολιορκητὴς; οὗτός ἐστιν ὁ ἐν τοῖς στρατοπέδοις; τοῦτον φοβεῖται <ἢ> Μακεδονία, τοῦτον ἢ Ἑλλάς, τοῦτον ἢ Θράκη; νῆ τὴν Ἀφροδίτην, σήμερον αὐτὸν τοῖς αὐλοῖς ἐκπολιορκήσω καὶ ὄψομαι τί με διαθήσει’. ..... μᾶλλον εἰς τρίτην, παρ’ ἐμοὶ γὰρ δειπνήσεις, δέομαι. τὰ Ἀφροδίσια ποιῶ ταῦτα <τὰ> κατ’ ἔτος, καὶ ἀγῶνα ἔχω ἀεὶ τὰ πρότερα τοῖς ὑστέροις νικᾶν. ὑποδέξομαι δὴ σε ἐπαφροδίτως καὶ ὡς ἐνὶ μάλιστα ἐπιφανῶς, ἄν μοι περιουσιάσαι γένηται ὑπὸ σοῦ, μηδὲν ἀνάξιον τῶν σῶν ἀγαθῶν ἐξ ἐκείνης τῆς ἱερᾶς νυκτὸς ἔτι πεποηκυῖα, καίτοι σοῦ γε ἐπιτρέποντος ὅπως ἂν βούλωμαι χρῆσθαι τῷ ἐμῷ σώματι· ἀλλὰ κέχρημαι καλῶς καὶ ἀμίκτως πρὸς ἐτέρους. οὐ ποιήσω τὸ ἐταιρικὸν οὐδὲ ψεύσομαι, δέσποτα, ὡς ἄλλαι ποιοῦσιν. ἐμοὶ γὰρ ἐξ ἐκείνου, μὰ τὴν Ἄρτεμιν, οὐδὲ προσέπεμψαν ἔτι πολλοὶ [οὐδὲ ἐπέιρασαν] αἰδούμενοί σου τὰς πολιορκίας. ὀξύς ἐστιν Ἔρωσ, ὃ βασιλεῦ, καὶ ἐλθεῖν καὶ ἀναπτῆναι. ἐλπίσας πτεροῦται, καὶ ἀπελπίσας ταχὺ πτερορρυεῖν εἴωθεν ἀπογνωσθεῖς. διὸ καὶ μέγα τῶν ἐταιρουσῶν ἐστὶ σόφισμα, ἀεὶ τὸ παρὸν τῆς ἀπολαύσεως ὑπερτιθεμένας ταῖς ἐλπίσι διακρατεῖν τοὺς ἐραστάς. [πρὸς ὑμᾶς δὲ οὐδὲ ὑπερτίθεσθαι ἔξεστιν, ὥστε φόβον εἶναι κόρου.] λοιπὸν ἡμᾶς δεῖ τὰ μὲν ποιεῖν, τὰ δὲ μαλακίζεσθαι, τὰ δὲ ἄδειν, τὰ δὲ αὐλεῖν, τὰ δὲ ὀρχεῖσθαι, τὰ δὲ δειπνοποιεῖν, τὰ δὲ κοσμεῖν [σοι] τὸν οἶκον, τὰς [δὲ] ὄψωσιν

---

<sup>640</sup> Texto grego retirado de Schepers, 1969 = *TLG*.

ἄλλως ταχὺ μαραιομένας μεσολαβούσας χάριτας, ἵνα μᾶλλον ἐξάπτωνται τοῖς διαστήμασιν εὐαλέστεραι αὐτῶν αἱ ψυχαί, φοβουμένων μὴ ἄλλο πάλιν γένηται τῆς ἐν τῷ παρόντι τύχης κάλυμα. ταῦτα δὲ πρὸς μὲν ἑτέρους τάχα ἂν ἐδυνάμην, βασιλεῦ, πλάττεσθαι καὶ τεχνιτεύειν· πρὸς δὲ σέ, ὅς οὕτως ἤδη ἀρχεῖς ἐπ' ἐμοὶ ὡς ἐπιδεικνύναι με καὶ ἀγάλλεσθαι πρὸς τὰς ἄλλας ἑταίρας ὅτι πασῶν ἐγὼ πρωτεύω, μὰ τὰς φίλας Μούσας, οὐκ ἂν ὑπομείναιμι [πλάττεσθαι]· οὐχ οὕτως εἰμι λιθίνη. ὥστε ἀφείσα πάντα καὶ τὴν ψυχὴν ἐμαυτῆς εἰς τὴν σὴν ἀρέσκειαν ὀλίγον ἠγήσομαι δεδαπανῆσθαι. ἀλλ' εὖ οἶδα γὰρ ὅτι οὐ μόνον ἐν τῇ Θηριππίδου οἰκίᾳ, ἐν ἧ μέλλω σοι τὸ τῶν Ἀφροδισίων εὐτρεπίζειν δεῖπνον, ἔσται διαβόητος ἢ παρασκευή, ἀλλὰ καὶ ἐν ὅλῃ τῇ Ἀθηναίων πόλει, νῆ τὴν Ἄρτεμιν, καὶ ἐν τῇ Ἑλλάδι πάσῃ. καὶ μάλιστα οἱ μισητοὶ Λακεδαιμόνιοι, ἵνα δοκῶσιν ἄνδρες εἶναι οἱ ἐν Ἐφέσῳ ἀλώπεκες, οὐ παύσονται τοῖς Ταυγέτοις ὄρεσι καὶ ταῖς ἐρημίαις ἐαυτῶν διαβάλλοντες ἡμῶν τὰ δεῖπνα καὶ καταλυκουργίζοντες τῆς σῆς ἀνθρωποπαθείας. ἀλλ' οὗτοι μὲν χαιρόντων, δέσποτα, σὺ δέ μοι μέμνησο φυλάξαι τὴν ἡμέραν τοῦ δεῖπνου καὶ τὴν ὥραν ἣν ἂν ἔλη· ἀρίστη γὰρ ἦν σὺ βούλει. ἔρρωσο.

#### **Tradução:**

#### ***Cartas 4.16 – De Lâmia para Demétrio***

Tu és o culpado de tal ousadia, pois mesmo sendo um rei tal, permitiste a uma *hetaira* escrever para ti, e não consideras terrível ler minhas cartas, tu que já me leste inteira. Eu, meu senhor Demétrio, quando saí e escutei e te contemplei entre os lanceiros, os soldados da infantaria, os anciãos, as coroas, por Afrodite!, me arrepiei e fiquei aterrorizada, e dei as costas como se fosses o sol, para não incendiares meus olhos. Ali então, parecias para mim ser de fato o Demétrio conquistador de cidades, tal te vias, afiado e guerreiro. E não acreditei em mim mesma e falei: "Lâmia, tu junto dele te deitas? Tu, pela noite inteira toca para ele seu *aulos*? E foi para ti mesma que ele agora escreveu? E é contigo que compara Gnátena, a *hetaira*?". Mas não me importo e silêncio, e rezo para te ver junto a mim. Quando vens, te obedeco, e quando me envolve com beijos, novamente encaro a mim mesma e digo: "É este o conquistador de cidades? É este o guerreiro? É este que a Macedônia teme, a Hélade, a Trácia? Por Afrodite!, hoje eu o conquistarei com os *auloi*, e verei como ele me tratará."..... Na verdade, depois de amanhã jantará junto a mim, te peço. Celebro a cada ano os festivais de Afrodite, e tenho uma competição de que as últimas celebrações sempre superem as anteriores. Te receberei com graça e com a maior distinção, se de ti para

mim houver abundâncias, pois não me fiz indigna das suas bênçãos desde aquela abençoada noite, mesmo que tu tenhas permitido que eu fizesse uso do meu corpo como eu quisesse. Mas me comportei bem e estou intocada por outros, não farei o que fazem as *hetairas*, nem mentirei, senhor, como as outras fazem. Pois para mim os muitos não tentaram nem enviaram mais muita coisa, respeitosos do teu cerco. Mas Eros é afiado, ó rei, e vem e voa para longe. Esperando abrir as asas, e confiante, rapidamente se acostuma a ser depenado, por ter sido rejeitado. Por isso é grande a esperteza das *hetairas*, pois sempre adiam a fruição do prazer presente, para, com as expectativas, segurar os amantes. Contudo, contra vós não adianta adiar, pois não há perigo de vos saciarem. Então, a nós é necessário fazer coisas: amolecer umas coisas daqui, cantar umas coisas de lá, tocar o *aulos* de um lado, dançar do outro, preparar as coisas para jantar, arrumar a casa, para que, assim, de nenhum outro modo, as graças deles se extingam rapidamente, e a fim de fazer as almas deles ficarem mais amarradas e inflamadas, por temerem que surja no presente, de novo, outro entrave para sua fortuna. Tais coisas contra os companheiros eu podia fazer num instante, meu rei, fingir e tramar; mas contra ti, que te vanglorias de mim, e me exhibe e me glorifica ante as outras *hetairas*, como sou a primeira dentre todas, pelas queridas Musas, não!, eu não poderia sustentar o fingimento, não sou assim, pétrea. De modo que eu abandonei tudo à tua vontade, e pouco me importava gastar também minha alma. Contudo, sei bem que não apenas na casa de Terípides, onde eu vou dar para ti o jantar das Afrodísias, será famosa a preparação, e não apenas na cidade inteira dos atenienses, não, por Ártemis, mas na Hélade toda! E mais ainda os odiosos lacedemônios, que no Monte Taigeto e nos desertos censuram nossos jantares e tuas humanidades, citando as leis de Licurgo. Mas deixemo-los, senhor, lembra-te de agendar para mim o dia do jantar e a hora na qual preferes: a melhor será a que quiseres. Adeus.

### **Comentário:**

A obra de Alcífron, 117 cartas ficcionais, faz dele o maior epistológrafo grego da Antiguidade conhecida. As cartas são escritas no dialeto ático, são baseadas em peças da *Nea*, e por isso são fontes importantes de dados sobre a vida dos atenienses do período pós-morte de Alexandre, que é de quando são datadas. Alcífron coloca os autores das cartas como sendo personagens das classes mais simples da cidade de Atenas, como as *hetairas*, os pescadores, os agricultores, os parasitas, aqueles que

viviam à sombra da nobreza.<sup>641</sup> Uma dessas cartas é a que está acima traduzida, de Lâmia para Démetrio Poliorcetes.

---

### *EPISTULAE – Λεόντιον Λαμία*

#### **4.17.3.1-2**

ὄντως ἐγὼ πολιορκητὴν ἔχω τ[οι]οῦτον, οὐχ οἶον σὺ Λάμια Δημήτριον.

#### **4.17.4.4-5.1**

οὐκ ἄρνοῦμαι πρὸς τὸν νεανίσκον οἰκείως ἔχειν ἐκ πολλοῦ – πρὸς σέ μοι τάληθῆ Λάμια – καὶ τὴν πρώτην ἀφροδίτην ἔμαθον παρ' αὐτοῦ σχεδόν· οὗτος γὰρ με διεπαρθένευσεν ἐκ γειτόνων οἰκοῦσαν.

#### **4.17.6.4**

τί σὺ λέγεις Λάμια;

#### **4.17.8.3-4**

τί ποιήσω, πρὸς τῶν θεῶν ἰκετεύω σε Λάμια.

#### **4.17.10.1-5**

ποσάκις οἶει με, Λάμια, πρὸς αὐτὸν ἰδίᾳ παραγενομένην εἰπεῖν ‘τί ποιεῖς Ἐπίκουρε; οὐκ οἶσθα ὡς διακωμῶδεῖ σε Τιμοκράτης ὁ Μητροδώρου <ἀδελφός> ἐπὶ τούτοις ἐν ταῖς ἐκκλησίαις, ἐν τοῖς θεάτροις, παρὰ τοῖς ἄλλοις σοφισταῖς’;

### **Tradução:**

#### *Cartas – De Leôncio para Lâmia.*

#### **4.17.3.1-2**

A verdade é que eu também tenho um destruidor de cidades, só que não é como o seu Demétrio, Lâmia.

#### **4.17.4.4-5.1**

Não nego ter estado intimamente junto ao rapaz muitas vezes — de mim para ti a verdade, Lâmia — e nem também que a primeira vez que aprendi sobre Afrodite foi com ele, pois ele me desvirginou quando eu morava na vizinhança.

#### **4.17.6.4**

---

<sup>641</sup> A única evidência acerca do seu período de vida são cartas trocadas entre Luciano e Alcífron, que foram encontradas na obra de Aristeneto, um epistológrafo grego que viveu entre os séculos V e VI, o que leva os estudiosos à crença de que os dois fossem contemporâneos. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 54.

O que dizes, Lâmia?

**4.17.8.3-4**

O que farei, pelos deuses, te imploro, Lâmia!

**4.17.10.1-5**

Quantas vezes, Lâmia, achas que eu, estando ao lado dele, já falei para ele: "O que fazes, Epicuro?! Então não sabes que Timócrates irmão de Metrodoro faz troça de ti por causa dessas coisas nas assembleias, nos teatros, junto aos outros sofistas?!"?

**Comentário:**

**Λεόντιον Λαμία:** uma *hetaira* ateniense, Leôncio, se reporta à outra *hetaira* ateniense, Lâmia, reclamando muito dos favores que recebe do filósofo Epicuro, e pedindo-lhe conselhos com relação a que atitude tomar. Leôncio está apaixonada por um jovem, Timarco, que também a ama, mas que é constantemente importunado por Epicuro por causa disso, que quer ter exclusividade sobre Leôncio. Ela pede opiniões e conselhos a Lâmia, reclama muito de Epicuro, inclusive dizendo que ele é um velho nojento, e no final decide não desistir de Timarco.<sup>642</sup> Só traduziu-se aqui as passagens que citavam o nome de Lâmia, já que o assunto não é de relevância para esta investigação. Essa carta mostra apenas que Lâmia era uma *hetaira* ateniense, e que mantinha contato com outras *hetairas*. E que Alcífron não era muito fã de Epicuro.

---

<sup>642</sup> Alcífron, *Cartas*, livro IV, carta 17, *Leôncio para Lâmia*.

---

## Φλάβιος Φιλόστρατος - Flávio Filóstrato

ca. 170/172 - ca. 247/250 d.C.

---

### *ΤΑ ΕΣ ΤΟΝ ΤΥΑΝΕΑ ΑΠΟΛΛΩΝΙΟΝ 4.25<sup>643</sup>*

Ἐν Κορίνθῳ δὲ φιλοσοφῶν ἐτύγχανε τότε Δημήτριος ἀνὴρ ξυνειληφῶς ἅπαν τὸ ἐν Κυνικῇ κράτος, οὗ Φαβωρίνος ὕστερον ἐν πολλοῖς τῶν ἑαυτοῦ λόγων οὐκ ἀγεννῶς ἐπεμνήσθη, παθὼν δὲ πρὸς τὸν Ἀπολλώνιον, ὅπερ φασὶ τὸν Ἀντισθένην πρὸς τὴν τοῦ Σωκράτους σοφίαν παθεῖν, εἶπετο αὐτῷ μαθητιῶν καὶ προσκείμενος τοῖς λόγοις καὶ τῶν αὐτῷ γνωρίμων τοὺς εὐδοκιμωτέρους ἐπὶ τὸν Ἀπολλώνιον ἔτρεπεν, ὧν καὶ Μένιππος ἦν ὁ Λύκιος ἔτη μὲν γεγονῶς πέντε καὶ εἴκοσι, γνώμης δὲ ἰκανῶς ἔχων καὶ τὸ σῶμα εὖ κατεσκευασμένος, ἐρέκει γοῦν ἀθλητῆ καλῷ καὶ ἐλευθερίῳ τὸ εἶδος. ἐρᾶσθαι δὲ τὸν Μένιππον οἱ πολλοὶ ᾤοντο ὑπὸ γυναιίου ξένου, τὸ δὲ γύναιον καλὴ τε ἐφαίνετο καὶ ἰκανῶς ἀβρὰ καὶ πλουτεῖν ἔφασκεν, οὐδὲν δὲ τούτων ἄρα ἀτεχνῶς ἦν, ἀλλὰ ἐδόκει πάντα. κατὰ γὰρ τὴν ὁδὸν τὴν ἐπὶ Κεγχρεᾶς βαδίζοντι αὐτῷ μόνῳ φάσμα ἐντυχὸν γυνή τε ἐγένετο καὶ χεῖρα ξυνῆψεν ἐρᾶν αὐτοῦ πάλαι φάσκουσα, Φοίνισσα δὲ εἶναι καὶ οἰκεῖν ἐν προαστείῳ τῆς Κορίνθου, τὸ δεῖνα εἰποῦσα προάστειον, “ἐς ὃ ἐσπέρας” ἔφη “ἀφικομένῳ σοι ᾠδὴ τε ὑπάρξει ἐμοῦ ἀδούσης καὶ οἶνος, οἶον οὐπω ἔπιες, καὶ οὐδὲ ἀντεραστῆς ἐνοχλήσει σε, βιώσομαι δὲ καλὴ ξὺν καλῷ.” τούτοις ὑπαχθεὶς ὁ νεανίας, τὴν μὲν γὰρ ἄλλην φιλοσοφίαν ἔρρωτο, τῶν δὲ ἐρωτικῶν ἥττητο, ἐφοίτησε περὶ ἐσπέραν αὐτῆ καὶ τὸν λοιπὸν χρόνον ἐθάμιζεν, ὥσπερ παιδικοῖς, οὐπω ξυνεὶς τοῦ φάσματος. ὁ δὲ Ἀπολλώνιος ἀνδριαντοποιοῦ δίκην ἐς τὸν Μένιππον βλέπων ἐζωγράφει τὸν νεανίαν καὶ ἐθεώρει, καταγνοῦς δὲ αὐτὸν “σὺ μέντοι” εἶπεν “ὁ καλὸς τε καὶ ὑπὸ τῶν καλῶν γυναικῶν θηρευόμενος ὄφιν θάλπει καὶ σὲ ὄφιν.” θαυμάσαντος δὲ τοῦ Μενίππου “ὅτι γυνή σοι” ἔφη “ἐστὶν οὐ γαμετή. τί δέ; ἡγῆ ὑπ’ αὐτῆς ἐρᾶσθαι; “νὴ Δί’,” εἶπεν “ἐπειδὴ διάκειται πρὸς με ὡς ἐρῶσα.” “καὶ γήμαις δ’ ἂν αὐτήν;” ἔφη. “χαρίεν γὰρ ἂν εἴη τὸ ἀγαπῶσαν γῆμαι.” ἤρετο οὖν “πηνίκα οἱ γάμοι;” “θερμοὶ” ἔφη “καὶ ἴσως αὔριον.” ἐπιφυλάξας οὖν τὸν τοῦ συμποσίου καιρὸν ὁ Ἀπολλώνιος καὶ ἐπιστὰς τοῖς δαιτυμόσιν ἄρτι ἤκουσι “ποῦ” ἔφη “ἢ ἀβρὰ, δι’ ἣν ἤκετε;” “ἐνταῦθα” εἶπεν ὁ Μένιππος καὶ ἅμα ὑπανίστατο ἐρυθριῶν. “ὁ δὲ ἄργυρος

---

<sup>643</sup> Texto grego retirado de Kayser, 1964 = TLG.

καὶ ὁ χρυσὸς καὶ τὰ λοιπὰ, οἷς ὁ ἀνδρῶν κεκόσμηται, ποτέρου ὑμῶν;” “τῆς γυναικός,” ἔφη “τάμὰ γὰρ τοσαῦτα” δείξας τὸν ἑαυτοῦ τρίβωνα. ὁ δὲ Ἀπολλώνιος “τοὺς Ταντάλου κήπους” ἔφη “εἶδετε, ὡς ὄντες οὐκ εἰσί;” “παρ’ Ὀμήρῳ γε,” ἔφασαν “οὐ γὰρ ἐς Αἴδου γε καταβάντες.” “τοῦτ’” ἔφη “καὶ τουτονὶ τὸν κόσμον ἡγεῖσθε, οὐ γὰρ ὕλη ἐστίν, ἀλλὰ ὕλης δόξα. ὡς δὲ γινώσκοντες, ὃ λέγω, ἡ χρηστὴ νύμφη μία τῶν ἐμπουσῶν ἐστίν, ἃς λαμίας τε καὶ μορμολυκίας οἱ πολλοὶ ἡγοῦνται. ἐρῶσι δ’ αὐταὶ καὶ ἀφροδισίων μὲν, σαρκῶν δὲ μάλιστα ἀνθρωπείων ἐρῶσι καὶ παλεύουσι τοῖς ἀφροδισίοις, οὓς ἂν ἐθέλωσι δαίσασθαι.” ἡ δὲ “εὐφήμει” ἔλεγε “καὶ ἄπαγε” καὶ μυσάττεσθαι ἐδόκει, ἃ ἤκουε, καὶ πού καὶ ἀπέσκωπε τοὺς φιλοσόφους, ὡς ἀεὶ ληροῦντας. ἐπεὶ μέντοι τὰ ἐκπώματα τὰ χρυσᾶ καὶ ὁ δοκῶν ἄργυρος ἀνεμιαῖα ἠλέγχθη καὶ διέπτῃ τῶν ὀφθαλμῶν ἅπαντα οἰνοχόοι τε καὶ ὀψοποιοὶ καὶ ἡ τοιαύτη θεραπεία πᾶσα ἠφανίσθησαν ἐλεγχόμενοι ὑπὸ τοῦ Ἀπολλωνίου, δακρύοντι ἐφίκει τὸ φάσμα καὶ ἐδεῖτο μὴ βασανίζεῖν αὐτό, μηδὲ ἀναγκάζειν ὁμολογεῖν, ὃ τι εἶη, ἐπικειμένου δὲ καὶ μὴ ἀνιέντος ἐμπουσαῖ τε εἶναι ἔφη καὶ πιαίνειν ἡδοναῖς τὸν Μένιππον ἐς βρῶσιν τοῦ σώματος, τὰ γὰρ καλὰ τῶν σωμάτων καὶ νέα σιτεῖσθαι ἐνόμιζεν, ἐπειδὴ ἀκραιφνὲς αὐτοῖς τὸ αἷμα. τοῦτον τὸν λόγον γνωριμώτατον τῶν Ἀπολλωνίου τυγχάνοντα ἐξ ἀνάγκης ἐμήκυνα, γινώσκουσι μὲν γὰρ πλείους αὐτόν, ἅτε καθ’ Ἑλλάδα μέσην πραχθέντα, ξυλλήβδην δὲ αὐτὸν παρειλήφασιν, ὅτι ἔλοι ποτὲ ἐν Κορίνθῳ λάμιαν, ὃ τι μέντοι πράττουσαν καὶ ὅτι ὑπὲρ Μενίππου, οὐπω γινώσκουσιν, ἀλλὰ Δάμιδί τε καὶ ἐκ τῶν ἐκείνου λόγων ἐμοὶ εἴρηται.

### **Tradução:**

#### ***As coisas a respeito de Apolônio de Tiana 4.25***

Mas naquele tempo havia um filósofo em Corinto, Demétrio, homem que tomara parte com toda força na filosofia Cínica. Sobre ele Favorino<sup>644</sup> lembrou, por último e em muitos de seus próprios discursos, que não era mal nascido, e que fora influenciado por Apolônio, assim como dizem ter sido influenciado Antístenes pela sabedoria de Sócrates. Seguiu-o querendo ser um discípulo e devotando-se aos discursos. E foi assim que direcionou os mais destacados dentre seus discípulos para Apolônio. Entre eles havia um tal Menipo, o lício, de vinte e cinco anos de idade, e que tinha tanto bastante conhecimento quanto um corpo bem modelado, parecia, com

---

<sup>644</sup> Favorino de Arélate (Φαβωρίνος) foi um filósofo e sofista romano, nascido em Arélate (hoje Arles) que aprendeu grego em Massalia (hoje Marselha) e teve seu auge durante o reinado de Adriano (117-138 d.C.). Escreveu 30 obras, de gêneros diversos, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 590.

certeza, um atleta belo, com nobreza de forma. Muitos supunham que o Menipo estava apaixonado por uma mulher estrangeira, uma mulher bela, que parecia também bastante delicada, e que afirmava ser rica. Contudo, nada disso era ao acaso, na verdade ela dissimulava tudo. É que pelo caminho até o Cencreu<sup>645</sup>, o espectro o encontrou caminhando sozinho, se tornou uma mulher, e pela mão o pegou, afirmando amá-lo há muito tempo, ser fenícia e morar nos subúrbios de Corinto. Dizendo um certo subúrbio, "Para ti terás", falou, "quando lá chegares pela tarde, eu mesma cantando, e vinho, tanto que ainda não bebeste, e nenhum rival te perturbará; assim viverei: uma bela com um belo". Com isso subjugou o rapaz, pois enrijeceu uma outra filosofia, e pelos desejos ele tinha sido derrotado: perambulava pela tarde com ela e o resto do tempo a frequentava, à maneira de brincadeiras, ainda não se apercebendo do espectro. Porém Apolônio, como um escultor de homens e por justiça a Menipo olhando, pintou e contemplou o rapaz, e julgando-o, disse: "Então tu, o belo e visado também por belas mulheres, nutres uma cobra, e uma cobra, a ti". Então espantou-se o Menipo, e Apolônio falou: "Essa mulher não é esposa para você. Por quê, você acredita ser amado por ela?". "Sim, por Zeus!", disse Menipo, "pois se comporta para comigo como apaixonada". "E te casarias com ela?", perguntou Apolônio. "Casar com aquela que te ama seria uma graça". E Apolônio perguntou finalmente: "Para quando são as bodas?". "Logo", declarou o Menipo, "amanhã mesmo".

Vigiando então a ocasião do banquete e colocando-se junto aos convidados recém-chegados, Apolônio declarou: "Onde está a delicada, por causa da qual viestes?". "Aqui", disse Menipo, e ao mesmo tempo ergueu-se ruborizado. "A prata, o ouro e o resto, com os quais o salão de banquetes está decorado, de qual de vós é?". "Da mulher", declarou Menipo, "pois minhas são só tais coisas", e apontou a própria capa. E então Apolônio declarou: "Os jardins de Tântalo, sabes como são não sendo?". "Por Homero, claro", declararam, "pois não descemos ao Hades ainda". "Assim", ele declarou, "crede ser esse adorno aqui, pois não é coisa material, mas uma aparência de matéria. De modo que compreendais o que digo: a prestimosa noiva é uma das empusas, as que *lâmias* e mormólices as gentes creem ser. E se elas desejam os prazeres sexuais, elas desejam mais as carnes humanas e físgam com os prazeres sexuais os que gostariam de comer". Mas ela falou: "Silêncio! E fora!", e

---

<sup>645</sup> Cencreu (Κεγχρεάς) era o nome do porto de Corinto, cf. Philostratus, 2005, p. 371, nota 47; Filóstrato, 1992, p. 251, nota 261.

dissimulou estar enojada pelas coisas que escutava, e zombava dos filósofos de todos os modos, como sempre falavam tolices. Logo então os vasos, o ouro e a prata falsos provaram ser como os ventos e voaram dos olhos; todos os escanções, também os churrasqueiros e todos os empregados como estes desapareceram ao serem censurados por Apolônio. O espectro então fingiu chorar e implorou que não o torturassem nem o forçassem a confessar o que era, mas rapidamente não negou ser uma empusa e declarou estar engordando com prazeres o Menipo para fazer de seu corpo alimento, pois costumava se alimentar de corpos belos e jovens, já que o sangue deles é puro.

Das de Apolônio, essa é a história existente mais conhecida. Por necessidade me estendi, pois muitos a conhecem, já que aconteceu no meio da Grécia, mas resumidamente a receberam: que ele pode capturar uma vez em Corinto uma *lâmia*. Mas o que ela estava fazendo e que foi por causa de Menipo ainda não sabem. Contudo, Dâmis<sup>646</sup> contou para mim, de suas próprias histórias.

#### **Comentário:**

“σὺ μέντοι ὄφιν θάλπεις καὶ σὲ ὄφις”:<sup>646</sup> esse é a única anedota, dentre todas as fontes antigas que fazem parte desse *corpus*, que compara a *lâmia* a uma cobra (ὄφις). Contudo, a *lâmia* tem a forma física de uma mulher, e tudo o que se diz a respeito dela é que é belíssima. Depois o relato vai dizer que ela é um "espectro".

**φάσμα:** nesse trecho, essa palavra foi usada para caracterizar a natureza do ser que assombra Menipo: é um "espectro". Nesse relato, a *lâmia* não é mais que uma aparição, já que o substantivo neutro φάσμα se origina do verbo φαίνομαι, ‘vir à luz, aparecer, mostrar-se’.<sup>647</sup> Além disso, a palavra φάσμα equivale semanticamente ao substantivo neutro φάντασμα, palavra que resultou no nosso "fantasma", que também

---

<sup>646</sup> De acordo com alguns relatos antigos, Damis (Δάμις) teria sido um discípulo de Apolônio de Tiana, que teria deixado um caderno de anotações sobre a vida e as perambulações de seu professor. Esse caderno teria sido utilizado como fonte primária por Filóstrato para compor sua obra. Filóstrato menciona o uso de tal caderno nessa mesma obra, *Vida de Apolônio de Tiana*, mas muitos estudiosos debatem a veracidade dessa informação, pois não há mais menção alguma a esse tal Dâmis na literatura greco-romana remanescente (cf. a título de ilustração dessa questão Conybeare, tradutor da edição da Heineman de 1912, que conta, em sua introdução, toda a história de como Filóstrato obteve da imperatriz Júlia Domna, esposa de Sétimo Severo, o caderno de Dâmis; e em seguida Pajares, 1992, e Jones, 2005, também em suas respectivas introduções, que criticam esse comportamento dos editores mais velhos da obra de Filóstrato de tomar como verdade o que ele escreveu).

<sup>647</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1919, φάσμα, e pp. 1912-1913, φαίνω, φαίνομαι; Chantraine, 2009, pp. 1128-1129.

pode ser aplicada na tradução aqui nesse caso.<sup>648</sup>

Está claro que para o autor os substantivos *empusa*, *mormólíce* e *lâmia* (ἔμπουσα, μορμολύκη, λάμια) representam o mesmo tipo de "monstro", ou "maravilha". Alguns tradutores usam a palavra "vampiro(a)" para traduzir uma ou mais dessas palavras, e alguns usam até a palavra "sereia".<sup>649</sup> Contudo, a mitologia grega não tinha uma figura que se parecesse exatamente com o vampiro da tradição eslava, que é o vampiro que nós conhecemos no ocidente hoje, e que foi popularizado a partir de 1897, ano da publicação da mais famosa história de vampiro de todos os tempos, a do Conde Drácula, pelo escritor irlandês Bram Stoker.<sup>650</sup>

As empusas são seres espectrais que têm uma perna de bronze e outra de

---

<sup>648</sup> Cf. Houaiss, 2010, p. 1306.

<sup>649</sup> Cf. as traduções de O'Shea & Paoli *in* Costa, 2010, pp. 211-214, que traduzem ἔμπουσαι por "vampiras" e μορμολυκίας por "seres maléficis", e que afirma que foi essa a história em que John Keats se baseou para criar seu poema *Lamia*; e Christopher P. Jones *in* Philostratus, 2005, pp. 370-377, que traduz ἔμπουσαι por "vampiras" - "vampires", λαμίας por "sereias" - "sirens", e μορμολυκίας por "lobisomens" - "werewolves".

<sup>650</sup> Em um estudo etimológico que produziu sobre a palavra "vampiro", Katharina M. Wilson afirma que, assim como é complexo encontrar a fonte exata da lenda dos vampiros, é complicado achar a origem da palavra em si. Na esmagadora maioria das crenças, o vampiro é um ser morto-vivo que habita lugares obscuros, como cemitérios e similares, crença que teve sua origem na Hungria ou na Romênia. A autora faz uma revisão da literatura científica que trata da etimologia da palavra "vampiro" e acaba chegando à conclusão de que não se pode afirmar que tem origem certa nem no "uber" (bruxa) turco, que teria dado origem aos termos eslavos "upior", "uper" e "upyr", como sugere um grupo de estudiosos do século XIX; nem no verbo grego πίνω (beber), como sugere um segundo grupo; nem no sérvio "bamiup", tendência que estava em voga nos anos 80; nem no húngaro "vampir", como sugeriram mais recentemente grupos de estudiosos americanos e ingleses, uma vez que tal palavra só aparece nos registros húngaros muito posteriormente ao seu aparecimento em registros de outros países da Europa ocidental. Os primeiros a registrarem por escrito a palavra foram os ingleses, seguidos dos franceses e depois, dos alemães e italianos (cf. Wilson, 1985, pp. 577-578). O poema "The Vampire", de John Polidori, parece ter sido a obra que instigou a curiosidade ocidental a respeito de tais criaturas, e parece também ter sido a responsável pela dispersão do termo, devido a sua grande popularidade. Em suas supostas regiões de origem (Transilvânia, na Romênia, e Hungria), o termo vampiro não só foi adotado tardiamente (quase um século após seus primeiros registros na Inglaterra e na França), como nunca chegou a ser tão popular quanto no Ocidente. Wilson cita um pesquisador chamado Grigori Nandris, que afirma que os romenos tinham uma palavra para designar a criatura que conhecemos como vampiro, mas que hoje essa palavra não existe mais no romeno, só no russo podemos achar um eco dela na palavra "upyr". Outra pesquisadora, Agnes Murdoci, em um artigo sobre as crenças vampíricas da Romênia, afirma que hoje essas criaturas são chamadas "strigoi" e "morii", e que a palavra vampiro é muito pouco usual, corroborando a ideia de Nandris (cf. Wilson, 1985, p. 583). Concluindo seu artigo, Wilson afirma que as primeiras aparições do termo são registros em inglês, francês e latim, todas se referindo a casos de vampirismo na Polônia, Rússia e Macedônia, e que uma segunda leva de registros ocorre em inglês, alemão e italiano, todos referentes à uma epidemia vampírica que teria atingido a região da Sérvia de 1725 a 1732. Desse modo, a tradição da palavra e do folclore vampiresco na Europa pouco ou nada teriam em comum com as regiões orientais da Transilvânia e da Hungria, sendo características do folclore eslavo (cuja palavra análoga a vampiro é "upir"), e tendo atingido sua maior popularidade no oeste (cf. Wilson, 1985, pp. 577-583). Desse modo então, as lâmas não podem ser identificadas em associação direta aos vampiros, pois não são seres que morreram e voltaram para beber sangue. Ainda assim, se a lâmia fosse pensada sob a ótica de uma das definições que o Houaiss dá para o substantivo feminino vampe, "mulher que usa de sedução, charme e ardis para atrair os homens e explorá-los", poder-se-ia considerar incluí-la, e também às empusas, nessa categoria (cf. Houaiss, 2010, p. 2827).

burro, se alimentam de carne humana, podem se metamorfosear em cadelas, vacas e, inclusive, belas mulheres, para atrair os jovens rapazes que desejam devorar, e que fazem parte do séquito da deusa Hécate.<sup>651</sup> Contudo, a parte de beber o sangue da vítima como alimento não caberia na definição de vampiro, assim como a parte de ser um corpo morto que volta à vida não cabe na definição nem da criatura chamada *lâmia* nem na da chamada *empusa*.

A mormólice já foi previamente discutida no comentário a Estrabão, de maneira que não vamos mencioná-la novamente.<sup>652</sup>

Assim, traduzir qualquer uma das palavras acima por "vampiro" é quase como uma imprecisão folclórica, pois nenhum desses seres representa o que o vampiro do leste europeu é. Essas criaturas, *lâmia*, *empusa*, mormólice, mormó, estrige, gorgó, eram, em sua maioria, usadas pelas mães das crianças como recursos educativos para mantê-las bem comportadas. Assim como a cuca, o velho do saco, o negro velho o são no Brasil.<sup>653</sup>

Por fim, a respeito do mito do lobisomem na Grécia Antiga, ele é bem trabalhado por Walter Burkert, que investiga a *Licaia*, o festival a Zeus Licaios, na Arcádia. Rumores de que haveria sacrifício humano e canibalismo neste ritual permeiam suas descrições desde a época de Platão. Pausânias viu e descreveu o templo de Zeus no Monte Licáion, mas afirma que não pôde tomar parte no ritual, pois era uma cerimônia fechada, exclusiva dos homens da Arcádia, sendo que nem mesmo suas mulheres podiam participar.

Aparentemente os sacerdotes de Zeus Licaios cortariam a carne dos sacrifícios e misturariam todos os pedaços em uma grande trípode, incluindo aí os pedaços de carne da vítima humana do ritual, que ninguém teria visto sendo sacrificado. Cada um pegaria um pedaço de carne e comeria. Aqueles que comessem a carne humana, virariam lobos e eram obrigados a vagar pelas florestas por dez anos (algumas fontes dizem oito anos). Se conseguissem se abster de carne humana durante esse período, tornariam a transformar-se em humanos e poderiam voltar à vida civilizada. Se não o conseguissem, ficariam sob a forma lupina até suas mortes.

O mito de Licáon, um rei arcaico da Arcádia, é bem conhecido na mitologia

---

<sup>651</sup> Cf. Grimal, 2005, p. 134; Graves, 1992, pp. 189-190; e ainda, nesta tese, cf. Aristófanos, pp. 74-89.

<sup>652</sup> Cf. acima nesta mesma tese Estrabão, pp. 154-163.

<sup>653</sup> Cf. nesta tese Estrabão, pp. 154-163, especialmente referência a Platão; Horácio, pp. 152-153; cf. também Esopo, pp. 58-60; Crates, pp. 70-76. Cf. Câmara Cascudo, que tem vários estudos sobre o folclore brasileiro, entre eles o *Dicionário do folclore brasileiro*, o *Antologia do folclore brasileiro* e o *Geografia dos mitos brasileiros*, que podem ser todos encontrados na bibliografia deste trabalho.

grega: era querido dos deuses que vinham se banquetear junto a sua corte com frequência (ou teriam ido uma vez para conferir as abominações que os filhos do rei praticavam). Há várias versões para o motivo, mas o fato é que uma criança acaba sendo picada junto à carne da refeição e é servida aos deuses (ou apenas Zeus), que se horrorizam e fulminam todos na corte, exceto Licáon, que é transformado em lobo (em algumas versões todos os filhos, vinte e dois ou cinquenta, também são, exceto o que havia sido sacrificado, que Zeus restitui à vida e se torna o próximo rei da Arcádia). Burkert afirma que esse mito e os boatos remetem a um ritual de iniciação, ao qual se deveriam sujeitar os meninos de 16 anos, até que completassem 25 e pudessem, então, tomar seu lugar de direito na sociedade arcádia e participar de competições, como as Olimpíadas.<sup>654</sup>

**“τοὺς Ταντάλου κήπους” ἔφη “εἶδετε, ὡς ὄντες οὐκ εἰσί;”**: Apolônio menciona os jardins de Tântalo que "sendo não são" (ὡς ὄντες οὐκ εἰσί), para ilustrar a situação criada pela *lâmia* que está enfeitiçando Menipo, que parece ser, mas na realidade não é.<sup>655</sup> Assim também a situação de Tântalo, que parece poder satisfazer suas necessidades de comida e bebida, mas na realidade não pode, pois foi condenado a passar a eternidade nesse suplício. A *lâmia* teria, desse modo, poderes encantatórios, ou mágicos, aproximando-se assim, um pouco mais das feiticeiras do relato de Apuleio.

---

<sup>654</sup> Cf. Burkert, 1983, pp. 84-93; Grimal, 2005, pp. 278-279; Graves, 1992, pp. 138-142.

<sup>655</sup> Tântalo (Τάνταλος) era geralmente tido como um filho de Zeus e Pluto, filha de Crono ou de Atlas (há diversas variações sobre sua progeneritura). Era um rei rico e amado pelos deuses. Por ser tão amado, era constantemente convidado a tomar parte nos banquetes dos imortais no Olimpo. Segundo algumas fontes, Tântalo se orgulhava tanto dessa posição que se tornou um ὑβριστής: orgulhoso em demasia acabou por incorrer na cólera de Zeus. De acordo com outras fontes, Tântalo revelou aos homens alguns dos segredos dos imortais que eram livremente partilhados à sua volta nos banquetes. Outras dizem ainda que ele roubou néctar e ambrosia e os ofertou aos mortais. E algumas outras afirmam que ele não quis devolver o cão de Zeus a Hermes, que o havia ido buscar. Seja qual for o motivo, sua punição foi memorável, pois Zeus o jogou no Hades para cumprir uma sentença perpétua: sedento e faminto, estaria mergulhado até o pescoço (certas versões o colocam dependurado em um galho de uma árvore que dá todo tipo de fruta, pendendo sobre um lago cujas águas frescas alcançam-lhe até a cintura), tendo à sua volta água e comida em abundância, mas se tentasse alcançá-las, elas lhe escapariam continuamente. Portanto, seu castigo era passar a eternidade com sede e fome, tendo ao alcance de suas mãos os elementos que aliviariam seu suplício, mas sem nunca deles poder desfrutar. Em algumas versões sua punição era estar sempre abaixo de uma pedra gigantesca que podia cair a qualquer instante, mas que estava sempre parcamente equilibrada. Viveria em estado de ansiedade e estresse perpétuos, cf. Grimal, 2005, pp. 427-428, que traz todas as fontes do mito no rodapé; Graves, 1992, pp. 387-393, que faz uma condensação de todas as versões numa só, e cita também os desdobramentos dos atos de Tântalo, com comentários sobre as fontes antigas desse mito; e também LSJ, 1996, p. 1755, que é sempre uma boa fonte para obter as referências antigas.

**ΤΑ ΕΣ ΤΟΝ ΤΥΑΝΕΑ ΑΠΟΛΛΩΝΙΟΝ 8.7.428-434**

ἠὺξάμην αὐτῷ καὶ ἐν Πελοποννήσῳ ποτέ, λαμίας γάρ τι φάσμα κάκει περὶ τὴν Κόρινθον ἦλθε σιτούμενον τῶν νέων τοὺς καλοὺς, καὶ ξυνήρατό μοι τοῦ ἀγῶνος οὐ θαυμασίων δεηθεὶς δῶρων, ἀλλὰ μελιττούτης καὶ λιβανωτοῦ καὶ τοῦ ὑπὲρ σωτηρίας τι ἀνθρώπων ἐργάσασθαι, τουτὶ γὰρ καὶ κατὰ τὸν Εὐρυσθέα μισθὸν τῶν ἄθλων ἠγεῖτο.

**Tradução:**

***As coisas a respeito de Apolônio de Tiana 8.7.428-434***

Certa vez, no Peloponeso, orei para ele pois o espectro de uma *lâmnia* vagava por ali, nos arredores de Corinto, devorando os jovens belos; e ele tomou parte na luta comigo, não necessitando de presentes maravilhosos, mas apenas de um bolo de mel e de olíbano, e isso por trabalharem alguns homens para a salvação; pois esse era também o salário que julgava digno receber pelos trabalhos junto de Euristeu.

**Comentário:**

No trecho acima, Apolônio, em um discurso supostamente direto ao imperador Domiciano, se defende de acusações feitas contra si, citando suas boas ações sociais, entre elas o fato de ter livrado os arredores da cidade de Corinto da presença de uma *lâmnia* que estava seduzindo os jovens rapazes para deles se alimentar depois.<sup>656</sup> Fica evidente para o espectador desse discurso o fato de que ter derrotado / matado essa *lâmnia* em Corinto foi um ato benfazejo da parte de Apolônio, e que ela era uma criatura, como já visto, espectral, e maléfica para os seres humanos.<sup>657</sup>

---

<sup>656</sup> Como visto no trecho anteriormente traduzido da mesma obra de Filóstrato, 4.25.

<sup>657</sup> A palavra φάσμα é usada novamente aqui nesse trecho para indicar a natureza da *lâmnia*.

---

# Claudius Aelianus - Cláudio Eliano

175 - 235

---

## **ΠΟΙΚΙΛΗ ΙΣΤΟΡΙΑ 12.17.1-8<sup>658</sup>**

Ὅτι Δημήτριος τοσοῦτων ἐθνῶν ἡγεμονεύων ἐφοίτα ἐς Λαμίας τῆς ἐταίρας σὺν τοῖς ὄπλοις καὶ φορῶν τὸ διάδημα. αἰσχιστον μὲν οὖν ἦν αὐτῷ καὶ οἴκαδε μεταπέμψασθαι τὴν ἄνθρωπον· ὃ δὲ παρ' ἐκείνην ἐφοίτα φανερῶς. ἀλλ' ἔγωγε Θεόδωρον ἂν τὸν ἀλλήτην προτιμήσαιμι τοῦ Δημητρίου, ἐπεὶ τὸν Θεόδωρον μετεπέμπετο ἡ Λάμια, ὃ δὲ ὑπερεῖδε τὴν κλιῆσιν.

### **Tradução:**

#### ***História variada 12.17.1-8***

Demétrio, que era governante de tantos povos, ia e vinha até a *hetaira* Lâmia com suas armas e portando sua coroa. Era o mais vergonhoso para ele mandar chamar para sua casa a tal ser humano, mas ele, para junto daquela, ia e vinha às claras. Eu, contudo, certamente admiro mais o *auletrida* Teodoro do que o Demétrio, pois Lâmia convocou o Teodoro, mas ele desprezou o convite.

### **Comentário:**

**Λαμίας τῆς ἐταίρας:** a famosa amante de Demétrio Poliorcetes. Não há contexto para esta anedota. Assim é a organização da *História variada* de Eliano: uma obra em quatorze livros, na qual ele compila uma miscelânea de anedotas, listas, máximas, fragmentos de biografias, narrações de fenômenos estranhos e maravilhas naturais. É um compêndio de obras sobre poetas, filósofos, historiadores e dramaturgos gregos.<sup>659</sup>

---

<sup>658</sup> Texto grego retirado de Hercher, 1971 = *TLG*.

<sup>659</sup> Cláudio Eliano teve seu *floruit* durante o governo do Imperador Septímio Severo (193-211) e provavelmente sobreviveu ao imperador Heliogábalo (que governou de 218 a 222). Eliano escreveu duas obras que conservam preciosas citações de autores do contrário perdidos, e que versam sobre os costumes da vida da população greco romana do período. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 18.

### 13.8/9.1-5

Λύσανδρον τὸν Λακεδαιμόνιον ἐν τῇ Ἰωνίᾳ διατρίβοντα τὰ Λυκούργου φασὶ νόμιμα ῥίψαντα ἐπίποντα ὄντα διατεθρύφθαι τὸν βίον. Λάμια γοῦν ἡ Ἀττικὴ ἐταίρα εἶπεν ‘οἱ ἐκ τῆς Ἑλλάδος λέοντες ἐν Ἐφέσῳ γεγόνασιν ἀλώπεκες’.

#### Tradução:

### 13.8/9.1-5

Dizem que Lisandro, o lacedemônio, ao viver na Jônia, rompeu com as leis de Licurgo, por serem difíceis, curtindo a vida adoidado. Por isso Lâmia, a *hetaira* ática, disse que "os leões da Hélade, em Éfeso, se tornaram raposas".

#### Comentário:

**Ἑλλάδος λέοντες ἐν Ἐφέσῳ γεγόνασιν ἀλώπεκες’**: segundo Copete, Aristófanes já havia mencionado esse provérbio em seu *Paz* 1189-1190: "pois muitas vezes me injuriaram, / sendo em casa leões, / mas na batalha, raposas".<sup>660</sup> Talvez a raposa fosse considerada um animal covarde, e por isso a comparação denigratória com os leões. Nem o *LSJ* nem o *Bailly* mencionam algo referente a um tal provérbio, e *Chantraine* diz apenas que a raposa era usada metaforicamente para indicar uma pessoa astuciosa.<sup>661</sup>

---

<sup>660</sup> Aristófanes, *Paz*, 1189-1190: Πολλὰ γὰρ δὴ μ' ἠδίκησαν, / ὄντες οἴκοι μὲν λέοντες, / ἐν μάχῃ δ' ἀλώπεκες. Cf. Claudio Eliano, 2006, p. 272, n. 12.

<sup>661</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 75; *Bailly*, ?, p. 38; *Chantraine*, , p. 68: "...employé au figuré pour désigner une personne rusée, etc" - ...empregada no figurado para designar uma pessoa astuciosa, etc.

---

## Ὀππιανός - Opiano da Cilícia II - III d.C.

---

### ἈΛΙΕΥΤΙΚΟΝ ΤΟ Α 360-373<sup>662</sup>

Κήτεια<sup>663</sup> δ' ὄβριμόγυια, πελώρια<sup>664</sup>, θαύματα πόντου, ἀλκῆ ἀμαιμακέτω βεβριθότα, δεῖμα μὲν ὄσσοις εἰσιδέειν, αἰεὶ δ' ὄλοῃ κεκορυθμένα λύσση, πολλὰ μὲν εὐρυπόροισιν ἐνιστρέφεται πελάγεσσιν, ἔνθα Ποσειδάωνος ἀτέκμαρτοι περιωπαί, παῦρα δὲ ῥηγμίνων σχεδὸν ἔρχεται, ὅσσα φέρουσιν ἠϊόνες βαρύθοντα καὶ οὐκ ἀπολείπεται ἄλμης· τῶν ἦτοι κρυερὸς τε λέων βλοσυρὴ τε ζύγαινα πορδάλιές τ' ὄλοαι καὶ φύσαλοι<sup>665</sup> αἰθυκτῆρες· ἐν δὲ μέλαν θύννων ζαμενὲς γένος, ἐν δὲ διαφοινὴ πρῆστις ἀταρτηρῆς τε δυσαντέα χάσματα λάμνης, μάλθη τ' οὐ μαλακῆσιν ἐπώνυμος ἀδρανίησι, κριοί<sup>666</sup> τ' ἀργαλέοι καὶ ἀπαίσιον ἄχθος ὑαίνης καὶ κύνες ἀρπακτῆρες ἀναιδέες·

### Tradução:

#### *Haliêutica* I.360-373

E os cetáceos de fortes nadadeiras, prodígio, maravilha do oceano, pesadões de força irresistível, para quantos um terror de se ver, sempre equipados de fúria destrutiva.

---

<sup>662</sup> Texto grego retirado de Mair, 1963 = *TLG*.

<sup>663</sup> κῆτος - em geral, "qualquer monstro marinho ou grande peixe", cf. *LSJ*, 1996, pp. 949-950. O editor de Harvard aponta que esse vocábulo era usado para indicar "baleias, golfinhos, focas, tubarões, atuns, e as grandes criaturas do mar, em geral", cf. Mair, 2002, pp. lxxvii-lxxviii e 203. Hoje, após uma especialização ao longo do tempo, o vocábulo é usado para designar os grandes mamíferos aquáticos: as baleias, os golfinhos e os botos, cf. Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 572-573.

<sup>664</sup> πέλωρ - esse substantivo neutro indica um "portento, prodígio, monstro", é usado sempre com uma conotação negativa pelos escritores mais antigos quando indica seres vivos: é usado para o Cíclope, para Cila, para a Górgona, para a cobra Pítton, para Hefesto. A partir dele deriva o adjetivo πελώριος, que é muito usado por Homero para caracterizar deuses e heróis; já pela tragédia não é muito usado, e aparece na comédia para fazer troça do estilo heróico e da linguagem rebuscada típica desse estilo; e é usado por Hesíodo com muita frequência para se referir à terra divinizada: Γαῖα πελώρη, cf. *LSJ*, 1996, p. 1358.

<sup>665</sup> φύσαλος - denomina um tipo de sapo e também um tipo de peixe que se inflama quando se sentem ameaçados, ambos venenosos. O *LSJ* supõe que o peixe seja da família dos Tetraodontidae, popularmente conhecidos no Brasil como baiacus; o substantivo deriva do verbo φυσάω, "soprar, inflar, ventar", cf. *LSJ*, 1996, p. 1963). Contudo, Mair identifica esse "monstro marinho" com o cachalote (*Physeter macrocephalus*), a única baleia que possui dentes, cf. Mair, 2002, p. 242.

<sup>666</sup> κριός - carneiro, e também um "monstro marinho", um tipo de navio, um tipo de marisco (mexilhão), uma parte de um sistema de irrigação, voluta, que é um tipo de ornamentação de capitéis de colunas, cf. Houaiss, 2010, p. 2881; e também *LSJ*, 1996, p. 1043. Mair identifica esses "monstros" com as orcas (*Orca gladiator*), cf. Mair, 2002, pp. 461 e 517.

Muitos movem-se no mar de largos caminhos, lá nas obscuras redondezas de Poseidon; poucos vêm próximo da arrebentação, de tantos quanto as praias suportam o peso e a água salgada não abandona. Dentre eles com certeza estão o cruel peixe-leão e o feroz tubarão-martelo, os destrutivos peixes-leopardo e os impetuosos *fissálios*; e neles a escura e irascível raça dos atuns, neles também o sanguinário peixe-serra, e a insuperável boca escancarada da maliciosa *lâmnia*, e a malta, que não é mole nem fraca como seu nome, os peixes-carneiro, que causam dor, o agourento fardo dos peixes-hiena, e também os caçães, bandidos desavergonhados.

### **Comentários:**

**Κήττα:** a tradução literal cetáceos, que hoje é usada para denominar a ordem dos grandes mamíferos marinhos (baleias, golfinhos), foi usada para a palavra grega κήττα, que é a palavra com que Opiano abre o parágrafo, numa demonstração de sua importância. Os "monstros marinhos" são listados por ele, incluídos aí o tubarão-martelo, "ζύγαινα", os caçães - "κύνες", e a *lâmnia*, "λάμνα".

**λάμνα** - este substantivo feminino é uma variante do *λάμια* que aparece com mais frequência neste trabalho, e remete à segunda acepção que lhe é atribuída no dicionário: "um tubarão feroz".<sup>667</sup> Mair, colocou uma nota ao substantivo *lámna*, em que afirma:

A *λάμια* de A., 540b17 σελάχη δ'έστι τά τε ειρημένα καὶ βοῦς καὶ λάμια; 621a20 ἔχουσι δ'όδόντας ἰσχυρούς (αἱ ἄμια), καὶ ἤδη ὄπται καὶ καθελκωθεῖσα; Athen. 306d Νίκανδρος...τὸν καρχαρίαν καλεῖσθαί φησι καὶ λάμιαν καὶ σκύλλαν; cf. Plin., ix.78. Um dos grandes tubarões, talvez *Lamna cornubica* Cuv. ou *Carcharodon lamia* Br., M.G. *λάμια*, *καρχαρίας*: "raro e excessivamente perigoso; alguns indivíduos dessa espécie atingem proporções enormes" (Apost., p. 4).<sup>668</sup>

A *lâmnia* é apresentada através de uma metonímia muito interessante: Opiano diz "a boca escancarada da *lámna*", usando a parte do corpo mais notável do animal para

<sup>667</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1027, "a fierce shark"; Mair, 2002, p. 520.

<sup>668</sup> Cf. Mair, 2002, p. 462: The *λάμια* of. A. [...] One of the larger Sharks, perhaps *Lamna cornubica* Cuv. or *Carcharodon lamia* Br., M.G. *λάμια*, *καρχαρίας*: "rare et excessivement dangereux; quelques individus de cette espèce atteignent des proportions énormes"[...], nossa tradução. Os trechos citados de A. (Aristóteles, *História dos animais*), Plin. (Plínio, *História natural*), Athen. (Ateneu, *Deipnosophistas*) e Ael. (Cláudio Eliano, *Da natureza dos animais*) estão traduzidos aqui neste trabalho (cf. nesta tese pp. 106-114, pp. 167-168; pp. 219-233, e pp. 262-263, respectivamente. Aristóteles e Plínio também podem ser vistos em Mortoza, 2013, pp. 71-78 e pp. 107-109, respectivamente).

denominar o todo. Assim, é possível perceber que a "boca escancarada" talvez fosse a característica desse animal que mais atraía a atenção dos observadores. O autor usa um substantivo neutro para ser o sujeito da enunciação: χάσμα.

**χάσμα:** substantivo neutro derivado do verbo χασμάομαι, "bocejar, escancarar", "especialmente sobre abrir a boca largamente", ou "escancarar a boca".<sup>669</sup>

Portanto, essa é a imagem que o autor quer passar da *lâmia*: um peixe monstruoso que investe contra sua presa com sua grande boca escancarada. Como a *lâmia* é identificada com o tubarão-branco, há boas imagens desse peixe que ilustram essa atitude.<sup>670</sup> Mas essa atitude não é exclusiva do tubarão-branco. Na verdade, tanto os anequins, quanto os tubarões-sardos, e todos os outros lamnídeos, atacam com as bocas escancaradas, com arcadas dentárias que se projetam para frente. Nelas, é possível visualizar as múltiplas fileiras (duas ou três) de dentes pontiagudos e serrilhados (que se renovam constantemente), próprios para perfurar e depois segurar a presa, enquanto o tubarão move vigorosamente a cabeça para despedaçá-la. Há inúmeros registros visuais que mostram os hábitos predatórios dos lamnídeos, em especial os do tubarão-branco, que se tornou algo como a "estrela" do grupo desde a estreia do filme *Jaws*, em 1975.<sup>671</sup>

---

### **ΑΙΙΕΥΤΙΚΟΝ ΤΟ Ε 28-40**

εἰσὶ δ' ἐνὶ τραφερῇ λάβροι κύνες<sup>672</sup>, ἀλλὰ κύνεσσιν εἰναλίοις οὐκ ἄν τις ἀναιδείην ἐρίσειε. πορδαλίων γαίης ὀλοὸν δάκος, ἀλλὰ θαλάσσης αἰνότερον. χέρσον μὲν ἐπιστείχουσιν ὕβριαι, πολλῶ δ' ἐν ῥοθίοις κρυερότεραι. οἱ μὲν ἔασι κριοὶ μηλονόμων τιθασὸν βοτόν, οὐ δὲ θαλάσσης κριοῖς μειλιχίοισι συνοίσειται, ὅς κε πελάσση. τίς δὲ

---

<sup>669</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1981, "espec. of opening the mouth wide".

<sup>670</sup> O nome científico do tubarão-branco é *Carcharodon carcharias*, cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 181-185.

<sup>671</sup> O tubarão-branco virou motivo de terror após a estreia do filme *Jaws*, de Steven Spielberg, 1975 (no Brasil, "Tubarão"), cf. imdb.com; Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 181-185.

<sup>672</sup> κύνες - como visto, essa espécie de tubarão pode ser identificada com o que se denomina cação no Brasil: um tipo mais comum de tubarão, menor e menos violento que os outros citados, cf. nesta tese Galeno, pp. 239-241. Aqui optou-se pela tradução por "cão" apenas para manter o contraste que o autor está fazendo entre os animais terrestres e marinhos de mesmo nome. Desse modo, as oposições cães da terra, cães do mar, leopardos da terra, leopardos do mar, leões da terra, leões do mar, que ele usa ao longo do livro V continuam em destaque.

τόσον γλούνης φορέει σθένος, ὅσσον ἄαπτοι λάμναι; τίς δὲ λέοντος ἐνὶ φρεσὶν αἴθεται ἀλκή, ὅσση ῥίγεδανῆσιν ἀνισώσαιτο ζυγαίαις; φώκην δὲ βλοσυρὴν καὶ ἐπὶ χθονὶ χαιτήεσσα ἄρκτοι πεφρίκασι καὶ ἐς μόθον ἀντιόωσαι δάμνανται· τοίοισι μέλει θήρεσσι θάλασσα.

### **Tradução:**

#### ***Haliêutica* V.28-40**

Existem em terra firme cães violentos, mas com os cães marinhos nenhum disputaria em sem-vergonhice. A mordida dos leopardos da terra é destrutiva, mas a dos do mar, mais terrível. Hienas uivam pelo árido, mas as nas muitas ondas dão mais calafrios. Os carneiros dos rebanhos são bestas mansas, mas os que porventura se encontrarem com os carneiros do mar verão que eles não são gentis. E quem possui a força do javali, tal qual as intocáveis *lâmias*? E quem a coragem acende no âmago do leão que o equipararia aos horríveis tubarões-martelo? E os ursos peludos tremem sobre a terra ante uma foca feroz, e são dominados se a enfrentam em batalha. O mar cuida de feras tais.

### **Comentário:**

**τραφερής, γαία, χερσός, χθόν, μηλονόμως** - todos são vocábulos usados para indicar terra seca, em oposição ao mar. Optamos por traduzir todos por "terra", já que o objetivo principal desse trecho do texto não é fazer uma distinção entre vários tipos de terra, mas entre terra e mar, de modo que não parece haver muita especificidade no uso dos variados substantivos. Pode ser que fosse apenas um preciosismo de Opiano. Pode ser que não, e que ele estivesse querendo fazer, além da distinção terra - água, especificações com relação ao tipo de terra que cada animal terrestre citado habita, o que não parece ser o caso, além de parecer ser algo irrelevante numa obra cujo nome significa "Sobre a pescaria" ou "Sobre a arte da pescaria".<sup>673</sup>

Opiano, além disso, se mostra consciente das equivalências feitas pelos autores antigos entre os animais terrestres e os aquáticos. Todavia, diferentemente de Aristóteles, Plínio e Ateneu, Opiano se posiciona em relação ao uso dessa nomenclatura, afirmando que, apesar de o nome ser o mesmo, os animais marinhos possuem um tipo de ferocidade inédito nos animais terrestres. E logo depois os

---

<sup>673</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 65, que cita o uso feito por Platão dessa palavra: ἡ ἀλιευτική ου ἡ ἀλιευτική τέχνη, "a arte da pesca".

denomina "feras" (θήρεςσι), incluindo-os, com isso, mais uma vez, na tradição do monstro marinho grego (já o havia feito antes ao colocar todos dentro do grupo dos "cetáceos" – κῆτεα). Contudo, Opiano sabe que até mesmo os monstros marinhos podem ser subjugados pelos humanos, e relata, no livro V de sua *Haliêutica*, os métodos utilizados para a pescaria deles. Os filhotes de *lâmia*, inclusive, segundo ele, são facilmente pescáveis, e caem nas armadilhas dos pescadores justamente por causa de sua ferocidade e ousadia desmedidas, como veremos a seguir.

---

### E 358-364

Λάμνης δὲ σκύμνοισιν ὄτ' ἀντήσωσ' ἀλιῆες, πολλάκι καὶ τροπὸν αὐτόν, ἐπαρτέα δεσμὸν ἔρετροῦ, λυσάμενοι προὔτειναν ἐν οἴδμασιν· ἢ δ' ἐσιδοῦσα ἔσσυτο καὶ γενύων προΐει μένος, αἴψα δὲ σειρῆ ἔνσχόμενοι μίμνουσιν ἅτ' ἐν δεσμοῖσιν ὀδόντες ἀγκύλοι· ἔνθεν ἔπειτα πόνος ῥήϊστος ὀλέσσαι λάμνην τριγλώχινος ὑπὸ ῥιπῆσι σιδήρου.

### Tradução:

#### V.358-364

Os pescadores que se deparam com as crias de *lâmia* muitas vezes afrouxam a própria correia, a que prende a amarra do remo, e soltos avançam nas ondas. Mas ela, vendo, apressa-se e desata o poder de suas mandíbulas: os dentes recurvos ficam imediatamente seguros, visto que se prendem em amarras. Depois disso é trabalho fácil destruir uma *lâmia* sob golpes de um tridente de ferro.

### Comentário:

**λάμνη:** Opiano dá lições de como capturar os tais "monstros marinhos" dos quais trata no livro, nessa parte do capítulo V: descreve como os pescadores fazem para pescar *lâmias* jovens. O autor, no trecho, trabalha com o elemento surpresa iniciando a frase com a *lâmia*, inserindo o verbo ἀντάω, adequado para o campo semântico do combate. Na sequência, constrói uma gradação com os verbos λύω, σεύω, προΐημι para ampliar o *suspense*, que termina de modo favorável para os pescadores.

Assim, Opiano vai começando a refletir sobre a ciência que ficou conhecida como ecologia: o manejo das espécies, após confirmada a superioridade humana. Não

obstante, já que está escrevendo um livro sobre pescaria, Opiano deixa claro que o homem, ao trabalhar em grupo e deter tecnologia e intelecto mais avançado, pode até mesmo "dar cabo" dos temíveis "monstros" marinhos. Assim como também o fazem os bonitos de Aristóteles, que, juntos, enfrentam um dos maiores predadores do Mediterrâneo, a *lâmnia*.<sup>674</sup>

A taxonomia moderna se apropriou do sinônimo de *lâmnia* usado por Opiano da Cilícia, *λάμνα* (*lâmna*), para denominar três categorias dentro do Sistema de Classificação Biológica dos peixes: uma ordem, a dos Lamniformes, uma família, a dos Lamnídeos, e um gênero, *Lamna*, que engloba duas espécies, *Lamna ditropis* e *Lamna nasus*.<sup>675</sup> Assim, a classificação biológica dos peixes que poderiam ser identificados com a *lâmnia* dos antigos ficaria assim: Reino Animal, Filo Cordados, Classe Condricídeos, Sub-classe Elasmobrânquios, Ordem Lamniformes, Família dos Lamnídeos, os nomes dos gêneros e espécies variando entre os cinco diferentes integrantes da família.<sup>676</sup>

Agrupados nos Lamniformes estão tubarões cilíndricos, com cinco guelras, barbatana anal presente, duas barbatanas dorsais sem espinhos, boca localizada atrás da linha frontal dos olhos, e sem terceira pálpebra.<sup>677</sup> Nela estão contidos sete famílias, dez gêneros e quinze espécies de tubarões que vivem em águas profundas, chamados pelágicos.<sup>678</sup>

A distribuição geográfica desses peixes é espalhada, porém estão mais concentrados em águas quentes, apesar de haver espécies que preferem viver em águas geladas. Não há espécies que ocorrem em água doce. Algumas espécies são migratórias, de nadadores rápidos como os da família dos Lamnídeos (o tubarão-mako é considerado o peixe mais veloz do mundo), algumas habitam o fundo do oceano, e são lentas, como o tubarão-boca-grande e o tubarão-areia. Algumas espécies caçam em conjunto, algumas solitariamente, como o tubarão-branco. Há

---

<sup>674</sup> Cf. nesta tese, Aristóteles, pp. 108-110.

<sup>675</sup> Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 15-16, 59, 175 e 181-185, e lâmina 30.

<sup>676</sup> No Reino animal estão agrupados os animais; no Filo dos Cordados, os animais que desenvolvem uma notocorda durante sua gestação (que se transforma, no subfilo dos vertebrados, na espinha dorsal), a presença de uma cauda muscular que se localiza após a região anal (que desaparece em alguns cordados, como é o caso dos humanos), fendas faríngeas, além de outras características. Cf. Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 16-18.

<sup>677</sup> Sobre a terceira pálpebra, ou membrana nictitante, ou nictante, cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 21, 26, 32.

<sup>678</sup> Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 175-185; cf. fishbase.org para os nomes comuns das espécies. Para *πέλαγος* cf. *LSJ*, 1996, p. 1356. Cf. nesta tese "Anexos", "Tabelas", Tabela 6.2: Ordem dos Lamniformes, p. 324; e Tabela 6.3: Família dos Lamnídeos, pp. 324-327.

predadores de topo de cadeia alimentar, como todos os Lamnídeos, mas também há filtradores, que se alimentam filtrando a água do mar, como o tubarão-peregrino. São ovovivíparos, e praticam tanto a ingestão dos ovos não fertilizados pelos fetos, quanto o canibalismo intrauterino.<sup>679</sup>

Sua dieta é muito variada, abrangendo de plâncton a mamíferos marinhos, aves, répteis e até mesmo outros tubarões, pratos comuns dos maiores representantes da ordem.<sup>680</sup> Essa ordem tem tubarões de muita importância comercial por variadas razões, desde sua apreciação no mercado gastronômico pela famosa sopa de barbatana, até seu papel como estrelas de documentários de redes televisivas.<sup>681</sup> Apenas uma das espécies é mantida em aquários mundo afora. Em termos de conservação, há algumas espécies parcamente monitoradas, enquanto a maioria das espécies está em risco de extinção devido, entre outros fatores, à pesca predatória por causa da tal sopa e pela ignorância das pessoas que, amedrontadas pelo que desconhecem, decidem que a melhor solução, ao invés do estudo, é o extermínio.<sup>682</sup>

Tanto o tubarão-branco quanto o tubarão-mako pertencem à família dos Lamnídeos.<sup>683</sup> Essa família engloba os espécimes de corpo fusiforme (parecem torpedos) e nariz pontudo, particularmente ferozes e com várias fileiras de dentes

---

<sup>679</sup> A ovoviviparidade é uma estratégia de 25% das espécies de tubarões: a fêmea retém os ovos até que eles eclodam sãos e salvos dentro dela. Ela então dá à luz filhotes completos, miniaturas dos adultos. Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, p. 40; Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 38 e 111.

<sup>680</sup> Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 16 e 175, para todas essas informações.

<sup>681</sup> De acordo com Compagno e Fowler, a barbatana é apreciada por sua consistência. O tecido conjuntivo que compõe a barbatana é resistente e macio, e dura muito tempo quando armazenado. É esse tecido que constitui a iguaria da sopa. Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, p. 23, 45-46.

<sup>682</sup> Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 43-53 e 175, *Status*.

<sup>683</sup> Baseando-se na classificação dos animais feita por Aristóteles, cientistas modernos, que chamaremos genericamente de "a Modernidade", desenvolveram um sistema de classificação biológica, que pretendia agrupar os animais e as plantas, segundo suas semelhanças, em grupos (A sistemática se baseou primeiramente no sistema de classificação de Carlos Lineu (Carl von Linné), um naturalista sueco que desenvolveu um sistema binomial de classificação que se baseava na morfologia dos animais. Contudo, o sistema foi modificado inúmeras vezes com o passar dos anos, sempre que um critério classificatório se mostrava insuficiente, como foi o caso da morfologia. Lineu é considerado o pai da taxonomia e da ecologia modernas. Cf. Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 1, e 6-11). Apesar de mudanças contínuas terem acontecido, o sistema definiu padrões únicos para a catalogação das espécies animais e vegetais do Planeta, estabelecendo padrões de agrupamentos que facilitaram a descrição e catalogação das espécies. Ele dividiu toda a fauna e flora do Planeta nos seguintes grupos hierarquizados: reino, filo, classe, ordem, família, gênero e espécie (essas categorias também variam muito, mas para o objetivo desta tese, que é apenas informar rapidamente sobre os tubarões modernos, a divisão adotada é a mais útil e simples). O reino Animal tem um filo onde estão agrupados todos os peixes, e nele há uma classe na qual estão agrupados os peixes cartilagosos, que é a classe dos condríctios (cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, p. 22; Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 3-4, 101-117). Os tubarões e arraias são parte de uma subclasse chamada elasmobrânquios (de brânquias em forma de placas, cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 15-16. As brânquias são os órgãos que permitem as trocas gasosas com o meio ambiente nesses animais. Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, p. 28).

serrilhados na boca. Essa família tem 5 espécies diferentes divididas em 3 gêneros: *Carcharodon*, *Isurus* e *Lamna*.<sup>684</sup>

Duas das espécies da família dos Lamnídeos são comumente denominadas *lâmnia* pelos gregos modernos: o tubarão-branco, e o tubarão-sardo português, ou marracho, no Brasil. Além disso, apenas três das espécies podem ser encontradas no Mediterrâneo: o tubarão-branco, o mako, e o tubarão-sardo, de modo que apenas essas três poderiam ser a *λάμια*.

Segundo os especialistas, esses são animais que estão no mundo há milhões de anos, e seus hábitos e comportamentos não mudaram muito desde sua última evolução, há quatrocentos milhões de anos atrás, quando se dividiram nos dois grupos principais de peixes: os condríctios, peixes de esqueleto cartilaginoso e sem escamas, e os osteíctios, peixes que têm ossos e escamas em forma de placas. Obviamente, muitas das espécies foram extintas com o passar dos anos, mas muitas sobreviveram, se adaptaram, e habitam os mares até hoje. O registro fóssil para tubarões e arraias indica que três mil espécies foram extintas nesse período de tempo, enquanto acredita-se que mil e cem espécies ainda estejam presentes nas águas do Planeta. Como afirmam Compagno e Fowler, algumas das espécies de tubarões extintas há 150 milhões de anos são exatamente idênticas às que hoje habitam mares, rios e lagoas.<sup>685</sup> Portanto, o mais provável é que Aristóteles, Plínio, Ateneu, Galeno, Opiano e Oribásio tenham contemplado os mesmos tubarões que nós hoje contemplamos.

---

<sup>684</sup> Cf. *LJS*, 1996, p. 1027; Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 106-110; Storer, Usinger, Stebbins & Nybakken, 2003, pp. 584-593, a partir da p. 591 está a classificação dos peixes cartilaginosos.

<sup>685</sup> Para todas essas informações, cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 17-18; Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 70 e 72.

---

## *Οἱ Σιβυλλιακοὶ Χρησμοί - Os Oráculos*

### *Sibilinos II a IV d.C.*

---

#### *Οἱ Σιβυλλιακοὶ Χρησμοί P.29-50*<sup>686</sup>

Σίβυλλα δὲ Ῥωμαϊκὴ λέξις ἐρμηνευομένη προφήτις ἤγουν μάντις· ὅθεν ἐνὶ ὀνόματι αἰθήλειαί μάντιδες ὠνομάσθησαν, Σίβυλλαι τοίνυν, ὡς πολλοὶ ἔγραψαν, γεγόνασιν ἐν διαφόροις χρόνοις καὶ τόποις τὸν ἀριθμὸν δέκα. πρώτη οὖν ἡ Χαλδαία ἤγουν ἡ Περσίς ἡ κυρίῳ ὀνόματι καλουμένη Σαμβήθη, ἐκ τοῦ γένους οὔσα τοῦ μακαριωτάτου Νῶε, ἡ τὰ κατὰ Ἀλέξανδρον τὸν Μακεδόνα λεγομένη προειρηκέναι· ἥς μνημονεῦει Νικάνωρ ὁ τὸν Ἀλεξάνδρου βίον ιστορήσας· δευτέρα Λίβυσσα, ἥς μνήμην ἐποιήσατο Εὐριπίδης ἐν τῷ προλόγῳ τῆς Λαμίας· τρίτη Δελφίς ἡ ἐν Δελφοῖς τεχθεῖσα, περὶ ἥς εἶπε Χρῦσιππος ἐν τῷ περὶ θεότητος βιβλίῳ· τετάρτη ἡ Ἰταλικὴ ἡ ἐν Κιμμερία τῆς Ἰταλίας, ἥς υἱὸς ἐγένετο Εὐάνδρος ὁ τὸ ἐν Ῥώμῃ τοῦ Πανὸς ἱερὸν τὸ καλούμενον Λούπερκον κτίσας· πέμπτη ἡ Ἐρυθραία ἡ καὶ περὶ τοῦ Τρωικοῦ προειρηκυῖα πολέμου, περὶ ἥς Ἀπολλόδωρος ὁ Ἐρυθραῖος διαβεβαιοῦται· ἕκτη ἡ Σαμία ἡ κυρίῳ ὀνόματι καλουμένη Φυτώ, περὶ ἥς ἔγραψεν Ἐρατοσθένης· ἑβδόμη ἡ Κυμαία ἡ λεγομένη Ἀμάλθεια ἡ καὶ Ἐροφίλη, παρά τισι δὲ Ταραξάνδρα· Βεργίλιος δὲ τὴν Κυμαίαν Δηφόβην καλεῖ Γλαύκου θυγατέρα· ὀγδόη ἡ Ἑλλησποντία τεχθεῖσα ἐν κώμῃ Μαρμησσῶ περὶ τὴν πολίχνην Γεργιτίονα, ἥτις ἐνορία ποτὲ Τρωάδος ἐτύγχανεν ἐν καιροῖς Σόλωνος καὶ Κύρου, ὡς ἔγραψεν Ἡρακλείδης ὁ Ποντικός· ἐνάτη ἡ Φρυγία· δεκάτη ἡ Τιβουρτία ὀνόματι Ἀβουναία.

#### **Tradução:**

#### ***Os oráculos sibilinos P.29-50***

Sibila é uma palavra romana que significa profetisa, ou melhor, vidente. Desde que as videntes femininas foram chamadas por um nome, são, desse modo, sibilas. Como muitos escreveram, nasceram em tempos e lugares diferentes, e existiram em número de dez. A primeira então foi a caldeia, ou melhor, a persa, a que era chamada pelo nome próprio de Sambete, que era da família do mais abençoado de todos, Noé, e que

---

<sup>686</sup> Texto grego retirado de Geffcken, 1902 = *TLG*.

previu dizendo as coisas sobre Alexandre, o macedônio. Nicanor, o que narrou a vida de Alexandre, lembra dela. A segunda era líbia, da qual Eurípides faz lembrança no prólogo da sua *Lâmia*. A terceira era délfica, que em Delfos foi trazida ao mundo, e sobre a qual Crisipo trata em seu livro sobre a divindade. A quarta era italiana, a que nasceu na Ciméria da Itália, da qual um filho surgiu, Evandro, que em Roma fundou um templo de Pan chamado Lupercos. A quinta era eritreia, a que previu a guerra de Troia. A respeito dela Apolodoro, o eritreu, dá confirmação. A sexta era sâmia, chamada pelo nome próprio de Fitó. Eratóstenes escreveu a seu respeito. A sétima era cimeia, a que foi chamada Amalteia e também Erofile, e ainda, por alguns, Taraxandra. Virgílio chama a cimeia Deífobe e diz que ela era filha de Glauco. A oitava era helespôntia e veio à luz no vilarejo de Marmesso, nos arredores da fortaleza de Gergito, que tinha território extenso na Tróade nos tempos de Sólon e Ciro, como escreveu Heráclides, o pântico. A nona era frígia. A décima era tibúrcia, com o nome de Abuneia.

### **Comentário:**

**Σίβυλλα:** o trecho acima fornece informações gerais a respeito das sibilas, seu número, seus locais de origem, seus nomes, e até mesmo sua filiação, quando possível. O trecho também nos informa os autores que falaram de cada sibila, e o maior feito de algumas delas. É idêntico ao trecho que Lactâncio cita como obra de Varrão, num livro que este teria escrito em homenagem a Júlio César.<sup>687</sup>

A obra se refere à segunda sibila como aquela que se originou na Líbia, e da qual Eurípides trata no prólogo de sua peça chamada *Lâmia*. Essa informação é valiosa: Eurípides então teria de fato escrito uma peça intitulada *Lâmia*, no prólogo da qual mencionaria a sibila de alguma maneira. Assim, por estar sendo mencionada numa peça cujo nome é *Lâmia*, pode-se supor que havia alguma ligação entre a personagem título da peça e a sibila, como afirmam os vários autores que disseram que a sibila era filha da Lâmia, filha de Poseidon.<sup>688</sup>

---

<sup>687</sup> Cf. o comentário de Lactâncio em Eurípides, pp. 66-67 desta tese; Bowen & Garnsey, 2004, pp. 17-21 afirmam que "os *Oráculos sibílicos*, como os temos, são 4230 linhas de hexâmetros gregos divididos em 14 livros (mas os números 9 e 10 estão perdidos, e o 8 faz o trabalho de três livros)" - "the Sibylline Oracles, as we have them, are 4230 lines of Greek hexameters divided into 14 books (but numbers 9 and 10 are lost, and 8 does duty for three books)". Cf. nosso comentário à palavra Σίβυλλα nesta tese em Pausânias, pp. 207-208.

<sup>688</sup> Cf. nesta tese Díon Crisóstomo, pp. 170-172; Plutarco, pp. 173-194; Pausânias, pp. 198-208; Clemente de Alexandria, pp. 242-244; *Oráculos sibílicos*, pp. 272-273; Lactâncio-Varrão, *apud* Eurípides, pp. 66-67; cf. ainda Grimal, 2005, p. 265.

---

# Διογένης Λαέρτιος - Diógenes Laércio

## ca. 200 - 250 (?)

---

*Βίοι καὶ γνῶμαι τῶν ἐν φιλοσοφίᾳ εὐδοκμησάντων 4.9.8-14*<sup>689</sup>

ἀλλὰ καὶ πρεσβέων πρὸς Ἀντίπατρον περὶ αἰχμαλώτων Ἀθηναίων κατὰ τὸν Λαμιακὸν πόλεμον, καὶ κληθεὶς ἐπὶ δεῖπνον πρὸς αὐτὸν προηγέκατο ταυτί·

ὦ Κίρκη, τίς γάρ κεν ἀνὴρ, ὃς ἐναΐσιμος εἶη,  
πρὶν τλαίῃ πάσασθαι ἐδητύος ἠδὲ ποτήτος  
πρὶν λύσασθ' ἐτάρους καὶ ἐν ὀφθαλμοῖσιν ιδέσθαι;

καὶ τὸν ἀποδεξάμενον τὴν εὐστοχίαν εὐθὺς ἀνεῖναι.

### Tradução:

*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres 4.9.8-14*

Mas quando foi pleitear junto a Antípatro pelos prisioneiros atenienses da guerra lamíaca, tendo sido convidado para jantar junto à ele, proclamou o seguinte:

Ó Circe, pois qual homem que fosse correto  
poderia suportar desfrutar de comida e de bebida  
antes de soltar os companheiros e contemplá-los com os olhos?<sup>690</sup>

E Antípatro, aprovando sua sagacidade, libertou-os imediatamente.

### Comentário:

O trecho acima relata uma das muitas façanhas do filósofo Xenócrates, narrando sua atuação na embaixada que foi pedir a libertação dos prisioneiros da guerra de Lâmia a Antípatro, e o desfecho bem sucedido dessa embaixada, graças à inteligência de Xenócrates.<sup>691</sup>

---

<sup>689</sup> Texto grego retirado de Long, 1966 = *TLG*.

<sup>690</sup> Cf. Homero, *Odisseia*, X.383 – 5.

<sup>691</sup> Xenócrates viveu entre 396/5 e 314, e foi um respeitado filósofo e matemático grego, tendo sido, inclusive, diretor da Academia de 339/8 até a data de sua morte. Ele seguiu os ensinamentos de Platão, mas procurou definir seus pensamentos com a matemática, procurando obter algo mais concreto que a pura abstração platônica, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1628.

---

### 5.76.1-5

[...],καίπερ οὐκ εὐγενῆς ὤν. ἦν γὰρ ἐκ τῆς Κόνωνος οἰκίας, ὡς Φαβωρίνος ἐν πρώτῳ τῶν Ἀπομνημονευμάτων φησίν, ἀλλ' ἄστῃ καὶ εὐγενεῖ συνώκει Λαμία τῇ ἐρωμένη, καθάπερ ὁ αὐτὸς ἐν τῷ πρώτῳ φησίν·

#### **Tradução:**

### 5.76.1-5

[...], contudo, não era nobre. Era pois da casa de Conon, como diz Favorino no primeiro livro do seu *Memórias*: mas vivia junto com a refinada e nobre Lâmia, que era a amada dele, como também nos diz o mesmo em seu primeiro livro.<sup>692</sup>

#### **Comentário:**

Esse é o mesmo trecho que aparece citado, traduzido e comentado na parte desta tese dedicada a Favorino de Arélate.<sup>693</sup> Esse trecho pertence ao verbete que Diógenes dedica a Demétrio de Falero, que foi aluno de Teofrasto, e que acabou governando Atenas, em nome de Cassandro, por dez anos.<sup>694</sup> A partir desse trecho podemos supor que havia uma outra Lâmia em Atenas naquele período, uma cidadã nobre, amante de Demétrio de Falero. Essa Lâmia não parece ser a mesma Lâmia que se tornou amante de Demétrio Poliorcetes, que retirou Demétrio de Falero do poder, e à qual os autores se referem como sendo uma *hetaira*.<sup>695</sup>

---

<sup>692</sup> Cf. *FHG*, III.578.

<sup>693</sup> Cf. nesta tese Favorino de Arélate, p. 195.

<sup>694</sup> Demétrio de Falero foi um filósofo peripatético, aluno de Teofrasto, que foi feito governador de Atenas por Cassandro em 318 a.C., função que exerceu por 10 anos até ser destituído por Demétrio Poliorcetes, em 307 a.C. Demétrio de Falero fugiu para a Beócia, e em 297 a.C. era o bibliotecário da Biblioteca de Alexandria, onde morreu. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 448.

<sup>695</sup> Cf. nesta tese Demócares, pp. 115-116; Mácon, pp. 127-128; Filarco, p. 129; Polemon, pp. 130-131; Plutarco, *Demétrio*, pp. 173-185; Clemente de Alexandria, pp. 242-244; Alcifron, pp. 249-253; e Cláudio Eliano, pp. 262-263.

---

## Εὐσέβιος Καισαρείας - Eusébio de Cesárea

263 - 339

---

*ΕΥΣΕΒΙΟΥ ΤΟΥ ΠΑΜΦΙΛΟΥ ΠΡΟΣ ΤΑ ΥΠΟ ΦΙΛΟΣΤΡΑΤΟΥ ΕΙΣ ΑΠΟΛΛΩΝΙΟΝ ΤΟΝ ΤΥΑΝΕΑ ΔΙΑ ΤΗΝ ΙΕΡΟΚΛΕΙ ΠΑΡΑΛΗΦΘΕΙΣΑΝ ΑΥΤΟΥ ΤΕ ΚΑΙ ΤΟΥ ΧΡΙΣΤΟΥ ΣΥΓΚΡΙΣΙΝ 393.22-29*<sup>696</sup>

τὸ μέντοι πέμπτον καὶ ἕκτον θαῦμα οὐ πολλῆς (ἀν) δέοιτο τοῦ λόγου διατριβῆς εἰς ἔνδειξιν τῆς τοῦ γράφοντος εὐχερείας· δαίμονας γὰρ ἀπελαύνει ἄλλω ἄλλον, ἢ φασι, δαίμονι, τὸν μὲν γὰρ ἐξ ἀκολάστου μεираκίου, τὸν δὲ ἐπιπλάστως εἰς γυναικεῖαν μορφήν σχηματιζόμενον, τουτονὶ δὲ τὸν δαίμονα ἔμπουσαν καὶ λάμιαν αὐτοῖς ὀνόμασιν ὁ σοφώτατος ἀποκαλεῖ.

### Tradução:

*Contra Hiérocles (ou De Eusébio filho de Pânfilo contra a [obra] de Filóstrato sobre Apolônio de Tiana por causa do paralelo feito sobre a formação dele e de Cristo por Hiérocles) 393.22-29*

Contudo, o quinto e o sexto milagres não precisariam de muitas explicações do discurso como prova da credulidade do escritor, pois, como dizem, expulsou um demônio com outro demônio. Um, o de um jovem indisciplinado, e outro, que tinha assumido falsamente uma forma feminina, e esse demônio o "sabichão" chamou pelos mesmos nomes de empusa e *lâmia*.

### Comentário:

O *Contra Hiérocles* é uma obra dirigida a Hiérocles, governador romano, criticando a glorificação de Apolônio de Tiana num texto anterior.<sup>697</sup> Há um debate acirrado a respeito da autenticidade da obra, que muitos estudiosos consideram como trabalho de outro autor. No trecho em questão, Eusébio critica os "milagres" que Filóstrato atribui

---

<sup>696</sup> Texto grego retirado de Kayser, 1964 = *TLG*.

<sup>697</sup> Boa parte da extensa obra de Eusébio de Cesareia chegou aos dias de hoje. O conteúdo desses textos é fundamental para a determinação dos escritos de outros autores, já que Eusébio foi muito meticoloso em suas citações. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, pp. 575-576.

a Apolônio, cujos episódios se passam no livro quarto da obra. O sexto milagre é a salvação do aprendiz de filósofo Menipo, que estava prestes a se casar com uma *lâmia*, ou empusa, ou ainda, mormólice, como Filóstrato a denomina.<sup>698</sup>

---

### 399.19-25

καὶ τοῦ ἀσελγοῦς δὲ μαιρακίου σαφῶς ἔνοικον δαίμονα, καὶ πάλιν, ἦν ἔφησεν ἔμπουσαν τε καὶ λάμιαν ἐμπεπαρωνηκέναι τῷ Μενίπῳ, μείζονι τάχ' ἴσως ἐξελήλακε δαίμονι, ὁμοίως τε αὖ καὶ τὸν τὰς φρένας παρατραπέντα νεανίαν ὑπὸ τοῦ λυττῶντος κυνὸς αὐτόν τε τὸν δαιμονῶντα κύνα τῇ αὐτῇ μετήλλαξε μεθόδῳ.

### Tradução:

#### 399.19-25

Então, o rapaz licencioso estava claramente possuído por um demônio, e antes, esse e a empusa, e também *lâmia*, que disse ter abusado de Menipo, rápida e igualmente expulsou, com um demônio maior ainda; e de novo, de maneira similar, reestabeleceu tanto o rapaz cujo ânimo havia sido alterado pelo cachorro louco, quanto o próprio cachorro endemoniado, com o mesmo método.

### Comentário:

**τῇ αὐτῇ μεθόδῳ - μείζονι δαίμονι:** Eusébio, no trecho acima, está criticando a metodologia de combate de seres extraordinários de Apolônio, que afirma usar um demônio maior ainda para curar pessoas e animais possuídos.<sup>699</sup> Podemos notar que Eusébio já emprega a palavra grega δαίμων na esfera do mal, e por isso a traduzimos como demônio, e não "espírito", "divindade", ou qualquer outra das palavras canônicas já usadas para traduzir essa palavra, em particular quando ela aparece nos autores mais antigos.<sup>700</sup> Nos autores cristãos, essa palavra já apresenta a carga

---

<sup>698</sup> Cf. Filóstrato, *Vida de Apolônio de Tiana*, 4.25, neste trabalho, pp. 254-261.

<sup>699</sup> Cf. Filóstrato, *Vida de Apolônio de Tiana*, 4.25 para o episódio da empusa/*lâmia*.

<sup>700</sup> δαίμων - a primeira acepção da palavra é "deus", ou "relativo ao poder divino", "divindade"; depois passou a nomear "o poder controlando o destino de cada um, fortuna"; o que levou à representação de "seres que personificavam o destino bom ou mau de cada um"; daí foi usada para nomear os "heróis de eras passadas como divindades tutelares de cada casa"; passou depois então a nomear "seres espirituais inferiores aos deuses"; e a partir daí, finalmente, sua significação chegou no "ser espiritual maligno, mau" (*LSJ*, 1996, pp. 365-366; Chantraine, 2009, pp. 236-237); cf. a "Introdução" desta tese, p. 10, especialmente n. 29, em que um pequeno estudo filológico sobre essa palavra foi feito.

maléfica que carrega até hoje, e é essa a crítica que Eusébio faz a Apolônio: de que ele fez uso de um demônio mais graduado, vamos dizer, para se livrar de demônios menos graduados. Essa é uma referência ao fato de Filóstrato ter dito que Apolônio rezava sempre para que Hércules o ajudasse a combater tais espíritos malignos. O que implica que a palavra δαίμων, em Filóstrato, pode ter os dois sentidos: tanto divindade quanto espírito maléfico. Todavia, nesse último autor essa palavra ainda não está imbuída dessa ideia de adversário do bem, como é o caso nos autores cristãos.

---

# Ἡράκλειτος - Heráclito

## supõe-se que entre II e III d.C. (?)

---

### *Περὶ Ἀπίστευτον - Περὶ Λαμίας*<sup>701</sup>

Ἱστοροῦσιν ὅτι, Διὸς αὐτῇ συμμιγέντος, Ἥρα ἀπεθηρίωσεν αὐτήν, καὶ ὅτι ἠνίκα ἂν μανῆ, τοὺς ὀφθαλμοὺς ἐξαιρεῖ καὶ εἰς κοτύλην βάλλει, καὶ ὅτι σαρκοφαγεῖ καὶ ἀνθρώπους ἐσθίει. εἴη δ' ἂν τάδε. καλῆ αὐτῇ οὖση ὁ Ζεὺς ἐπλησίασε βασιλεύων, Ἥρα δὲ συναρπάζουσα αὐτήν, τοὺς ὀφθαλμοὺς ἐξώρυξε καὶ εἰς τὰ ὄρη ἔρριπεν· ὅθεν ἐπιπόνως ἔζη ἐπικουρουμένη δὲ οὐδέν· <διὰ δὲ τὸ> ὑπὸ ταῖς ἐρημίαις καταγνομένην αὐτήν ἄλουτον καὶ ἀθεράπευτον εἶναι, ἐδόκει θηρίον ὑπάρχειν.

### **Tradução:**

#### *Sobre o inacreditável - Sobre Lâmia*

Contam que depois que Zeus transou com ela, Hera a bestializou; que sempre que se enfurece, arranca os próprios olhos e os atira numa copa; e que é carnívora e come humanos. Mas poderia ser assim: por ser bela, o rei Zeus achegou-se a ela, e Hera, raptando-a, arrancou-lhe os olhos e os jogou nas montanhas. Lá ela vivia penosamente, sem ajuda para nada. Assim, por viver em desolações e estar sem banho e sem cuidados, parecia ser uma fera.

### **Comentário:**

**Περὶ Λαμίας:** Heráclito está fazendo uma interpretação racionalista do mito da Lâmia líbia que vira monstro, assim como Diodoro Sículo.<sup>702</sup> Segundo Jacob Stern, os séculos I e II foram ricos em interpretações racionalistas e alegorísticas dos mitos por parte dos autores. Heráclito provavelmente viveu por esta época, pois seu texto se enquadra nessa tradição, e apresenta todas as maneiras antigas de interpretação dos

---

<sup>701</sup> Texto grego retirado de Festa, 1902 = *TLG*. O texto de Heráclito está preservado em um único manuscrito, o *Vaticano 305*, do século XIII (Stern, 2003, p. 51).

<sup>702</sup> Cf. Stern, 2003, pp. 51-62; cf. nesta tese Diodoro Sículo, pp. 140-151, onde nós fizemos um comentário rápido sobre as estratégias de interpretação dos mitos apontadas por Stern (racionalização, evemerismo, alegoria e etimologia).

mitos (racionalização, evemerismo, alegoria e etimologia), o que faz dele um conjunto de apontamentos muito especial, de acordo com Stern:

Na verdade, o breve texto de Heráclito Paradoxógrafo é único na gama de interpretações que oferece para os mitos que cita; e correspondentemente, seu interesse primário para estudantes de mitologia é que ele exemplifica, em um breve compasso, uma tal gama de estratégias antigas para a interpretação dos mitos.<sup>703</sup>

Portanto, o texto de Heráclito, embora pequeno e organizado em várias histórias curtas, demonstra ser extremamente valioso para os interessados.

A historieta em análise apresenta quatro verbos usados com o mesmo sentido: dois para indicar que Zeus manteve relações sexuais com Lâmia, são eles συμμίγνυμι e πλησιάζω. O primeiro tem uma acepção mais específica de "misturar-se com", enquanto o segundo indica "trazer para perto, aproximar-se de", mas ambos mantêm um sentido sexual.<sup>704</sup> Contudo, optou-se por manter a diferença entre os dois vocábulos na tradução. Por sua vez, os outros dois verbos são usados para indicar a ação de comer, e são eles ἐσθίω e σαρκοφαγέω. No caso da *lâmia*, eles indicam sua ação de comer seres humanos. Σαρκοφαγέω significa "comer carne, ser carnívoro", e desse verbo deriva um adjetivo, σαρκοφάγος, -ον, que tem acepção não apenas de "comedor de carne, carnívoro", mas também de "canibal".<sup>705</sup> Ἐσθίω é "comer, devorar, consumir".<sup>706</sup>

---

<sup>703</sup> Stern, 2003, p. 55: "In truth, the brief text of Heraclitus the Paradoxographer is unique in the range of interpretations that it offers for the myths that it cites; and correspondingly its primary interest for students of mythology is that it exemplifies in brief compass such a range of ancient strategies for the interpretation of myth". Da p. 51 à p. 55, Stern trata apenas do estabelecimento do texto e das tentativas de datação tanto dele quanto do autor, e afirma quão especial é o texto de Heráclito, devido ao seu escopo interpretativo, pois utiliza todos os quatro métodos acima citados. É um dos únicos textos antigos que oferece essa possibilidade.

<sup>704</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 1678, sob a forma συμμίγνυμι; cf. também *LSJ*, 1996, p. 1420.

<sup>705</sup> Cf. *LSJ*, 1996, pp. 1584-1585.

<sup>706</sup> Cf. *LSJ*, 1996, p. 696.

---

# Eusebius Hieronymus - São Jerônimo

*ca. 347 - 420*

---

**VULGATA, Isaías 34.14-15**<sup>707</sup>

Et occurent daimonia onocentauris

Et pilosus clamabit alter alterum;

Ibi cubavit lamia,

Et inuenit sibi requiem

## **Tradução:**

**Coisas populares, Isaías 34.14-15**

E encontram-se demônios com onocentauros,

e um peludo bradará para o outro:

ali se deitou a lâmia,

e encontrou para si repouso

## **Comentário:**

**lamia:** a versão hebraica do texto de Isaías usa o substantivo próprio "Lilith" (לילית) no lugar em que a versão da *Vulgata* usou "lamia".<sup>708</sup> Infelizmente, a palavra usada pela versão da *Vetus Latina* não pode ser verificada.<sup>709</sup> A *Septuaginta*, composta entre

---

<sup>707</sup> Texto latino retirado de Colunga & Turrado, 1953, p. 936. Gostaríamos de agradecer ao Prof. Matheus Trevizam pela ajuda com a tradução deste trecho.

<sup>708</sup> Watts, 2005, pp. 528, 531, 536-537. São Jerônimo, no século IV, e a pedido do Papa Dâmaso I, fez a tradução do *Antigo Testamento* diretamente do Hebraico para o Latim, e revisou algumas versões da *Vetus Latina* do *Novo Testamento*. Seu trabalho recebeu o nome de *Vulgata*. Na época do Concílio de Trento, sua tradução foi adotada como a Bíblia oficial da Igreja Católica. A partir de então, a *Vulgata* foi a versão da Bíblia mais utilizada por séculos por essa mesma Igreja (*Vulgata Editio, Vulgata Versio, Vulgata Lectio* – "Edição Popular, Versão Popular, Leitura Popular". O Concílio de Trento aconteceu entre 1545 e 1563, e foi um dos encontros mais importantes da Igreja Católica Romana, pois ofereceu a resposta da igreja à Reforma Protestante, base intelectual da Contra-Reforma Católica. Cf. Catholic Encyclopedia online - <http://www.catholic.org/encyclopedia/>). Dâmaso foi o trigésimo sétimo Papa da Igreja Católica Romana, cujo pontificado durou de outubro de 366 a dezembro de 384, data de sua morte. Cf. Catholic Encyclopedia online.

<sup>709</sup> Os textos da *Vetus Latina* foram traduzidos de suas versões hebraicas por um período de quase dois séculos, 200 a 380, por muitos tradutores diferentes, por uma questão prática: com a dispersão do Cristianismo pelo Império Romano, fez-se necessário traduzir os textos para aquelas pessoas que não

os séculos III e I a.C. a partir do texto hebraico do *Antigo Testamento*, usa a palavra "onocentauro".<sup>710</sup>

*Τὰ Παλαιὰ Διαθήκη Κατὰ Τοὺς Ο΄, Ἡσαΐας λδ΄.*<sup>711</sup>

καὶ συναντήσουσιν δαιμόνια ὀνοκενταύροις  
καὶ βοήσουσιν ἕτερος πρὸς τὸν ἕτερον·  
ἐκεῖ ἀναπαύσονται ὀνοκένταυροι,  
εὖρον γὰρ αὐτοῖς ἀνάπασιν.

**Tradução:**

***O Antigo Testamento Segundo os Setenta ou A Septuaginta, Isaías 34.14-15***

E demônios enfrentarão onocentauros  
e bradarão um contra o outro:  
ali repousaram os onocentauros,  
ali encontraram para si repouso.

**ὀνοκένταυρος** - o *LSJ* descreve o onocentauro como “uma espécie de macaco sem rabo, um demônio que assombraria lugares selvagens”.<sup>712</sup> Não há iconografia relacionada ao onocentauro, a não ser que se considere uma das figuras associadas à *lâmnia*. De modo que é possível pensar nessa definição fornecida pelo *LSJ* em comparação com essa figura, associada à *lâmnia* mas que lembra muito um “macaco sem rabo”.

A figura retrata um monstro rural, indicado pelas plantas na borda de cima da copa, perseguindo um homem. Outros dois homens já estão abrigados sobre uma árvore, e há alguns objetos espalhados pelo chão. O tal monstro tem feições humanóides, com seios, pelos recobrendo todo o corpo e pés de caprino, e está com os

---

tinham conhecimento nem do grego nem do hebraico. Cf. Infelizmente não conseguimos acessar a edição de Gryson dos fragmentos da *Vetusta*, que poderia ter fornecido a palavra usada para traduzir Lilith nessa primeira tradução do texto hebraico para o latino. A referência dessa edição é "GRYSON, Roger. *Vetus Latina. The Remains of the Old Latin Bible. Newly Assembled Following Petrus Sabatier and edited by the Archabbey of Beuron under the direction of Roger Gryson*. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder". Essa edição ainda está em processo de publicação, mas o fascículo 9 da parte 12/1, que contém o texto de Isaías 30.15-35.5 já está publicado desde 1993.

<sup>710</sup> Rahlfs afirma que sabe-se que os textos foram vertidos por diferentes estudiosos pelas diferenças de estilo de tradução, pelo uso de vocabulário diverso para as mesmas palavras entre os textos, enfim, por muitas razões, de modo que é certo que muitas pessoas trabalharam nessa tradução específica do *Antigo Testamento*, cf. Rahlfs, 1979, pp. LVI-LXV, que ainda fala detalhadamente da história das traduções gregas do *Antigo Testamento*; cf. também Rodríguez, 2007, pp. 29-30, que faz um resumo dessa mesma história.

<sup>711</sup> O texto grego da *Septuaginta* foi retirado de Ralphps, 1935-1979.

<sup>712</sup> *LSJ*, 1996, p. 1232, "ὄνο-κένταυρα, ἢ, -κένταυρος, ὄ - a kind of tailless ape, [...] a kind of *demon* haunting wild places".

braços estendidos para a frente. John Boardman identifica essa como uma das únicas três imagens da iconografia grega antiga supérstite que poderiam retratar *lâmias*. Contudo, ele informa que não se deve confiar muito nas suposições, pois não há indícios que confirmem a hipótese de que as figuras retratadas fossem realmente *lâmias*, uma vez que não era costume dos gregos retratarem esses monstros usados para aterrorizar as crianças.<sup>713</sup>

Portanto, o monstro da copa poderia certamente ser um onocentauro, calhando que também os onocentauros tinham seios, como diz Eliano.<sup>714</sup> Por essa razão, podemos pensar que talvez existisse uma associação entre os dois tipos de monstro no imaginário popular, e que, como consequência, essa ligação talvez resultasse numa convergência da área de significado desses vocábulos.

As fontes literárias para essa figura do onocentauro são raras e todas pertencem à literatura tardia. A palavra grega é uma fusão de dois vocábulos diferentes: ὄνος, "burro/asno, e κένταυρος, usada para nomear os seres mitológicos que conhecemos como centauros, cuja metade superior é humana e a inferior, equina (não há, porém, traço da palavra grega para cavalo, ἵππος, nessa fusão).<sup>715</sup>

Alguns estudiosos definem a Lilith como uma "feiticeira da noite", e mencionam suas origens Babilônias e Sumérias, como Joshua Trachtenberg, que afirma que ela era

"originalmente um espírito do vento, derivado do assírio *lilitu*, com um cabelo longo e desgrenhado, e asas, durante os tempos talmúdicos a confusão do nome dela com a palavra *layil*, 'noite', transformou-a em um espírito que ataca aqueles que dormem sozinhos à noite. Laylah aparece também como o anjo da noite, e da concepção".<sup>716</sup>

A demonização de Lilith pode, desse modo, estar relacionada com essa associação

<sup>713</sup> Cf. Ackermann, Gisler & Cahil, v. VI<sup>1</sup>, 1992, p. 189, e v. VI<sup>2</sup>, 1992, pp. 90-91.

<sup>714</sup> Eliano, *Da natureza dos animais*, 17.9-17.10: "um pescoço sob um rosto e um peito, e ambos humanos; e, para baixo dele, seios suspensos, colocados no peito" - τράχηλός τε ὑπὸ τῷ προσώπῳ καὶ στήρνα, καὶ ταῦτα ἀνθρωπικά: μαζοὶ δὲ ἡρμένοι καὶ κατὰ τοῦ στήθους ἐφεστῶτες.

<sup>715</sup> *LSJ*, 1996, p. 939.

<sup>716</sup> "Night hag", cf. Widyapranawa, 1990, p. 219; May & Metzger, 1971, p. 863; Watts, 2005, pp. 536-537. Cf. Trachtenberg, 1939, p. 36: "Originally a wind-spirit, derived from the Assyrian *lilitu*, with long disheveled hair, and wings, during Talmudic times the confusion of her name with the word *layil*, 'night', transformed her into a night spirit who attacks those who sleep alone. Laylah appears also as the angel of night, and of conception". Acredita-se ainda, por achados arqueológicos encontrados na região da antiga Mesopotâmia, que Lilith era uma sacerdotisa de Inana, uma das deusas da antiga Mesopotâmia, presente em mitologias de várias de suas cidades, e com um nome diferente em cada uma delas. A função de Lilith seria seduzir e atrair homens na rua e levá-los ao templo da deusa, onde se realizavam os ritos de fecundidade, a chamada prostituição sagrada. Aparentemente ela foi confundida com a deusa de quem era devota fiel, e por isso passou à história com esse aspecto divino.

com essas demônias babilônicas *lilitu*, espíritos noturnos femininos, ou com o demônio-vento sumério *Lil*. Alguns dizem que foi durante o período de seu cativeiro babilônico que os judeus conheceram Lilith e adotaram seu mito. Então Lilith se tornou um demônio na mitologia hebraica também.<sup>717</sup>

A palavra *lilith* provém do cuneiforme (sumério) *lil*, que significa 'vento', 'ar', 'tempestade', que era personificada como uma deusa da tempestade; mas *lilith*, uma vez que a sílaba *lil* estava associada com a noite nas línguas semíticas, também pode estar associada à palavra hebraica "noite" - *lailah* (לַיִל).<sup>718</sup> Contudo, há ainda outras associações prováveis, como com a raiz indo-europeia *la*, "gritar", "cantar", da qual deriva a palavra sânscrita *lik*, "lamber". A raiz da palavra grega *λάμια*, *λαμ*, indica voracidade, e a derivação de *lâmia* é de outra palavra grega, *λαιμός*, "garganta". Assim, as duas palavras têm acepções intimamente conectadas com a área da boca. Daí venha talvez o fato de serem devoradoras de crianças e homens.<sup>719</sup> Para além da associação morfológica, Lilith e Lâmia também apresentam uma associação funcional, uma vez que a primeira, na Idade Média, desenvolveu um *modus operandi* quase idêntico ao da segunda, como afirma novamente Trachtenberg:

Apesar de Lilit e os populares plurais derivados, as *lilin*, e as *liliot*, aparecerem frequentemente em forma não descrita, meramente como outro termo para demônios, como quando nos dizem que as *liliot* se reúnem em certas árvores, as *lilits* próprias possuíam duas características excepcionais no folclore medieval, que lhes conferiam personalidade distinta: elas atacavam crianças recém-nascidas e suas mães, e seduziam homens durante o sono.<sup>720</sup>

<sup>717</sup> Cf. Brunel, 1997, pp. 582-585, que menciona em ordem cronológica os textos fundadores do mito hebraico: o *Testamento de Salomão*, o *Talmude*, o *Alfabeto de Ben Sira*, o *Zohar*, e a *Cabala*; cf. também Mack & Mack, 1999, pp. 197-201.

<sup>718</sup> Cf. Watts, 2005, p. 536.

<sup>719</sup> Para a etimologia de *lâmia* cf. Megas, 1970, pp. 254-255; *LSJ*, 1996, p. 1027; Chantraine, 2009, p. 593; Graves, 1992, pp. 205-206; Grimal, 2005, pp. 265-266; Ackermann, Gisler & Cahil, v. VI<sup>1</sup>, 1992, p. 189, e VI<sup>2</sup>, 1992, pp. 90-91; Cancik & Schneider, 2005, v. 7, pp. 181-182; para a de *lilith*, Brunel, 1997, pp. 582-585; Watts, 2005, pp. 536-537; Widyapranawa, 1990, p. 219; Mack & Mack, 1999, pp. 198-201. Há um problema que concerne a variação vocabular apresentada nas traduções do texto de Isaías: a *Vulgata* foi traduzida para o latim diretamente do hebraico por São Jerônimo, com alguma consulta ao grego da *Septuaginta* e a outras traduções gregas da Bíblia Hebraica, mas é a *Vetusta*, contudo, que foi traduzida integralmente do texto da *Septuaginta* para o latim (cf. Rodríguez, 2007, p. 30). Seria muito proveitoso conferir o texto dessa última versão, do século II d.C., mas seu estado fragmentário dificulta tal tarefa, pois a *Vetusta* não sobreviveu ao tempo, e só chegou aos nossos dias em pedaços, citada nos textos de autores variados. Infelizmente, como mencionamos acima, não conseguimos acessar a edição de Gryson da *Vetusta*.

<sup>720</sup> Trachtenberg, 1939, p. 36: "Though Lilit and the popular derived plurals, the *lilin*, and the *liliot*, appeared often in nondescript form, merely as another term for demons, as when we are told that the *liliot* assemble in certain trees, the *lilits* proper possessed two outstanding characteristics in medieval folklore which gave them distinct personality: they attacked new-born children and their mothers, and they seduced men in their sleep".

Portanto, inacreditavelmente, a entidade mais antiga adquiriu características da entidade mais nova, adotando, inclusive, algumas de suas funções, como também concluiu Trachtenberg: "Parece que nós temos aqui uma união do demônio noturno com o espírito que preside a gravidez, influenciada sem dúvida pelo caráter da babilônia Lamaššu, e das *lamiae* e *striga* do folclore greco-romano".<sup>721</sup> E para além desses pontos comuns, a roda da assimilação gira mais uma vez e nós verificamos *lâmias* que se encontram em árvores no folclore moderno da Grécia, como as *lilith*.<sup>722</sup>

Concluimos então, a partir das observações acima expostas, que esses três seres, *lilith*, onocentauro e *lâmia*, em ordem cronológica, tiveram papéis semelhantes no imaginário dos povos para quem e por quem suas traduções foram estabelecidas. Dessa maneira, o monstro original, a *Lilith*, teria algo similar tanto ao onocentauro da *Septuaginta* quanto à *lâmia* de São Jerônimo: ou sua função, ou sua morfologia, ou ainda, como no caso de *lilith* e *lâmia*, uma aproximação clara de ambos.

---

<sup>721</sup> Trachtenberg, 1939, p. 37: "We seem to have here a union of the night demon with the spirit that presides over pregnancy, influenced no doubt by the character of the babylonian Lamaššu, and the *lamiae* and *striga* of Greek and Roman folklore". As *striga* romanas "são demônios femininos alados, dotados de garras semelhantes às das aves de rapina e que se alimentam do sangue e das entranhas das crianças", como afirma Grimal, 2005, p. 153. Ele cita Ovídio, *Fastos* VI.131 e ss.; Petrônio, *Satiricon* 63; e Plínio o velho, *História natural* XI.232 como as fontes para esse monstro. O *Dic. Oxford Latino*, 1994, p. 1828, define a *striga* como um "espírito maligno que supostamente uiva à noite, vampira", e cita Petrônio, e apresenta ainda um verbete para *strix*, que afirma que é "um tipo de coruja, considerada um pássaro de mau agouro, algumas vezes como uma vampira ou espírito maligno", e cita outras fontes: Plauto, *Pseudolus* 820; Horácio, *Epodos* 5.20; Propécio, *Elegias* 4.5.17; Sêneca, *Medeia* 733; Petrônio, *Satiricon* 134.1; Sílio Itálico, *Punica* 13.598.

<sup>722</sup> Cf. Garnett & Stuart-Glennie, 1896, pp. 14-27: *Thrice-Noble, or The Three Citrons*. Esta e algumas outras histórias do folclore grego moderno podem ser lidas nos "Anexos" desta tese, pp. 329-341.

---

## Ὀρειβάσιος - Oribásio 320-400

---

### Ἱατρικαὶ Συναγωγαὶ 3.18.9.1-10.1<sup>723</sup>

πορφυρῶν καὶ κηρύκων καὶ τῶν ἄλλων ὀστρακοδέρμων τὰ σκληρὰν ἔχοντα τὴν σάρκα δύσπεπτα. ἄστακοί, πάγουροι, καρκῖνοι, κάραβοι, καρίδες καὶ πάντα τὰ τοιαῦτα, πολύποδες, σηπία, τευθίδες, καὶ πάντα τὰ καλούμενα μαλακόδερμα, βάτοι, λειόβατοι, ῥῖναι, δράκοντες, κόκκυγες, γαλεώνυμοι, σκορπίοι, τράχουροι, τρίγλαι, ὀρφοί, γλαῦκοι, ζύγαιναι, σάλπαι, γόγγροι, φάγροι, λάμια, αἰετοί, ὠὰ ἐφθά, ὀπτά, ταγηνιστά, πυροὶ ἐφθοί, ὁ καλούμενος τράγος.

### Tradução:

#### Coleções Médicas 3.18.9.1-10.1

Os mariscos e búzios, e também os outros moluscos de concha; lagostas, paguros, caranguejos, lagostins, camarões e todos os similares; e também polvos, sépias, lulas e todos os chamados moluscos moles; arraiais, raias, tubarões-anjo, peixes-aranha, ruivos, tubarões, peixes-escorpião, garapaus, salmonetes, garoupas, glaucos, tubarões-martelo, salemas, enguias do mar, pargos, *lâmias*, ratões-águia e seus ovos, e o chamado trombeiro têm, todos, as carnes indigestas, sejam cozidos, assados, fritos ou grelhados no fogo.<sup>724</sup>

### Comentário:

**λάμια:** no livro III, Oribásio trata da dieta frugal e da dieta gorda, segundo as diretrizes de Galeno.<sup>725</sup> O capítulo 18 trata das comidas indigestas.<sup>726</sup> Oribásio, como

---

<sup>723</sup> Texto grego retirado de Raeder, 1928-1933 = *TLG*. Oribásio escreveu, a pedido do imperador Juliano, o Apóstata, uma compilação de relatos médicos da Antiguidade (Juliano, o Apóstata, ou Juliano, o Filósofo, foi Imperador romano de 361 a 363. Nasceu em Constantinopla em 331, e foi também escritor e filósofo, cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 800). A obra, chamada *Coleções Médicas*, era composta por 70 ou 72 livros, dos quais apenas 25 chegaram até nós em sua íntegra. O restante precisa ser reconstituído através das obras *Sumário para Eustácio e Para Eunápio*, resumos da obra maior feitos pelo próprio Oribásio, além de outros sumários e compilações encontradas (Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1075).

<sup>724</sup> Cf. nesta tese Aristóteles, pp. 106-114; Galeno, pp. 239-241; cf. ainda Mortzoza, 2013, nossa dissertação de mestrado, Aristóteles, pp. 73-80, e Galeno, pp. 123-134, em que foi feito um pequeno estudo sobre a maioria dos peixes citados no trecho acima.

<sup>725</sup> "Περὶ λεπτινότητος καὶ παχυνότητος διαίτης, ἐκ τῶν Γαληνοῦ" - "Sobre a dieta frugal e a dieta gorda, de acordo com Galeno", cf. Oribásio 3.1.t.1.

Galeno antes dele, no seu *Sobre as faculdades dos alimentos*, categoriza a *lâmia* entre os peixes de carne dura, de difícil digestão.

Como é possível notar, a influência de Galeno é palpável nas linhas de Oribásio, posto de lado que o primeiro não cita mariscos. Por outro lado, a diferença mais notável entre eles, mariscos à parte, é que Oribásio enumera os modos possíveis de preparo da carne, algo que Galeno não faz tão explicitamente. Esse é um bom índice, pois fornece informações sobre os métodos usados na gastronomia de seu tempo, algo raro, já que os escritos gastronômicos da Antiguidade são até abundantes, mas poucos chegaram até nós.<sup>727</sup>

---

#### **ΣΥΝΟΨΙΣ ΤΩΝ ΟΡΙΒΑΣΙΟΥ ΕΝΝΕΑ ΛΟΓΩΝ ΠΡΟΣ ΤΟΝ ΥΙΟΝ ΑΥΤΟΥ ΕΥΣΤΑΘΙΟΝ 4.17.6.1-4.17.8.1<sup>728</sup>**

πορφυρῶν καὶ κηρύκων καὶ τῶν ἄλλων ὀστρακοδέρμων τὰ σκληρὰν ἔχοντα τὴν σάρκα δύσπεπτα. ἄστακοί, πάγουροι, καρκῖνοι, κάραβοι, καρίδες καὶ πάντα τὰ τοιαῦτα, πολύποδες, σηπίαι, τευθίδες καὶ πάντα τὰ καλούμενα μαλακόδερμα, βάτοι, λειόβατοι, ῥῖναι, δράκοντες, κόκκυγες, γαλεώνυμοι, σκορπίοι, τράχουροι, τρίγλαι, ὀρφοί, γλαῦκοι, ζύγαιναι, σάλπαι, γόγγροι, φάγροι, λάμιαι, ἀετοί, ὠὰ ὀπτά, ἐφθά, ταγηνιστά, πυροὶ ἐφθοί, ὁ καλούμενος τράγος.

#### **Nota ao *Sumário de Oribásio em nove discursos para seu filho Eustácio 4.17.6.1-4.17.8.1*:**

Como o trecho acima é idêntico ao anterior, optou-se pela não repetição tanto da tradução quanto do comentário. Ambos podem ser conferidos acima.

---

<sup>726</sup> Ὅσα δύσπεπτα - "Tais indigestas", cf. Oribásio, 3.18.t.1.

<sup>727</sup> Cf. Ricotti, 2007, pp. 1-2: "We have evidence of well over twenty works specializing in cuisine of which, unfortunately only a handful have survived" – "Nós temos evidência de bem mais de vinte trabalhos especializados em cozinha dos quais, infelizmente, apenas uma mão cheia sobreviveu". A autora italiana cita Ateneu como a fonte antiga mais rica em descrições gastronômicas.

<sup>728</sup> Texto grego retirado de Raeder, 1964 = *TLG*. Essa obra foi escrita como um resumo da obra maior, a *Coleções Médicas*, que Oribásio fez para seu filho Eustácio, que também era médico. Ela se tornou uma obra muito popular e foi traduzida para o Latim a partir do século VII. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 1075.

---

## Conclusão

---

### Interlúdio:

Esta tese foi iniciada como um trabalho de investigação da figura do equivalente do vampiro moderno na mitologia grega antiga, e terminou como o estudo de uma palavra obscura do vocabulário grego. Não era nossa intenção que esse fosse o caminho percorrido, mas as circunstâncias, que fugiram a nosso controle provavelmente enquanto ainda tínhamos a ilusão dessa sensação, acabaram se tornando favoráveis a tal desenvolvimento.

Iniciamos a pesquisa com a leitura do trecho de Flávio Filóstrato, que nos permitiu inferir que a tal *lâmia* que se passara por noiva do aprendiz de filósofo compartilhava muitas características com o Conde Drácula, a figura vampírica moderna por excelência. Com essa assimilação em mente, iniciamos a procura pelas fontes do mito dessa *lâmia*, consultando em primeiro lugar o *LSJ*. O verbete desse dicionário nos instigou muitas dúvidas pois informava que a *lâmia* era o bicho-papão da Grécia, usada para amedrontar criancinhas, e pouco tinha a ver com vampiros, na verdade. O vampiro grego era conhecido como *vricolacas* (*vrykolákas*). Decepção. Continuamos. Fizemos nossa primeira listinha de fontes a partir dessa consulta.

Separamos então o *LIMC* e a *New Pauly* para consulta, que apenas confirmaram o que o *LSJ* já havia dito, e nos permitiram acrescentar outras fontes a nossa lista, além da adição da iconografia ao trabalho. A iconografia era esquisita. Cada um dos três vasos mostrava uma figura diferente, de modo que não havia um padrão nas representações pictóricas, e aquelas três eram as únicas disponíveis. Não havia muitos estudos a respeito desses vasos, e os que existiam mantinham a dúvida.

Consultamos ainda nessa primeira fase o livro do Prof. Graves, *The Greek Myths*, no qual lemos pela primeira vez que as *lâmias* seriam seres anguípedes, cujas metades inferiores seriam serpentiformes. Intrigadas por essa questão, consultamos o dicionário de Pierre Grimal que, assim como o *LIMC*, o *LSJ* e a *New Pauly*, não mencionava nenhuma característica serpentina em *lâmias*. Com essa consulta finalizamos nossa primeira lista de 14 autores.

A tradução dos primeiros autores não revelou nada sobre cobra nenhuma, não aclarou nenhuma questão do mito, só nos abriu ainda mais o leque das possibilidades

das áreas de abrangência desse vocábulo, que era para ser uma vampira, e nada mais. Mas foi muito além. Assim, após traduzir e analisar os trechos dos autores dessa primeira amostragem, pudemos constatar que a palavra grega λάμια era usada não só para denominar monstros (Filóstrato, Estrabão, Horácio, Esopo, Plutarco, Antonino Liberal) ou seres humanos "monstrificados" de alguma maneira (Eurípides, Crates, provavelmente, e Aristóteles), mas também havia sido usada para designar um peixe grande e feroz (Aristóteles, Plínio o velho e Opiano), e podia designar até mesmo uma filha de um deus (Pausânias). Descobrimos também que a primeira vez que a raiz λαμ- aparecia na literatura grega era em Homero, justamente no episódio dos lestrigões, que eram gigantes comedores de seres humanos. Não poderia ser apenas uma coincidência o fato de o rei primitivo deles ter esse nome.

Passamos aos dicionários de etimologia e chegamos então à conexão da raiz com essa característica da voracidade, o que aclarou para nós um pouco o universo do uso dessa palavra. Nesse momento o tubarão fez sentido. Ficou claro que Aristóteles havia usado o nome de um monstro glutão e voraz para designar um peixe que apresentou as mesmas características em suas observações da fauna marinha (em Lesbos ou não). A conexão entre os monstros e o peixe estava, desse modo, estabelecida. Não havia contudo explicação para a "deusa" filha de Poseidon, de quem apenas Pausânias falava, e os relatos de Eurípides e Crates eram muito fragmentários para permitir qualquer conclusão maior. O de Eurípides nos informou que o nome de certa Lâmia da Líbia era abominável, o que não diz muita coisa mas mantém a negatividade da raiz da palavra. Mesmo que fosse uma mulher chamada Lâmia, algo de horrível ela havia cometido para que seu nome aparecesse associado a tal adjetivo. As polêmicas em torno desses fragmentos desses dois autores também não permitiam certezas. Mas pudemos fazer conjecturas. Então Crates tinha uma peça de nome *Lâmia*, o que poderia indicar que Eurípides, seu contemporâneo, também tivesse escrito uma peça cômica denominada *Lâmia*, assim como houve outros escritores que escreveram peças sobre o mesmo mito, com o mesmo nome.

Ao final dessas peripécias, folheando um livro espanhol de mitógrafos por curiosidade na Biblioteca da FALE-UFGM, encontramos Heráclito e descobrimos a paradoxografia. Heráclito, o único esquisito a tentar explicar racionalmente o mito de *Lâmia* até aquele momento da pesquisa. Contudo, apesar de destoar das demais, a anedota de Heráclito dava suporte ao relato de Plutarco. Adicionamos Heráclito.

Fugimos das polêmicas, comentamos os 14 autores e a iconografia, e

defendemos esse material em uma dissertação em setembro de 2013. Contudo, antes dessa defesa, já havíamos feito a pesquisa no *TLG*, em março, em uma visita aos Estados Unidos. Pesquisa que, como já falamos nos "Prolegômenos" desta tese, nos agraciara com a soma inacreditável de 312 relatos envolvendo o uso da palavra grega λάμια em diversas facetas morfológicas e mais os adjetivos derivados. Era totalmente excelente! Talvez, em algum desses relatos, essa questão do "pavor infantil" fosse esclarecida, e talvez algum deles finalmente seria o da metade serpente, que teimava em não aparecer.

Feitas as traduções, mais problemas surgiram. Ao invés das soluções que procurávamos, nos deparamos com um leque ainda mais abrangente e difícil de incorporar: Lâmia agora era o nome de uma cidade (que existe desde o Neolítico até hoje), de uma guerra (no Período Helenístico) e duas batalhas (no Período do início da dominação romana), de duas prostitutas (uma acompanhara Temístocles, outra, séculos depois, Demétrio Poliorcetes) e uma cidadã ateniense (só um relato, amante de Demétrio de Falero, governante de Atenas apontado pelos macedônios), das mães de um monstro (Cila) e de uma sibila (neta de Poseidon, pois sua mãe era filha dele), de duas rainhas (uma da Líbia e uma de um povo, os Traquínios), de um cônsul romano, de monstros (que raptavam crianças, comiam crianças, retiravam os olhos, viviam em cavernas), de feiticeiras, e do peixe mediterrâneo! E nenhuma das fontes, dentre os 312 relatos enumerados pelo *TLG*, e dentre as fontes latinas e as outras fontes gregas que já haviam sido acrescentadas, absolutamente nenhuma delas mencionava metade serpente de *lâmia* nenhuma. Além disso, a interferência divina em sua lenda era pouca: Atena não a desfigurara, Poseidon não a estuprara, nem Afrodite se injuriara com ela. Três menções (Dúris, Clemente de Alexandria e Heráclito) faziam com que ela se unisse a Zeus (quem mais?), que tomara a forma de uma poupa para seduzi-la. E mais de uma fonte disse que foi Hera, enciumada, quem bestializou a pobre Lâmia.

Após toda essa profusão de fontes, tivemos que optar por eliminar ou não os relatos que não se conectavam com nosso fio condutor de anedotas diversas: a ideia de voracidade denotada pela raiz λαμ-. Os relatos gramáticos, em que λάμια aparece como exemplo de paroxítone; as anedotas de Dio Cássio sobre o cônsul romano Lúcio Lâmia; os relatos geográficos, em que a palavra é apenas um topônimo, nome de cidade ou de golfo; e mesmo os relatos sobre a Guerra de Lâmia e as batalhas ocorridas na região dessa cidade, não se encaixavam nessa ideia da conexão através

da voracidade. Sabemos disso. Mas fizemos uma escolha, a de manter a lista das fontes gregas fornecidas pelo *TLG* intacta no trabalho, a de traduzir e comentar todas as fontes dessa lista, de torná-la a coluna vertebral desta tese. Optamos por nos manter fieis a essa lista, e não a grandes temas que poderiam, talvez com maior proveito para as análises, ter sido os norteadores deste trabalho.

Assim, temos consciência de que muitas das anedotas, aliás, a maioria delas, apenas narram fatos acontecidos durante as guerras e fornecem descrições de topografia. Contudo, aparte as anedotas geográficas e gramáticas, não seria a guerra a expressão de voracidades diversas em conflito? Será que a dominação de um povo por outro não poderia ser explicada pela voracidade que norteia a sociedade do povo dominador? Mesmo que o domínio tenha razões urgentes e prementes, como alimentar uma grande população, não seria essa também uma expressão da voracidade humana? Nós consideramos que sim, a guerra, as batalhas, são expressões da voracidade humana, de um jeito ou de outro, e assim procuramos justificar, ainda mais, a presença dessas anedotas nesta tese. As anedotas de gramática nós colocamos na "Introdução" desta tese, pois achamos que seu emprego ali seria adequado.

A pesquisa no *TLL*, feita em fevereiro de 2015, revelou muitas outras fontes sobre a guerra, e uma ou outra que falavam de mitologia. Essas, sim, resolvemos descartar, uma vez que eram 87 relatos, em sua esmagadora maioria sobre a guerra. Eram relatos extensos, não curtos como os gregos, e latim não é nossa língua antiga de dominância. Desse modo, preferimos reservá-los para um outro momento.

Por fim, ainda na questão da iconografia, descobrimos por acaso também, em um congresso em Lisboa em fevereiro de 2014, que um professor da Universidade de Exeter, na Inglaterra, Prof. Daniel Ogden, discordava veementemente do Prof. John Boardman, que havia feito a seleção de imagens do *LIMC*, no quesito imagens de *lâmias*. O Prof. Ogden, em seu livro *Drakon*, considera que a figura que melhor representaria uma *lâmia* estaria enganosamente arrolada na seção de figuras do deus Apolo, no mesmo *LIMC*. A *lâmia* seria um ser anguípede, draconiforme, como afirmava o Prof. Graves no seu *The Greek Myths*. Descobrimos que ambos baseavam suas descrições da *lâmia* em uma anedota de Pausânias. Todavia, a anedota não menciona o nome do monstro, não diz que é um dragão (as palavras δράκαινα, ὄφις, δράκον, e derivados, não figuram no texto de Pausânias), e muito menos que é uma *lâmia*. Como nenhuma das fontes antigas menciona essa característica física em *lâmias*, achamos por deveras estranho, mas reservamos essa discussão para outro

momento, pois extrapolaria nosso *corpus* de fontes.

Ainda assim, é preciso sublinhar que nenhuma das fontes trabalhadas nesta tese, que cobre um período de tempo que vai do século VII a.C. ao século IV d.C., fornece uma descrição física de algum tipo monstruoso de *lâmia*. Do tubarão sim, dizem que tem dentes pontiagudos e a boca escancarada; da prostituta também, dizem que era uma mulher mais velha, tocadora de *aulos*, versada não apenas nas artes eróticas, mas em outros tipos de arte; da cidade também, que era fortificada, tinha um porto de nome Fálara e ficava próxima ao Golfo Málio, também chamado Golfo Lamíaco. Mas dos monstros chamados *lâmia* a única coisa que se sabe é que raptam e comem crianças, ou jovens rapazes. Plutarco iniciou essa anedota de que a *lâmia* podia retirar seus olhos, e ela foi aproveitada por outros escritores posteriores a ele. E Antonino Liberal diz que era um monstro descomunal. Fora isso, não há descrições físicas. Não sabemos se as *lâmias* têm escamas, garras ou baba gosmenta, se são humanóides, marcianas ou klingon, se podem se teleportar, virar nuvem de morcegos ou névoa gelada, se são vulneráveis a água benta, bala de prata ou reza brava. Um universo de 312 relatos gregos, adicionados a mais 87 relatos latinos e outros 3 autores gregos, e nenhuma maldita descrição física digna de um "pavor infantil" que se preze!

Portanto, estudar um monstro invisível foi deveras frustrante, e nem um pouco assustador. Só podemos concluir que esse não era seu aspecto mais amedrontador, já que nenhuma descrição chegou à Posteridade. Talvez o que fosse amedrontador na *lâmia* fosse justamente essa sua onipresença no mundo infantil, e por isso não recebemos dela nenhuma descrição física. Talvez, como no caso da cuca, a vaga ideia de um ser que vem nos pegar pra nos comer caso não estejamos na cama na hora determinada por nossos pais seja suficiente para meter medo até nos mais rebeldes. Com a diferença de que nós conhecemos a fisionomia da cuca. Antes uma velha muito velha e feia, depois um jacaré de cabelos louros e garras (mais fofinho do que aterrorizante, concordamos), a imagem da cuca está em nossas mentes. Mas é mesmo essa ideia de que ela vem não se sabe de onde, passa por todas as portas e trancas, levanta os cobertores e leva as crianças dentro de um saco que soa aterrorizante. Talvez fosse esse o caso da *lâmia* paponna. Infelizmente, essas informações estão perdidas para nós, pelo menos até agora. Quem sabe algum dia não se encontre um pergaminho com um relato vívido e detalhado da história da *lâmia* paponna? Só nos resta nos ater ao que temos, e esperar por um milagre.

### Conclusões gerais:

Como foi possível perceber, o vocábulo grego λάμια não apresentou uma evolução que pudéssemos apontar como diacrônica e linear, seja como traço característico do vocábulo, seja porque recebemos a história dessa palavra muito fragmentariamente. Não podemos afirmar que no percurso temporal houvesse, para o semantismo de λάμια, mudança ou fixação, nem mesmo que ela fosse transformando ou alterando seu significado lentamente ao longo dos anos. Nossa expectativa inicial, de uma evolução da palavra, que mudaria seu significado devido ao uso abundante e ininterrupto ao longo dos séculos não se confirmou. E, afinal, essa não seria uma expectativa esperada, pois não são todas as palavras antigas que sofrem esse tipo de mudança. A palavra grega para "sol", por exemplo, continua a ser usada pelos gregos de hoje como era pelos antigos, intocada, inclusive morfológicamente. Assim também a *lâmia*, que continua a assustar as crianças gregas, as *lamiai*, que continuam nos mares, e a cidade, que continua linda.

Esse vocábulo revelou, desde sempre, uma faceta semântica múltipla, ou seja, ele foi aplicado a várias áreas de significação ao mesmo tempo (confeccionamos tabelas mostrando as variadas áreas semânticas do vocábulo, numa tentativa de sistematizar o campo de atuação da palavra, que estão inseridas nos *Anexos* desta tese), mantendo um traço permanente e comum, a saber, o movimento impetuoso e violento na direção de algo em quase todos os estratos e contextos de uso.

Portanto, da Antiguidade aos dias de hoje, o vocábulo λάμια foi usado para designar elementos e seres diversos, e podemos dizer que todos, ou quase todos, revelam algo dessa natureza. As *hetairas* que receberam o nome Lâmia estão invariavelmente associadas à ideia da um intenso apetite sexual, no primeiro plano, e por dinheiro, e fama, num nível mais metafórico; o tubarão é a materialização – ou encarnação – da ideia de voracidade alimentar e de violência no ataque às presas; as guerras, numa leitura metafórica, têm espectro largo, podem ser vistas como a consequência da voracidade pelo poder, pelo domínio do outro (recordemo-nos de que a guerra de que falamos, na Antiguidade, é um evento corpo a corpo, em que a materialização da ideia de voracidade no combate é bem visível); e, finalmente, o monstro é a condensação de todas essas voracidades: a alimentar, a paponia de crianças; a sexual, o espectro que seduz rapazes jovens; a de poder, a mulher que acha que pode ultrapassar seus limites humanos e ganhar intimidade com o rei dos deuses. Variadas voracidades. Desse modo, a palavra, quando aparece no uso específico de

cada contexto, carrega, a um só tempo, todos esses estratos, em maior ou menor grau: o alimentar, o sexual, o de poder, o guerreiro. Percebemos, ao longo deste estudo, que a ideia de voracidade não se desconecta da de violência, de comer com violência, da violência que vem com a guerra, da violência social, advinda do desrespeito aos costumes e tradições estabelecidos pela comunidade. Cada aspecto semântico desse vocábulo representa a materialização da ideia de voracidade imbuída em sua raiz λαμ- na realidade.

A raiz λαμ- parece marcar também a ação de ingerir com um certo tipo de movimento, uma força súbita, um ímpeto. Uma maneira de como se ingere, ou devora, um alimento. Nesse aspecto, é ilustrativo o comentário sobre o banquete oferecido por Lâmia para Demétrio, citado por Linceu de Samos no banquete relatado por Ateneu em sua obra *Deipnosophistas*. A Lâmia, amante de Demétrio, pula as entradas e parte, de uma vez, demonstrando sofreguidão, para os pratos principais. Isso sugere uma voracidade, uma violência, um desrespeito pelas regras de conduta civilizada da parte de Lâmia. A ideia de movimento brusco/súbito, incluída no adjetivo "voraz" representa bem o que queremos afirmar. O movimento do tubarão que ataca subitamente de baixo, camuflado (seu dorso é mais escuro, o que impossibilita a presa de vê-lo por causa do contraste com a escuridão da água do mar aberto), e que apresenta o comportamento denominado "frenesi alimentar", um ímpeto descontrolado pela comida, assim como o de Lâmia, que oferece o banquete sem entrada, na citação despreziosa de Ateneu. A passagem carrega todo um significado da palavra *lâmia*: aquela que come sem entrada, que parte para o prato principal sem as preliminares que definem um comportamento social, do monstro que sai de repente de sua caverna e rapta uma criança, do exército que parte para cima do outro na guerra e acaba por "fagocitá-lo" (temos consciência de que as anedotas de guerra que esta tese exhibe não descrevem esses movimentos, mas são parte de um contexto de guerra, em que tais movimentos fatalmente ocorrem, como bem é sabido).

Assim, a ideia principal que formamos e queremos transmitir neste estudo é que o vocábulo tem camadas semânticas que se sobrepõem, mas não se dissociam completamente (a não ser no caso dos topônimos) da ideia básica que é o mito, a monstruosidade, o exagero para comer, a ação de fagocitar o outro, e engoli-lo por inteiro num movimento rápido, súbito. As três inserções da palavra (história, mito e biologia) são simultâneas, e quase toda vez que a palavra é abordada ela carrega essa carga semântica variada. O fragmento de Ateneu, que parece conter uma anedota

banal e circunstancial, delimita toda a representação semântica da raiz da palavra.

Por essa razão, este é um trabalho de anedotas (essas estórias esparsas, pequenas, às vezes com humor, às vezes com rasgos filosóficos, e algumas vezes, ainda, com detalhes dramáticos, que foram apresentadas ao longo desta tese), que nós tentamos costurar através do estudo da raiz, do signo da voracidade, da violência. Sim, denominamos esses relatos de anedotas pois não há um relato inteiro sequer que envolva o vocábulo *λάμια*. Nem na área da historiografia, nem na da biografia, muito menos na área da mitologia, em que apenas detalhes das estórias que deviam ser correntes sobre o monstro *lâmia* são mencionados. Não há uma descrição física sequer de tal monstro; não vemos a *lâmia* desenhada, esculpida, idealizada, ou mesmo descrita. Fantasmagórica, ela muda sua forma tal como advertiu Aristófanes. Ela atemoriza e assusta, sem nunca ter sido efetivamente.

Portanto, depois de ter percorrido, lido e traduzido os 78 autores apresentados, só nos resta declarar que, para nós, essas estórias sobre a *lâmia* paponas faziam parte do registro oral das sociedades em que figuraram, eram muito difundidas e, sendo do conhecimento geral da população dessas sociedades, não careciam de apresentações, e esse pode ser um dos motivos de não termos recebido muitos registros delas.

Outra observação que ficou evidente ao longo do desenvolvimento desta tese é que, em termos quantitativos, a parte mais significativa dos registros com a palavra *lâmia* é a parte histórica (incluindo a biografia), não a mitológica. No início pensávamos que os registros da parte mitológica eram mais abundantes, mas aconteceu uma peripécia e os registros históricos se mostraram mais numerosos.

A respeito de nossas opções de tradução, há momentos de rudeza vocabular, pois procuramos entrar no universo do cotidiano de homens guerreiros, do povo simples que comenta diariamente sobre a vida dos reis e que inventa estórias sobre monstros que atacam crianças insones e rapazes solitários, dos pais que fazem uso do folclore para educar seus filhos, do anedotismo geral. Aproveitando, ainda, a discussão acerca da área semântica da raiz *lam-*, gostaríamos de expressar nossa consciência do uso que fizemos de termos chulos e populares em nossas traduções, e reiteramos que o objetivo foi aproximá-las ao campo semântico dessa raiz, e ao uso desse vocábulo, na comédia, nos relatos de guerra, no folclore de um povo. Nossa tentativa foi adequar lexicalmente a tradução ao tema da pesquisa.

---

## Referências Bibliográficas

---

### Abreviaturas usadas:

APA - American Philological Association  
CP - Clarendon Press  
CUP - Cambridge University Press  
DB - Deutsche Bibelgesellschaft  
EDUFPA - Editora da Universidade Federal do Pará  
H&L - Helbing & Lichtenhahn  
HUP - Harvard University Press  
IEC - Instituto Editoriale Cisalpino  
IEI - Instituto Editoriale Italiano  
IUP - Indiana University Press  
LBL - Les Belles Lettres  
LUP - Liverpool University Press  
MF - Martins Fontes  
OUP - Oxford University Press  
PUF - Presses Universitaires de France  
PUP - Princeton University Press  
SEI - Società Editrice Internazionale  
TAPA - *Transactions of the American Philological Association*  
UCP - University of Chicago Press  
UTP - University of Texas Press

### Edições e traduções de textos antigos:

ALLEN, T. W. (ed.) *Homeri Ilias*. Oxford: CP, 1931. (TLG)  
ANTONINUS LIBERALIS, *Les metamorphoses*. Texte établi, traduit et commenté par Manolis Papathomopoulos. Paris: LBL, 1968.  
APULÉE, *Les metamorphoses*. Texte établi par D. S. Robertson et traduit par Paul Vallette. Paris: Les Belles Lettres, 1956. Tome I (Livres I-III).  
ARISTOTE. *Histoire des animaux*. Edité par P. Louis. Paris: LBL, 1968. (TLG)  
ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. Tradução direta do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.  
ARISTÓTELES. *Obras Completas. História dos animais - Livros I-IV*. Coordenação de Antônio Pedro Mesquita, tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006. v. IV, t. I.  
ARISTOTLE. *The Nichomachean Ethics*. Translated by David Ross. Revised with an Introduction and Notes by Lesley Brown. Oxford: OUP, 2009.  
ATENEO. *Banquete de los eruditos. Libros I-II*. Introducción, traducción y notas de Lucía Rodríguez-Noriega Guillén.

- AUSTIN, C.; KASSEL, R. (eds.) *Poetae Comici Graeci (PCG)*. Berolini et Nova Eboraci: Walter de Gruyter, 1983. v. 4.
- BARIGAZZI, A. (ed.) *Favorino di Arelate. Opere*. Florence: Monnier, 1966. (TLG)
- BAZAGLIA, Paulo; BORTOLINI, José (eds.). *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BETHE, E. (ed.) *Pollucis Onomasticon*. Leipzig: Teubner, 1967. (TLG)
- BOISSONADE, J.F. (ed.) *Herodiani partitiones*. London, 1963. (TLG)
- BURNET, J. *Platonis Opera*. Oxford: CP, 1967. (TLG)
- BÜTTNER-WOBST, T.(ed.) *Polybii historiae*. Leipzig: Teubner, 1962-1967. (TLG)
- BYWATER, I. (ed.) *Aristotelis ethica Nicomachea*. Oxford: CP, 1962. (TLG)
- CAMPBELL, David A. (ed.) *Greek Lyric III – Stesichorus, Ibycus, Simonides, and Others*. Cambridge and London: HUP, 1991.
- CHAMBRY, Émile (ed.) *Ésope. Fables*. Paris: LBL, 1985.
- CLAUDIO ELIANO. *Historias Curiosas*. Introducción, traducción y notas de Juan Manuel Cortés Copete. Madrid: Gredos, 2006.
- COHN, L.; REITER, S. (eds.) *Philonis Alexandrini opera quae supersunt*. Berlin: Reimer, 1962. (TLG)
- COOPER, Craig R. "Hyperides" in WORTHINGTON, Ian; COOPER, Craig R.; HARRIS, Edward M. *Dinarchus, Hyperides and Lysurgus*. Austin: UTP, 2001. pp. 59-151.
- COULON, V.; VAN DAELE, M. (eds.) *Aristophane*. Paris: LBL, 1967. (TLG)
- DALLEY, Stephanie (ed.) *Myths from Mesopotamia. Creation, The Flood, Gilgamesh, and Others*, Oxford: OUP, 2000.
- DE BORRIES, J. (ed.) *Phrynichi sophistae praeparatio sophistica*. Leipzig: Teubner, 1911. (TLG)
- DIODORO DE SICILIA. *Biblioteca Histórica. Libros IV-VIII*. Traducción y notas de Juan José T. Esbarranch. Madrid: Gredos, 2004.
- DIODORUS OF SICILY. *The Library*. Cambridge: HUP, 1933-1967. Translation by Russel M. Geer. v. 9.
- DÜBNER, F. (ed.) *Scholia Graeca in Aristophanem*. Paris: Didot, 1969. (TLG)
- FESTA, N. (ed.) *Mythographi Graeci*. Leipzig: Teubner, 1902. (TLG)
- FILÓSTRATO. *Vida de Apolonio de Tiana*. Traducción, introducción y notas de Alberto Bernabé Pajares. Madrid: Gredos, 1992. Biblioteca Clásica Gredos, 18.
- FISHER, K.T.; VOGEL, F. (eds. post I. BEKKER & L. DINDORF) *Diodori bibliotheca historica*. Leipzig: Teubner, 1964.
- FOWLER, Robert L. *Early Greek Mythography I: Text and Introduction*. Oxford: OUP, 2007.
- GEFFCKEN, J. (ed.) *Die Oracula Sibyllina*. Leipzig: Hinrichs, 1902. (TLG)
- GALEN. *On the Properties of Foodstuffs*. Introduction, translation and commentary by Owen W. Powell. Cambridge: CUP, 2003.
- GIANNINI, A. (ed.) *Paradoxographorum Graecorum reliquiae*. Milan: IEI, 1965. (TLG)
- GOW, A.S.F. (ed.) *Machon. The fragments*. Cambridge: CUP, 1965. (TLG)
- GREENE, W.C. (ed.) *Scholia Platonica*. Haverford: APA, 1938. (TLG)

- GRENE, David; LATTIMORE, Richmond (eds.). *Sophocles II: Ajax, the Women of Trachis, Electra, Philoctetes, The Trackers*. Chicago: UCP, 2013. "The Women of Trachis", translated by Michael Jameson. pp. 123-209.
- GIANNINI, A. (ed.) *Paradoxographorum Graecorum reliquiae*. Milan: IEI, 1965. (TLG)
- GOW, A.S.F. (ed.) *Machon. The fragments*. Cambridge: CUP, 1965. (TLG)
- HELMREICH, G. (ed.) *Corpus medicorum Graecorum*. Leipzig: Teubner, 1923. (TLG)
- HERCHER, R. (ed.) *Claudii Aeliani de natura animalium libri xvii, varia historia, epistolae, fragmenta*. Leipzig: Teubner, 1971. (TLG)
- HERODOTUS. *The Histories*. Edited by Robert B. Strassler. With an introduction by Rosalind Thomas. A new translation by Andrea L. Purvis with maps, annotations, appendices and encyclopedic index. New York: Anchor Books, 2009.
- HERRMAN, Judson (ed.) *Hyperides Funeral Oration*. Edited with Introduction, Translation, and Commentary. Oxford: APA and OUP, 2009.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Carlos A. Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. Introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- HORACE. *Épîtres*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris: LBL, 1955.
- HORACIO. *Sátiras. Epístolas. Arte poética*. Introducciones, traducción y notas de José Luis Moralejo. Madrid: Gredos, 2008.
- JACOBY, Felix (ed.) *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FGrH)*. Leiden: Brill, 1995. (TLG)
- JENSEN, Christian (ed.) *Hyperidis orationes sex*. Leipzig: Teubner, 1963. (TLG)
- JONES, D.M.; WILSON, N.G. (eds.) *Prolegomena de comoedia. Scholia in Acharnenses, Equites, Nubes*. Groningen: Wolters-Noordhoff, 1969. (TLG)
- KANNICHT, Richard (ed.) *Tragicorum Graecorum Fragmenta (TGF)*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004. v. 5, pt. 1.
- KAYSER, C.L. (ed.) *Flavii Philostrati opera*. Leipzig: Teubner, 1964. (TLG)
- KINKEL, G. (ed.) *Epicorum Graecorum fragmenta*. Leipzig: Teubner, 1877. (TLG)
- KOSTER, W.J.W.; HOLWERDA, D. (eds.) "Scholia in *Vespas, Pacem, Aves et Lysistratam*", in *Scholia in Aristophanem*. Groningen: Bouma, 1978-1982. (TLG)
- LACTANTIUS. *Divine Institutes*. Translated with an Introduction and Notes by Anthony Bowen and Peter Garnsey. Liverpool: LUP, 2003.
- LEÃO, Delfim. *O Burro de Ouro*. Lisboa: Libros Cotovia, 2007.
- LEGRAND, Ph.-E. (ed.) *Hérodote. Histoires*. Paris: LBL, 1963. (TLG)
- LENTZ, A. (ed.) *Grammatici Graeci*. Leipzig: Teubner, 1965. (TLG)
- LONG, H.S. (ed.); *Diogenis Laertii vitae philosophorum*. Oxford: CP 1966. (TLG)
- LLOYD-JONES, Hugh; PARSONS, Peter (eds.) *Supplementum Hellenisticum*. Berlin: Walter de Gruyter, 1983, no. 335, pp. 155-158.
- LUCIANO. *Obras II*. Traducción y notas de José Navarro. Madrid: Gredos, 1988.
- MACDOWELL, D. M. (ed.) *Aristophanes. Wasps*. Oxford: CP, 1971. (TLG)
- MAEHLER, H. (ed. post B. Snell) *Pindari carmina cum fragmentis*. Leipzig: Teubner, 1971. (TLG)

- MAIR, A.W. (ed.) *Oppian, Colluthus, Tryphiodorus*. Cambridge: HUP, 2002. (TLG)
- MARCO AURELIO. *Meditaciones*. Introducción de Carlos García Gual. Traducción y notas de Ramón Bach Pellicer. Madrid: Gredos, 2005.
- MAU, J. (ed.) *Plutarchi moralia*. Leipzig: Teubner, 1971. (TLG)
- MAY, Herbert G.; METZGER, Bruce M. (eds.) *The Holy Bible*. The New Oxford Annotated Bible. New York: OUP, 1971.
- MEINEKE, A. (ed.) *Strabonis geographica*. Leipzig: Teubner, 1969. (TLG)
- MIGNE, J.-P. (ed.) *Lucii Caecilii Firmiani Lactantii opera omnia, ad praestantissiman Lengletii-Dufresnoy editionem expressa; i unemanni, O. F. Fritzsche, N. Le nourry cum emendationibus tum disquisitionibus criticis aucta*. Parisiis: Excudebat Sirou, 1844. (*Patrologia cursus completus. Series Latina. v. 6-7*)
- MONDÉSERT, C. (ed.) *Clément d'Alexandrie. Le protreptique*. Paris: Cerf, 1949 (TLG)
- MORALES, Manuel Sanz. *Mitógrafos Griegos: Eratóstenes, Partenio, Antonino Liberal, Paléfato, Heráclito, Anónimo Vaticano*. Madrid: Ediciones Akal, 2002.
- MÜLLER, Karl (ed.) *Claudii Ptolemaei geographia*. Paris: Didot, 1883. (TLG)
- MÜLLER, Karl (ed.) *Geographi Graeci Minores*. Paris: Didot, 1965. (TLG)
- MÜLLER, Karl (ed.) *Fragmenta Historicorum Graecorum (FHG)*. Paris: Didot, 1841-1870 (TLG)
- OLSON, S. Douglas (ed.). *Broken Laughter - Select Fragments of Greek Comedy*. Introduction, Commentary and Translation. Oxford: OUP, 2007.
- OVIDIO. *Cartas de las heroínas - Ibis*. Traducciones y notas de Ana Pérez Vega. Madrid: Gredos, 2001.
- PAGE, D. L. (ed.) *Poetae melici Graeci*. Oxford: CP, 1967.
- PAGE, D.L. (org.) *Lyrice Graeca Selecta*. Oxford: OUP, 1968.
- PAGE, D.L.; DAVIES, Malcolm (eds.) *Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta (PMGF)*. Oxford: OUP, 1999.
- PARENTI, M.I. (ed.) *Senocrate. Ermodoro Frammenti*. Napoli: Bibliopolis, 1982. (TLG)
- PAUSANIAS. *Descripción de Grecia. Libros I-II*. Introducción, traducción y notas de María Cruz Herrero Ingelmo. Madrid: Gredos, 1994.
- PAUSANIAS. *Description of Greece, Books VIII.22-X*. With an english translation by W. H. S. Jones. Cambridge-London: HUP, 1935.
- PERRIN, B. (ed.). *Plutarch's lives*. Canbridge, Mass.: HUP, 1968. (TLG)
- PERRY, B.E. *Aesopica*. Urbana and Chicago: UIP, 2007.
- PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. Edited and translated by Christopher P. Jones. Cambridge-London: HUP, 2005. Books I-IV.
- PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. With and English translation by F. C. Conybeare. London: William Heinemann, 1912.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Carlos A. Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.
- PLINE L'ANCIEN. *Histoire Naturelle*. Texte établi, traduit et commenté par E. de Saint-Denis. Paris: LBL, 1955. Livre IX.
- PLINIO EL VIEJO. *Historia natural*. Libros VII-XI. Traducción y notas de E. del Barrio Sanz, I. García Arribas, A. M.<sup>a</sup> Moure Casas, L. A. Hernández Miguel, M.<sup>a</sup> L.

- Arribas Hernáez. Madrid: Gredos, 2003.
- PLUTARCH, *Moralia*. With an english translation by W. C. Helmbold. Cambridge-London: HUP, 2005. Volume VI.
- PLUTARCO, *Vidas Paralelas VII - Demetrio-Antonio, Dión-Bruto, Arato-Artajerjes-Galba-Otón*. Introducción, traducción y notas de Juan Pablo Sánchez Hernández y Marta González González. Madrid: Gredos, 2009.
- PLUTARQUE, *Oeuvres Morales*. Texte établi et traduit par Jean Dumortier avec la collaboration de Jean Defradas. Paris: LBL, 1975. Tome II - Première partie.
- POHLENZ, M. (ed.) *Plutarchi moralia*. Leipzig: Teubner, 1972. (TLG)
- POWELL, J.U. (ed.) *Collectanea Alexandrina*. Oxford: CP, 1970. (TLG)
- RAEDER, J. (ed.) *Oribasii synopsis ad Eustathium et libri ad Eunapium*. Leipzig: Teubner, 1964. (TLG)
- RAEDER, J. (ed.) *Oribasii collectionum medicarum reliquiae*. Leipzig: Teubner, 1928-1933. (TLG)
- RAHLFS, Alfred (ed.). *SEPTUAGINTA. Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes*. Stuttgart: DB, 1935-1979.
- REHM, B.; IRMSCHKE, J.; PASCHKE, F. (eds.) *Die Pseudoklementinen I. Homilien*. Berlin: Akademie-Verlag, 1969. (TLG)
- RENNIE, W. (ed.) "In Neaeram", in *Idem, Demosthenis orationes*. Oxford: CP, 1960. v. 3. (TLG)
- RILEY, Mark T. *Tertuliani Adversus valentinianus*. Text, translation and commentary. A dissertation submitted to the Department of Classics and the Comitee of Graduate Studies of Stanford University in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy, 1971.
- ROCHA-PEREIRA, Maria H. (ed.). *Pausaniae – Graeciae Descriptio*. Leipzig: Teubner, 1981. v. III, libri IX-X – Indices.
- RODRÍGUEZ, Marcelo M. (ed.) "Isaías 1-39", in *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica*. Madrid: Ciudad Nueva, 2007. Antiguo Testamento 12.
- SCHEPERS, M.A. (ed.) *Alciphronis rhetoris epistularum libri iv*. Leipzig: Teubner, 1969. (TLG)
- SIEVEKING, W. (ed.) *Plutarchi moralia*. Leipzig: Teubner, 1972. v.3 (TLG)
- SMALWOOD, E. Mary. *Philonis Alexandrini Legatio ad Gaium*. Edited with an Introduction, Translation and Commentary. Leiden: Brill, 1970.
- SOPHOCLE. Editeé par A. Dain et P. Mazon. Paris: LBL, 1967.
- SPIRO, F. (ed.) *Pausaniae Graeciae descriptio*. Leipzig: Teubner, 1967. (TLG)
- STÄHLIN, O.; FRÜCHTEL, L.; TREU, U. (eds.) *Clemens Alexandrinus* Stählin. Berlin: Akademie-Verlag, 1960-1970. (TLG)
- STRABO. *Geography*. With an English Translation by Horace Leonard Jones. Cambridge, MA: HUP, 1954. vv. IV e V.
- STRABON, *Geographie*. Introduction par Germaine Aujac et François Lasserre. Texte établi et traduit par Germaine Aujac. Paris: LBL, 1969. Tome I - 1<sup>re</sup> partie.
- USENER, H.; RADERMACHER, L. *Dionysii Halicarnasei quae exstant*. Leipzig: Teubner, 1965. (TLG)

- USSHER, R. G. (ed.) *Aristophanes. Eccleziastusae*. Oxford: CP, 1973. (TLG)
- VON ARNIM, J. (ed.) *Dionis Prusaensis quem vocant Chrysostomum quae exstant omnia*. Berlin: Weidmann, 1962. (TLG)
- VON DER MÜHLL, Peter (ed.) *Homeri Odyssea*. Basel: H&L, 1962. (TLG)
- WEST, Martin L. *Greek Lyric Poetry. The poems and fragments of the Greek iambic, elegiac, and melic poets (excluding Pindar and Bacchylides) down to 450 BC*. Oxford: OUP, 1993.
- WOELFFLIN, E.; MELBER, J. (eds.) *Polyaeni strategematon libri viii*. Leipzig: Teubner, 1970. (TLG)
- ZIEGLER, K. (ed.) *Plutarchi vitae parallelae*. Leipzig: Teubner, 1964<sup>1,2</sup>, 1964<sup>2,1</sup>, 1969, 1971<sup>3,1</sup>. (TLG)

Edições e traduções de textos medievais e bizantinos:

- ADLER, A (ed.) *Suidae lexicon*. Leipzig: Teubner, 1971<sup>1</sup>; 1967<sup>2</sup>; 1967<sup>3</sup>; 1971<sup>4</sup>.
- ALPERS, K. (ed.) *Bericht über Stand und Methode der Ausgabe des Etymologicum genuinum*. Copenhagen: Munksgaard, 1969. (TLG)
- BACHMANN, L (ed.) *Anecdota Graeca*. Leipzig: Hinrichs, 1828. (TLG)
- BERNHARDY, Godofredus; GAISFORDUM, Thomam. *Suidae Lexicon - Graece et Latine*. Halis et Brunsvigae: Sumptibus Swetschkiorum, 1853.
- CELENZA, C. (ed.) *Angelo Poliziano's Lamia*. Leiden - Boston: Brill, 2010.
- CRAMER, J.A. (ed.) *Anecdota Graeca e codd. manuscriptis bibliothecarum Oxoniensium*. Oxford: OUP, 1963.
- DYCK, A. R. (ed.) *Epimerismi Homerici, pars prior epimerismos continens qui ad Iliadis librum α pertinent*. Berlin: De Gruyter, 1983. (TLG)
- GAISFORD, T. (ed.) *Etymologicum Magnum*. Oxford: OUP, 1967. (TLG)
- HEYLBUT, G. (ed.) *Eustratii et Michaelis et anonyma in ethica Nicomachea commentaria*. Berlin: Reimer, 1892. (TLG)
- KAMBYLIS, Athanasios (ed.) *Corpus Fontium Historiae Byzantinae*. series Berolinensis. Volumen XLIII/3: *Stephani Byzantii Ethnica*, volumen III: K-O. Recensuit Germanice Vertit Adnotationibus Indicibusque Instruxit Margarethe Billerbeck. Berolini et Bostoniae: De Gruyter, MMXIV. (TLG)
- KIESSLINGIUS, Theophilus. *Ioannis Tzetzae Historiarum Variarum Chiliades*. Lipsiae, MDCCCXXVI.
- LASSERRE, F.; LIVADARAS, N. (eds.) *Etymologicum magnum genuinum. Symeonis etymologicum una cum magna grammatica. Etymologicum magnum auctum*. Rome: Ateneo, 1976. (TLG)
- LATTE, K. (ed.) *Hesychii Alexandrini lexicon*. Copenhagen: Munksgaard, 1953. (TLG)
- MEINEKE, A. (ed.) *Stephan von Byzanz. Ethnika*. Berlin: Reimer, 1958. (TLG)
- PAPADOPOULOS–KERAMEUS, A. (ed.) "Lexicon Sabbaiticum", in ERBSE, H.; LATTE, K. (eds.) *Lexica Graeca minora*. Hildesheim: Olms, 1965. (TLG)
- PHOTIUS. *Bibliothèque*. R. Henry (ed.) Paris: LBL, 1959-1977. (TLG)
- PINTAUDI, R. (ed.) *Etymologicum parvum quod vocatur*. Milan: IEC, 1973. (TLG)
- PORSON, R. (ed.) *Φωτίου τοῦ πατριάρχου λέξεων συναγωγή*. Cambridge: CUP, 1822.

(TLG)

SAN BASILIO. *Commento al Profeta Isaia*. Testo, introduzione, versione e note del Sac. Pietro Trevisan. Torino: SEI, 1989. v IV. Parte prima.

SPIRO, F. (ed.) "Pausanias - Scholien" (scholia vetera sub auctore Agathias), *Hermes* 29, 1894. (TLG)

STALLBAUM, G. (ed.) *Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Odysseam*. Leipzig: Weigel, 1970. (TLG)

THEODORIDIS, C. (ed.) *Photii patriarchae lexicon (A-Δ)*. Berlin: De Gruyter, 1982. (TLG)

TITTMANN, J.A.H. (ed.) *Iohannis Zonarae lexicon ex tribus codicibus manuscriptis*. Leipzig: Crusius, 1967. (TLG)

Edições e traduções de textos modernos e contemporâneos:

BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

CASCUDO, Luis da Camara. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Livraria Martins, 1956.

CELENZA, Christopher (ed.). *Angelo Poliziano's Lamia*. Leiden - Boston: Brill, 2010.

CORTÁZAR, Julio. *Bestiário*. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

COSTA, Bruno (org.). *Contos clássicos de vampiro*. Introdução de Alexander Meireles da Silva. Tradução de Marta Chiarelli. São Paulo: Hedra, 2010.

GARNETT, Lucy M. J.; STUART-GLENNIE, J. S. *New Folklore Researches. Greek Folk Poesy: Annotated Translations, From The Whole Cycle of Romaic Folk-Verse and Folk-Prose*. London: Billing and Sons, 1896. Vol. I: Folk-Verse, Vol. II: Folk-Prose.

LE FANU, Sheridan. *Carmilla, a vampira de Karstein*. Tradução de José Roberto O'Shea. Introdução de Alexander M. da Silva. São Paulo: Hedra, 2010.

LEVI, Primo. "Lilith", in *71 Contos*. Tradução e prefácio de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

LOBATO, Monteiro. *O saci*. Ilustrações de Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2007.

MASKALERIS, Thanasis; VALAORITIS, Nanos (eds.) *An Anthology of Modern Greek Poetry*. New Jersey: Talisman House, 2003.

MEGAS, Georgios A. *Folktales of Greece*. Translated by Helen Colaclides. Foreword by Richard M. Dorson. Chicago: UCP, 1970.

MITAKIDOU, Soula; MANNA, Anthony L.; KANATSOULI, Melpomeni. *Folktales From Greece - A Treasury of Delights*. Greenwood Village: Libraries Unlimited, 2002.

STALLBAUM, G. (ed.) *Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Odysseam*. Leipzig: Weigel, 1970. (TLG)

STOKER, Bram. *Dracula*. With an Introduction by George Stade. New York: Bantam Books, 2004.

VAN DER VALK, M. (ed.) *Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad*

*Homeri Iliadem pertinentes*. Leiden: Brill, 1979<sup>3</sup>. (TLG)

Estudos:

- ANAGNOSTOPOULOS, Georgios. "Aristotle's Works and the Development of His Thought", in *A Companion to Aristotle*. UK: Wiley-Blackwell, 2009. pp. 14-27.
- ANDERSON, Graham. *Fairytales in the Ancient World*. London: Routledge, 2000.
- ASMA, Stephen T. *On Monsters: An Unnatural History of Our Worst Fears*. New York: OUP, 2009.
- ASHTON, N. G. "The Lamian War. A false start?" *Antichthon* 17 (1983) 47-63.
- ASHTON, N. G. "The Lamian War - stat magni nominis umbra" *The Journal of Hellenic Studies*, Vol. 104, (1984), pp. 152-157.
- BAKOLA, Emmanuela. "Interplay of Comedy and Satyr Drama in the Fifth Century; Cratinus' Place in the Process", in *Cratinus and the Art of Comedy*. Oxford: OUP, 2010. pp. 112-117.
- BALLABRIGA, Alain. "Les Lestrygons, le Grand Nord et le passage d'ouest en est", in *Les fictions d'Homère - L'invention mythologique et cosmographique dans l'Odysée*. Paris: PUF, 1998. pp. 112-139.
- BARBOSA, Tereza V. R. "Mas...para que servem os monstros?", in *Assomos e assombros*. Cadernos Viva Voz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. pp. 7-11.
- BARDACH, John E.; LAGLER, Karl F.; MILLER, Robert R. *Ichthyology*. New York and London: John Wiley & Sons, 1962.
- BENARDETE, Seth. *The Tragedy and Comedy of Life: Plato's Philebus*. Chicago: UCP, 1993.
- BLUNDELL, Sue. *Women in Ancient Greece*. Cambridge: HUP, 1995.
- BRUM, Richard & Eva. *The Dangerous Hour: the Lore and Culture of Crisis and Mystery in Rural Greece*. New York: Charles Scribner's Sons, 1970.
- BURKERT, Walter. "Lykaia and Lykaion", in *Homo Necans*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1983. pp. 84-93.
- BURKERT, Walter. *The Orientalizing Revolution: Near Eastern Influence on Greek Culture in the early Archaic Age*. Translated by Margaret E. Pinder and Walter Burkert. Cambridge-London: HUP, 1992.
- BURKERT, Walter. *Greek Religion*. Blackwell Pub. and Harvard Univ. Press, 2009.
- BURKERT, Walter. "Introduction", in *IDEM. Babylon, Memphis, Persepolis: Eastern Contexts of Greek Culture*. Cambridge-London: HUP, 2004.
- CALDEIRA, Vivian da C. M. Uma Grécia "digna de contemplação": análise de *théas áxion* no livro III da *Periégesis* de Pausânias. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011. pp. 9-27.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. "A lírica de Horácio", "As *Epístulas* de Horácio", "O romance de Apuleio" e "A *História natural*, de Plínio, o Velho", in *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 65-69, 113-115, 129-130 e 193-196.
- CASTELFRANCHI, Yuriy. "Quase como nós", in *Dossiê, ComCiência, Revista eletrônica de jornalismo científico*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=332>>. Acesso ao formato pdf no dia 30/07/2011.

- CHANTRAINE, Pierre. "Le divin et les dieux chez Homère", in *Entretiens sur l'Antiquité classique, Tome 1: La notion du divin depuis Homère jusqu'à Platon*. Vandoeuvres (Genève): Fondation Hardt pour l'étude de l'Antiquité classique, 1952.
- COHEN, Jeffrey J. "A Cultura dos monstros: sete teses", in SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Pedagogia dos Monstros - Os Prazeres e Perigos da Confusão de Fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 25-60.
- CREPALDI, Clara L. "Entre cães e cadelas: a Helena da *Iliada*", in *Nuntius Antiquus*, v. VIII, n. I (2012), pp. 51-65.
- CURADO, Ana Lúcia. *Mulheres em Atenas*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Sá da Costa Editora, 2008.
- COUNILLON, Patrick. *Pseudo-Skylax: le Périples du Pont-Euxin*. Texte, traduction, commentaire philologique et historique. Bordeaux: Ausonius, 2004.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. Tradução de Maria Lucia Machado, tradução de notas de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DE JONG, Irene. *A Narratological Commentary on the *Odyssey**. Cambridge: CUP, 2004.
- DICKEY, Eleanor. *Ancient Greek Scholarship: A Guide to Finding, Reading and Understanding Scholia, Commentaries, Lexica and Grammatical Treatises, From Their Beginnings to the Byzantine Period*. London-New York, Oxford U. P., 2007.
- DUARTE, Eduardo de Assis. "Lilith na Literatura - Identidade e Transgressão", in *Literatura e Diferença: Anais do IV Congresso da ABRALIC*. São Paulo. 31/07 e 01, 02 e 03/08 de 1994. pp. 253-256.
- DUECK, Daniela; LINDSAY, Hugh; POTHECARY, Sarah (eds.) *Strabo's Cultural Geography: the Making of a Kolossourgia*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2005.
- ERRINGTON, R. M. "Samos and the Lamian War", *Chiron* 5 (1975), pp. 51-57.
- FISHER, Elizabeth A. "The Anonymous Commentary on *Nichomachean Ethics* VII: Language, Style and Implications", in BARBER, Charles; JENKINS, David. *Medieval Greek Commentaries on the *Nichomachean Ethics**. Leiden-Boston: Brill, 2009. pp. 145-161.
- FLORESCU, Radu; MCNALLY, Raymond T. *In Search of Dracula: a True History of Dracula and Vampire Legends*. New York: Galahad Books, 1972.
- FONTENROSE, Joseph E. *Python: A Study of the Delphic Myth and Its Origins*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1980.
- FOWLER, R.L. *Early Greek Mythography II: Commentary*. Oxford, OUP, 2013.
- FROTHINGHAM, A. L. "Medusa, Apollo, and The Great Mother", in *American Journal of Archaeology*, Second Series, vol. XV (1911), pp. 349-377.
- GAGARIN, Michael. "Series Introduction: Greek Oratory" in WORTHINGTON, Ian; COOPER, Craig R.; HARRIS, Edward M. *Dinarchus, Hyperides and Lycurgus*. Austin: UTP, 2001. pp. ix-xxviii.
- GANS, Carl; PARSONS, Thomas S. *Photographic Atlas of Shark Anatomy - The Gross Morphology of *Squalus acanthias**. New York: Academic Press, 1964.
- GARNETT, Lucy M. J.; STUART-GLENNIE, J. S. *New Folklore Researches. Greek Folk Poesy: Annotated Translations, From The Whole Cycle of Romaic Folk-Verse and Folk-Prose*. London: Billing and Sons, 1896. Vol. I: Folk-Verse, Vol. II: Folk-

Prose.

GILMORE, David D. *Monsters: Evil Beings, Mythical Beasts, and All Manner of Imaginary Terrors*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003.

GOSLOW JR., G. E; HILDEBRAND, Milton. *Análise da estrutura dos vertebrados*. Ilustrações de Viola Hildebrand. Tradução de Ana Maria de Souza e Érika Schlenz. São Paulo: Atheneu, 2006.

GRAVES, Robert. *The Greek Myths*. London: Penguin Books, 1992.

GRAVES, Robert. *Los mitos griegos*. 2 vols. Buenos Aires: Editorial Losada, 1967.

GRIMAL, Pierre. *Mitologia Clássica - Mitos, Deuses e Heróis*. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

GURINA, Marina P. "Erotismo y política sexual en la Grecia Antigua", in *Idem, Alguien se acordará de nosotras: mujeres en la ciudad griega antigua*. Barcelona: Bellaterra Arqueología, 2008. pp. 119-136.

GUYTON, Arthur C. "Introdução à Fisiologia Humana", in *Fisiologia Humana*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981. pp. 3-11.

HAINSWORTH, Bryan. *The Iliad, a Commentary. V. III, Books 9-12*. Cambridge: CUP, 2005.

HALLIWELL, Stephen. "Introduction", in *Aristophanes: Birds, Lysistrata, Assembly-Women, Wealth*. Translated With an Introduction and Notes by Stephen Halliwell. Oxford: Oxford University Press, 1998. pp. ix-lxvi.

HALM-TISSERANT, Monique. "Folklore et superstition en Grèce Classique: Lamia torturée?", in *Kernos* [online], 2 (1989), pp. 67-82. Baixado do sítio da revista no dia 2 de fevereiro de 2016. URL: <http://kernos.revues.org/236>; DOI: 10.4000/kernos.236.

HEISER, John B.; JANIS, Christine M.; POUGH, F. Harvey. *A vida dos vertebrados*. Tradução de Ana Maria de Souza. São Paulo: Atheneu, 2008. pp. 106-113.

HEUBECK, Alfred; HOEKSTRA, Arie. *A Commentary on Homer's Odyssey. V. II, Books IX-XIV*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

HILD, J.-A. *Étude sur les démons dans la littérature et la religion des Grecs*. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 1881.

HIPÓLITO, Mário C. *Moedas gregas antigas: ouro*. Museu Calouste Gulbenkian. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

HOAR, William S. "The Gonads and Reproduction", in BROWN, Margaret E. *The Physiology of Fishes*. London: Academic Press Inc., 1962. v. I.

HOPMAN, Marianne. *The Maiden of the Straits. Scylla in the Cultural Poetics of Greece and Rome*. A thesis presented to the Department of The Classics in partial fulfillment of the requirements of the degree of Doctor of Philosophy in the subject of Classical Philology. Cambridge, Mass.: Harvard University, May 2005. PDF.

HUTTON, William. *Describing Greece. Landscape and Literature in the "Periegesis" of Pausanias*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

JEHA, Julio (org.) *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

JEHA, Julio; NASCIMENTO, Lyslei (orgs.) *Da fabricação de monstros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

KAKABAS, Γεώργιος. *Ὅθεν ἀργυρίου ἐστὶ γενέθλη Ἀρχαϊκὴ Νομισματοκοπία τῆς*

- Aθήνας. *Μεταλλεία, Μέταλλα και Νομίσματα*. Αθήνα: Επιγραφικό & Νομισματικό Μουσείο, 28/05 - 31/10 - 2015. (KAKAVAS, George (ed.) *Where Silver Was Born - Athenian Archaic Coinage. Mines, Metals and Coins*. Athens: Epigraphic and Numismatic Museum, 28/05 - 31/10 - 2015). ISBN: 978-618-80968-5-1.
- KANAVOU, Nikoletta. "Wasps", in *Aristophanes' Comedy of Names: A Study of Speaking Names in Aristophanes*. Berlin-New York: De Gruyter, 2011. pp. 80-97.
- KIRK, Geoffrey S. *Myth: Its Meaning & Functions in Ancient & Other Cultures*. Cambridge: CUP, 1974.
- KOVACS, David. "Text and Transmission", in: GREGORY, Justina (ed.) *A Companion to Greek Tragedy*. Malden: Blackwell Publishing, 2005.
- LAWSON, John Cuthbert. *Modern Greek Folklore and Ancient Greek Religion: Studies in Survivals*. Cambridge: CUP, 1910.
- LEITE. Priscilla G. *Contra Midias: a utilização da impiedade por Demóstenes*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009. pp. 83-94.
- LEITE JUNIOR, Jorge L. "O que é um monstro?", in *Dossiê, ComCiência - Revista eletrônica de jornalismo científico*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=332>>. Acesso ao formato pdf em 30/07/2011.
- LEINWEBER, David Walter. "Witchcraft and Lamiae in *The Golden Ass*", in *Folklore*, 105 (1994), pp. 77-82. Artigo obtido através do programa JSTOR, URL: <http://www.jstor.org/stable/1260631>, no dia 15/04/2010, às 20:51 hs.
- LEVI, Paul. "Greek Drama", in BOARDMAN, J.; GRIFFIN, J.; MURRAY, O. (eds.) *The Oxford History of the Classical World*. Oxford & New York: Oxford University Press, 1986. pp. 156-185.
- LORAUX, Nicole. *L'Invention d'Athènes. Histoire de l'oraison funèbre dans la « cité classique »*. Paris: Éditions de l'EHESS, 1981.
- MARQUES, Marcelo Pimenta. "Apresentação" e "Mito e Filosofia", in MARQUES, Marcelo P.; ANDRADE, Mônica V.; COSCARELLI, Tânia C.; Laterza, Moacyr (eds.) *Mito*. Belo Horizonte: Núcleo de Filosofia Sônia Viegas, 1994. Caderno de Textos Número 2.
- MARIUZZO, Patrícia. "Contos de fadas ensinam as crianças a lidar com seus medos", in *Dossiê, Comciência - Revista eletrônica de jornalismo científico*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=332>>. Acesso ao formato pdf em 30/07/2011.
- MARR, John S.; CALISHER, Charles H. "Alexander the Great and West Nile Virus Encephalitis", in *Emerging Infectious Diseases*, 9.12 (2003), pp. 1599-1603. [www.cdc.gov/eid](http://www.cdc.gov/eid) (online version).
- MARTIN, G. "Antipater after the Lamian War: New Readings in Vat. Gr. 73 (Dexippus fr. 33)", *The Classical Quarterly, New Series*, 55, 1 (2005), pp. 301-305.
- MAZZINI, Innocenzo. "A alimentação e a medicina no mundo antigo", in FLADRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. Tradução de Luciano Vieira Machado e Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. Cap. 14, pp. 254-265.
- MORAIS, Cynthia. *Maravilhas do mundo antigo: Heródoto, Pai da História?* Belo

- Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- MORTOZA, Marina P. D. *A velha lâmia: um catálogo de fontes antigas de um mito sangrento*. Dissertação apresentada ao Colegiado de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 12 de setembro de 2013. pp. 205. Papel.
- NAZÁRIO, Luiz. *Da Natureza dos Monstros*. Arte & Ciência, 1998.
- NEUMANN, Erich. *The Great Mother: An Analysis of The Archetype*. Princeton: Princeton University Press, 1991. p. 168.
- NORDGREN, Lars. "φεῦ", in *The Greek Interjections. Studies on the Syntax, Semantics and Pragmatics of the Interjections in Fifth-Century Drama*. Stockholm, Stockholm University, 2012. pp. 130-134.
- O'FLAHERTY, Wendy D. *The Origins of Evil in Hindu Mythology*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1980.
- OGDEN, Daniel. *Drakon: Dragon Myth and Serpent Cult in the Greek and Roman Worlds*. Oxford: Oxford University Press, 2013<sup>1</sup>.
- OGDEN, Daniel. *Dragons, Serpents, & Slayers in the Classical and Early Christian Worlds: a Sourcebook*. Oxford: OUP, 2013<sup>2</sup>.
- OGDEN, Daniel. *Magic, Witchcraft, and Ghosts in the Greek and Roman Worlds: a Sourcebook*. Oxford: OUP, 2009.
- OIKONOMIDES, A. N. "Athens and the Phokians at the Outbreak of the Lamian War (= IG II 367)", *The Ancient World* 5 (1982), pp. 123-127.
- OKIN, Louis A. "a Hellenistic Historian Looks at Mythology: Dúris of Samos and the Mythical Tradition", in BURSTEIN, S.M.; OKIN, L.A. (eds.) *Panhellenica - Essays in Ancient History and Historiography in Honour of Truesdell S. Brown*. Coronado Press, 1980.
- ÖNAL, Leyla. "The Discursive Suppression of Women: Female Evils as the Villains of the Motherhood Narrative", *Folklore* 48 (2011), pp. 85-116. (www.folklore.ee/folklore/vol48/onal.pdf - A *Folklore* é uma revista eletrônica editada por Mare Kõiva & Andres Kuperjanov, e publicada pelo Folk Belief and Media Group of the Estonian Literary Museum.)
- OVERDUIN, Floris. *Nicander of Colophon's Theriaka: a Literary Commentary*. Leiden and Boston: Brill, 2014.
- PAGE, Denys. "The Laestrygonians", in *Folktales in Homer's Odyssey*. Cambridge, Mass.: HUP, 1973. pp. 23-48.
- PAGE, T. E.; CAPPS, E.; ROUSE, W.H. (eds.) "The Wasps", in *Aristophanes I: The Acharnians, The Knights, The Clouds, The Wasps*. With an English Translation of Benjamin Bickly Rogers. London: William Heinemann, 1930. pp. 404-549.
- PEREIRA, Murilo A. "Monstruosa Humanidade, com a colaboração de Fábio Reynol, in *Dossiê, ComCiência - Revista eletrônica de jornalismo científico*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=332>>. Acesso ao formato pdf no dia 30/07/2011.
- PÉREZ, Clodio González. *A coca e o mito do dragon*. Vigo: Ir Indo, 1993.
- PERRY, B.E. (ed.) "Introductio", in *Babrius and Phaedrus Fables*. Edited and translated by Ben E. Perry. Cambridge: HUP, 1965. pp. xi-cii.
- PERRY, B.E. *Studies in the Text History of The Life and Fables of Aesop*. Ann Arbor:

- Edward Brothers Inc., 1981.
- PIVÁRCSEI, István. *A Transylvania Vampire Expert's Short History of the Undead*. Translation by Dorottya Olchváry, Dániel Dányi, and Paul Olchváry. Williamstown: New Europe Books, 2012.
- REINHARDT, Karl. "The Adventures in the *Odyssey*" (translated by Harriet I. Flower) in SHEIN, Seth (org.) *Reading the Odyssey*. Princeton: PUP, 1996, pp. 63-132.
- RICOTTI, Eugenia S. P. *Meals and Recipes from Ancient Greece*. Translated by Ruth A. Lotero. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2007.
- ROCHA-PEREIRA, Maria Helena "Eurípides", in *Estudos de história da cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. v. 1, pp. 408-418.
- SANTOS, Marcos Martinho dos. *Lições sobre alegoria de gramáticos e retores gregos e latinos*. Tese apresentada ao Colegiado de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2002. 238f. Papel.
- SILVA, Francisco Vaz da. *Mulheres do outro mundo: fadas e serpentes*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.
- SHIPLEY, Graham. "Rome's wars against Macedonia and Syria", in *Idem, The Greek World After Alexander 323-30 BC*. London and New York: Routledge, 2000. pp. 371-386.
- STERN, Jacob. "Heraclitus the Paradoxographer: Περὶ Ἀπίστων, On Unbelievable Tales". *TAPA*, 133 (2003), pp. 51-97.
- SOLMSEN, Friedrich. "The Fishes of Lesbos and Their Alleged Significance for the Development of Aristotle", *Hermes*, vol. 106, tomo 3 (1978), pp. 467-484. Artigo obtido através do programa JSTOR, URL: <http://www.jstor.org/stable/4476073>, no dia 10/04/2013, às 07:33 hs.
- STORER, Tracy I.; USINGER, Robert L.; STEBBINS, Robert C.; NYBAKKEN, James W. "Classe Chondrichtyes: peixes cartilaginosos", in *Zoologia Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003. pp. 584-593.
- TRACHTENBERG, Joshua. "The Powers of evil", in *idem, Jewish Magic and Superstition. A Study in Folk Religion*. New York: Behrman's, 1939. pp. 25-43.
- TEMPLE, Robert. "Introduction", in *Aesop - The Complete Fables*. Translated by Olivia and Robert Temple. With an Introduction by Robert Temple. London: Penguin Books, 1998. pp. ix-xxiii.
- TIPTON, Jason. "Aristotle's Fish: the case of the kobios and phusis", in *Perspectives in Biology and Medicine*, 49.3 (2006), pp. 369-383. Artigo conseguido através do Project Muse, <http://muse.jhu.edu/journals/pbm/summary/v049/49.3tipton.html>.
- WALBANK, Frank W. *A Historical Commentary on Polybius*. Oxford: CP, 1979. v. III - Commentary on books XIX-XL.
- WALSH, J. "The *Lamiaka* of Choerilus and the Genesis of the term 'Lamian War'", *Classical Quarterly*, 61.2 (2011), pp. 538-544.
- WALSH, J. "Leosthenes and the Transportation of Greek Mercenaries from Asia Minor", *Studia Humaniora Tartuensia* 13A3 (2012), pp. 1-11.
- WATTS, John D. W. (ed.) *Word Biblical Commentary - Isaiah 34-66*. New York: Thomas Nelson Publishers, 2005.

- WEST, Martin L. "Stesichorus", *Classical Quarterly* 21 (1971), pp. 302-314.
- WESTLAKE, H. D. "The Aftermath of the Lamian War", *Classical Review* 63 (1949), pp. 87-90.
- WIDYAPRANAWA, S. H. *The Lord Is Savior: Faith in National Crisis - A Commentary of the Book of Isaiah 1-39*. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.
- WILK, Stephen R. "What the Gorgon Really Was", in *Medusa - Solving the Mystery of the Gorgon*. New York: Oxford, 2000. pp. 183-191.
- WILSON, Katharina M. "The Story of the Word 'Vampire'", in *Journal of the History of Ideas*, vol. 46, n° 4 (Oct.-Dec., 1985), pp. 577-583. Artigo conseguido através do programa JSTOR, URL: <<http://www.jstor.org/stable/2709546>>, no dia 14/01/2011, às 04:33 hs.
- ZOIDO, Juan Carlos I. "Estructura y elementos estructuradores en las *Haliéuticas* de Opiano de Cilicia", *Anuario de Estudios Filológicos*, vol. XXV (2002), pp. 205-220.

Bestiários, catálogos, dicionários, enciclopédias, guias e léxicos:

- ACKERMANN, Hans C.; GISLER, Jean-Robert; KAHIL, Lilly (eds.) *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Zürich: Artemis. vv. III<sup>1</sup> e III<sup>2</sup>, 1986; IV<sup>1</sup> e IV<sup>2</sup>, 1988; VI<sup>1</sup> e VI<sup>2</sup>, 1992.
- BAILLY, Anatoile. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.
- BAUMGARTEN, Peter (dir.) *Baedeker - Greece (Baedeker)*. English translation: James Hogarth. Stuttgart: Baedeker, 1995. Published in the United States in New York by Macmillan Travel, 1995.
- BEEKES, Robert. *Etymological Dictionary of Greek*. With the assistance of Lucien van Beek. Leiden - Boston: Brill, 2010.
- BIZANTIUS, Ch.D.; COROMÉLAS, A. *Dictionnaire Grec-Français et Français-Grec*. Athènes: André Coromélas, 1856.
- BOISACQ, Émile. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque étudiée dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes*. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1950.
- BRUNEL, Pierre (org.) *Dicionário de Mitos Literários*. Prefácio de Nicolau Sevcenko. Tradução de Carlos Sussekind, Jorge Laclette, Maria Tereza Rezende Costa e Vera Whately. Rio de Janeiro: Editora UnB - José Olympio Editora, 1997.
- CANCIK, Hubert; SCHNEIDER, Helmut (eds.) *New Pauly - Brill's Encyclopaedia of The Ancient World*. Leiden - Boston: Brill, 2005. vv. 6, 7.
- CASCUDO, Luis da Camara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2010.
- CASCUDO, Luis da Camara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia e São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 2009.
- CIVITA, Victor (ed.) *Mitologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 3 V.
- COMPAGNO, Leonard; DANDO, Marc; FOWLER, Sarah. *Sharks of the World. Princeton Field Guides*. New Jersey: Princeton University Press, 2005.
- CUNLIFFE, Richard John. *A Lexicon Of The Homeric Dialect*. Norman and London:

- University of Oklahoma Press, 1963.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 2001.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003.
- FRISK, Hjalmar. *Griechisches Etymologisches Wörterbuch*. Band II: Κρ-Ω. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1970.
- GLARE, P. G. W. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- GREECE: touristic guide. New York: Macmillan Travel, 1995. 606 p. il. (Baedeker Travel Guides). Includes free fold-out map.
- GREECE: touristic guide. Oakland: Lonely Planet Publications, 2004. 712 p. il. (Lonely Planet Books). Includes language guide and over 150 maps.
- GREECE - Athens & the mainland: touristic guide. New York: DK Publishing, 2004. 352 p. il. (DK Eyewitness Travel Guides). Includes 3D aerial views.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HANSEN, Mogens H.; NIELSEN, Thomas H. (eds.) *An Inventory of Archaic and Classical Poleis. An Investigation Conducted by the Copenhagen Polis centre for the Danish National Research Foundation*. Oxford: OUP, 2004.
- HEBERMANN, C. G.; PACE, E. A.; PALLEN, C. B.; SHAHAN, T. J.; WYNNE, J. J. (eds.) *The Catholic Encyclopedia: An International Work of Reference on The Constitution, Doctrine, Discipline, And History of The Catholic Church*. New York: Robert Appleton Company, 1910. v. VIII: Infamy-Lapparent. p. 736.
- HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony (eds.) *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- HOUAISS, Antônio. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- JENKINS, Fred W. *Classical Studies: A Guide to the Reference Literature*. Englewood: Libraries Unlimited, 1996.
- LIDDELL, Henry G.; SCOTT, Robert e JONES, Henry S. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996. 9ª edição.
- MACK, Carol K.; MACK, Dinah. *A Field Guide to Demons, Fairies, Fallen Angels, and Other Subversive Spirits*. New York: Owl Books, 1999.
- MANIATOGLU, Maria da Piedade Faria. *Dicionário Grego-Português, Português-Grego. Ελληνο-Πορτογαλικό, Πορτογάλο-Ελληνικό Λέχικο*. Porto: Porto Editora, 2008.
- MENGE-GÜTHLING. *Griechisch-Deutsches und Deutsch-Griechisches Wörterbuch*. Berlin-Schöneberg: Langenscheidtsche Verlagsbuchhandlung, 1910.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1932.
- PASSOW, Franz. *Handwörterbuch der Griechischen Sprache*. Leipzig: Fr. Chr. Wilh. Vogel., 1852.
- SIMMONDS, Jane (ed.) *Eyewitness Travel Guides - Greece: Athens & the Mainland (DK)*. Main consultant: Marc Dubin. London: Dorling Kindersley, 2004.

SMITH, William. *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. London: A. and G.A. Spottiswoode, 1954.

SMYTH, Herbert W. *Greek Grammar*. Harvard: Harvard University Press, 1984.

Endereços eletrônicos de uso contínuo:

⟨<http://www.jstor.org>⟩

⟨<http://www.perseus.tufts.edu>⟩

⟨<http://www.tlg.uci.edu>⟩ através do *Programa Diógenes*, versão 1999-2007.

⟨<http://www.fishbase.org>⟩ Froese, R. and D. Pauly. Editors. 2014. FishBase. World Wide Web electronic publication. Version (08/2014).

---

## Anexos

---

### 1. Tabelas

#### **1. Tabela apresentando todas as aparições registradas do vocábulo grego *lâmia*** (organizada de acordo com a pesquisa feita no *TLG*)

Esclarecimentos concernentes à tabela

- Todos os autores cujas obras estão em um estado fragmentário apresentam o nome Fragmentos como título da obra.
- Todas as datas antes do nascimento de Cristo estão indicadas pela tradicional abreviatura (a.C.); todas as outras datas são posteriores e não possuem indicação abreviada. A abreviatura para datas pós nascimento de Cristo (d.C.) só aparece registrada no caso de autores cujo nascimento foi anterior a Cristo e a morte foi posterior (xy a.C. - yx d.C.).
- Todas as referências a autores dos quais não se sabe a identidade estão registradas como Desconhecido, e suas datas aparecem como um ponto de interrogação - ?, para evitar a repetição da palavra desconhecida.
- Todas as compilações, por serem compostas de uma variedade de textos de autores diversos, têm seus autores registrados como Vários, e suas datas como Variada.
- No caso dos escólios a autores diversos, registrou-se a informação de que são escólios junto ao nome do autor (desconhecido ou não), e não se repetiu a

informação "escólios a tal" no nome da obra, figurando nessa coluna apenas o nome da obra à qual o escólio se refere.

<b>Morfologia do vocábulo</b>	<b>Autor</b>	<b>Data</b>	<b>Obra</b>	<b>Localização do voc. na obra</b>
<b>ΛΑΜΙΑ</b>	Eurípides	480-406 a.C.	Fragmentos: Lamia	Kannicht (ed.) fr. 922
	Crates	ca. 450 a.C. (floruit)	Fragmentos: Lamia	Austin & Kassel (eds.) frs. 21-25
<b>Λάμια</b>	Sílux de Carianda	VI-V a.C.	Périplo	62.7
	Aristófanes	ca. 446-386 a.C.	Vespas	1177
	Idomeneu de Lâmpsaco	ca. 325-270 a.C.	Fragmentos	Müller (ed.) fr. 5a.3
	Mácron	III a.C.	Fragmentos	Gow (ed.) fr. 13.176, 182, 187
	Estrabão	64 a.C - 24	Geografia	1.2.8.24
	Plutarco	46-120	Demétrio	16.5.2; 27.3.2; 27.10.3; 27.14.2
	Cláudio Ptolomeu	ca. 90-168	Geografia	3.12.43.6
	Élio Herodiano	II	Sobre a prosódia católica	3.1.248.18; 3.1.531.18
			Sobre a ortografia	3.2.451.6
			Partições	222.18
			Sobre os dissílabos	3.2.12.2
	Ateneu de Náucrates	II-III	Deipnosofistas	4.1.11; 13.37.3; 13.39.9; 13.39.14; 13.39.20; 13.39.25
	Antonino Liberal	entre 100-300	Metamorfoses	8.t.1
	Alcifron	ca. 170-350	Cartas das cortesãs	4.16.1.1; 4.16.2.2; 4.17.3.2; 4.17.4.6; 4.17.6.4; 4.17.8.4; 4.17.10.1
	Hesíquio de Alexandria	ca. V	Léxico (A-O)	Λ.248.1; Λ.249.1
	Estéfano de Bizâncio	VI	Étnica (epitome)	409.4
	Teognosto	IX	Cânones ou Sobre a ortografia	581.4
	Fócio (São Fócio)	IX	Léxico (E-M)	Λ.60.1; Λ.61.1; Λ.62.1
	Queróbosco (?)	ca. IX (?)	Epimerismos Homéricos	357.5
	Desconhecido	IX	Etimológico Parvo (Pequeno)	Λ.40.1-2
Desconhecido	X	Etimológico Gudiano (ζείδιωρος-ῶμαι)	Λ.361.38	

	Suda	X	Léxico	K.2339.3; Λ.85.1
	Constantino Porfirogênetas	905-959	De thematibus (Ásia-Europa)	2.42
	Eustácio de Tessalônica	1115-1195/96	Comentários à <u>Iliada</u> de Homero	1.405.21; 3.178.15
	Desconhecido	XII	Etimológico Simeonense (α-άμωσγέπως)	1.277.3
	Desconhecido	ca. 1150	Etimológico Magno (Grande)	555.50
	Pseudo-Zônaras	XIII	Léxico	Λ.1284.15
	Desconhecido - Escólios a Élio Aristides	?	Escólios antigos ( <u>Scholia vetera</u> )	102,5.3
	Desconhecido - Escólios a Aristófanes	?	Vespas	1177a.1
			Paz	758d.1; 758d.3
	Desconhecido - Escólios a Pausânias	?	Descrição da Grécia	1.1.3.1
	Desconhecido - Escólios a Teócrito	?	Escólios antigos ( <u>Scholia vetera</u> )	15.40c.1
<b>λάμια</b>	Aristóteles	384-322 a.C.	História dos animais	540b18; 621a20
	Suda	X	Léxico	Λ.85.1
	Eustácio de Tessalônica	1115-1195/96	Comentários à <u>Odisseia</u> de Homero	2.13.27
	Desconhecido	ca. 1150	Etimológico Magno (Grande)	555.51
	Desconhecido - Escólios a Aristófanes	?	Vespas	1035c.1
<b>λαμία</b>	Fílon de Alexandria	20 a.C - 50 d.C.	Embaixada a Caio	351.3
	Públio Élio Flégon	II	Sobre o maravilhoso	9.1.4; 9.1.431
			Fragmentos	Jacoby (ed.) fr. 36.364
	Ateneu de Náucratis	II-III	Deipnosofistas (epitome)	2,1.101.14; 2,2.110.23; 2,2.111.14; 2,2.111.15; 2,2.111.21; 2,2.111.24
	Antonino Liberal	entre 100-300	Metamorfoses	c2.8.1
	Clemente de Alexandria	150-215	Fragmentos	Stählin, Früctel & Treu (eds.) fr. 73.3
Hesíquio de Alexandria	ca. V	Léxico (A-O)	K.834.1	

	João Malalas	ca. 491-578	Cronografia	10.4.35
	Desconhecido	aprox. 850	Etimológico Genuíno	Λ.26.1
	Suda	X	Léxico	Λ.84.1
	Desconhecido	ca. 1150	Etimológico Magno (Grande)	555.51
	Desconhecido - Escólios a Élio Aristides	?	Escólios antigos ( <u>Scholia vetera</u> )	102,5.23
	Desconhecido - Escólios a Aristófanos	?	Vespas	1035c.1-2; 1035d.2; 1177a.1
	Desconhecido - Escólios a Aristóteles	?	Comentários à <u>Ética a Nicômaco</u>	427.38
<b>λαμμία</b>	Desconhecido	XI	Léxicos seguerianos	Λ.287.25
<b>Λαμμία</b>	Menandro	ca. 341/2-290 a.C.	Fragmentos: Andro	Meineke (ed.) fr. 5.2
	Mácron	III a.C.	Fragmentos	Gow (ed.) fr. 13.175
	Clemente Romano (Papa Clemente I)	35-100	Homilias	5.14.1.1
	Plutarco	46-120	Demétrio	24.1.6; 27.1.6
			Eumenes	3.6.3
			Fócion	26.7.2
			Demóstenes	27.2.1
	Favorino de Arélate	ca. 80-160	Fragmentos	Barigazzi (ed.) fr. 37.3
	Pausânias	ca. 110-180	Descrição da Grécia	1.8.3.1; 7.6.5.5; 7.10.4.1; 7.10.5.5
	Frínico	II	Preparação sofística (frs.)	fr. 213.1
	Julio Pollux	II	Onomasticon	9.62.6
	Ateneu de Náucrates	II-III	Deipnosofistas	10.12.8; 13.39.13
			Deipnosofistas (epitome)	2,2.111.19
	Alcífron	ca. 170-350	Cartas das cortesãs	4.17.1.1
	Diógenes Laércio	ca. 200-250	Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres	5.76.3
	Fócio (São Fócio)	IX	Léxico (E-M)	Λ.61.8
			Léxico (A-Λ)	A.1759.1; A.3396.1
	Suda	X	Léxico	Λ.84.8; A.2704.2
	Michel Efésio	XII	Sobre a <u>Ética a Nicômaco</u>	547.18
	Desconhecido	ca. 1453 (?), XV	Léxico Sabaítico	A.41.20
Miguel Apostólio	ca. 1420-1471/86	Collectio	10.44.11	

			Paroemiarum	
	Desconhecido - Escólios a Platão	?	Filebo (Escólios antigos - Scholia vetera)	14a.4
	Desconhecido - Escólios a Aristóteles	?	Comentários à Ética a Nicômaco	427.38
λάμιαι	Oribásio	320-400	Coleções médicas	3.18.9.5
			Sinopse ao filho Eustácio	4.17.7.5
	Hesíquio de Alexandria	ca. V	Léxico (A-O)	Λ.250.1
Λαμίαι	Historiador anônimo	?	Crônica de Oxirrinco (Papiro de Oxirrinco 1.12)	Jacoby (ed.) F2b, 255, F fr. 1.75
λαμίαι	Galeno	129 - ca. 210	Das faculdades dos alimentos	3.727.3
Λαμιακά	Coerilo de Iaso	IV a.C.	Fragmentos	Blabla (ed.) fr. 334.t
	Suda	X	Léxico	X.595.10
Λαμιακόν	Xenócrates	ca. 396-314 a.C.	Fragmentos	Parente (ed.) fr. 2.42
	Diodoro Sículo	90-30 a.C.	Biblioteca histórica	18.p.1.13, 28; 18.8.1.4; 18.19.1.1; 18.66.5.3
	Plutarco	46-120	Pirro	1.6.3
	Pausânias	ca. 110-180	Descrição da Grécia	7.15.2.8
	Diógenes Laércio	ca. 200-250	Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres	4.9.9
Λαμιακός	Diodoro Sículo	90-30 a.C.	Biblioteca histórica	17.111.1.3
	Estrabão	64 a.C - 24 d.C.	Geografia	9.5.10.4
	Estéfano de Bizâncio	VI	Étnica (epitome)	409.6
	George Sincelo	VIII-IX	Écloga chronographica	331.19
Λαμιακοῦ	Plutarco	46-120	Vida dos dez oradores	849F6
	Pausânias	ca. 110-180	Descrição da Grécia	1.4.3.5; 10.1.2.4
λαμιακοῦ	Fócio (São Fócio)	IX	Biblioteca	266.496a.5
Λαμιακῶ	Diodoro Sículo	90-30 a.C.	Biblioteca histórica	18.24.1.5; 20.46.3.2
	Estrabão	64 a.C - 24 d.C.	Geografia	10.1.6.10
	Desconhecido - Escólios a Ésquines	?	Escólios antigos (Scholia vetera)	2.21.14

<b>Λαμιακῶν</b>	Plutarco	46-120	Demétrio	10.2.3
<b>Λάμιαν</b>	Dúris de Samos	ca. 350-281 a.C.	Fragmentos	Müller (ed.) fr. 35.2
	Menandro	ca. 341/2-290 a.C.	Fragmentos: Plo	Meineke (ed.) fr. 2.1
	Filarco	III a.C.	Fragmentos	Jacoby (ed.) fr.12.8
	Polemon	II a.C.	Fragmentos	Müller (ed.) fr. 14.3
	Semo	ca. 200 a.C.	Fragmentos	Müller (ed.) fr. 18.6
	Diodoro Sículo	90-30 a.C.	Biblioteca histórica	18.p.1.16; 18.12.4.7; 18.18.3.5; 20.41.3.4
	Estrabão	64 a.C - 24 d.C.	Geografia	9.5.10.3; 10.2.1.19
	Díon Crisóstomo	ca. 40-115	Orações	55.11.4
	Plutarco	46-120	Demétrio	19.6.4; 27.4.2; 27.5.1
			Comp. Demétrio e Antônio	3.2.4
			Sobre a curiosidade	515F5
	Pausânias	ca. 110-180	Descrição da Grécia	1.1.3.8; 6.4.7.7; 7.6.6.1; 10.3.4.3
	Luciano de Samósata	ca. 120-180	Filopseudés	2.30
	Ateneu de Náucrates	II-III d.C.	Deipnosofistas	13.38.19; 13.39.5; 14.3.39
	Antonino Liberal	entre 100-300	Metamorfoses	8.1.4
	Clemente de Alexandria	150-215	Protrepticus	4.54.6.6
	Dion Cássio	155-235	Histórias romanas	287.23
	João Tzetzes	ca. 1110-1180	Milhares (Chiliades)	9.297.936; 9.297.941
	João Zónaras	XII	Epitome historiarum (livros 1-12)	2.307.1
	Eustácio de Tessalônica	1115-1195/96	Comentários à <u>Odisseia</u> de Homero	2.13.24
	Nicetas Coniastes	ca. 1155-1215/16	Orações (1-18)	8.76.20
	Desconhecido - Escólios a Élio Aristides	?	Escólios antigos ( <u>Scholia vetera</u> )	102,5.3
	Desconhecido - Escólios a Aristófanes	?	Vespas	1177a.2
			Paz	758d.4; 758d.7; 758e.1
	Desconhecido - Escólios a Pausânias	?	Descrição da Grécia	1.1.3.6
	Desconhecido - Escólios a Homero	?	Escólios antigos ( <u>Scholia vetera</u> )	12.124.3
	Aretas - Escólios a Clemente	?	Escólios ao Protréptico e ao	313.23

	Alexandrino		Pedagogo	
<b>λάμιαν</b>	Esopo e Esôpica	ca. 620-564 a.C.	Provérbios	Perry (ed.) 108.1
	Ateneu de Náucrates	II-III	Deipnosofistas	7.26.20; 7.76.7
			Deipnosofistas (epitome)	2,1.137.23
	Flávio Filóstrato	172-250	Vida de Apolônio	4.25.71
	Eusébio de Cesárea	263-339	Contra Hiérocles	393.28; 399.21
Horapollo	ca. V	Hieroglífica	2.109.t; 2.109.1	
<b>Λαμίας</b>	Hipérides	ca. 390-322 a.C.	Epitáfio	5.30; 7.18
	Demócares	355-275 a.C.	Fragmentos	Müller (ed.) fr. 5.3
	Mácron	III a.C.	Fragmentos	Gow (ed.) fr. 12.170
	Políbio	ca. 200-118 a.C.	Histórias	9.29.2.3; 20.11.4.1
	Plutarco	46-120	Fócion	23.5.3
	Polieno	II	Estratagemas	4.4.2.5; 4.4.2.9
	Ateneu de Náucrates	II-III	Deipnosofistas (epitome)	2,2.125.6
	Dion Cássio	155-235	Histórias romanas	55.P.1.39; 58.19.5.5
	Hesíquio de Alexandria	ca. V	Léxico (A-O)	Λ.248.3
	Concílios Ecumênicos (ACO)	431	Atas do Concílio Universal em Éfeso, v. 1.1.1-1.1.7	1.1.2.57.8
	Suda	X	Léxico	M.1252.4
	Constantino Porfirogêneta	905-959	De legationibus	242.3
	Pseudo-Codino	XIV	Pátria de Constantinopla	2.51.5
	Desconhecido - Escólios a Aristófanes	?	Vespas	1035d.1; 1177a.2
			Cavaleiros	693b.1; 693d.2
			Eclesiazusae	77.3
	Desconhecido - Escólios a Pausânias	?	Descrição da Grécia	1.1.3.1
Vários	variado	Comica Adespota (CAF)	Kock (ed.) fr. 823-824.1	
<b>λαμίας</b>	Hesíquio de Alexandria	ca. V	Léxico (A-O)	Λ.7115.1
	João retor	ca. VI	Comentário ao livro "Sobre as ideias", de Hermógenes	503.12
<b>Λαμίας</b>	Acusilau	VI a.C.	Fragmentos	Jacoby (ed.) fr.42.5
	Aristófanes	ca. 446-386 a.C.	Vespas	1035
			Paz	758
Demócares	355-275 a.C.	Fragmentos	Müller (ed.) fr. 3.9	

Polemon	II a.C.	Fragmentos	Müller (ed.) fr. 14.3; fr. 15.4
Políbio	ca. 200-118 a.C.	Histórias	20.11.3.3
Diodoro Sículo	90-30 a.C.	Biblioteca histórica	18.13.1.2; 20.41.6.5
Estrabão	64 a.C - 24 d.C.	Geografia	9.5.9.5; 9.5.9.7; 9.5.10.12
Dioniso de Halicarnasso	ca. 60 a.C. - depois de 7 d.C.	Sobre Tucídides	6.24
Díon Crisóstomo	ca. 40-115	Orações	37.13.6
Plutarco	46-120	Demétrio	19.6.2; 25.9.2; 27.8.1; 27.8.3; 27.9.2; 27.11.1; 27.14.4
		Sobre os oráculos da Pítia	398C7
		Comp. entre Aristófanes e Menandro	853B11
Pausânias	ca. 110-180	Descrição da Grécia	10.12.1.6
Marco Aurélio Antonino	121-180	Coisas para mim mesmo	11.23.1.1
Ateneu de Náucrates	II-III	Deipnosofistas	3.59.28; 4.1.8; 6.62.9; 6.62.18; 13.38.18; 13.39.11
		Deipnosofistas (epítome)	2,1.20.18; 2,1.32.5; 2,1.100.27; 2,1.101.13; 2,2.111.13
Clemente de Alexandria	150-215	Stromata	1.15.70.4.1
Vários	entre II e VI	Oráculos sibílicos	34.t
Heráclito paradoxógrafo	(?) IV	Sobre o incrível	34.t
Concílios Ecumênicos (ACO)	431	Atas do Concílio Universal em Éfeso, v. 1.1.1-1.1.7	1.1.2.5.4; 1.1.2.19.17; 1.1.7.86.13; 1.1.7.114.18
Estéfano de Bizâncio	VI	Étnica (epítome)	409.5; 656.3
Vários (Miracula Sancti Artemii)	ca. 650	Milagres de Santo Artêmio	xliv.16.12
Fócio (São Fócio)	IX	Biblioteca	190.152a.41
Desconhecido	aprox. 850	Etimológico Genuíno	Λ.26.2
Suda	X	Léxico	Σ.35.1
Constantino Porfirogêneta	905-959	De legationibus	242.2
João Tzetzes	ca. 1110-1180	Milhares (Chiliades)	9.297.945

	Eustácio de Tessalônica	1115-1195/96	Comentários à <u>Odisseia</u> de Homero	2.13.25
	Desconhecido	ca. 1150	Etimológico Magno (Grande)	555.53
	Nicetas Coniastes	ca. 1155-1215/16	História	Reign Andron 1.2.347.3
	Nicéforo Grégoras	1295-1360	História de Bizâncio	2.1109.6
	Pseudo-Codino	XIV	Pátria de Constantinopla	3.85.9; (variae lectiones) 3.85.4
	Miguel Apostólio	ca. 1420-1471/86	Collectio Paroemiarum	10.44.1
	Desconhecido - Escólios a Élio Aristides	?	Escólios antigos ( <u>Scholia vetera</u> )	102,5.15
	Desconhecido - Escólios a Aristófanes	?	Vespas	1035c.1
			Paz	758b.1; 758c.1
	Desconhecido - Escólios a Pausânias	?	Descrição da Grécia	1.1.3.2
	Desconhecido - Escólios a Apolônio de Rodes	?	Argonáutica (Escólios antigos - <u>Scholia vetera</u> )	295.22
	Desconhecidos	variado	Notitiae episcopatum	3.673
	Vários (Theosophorum Graecorum Fragmenta)	variado	Fragmentos dos teosófilos gregos - texto genuíno dos teosófilos sibílicos	Erbse (ed.) 1.11
<b>λαμίας</b>	Galeno	129 - ca. 210	Das faculdades dos alimentos	3.729.9
	Flávio Filóstrato	172-250	Vida de Apolônio	4.25.51; 8.7.428
	Nilo de Ancira, ou Nilo o velho	(?)-430	Epístulas	2.205.10
	Suda	X	Léxico	Λ.85.2-3
	Constantino Porfirogênetas	905-959	De cerimoniis aulae Byzantinae (lib. 1.84-2.56)	717.18
	Miguel Pselo	ca. 1017-1078/96	Encomium in matrem	459
<b>Lamiae</b>	Horácio	65-8 a.C.	Arte poética	338-340
	Apuleio	125-180	Metamorfoses ou O burro de ouro	1.17.4-6
<b>lamiae</b>	Plínio, o velho	23-79	História natural	9.78

**Tabelas apresentando as ocorrências do vocábulo lâmia divididas por assunto**

**Tabela 2: Mitologia**

<b>Data</b>	<b>Autor</b>	<b>Obra e trecho</b>	<b>Morfologia do voc.</b>
ca. VIII a.C.	Homero	Odisseia, XII.80-83	Λάμου (verso 81)
ca. VII a.C.	Estesícoro	Fragmentos, 220	Λαμίας, Λαμίαν e Λαμίαν
ca. VI a.C.	Esopo	Provérbios, 108	λάμιαν
ca. VI a.C.	Acusilau	Fragmentos (Jacoby) 1a,2,F, fr. 42	Λαμίας
V a.C.	Eurípides	Lâmnia (TGF)	Λαμίας
V a.C.	Crates	Lâmnia (PCG) 20-25	Λάμια
V-IV a.C.	Aristófanes	Vespas 1030-1037 e 1174-1180, e Paz 754-760	Λαμίας, Λάμια e Λαμίας (respect.)
ca. 360-275 a.C.	Demócares	Plutarco, Demétrio 27	Λαμίαν
ca. 340-260 a.C.	Dúris de Samos	Fragmentos	Λάμιαν
ca. 344/343-292.291 a.C.	Menandro	Cachinho - Fr. 297 (PCG)	Λάμιαν
ca. 200 a.C.	Semo	Fragmentos, De Delos, de livro incerto, 18a1-18a6	Λάμιαν
I a.C.	Diodoro Sículo	Biblioteca Histórica, 20.41.2,3-6,5	Λάμιαν e Λαμίας
65-8 a.C.	Horácio	Arte Poética, 338-340	Lamiae
64/63 a.C. - 24 d.C.	Estrabão	Geográfica, 1.2.8	Λάμια
ca 60 a.C. - depois de 7 d.C.	Dioniso de Halicarnasso	Sobre Tucídides, 6.21-6.30	Λαμίας
I d.C.	Papa Clemente I	Homilias, 5.13.7.1-5.14.2.1	Λαμία
ca. 40- ca. 120	Díon Crisóstomo	Coríntios, 37.12.6-37.14.3 (Oração 37), Sobre Homero e Sócrates, 55.11.1-55.11.4 (Oração 55)	Λαμίας e Λάμιαν
46-120	Plutarco	A respeito da não proclamação dos oráculos em metros agora pela Pítia, 398C1-398D2, Sobre a indiscrição, 515F5-516A5, e Comparação entre Aristófanes e Menandro Compêndio, 853a-854b	Λαμίας, Λάμιαν e Λαμίας (respect.)
ca. 110 - 180	Pausânias	Descrição da Grécia, Fócica, Lócica Ozólia, 10.12.1.1-10.12.2.1	Λαμίας
II d.C.	Frínico	A preparação sofisticada, por Frínico Árabe, 213.1	Λαμία
II d.C.	Júlio Pólux	Léxico, 9.61.3-9.63.4	Λαμία
ca. 120-180	Luciano	O amante das mentiras 2.21-2.30	Λάμιαν
121-180	Marco Aurélio	As coisas para si mesmo, 11.23.1.1-11.23.1.2	Λαμίας
125-180	Apuleio	Livro das metamorfoses, 1.17.5-1.17.6	Lamiae
II-III d.C.	Ateneu	Sobre os sofistas do jantar, 10.12.7-10.12.10	Λαμία
II-III d.C.	Antonino Liberal	Coleção de metamorfoses, "Lâmnia ou	Λάμιαν

		Síbaris"	
150-215	Clemente de Alexandria	Sobre a verdadeira filosofia dos comentários de conhecimentos miscelânicos, livro primeiro, 1.15.70.3.1-1.15.70.4.1	Λαμίας
ca. 160-240	Tertuliano	Contra os valentinianos, III.3.27.2-III.3.27.5	Lamiae
ca. 170/172 - ca. 247/250 d.C.	Filóstrato	As coisas a respeito de Apolônio de Tiana, 4.25 e 8.7.428-434	λαμίας e λάμιαν, e λαμίας (respect.)
II a IV d.C.	Anônimos variados	Os oráculos sibilinos, P.29-P.50	Λαμίας
ca. 250 - 325	Lactânio	Instituições Divinas, I.6.8-I.6.9	Lamiae
263 - 339	Eusébio de Cesareia	Contra Hiérocles, 393.22-393.29 e 399.19-399-25	λάμιαν e λάμιαν

### Tabela 3: Geografia

Tabela com os autores que fazem descrição física de Lâmia e seus arredores

Data	Autor	Obra e trecho	Morfologia do vocábulo
ca. VI-V a.C.	Sílux de Carianda	Périplo 62.5 - 62.10	Λάμια
64/63 a.C. - 24 d.C.	Estrabão	Geográfica, 9.5.9.1-9.5.9.12, 9.5.10.1-9.5.10.13 e 10.2.1.17-10.2.1.19	Λαμίας e Λαμίας, Λαμιακός e Λαμίας, e Λάμιαν (respect.)
15/10 a.C. - 45/50 d.C.	Filon de Alexandria	Sobre a embaixada a Caio, 351.1.352.	Λαμία
ca. 90-168	Cláudio Ptolomeu	Geografia, 3.12.43.6	Λάμια
II d.C.	Élio Herodiano	Sobre a prosódia católica, 3,1.248.10-3,1.248.20 e 3,1.386.2	Λάμια e Λαμίας (respect.)
ca. 110 - 180	Pausânias	Descrição da Grécia, Ática, 1.4.3.1-1.4.3.7 e Descrição da Grécia, Fócica, Lócica Ozólia, 10.1.2.1-10.1.2.9	Λαμιακοῦ e Λαμιακοῦ

### Tabelas 4: Historiografia

4.1. Tabela com os autores que mencionam a Guerra de Lâmia

Data	Autor	Obra e trecho	Morfologia do vocábulo
IV a.C.	Xenócrates	Testemunhos, doutrina e fragmentos Fr. 2.42	Λαμιακόν
389-322 a.C.	Hipérides	Epitáfio 5.21-5.38 e 7.17-7.25	Λαμίαν e Λαμίαν (respect.)
IV a.C.	Coerilo de Iaso	Lamíacas	Λαμιακά
ca. 344/343-292.291 a.C.	Menandro	Andrógino ou Carne - Fragmento 52 (PCG)	Λαμία

ca 200 - 118 a.C.	Políbio	Histórias IX.29.1.1-3.9 e 20.11.1.1-4.9	Λαμίαν, e Λαμίας e Λαμίαν (respect.)
I a.C.	Diodoro Sículo	Biblioteca Histórica 17.111.1.1-17.111.1.4, 18.p.1.13-30, 18.8.1.1-4, 18.12.4.1-18.13.1.5, 18.18.3.1-18.18.4.1, 18.19.1.1-18.19.1.4, 18.24.1.1-18.24.2.1, 18.66.5.1-18.66.5.4, 20.46.3.1-20.46.4.1	Λαμιακός, Λαμιακόν e Λάμιαν e Λαμιακόν, Λαμιακόν, Λάμιαν e Λαμίας, Λάμιαν, Λαμιακόν, Λαμιακῶ, Λαμιακόν e Λαμιακῶ
64/63 a.C. - 24 d.C.	Estrabão	Geográfica 10.1.6.1-10.1.6.12	Λαμιακῶ
46-120	Plutarco	Demétrio 10.2.1-10.3.1, Eumenes 3.5.1 - 3.8.1, Fócion 23.5.2 - 23.6.1 e 26.7.1 - 26.7.2, Demóstenes 27.1.1 - 27.1.2, Pirro, 1.6.1 - 1.6.3, e Sobre os dez oradores 849F6-849F7	Λαμιακῶν, Λαμιά, Λαμίαν, Λαμιά, Λαμιά, Λαμιακόν e Λαμιακοῦ
ca. 110 - 180	Pausânias	Descrição da Grécia, Ática 1.1.3.5-1.1.3.14 e 1.8.2.6-1.8.3.1, Descrição da Grécia, Elis 2 6.4.6.5-6.4.7.8, Descrição da Grécia, Acaia 7.6.5.1-7.6.6.1, 7.10.4.1-7.10.5.5 e 7.15.2.5-7.15.2.8, e Descrição da Grécia, Fócia, Lócria Ozólia 10.3.4.1-10.3.4.4.	Λάμιαν, Λαμιά, Λάμιαν, Λαμιά e Λάμιαν, Λαμιά e Λαμιά, Λαμιακόν, e Λάμιαν
II d.C.	Polieno	As Estratégias, por Polieno, Antípatro 4.4.2.1-4.4.2.9	Λαμίαν e Λαμίαν
ca. 200 - 250	Diógenes Laércio	Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres 4.9.8-4.9.14	Λαμιακόν

#### 4.2. Tabela com os autores antigos que falam das Guerras macedônicas

Data	Autor	Obra e trecho	Morfologia do vocábulo
155-235	Díon Cássio	História Romana, 287.22-287.24	Λάμιαν

#### Tabela 5: Biografia

Tabela com os autores antigos que narram sobre a cortesã Lâmia e a nobre Lâmia

Data	Autor	Obra e trecho	Morfologia do vocábulo
ca. 360-275 a.C.	Demócares	Plutarco, Demétrio 27 e Fragmentos Ateneu de Náucrates IV	Λαμίαν e Λαμίας
ca. 325-270 a.C.	Idomeneu de Lâmpsaco	Fragmentos 5a3 Ateneu XIII	Λάμια
III a.C.	Mácon	Fragmentos 12.168-173 e 13.174-187	Λαμίαν e Λαμιά / Λάμια /

			Λάμια / Λάμια
III a.C.	Filarco	Fragmentos - 2a.81.F.12.1-2a.81.F.12.10 Ateneu XIV 3 p. 614 E – 615 A:	Λάμιαν
II a.C. (fl.190 a.C.)	Polemon de Atenas	Sobre a colunata colorida em Sícion: Ateneu XIII e Ateneu VI	Λαμίας / Λάμιαν, e Λαμίας
46-120	Plutarco	Demétrio 16.5.1-16.7.1, 19.6.1-19.6.4, 24.1.1-24.1.6, 25.9.1-25.9.5 e 27, e Comparação entre Demétrio e Antônio 3.1.1 - 3.4.1	Λάμια, Λαμίας / Λάμιαν, Λαμιά, Λαμίας, Λαμιά / Λάμια / Λάμιαν / Λαμίας / Λαμίας / Λαμίας / Λαμίας / Λαμίας / Λάμια / Λαμίας, e Λάμιαν
ca. 80-160	Favorino	Fragmentos 37	Λαμιά
II d.C.	Flégon de Trales	Sobre o Maravilhoso 9.1.1-9.1.5	Λαμιά
II-III d.C.	Ateneu	Sobre os sofistas do jantar 3.59.28-3.59.31, 4.1.7-4.1.13, 6.62.1-6.62.19, 13.37.1-13.37.4, 13.39.1-13.39.25 e 14.3.37-14.3.42	Λαμίας, Λαμίας / Λάμια, Λαμίας / Λαμίας, Λάμια, Λαμίας / Λάμιαν, Λάμιαν / Λάμια / Λαμίας / Λαμιά / Λάμια / Λάμια / Λάμια e Λάμιαν
150-215	Clemente de Alexandria	Exortação aos helenos 4.54.5.5-4.54.6.8 e Fragmentos 73.1-73.4	Λάμιαν e Λαμιά
155-235	Dion Cássio	História Romana 55.Pin.1.39 e 58.19.5.3-58.19.6.1	Λαμίας e Λαμίαν
ca. 170-350	Alcífron	Cartas – De Lâmia para Demétrio e De Leôncio para Lâmia	Λάμια / Λάμια e Λαμιά / Λάμια / Λάμια / Λάμια / Λάμια
175-235	Cláudio Eliano	História variada 12.17.1-12.17.8 e 13.8/9.1-13.8/9.5	Λαμίας / Λάμια e Λάμια
ca. 200 - 250	Diógenes Laércio	Vidas e doutrina dos filósofos ilustres 4.9.8-4.9.14	Λαμιά

**Tabela 6: Relatos de História Natural**

6.1. Tabela com os autores que tratam do peixe denominado λάμια

	Data	Autor	Obra e trecho	Morfologia do voc.
<b>Autores Antigos</b>	384-322 a.C.	Aristóteles	História dos animais, 540b18 e 621a20	λάμια e λάμια (respectivamente)
	23-79	Plínio, o velho	História natural, 9.78	lamiae
	II-III d.C.	Ateneu	Deipnosophistas, 7.26.21, 7.76.7 e Deipnosophistas epitome, 2,1.137.22-23	λάμιαν, λάμιαν e λάμιαν (respec.)
	129-210	Galeno	Das propriedades dos alimentos, 3.6.727.3 e 3.6.729.9	λαμιαί e λαμίας (respectivamente)
	II-III	Opiano da	Haliêutica, 1.370, 5.36 e 5.358	λάμνης, λάμναι e λάμνην

	d.C.	Cilícia		(respect.)
	320-400	Oribásio	Coleções médicas, 3.18.9.5, e Sumário para o filho Eustácio, 4.17.7.5	λάμιαι e λάμιαι (respectivamente)

### 6.2. Tabela com a Ordem dos Lamniformes

Família	Gênero + espécie	Nome comum em português
Odontaspídeos	<i>Carcharias taurus</i>	Cação-da-areia / Cação-mangona / Tubarão-touro / Tubarão-cinza (litoral de SP) / Mangona
	<i>Odontaspis ferox</i>	Tubarão-areia (Portugal e Cabo Verde)
	<i>Odontaspis noronhai</i>	Mangona
Pseudocarcarídeos	<i>Pseudocarcharias kamoharai</i>	Tubarão-crocodilo
Mitsukurinídeos	<i>Mitsukurina owstoni</i>	Tubarão-gnomo / Tubarão-demónio (Portugal)
Megacasmídeos	<i>Megachasma pelagios</i>	Tubarão-boca-grande
Alopiídeos	<i>Alopias pelagicus</i>	Tubarão-raposo-do-indico
	<i>Alopias superciliosus</i>	Cação-raposa-olho-grande / Tubarão-raposo-olhudo (Portugal)
	<i>Alopias vulpinus</i>	Tubarão-raposa / Rabilongo / Zorro (Portugal)
Cetorhinídeos	<i>Cetorhinus maximus</i>	Tubarão-peregrino / Tubarão-Frade (Portugal) / Relengueiro (Cabo Verde)
Lamnídeos	<i>Carcharodon carcharias</i>	Tubarão-branco / Iperu / Anequim / Λάμια (Grécia)
	<i>Isurus oxyrinchus</i>	Mako / Anequim / Cação-atum / Marrachozul (Portugal)
	<i>Isurus paucus</i>	Anequim-preto
	<i>Lamna ditropis</i>	Tubarão-salmão
	<i>Lamna nasus</i>	Marracho / Cação / Tubarão-sardo (Portugal) / Sardo (Portugal)

### 6.3. Tabela com a Família dos Lamnídeos

Nome específico	Nome(s) comum(s) no Brasil <sup>730</sup>
<i>Carcharodon carcharias</i> <sup>729</sup>	Tubarão-branco / Iperu / Anequim / Λάμια (Grécia)
<b>Coloração:</b> quando jovem é cinza escuro por cima e branco por baixo, quando mais velho tende a ficar mais claro (desbotado), e daí o adjetivo "branco", em seu nome mais famoso.	
<b>Características:</b> corpo robusto, focinho alongado, olhos muito pretos. Machos adultos alcançam um	

<sup>729</sup> Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 181-182 para todas as informações da tabela.

<sup>730</sup> Algumas exceções que se julgou interessantes serão mencionadas e comentadas, como no caso dos nomes de peixes atribuídos ao vocábulo lâmia pelos tradutores citados ao longo deste trabalho.

<p>comprimento de 3,5m a 4,0, fêmeas adultas, de 4,5 a 5,0m. O maior exemplar da espécie já encontrado foi uma fêmea de 6m de comprimento. Seus dentes são grandes, triangulares, pontiagudos e serrilhados. Sangue quente, com manutenção de temperatura corporal.</p>	
<p><b>Habitat:</b> distribuição geográfica muito espalhada pelos oceanos, espécie de comportamento migratório constante e ininterrupto. Relatos de encontros e avistamentos desde águas rasas costeiras até mar aberto. Avistado no Mar Mediterrâneo.</p>	
<p><b>Comportamento:</b> inteligente e curioso, com organização social complexa. Famoso por seus vigorosos saltos para fora da linha d'água. Predador extremamente eficiente, topo de cadeia alimentar.</p>	
<p><b>Conservação:</b> figura na lista vermelha das espécies ameaçadas de extinção da IUCN.<sup>731</sup> É uma espécie rara e que mostra sinais de estar em um estado avançado de depredação por causa da atividade humana de pesca comercial e esportiva. É protegido em muitos países. Não sobrevive bem em aquários por longos períodos. É o maior alvo do ecoturismo, uma das "estrelas" do mundo oceânico.</p>	
<p><b>Nome específico</b> <i>Isurus oxyrinchus</i><sup>732</sup></p>	<p><b>Nome(s) comum(s) no Brasil</b> Mako / Anequim / Cação-atum / Tubarão-azul (Cabo Verde)</p>
<p><b>Coloração:</b> azul brilhante ou arroxeadado no dorso, mais claro nas laterais, algo prateado, branco na parte de baixo do corpo; no caso do marracho-criolo dos Açores, todos esses tons são mais escuros, e há uma sombra abaixo do nariz.</p>	
<p><b>Características:</b> boca em forma de "u", olhos pretos, corpo mais "esbelto" que o tubarão-branco, focinho longo e pontudo, mais afilado que o do tubarão-branco. Machos adultos alcançam até 2,15m de comprimento, e fêmeas, 2,90m; o maior exemplar já encontrado media 4m. Seus dentes são grandes e em forma de lâminas, pontudos e finos.</p>	
<p><b>Habitat:</b> espalhado por todos os oceanos do mundo, em águas temperadas e tropicais. Avistamentos desde águas costeiras até alto mar. Avistado no Mar Mediterrâneo.</p>	
<p><b>Comportamento:</b> o peixe conhecido mais rápido do mundo, é muito ativo e, como o tubarão-branco, salta para fora da água. Come basicamente lulas e peixes menores, mas os espécimes maiores podem até mesmo se alimentar de pequenos cetáceos.<sup>733</sup></p>	
<p><b>Conservação:</b> incluído na lista vermelha da IUCN, como o tubarão-branco. Ameaçado, com população</p>	

<sup>731</sup> A IUCN é a União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais ("The World Conservation Union"), cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, p., 331; cf. ainda o sítio oficial da organização [www.iucn.org](http://www.iucn.org).

<sup>732</sup> Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 182-183 para todas as informações da tabela.

<sup>733</sup> Os cetáceos hoje são a ordem animal da classe dos mamíferos onde estão agrupados os grandes mamíferos marinhos, como as baleias, cachalotes, orcas. Em geral, nessa ordem estão reunidas baleias sem dentes, filtradoras que se alimentam de plâncton, e baleias com dentes, que se alimentam de peixes e outros animais marinhos, como focas e pinguins. Cf. Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 520-521, 539, 541-542, 572-576.

em decadência. Também é sujeito de ecoturismo e pesca predatória, tanto comercial quanto esportiva.	
<b>Nome específico</b> <i>Isurus paucus</i> <sup>734</sup>	<b>Nome(s) comum(s) no Brasil</b> Anequim-preto
<b>Coloração:</b> azul a roxo brilhante, como o mako, mas tem a parte de baixo do corpo mais escura, sombreada logo abaixo do focinho e da boca.	
<b>Características:</b> difere do mako apenas no fato de ter um focinho menos pontudo, ter barbatanas peitorais muito mais longas, e ser um pouco mais comprido, com indivíduos adultos atingindo acima de 2,45m. O maior espécime já encontrado media 4,17m de comprimento. Seus dentes são laminares, longos e finos, mas não tão finos como os do mako, nem tão largos como o do tubarão-branco.	
<b>Habitat:</b> como o do mako também, espelhado por todos os oceanos, contudo, não é avistado no Mar Mediterrâneo. Todavia, o rastreamento de seus habitats é precário, pois é um peixe pouco estudado, em contrapartida ao mako, seu "irmão" famoso, e ao tubarão-branco, seu "primo" famoso.	
<b>Comportamento:</b> pouco conhecido e relatado. Sabe-se apenas que deve ser um nadador mais lento que o mako.	
<b>Conservação:</b> estado desconhecido. Figura na lista vermelha da IUCN, pois julga-se que deva estar em perigo por causa da pesca predatória.	
<b>Nome específico</b> <i>Lamna ditropis</i> <sup>735</sup>	<b>Nome(s) comum(s) no Brasil</b> Tubarão-salmão
<b>Coloração:</b> cinzento ou enegrecido por cima, branco por baixo, com um sombreamento indo da parte abaixo do focinho até aproximadamente a altura do primeiro par de aberturas branquiais, quando fica manchado em toda a parte inferior do corpo, até a cauda.	
<b>Características:</b> corpo robusto, focinho curto, dentes laminares, . Machos adultos atingem até 1,80m de comprimento, e fêmeas, 2,20m; o maior espécime já encontrado tinha 3m. Sua temperatura corporal é elevada, o que lhe permite caçar e viver em águas geladas.	
<b>Habitat:</b> exclusivos das águas geladas do norte do Oceano Pacífico, com fêmeas vivendo na parte leste e machos na parte oeste. Não é avistado no Mar Mediterrâneo.	
<b>Comportamento:</b> migram periodicamente, acompanhando presas, e os indivíduos vivem segregados por sexo e idade. Come peixes que vivem em cardumes, como salmões, arenques e sardinhas.	
<b>Conservação:</b> estado de conservação desconhecido, figura na lista vermelha da IUCN.	
<b>Nome específico</b> <i>Lamna nasus</i> <sup>736</sup>	<b>Nome(s) comum(s) no Brasil</b> Marracho / Cação / Tubarão-sardo (Portugal) /

<sup>734</sup> Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, p. 183 para todas as informações da tabela.

<sup>735</sup> Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 183-184 para todas as informações da tabela.

<sup>736</sup> Cf. Compagno, Dando & Fowler, 2005, pp. 184-185 para todas as informações da tabela.

	Sardo (Portugal) / Λάμια (Grécia)
<p><b>Coloração:</b> cinza a quase preto na parte superior, branco com sombras abaixo do focinho, como no tubarão-salmão. Os espécimes do norte parecem, na verdade, uma miniatura do tubarão-branco, sem manchas na parte inferior do corpo, já os espécimes do sul tem uma coloração mais escura, com manchas na parte inferior do corpo, como o tubarão-salmão.</p>	
<p><b>Características:</b> corpo robusto e focinho curto, mas um pouco mais alongado que o do tubarão-salmão. Machos adultos atingem 2m de comprimento, fêmeas adultas, 2,5m, e o maior exemplar já encontrado media 3m.</p>	
<p><b>Habitat:</b> águas frias do Atlântico norte, do Mediterrâneo, e do Atlântico sul, mas não em águas equatoriais.</p>	
<p><b>Comportamento:</b> migratório, passando os verões em águas rasas, e os invernos em águas profundas.</p>	
<p><b>Conservação:</b> população muito depredada no Atlântico norte, devido à pesca predatória e comercial, já que a carne do tubarão-sardo é muito apreciada nos países do norte; para o hemisfério sul os dados são insuficientes. Faz parte da lista vermelha da IUCN.</p>	

### 7.Tabela da Dinastia Antipátrida da Macedônia

Nome	Filiação ou significância	Período de governo
Antípatro	general de Filipe II e Alexandre	320-319 a.C.
Cassandro	filho de Antípatro	305-297 a.C.
Filipe IV	filho de Cassandro	297 a.C.
Alexandre V	filho de Cassandro	297-294 a.C.
Antípatro II	filho de Cassandro	297-294 a.C.
Antípatro Etésias <sup>737</sup>	sobrinho de Cassandro	279 a.C.
Sóstenes <sup>738</sup>	general do exército macedônico	279-277 a.C.

<sup>737</sup> Antípatro Etésias reinou por apenas 45 dias e acabou deposto pelo exército por ser um governador muito ineficaz. Foi substituído pelo estrategista Sóstenes. Cf. Smith, 1954, p. 574.

<sup>738</sup> Sóstenes era macedônio e tinha sido governador de um dos distritos da satrapia de Lisímaco na Ásia Menor, tendo sido eleito rei pelo exército macedônico. Teve que defender a Macedônia de uma invasão de gauleses, dos quais matou o líder, Breno, e morreu após 2 anos de governo. Foi um período conturbado na história da Macedônia, que teve inúmeros reis até que Sóstenes ficou 2 anos no governo. Após sua morte, entretanto, Ptolomeu do Egito, Pirro do Épiro e Alexandre, filho de Cassandro, disputaram o poder na região, subindo ao trono e sendo depostos em pouquíssimo tempo. A Macedônia só teria outro período de estabilidade e prosperidade com Antígono Gônatas, filho de Demétrio Poliorcetes, que finalmente derrotou Pirro retirando-o do trono macedônico. Antígono Gônatas reinou por 44 anos, e foi substituído por seu filho e herdeiro, Demétrio II, estabelecendo de vez o domínio da Dinastia Antigônida na Macedônia. Cf. Smith, 1954, p. 574.

### 8. Tabela da Dinastia Antigônida da Macedônia

Nome	Filiação ou significância	Período de Governo
Antígono Monoftalmo	general de Filipe II e Alexandre o grande	306-301 a.C.
Demétrio I Poliorcetes	filho de Antígono Monoftalmo	294-287 a.C.
Antígono II Gônatas	filho de Demétrio I Poliorcetes	276-239 a.C.
Demétrio o belo <sup>739</sup>	filho de Demétrio I Poliorcetes	250 a.C.
Demétrio II Etólio	filho de Antígono II Gônatas	239-229 a.C.
Antígono III Doson	filho de Demétrio o belo	229-221 a.C.
Filipe V	filho de Demétrio II Etólio	221-179 a.C.
Perseu	filho de Filipe V	179-168 a.C.
Andriscus <sup>740</sup> (Filipe VI)	possível filho de Perseu	149-148 a.C.

### 9. Tabela das Guerras Macedônicas:

Guerra	Ano	Partes beligerantes	Batalhas	Data	Vencedor
Primeira	214-205 a.C.	Roma x Macedônia <sup>741</sup> (rei Filipe V)	Primeira de Lâmia	209 a.C.	Macedônia
			Segunda de Lâmia	209 a.C.	Macedônia
			Mantineia <sup>742</sup>	207 a.C.	Liga Aqueia
Segunda	200 - 197 a.C.	Roma x Macedônia (rei Filipe V)	Aous	197 a.C.	Roma
			Cinocéfalos	197a.C.	Roma
Selêucida <sup>743</sup>	192-188	Roma x Império	Termópilas	191 a.C.	Roma

<sup>739</sup> Demétrio o belo foi rei de Cirene, e não da Macedônia. Cirene era uma das cinco principais cidades gregas na Líbia, e havia perdido seu rei, Magas, em algum ponto entre 250 e 249 a.C. Sua viúva era Apama, sobrinha de Demétrio o belo (era filha de Estratonice da Síria, sua meia-irmã, pois ambos eram filhos de Demétrio I Poliorcetes). Apama prometeu sua filha, Berenice, em casamento a Demétrio o belo, se ele assumisse o trono de Cirene e protegesse a cidade contra os Ptolomeus do Egito. Demétrio aceitou, mas logo se tornou amante de Apama, o que fez sua esposa Berenice esfaqueá-lo, matando-o no mesmo ano em que ele assumiu o trono. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 449.

<sup>740</sup> Andriscus foi o líder da rebelião que culminou na Quarta Guerra Macedônica. Era governador de Adramitium, na costa oeste da Anatólia. Em 149 a.C. se declarou filho de Perseu e revelou suas intenções de reconquistar a Macedônia. Para tal, foi até o rei Demétrio Soter da Síria (rei do Império Selêucida) em busca de ajuda. Demétrio Soter o entregou aos romanos. Andriscus conseguiu escapar e reuniu para si um exército trácio, com o qual invadiu a Macedônia em 149 a.C., conquistando-a de seu pretor romano e proclamando-se Filipe VI da Macedônia. Em 148 a.C. ele conquistou a Tessália e se aliou a Cartago. Os romanos, preocupados, o massacraram na Segunda Batalha de Pidna, e anexaram definitivamente a Macedônia como província romana dois anos mais tarde. Cf. Hornblower & Spawforth, 1996, p. 88.

<sup>741</sup> Em verdade a Primeira Guerra Macedônica foi uma série de escaramuças entre a Macedônia e seus aliados gregos, e Roma e seus aliados gregos e da Ásia Menor (Pérgamon, que por essa época tinha um pequeno império, ). A Liga Aqueia estava aliada aos macedônios e a Liga Etólia (Etólia, Esparta, Messênia, Elis) e a Ilíria aos romanos. As duas batalhas em Lâmia foram protagonizadas pelos macedônios contra os etólios, em 209 a.C., e vencidas pelos primeiros. Cf. Shipley, 2000, pp. 371-374.

<sup>742</sup> A Batalha de Mantineia foi travada entre Esparta, representando a Liga Etólia, aliada dos romanos, e a Liga Aqueia, aliada dos macedônios. Foi a maior batalha da Primeira Guerra Macedônica, e foi uma grande derrota para a Liga Etólia.

<sup>743</sup> A Guerra entre romanos e selêucidas está incorporada aqui na tabela das Guerras Macedônicas

	a.C.	Selêucida	Eurimedonte	190 a.C.	Roma <sup>744</sup>
			Mionesso	190 a.C.	Roma <sup>745</sup>
			Magnésia	190 a.C.	Roma <sup>746</sup>
Terceira	172-168 a.C.	Roma x Macedônia (rei Perseu)	Calínico	171 a.C.	Macedônia
			Pidna	168 a.C.	Roma
Quarta	150-148 a.C.	Roma x Macedônia (rei Filipe VI)	Pidna	148 a.C.	Roma
<b>Guerra Aqueia<sup>747</sup></b>					
x	146 a.C.	Roma x Liga Aqueia	Corinto	146 a.C.	Roma

## 2. Anedotas do folclore grego moderno

*New Folklore Researches. Greek Folk Poesy: Annotated Translations, From The Whole Cycle of Romaic Folk-Verse and Folk-Prose.* By Lucy m. J. Garnett. Edited

porque significou a primeira incursão romana para o leste, e o início da derrocada do poderio macedônico no leste. Após a derrocada do império selêucida, os romanos conquistaram e anexaram a Macedônia, em 146 a.C., e o Egito, em 30 a.C., quando Otaviano derrotou Cleópatra VII e Marco Antônio, numa esmagadora batalha naval. O Egito foi anexado, e Otaviano se tornou o primeiro imperador romano, adotando a partir de então o nome de Augusto. Cf. Shipley, 2000, pp. 376-377.

<sup>744</sup> Os selêucidas lutaram contra os aliados dos romanos, os ródios, nessa batalha naval. A frota selêucida era comandada pelo experiente general cartaginês Aníbal, que se refugiou na corte de Antíoco, um reino notadamente anti-romano, após a destruição de Cartago. Toda a sua experiência não valeu contra a bem organizada frota ródia. A frota selêucida foi obrigada a fugir. Cf. Shipley, 2000, pp. 376-380.

<sup>745</sup> A Batalha do Mioneso foi travada pouco tempo após a derrota dos selêucidas na Batalha de Eurimedonte. Dessa vez o comandante era Polixênides, um ródio exilado que havia se aliado a Antíoco III. Ele tinha 90 navios tripulados estacionados em Mioneso, dos quais perdeu 42. A frota romano-ródia tinha 83 navios, dos quais perdeu somente 2. Polixênides fugiu.

<sup>746</sup> Após a derrota na Batalha da Magnésia, Antíoco III foi obrigado a assinar a Paz de Apameia, em 188 a.C., na qual se comprometia a pagar uma pesada taxa de indenização de guerra para Roma, e cedia muitos territórios de seu império aos romanos e seus aliados. Muitos enxergam essa derrota e a assinatura desse tratado como o início da derrocada do Império Selêucida na Ásia, outros dizem que não, que foi bem mais tarde que isso aconteceu. O fato concreto foi que, após tal derrota, a influência romana sobre a Grécia ficou consolidada.

<sup>747</sup> A Guerra Aqueia está colocada na mesma tabela junto às guerras Macedônicas, apesar de não fazer parte delas. Contudo, por fazer parte do contexto, e por ter tido consequências funestas para a Macedônia e a Grécia, achamos por bem colocá-la aqui, já que foi ela o movimento final, pelo menos desde que as Guerras macedônicas começaram em 214 a.C., de insurgência dos gregos contra os romanos. Em verdade, a Liga Aqueia era aliada dos romanos contra os macedônios, e prestou valioso auxílio a Roma nas Guerras. Contudo, a Liga e Roma se desentenderam com relação à permanência ou não dos espartanos na Liga, o que gerou o rompimento da colaboração entre as duas. Os espartanos se rebelavam contra os romanos e não aceitavam a dominação romana, nem quando foram sujeitados pelos integrantes da Liga Aqueia. Apesar disso, a Liga resolveu ficar ao lado dos espartanos mesmo sabendo que não tinha como vencer. Foi uma guerra rápida e massacrante: ao final, Roma destruiu Corinto e Patras, além de dismantelar a Liga por completo e de anexar definitivamente a Macedônia e parte da Grécia como províncias romanas, dividindo-as em Épiro e Aqueia. Todas as cidades participantes da Liga foram postas sob controle romano incondicional. Cf. Shipley, 2000, p. 378 e pp. 383-385.

With Essays On The Science Of Folklore, Greek Folkspeech, And The Survival Of Paganism, by J. S. Stuart-Glennie, MA. Guildford: Printed for the authors by Billing and Sons; And sold by David Nutt, 270, Strand, London. 1896. Vol. I. - Folk-Verse. Vol. II. - Folk-Prose.

### **1. O pastor e a lâmia – Kallameriá, Salônica (Passow, DXXIV)**

Cinco mil ovelhas estavam no rebanho, e haviam dez mil bodes,  
Que eram cuidados por três irmãos, e pelos três Genis<sup>a</sup> do mundo.  
Então um sai para ganhar um beijo, o outro vai procurar o amor,  
E Yianni, o mais novo de todos eles, sozinho eles deixam para trás,  
Para vigiar e cuidar do rebanho de ovelhas, e evitar que os bodes se dispersem.  
Para Yianni então sua mãe diz, e desse modo sábio ela o aconselha:  
‘Se você quiser ganhar agora uma benção minha e do seu pai,  
Nunca fiquei perto de uma árvore solitária, nem descansa debaixo de um álamo,  
Nem nunca perto da linha d’água faça música doce com sua flauta,  
Ou virá para a superfície a Lâmia, a Lâmia do Oceano.’  
Mas Yianni não a obedeceu, nem fez o que lhe pediu sua mãe;  
Ele ficou ao lado de uma árvore solitária, ele descansou debaixo de um álamo,  
E lá embaixo perto da linha d’água ele fez doce música com sua flauta.  
Então a Lâmia-D’Água veio para fora, a Lâmia do Oceano.  
‘Ó toque para mim, meu Yianni, toque, toque com tua flauta doce música,  
Se eu me cansar de dançar, tu para tua esposa debes tomar-me;  
Se tu te cansares da tua flauta, eu levarei tuas ovelhas-abrigo.’  
E durante três longos dias inteiros ele tocou, por três dias e noites ele assoviou;  
E Yianni estava muito cansado, e extremamente exausto de flautear.  
Ela levou dele seus rebanhos de ovelhas, e todos os seus bodes ela roubou;  
E adiante ele foi trabalhar por um salário, e labutar por um patrão.<sup>748</sup>

### **2. O Estóiqueion e o filho da viúva (Aravandinos, 451)**

---

<sup>748</sup> Garnett & Stuart-Glennie, 1896, pp. 101-102: *The Shepherd and the Lamia - Kallameriá, Salonica. (Passow, DXXIV) / Five thousand sheep were in the flock, and there were goats ten thousand, / That tended were by brothers three, and by the world's three Genii. / And one goes out to win a kiss, the second goes a-wooing, / And Yanni, youngest of them all, alone they leave behind them, / To watch and tend the flock of sheep, and keep the goats from straying. / To Yianni then his mother says, and wisely thus she warns him: / 'If you would earn a blessing now from me and from your father, / Stand never 'neath a lonely tree, nor rest beneath a poplar, / Nor ever on the water's edge make with thy pipe sweet music, / Or there will come the Lamia out, the Lamia of the Ocean.' / But Yianni would not her obey, nor do his mother's bidding; / He stood beneath a lonely tree, he rested 'neath a poplar, / And down upon the water's edge made with his pipe sweet music. / Then came the Water-Lamia out, the Lamia of the Ocean. / 'O play to me, my Yianni, play, play with thy pipe sweet music, / If I should weary of the dance, thou for thy wife shalt take me; / If thou shouldst weary of thy pipe, I'll take away thy sheep-cotes.' / And all day long three days he piped, three days and nights he whistled; / And Yianni was quite wearied out, and sorely worn with piping. / She took from him his flocks of sheep, of all his goats she robbed him; / And forth he went to work for hire, and labour for a master.* <sup>a</sup>A nota referente à essa palavra está na p. 397 e diz: *Οἱ τρεῖς στοιχεῖα τοῦ κοσμοῦ. The term Stoicheion, which occurs in the preceding and the following songs, is usually applied to the Genii of fountains, rivers, trees, or mountains. Their attitude towards mankind is usually, but not invariably, malevolent.* – O termo estóiqueion, que ocorre na canção anterior e na que se segue, é usualmente aplicado aos Genis das fontes, rios, árvores, ou montanhas. A atitude deles com relação à Humanidade é usualmente, mas não invariavelmente, malévola.

Em um certo tempo havia um Estóiqueion devorando todos os heróis;  
 Todos eram devorados e varridos da existência, não havia nenhum sobrevivente;  
 Somente o filho da viúva permanecia, somente ele de todos os heróis.  
 Sua lança e sua espada ele pega nas mãos, e adiante vai para caçar,  
 E ele corre por sobre colinas e montanhas, por sobre picos e passagens montanhosas,  
 Nenhum jogo se elevou com asas, nenhum jogo se desperta em segredo.  
 Mas quando o sol começa a mergulhar, e diminui seu esplendor real,  
 Ele encontra uma amável donzela solitária, virgem de cabelos claros e olhos pretos.  
 Ele para e assim saúda a donzela, ele fica de pé e assim pergunta a ela:  
 ‘Minha garota, de quem és filha? Ó, diga, quem era tua mãe?’  
 ‘Uma mãe me carregou como a sua, uma mãe como a sua me carregou.’  
 ‘O que te aflige, donzela? tu estás triste, o que te aflige que te faz suspirar?’  
 ‘Lá longe onde tu vês aquela figueira, lá em suas raízes há um poço;  
 Dentro dele deixei cair meu esplêndido anel, o anel do meu noivado.  
 O homem que descer pelo poço, e acha-lo e trazê-lo para mim,  
 Com ele me casarei, e somente com ele, e ele será meu consorte.’  
 Então rapidamente o jovem despiu-se de suas roupas, e poço adentro desceu.  
 ‘Ó, me puxe garota! me puxe, pois não acho anel nenhum aqui!’  
 ‘Agora estás dentro, meu Filho da Viúva, aí ficarás para sempre!’<sup>749</sup>

### 3. *A Lâmia disfarçada e o filho da viúva – Épiro (Chasiotes, 137)*

Uma lâmia negra do mar, devoradora de heróis,  
 As roupas de uma mulher tomou para si e vestiu roupas de mulher,  
 E para a igreja, como uma mulher, correu, suas preces falavam como as de uma  
 mulher;  
 Como mulher ela recebeu o pão<sup>a</sup> sagrado, das mãos do padre ela o recebeu;  
 Como uma mulher ela veio para fora, e se assentou à porta da igreja;  
 Desgrenhado selvagemmente está seu cabelo e lágrimas amargas ela está chorando.  
 O filho da viúva passa por lá, e no seu sofrimento ele repara.  
 ‘O que te aflige, minha donzela, que estás assim fungando e suspirando?’  
 ‘Ah, tu vês aquele salgueiro, todo escurecido pelo raio?’  
 Meu anel caiu da minha mão, o anel do meu primeiro compromisso,<sup>b</sup>  
 E quem for lá dentro e o trouxer para mim, eu vou tomá-lo como meu marido.’  
 Ele muito admirou a beleza dela, e ele queria fazer dela sua esposa.  
 ‘Eu vou lá dentro, e vou sair de lá, e trazê-lo para você, minha menina.’

<sup>749</sup> Garnett & Stuart-Glennie, 1896, pp. 102-103: *The Stoicheion and the Widow's Son. (Aravandinos, 451) / There came forth once a Stoicheiòn devouring all the Heroes; / All were devoured and swept away, there was not one remaining; / The Widow's Son alone remains, alone of all the Heroes. / His spear and sword he takes in hand, and forth he goes a-hunting, / And hills and mountains o'er he runs, o'er peaks and mountain-passes, / No game has risen on the wing, no game is roused in covert. / But as the Sun begins to dip, and nears his kingly splendour, / He finds a lovely damsel lone, a fair-haired, black-eyed maiden. / He stops and thus accosts the maid, he stands and thus he asks her: / 'My girl, whose daughter may'st thou be? O say, who was thy mother?' / 'A mother bore me like to thine, a mother like thine bore me.' / 'What ails thee, maiden? thou art sad, what ails thee that thou sighest?' / 'Where yonder thou that fig-tree seest, there at its root a well lies; / Within I've dropped my splendid ring, the ring of my betrothal. / The man who shall go down the well, and find and bring it to me, / Him will I wed, and him alone, and he shall be my consort.' / 'Then quick the youth stripped off his clothes, and down the well descended. / 'O pull me up, girl! pull me up, for I can find no ring here!' / 'Now thou art in, my Widow's Son, there shalt thou stay forever!'*

Eles foram então, e ela o deixou descer, para trazer seu anel de compromisso para ela,  
 Mas cobras rajadas ele encontrou lá embaixo, com víboras entrelaçadas.  
 ‘Minha menina, agora puxe-me para cima novamente, porque nada achei aqui  
 embaixo;  
 Aqui há apenas cobras rajadas, com víboras entrelaçadas.  
 Uma víbora mais esperta que as outras, ela detém seu anel, essa víbora.’  
 ‘Agora tu estás dentro, meu belo jovem, para fora tu não virás, ah, jamais!  
 Pois eu sou a Lâmia do Mar, devoradora de heróis!’  
 ‘E eu, eu sou o Filho do Relâmpago, eu vou iluminar, e te queimar!’  
 Ela do relâmpago teve medo, e para cima de volta ela o puxou.<sup>750</sup>

## Volume II – Conto:

*Três Vezes Nobre, ou As Três Cidras – Atenas (Deltion, I., p. 158)*

Este é o começo da estória! Boa noite a vocês vossas Excelências!

Era uma vez um Rei e uma Rainha, e eles não tinham um filho. Eles rezaram a Deus para que Ele lhes desse um filho, e prometeram que, se uma criança nascesse deles, uma fonte jorraria durante três dias com óleo, três dias com mel, e três dias com manteiga, para que todos pudessem ir até ela e servir-se. Era uma hora de sorte e Deus ouviu o pedido deles, e a Rainha ficou grávida. Alegria ou tristeza, vós podeis imaginar qual! E ao final de nove meses a Rainha deu à luz um menino. O menino cresceu, e se transformou em um deleite; mas eles se esqueceram de cumprir sua promessa. E numa noite a Rainha viu em seu sonho uma mulher que veio até ela e disse:

“Eu vos dei uma criança, mas vós vos esquecestes de manter vossa promessa. Não sabeis vós que eu posso tomar de volta a criança que vos dei?”

A Rainha se levantou aterrorizada, e disse para seu marido:

“Po-po! Que risco nós corremos! Nós nos esquecemos de cumprir o que prometemos a Deus — que uma fonte iria jorrar durante três dias com óleo, três dias com mel, e três dias com manteiga!”

O Rei imediatamente ordenou que a fonte fosse construída no pátio do palácio,

<sup>750</sup> Garnett & Stuart-Glennie, 1896, pp. 103-104: *The Disguised Lamia and the Widow's Son*. - Epeiros (Chasiotes, 137) / A Lamia black from out the sea, devourer of the heroes, / A woman's garments take to her and puts on woman's clothing, / And to the church, as a woman, hies, her prayers says like a woman; / As woman takes the holy bread,<sup>750</sup> from priestly hand she takes it; / And as a woman comes she out, and at the church door sits her; / Dishevelled wildly is her hair and bitter tears she's weeping. / The Widow's Son there passes by, and on her long he gazes. / 'What ails thee, maiden mine, that thou art sobbing thus and sighing?' / 'Ah, seest thou that willow tree, all blackened by the lightning? / My ring has fallen from my hand, ring of my first betrothal,<sup>750</sup> / And who'll go in and bring it me, I'll take him for my husband.' / He much her beauty did admire, and he his wife would make her. / 'I will go in, and I'll come out, and bring it you, my lassie.' / They went then, and she let him down, her troth ring up to bring her, / But speckled snakes he found below, with vipers intertwined. / 'My lass, now pull me up again, for nothing have I found here; / Here there are only speckled snakes, with vipers intertwined. / One wicked viper of them all, she holds thy ring, this viper.' / 'Now thou art in, my pretty youth, forth shalt thou come, ah, never! / For I'm the Lamia of the Sea, devourer of the Heroes!' / 'And I, I am the Lightning's Son, I'll lighten, and will burn thee!' / she of the Lightning was afraid, and up again she drew him. <sup>a</sup> Αντίδορον, the surplus Communion bread distributed after the Mass, and usually carried home by the women to sick or aged relatives. <sup>b</sup> Three betrothal (ἀρραβῶν) precede a Greek marriage. – Αντίδορον, o pão da comunhão distribuído depois da missa na Igreja Ortodoxa, e usualmente carregado para casa pelas mulheres para os doentes ou idosos. <sup>b</sup> Três anéis de noivado (ἀρραβῶν) precedem um casamento.

e disse a seu pessoal para carregar até ela mel, óleo, e manteiga para colocar na fonte para que ela jorrasse, e todo mundo viesse e abençoasse o Príncipe. Quando três dias tinham passado, e todas as pessoas tinham se servido, e a fonte tinha parado de jorrar, uma Mulher Velha, muito velha, ouviu falar dela, e foi também, pegar quanta manteiga ela pudesse. Ela juntava a manteiga com seus dedos e colocava em seu pote. O Príncipe a viu do alto de sua janela, e riu. Quando ela tinha enchido seu pote, ele jogou uma pedra e o quebrou, e derramou tudo. Então ela olhou para cima e viu o Príncipe.

“*Ach*, meu Príncipe, o que tu me fizestes? Meu coração me falha para maldizer-vos”, ela disse para ele, “Eu só vou dizer — que vós não escapeis das mãos de Três Vezes Nobre.”

Quando ela assim disse, a Mulher Velha foi embora, e não foi mais vista. Então o Príncipe ponderou sobre quem Três Vezes Nobre poderia ser. Um dia ele disse para sua mãe:

“Eu estou indo, mãe, perguntar a respeito e conhecer quem é Três Vezes Nobre.”

“*Bré!* Meu garoto! Meu garoto! Meu garoto mau!”

Então sua mãe lutou para dissuadí-lo, mas foi em vão. Quando seus pais viram o quão determinado o filho deles estava, eles o deixaram ir. Ele se vestiu, pegou dinheiro, sua espada e sua capa, e partiu, e foi, e foi, pelo ermo, perguntando aqui, e perguntando ali onde Três Vezes Nobre vivia, mas não conseguiu nada. Enquanto ele rumava pelo ermo, ele viu um portão largo e alto, e atravessou-o na esperança de aprender algo. Ele viu uma Lâmia cantando em meio às folhas de uma amendoeira. Ele disse para ela:

“Bom dia, senhora!”

“Bem-vindo, meu garoto! Não tivesses dito ‘Bom dia’ para mim, eu o teria devorado!”

“E se você não tivesse dito ‘Bem-vindo, meu garoto!’, eu a teria matado com minha espada!”

“O que queres aqui, e o que procurar nesse lugar selvagem?”, perguntou a lâmia.

“O que devo dizer para você? — uma Mulher Velha me colocou sob uma maldição, e disse — ‘Que não escape das mãos de Três Vezes Nobre’, e desde então eu tenho estado muito agitado e não podia mais ficar no palácio. Por isso eu te imploro que me diga, se você souber, o que é essa Três Vezes Nobre, e onde ela vive?”

“O que eu deveria dizer-vos, meu garoto? Eu não sei nada sobre isso. Pegue aquela estrada à direita, e vós chegarás a um grande portão como o meu, o qual vós deveis adentrar. Minha irmã mora lá, e vós deveis dizer à ela ‘Bom dia’, e perguntar se por algum acaso ela sabe, e se ela souber, ela vai dizer-vos, pois ela tem boa índole. Tomai, também, essa escova de prata, e dizei à ela, com cumprimentos, que eu vos enviei.”

Ele agradeceu, se levantou, e saiu, e pegou a estrada que ela havia lhe mostrado. Ele vai, e vai, e vê de longe uma porta. Ele a empurra e adentra, e vê uma Lâmia se balançando por entre as folhas de uma noqueira. Ele diz para ela:

“Bom dia, mãe!”

“Bem-vindo, meu garoto! Não tivesses dito ‘Bom dia!’, eu vos teria devorado!”

“E eu, se você não tivesse dito ‘Bem-vindo, meu garoto!’, teria te matado com minha espada!”

“Que quereis, quem vos envia, e para onde vais?”

“Sua irmã me enviou, e aqui está a escova, com os cumprimentos dela. E diga-me, te imploro, se você souber, onde vive Três Vezes Nobre, para que eu possa ir e encontrá-la.”

“O que eu posso dizer, meu garoto? — vós procurais uma coisa difícil. Eu não sei nada sobre isso. Mas levantai e ide até minha irmã que vive perto daquelas pedras lá longe. Vós vereis fumaça saindo de uma colina, e um portão velho caindo aos pedaços; escancarei-o e entrarei; ela vai estar limpando o forno com seus seios. Não proferei palavra à ela, mas cortai um pedaço de vossas roupas, limpai o forno, colocai no forno seus pães, e depois, quando eles estiverem assados, tirai-os. Ela vai dizer: ‘Que retorno devo eu fazer pelo serviço que vós me fizestes?’. Então vós deveis dizer: ‘Eu trago cumprimentos de suas irmãs’, e dar à ela essa escova de ferro e perguntar: ‘Onde é a casa de Três Vezes Nobre?’.”

O Príncipe agradeceu à ela também, se levantou, e foi embora. Ele pegou a estrada e viu fumaça saindo de uma colina; ele se aproximou, e viu uma porta de ferro. Então ele entrou e viu uma Lâmia alta e selvagem, com cabelos até os pés, e ela estava limpando o fogão com seus seios. Quando ele a viu, ele teve medo, mas manteve seu silêncio. Ele não perdeu tempo, cortou um pedaço da sua capa, mergulhou em água e limpou o forno para ela com um pau. Ele pegou os pães e rapidamente os colocou lá dentro; eles assaram; então ele os retirou, e os enfileirou. Então a Lâmia disse para ele:

“Que retorno devo eu fazer pelo favor que vós me fizestes?”

“Suas irmãs me enviaram. Aqui está a escova de ferro, Com os cumprimentos delas, e será que você pode me dizer onde é a casa de Três Vezes Nobre?”

“Oh, meu garoto, tenho dó da vossa juventude!! Na casa de Três Vezes Nobre há Nereidas. É um grande palácio, e no meio do pátio há uma Cidreira; nela há três Cidras e dentro das Cidras estão as Rainhas das Nereidas, três irmãs. Da porta externa do palácio eu vos darei água com a qual vos deveis regá-la, e ela se abrirá. Mas à raiz da Cidreira estão amarrados dois leões extremamente bravos. Vós deveis tomar o cuidado de ter quatro carcaças. Antes que subas na Cidreira jogai duas delas o mais longe que vossas mãos puderem lançá-las, para que os leões corram e as comam, e vos deixem em paz; então subi na árvore e colhei as Cidras. Quando as tiverdes colhido, guardai-as em segurança em vosso robe, e então jogai as outras duas carcaças para os leões comerem enquanto vós desceis, para que eles não se metam convosco, e eu vou procurar as Nereidas e prendê-las. Mas tenha o cuidado de, após colher as Cidras, abri-las em água abundante, ou as Rainhas vão sair lá de dentro mortas.”

E então ele fez tudo o que a Lâmia lhe disse para fazer: ele pegou quatro carcaças e seguiu a estrada que ela lhe tinha apontado. Ele seguiu e regou a porta, que se abriu; ele entrou e viu a Cidreira. Mas quando ele estava dentro, e os leões o viram, eles começaram a rugir. Ele atirou uma das carcaças o mais longe que podia, e a outra também, os leões correram para comê-las, e assim ele subiu na árvore. Ele sacou sua espada, cortou as três Cidras, amarrou-as firmemente em seu robe, jogou as outras carcaças para os leões, desceu, e foi embora. Enquanto ele ia pela estrada, ele disse:

“Talvez não exista nada dentro das Cidras, e ela tenha me enganado.”

Ele abriu uma das Cidras e viu dentro dela uma linda donzela, e ela gritou ‘Água! Água!’, e morreu, porque ele não tinha água para jogá-la dentro. Então ele começou a chorar. Ele chorou e chorou, e então ele a enterrou, pegou as duas outras Cidras e seguiu. Enquanto ele seguia e seguia, ele viu uma pequena corrente d’água.

“Será que eu abro a outra e vejo se há alguma coisa dentro?”, ele disse.

Então ele colocou-a na corrente e abriu-a também, e dela saiu uma linda

donzela. ela gritou ‘Água! Água!’, e morreu porque não havia água suficiente para jogá-la dentro. Novamente ele chorou muito, então cavou uma cova e a colocou dentro, e levantou-se e foi na direção do palácio, e disse:

“A não ser que eu encontre uma quantidade abundante de água, não vou abrir a outra Cidra.”

Então ele chegou à uma cisterna cheia de água.

“Aqui”, ele disse, “eu vou abrir a outra Cidra, e ver se há alguma coisa dentro ou não.”

Então ele colocou-a na água e abriu-a. Imediatamente saiu de lá uma linda donzela, mais linda que as outras, e ela nadou pelas águas, e gritou:

“Como eu vim parar aqui? Onde estão minha irmãs?”

“Eu não trouxe outra Cidra”, ele disse. “I trouxe apenas uma, as outras eu deixei na árvore. Eu sou um Príncipe, e meu destino é me casar com você, e você será uma Rainha.”

Ele a enrolou na sua capa, puxou-a para cima, e a carregou pela cidade. Havia um poço lá, e perto do poço havia um grande cipreste com largos galhos. Ele colocou-a no cipreste, escondeu-a entre os galhos, e disse:

“Fique aqui, e não se sinta entediada de maneira alguma; eu vou ao palácio e trarei para você belos robes para usar, e uma carruagem para se locomover, como merece uma Rainha.”

Então ele subiu na árvore junto com ela, colocou-a assentada entre os galhos, e lhe disse para não ficar nem um pouco agitada, pois ele retornaria logo. Ele partiu e veio para o palácio. Quando seus pais o viram eles muito se alegraram, pois eles pensavam que haviam-no perdido. Ele disse a eles que havia trazido Três Vezes Nobre, e pediu-lhe que aprontassem vestidos e carruagens para trazê-la ao palácio.

Enquanto isso estava sendo arrumado, Três Vezes Nobre estava assentada na árvore. Para o poço lá embaixo foi uma Negra encher sua jarra com um balde. Quando ela viu a face de Três Vezes Nobre refletida na água, ela puxou para fora o balde e disse:

“*Bá!* Sou eu tão bonita? I não trabalharei mais agora que sei que sou tão bonita!”

Ela começou a dançar em volta do poço, gritando: “Tão bela eu sou, e eu não sabia disso! Tão bela eu sou, e eu não sabia disso!”

Mas Três Vezes Nobre viu tudo isso e desatou a rir lá de cima no cipreste. A Negra olhou para cima e viu Três Vezes Nobre.

“Ah! É você aí em cima que faz pouco de mim!”, ela disse. “Desça neste instante!”

Ela disse: “Deixe-me sozinha, eu não posso descer porque o Príncipe me colocou aqui em cima, e ele está vindo para me levar para o palácio.”

Então disse a Negra: “Eu não ligo para isso; se você desce ou não, eu vou te colocar para baixo!”

Então ela trepa no cipreste, agarra Três Vezes Nobre e joga-a no poço; e a Negra se despe e enrola a si mesma na capa como Três Vezes Nobre, e assenta-se no cipreste. Dentro em pouco vieram o Rei, a Rainha, o Príncipe, e todos os parentes. O Príncipe sobre, e o que ele vê? — um Corvo negro.

“Como você ficou assim?”, ele pergunta?

“*Ná!* Por causa da minha dor”, ela disse, “porque tanto te demoraste, e eu pensei que vós me havíeis abandonado aqui! Mas, que importa? — Eu ficarei branca novamente.”

“Certamente é suficiente que vós me amais e desejais.”

Então o Príncipe estava envergonhado de mostra-la para seus pais, e ele a cobriu e a colocou na carruagem e foi para o palácio, e a escondeu numa câmara, e ordenou que sua comida fosse trazida para o andar de cima para que ele comesse com ela, e dedicou-lhe grandes atenções para que ela ficasse branca. Mas como poderia ela ficar branca? E o príncipe caiu em grande melancolia e disse:

“Terei eu colocado minha vida em risco por uma Negra? O que eu devo fazer se ela não ficar branca?”

Para o poço no qual Três Vezes Nobre havia sido atirado veio uma donzela pegar água, e dentro do seu balde havia uma Enguia dourada.

“*Bá!* Que Enguia linda! Vou leva-la para o Rei que está triste, e talvez a tristeza dele passará quando ele se entretiver com ela, já que o Príncipe está em chateado desde que voltou com sua esposa.”

Então ela levou a Enguia, já que ela estava no balde, e a carregou até o Rei, e deixou sua jarra no poço. Quando ela chegou ao palácio, ela pediu para ver o Príncipe, onde quer que ele estivesse. Ela havia cobriu o balde, de modo que a Enguia não estava visível. Disseram ao Príncipe que uma donzela queria vê-lo. Disse o Príncipe:

“Muito bem, deixem ela entrar.”

Quando a garota entrou, ela disse: “Meu longo Rei, eu encontrei esta Enguia lá no poço, e eu a trouxe para você porque ela é tão bela que pode distraí-lo.”

Então a Enguia, quando viu o Príncipe, começou a pular e dançar. Ela fez muitos truques e começou a morder sua mão. O Príncipe agradeceu muito à garota, pegou uma mão cheia de sequins e os entregou à ela, e ela foi embora. Quando ela os tinha pegado, o Príncipe passou todo o dia trancado em seu quarto; ele passou a mão na Enguia, jogou açúcar para ela, e deu ordens para que suas refeições lhe fossem servidas lá, para que ele pudesse olhar a Enguia, tanto ele a amava. A Negra não o via nunca, e ela lhe ordenou que ele fosse vê-la. O Príncipe foi ao andar de cima ver o que ela queria; ela se jogou em seu pescoço e o abraçou, e chorou e disse que ele era muito indelicado, e justo agora que ela estava começando a ficar branca, ela ficara negra de novo, porque ela tinha escutado que ele estava apaixonado por uma Enguia. Então o Príncipe disse:

“I não vim aqui porque não quero te atrapalhar. Fique branca e você vai ver que amor eu terei por você. Como eu poderia amar uma Enguia, como se ela fosse um ser humano? Eu estou somente esperando que você fique branca para fazer nosso casamento.”

Com tais palavras ele a acalmou, mas a cada dia havia novas reclamações:

“Mate a Enguia para que eu possa comê-la, e então eu ficarei branca; se você não fizer isso, leve-me de volta para onde você me encontrou.”

O que poderia o Príncipe fazer, com as profundezas à sua frente, e as torrentes atrás? Ele decidiu matar a Enguia para ela comer, mas ele o fez com dor no coração. Ele ordenou que ela fosse morta, e cozida, e servida para eles comerem. Enquanto eles a comiam, todos os ossos que eram do pedaço dela, ela jogava no fogo; mas ele jogava os seus no jardim. Eles comeram bem, e no dia seguinte o Príncipe se sentiu triste, e foi para seu quarto, e chorou. Enquanto ele estava assentado e chorava, o jardineiro veio até ele e disse:

“Meu Rei, meu longo Rei, você virá comigo para o jardim para ver uma maravilha? Um limoeiro cresceu durante a noite, coberto de limões e de flores! Você virá e verá, e me dirá que maravilha é essa?”

O príncipe desceu para ver o Limoeiro. ele imediatamente ergueu seus galhos e jogou flores em cima dele. Então o Príncipe pediu uma cadeira, e se assentou

debaixo da árvore, e não se moveu desde então, tão deliciado estava ele com ela. A Negra perguntou onde estava o Príncipe. Eles disseram para ela assim e assado — “Há um Limoeiro coberto com limões e flores, e o Rei gosta muito dele e está assentado debaixo dele.” Nossa boa Negra não perde tempo e vai para o jardim; mas quando ela se aproximou do Príncipe, o Limoeiro se atirou para cima dela com seus espinhos e arranhou sua face e suas mãos, e fez dela uma visão digna de dó. Gritos e não sei mais o que vindos da Negra.

“Arranque o Limoeiro pela raiz e eu ficarei branca! — pois eu estava quase branca quando me aconteceu isso vindo do Limoeiro, e agora eu escureci e fiquei como uma Negra — ou eu vou embora e trarei as Nereidas e elas vão virar seu palácio de cabeça para baixo!”

“*Bré!* Minha boa mulher!”, disse o Príncipe, “que mal lhe fez o Limoeiro? Ele é bom, não chegue perto dele, isso é tudo.”

Ele falou em vão. Ela disse: “Ou eu vou tê-lo arrancado, ou algo terrível vai acontecer.”

Então o Príncipe saiu do jardim e disse para ela: “faça o que você quiser, eu não irei me meter.”

Quando o Príncipe havia ido embora, ela não perdeu tempo, mas mandou o jardineiro arrancar o Limoeiro, cortar os galhos em pequenos pedaços, e jogá-los para fora na rua, para que as pessoas pudessem pegá-los e queimá-los. O toco permaneceu e eles o atiraram na frente da fonte. Um homem velho veio pegar água. Ele disse:

“Você não me daria esse toco para que eu pudesse fazer fogo em minha casa?”

Ela correu para a janela:

“Pegue-o!”, ela disse, “Pegue-o e vá!”

O homem velho o pegou e foi para casa. Ele pegou seu machado para cortá-lo. Ele mal tinha acertado o golpe quando ouviu uma voz de dentro da madeira:

“Acerta em cima e acerta embaixo,  
Mas no meio não acerta um golpe,  
Ele sente, pois é uma donzela,  
e vossas batidas fazem doer a cabeça dela.”

Quando o homem velho ouviu isso, ele deu um pulo, e correu para sua casa em pânico. Seu filho veio até ele e disse:

“Bom dia, Pai!”

Ele não deu resposta, apenas tremeu.

“O que te aflige, Pai, que você treme?”

“O que me aflige?”, ele respondeu. “Eu fui ao palácio — onde eu desejava que não tivesse ido — para pegar água, e achei um toco e pedi-o; e ele está vivo e fala!”

“*Bá!* Como ele pode falar? Madeira pode falar? Você não está ficando doido, Pai?”

“*Nái,* vai perto dele, pega o machado e acerta ele gentilmente, gentilmente, e você vai ver que ele vai falar.”

Então seu filho foi e levou o machado, e acertou o toco gentilmente, e ouviu-o dizer:

“Acerta em cima e acerta embaixo,  
Mas no meio não acerta um golpe;  
Ele sente pois é uma donzela,  
E vossas batidas fazem doer a cabeça dela!”

Então o jovem bateu como ela havia dito para ele, e viu uma bonita donzela pulou lá de dentro, e disse para ele:

“Não se assuste, você fará sua fortuna comigo; apenas me dê roupas para me cobrir, porque estou nua, e compre um véu branco, e fios de seda e ouro para que eu borde o véu para você levar ao Rei, e ele lhe dará muitos sequins.”

O jovem foi e trouxe um bonito véu branco, e fios de ouro e seda, e os trouxe para ela. Ela sentou e bordou no véu toda a sua história, como ela havia virado uma Enguia, como ela havia virado um Limoeiro, e agora que ela podia ser encontrada naquela casa, e que ele devia vir e buscá-la. Ela dobrou o véu bem direitinho e entregou-o ao jovem para que ele o levasse e o entregasse nas mãos do Príncipe, e voltasse para dar-lhe a resposta dele. Então ele foi com o véu bordado a ouro ao palácio e perguntou:

“Onde está o Príncipe? Eu gostaria de vê-lo.”

Eles mostraram para ele, e ele foi. Ele disse para ele:

“Meu príncipe, meu longo Príncipe, eu tenho um véu para dar a você.”

O Príncipe o pegou e o abriu. O que ele viu? Letras!! Ele leu toda a história de Três Vezes Nobre!

“E onde está agora aquela que vos deste este véu?”

“Em minha casa.”

Ele se levantou, não perdeu tempo, deu ao jovem uma mão cheia de sequins, e disse a ele:

“Venha comigo e vamos!”

Então o Príncipe pegou o jovem e foi para a casa dele, e viu Três Vezes Nobre. Alegrias e lágrimas; eles riram e choraram.

Ela disse: “Chega disso, mas traga-me roupas e uma carruagem, e vamos para o palácio.”

Ele disse: “Vou mandar vestidos e uma carruagem para você, mas fique aqui até que eu expulse aquela Negra, e então eu virei e pegarei você.”

O Príncipe retornou imediatamente ao palácio e foi direto até a Negra e começou a andar de um lado para o outro no quarto. A Negra disse para ele:

“Você está ofendido de novo? O que te aflige novamente? Alas! ogo que eu começo a embranquecer um pouco, então você fica bravo de novo! Ora ofendido, ora uma coisa, ora outra; e eu vejo você, e fico mais negra que nunca!”

“Não importa, porque agora eu a deixarei em paz. Mas eu ainda tenho que fazer justiça, e eu vim para considerar e ver que castigo eu darei àquele homem.”

“Diga-me a respeito, e eu direi a você, porque meu papai era um rei entre as Nereidas, e eu saberei o que você deve fazer.”

“Havia um casal de amantes”, disse o Príncipe, “e ele tramou com outro para separá-los. Que castigo, então, devo eu dar àquele homem? — o que deve ele sofrer?”

“Meu papai teve uma vez um caso desses. Nós tínhamos quatro mulas selvagens, e nós atamos suas duas mãos a duas das mulas e seus dois pés às outras duas, e chicoteamos as quatro, sendo que cada uma tomou um rumo, levando um pedaço dele consigo.”

“Então prepare-se para receber vosso castigo!”

“Que dizeis? Devo eu estar para sempre com medo? Vais me fazer escurecer novamente, e eu morrerei de desgosto!”

“Quanto à isso, o jogo está jogado; apenas que eu não vos atarei a mulas, mas vos estrangularei.”

Então ele saiu do palácio e deu ordens para que ela fosse estrangulada e

jogada no rio. Então ele pegou uma esplêndida carruagem banhado a ouro, foi até a casa do pobre homem e pegou Três Vezes Nobre, tendo dado a eles muito dinheiro que os tornou ricos. E ela ele levou para o palácio e ordenou que as cerimônias começassem porque ele ia celebrar seu casamento. E então música, tambores e grandes felicidades. Ele a tomou por esposa, e ele viveram felizes. E nós ainda mais felizes!<sup>751</sup>

---

<sup>751</sup> Garnett & Stuart-Glennie, 1896, pp. 14-27: *Thrice-Noble, or The Three Citrons*. Athens (Δελτίον, I., p.158). / This is the beginning of the story. Good-evening to your Honours! / Once upon a time there was a Queen and a King, and they had no son. They prayed to God to give them a child, and vowed that, if a child should be born to them, a fountain should run three days with oil, three days with honey, and three days with butter, that everybody might go and take. It was a lucky hour and God heard their wish, and the Queen became with child. Joy or grief, you may imagine which! And at the end of nine months the Queen was delivered, and bore a male child. The boy grew up, and became a delight; but they forgot to fulfil their vow. And one night the Queen saw in her sleep a Woman who came and said to her, / 'I gave thee the child, but thou hast forgotten to keep thy vow. Knowest thou not that I can take again the child I gave thee?' / The Queen arose in terror and said to her husband, / '*Po-po!* What a risk we have run! We forgot to perform that which we vowed to God — that a fountain should run three days with oil, three days with honey, and three days with butter!' / The King immediately gave orders for the fountain to be made in the courtyard of the palace, and told his people to carry to it honey, oil, and butter to put in the fountain that it might run, and everybody come and take and bless the Prince. When three days had passed, and all the people had helped themselves, and the fountain had ceased to flow, an Old Woman, very old, heard of it, and she went too, to get what butter she could. She gathered it up with her fingers and put it in her pot. The Prince up at the window saw her, and laughed. When she had filled her pot, he threw a stone and broke it, and spilt it all. Then she looked up and saw the Prince. / '*Ach, my Prince, what hast thou done to me? My heart fails me to curse thee,*' she said to him, '*I will only say — may'st thou not escape from the hands of Thrice Noble.*' / When she had thus said, the Old Woman went away, and was seen no more. Then the Prince pondered as to who Thrice-Noble could be. One day he said to his mother, / 'I am going, mother, to inquire and learn who is this Thrice-Noble.' / '*Bré! my boy! my good boy! my bad boy!*' / So his mother strove to dissuade him, but in vain. When his parents saw how determined their son was, they let him go. He dressed himself, took money with him, his sword and his cloak, and set out, and went, and went, into the wilderness, asking here, and asking there where Thrice-Noble lived, but could learn nothing. As he journeyed in the wilderness, he saw a wide, high gateway and went through it in hopes of learning something. He saw a Lamia swinging among the almond leaves. He said to her, / 'Good-day, mistress!' / 'Welcome, my boy! hadst thou not said "Good-day" to me, I would have eaten thee!' / 'And if *you* had not said "Welcome, my boy!" I would have killed you with my sword!' / 'What wantest thou here, and what seekest thou in this wild spot?' asked the Lamia. / 'What shall I tell you? — An Old Woman laid me under a curse, and said — "*May not escape from the hands of Thrice-Noble,*" and since then I have been very uneasy and could not stay in the palace. So I beg you to tell me, if you know, what is this Thrice-Noble, and where does she live?' / 'What shall I tell thee, my boy? I know nothing about it. Take that road to the right, and thou wilt come to another big gateway like mine, which thou wilt enter. My sister lives there, and thou must say to her, "Good-day", and ask if perchance she knows; and if she does, she will tell thee, for she is good-natured. Take, too, this silver comb, and tell her, with greetings, that I sent thee.' / He thanked her, and arose, and left, and took the road she showed him. he goes, and goes, and sees from afar a door. He pushes it and goes in, and sees a Lamia swinging among the walnut leaves. He says to her, / 'Good-day, mother!' / 'Welcome, my boy! Hadst thou not said "Good-day!" I should have eaten thee!' / 'And I, if *you* had not said "Welcome, my boy!" should have killed you with my sword!' / 'What dost thou want, and who sent thee, and whence comest you?' / 'Your sister sent me, and here is the comb, with her compliments. And tell me, I beg you, if you know, where Thrice-Noble lives, that I may go and find her.' / 'What shall I say, my boy? — Thou seekest a hard thing. I know nothing about it. But arise and go to my sister who lives among those rocks over yonder. Thou wilt see a hill smoking, and an old tumbledown gate; push it open and go in; she will be wiping out the oven with her breasts. Say no word to her, but cut off a piece from thy clothes, wipe out the oven, put in her loaves, and afterwards, when they are baked take them out. She will say, "What return shall I make for the service thou hast done me?" Then thou must say, "[I bring] greetings from thy sisters," and give her this iron comb and ask, "Where is the house of Thrice-Noble?"' / The Prince thanked her too, and arose, and went away. He took the road, and saw a hill smoking; he approached, and saw an iron door. Then he went in and saw a tall wild-looking Lamia, with hair standing on end, and she was wiping out the oven

---

with her breasts. When the youth saw her, he was afraid, but kept silence. He lost no time, cut off a piece of his cloak, dipped it in water and wiped out the oven for her with a stick. He took the loaves and quickly put them in; they were baked; he took them out, and placed them in a row. Then said the Lamia to him, / 'What return shall I make thee for the favour thou hast dode me?' / 'Your sisters have sent me. Here is the iron comb. Their compliments, and will you tell me where is the house of Thrice-Noble?' / 'O, my boy, I pity thy youth! At the house of Thrice-Noble there are Nereids. It is a great palace, and in the middle of the courtyard is a Citron-tree; on it there are three Citron, and in the Citrons are the Queens of the Nereids, three sisters. For the outer door of the palace I give thee some water which thou must sprinkle on it and it will open. But at the root of the Citron-tree are fastened two exceedingly fierce lions.<sup>4</sup> Thou must take care to have four carcasses. Before thou climbest the Citron-tree throw two of them as far away as thy hands can throw, that the lions may run and eat them and let thee alone; then climb up the tree and pluck the Citrons. When thou hast plucked them, hold them safely in thy robe, and then throw the other two carcasses for the lions to eat while you get down, that they may not meddle with thee, and I will see to the Nereids and bind them. But be careful when thou hast plucked the Citrons to cut them open in plenty of water, or they [the Queens] will come out dead.' / So he did all that the Lamia had told him; he took four carcasses and followed the road she pointed out. He went on; he threw the water on the door, the door opened; he went in, and saw the Citron-tree. But when he was within, and the lions saw him, they began to roar. He threw one carcass as far as he could, and the other the same, and the lions rushed to eat them; and so he climbed up the tree. He drew his sword, cut the three Citrons, tied them up securely in his robe, threw the other two carcasses to the lions, came down, and made off. On the road as he went, he said, / 'Perhaps there is nothing in the Citrons, and she cheated me.' / He broke open one of the Citrons and saw inside a beautiful maiden, and she cried 'Water! Water!' and died, because he had no water to throw her into. Then he began to weep. He wept and wept, and then buried her, took up the other two Citrons, and went on. As he went and went, he saw a little stream of water. / 'Shall I cut the other and see if there is anything inside?' he said. / Then he put it in the stream and cut it too, and there leaped out a lovely maiden. She cried 'Water! Water!' and died because there was not enough water to throw her in. Again he wept much, and then dug a grave and buried her too; and arose and went towards the palace, and said, / 'Unless I find a great deal of water, I will not cut open the other Citron.' / Then he came to a great cistern full of water. / 'Here,' said he, 'I will cut the other Citron, and see if there is anything inside or not.' / Then he put it into the water and broke it. Immediately there leaped out a beautiful maiden, more lovely than the others, and she swam about in the water, and cried, / 'How came I here? Where are my sisters?' / 'I brought no other Citron,' he said. 'I brought one only, the others I left on the tree. I am a Prince, and my Fate destined me to marry you, and you shall be a Queen.' / He wrapped her in his cloak, took her up, and carried her towards the city. There was a well there, and close to the well grew a great cypress with large branches. He placed her on the cypress, hid her among the branches, and said, / 'Stay here; don't feel at all dull; and I will go to the palace and bring you beautiful royal robes to wear, and a coach to ride in, as befits a Queen.' / So he climbed with her up into the tree, put her among the branches to sit, and told her not to be the least bit uneasy, for he would soon return. He set off and came to the palace. When his parents saw him they made great rejoicings, for they thought they had lost him. He told them that he had brought Thrice-Noble, and bade them get ready dresses and carriages to bring her to the palace. / While these were being got ready, Thrice-Noble sat up in the tree. To the well below went a Negress to fill her pitcher with a bucket. When she saw Thrice-Noble's face reflected in the water, she drew up the bucket and said, / 'Bá! Am I so beautiful? I shall do no more work now I know that I am so beautiful!' / She began to dance round and round the well, crying, 'so fair am I, and I knew it not! So fair am I, and I knew it not!' / But Thrice-Noble saw all this, and burst out laughing up in the cypress. The Negress looked up, and saw Thrice-Noble. / 'Ah! It is thou up there, who mockest me!' she said. 'Come down at once!' / Said she, 'Let me alone, I cannot come down, because the Prince has put me up here, and is coming to take me to the palace.' / Then said the Negress, 'I don't care about that; whether you will or not, I will put you down!' / So she climbs up into the cypress, seizes her, and throws her into the well; and the Negress undresses and wraps herself in the cloak like Thrice-Noble, and sits up in the cypress. In a little while there came the King, the Queen, the Prince, and all the relations. The Prince climbs up, and what does he see? — a black Crow. / 'How did you become like this?' he asks. / 'Ná! from my grief,' she said, 'that thou wert so long in coming, and I thought thou hadst abandoned me here! But what matter? — I shall grow white again.' / 'Certainly, it is enough that thou love me and desire me.' / Then the Prince was ashamed to show her to his parents, and he covered her up and put her in a carriage and went to the palace, and hid her in a chamber, and ordered his food to be brought upstairs to him to eat with her, and paid her great attentions in order that she might grow white. But how could she grow white? And the Prince fell into great melancholy, and said, / 'Have I hazarded my

life and run such risks for a Negress? What shall I do if she does not grow white?' / To the well into which Thrice-Noble had been thrown went a maiden for water, and into her bucket leaped a golden Eel. / 'Bá! What a pretty Eel! I will take it to the King who is sad, and perhaps his sadness will pass away when he amuses himself with this, for the Prince since he came back with his wife is very low-spirited.' / So she took the Eel as it was in the bucket, and carried it to the King, and left her pitcher at the well. When she came to the palace, she asked to see the Prince wherever he was. She had covered over the bucket and the Eel was not visible. They told the Prince that a maiden wanted to see him. said the Prince, / 'Very well, let her come in.' / When the girl came in, she said, 'My longlived King, I found this Eel in the well there; and I have brought it to you because it is so beautiful that it may amuse you.' / Then the Eel, when it saw the Prince, began to leap and dance. It played many tricks, and began to nibble his hand. The Prince thanked the girl very much, and took a handful of sequins out of his pocket and gave them to her, and she went away. When she had taken them, the Prince remained all day shut up in his room; he petted the Eel, threw it sugar, and gave orders for his meals to be brought to him there, so that he might look at the Eel, so much he love it. The Negress did not see him at all, and she sent word to him to go and see her. The Prince went upstairs to see what she wanted; she threw herself on his neck and embraced him, and wept, and said that he was very unkind, and now just as she was beginning to grow white, she become black again, because she had heard that he was in love with an Eel. Then the Prince said, / 'I did not come because I did not wish to disturb you, Do you become white, and you will see what love I shall have for you. How should I love an Eel, as if it were a human being? I am only waiting for you to become white to hold our wedding.' / With such words he quieted her; but every day there were fresh grumblings: / 'Kill the Eel for me to eat, and then I shall become white; if you will not, take me back to where you found me.' / What could the Prince do, with the depths before him and the torrents behind? He decided to kill the Eel for her to eat, but he did it with the heart-ache. He ordered it to be killed, and cooked, and served for them to eat. As they ate it, all the bones that fell to her share she threw into the fire; but he threw his into the garden. They ate well, and the next day the Prince felt sad, and went into his chamber, and wept. as he sat and wept, the gardener went to him and said, / 'My King, my longlived one, will you come down into the garden and see a marvel? A Lemon-tree has grown up during the night, covered with lemons and yet covered with blossoms. Will you come and see it, and tell me what wonder is this?' / The Prince went down to see the Lemon-tree. It immediately raised its branches and threw its blossoms all over him. Then the Prince called for a seat, and sat under the tree, and did not move thence, so delighted with it was he. The Negress asked where the Prince was. They told her thus and thus — 'There is a Lemon-tree covered with lemons and blossoms, and the King is fond of it, and sits beneath it.' Our good Negress loses no time; she goes down into the garden; but, as she approaches the Prince, the lemon-tree threw itself upon her with its thorns and scratched her face and her hands, and made her a pitiable sight. Cries and I don't know what from the Negress. / 'Root up the Lemon-tree, and then I shall become white! — for I was nearly white when this happened to me from the Lemon-tree, and now I have blackened and become like a Negress — or I will go away and bring the Nereids and they will turn your palace upside down.' / 'Bré! my good woman,' said the Prince, 'what harm has the Lemon-tree done thee? It is good; don't go near it, that is all.' / [He spoke] in vain. Said she, 'i will either root it up, or something dreadful shall happen.' / Then the Prince went out of the garden and said to her, 'Do what you will, I shall not meddle.' / When the Prince was gone, she lost no time, but set the gardener to root up the Lemon-tree, cut the branches in small pieces, and throw them out on the road so people might take and burn them. The stump remained; that they threw in front of the fountain. An old man came to draw water. Said he: / 'Won't you give me this stump that I may light a fire in my house?' / She flies to the window. / 'Take it!' she said, 'take it and go!' / The old man took it and went home. He took up his axe to chop it. hardly had he struck it when he heard a voice from inside the wood: / 'Strike above and strike below, / In the middle strike no blow; / It can feel, for 'tis a maid, / And thy blows make sore her head.' / When the old man heard this, he gave a jump, and went into his house in a fright. His son comes to him and says, / 'Good day, Father!' / He made no reply, but trembled. / 'What ails you, Father, that you tremble?' / 'What ails me?' he replied. 'I went to the palace — where I wish I had not gone — for water, and found a stump and begged it; and it is alive and talks!' / 'Bá! How can it talk? Can wood talk? You are not going crazy, Father?' / 'Nái, go near it, and take the axe and strike it gently, gently, and you will see that it will talk.' / Then his son went and took the axe, and struck the stump gently and he heard it say, / 'Strike above and strike below, / In the middle strike no blow; / It can feel, for 'tis a maid, / And thy blows make sore her head.' / Then the youth struck as she told him, and saw a beautiful maiden leap out form within, who said to him, / 'Don't be frightened, you are making your fortune with me; only give me clothes to cover me, for I am naked, and buy a white kerchief and silk and gold [thread] that I may embroider a kerchief for you to take to the King, and he will give you many sequins.' / The youth

---

### 3. Coco, coca, cuca - um pequeno ensaio

---

Uma vez que os estudiosos citam elementos do folclore mundial atual procurando tentar estabelecer um campo de atuação mais compreensível para a lâmia, vamos citar alguns seres desse folclore que são similares à lâmia de Horácio em relação ao *modus operandi*, como o bicho-papão, o coco e a cuca, que perseguem crianças para depois devorá-las. Assim, como afirma José Luis Moralejo, tradutor espanhol de Horácio, "as lâmias eram o *coco* dos meninos romanos, monstros híbridos da mitologia popular".<sup>752</sup>

Na Idade Média, no folclore ibérico, havia um ser de nome *coca* que aterrorizava as mentes infantis. Para Clodio Pérez, um estudioso da figura da coca na Galícia, "a coca não é mais que uma figura processional draconiforme que simboliza

---

went and bought a beautiful white kerchief, and gold and silk thread, and brought them to her. She sat and embroidered on the kerchief all her history, how she had become an Eel, how she had become a Lemon-tree, and now that she was to be found in that house, and that he must come and fetch her. She folded the kerchief neatly and gave it to the youth to take it and give it into the hand of the Prince, and come back and give her his answer. Then he went with the gold [embroidered] kerchief to the palace and asked, / 'Where is the Prince? I want to see him.' / They showed him, and he went. He said to him, / 'My Prince, my longlived one, I have a kerchief to give you.' / The Prince took it; he opened it. What did he see? Letters! He read all the history of Thrice-Noble! / 'And where is now she who gave thee this kerchief?' / 'At my house. / He arose, lost no time, gave the youth a hand full of sequins, and said to him, / 'Come with me and let's go!' / Then the Prince took the youth, and went to his house, and saw Thrice-Noble. Rejoicings and tears; now they laughed, and now they wept. / Said she, 'Let us have no more of this, but bring me clothes and a carriage, and let us go to the palace.' / Said he, 'I will send you dresses and a carriage, but remain here until I drive out that Negress, and then I will come and fetch you.' / The Prince returned immediately to the palace and went straight up to the Negress and began to pace up and down the room. said the Negress to him, / 'Are you again offended? What ails you again? Alas! No sooner do I begin to whiten a little than again you get angry! Now offended, now one thing, now another; and I see you, and become blacker than ever!' / 'Never mind, for I shall now leave you in peace. But I have still justice to do, and I came to consider and see what punishment I shall give to that man.' / 'Tell me about it, and I will tell you, for my papa was a king over the Nereids, and I shall know what you should do.' / 'There was a couple of lovers,' said the Prince, 'and he planned with another to separate them. What punishment, therefore, shall I now give that man? — what ought he to suffer?' / 'And my papa had once such a case. And we had four wild mules, and we tied his two hands to two of the mules and his two feet to the other two, and whipped the four mules, and each mule took his own road, taking a piece with him.' / 'Then prepare,' to receive thy punishment!' / 'What sayest thou? Am I for ever to be frightened? You will make me blacken again, and I shall die of grief!' / 'As to that, the game is played out; only I shall not bind thee to the mules, but strangle thee.' / And so he came out of the palace, and gave orders that they should strangle her and throw her in the river. And then he took a splendid gilt coach, and went to the poor man's house, and took away Thrice-Noble when he had given them much money and made them rich. And her he took to the palace, and the next day he ordered the ceremonies to begin because he was going to celebrate his wedding. And then, music and drums and great rejoicings. He took her for his wife, and they lived happily. And we more happily still!

<sup>752</sup> "Las lamias eran *el coco* de los niños romanos, monstruos híbridos de la mitología popular", Horácio, 2008, p. 403. Para a etimologia de *coco*, cf. nesta tese Marco Aurélio, pp. 219-220.

o Demo".<sup>753</sup> Clodio afirma que a tradição da coca tem suas raízes nos ritos romanos de homenagem a Juno Sópita, em que jovens deixavam presentes nas entradas das cavernas onde se dizia que moravam as serpentes dessa deusa para que ela lhes desse boas colheitas.<sup>754</sup>

Séculos mais tarde, tanto em Troyes e Metz, na França, quanto em Redondela, Betanzos e Monção, na Galícia, as cocas desfilavam nas procissões de *Corpus Christi*, e os fiéis lhes metiam comida boca adentro, visando "colocar-se de bem com o monstro para assim livrar-se do seu perigo".<sup>755</sup>

Para Pérez, o mais provável é que as primeiras aparições dos dragões processionais tenham se dado por volta do século V d.C., por causa da insatisfação de um bispo, São Mamerto. Descontentava-o o fato de que os romanos ainda cultuavam a deusa Ceres, honrando-a com uma grandiosa festa em torno do dia 19 de maio, em que eram sacrificados muitos animais, as *ambarvalia* ou *ambarula*. Esse bispo instituiu então procissões em honra da Assunção para acabar com a festa pagã. No primeiro dia da festa o dragão abria a procissão, vindo tanto de cabeça quanto de cauda erguidas.<sup>756</sup> No último dia o dragão era o derradeiro, de cabeça e cauda abaixadas, e sua derrota era simbolizada pela cruz, que abria a procissão.<sup>757</sup>

Assim, quando o Papa Urbano IV declarou oficial a celebração do *Corpus Christi* em 1264, e logo depois, quando o Papa João XXII acrescentou-lhe as procissões, em 1317, muitas das figuras daquelas procissões dos primórdios da Cristandade migraram naturalmente para a recém-instituída comemoração. A coca foi,

---

<sup>753</sup> Pérez, 1993, p. 6: "a coca non é máis que unha figura processional draconiforme que simboliza o Demo".

<sup>754</sup> Sobre as ocorrências míticas de associação entre a figura da serpente e a do dragão, Pierre Brunel diz que é impossível de serem enumeradas, e isso apenas no Ocidente. Ele também afirma que tanto o dragão quanto a serpente têm uma figura ambígua, mas que estão mais associados à imagem do Mal, por causa da significação que a Bíblia lhes atribuiu, apesar de também poderem representar ideais de sabedoria, dos "impulsos incontidos de uma animalidade positiva". Cf. Brunel, 1997, pp. 130-131, 133-134.

<sup>755</sup> Pérez, 1993, p. 10: "[...] de poñerse a ben co monstro para así librarse do seu perigo".

<sup>756</sup> Na Espanha a coca era um monstro de cinco metros de comprimento por dois de altura, feito de papelão e lona: um dragão de "corpo paquidérmico, patas de grilo, cauda serpentiforme e com um grande par de asas" (Casculo, 2010, p. 202). Pérez diz que a forma da coca é herdada da plástica medieval, e que varia pouco entre as diversas tradições em que está presente: é quase sempre um ser de "corpo serpentiforme sem ou com patas (duas ou quatro), cabeça erguida com crista e grandes maxilas dentadas, asas membranosas que lembram as dos morcegos e rabo terminado em seta" (Pérez, 1993, p. 7: "corpo serpentiforme sen ou con patas (dúas ou catro), cabeza ergueita con crista e grandes fauces dentadas, ás membranosas que lembran as dos morcegos e cola rematada en dardo"). Infelizmente, não há descrição física alguma da lâmia que tenha chegado até nós. Se alguma fonte antiga a descrevesse, poderíamos compará-la a essas da coca, em busca de mais afinidades entre esses dois seres, que não apenas a função de "pavor infantil".

<sup>757</sup> Pérez, 1993, p. 10.

desse modo, prontamente associada ao inimigo vencido de Cristo. Pérez diz que "era de se esperar que acontecesse assim, porque enquanto a hóstia vinha a ser a representação do supremo Bem, de Deus, a velha coca não ia ser mais que a do Mal, de Satã".<sup>758</sup> Para comprovar sua tese, ele cita o historiador francês Jacques de Vitry: "este monstro simbolizava o demo, primeiro triunfante e logo vencido (este dragão significa diabo)".<sup>759</sup> Dessa maneira, Pérez conclui que "no Novo Testamento o dragão já está plenamente identificado com o demo, com a serpente do *Gênesis*".<sup>760</sup>

Contudo, o dragão era sempre derrotado por um santo, que podia ser São Jorge, Santa Marta, Santa Margarida, ou São Miguel Arcanjo, ou ainda por vários homens, como em Pontevedra, onde os vencedores do dragão são os marinheiros de uma pequena embarcação.<sup>761</sup> Portanto, foi assim que a coca foi transformada no dragão de São Jorge, e também na besta que vinha amarrada, puxada pela corda por Santa Marta ou Santa Margarida.<sup>762</sup> A respeito da transformação de mitos em que um herói luta contra um monstro em forma de dragão/serpente, Pérez conclui:

A influência, direta ou indireta, destes mitos nas lendas de santos cristãos comprova-se facilmente com o caso do guerreiro São Jorge. Supõe-se que a criação da luta com o dragão seja de finais do século XII ou de princípios do XIII, e enquanto uns investigadores apontam que foi tomada do mito nabateu de Tammuz, outros opinam que pode ser do clássico de Perseu, ainda que não se possa esquecer que os coptas o associam ao deus egípcio Hórus, todos eles vencedores de dragões, serpentes, crocodilos,[...].<sup>763</sup>

De fato, o autor galego afirma que o registro mais antigo da presença da coca nas procissões de *Corpus Christi* é do ano de 1265 em Portugal, e que a figura de São

---

<sup>758</sup> Pérez, 1993, p. 13: "Era de esperar que sucedese así, porque mentres que a hostia viña a se-la representación do supremo Ben, de Deus; a vella coca non ía ser máis que a do Mal, de Satán".

<sup>759</sup> Pérez, 1993, p. 11: "[...] que este monstro simbolizaba o demo, primeiro triunfante e logo vencido (draco iste significat diabolum)".

<sup>760</sup> Pérez, 1993, p. 18: "[...] no Novo Testamento o dragón xa está plenamente identificado co demo, coa serpe do *Xénesis*". Para uma discussão a respeito das associações entre dragão e serpente, veja-se Pérez, 1993, pp. 16-24, e notas.

<sup>761</sup> Pérez, 1993, p. 89.

<sup>762</sup> Pérez, 1993, pp. 15 e 90.

<sup>763</sup> Pérez, 1993, p. 29: "A influencia, directa ou indirecta, destes mitos nas lendas de santos cristiáns, compróbase doadamente co caso do guerreiro San Xurxo. O engadido da loita co dragón suponse que sexa de finais do século XII ou principios do XIII, e mentres que uns investigadores apuntan que foi tomado do mito nabateo de Tammuz; outros opinan que puido ser do clásico de Perseo, anque tampoco hai que esquecer que os coptos o vencellan co exipcio Horus, todos eles vencedores de dragóns, serpes, crocodilos, [...]". Daniel Ogden, em seu livro *Drakon* (2013), faz uma lista dos mitos greco-romanos de matadores de dragões que servem de base para a desenvolvimento dessa tradição folclórica na hagiografia cristã. Sobre o mito de São Jorge em si ele trata nas pp. 402-404, e afirma que é, indubitavelmente, uma recriação da temática dos mitos de Perseu-Andrômeda, e de Hércules-Hesíone.

Jorge foi introduzida em 1387, segundo o Padre Francisco da Fonseca, que no ano de 1728 elaborou uma descrição a respeito dessa primeira procissão.<sup>764</sup>

A palavra que Pérez cita como sendo o primeiro registro oficial do nome *coca* em galego é *coquetriz*, de 1437, simplesmente o jacaré processional.<sup>765</sup> Segundo Antenor Nascentes, o vocábulo *cuca* deriva do quíchua *cuca* ou *coca*, ou do aimará *coca*, 'árvore', ou ainda do tupi-guarani *cog*, 'sustentar, alimentar'.<sup>766</sup> O latim *cocum*, *cocci* (e seus cognatos) parece pouco ou nada explicativo, pois denomina um grão usado para tingir tecidos de escarlate e, por consequência, os tecidos já tintos.<sup>767</sup> Mas esse vocábulo latino deriva do grego *κόκκος*, que era a baga que dava a cor escarlate aos tecidos, e dele também vêm *κόκκινος*, 'escarlate', que são as melhores opções de etimologia para a palavra *coco*, que designa o fruto do coqueiro, e também 'cabeça'.<sup>768</sup> Contudo, tais palavras não funcionam muito bem para a *coca*, a não ser que se estabeleçam associações entre *coca* e *coco*, que é o que passaremos a fazer. Há que se considerar ainda os vocábulos latinos derivados de *coccyx*, 'cuco'; e de *coco/cocere/coquo*, 'cozinhar', incluindo aí a palavra *coquus/cocus*, 'cozinheiro', e daí *coqua*, 'cozinheira'.<sup>769</sup>

O Houaiss enumera 10 acepções para a palavra *coca*, mas vamos destacar somente a última delas: um tipo de capa, ou capuz, também um papão no sentido figurado e um tipo de lanterna feito com uma abóbora em que se talha um rosto iluminado por uma vela colocada no interior do vegetal, uma antiga tradição europeia (britânica e ibérica), usada para assustar as pessoas à noite.<sup>770</sup> Quanto à etimologia da palavra, Houaiss afirma que ela é controversa, que talvez seja uma variante feminina de *coco*, ou talvez uma extensão de sentido das acepções que indicam um objeto esférico, cabeça. Houaiss, porém, conclui que o uso do vocábulo *coco* para nomear tanto o fruto do coqueiro quanto a cabeça é derivado da acepção de papão ou fantasma usado para atemorizar as crianças, cuja origem remonta à citada tradição da

---

<sup>764</sup> Ele também cita a data de 1400 para os primeiros registros dessa tradição na cidade de Valência, na Catalunha: "cuqua de Santa Margalita e la cuqua de Sent Jordi" - "a cuca de Santa Margarida e a cuca de São Jorge", cf. Pérez, 1993, pp. 90-91. A tradição da presença das cocas nas procissões de *Corpus Christi* foi mantida até finais do século XVIII, início do século XIX, não só na Galícia e no resto da Península Ibérica, mas também na França, na Bélgica, na Alemanha, na Inglaterra, e em outros países europeus, cf. Pérez, 1993, p. 5.

<sup>765</sup> Pérez, 1993, p. 93.

<sup>766</sup> Nascentes, 1932, p. 194.

<sup>767</sup> Faria, 2003, p. 200; Oxford, 1994, p. 340.

<sup>768</sup> *LSJ*, 1996, pp. 970-971.

<sup>769</sup> Oxford, 1994, pp. 341, 443-444.

<sup>770</sup> *A Jack O'Lantern do Halloween*, Houaiss, 2008, p. 748.

cabeça entalhada na abóbora.<sup>771</sup> Em latim, *cucullus* designa um capuz, algo para cobrir a cabeça, e é a palavra *cucurbita* que significa abóbora.<sup>772</sup>

Nas tradições brasileiras mais antigas, a *cuca* era um ente encapuzado que apavorava as crianças nas procissões e que era chamado *farricoco*, ou *Morte*.<sup>773</sup> Essa tradição também veio de Portugal, onde, na região do Algarve,

as crianças portuguesas correm espavoridas por causa de um espantalho que segue a Procissão dos Passos, vestindo longa túnica amortalhada, coberta a cabeça com uma cágula onde os olhos espreitam por dois buracos, e que se ocupa em afastar os meninos para que não perturbem a marcha processional. Dizem ser este espantalho a *Coca*.<sup>774</sup>

A lãmia também tinha essa função de "espantalho de crianças", assim como a *coca*, o *coco* e a *cuca*, vocábulos que Houaiss, por fim, interliga em seu verbete <*cuca*>:

[...] note-se que os verbetes relacionados com os significantes *cuca*, *coco* /ô/, os enlaçados com *coca* /ó/ e mais o conexo com *coca* /ô/ têm mais semelhanças etimológicas do que o deixa entender sua separação nas entradas; *coca* 'à espreita', *coca* /ô/ 'papão' e *cuca* interj. 'fora', têm valores semanticamente especializados, mas intrinsecamente conexos sob 'espanto, medo e surpresa'; *coca* 'abóbora' e *cuca* 'cabeça' são por afinidade, como metáfora de *coco* 'fruto redondo' por 'cabeça'; do mesmo modo, todas as acep. de *coca* /ô/ ligam-se às de *coco* /ô/ e de *cuca*.<sup>775</sup>

É, dessa maneira, notória a convergência entre os significados dos três vocábulos. A respeito da semelhança entre eles, Cascudo diz, categoricamente: "*coco*, *coca* e *cuca* são uma e a mesma entidade".<sup>776</sup>

Sobre a etimologia da palavra *cuca*, que no Brasil é o nome dado a uma mulher feia e velha, Houaiss diz que pode vir do umbundo *kuka* ou do quimbundo *iakuka*, 'velho, velha'.<sup>777</sup> Cascudo diz que "*cuca* é avô em nbundo e o trago, que se engole de uma vez, no idioma tupi. Assim, os elementos indígenas e africanos

---

<sup>771</sup> Houaiss, 2008, pp. 748. Cf. nesta tese Marco Aurélio, pp. 219-220, em que está apresentada a etimologia de *coco*, com suas conexões com *coca* e *cuca*.

<sup>772</sup> Oxford, 1994, pp. 464-465.

<sup>773</sup> Cascudo, 2010, p. 203.

<sup>774</sup> Cascudo, 2010, p. 202.

<sup>775</sup> Houaiss, 2008, p. 883.

<sup>776</sup> Cascudo, 2010, p. 201.

<sup>777</sup> Houaiss, 2008, p. 883.

concorrem para a dispersão do mito nos elementos característicos”.<sup>778</sup>

No folclore brasileiro, como visto acima, as mitologias de três correntes (as tradições indígenas, as tradições africanas e as tradições ibéricas), foram misturadas e resultaram em algo novo: a cuca transformou-se em uma velha de cabelos louros e desgrenhados, cujo corpo tem o formato de um jacaré.

Pérez explica a razão da associação com o jacaré ao citar as palavras do Padre Sarmiento, que está, por sua vez, explicando o significado da palavra 'Tarasca': "na Galícia, em especial em Pontevedra, não se chama 'Tarasca', se não 'Coca' e é nome próprio para o que representa na procissão do Corpus (...) A cabeça da Coca de Pontevedra não é tanto de serpente como de 'cocatrix', o crocodilo e, por conseguinte, o Leviatán que Cristo venceu".<sup>779</sup> Pérez afirma que "é indubitável que ao simbólico monstro vem-lhe o nome do baixo latim *cocatrix*, e este do latim *crocodilus* (o crocodilo), que já em meados do século XV (1441) se usava na escrita apocopado, fazendo uso só das suas primeiras sílabas e perdendo-se a última: *coqua* e *qoqa*", considerando que tal origem se aplique tanto à palavra galega *coca* quanto à palavra catalã *cuca*.<sup>780</sup> E ainda cita a definição de coca do *Dicionário de Autoridades*, de Madri: "Coca. Em algumas partes, como é na Galícia e em Mancha, chamam assim a que comumente se chama Tarasca: que é uma figura de serpente, que no dia do Corpus com os Gigantes colocam na procissão".<sup>781</sup>

O Houaiss enumera seis significados para a palavra *tarasca*, porém vamos citar apenas três deles: "animal monstruoso que habitava as margens do rio Ródano"; "corpo deformado, aberração"; "mulher irascível e feia"; e explica sua etimologia, dizendo que é uma palavra francesa - *tarasque* (1655) - que veio do provençal *tarasco* (1369), "animal fabuloso, espécie de dragão das lendas provençais do top. *Tarascon*, cidade do sul da França".<sup>782</sup> Pérez cita a sugestão do *Dicionário de Autoridades*, de Madri, de 1737, que afirma que "Tarasca é voz tomada do verbo grego *Theracca*, que

---

<sup>778</sup> Cascudo, 1988, p. 265.

<sup>779</sup> F.J. Sánchez Cantón: "El Padre Sarmiento, los gigantones en Corpus y... Pontevedra al fondo", *Nodales*, Pontevedra, 1959, in Pérez, 1993, p. 7: "en Galicia, en especial en Pontevedra, non se chama 'Tarasca' senón 'Coca' e é nome propio para o que representa na procesión do Corpus (...) A cabeza da Coca de Pontevedra non tanto é de serpe como de 'cocatrix', o crocodilo e, por conseguinte, o Leviathán que Cristo venceu".

<sup>780</sup> Pérez, 1993, p. 94: "É indubitable que ó simbólico monstro vénlle o nome do baixo latín *cocatrix*, e este do latín *crocodilus* (o crocodilo), que xa a meados do século XV (1441) se usaba na escrita apocopado, facendo uso só das súas primeiras sílabas e perdéndose a última: *coqa* e *qoqa*".

<sup>781</sup> Pérez, 1993, p. 95, citando o *Diccionario de la Lengua Castellana...*, Madrid, II, 1729, p. 387: "Coca. En algunas partes, como es en Galicia y la Mancha, llaman assi a la que comunmente se llama Tarasca: que es una figura de serpiente, que el día del Corpus con los Gigantes sacan en la procesión".

<sup>782</sup> Houaiss, 2008, p. 2673.

significa amedrontar, porque espanta e amedronta os meninos".<sup>783</sup> O verbo grego em questão só pode ser θηράω, cuja forma mais próxima à citada é a do perfeito, τεθήρακα, e que significa 'caçar, perseguir, procurar, pegar, capturar'. Este verbo vem da palavra θήρ, θηρός, 'fera, besta, monstro'.<sup>784</sup>

Cascudo, por sua vez, definiu a cuca como um “papão feminino, um fantasma informe, entre vago, ameaçador, devorando as crianças, papona” e afirmou categoricamente que “A coca e a cuca são sinônimos de pavores ou de paponas insaciáveis”.<sup>785</sup> Em outro de seus livros, ele definiu a Cuca como "um ente muito velho, feio, desgrenhado, que aparece durante a noite para levar consigo os meninos inquietos, insones ou faladores", e fez dela uma descrição: "uma velha, bem velha, enrugada, de cabelos brancos, magríssima, corcunda e sempre ávida pelas crianças que não querem dormir cedo e fazem barulho".<sup>786</sup> Ele disse ainda que ela é um fantasma noturno, e que figura no Brasil inteiro em cantigas de ninar.

A cuca é personagem de inúmeras cantigas infantis de ninar. Em Minas Gerais é muito comum uma que diz: “Nana, neném, / que a Cuca vem pegar / papai foi pra roça, / mamãe foi passear”, e suas muitas variantes. O próprio Cascudo registra várias dessas cantigas, como “Durma, meu benzinho, / que a cuca j’ei vem”. Mas há três cantigas (citadas por Cascudo como tendo sido reunidas por um tal Gonçalves Viana em seu livro chamado *Palestras filológicas*), de lugares diferentes, que mantêm a mesma essência. A primeira é uma quadrinha popular portuguesa, que diz: “Vai-te papão, vai-te, embora / de cima desse telhado, / deixa dormir o menino / um soninho descansado”; a segunda é uma quadrinha popular do estado de Minas Gerais, e diz assim: “Olha o negro velho / em cima do telhado, / Ele está dizendo, / quer o menino assado”; e finalmente a terceira, também de Minas Gerais: “Vai-te coca, sai, daqui / para cima do telhado, / deixa dormir o menino / o seu sono sossegado”.<sup>787</sup>

É notável a aproximação dos significantes nas três quadrinhas: o papão, a coca e o negro velho são entidades similares. Tais quadrinhas podem ainda ser comparadas com outra, que ainda hoje é cantada pelos meninos em Portugal: "Vai-te coca, vai-te coca / lá de cima do loureiro, / deixa dormir o menino / o seu soninho primeiro. / Vai-

---

<sup>783</sup> Pérez, 1993, p. 97: "Tarasca es voz tomada del verbo Griego *Theracca*, que significa amedrentar, porque espanta, y amedrenta a los muchachos", citado do *Diccionario de la Lengua Castellana...*, Madrid, 1737, VI, p. 227.

<sup>784</sup> *LSJ*, 1996, p. 799.

<sup>785</sup> Cascudo, 1988, p. 265 e, *idem*, 2010, pp. 201-207.

<sup>786</sup> Cf. Cascudo, 2010, p. 200.

<sup>787</sup> Cascudo, 1988, p. 265.

te coca, vai-te coca, / para cima do telhado, / deixa dormir o menino / um soninho descansado".<sup>788</sup> Ela é idêntica às outras três. Tal fato, aliado à constatação de Cascudo de que a figura da coca ibérica havia praticamente desaparecido do Brasil quando da primeira edição de seu dicionário, em 1954, nos permite concluir que a tradição da figura ibérica do papão sofreu alterações e foi adotada pelo folclore brasileiro em mais de um de seus mitos, como a cuca, o negro velho mineiro, o velho do saco e o bicho-tutu.<sup>789</sup>

Portanto, as semelhanças entre a coca/cuca, e a lâmia greco-romana ficam claras na área de atuação, apesar de não haver semelhança na morfologia dos vocábulos e do anacronismo da comparação. Talvez a lâmia seja um ancestral da cuca.

## "Hic cubauit lamia"

Obrigada.

Marina Pelluci Duarte Mortoza

---

<sup>788</sup> Pérez, 1993, p. 147.

<sup>789</sup> Cf. Cascudo, 2010, pp.197-199; Cascudo, 1988, p. 265: "atualmente a presença da cuca é infinitamente superior à coca semidesaparecida".